Google

This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Google

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

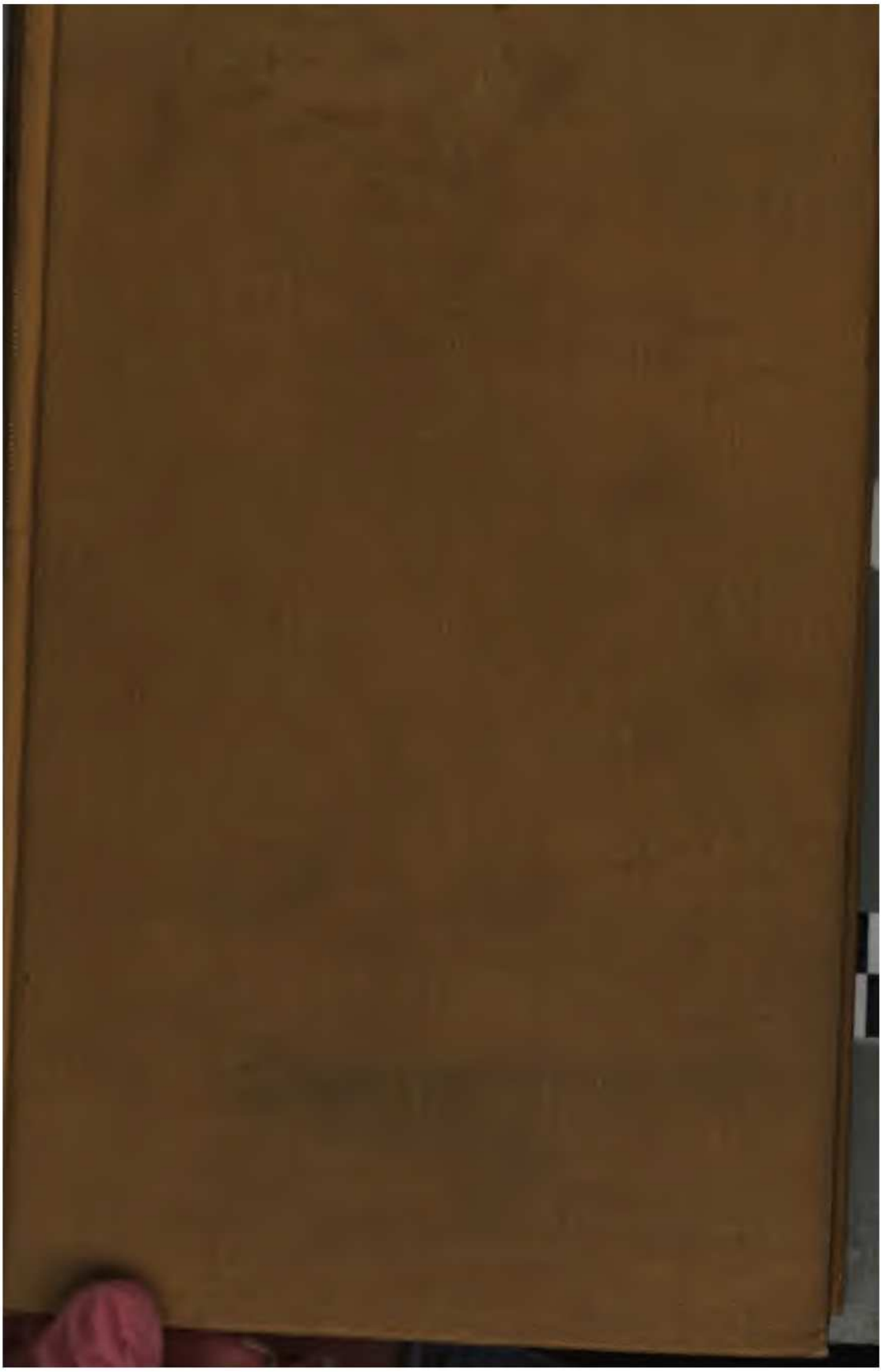
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`



981.5
F581m

FRANSIER BRAZILIAN COLLECTION

O RIO DE JANEIRO

NA MESMA LIVRARIA

Estudos historicos brazileiros, pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 2 fortes v. in-8°, br. 6$000; enc. . . . . 8$000

Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro, pelo Dr. J. M. de Macedo. 2 v. in-4°, com estampas. . . . . 8$000

Brazileiras Celebres, por J. Norberto de Souza Silva. 1 v. 2$000

Historia da Conjuração Mineira, pelo mesmo. 1 v. in-4°. 7$500

Historia da fundação do Imperio Brazileiro, pelo conselheiro J. M. Pereira da Silva 2ª edição, 3 v. in-4° . . 20$000

Segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brazil, narrativa historica, pelo mesmo. 1 v. in-4°. . . . . 8$000

Historia do Brazil, por R. Southey, traduzida do inglez pelo Dr. L. J. de Oliveira e Castro. 6 v. in-4°. . . . . 36$000

Peregrinação pela provincia de S. Paulo, por A. E. Zaluar. 1 v. in-4°. . . . . 6$000

Historia dos martyres da liberdade, por A. Esquiros, versão de A. Gallo, e augmentada com episodios tirados da Historia do Brazil e e da de Portugal. 2 v. in-4° br. 8$000, enc. . . . 10$000

Historia da guerra do Paraguay, pelo capitão Th. Fix. 1 v. in-4°.. . . . . 5$000

Historia da republica jesuitica do Paraguay, pelo conego J. P. Gay. 1 v. in-4° br. 8$000, enc. . . . . 10$000

Historia da revolução de Minas-Geraes em 1842. 1 v. in-4°. 7$000

Paginas da historia constitucional do Brazil, pelo Dr. Mello e Mattos. 1 v. in-4°.. . . . . 7$000

Historia do Brazil-Reino e do Brazil-Imperio, pelo Dr. A. J. de Mello Moraes. 2. v. in-f°. . . . . 17$000

Memoria do grande exercito alliado, libertador do Sul da America na guerra de 1851-52, por L. dos Santos Titara. 1 v. in-4°.. . . . . 5$000

INDICE

	Pags.
Ao Leitor	5

EDIFICIOS

Estatua Equestre de D. Pedro I	7
Escola Polytechnica	41
Escola Militar	55
Collegio de Pedro II	61
Instituto dos Cegos	97
Bibliotheca Nacional	119
Theatro S. Pedro de Alcantara	139
Academia das Bellas-Artes	173
Conservatorio de Musica	209
Museu Nacional	219
Casa da Moeda	245
Banco do Brazil	273
Praça do Commercio	285
Diques	305
Praças de Mercado	319
Fabrica do Gaz	327
Canal do Mangue	343
Estação Central da Estrada de Ferro D. Pedro II	353
Quartel da praça da Acclamação	371
Quartel do Corpo Policial	385
Casas de Correcção e de Detenção	393

Exposições Nacionaes	261
O Rio de Janeiro	419

BIOGRAPHIAS

Bernardo Pereira de Vasconcellos	87
Francisco Joaquim Bethencourt da Silva	91
Claudio Luiz da Costa	111
Januario da Cunha Barbosa	135
João Caetano dos Santos	165
Manoel de Araujo Porto-Alegre, barão de Santo Angelo	201
Francisco Manoel da Silva	213
Frei José da Costa Azevedo	239
Francisco Pedro do Amaral	241
João Manso Pereira	243
Visconde de Mauá	349
Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, visconde de Sepetiba	415

ERRATAS

Paginas	Linhas		Emendas
20	8	gerura	guerra
37	6	liberdidade	liberdade
49	24	aquella	aquelle
73	4	hsnorario	honorario
75	37	recebi	recebia
85	15	esguinho	esguicho
86	14	necessaria	necessarias,
90	9	e o distinguem	o distingnem
99	15	inaptidão	ineptidão
151	4	a irmão	a irmã
155	11	Athenes	Atheneo
160	36	ttico	attico
175	18	o go	logo
184	37	rabalhos	trabalhos
199	8	nem e	e nem
241	18	embrou-se	lembrou-se
269	9	diversas	diversos
274	14	Transferindo	Transferido
278	12	Martins	Martim
284	19	da outro	da outra.
306	9	haver	haverem
322	4	junto á praça	junto á praia
360	3	enabalave	inabalavel
374	21	incarnado	encarnados
394	29	morador	morro da
406	23	da segundo	da segunda
411	29	reclamados	reclamadas
421	35	assim tirão	assistirão
422	24	Dr.	D.
438	3	Carlho	Carvalho
457	6	ás ruas	a rua
462	32	endo	tendo
475	15	Feixeira	Teixeira

O RIO DE JANEIRO

SUA HISTORIA, MONUMENTOS,

HOMENS NOTAVEIS,

USOS E CURIOSIDADES

PELO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

Socio do Instituto Historico e de outras Sociedades Litterarias

SEGUNDO VOLUME

RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier

Livreiro-editor do Instituto Historico Brazileiro

65—Rua do Ouvidor—65

1877

BIBLIOTHÈQUE HACHETTE & Cie

330224

Brazilian Library

STANFORD LIBRARY

AO LEITOR

Terminamos neste volume este nosso trabalho que nos absorveu seis annos de fadigas, investigações, difficuldades e vigilias.

Consultámos testemunhas antigas, cartorios, archivos e bibliothecas publicas e particulares e compulsámos monumentos historicos, chronicas antiquarias para obter noticias das cousas patrias ; fizemos amiudadas pesquizas, pacientes esforços, continuadas indagações para colher o maior numero de factos e noticias; e quem sabe como são pobres nossos archivos, como se achão derramados os documentos, esparsas as chronicas, cujo exame e dicifração o pó que as envolveu e a traça que as carcomeu difficultão ao animo mais robusto, poderá avaliar a canceira, as aborridas horas que passámos a colligir noticias, averiguar datas, decifrar inscripções e fazer a concatenação de factos espalhados em milhares de documentos, que necessitão ter sempre presentes os que se propoem a emprezas taes.

Procurámos ser exato e minucioso, não nos deixando arrebatar por invenções de imaginação e devaneios de poesia, sendo o nosso unico fim dizer a verdade.

Os edificios publicos abrirão-nos seus archivos, e largo foi o cabedal de antigualhas que colhemos nas livrarias dos conventos, assim como de muitos individuos de avançada idade, testemunhas dos factos que nos referirão, ou conhecedores delles pelas tradições conservadas em familia ; mas para o leitor avaliar as fadigas que custão esta peregrinação em busca de antiguidades, diremos que algumas vezes encontrámos indifferença e no rosto dos mentecaptos o riso

de mofa ao ver-nos empenhados em obter esclarecimentos de factos amortalhados nas trevas do tempo ; nada, porém, desalentou-nos nem as largas pesquizas, as aridas investigações, os pesados dissabores, porque trabalhando por amor á patria jamais fallecerão-nos o esforço e a perseverança.

Servirão-nos de valioso auxilio as Memorias Historicas do monsenhor Pizarro, os Annaes do Rio de Janeiro do Dr. Silva Lisboa, e a Revista do Instituto Historico do Brazil.

Descrevendo os monumentos lembrámos os artistas que os ergueräo, e os que deixarão nelles suas obras, assim como os homens eminentes, poetas, litteratos, governadores, bispos e outros servidores da nação, que prestarão avantajados serviços e gravarão seus nomes em antiquadas inscripções ; alentando-nos o desejo de se conservarem noticias, memorias, tradições e chronicas que, se não fossem agora lembradas, talvez se desconhecessem, ficando sepultadas no orcò do tempo.

Reconhecendo depois de tão penoso trabalho que sahira deficiente a primeira edição da nossa obra, emprehendemos segunda edição mais extensa e com melhor distribuição de materias ; verificámos de novo as datas e os factos, pois em trabalhos de semelhante natureza deve haver muita verdade na exposição e muita certeza na chronologia ; demos mais desenvolvimento á historia de cada edificio ; descrevemos outros de que ainda não nos haviamos occupado; incluimos novas biographias de artistas e cidadãos notaveis; collocámos em separado as biographias que a principio vierão englobadas na discripção dos edificios ; registrámos os factos relativos aos monumentos e aos homens até a época presente, e já em outro lugar declarámos que demos novo titulo e novo formato á esta obra.

Hoje entregamos nosso trabalho á patria, e ella que inspirou-o, e recebeu-o com benevolencia, deve perdoar as faltas e erros do auctor que, apoucado de intelligencia, tudo fez por cumprir a penosa tarefa de que se incumbio, levado sómente pelo desejo de perpetuar a lembrança de factos memoraveis, os nomes illustres de seus concidadãos, e tornar conhecida a cidade em que todos vivemos.

Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1877.

I

ESTATUA EQUESTRE DE D. PEDRO I.

Mais de uma vez foi aconselhada ao soberano de Portugal a mudança da côrte para os dominios da America, porém essa idéa de grande alcance politico dormitou muito tempo no esquecimento, porque interesses locaes e mesquinhos dos fidalgos e cortezãos prendião o monarcha nos estreitos recintos de Portugal. Se, porém, em tempos de remanso e paz não realizou-se a transferencia da côrte, foi ella executada precitadamente, quando uma nação inimiga, batendo ás portas de Portugal, ameaçou conquistar o paiz e depor a dynastia que ha muito mais de um seculo sentava-se no throno. De feito, quando nas vizinhanças do Tejo, brilharão as baionetas de Napoleão, o rei, os principes, os fidalgos, os politicos, o clero e o povo abandonarão as plagas luzitanas para virem buscar asylo no mundo novo de Cabral. Effectuou-se em fins de 1807 a transmigração da familia real para o Brazil, em cujo horizonte politico raiou a aurora da esperança, e do engrandecimento futuro.

Transformação de colonia em metropole, liberdade de commercio e industria, justiça administrativa separada de Portugal, exercito, marinha, tribunaes, augmento de riqueza e civilisação, desenvolvimento material e politico, eis o que alcançou o Brazil em 1808. Já não recebia ordens, mas enviava-as a Portugal.

Estava dado o primeiro passo para a independencia da terra de Santa Cruz, onde teria de formar-se um grande imperio, como declarou o proprio rei de Portugal no manifesto de 1 de maio dirigido á França, repetindo :

— A côrte levantará sua voz do seio do novo imperio que vae formar.

Elevado o Brazil a reino em 1815 ficou collocado na mesma cathegoria politica que Portugal.

O adiantamento moral e material do novo reino, seu progresso, civilisação, vida e futuro, ao mesmo tempo que o velho reino portuguez ia para a decadencia e ruina, sem commercio, nem industria, sem governo que o erguesse da miseria em que o deixara um inimigo poderoso, excitarão os brios dos Luzitanos e em seus corações plantarão o ciume e a desconfiança ; crescia o Brazil a custa de Portugal, clamavão elles, e breve derrubaria os baluartes do regimen colonial.

A reacção que appareceu em Portugal exaltou os animos ; censurando a ausencia do rei tornou-se o povo exigente, pedio garantias, liberdades politicas e declarou-se em revolução, que obrigou D. João VI a deixar o Brazil, onde passara os mais tranquillos dias de seu reinado.

Retirando-se do Brazil reconheceu o monarcha que este paiz não permaneceria muito tempo unido á corôa portugueza, e manifestou seu pensamento nas seguintes palavras que, no momento da despedida, dirigio a seu filho predilecto o principe D. Pedro, que ficava no Brazil.

— Pedro, se o Brazil se separar, antes seja para ti, que me has de respeitar, que para alguns desses aventureiros.

Já em 1818 dissera lord Strasffort que a sahida do rei do Brazil para a sua antiga metropole seria o cartaz da independencia daquelle paiz pregado nas portas do Rio de Janeiro.

De feito não era mais possivel jazer o Brazil sob o dominio colonial, porque têm as nações uma marcha ascendente, e quando a execução não retrogradão ; caminhava o Brazil para a liberdade, e o caminho da liberdade é a estrada do progresso.

Vendo a importancia, o augmento que adquirira o novo reino tratou Portugal, para conserval-o sob seu dominio, de destruir-lhe a

unidade, suprimir-lhe os tribunaes, prival-o das garantias politicas e sociaes que alcançara depois de 1808, de coarctar as prerogativas do principe D. Pedro, sopear-lhe as regalias inherentes a seu cargo e pessoa e afastal-o da America.

Mas era tarde ; já estavão frouxas as cadeias que atavão o Brazil ao carro do despotismo ; tinha já bastante força e importancia para viver por si ; sua independencia já era um facto; mas para constituil-a em direito, e proclamal-a perante os povos e as nações era necessario um braço forte, uma voz altanada e prestigiosa, que alçando o grito da liberdade fosse este repercutido em todo o paiz ; era necessario um homem que, ouvindo os clamores do povo, podesse resistir aos decretos das côrtes portuguezas ; que altamente collocado tivesse bastante prestigio para fazer calar todas as ambições, angariar todas as sympathias, reunir todas as vontades e interesses, abafar todos os resentimentos e influencias, attrahir as opiniões e aspirações de todos e merecer a confiança e o enthusiasmo popular.

Esse homem encontrou o Brazil no principe D. Pedro que, resistindo aos decretos das côrtes, tornou com uma palavra a monarchia do Brazil separada da de Portugal—*Fico*, disse elle, oppondo-se a ordem que o chamava a Lisboa ; que alçando no campo do Ypiranga o grito *independencia ou morte* proclamou ao mundo a independencia do Brazil ; que sendo da independencia o centro prestigioso e o mais vigoroso braço, arrancou o paiz do abatimento em que ficara com a ida do velho rei D. João para os dominios portuguezes na Europa.

Tendo dado liberdade ao Brazil outorgou-lhe D. Pedro o codigo constitucional, e por isso merecera do povo que libertara e constituira um monumento que perpetuasse a gratidão nacional.

Reconhecida a independencia do imperio americano pela antiga metropole, tratarão os Brazileiros de elevar um monumento ao principe que presidira aos destinos do paiz. Em 6 de outubro de 1824 o redactor do *Despertador Constitucional* apresentou o plano de um monumento consagrado ao fundador do Imperio. Em sessão extraordinaria de 11 de maio de 1825 o presidente do senado da camara propoz se não differisse por mais tempo a idéa de erguer-se uma estatua ao imperador em reconhecimento publico aos feitos por elle prestados ao Brazil, e que no dia 13, por occasião do beija-mão, se re-

gasse ao monarcha a permissão de poder o mesmo senado incumbir-se de elevar o monumento.

De feito no dia 13, anniversario natalicio de D. João VI, dirigio-se o senado ao paço, e seu presidente leu perante o imperador o discurso seguinte :

« Senhor.—O senado da camara desta muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro, tendo sido até aqui fiel interprete dos sentimentos da nação brazileira, e executor dos seus desejos em todas as épocas memoraveis da sua feliz emancipação, sondando actualmente a opinião publica, tem penetrado ser sua vontade que á muito leal e poderosa pessoa de V. M. I. se inaugurasse um monumento publico que, fazendo recordar á presente e futuras gerações a memoria dos altos feitos de V. M., possa ao mesmo tempo servir de eterno padrão da sua sensibilidade e de sua gratidão.

« Neste sentir pois, Senhor, o senado da camara se apressa a rogar a V. M. I. queira benigno permittir-lhe a faculdade de poder dar o primeiro passo para tão augusta e magnanima empreza, lisongeando-se de a pedir neste feliz anniversario já tão memoravel nos fastos da nação.

« Digne-se pois, V. M., acolhendo benignamente a supplica do senado desta cidade, annuir aos ardentes desejos delle, do povo por quem representa, e, sem receio de errar,se póde dizer de todo o povo do Imperio.—O presidente, *Lucio Soares Teixeira de Gouvêa*.—Os vereadores, *Manoel Frazão de Souza Rendon*.— *Antonio Gomes de Brito*.—*Lourenço Antonio do Rego*. — Procurador interino, *José Agostinho Barbosa*. »

O imperador respondeu :

« Aceito a lembrança do senado e a agradeço. »

Nesse mesmo dia mandou o senado affixar o edital presente :

« O senado da camara desta muito heroica e leal cidade do Rio de Janeiro acaba de receber da munificencia de S. M. I. a faculdade de poder propôr á nação, por meio das camaras do Imperio, a inauguração de um monumento que faça chegar á mais remota idade os sentimentos de gratidão do povo brazileiro para com o seu primeiro imperador e fundador do Imperio ; e não devendo retardar a communicação de tão plausivel noticia, se apressa a leval-a ao conhecimento do publico, e, logo que se ache prompto o grande salão da casa nova

do senado, fará os competentes avisos, afim de que em camara geral se delibere o modo e a maneira por que se deve erigir este testemunho de gratidão devido aos beneficios recebidos de S. M. I. ; e para que se faça publico se mandou affixar o presente. E eu *Francisco Pereira de Mattos*, escrivão da camara que o subscrevi. »

Reunido o senado em sessão geral, em 13 de junho, para discutir o projecto da elevação da estatua comparecerão á essa sessão, alem dos vereadores, os ministros de Estado, o conde da Palma, o general das armas e seu estado maior, todos os officiaes e generaes de mar e terra e os membros de diversos tribunaes.

Antes de dar principio aos trabalhos o presidente do senado convidou aos ministros de Estado e tambem ao conde da Palma, para presidirem a sessão ; mas recusado tão honroso e delicado offerecimento, occupou a cadeira presidencial o desembargador Lucio Soares Teixeira de Gouvêa que, tomando a palavra, declarou que certamente todos comprehendião o dever de erguer-se uma estatua ao fundador do Imperio ; que a estatua devia ser equestre e de bronze, e collocada onde o imperador determinasse ; que feita a obra sob a direcção da camara ouviria esta o parecer dos litteratos e artezãos, e abriria em todo o Imperio uma subscripção cujo producto, recolhido ao cofre do banco nacional, seria empregado na elevação do monumento. Approvou a assembléa sem discussão o que propoz o presidente, e deliberou nomeasse o senado da camara uma commissão de litteratos e artistas para apresentar o projecto e traça do monumento que, sendo possivel, devia ser fundido no Imperio e por artistas nacionaes. Havião assistido a sessão, incluindo os vereadores, duzentos setenta e seis cidadãos que assignarão a acta.

Remetteu o senado em 22 de junho ao ministerio do imperio a acta da sessão de 13, e supplicou ao imperador a graça de designar o local onde devia erigir-se o monumento. Respondeu o ministro, em portaria de 6 de julho, que determinara D. Pedro I. fosse erguida a estatua na praça da Acclamação no lugar occupado pelo palacete, por ser aquelle onde tomara, por espontanea deliberação dos povos e para felicidade delles, o glorioso titulo de imperador do Brazil.

Reunida a camara em sessão extraordinaria em 11 de julho, nomeou para membros da commissão encarregada de organisar o plano da estatua os cidadãos José da Silva Lisboa, Francisco Carneiro de

Campos, frei Antonio de Arrabida, Henrique José da Silva, José de Christo Moreira, Aureliano de Souza Oliveira, Francisco Cordeiro da Silva Torres, Domingos Monteiro, Augusto Henrique Victorio Grandjean de Montigny, João Baptista Debret, João Joaquim Alão, Francisco Ovide, Pedro Alexandre Cavroé e Marcos Ferrez.

Enviou circulares a todas as camaras municipaes do Imperio convindando-as a abrirem subscripções para erigir-se o monumento, e em 6 de outubro recebeu um officio do banco do Brazil participando que receberia gratuitamente o dinheiro que fosse arrecadado para a inauguração da estatua equestre.

O artista Grandjean apresentou dous planos do monumento ; um para ser executado na praça da Constituição, representando a estatua equestre em um pedestal simples, sobre uma base que se pyramidava em escalões, circulada de uma gradinata dorica ; o outro, para ser erguido na praça da Acclamação, representando a estatua sobre uma base circular, na qual levantavão-se as desenove provincias offerecendo coróas ao imperador que, com sceptro, corôa e manto, estava trajado á moderna e as provincias á maneira classica.

Em 5 de novembro annunciou a camara que as quantias assignadas para o monumento de D. Pedro I. devião ser entregues ao thesoureiro da municipalidade, Constantino Dias Pinheiro, que estava autorisado a passar os competentes recibos. Foi o senado da camara que abrio a subscripção assignando 4:000$000, subindo o dinheiro arrecadado a 27:416$220.

A marcha que seguio a politica do paiz, os acontecimentos occorridos em abril de 1831, e o estado turbulento e anormal da nação depois desse anno de crise e transformação politica, fizerão adormecer a idéa grandiosa de levantar-se um monumento ao fundador do Imperio, abafando as paixões politicas no coração da patria o mais nobre dos sentimentos—a gratidão.

Em maio de 1838 o marquez de Paranagúa, os cidadãos José Antonio Lisboa, Antonio Peregrino Maciel Monteiro, Paulo José de Mello, Azevedo e Brito, Miguel Maria Lisboa, João Evangelista de Faria Lobato, Francisco Gomes de Campos, Francisco Cordeiro da Silva Torres, Cornelio Ferreira França, e Manoel de Araujo Porto-Alegre despertárão a idéa de erigir-se um padrão de gloria ao primeiro imperador e a seu digno ministro o conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva.

Mas foi infructifera tão nobre tentativa ; passava o paiz por uma época de transição ; estava na minoridade do Imperador D. Pedro II, e nunca é essa a occasião propria para as nações realizarem idéas grandiosas e obras monumentaes.

Em 1844 procurou Jose Clemente Pereira reviver o pensamento de erguer-se uma estatua ao primeiro imperador, e, costumado a executar o que emprehendia, incumbio a Porto-Alegre do desenho, cujo bosquejo devia ser feito em gesso pelo esculptor Fernando Pettrich ; porem não basta um unico esforço, uma só vontade para a realização de uma obra monumental ; José Clemente nada conseguio ; o pintor apresentou o desenho, o esculptor o bosquejo, e tudo ficou nisto.

Em sessão da camara mnnicipal de 29 de dezembro de 1852 o vereador Dr. Domingos de Azeredo Coutinho de Duque Estrada apresentou a indicação de elevar-se uma estatua á memoria de D. Pedro I, abrindo-se para execução da obra uma subscripção no paiz ; sendo permittido a todos os artistas offerecerem desenhos, e premiando-se o autor do desenho preferido com uma medalha de ouro do valor de trinta mil réis e com um conto de réis ; devia o monumento ser inaugurado em 7 de setembro na praça da Constituição. Ficou adiada esta proposta.

Em differentes legislaturas consignárão os representantes da nação diversas quantias para o levantamento de uma estatua ao primeiro monarcha do Brazil.

Em 28 de julho de 1854 o deputado João Antonio de Miranda offereceu á consideração da camara um projecto autorisando o governo a mandar construir um monumento nas margens do Ypiranga, e erigir na capital do Imperio uma estatua a D. Pedro I.

Diversas vezes advogou a imprensa a idéa de prestar o paiz um tributo de reconhecimento á memoria desse imperador, erguendo-lhe uma estatua.

Tão nobre e patriotico pensamento foi despertado no Instituto Historico por um dos seus mais illustrados membros, o litterato Joaquim Norberto de Souza e Silva, que fundamentou um projecto naquelle sentido.

Mas todas essas tentativas, todos esses esforços magnanimos tiverão de mallograr-se ; o enthusiasmo patriotico dos propugnadores de tão grandioso projecto arrefecia diante da indifferença ou desanimo de to-

dos na realização da obra, que julgavão difficil de ser emprehendida e executada no paiz ; aviventada, porem, a idéa por uma corporação, escolhida uma commissão de prestimosos cidadãos, presidida por um homem de prestigio, dedicando-se todos patrioticamente á execução do projecto, sendo favoraveis as circumstancias do paiz, e pesando já vinte annos sobre a sepultura do duque de Bragança, executou-se o pensamento nacional levantando-se a estatua do fundador do Imperio em uma das praças da cidade do Rio de Janeiro.

Em 7 de setembro de 1854, a convite do Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo, reunio-se a camara municipal em sessão extraordinaria. Aberta a sessão, e occupando interinamente a presidencia Francisco Lopes da Cunha, tomou a palavra o Dr. Haddock Lobo que, depois de um discurso applaudido pelos espectadores, apresentou o seguinte projecto:

« Art. 1.° Levantar-se-ha na praça da Constituição da côrte e capital do Imperio do Brazil uma estatua á memoria de S. M. I. o Sr. D. Pedro, primeiro imperador e defensor perpetuo do Brazil.

« Art. 2.° Entre os emblemas que deveráõ ornamentar o pedestal dessa estatua figuraráõ todos os cidadãos que com o excelso principe collaborarão effectiva e proeminentemente para a independencia politica do Imperio. Ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro competirá fazer a apuração dos illustres varões que devem merecer tamanha honra.

« Art. 3.° Para occorrer-se ás despezas inherentes á obra de tanta magnitude a illustrissima camara municipal, adoptando a tal respeito a deliberação que foi tomada pelo senado da camara de 1825, abrirá uma subscripção na côrte e provincia do Rio Janeiro, para a qual deveráõ concorrer voluntariamente todas as classes da sociedade, na proporção dos haveres de cada uma, desde a quantia de mil reis, que é o minimo admittido, até a de cem mil réis que será o maximo.

« Art. 4.° Haverá uma commissão de nove membros, aos quaes a municipalidade confiará a arrecadação das quantias que forem subscriptas, bem como autorisará a superintender, esboçar, e executar o plano da obra depois de approvado competentemente.

« Art. 5.° Esta commissão será composta dos seguintes cidadãos, os Srs. :

« 1.° Conselheiro Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, como presidente.

« 2.° Barão do Bomfim, como thesoureiro.

« 3.° Vice-presidente da provincia do Rio de Janeiro, barão do Rio Bonito.

« 4.° Desembargador João Antonio de Miranda.

« 5.° Manoel de Araujo Porto-Alegre, director da academia das bellas-artes.

« 6.° Coronel de engenheiros Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão.

« 7.° Joaquim Noberto de Souza e Silva.

« 8.° Dous vereadores da illustrissima camara municipal por ella designados.

« Art. 6.° A maneira por que a illustrissima camara realizará a subscripção, de que resa o art 3.°, será por meio de circulares de convite, acompanhadas de cópia da acta da sessão em que se houver approvado esta proposta, dirigidas na côrte a todos os juizes de paz do primeiro anno dos differentes districtos da cidade e seu termo, aos chefes de todas as repartições civis e militares, aos commandantes dos corpos da guarda nacional e dos da primeira linha do exercito, ao chefe do quartel-general da armada, aos presidentes e directores de todas as corporações e sociedades, finalmente á toda e qualquer pessoa grada e de representação social.

« Na provincia serão as mesmas circulares dirigidas sómente ás camaras municipaes, aos chefes das repartições publicas, aos commandantes dos corpos da guarda nacional e ás pessoas mais influentes das differentes localidades.

« Art. 7.° Todas as pessoas que, por terem acceitado tal convite, arrecadarem quantias destinadas ao fim desta proposta, deverão entregalas á commissão de que trata o art. 5.° até o ultimo de janeiro de 1855, afim de que possa ser assentada a primeira pedra do monumento no dia 25 de março do mesmo anno.

« A estas pessoas a illustrissima camara presenteará com a medalha da inauguração do referido monumento, a qual terá na face do limbo o nome de cada uma.

« Art. 8.° Se depois de concluida a estatua se verificarem sobras das quantias subscriptas, serão ellas applicadas á conclusão de algum estabelecimento pio da côrte ou provincia do Rio de Janeiro, ou á algum melhoramento material de reconhecida utilidade.

« Art. 9.° A illustrissima camara municipal autorisará a mesma commissão para requerer e solicitar do governo imperial a entrega do producto da subscripção promovida para este fim pelo senado da camara de 1825, que se acha recolhido ao thesouro publico nacional.

« Paço da illustrissima camara municipal, 7 de setembro de 1854. —Dr. *Roberto Jorge Haddock Lobo.* »

Esta proposta foi approvada unanimemente sem discussão ; e por deliberação da camara forão designados pelo respectivo presidente os vereadores Haddock Lobo e João Affonso Lima Nogueira para fazerem parte da commissão de que trata o art. 4.° da proposta. Agradecendo a camara o bom acolhimento que tivera a sua proposta, requereu o Dr. Haddock Lobo se extrahisse cópia da acta desta sessão para ser apresentada ao Imperador ; o que foi approvado unanimemente.

A sessão terminou antes de uma hora da tarde com os vivas levantados pelo presidente á independencia e constituição do Imperio, ao Imperador e á familia imperial, sendo saudados os vereadores pelo povo com bravos e applausos.

Demonstrando Porto-Alegre, em sessão da camara de 30 de setembro, a difficuldade de qualificar os nomes de todos os homens de 1822, que figurarão na independencia, e de obter os seus retratos para serem collocados no pedestal da estatua, espaço relativamente pequeno para tal fim, pedio a suppressão do art. 2.° da proposta; o que foi approvado.

Dirigio-se ás 4 1/2 horas da tarde do dia 4 de outubro, ao paço de S. Christovão, a camara municipal, cujo presidente recitou perante o Imperador a seguinte falla :

« A camara municipal da côrte vem em corporação depositar nas mãos de V. M. I. a acta de sua sessão especial de 7 de setembro deste anno, em a qual a mesma camara consignou a resolução, que então tomou, de mandar erigir uma estatua á memoria do augusto e immortal fundador do Imperio. »

O Imperador respondeu :

« Agradeço á camara municipal este testemunho de sua respeitosa affeição. »

Fallecendo dous dos membros de que trata o art. 4.° da proposta, forão escolhidos para substituil-os os Drs. Domingos de Azeredo Coutinho de Duque-Estrada Izidro Borges Monteiro, e na vaga de

Pôrto-Alegre, que se ausentara em serviço para Europa, entrou o Dr. João de Oliveira Fausto.

Reunida a commissão em 24 de setembro, anniversario da morte de D. Pedro I, em casa do conselheiro Euzebio de Queiroz, resolveu convidar artistas para apresentarem plantas e desenhos no prazo de tres mezes, chamando-se depois a concurso os esculptores e fundidores.

Abrio-se e marcou-se o prazo do concurso até 12 de março de 1855, entre artistas nacionaes e estrangeiros, para exhibirem desenhos e modelos do monumento.

Reunindo-se a commissão em 14 de março desse anno, no palacio da academia das bellas-artes, para receber os trabalhos artisticos, que constavão de alguns desenhos e um molde, prorogou o prazo do concurso até 12 de maio, em consequencia das representações que lhe dirigirão diversos artistas residentes na Europa, solicitando esta prorogação, não só para poderem acabar trabalhos que tinhão em mão, senão para terem tempo de envial-os ao Rio de Janeiro.

Em 26 de junho as pessoas imperiaes forão ao palacio da academia das bellas-artes ver os trinta e cinco desenhos e modelos apresentados, os quaes estivérão expostos ao publico quinze dias.

Tendo de conferir-se o premio de um conto de réis a cada um dos tres desenhos ou modelos que fôssem preferidos, reunio-se a commissão nos dias 11 e 18 de agosto, e, julgando os trabalhos expostos, decidio premiar com um conto de réis cada um, os seguintes:

1.° O desenho n. 28, anagramma — *Independencia ou morte.*

2.° Idem n. 3. anagramma — *Dem bertem strebe nach.*

3.° Modelo n. 12, anagramma —*Vivere arbitratu suo.*

Passando-se a abrir as cedulas lacradas correspondentes aos tres numeros, para saber quaes erão seus autores, reconheceu-se que o do n. 28 pertencia a João Maximiano Mafra, brazileiro, lente substituto de pintura historica na academia das bellas-artes; o de n. 3 a Luiz Jorge Bappo, artista allemão, e o de n. 12 a Luiz Rochet, artista francez.

Em consequencia do que declarou a commissão os ditos individuos premiados com a quantia de um conto de reis cada um.

Escolhendo d'entre esses tres desenhos um, remetteu-o a com-

missão para a Europa, afim de contratar-se alli a sua execução com algum artista de reconhecido merito.

Em 6 de maio de 1856 foi assignado em Pariz o contrato com o estatuario Luiz Rochet, para executar no bronze o desenho do artista nacional João Maximiano Mafra.

Desejando conhecer a localidade, onde devia ser collocado o monumento, e estudar os typos dos nossos caboclos, com que devia representar os quatros rios, e os animaes e plantas proprios desses lugares, conforme o desenho que lhe foi apresentado, fez o artista Rochet uma viagem ao Brazil em julho de 1856.

Estando no Rio de Janeiro propoz o artista algumas alterações no projecto adoptado, consistindo as principaes em tornar octogona a fórma rectangular do pedestal ; supprimir as quatro palmeiras da base do monumento, das quaes pendião lampeões, simulando fructos, para illuminarem a estatua de noite ; augmentar com mais duas figuras os grupos que devião personificar os rios Paraná e Amazonas; não representar o imperador com o chapéo na mão direita, porém, com o manifesto ás nações, no que differia essencialmente o modelo do artista Rochet do desenho adoptado ; e que o pedestal da estatua fosse de bronze ou de marmore, em vez do granito.

Acceitas as alterações, voltou o estatuario á Pariz onde deu principio á execução do grandioso monumento, que devia ficar collocado, e acabado no Rio de Janeiro no dia 1 de outubro de 1859, para ser inaugurado em 12 do mesmo mez.

Em 12 de outubro de 1855 dera a commissão principio aos trabalhos da base do monumento, dirigindo-se com os vereadores ás 10 horas da manhã desse dia á praça da Constituição, onde plantára a estaca que devia marcar o começo da obra, sendo nessa occasião offertado pelo coronel Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, hoje visconde de Santa Thereza, um primoroso malho que, por pedido de Joaquim Norberto de Souza e Silva, foi enviado ao museu do Instituto Historico.

Depois de sete mezes de aturado trabalho, concluio o esculptor em Pariz o modelo em grande da estatua equestre.

Emquanto trabalhava o artista na estatua, preparava-se o granito para a base em uma tenda de taboas construida na praça da Constituição.

Designara-se o dia 12 de outubro de 1859 para a inauguração do monumento; mas, não estando este prompto, tranferio-se a solemnidade para o mesmo dia em 1860, depois para 1861, e por fim para 25 de março de 1862; realizando-se, porém, em 30 desse mez e anno.

Em 19 de outubro de 1861 chegarão do Havre, na galera franceza *Reine du Monde*, o pedestal e a estatua que fôra apresentada na exposição das bellas-artes, aberta em Pariz a 1 de maio desse anno ; em 17 de novembro desembarcou no Rio de Janeiro o estatuario Luiz Rochet, que apressou-se em vir trazer aos Brazileiros o monumento erguido pela gratidão nacional.

Na mesma tenda, em que se preparava o granito para a base, forão-se reunindo as diversas peças de bronze do pedestal e da estatua, e, como era baixa a tenda, elevou-se sobre ella um toldo para dar-lhe maior altura.

Celebrou-se em 1 de janeiro de 1862 a ceremonia da collocação da pedra fundamental do monumento. Sobre um tablado construido junto á base do monumento elevou-se, do lado do Occidente, uma tenda sustentada por oito columnas e ornada de bandeiras nacionaes, collocando-se no recinto duas cadeiras de espaldar para o Imperador e a Imperatriz, e uma credencia com riquissimos utensis para a ceremonia. Chegando ás 11 horas as pessoas imperiaes, forão recebidas pelo ministerio, camara municipal, e pelos membros da commissão da estatua, ao som do hymno nacional tocado pela banda de musica do batalhão de fuzileiros, que fazia a guarda de honra. Tomando o Imperador e a Imperatriz assento sob a tenda, teve principio a ceremonia, lendo o presidente da commissão um patriotico discurso, e o respectivo secretario o seguinte auto :

« Á MEMORIA

DO IMPERADOR D. PEDRO I PROCLAMADOR DA INDEPENDENCIA NACIONAL

CONSAGRA A GRATIDÃO DOS BRAZILEIROS

ESTA ESTATUA EQUESTRE

A COMMISSÃO COMPOSTA DOS SEGUINTES MEMBROS:

CONSELHEIRO DE ESTADO EUZEBIO DE QUEIROZ COUTINHO MATTOSO

CAMARA, PRESIDENTE

DR. ROBERTO JORGE HADDOCK LOBO, SECRETARIO.
VISCONDE DO BOMFIM, THESOUREIRO.
BRIGADEIRO POLYDORO DA FONSECA QUINTANILHA JORDÃO.
DR. IZIDRO BORGES MONTEIRO.
DR. JOÃO AFFONSO LIMA NOGUEIRA.
DR. JOÃO DE OLIVEIRA FAUSTO.
DR. DOMINGOS DE AZEVEDO COUTINHO DE DUQUE-ESTRADA.
JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA E SILVA.

POR DELIBERAÇÃO DA ILLUSTRISSIMA CAMARA MUNICIPAL
DE 7 DE SETEMBRO DE 1854
SOB PROPOSTA DO VEREADOR
DR. ROBERTO JORGE HADDOCK LOBO
FEZ PROJECTAR E EXECUTAR
ESTE MONUMENTO
PELO ESTATUARIO LUIZ ROCHET.
A PEDRA FUNDAMENTAL FOI AQUI LANÇADA NA AUGUSTA
PRESENÇA DE SS. MM. II.
E DA ILLUSTRISSIMA CAMARA MUNICIPAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
AO PRIMEIRO DIA DO MEZ DE JANEIRO DO ANNO DE 1862
41° DO IMPERIO E 31° DO REINADO
DO SR. D. PEDRO II.
IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL.
EUZEBIO DE QUEIROZ COUTINHO MATTOSO CAMARA.
DR. ROBERTO JORGE HADDOCK LOBO.
POLYDORO DA FONSECA QUINTANILHA JORDÃO.
JOÃO AFFONSO LIMA NOGUEIRA.
DR. DOMINGOS DE AZEREDO COUTINHO DE DUQUE ESTRADA.
VISCONDE DO BOMFIM.
IZIDRO BORGES MONTEIRO.
DR. JOÃO DE OLIVEIRA FAUSTO.
JOAQUIM NOBERTO DE SOUZA E SILVA. »

Finda a leitura do auto foi o mesmo depositado em uma caixa de cedro com os objectos seguintes:

1.° O termo de vereação do dia 9 de janeiro de 1822, authenticado; 2.° o termo da vereação de 13 de maio de 1822, authenticado; 3.° o manifesto ás nações, tambem authenticado; 4.° um exemplar da constituição do Imperio; 5.° moedas cunhadas com a effigie do

Imperador D. Pedro I ; 6.º moedas cunhadas com a effigie do Imperador D. Pedro II ; 7.º o hymno da independencia composto por D. Pedro I ; 8.º copia authentica da acta da sessão extraordinaria da illustrissima camara municipal, celebrada em 7 de setembro de 1854; da proposta de 29 de dezembro de 1852 ; projecto da camara dos deputados de 28 de julho de 1854 ; 9.º as folhas diarias do dia.

Encerrada a caixa de cedro em outra de chumbo, foi, depois de soldada, conduzida em uma elegante padiola, feita de madeiras do paiz por Thomaz José de Oliveira, e offerecida pelo brigadeiro Polydoro, ao lugar onde tinha de ficar depositada dentro de uma pedra. Sustentárão a padiola o Imperador, o marquez de Caxias, presidente do conselho de ministros, o conselheiro Euzebio de Queiroz, presidente da commissão da estatua, e o presidente da camara municipal José João da Cunha Telles.

Finda a ceremonia descerão as pessoas imperiaes á tenda, onde se achava a estatua eqnestre, que o Imperador examinou attenta e cuidadosamente, interrogando diversas vezes ao esculptor, e mostrando-se por fim satisfeito com a obra e com as explicações do seu autor. Ao retirarem-se Suas Magestades, deu o presidente da commissão os vivas do estylo, os quaes forão correspondidos pelo povo que se achava reunido na praça ; o estatuario Luiz Rochet franqueou ás pessoas decentemente vestidas a entrada da tenda.

Depois do lançamento da primeira pedra começou o trabalho da collocação das diversas peças do pedestal sobre a base de granito. Collocado o pedestal, no que se gastarão mais de dous mezes, guindarão-se os grupos que ornão as suas faces ; no dia 12 de março guindou-se o grupo que personifica o rio S. Francisco ; no dia seguinte o que representa o Madeira, e no dia 17 o do rio Paraná.

Vagarosamente foi elevada a estatua sobre o pedestal, usando-se de um machinismo conveniente e seguro ; e no dia 21 erguia-se no lugar em que devia ficar, o que foi annunciado aos Fluminenses por girandolas de foguetes. Guindou-se no dia 24 o grupo que personifica o rio Amazonas.

Marcado o dia 25 para a inauguração do monumento, tratou-se de ornar convenientemente a praça da Constituição, erguendo-se de um lado da estatua um templo de ordem dorica romana e fórma octo-

gona, sustentado por doze columnas, tendo no centro um zimborio sobre o qual levantava-se a estatua da religião esculpida pelo artista Quirino Antonio Vieira ; e do outro lado, para satisfazer as exigencias da symetria, um arco triumphal de architectura simples. Construio-se por detrás do templo um grande coreto semi-circular para a numerosa orchestra, que tinha de tocar e cantar o *Te-Deum*.

Os frades de pedra e os grilhões, que os prendião uns aos outros, forão transformados em renques de pilastras sustentando tropheos de armas nacionaes umas, e as outras pendões verdes orlados de ouro, em muitos dos quaes lião-se os nomes das provincias. Festões de flôres artificiaes prendião-se de lança em lança, e rodeavão os canteiros relvosos da praça. Collocárão-se em frente ás quatro faces do monumento quatro candelabros, tendo cada um nove lampeões de gaz, e circumdando o socco vinte lampeões de gaz, lendo-se em cada um o nome de uma provincia.

Transformou-se a varanda historica do theatro de S. Pedro de Alcantara, d'onde devia a familia imperial assistir á solemnidade da inauguração, em uma rica tribuna de ordem jonica com oito columnas na face da frente e oito pilastras na face opposta.

Dirigio todas estas decorações o habil artista João Caetano Ribeiro.

Mudado em arraial festivo, cobrio-se o morro de Santo Antonio de tendas militares ornadas de bandeiras, flamulas e galhardetes de todas as côres, e assestarão-se peças de artilheria na parte que olha para a praça.

Todas as janellas dos edificios da praça ornárão-se de vistosas colchas, e sobre algumas das casas terreas erguerão-se archibancadas com uma ou mais ordens.

Publicou-se o seguinte programma de inauguração :

« 1.° Ao romper d'alva do dia designado para a inauguração da estatua equestre votada á memoria do fundador do Imperio, das eminencias da cidade subirão ao ar gyrandolas e haverá repiques de sinos em todas as igrejas, embandeiramento das fortalezas e vazos de guerra, e salvas que se reproduzirão nas horas do costume.

2.° A estatua amanhecerá coberta com um véo e a praça adornada com bandeiras e flôres.

3.° A varanda historica do theatro de S. Pedro de Alcantara

será convenientemente transformada em tenda imperial. Além das pessoas da côrte, serão admittidos na varanda os membros da assembléa geral, das deputações das assembléas provinciaes, da illustrissima camara municipal, o estatuario e a commissão encarregada de erigir a estatua. As janellas á direita da varanda serão reservadas ao corpo diplomatico e consular.

4.º Erigir-se-hão em lugar conveniente da praça o coreto e altar para a celebração da ceremonia religiosa, deixando-se espaço livre em torno ao monumento, guardado por cordão militar, para as pessoas do prestito inaugural.

5.º O acto da inauguração começará ás 4 horas da tarde, devendo já estar formados em parada os corpos da guarda nacional e do exercito; parte d'elles contornando a praça da Constituição, apoiada a direita da linha na esquina da travessa do Theatro com a retaguarda para a rua Sete de Setembro, e os outros postados em alas pelo campo da Acclamação, com a direita na porta principal da Illustrissima camara municipal estendendo-se até a esquerda da rua dos Ciganos, e por esta até á praça da Constituição. Uma bateria de artilheria deverá achar-se collocada no morro de Santo Antonio.

6.º A commissão encarregada de erigir a estatua, e todas as pessoas convidadas para tomarem parte na inauguração, se reuniráõ no paço da illustrissima camara municipal, onde esperaráõ por Suas Magestades Imperiaes e Augustas Princezas.

7.º Suas Magestades Imperiaes com as Augustas Princezas se dignaráõ de dirigir-se em coche ao paço municipal. Uma gyrandola queimada no largo do Paço é respondida por outras duas na rua Direita, esquina da do Sabão e largo do Capim, annunciaráõ a partida de Suas Magestades Imperiaes.

8.º Suas Magestades Imperiaes e Augustas Princezas serão conduzidas debaixo do pallio pelos membros da illustrissima camara municipal. O prestito pôr-se-ha em marcha pela rua que ladèa o campo da Acclamação e, descendo pela rua dos Ciganos, entrará na praça da Constituição.

9.º A ordem do prestito será a seguinte, sem prejuizo de precedencia.

Os juizes de paz em exercicio, os delegados e subdelegados de policia com as suas insignias.

Os commandantes e officiaes dos corpos policiaes.

Os notarios publicos.

Os juizes territoriaes e os promotores publicos.

Os chefes, secretarios e officiaes das secretarias de policia que se acharem na côrte.

O presidente e membros da junta central de hygiene publica e do instituto vaccinico.

O procurador, os chefes e os officiaes da secretaria, contadoria e thesouraria da illustrissima camara municipal.

Os officiaes das directorias da administração da provincia do Rio de Janeiro e da secretaria da assembléa legislativa da mesma provincia.

Os empregados das secretarias do tribunal do commercio.

Os empregados da recebedoria do municipio, da alfandega, do thesouro, da caixa da amortização e mais repartições da côrte.

As deputações enviadas pelas sociedades litterarias, scientificas, artisticas e de beneficencia estabelecidas com autorização do governo.

As commissões parochiaes que coadjuvárão a commissão erectora da estatua.

As deputações enviadas pelas camaras municipaes e os membros destas que se acharem na côrte.

Os directores e secretarios dos bancos, estradas de ferro e mais companhias commerciaes e industriaes autorizadas.

Os membros da commissão da praça do commercio.

Os directores e redactores das folhas diarias.

Os directores e inspectores dos theatros e membros dos conservatorios dramatico e de musica.

Os membros da directoria do instituto agricola e da sociedade auxiliadora da industria nacional.

Os membros do conselho director e delegados da instrucção publica.

As congregações da academia das bellas-artes, faculdades de medicina, escólas centraes e de marinha, instituto commercial, collegio de Pedro II, com seus chefes á frente, e os do museu, do archivo, da bibliotheca, instituto, escólas e estabelecimentos publicos de educação, litterarios e scientificos.

Os membros da academia imperial de medicina, do instituto dos advogados e do instituto historico e geographico brazileiro.

Os membros do clero secular e regular.

Os membros da administração da santa casa da Misericordia, ordens terceiras e religiosas, e mais estabelecimentos pios e de caridade.

As pessoas que por seus empregos ou condecorações gozão de honras militares.

Os officiaes da guarda nacional, do exercito e da marinha imperial.

Os advogados do conselho de Estado.

Os chefes e officiaes das secretarias de Estado e das camaras legislativas.

Os membros dos tribunaes do commercio, do conselho naval, da relação, do supremo tribunal de justiça e do conselho supremo militar.

Os presidentes das provincias e seus secretarios que estiverem na côrte.

As deputações das assembléas provinciaes e os membros d'estas que se acharem na côrte.

As pessoas condecoradas com a medalha da guerra da independencia.

Os officiaes da casa imperial.

Os medicos da imperial camara, guarda-roupas, titulares, sem grandeza e as pessoas que tiverem carta de conselho.

Os moços fidalgos e fidalgos cavalheiros.

O porteiro da imperial camara e o tenente da imperial guarda de archeiros.

Os veadores, os gentis-homens e os officiaes-móres da côrte.

Os prelados das religiões e os bispos.

Os grandes do Imperio.

Os ministros e os conselheiros de estado e os membros da assembléa geral.

Os membros da illustrissima camara municipal com as varas do pallio.

Suas Magestades e Augustas Princezas sob o pallio.

Os membros da commissão encarregada de erigir a estatua.

10.° A tropa, formada em alas, ir-se-ha mettendo em columna

aberta, á proporção que fôr passando o prestito ; e o acompanhará, tomando depois na praça da Constituição ou em suas immediações a formatura que melhor convier.

11.° Entre as alas formadas pelos bispos e grandes do Imperio irão as insignias seguintes :

1.° O manto do fundador do Imperio.

2.° A espada do Ypiranga.

3.° O autographo da constituição.

4.° O estandarte da independencia.

5.° A corôa imperial.

6.° O sceptro.

Por intermedio da secretaria do imperio serão designadas as pessoas que devem conduzir as insignias.

12.° O prestito occupará o recinto da praça, circulando a estatua. Ao apparecimento de Suas Magestades e Augustas Princezas na varanda do theatro, a tropa formada em parada, fará a continencia do estylo.

13.° A commissão tendo á sua frente o seu presidente, percorrerá em torno á estatua, e examinando se tudo se acha prompto para a ceremonia, se dirigirá a S. M. o Imperador, e lhe pedirá a graça de pegar em uma das pontas do véo, e de designar as pessoas que devem pegar nas outras.

14.° Executado tanto instrumental como vocalmente o hymno da independencia pelos artistas convidados para isso, cahirá o véo e apparecerá a estatua ao grito levantado pelo presidente da illustrissima camara municipal de — viva a independencia nacional — que será respondido pelas pessoas do prestito, tropa, etc.

15.° A tropa em parada apresentará as armas abatendo as bandeiras, tocando todas as bandas de musica o hymno da independencia. Nessa occasião se desenrolarão o estandarte da independencia e o autographo da constituição.

16.° A artilheria collocada no morro de Santo Antonio saudará a estatua com as salvas do estylo.

17.° Terminadas as salvas, dar-se-ha principio ao *Te-Deum*, findo o qual terá lugar a leitura de discursos analogos por parte da illustrissima camara municipal e da commissão encarregada de erigir a estatua.

18.º Em seguida desfilará toda a tropa em marcha de continencia pela frente da estatua e varanda do theatro, tocando as bandas marciaes o hymno nacional.

19.º No salão do theatro de S. Pedro de Alcantara terá lugar a recepção das commissões das camaras legislativas, das assembléas provinciaes, das camaras municipaes, e associações nacionaes e estrangeiras, devendo os discursos ser entregues, e não lidos, ao Sr. ministro do imperio.

20.º Os moradores das ruas e praças por que tem de passar o prestito são convidados pela illustrissima camara municipal a guarnecer as frentes de seus edificios com cortinas, estandartes e festões de flôres, e a mandar juncar as calçadas de folhas aromaticas. »

Quasi todas as camaras municipaes, assembléa geral e provinciaes do Imperio, e muitas associações litterarias, scientificas, artisticas, commerciaes, pias e religiosas, nomeárão commissões para assistirem á grande festa nacional da inauguração do monumento ao fundador do Imperio.

Poucos minutos depois de começar o dia 25, em que devia ter lugar a solemnidade, cahio um forte aguaceiro que inundou as ruas e praças, continuando a chuva até ao meio-dia ; a cidade, seus arrabaldes e quasi todos os municipios da provincia do Rio de Janeiro soffrerão estragos sensiveis ; a estrada de ferro D. Pedro II interrompeu o trafego. Ficárão damnificadas algumas pinturas das decorações da praça da Constituição ; a chuva lançou por terra o braço esquerdo e a cruz da estatua da religião que coroava o templo alli erguido.

A commissão da estatua, reunida no salão do theatro de S. Pedro de Alcantara recebeu a ordem para transferencia da festa, e logo depois appareceu nas esquinas das ruas o seguinte aviso :

« INAUGURAÇÃO.—De ordem de S. M. o Imperador fica transferida a ceremonia da inauguração para domingo, se o tempo der lugar. »

Em execussão ao programma houve no dia 25, ao romper d'alva, as salvas determinadas ; e foi publicado o seguinte aviso :

« 2ª *Secção*.—Ministerio dos negocios do imperio. — Rio de Janeiro, 22 de março de 1862. — Illm. e Exm. Sr. — Tendo-se de inaugurar no dia 25 do corrente, anniversario do juramento da con-

stituição, a estatua equestre que á memoria de S. M. Imperial o Sr. D. Pedro I vota a gratidão nacional, e querendo S. M. o Imperador, para maior solemnidade desse acto, assignalar nesta occasião o patriotismo dos Brazileiros, que tão efficazmente contribuiram para a fundação deste Imperio e auxiliárão seu augusto fundador no glorioso empenho de engrandecel-o e felicital-o, dando ao mesmo tempo uma publica demonstração do constante apreço em que tem os serviços prestados ao paiz naquella época memoravel, dignou-se de nomear a V. Ex. para conduzir a corôa imperial, uma das insignias de que trata o respectivo programma.

O que tenho a satisfação de communicar a V. Ex. para os fins convenientes. Deus guarde a V. Ex. — *José Ildefonso de Souza Ramos.*— Sr. marquez de Olinda. »

Dirigirão-se avisos no mesmo sentido ao marquez de Abrantes, para conduzir o autographo da constituição; ao visconde de Cabo-Frio, o estandarte da independencia; ao visconde de Jequitinhonha, o sceptro; ao barão de Suruhy, a espada do Ypiranga; ao barão de Monserrate, o manto do fundador do Imperio.

Para terem a honra de segurar com o Imperador as pontas do véo, que cobria a estatua equestre, foram designados o marquez de Caxias, presidente do conselho de ministros; o visconde de Abaeté, presidente do senado; Antonio Pereira Pinto, 1° secretario, servindo de presidente da camara dos deputados; barão de Monserrate presidente do supremo tribunal de justiça; José João da Cunha Telles, presidente da camara municipal; Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, presidente da commissão encarregada de erigir a estatua, e Luiz Rochet, o estatuario.

Publicou-se tambem este aviso:

« Ministerio dos negocios da justiça.—Rio de Janeiro, em 22 de março de 1862. — S. M. o Imperador querendo prestar uma homenagem de respeito filial, e reconhecimento patriotico ao principe magnanimo que, o primeiro no grande feito da independencia nacional, o rematou com a proclamação e juramento da sábia constituição politica do Imperio; querendo outrosim distinguir e honrar a guarda nacional e exercito, dignamente representados pelos briosos corpos que têm de formar em parada, á praça da Constituição, na tarde de 25 do corrente mez, digna-se neste faustoso dia assumir em sua augusta

pessoa o commando, e á frente da guarda nacional e tropa de linha marchar em continencia á estatua do Sr. D. Pedro I.

O que de ordem do mesmo augusto senhor communico a V. S., para que, fazendo constar aos commandantes dos respectivos corpos, haja de prover como é mister. Deus guarde a V. S. — *Francisco de Paula de Negreiros Sayão Lobato.*— Sr. brigadeiro Manoel Antonio da Fonseca Costa.»

Ap pareceu um decreto do ministerio da gerura e outro do da marinha, perdoando o crime de primeira e segunda deserção das respectivas praças.

Em 29 de março publicou a secretaria do imperio que, no dia da inauguração da estatua, a côrte devia comparecer com o uniforme de primeira gala.

Para levarem as bandejas em que devião ir as insignias especificadas no programma, forão designados os moços fidalgos com exercicio : Carlos Eugenio Nabuco de Araujo, Dr. José Vieira de Carvalho, visconde de Algezur, Dr. José Tito Nabuco de Araujo, Henrique José Nabuco de Araujo, Manoel Maria de Figueirôa Nabuco de Araujo, Dr. Caetano José de Andrade Pinto, Dr. José Maria da Silva Velho, João Homem Bandeira do Amaral, Francisco Marques Perdigão Malheiro, Dr. Manoel Ignacio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho, Dr. José Caetano de Andrade Pinto, Augusto Henriqne Gonzaga, José Joaquim de Lima e Silva, Carlos Ferreira França e Camillo José Pereira de Faro.

Determinou-se que o prestito pôr-se-hia em marcha logo que as gyrandolas annunciassem a sahida de Suas Magestades e Altezas do paço da cidade para o paço da illustrissima camara municipal.

Foi encarregado da direcção do prestito o cidadão Innocencio da Rocha Maciel, tendo por auxiliares Antonio Ribeiro de Campos Junior, Bernardino José de Souza, Feliciano Luiz Gomes de Barros, João Manoel Figanier Duarte, Paulo Felizardo Cabral da Silva e Valerio Pereira de Carvalho.

Raiou o dia 30 de março em que celebrou-se com extraordinario esplendor e enthusiasmo a inauguração do monumento, sendo exactamente seguido o programma da solemnidade ; e achando-se representadas no prestito todas as classes a que se havia assignado lugar. Muito antes de começar a festa, vião-se as janellas em volta da

praça vergando ao peso de senhoras trajando ricas galas, innumera multidão cobria o recinto do largo, e até os telhados das casas estavão, como já dissemos, transformados em archibancadas adornadas de bandeiras e festões de flôres.

A's cinco horas menos um quarto chegarão as pessoas imperiaes sob o palio á porta do theatro de S. Pedro, e momentos depois dirigio-se o Imperador, acompanhado de pomposo cortejo, ao lugar da estatua, que dahi ha pouco appareceu descoberta, cahindo ao brado — viva a independencia nacional — dado pelo presidente da camara municipal, o véo de seda listrado de verde e amarello que a occultava á multidão. Rompêrão então os vivas correspondidos pelo povo e tropa, agitarão as senhoras, que occupavão as janellas, seus lenços brancos, a tropa em parada apresentou armas ao som do hymno tocado pelas bandas de musica dos diversos corpos, e abateu os estandartes: o marquez de Abrantes desenrolou o autographo da constituição e o visconde de Cabo Frio fez tremular o estandarte da independencia.

A artilheria postada no morro de Santo Antonio, saudou com uma salva o heróe do Ypiranga, e de muitas das janellas da praça lançárão-se á rua diversas poesias; erão os hymnos do povo misturando-se com o estampido rouco do canhão.

Entre essas poesias appareceu uma do Dr. José Bonifacio de Andrade e Silva, na qual leem-se estes lindos versos:

Ei-la — a estatua do heróe! Symb'lo de gloria
Vae aos astros subir, ao céo aponta!
Sol, que vivo resplandor desponta,
Tem por brilhante luz a luz da historia!
Salve emblema gigante! — Grande e novo
Surge o passado inteiro á voz do povo!

Quem sabe quanta idéa... sim... quem sabe,
Ha de lembrar essa materia inerte?!
Por mais que o tempo o gyro eterno aperte
Não ha poder que essa memoria acabe!
E' a estatua do heróe — o tempo invade...
Foi rei... foi rei... mas rei da liberdade!

Dous sceptros engeitou ! Aqui seu vulto
O braço popular ávante ergueu ;
E na base immortal elle escreveu
— Independencia ou morte ! — Eis o meu culto !
Brazileiros, chorae ! — Sobre esta campa
O sol da eternidade Deus estampa.

Que vida foi a tua, heróe valente,
De povos dous libertador soldado !
Quem póde erguer um hymno alevantado
Igual de tanta gloria e tam ingente ? !
Teu nome é um sec'lo — não precisa um hymno...
Não morrem sec'los, não ! — é teu destino !

Roma — fundou-a o braço do bandido,
A Grecia surge annuviada e triste ;
Mas no brazilio céo onde luziste
O rei foi povo, e o povo rei tem sido !
Salve heróe, que na c'rôa tens illesa
A gloria, a liberdade, a realeza.

Seguio-se a ceremonia da benção a que assistirão o Imperador, a Imperatriz, as princezas, a côrte, o ministerio, a commissão erectora da estatua, a camara municipal, e as principaes pessoas que constituião o prestito. O *Te-Deum* de Segismundo Neukomm (1), foi primorosamente executado em pleno ar, graças aos desvelos com que o musico Francisco Manoel da Silva, a força de ensaios, havia disciplinado, a numerosa orchestra composta de 242 instrumentistas e 653 cantores.

Os tiros de artilheria e fuzilaria reunidos ás harmonias da orchestra, forão dados com precisão e a tempo, produzindo maravilhoso

(1) Neukomm veio para o Rio de Janeiro em 1816 em companhia do duque de Luxemburgo, e aqui demorou-se até 1821 como mestre de capella; foi tambem mestre do principe D. Pedro, da infanta D. Maria Isabel, e por pedido do mesmo principe real foi mestre de contraponto de Francisco Manoel da Silva.

effeito: tocou-se em seguida magistralmente executada a marcha de Achilles Arnaud.

Recolhidas á tribuna a Imperatriz e as princezas, montou o Imperador a cavallo, e acompanhado de um brilhante estado-maior, assumio o commando da guarda nacional e tropa de linha, que desfilou em continencia pelas ruas que bordam a praça, regressando finalmente ao theatro de S. Pedro, em cujo salão foram lidos os discursos das commissões do senado e camara dos deputados, da camara municipal da côrte e commissão erectora da estatua, e entregues escriptos os das commissões das assembléas legislativas e camaras municipaes das provincias.

Aos discursos do presidente da municipalidade e da commissão encarregada de erigir a estatua respondeu o Imperador nas seguintes palavras:

« O bello e magestoso monumento erguido pela gratidão nacional ao fundador do Imperio tambem é novo e perduravel padrão da nobreza de sentimentos dos Brazileiros; e vós illustrissima camara municipal da muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro, e membros da commissão encarregada de erigir a estatua, realizastes dignamente o pensamento da nação, como era de esperar do vosso patriotismo. Não é o filho que vos falla; a este só cabe agora ter saudoso respeito, é o monarcha, o cidadão que se gloria da nossa independencia, cuja causa tão devotamente esposou Pedro I, e venera a sabia constituição, penhor de nossa felicidade, e claro testemunho do amor que elle consagrava ao Brazil.»

Ao orador da deputação do senado, dignou-se o Imperador de responder:

« O senado escolhendo-vos para assistir á inauguração da estatua do fundador do imperio, veio, como sempre, associar-se ao jubilo da nação; manifestai-lhe pois a inteira cordialidade com que o monarcha amante de sua patria e venerador da memoria de seu pai, recebe tão sinceras congratulações.»

Ao anoitecer illuminou-se brilhantemente toda a praça, apezar da copiosa chuva que então cahia; e os raios da luz electrica, projectados de uma das janellas do theatro, reflectindo sobre a estatua, tornavão-na tão clara como se fosse alumiada pelo clarão do sol.

A luz electrica foi preparada e fornecida por Antonio Alves Ferreira, que encarregou-se deste serviço gratuitamente.

Terminou a festa no theatro de S. Pedro, que estava ornado de galas, representando-se a tragedia *Cinna*, cujo protagonista foi interpretado com mestria pelo distincto actor brazileiro João Caetano dos Santos.

Assistirão ao espectaculo Suas Magestades e Altezas, acharão-se occupados os camarotes e platéa por uma escolhida sociedade; cantou-se o hymno, distribuirão-se, recitárão-se poesias, e reinou em todo o auditorio muito regozijo e enthusiasmo.

Querendo manifestar o apreço em que tinha a obra do estatuario Luiz Rochet, condecorou-o o Imperador com a commenda da ordem de Christo, e, para brindal-o, offereceu-lhe uma commenda e habito pendente dessa ordem, de brilhantes e pedras preciosas, sendo notaveis essas insignias não só pela riqueza, senão pelo trabalho artistico.

A illuminação da praça repetio-se tres noites consecutivas, durante as quaes não cessárão de tocar diversas bandas de musica.

Na ultima noite a sociedade Petalogica, estabelecida na praça da Constituição, unindo-se a alguns artistas nacionaes, aos membros da commissão da estatua, e, tendo á sua frente duas bandas de musica, dirigio-se á casa do estatuario, levou-o em triumpho até junto ao monumento,e offertou-lhe o seu busto em prova de consideração artistica, o qual havia sido cinzelado pelo esculptor da academia das bellas-artes, Francisco Manoel Chaves Pinheiro. Recitou-se em seguida um eloquente discurso, terminando a ovação com uma ceia offerecida ao estatuario, aos membros da commissão e mais convidados.

Offertárão o barão de Lorena quatro contos de reis para as despezas da inauguração do monumento, o cidadão Antonio Clemente Pinto igual quantia,e o visconde da Estrella, um conto de reis.

Inaugurado o monumento, pensou-se em fazer as obras complementares, o gradil, candelabros e mais accessorios, cujas obras orçára o estatuario em trinta contos de reis; mas, não tendo a commissão da estatua ao seu dispôr quantia sufficiente para contratar esses trabalhos accessorios, e não querendo lançar mão do recurso de uma nova subscripção, julgou conveniente adial-os até que a generosidade de dous prestantes cidadãos fez desapparecer a difficuldade em que se via a commissão de terminar a grandiosa obra de que se encarregára.

O visconde do Bomfim fez o valioso e patriotico offerecimento de sete contos de reis para que quanto antes ficasse o monumento completo e acabado, e o artista Miguel Couto dos Santos, o de dous contos de reis. Recebido esses donativos contratou a commissão as obras complementares com Miguel Couto dos Santos, que obrigou-se a fazêl-as por vinte e nove contos e quatrocentos mil réis.

Dando principio á fundição das diversas peças do gradil e dos candelabros concluio o artista o seu delicado e perfeito trabalho, que foi exposto ao publico, em 9 de novembro de 1865, por occasião do regresso de D. Pedro II, que com os principes, seus genros, se collocára á frente dos voluntarios da patria para repellir os Paraguayos da provincia do Rio Grande do Sul.

Desejando dar um aspecto uniforme e elegante aos edificios da praça da Constituição, mandou a camara municipal levantar pelo engenheiro Lessa um plano para a fachada das respectivas edificações,o qual foi approvado em sessão de 11 de março de 1862 ; tratou mais tarde de arborisar e ajardinar a praça, cercou-a com uma balaustrada de ferro sobre base de granito, e collocou nas entradas cancellas de ferro.

Em 22 de outubro de 1866 dirigio a commissão da estatua equestre, o seguinte officio á camara municipal, fazendo-lhe entrega do monumento, e communicando qual o seu custo :

« Illms. Srs. presidente e vereadores da illustrissima camara municipal.— A commissão nomeada pela illustrissima camara municipal desta côrte, e encarregada de fazer levantar na praça da Constituição uma estatua equestre á memoria de S. M. I. o Senhor D. Pedro I, imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil, tendo cumprido o seu mandato, fazendo effectivamente levantar á memoria do excelso fundador do Imperio a estatua equestre existente em a referida praça da Constituição, vem fazer entrega do referido monumento a esta illustrissima camara municipal, dando assim por finda a honrosa missão de que fôra incumbida pela illustrissima e patriotica camara municipal de 1854.

A estatua ficou importando na quantia de 334.710$375, como VV.SS.verão do minucioso balanço junto.Essa quantia de 334:710$375 foi obtida do seguinte modo :

1.º Producto das tres subscripções promovidas.	256:303$111
2.º Juros recebidos do Banco Rural. . . .	69:085$234
3.º Quantia com que subscreveu o artista Miguel Couto dos Santos	2:000$000
4.º Idem com que subscreveu o Exm. visconde de Bomfim para preencher o deficit, ficando assim inteiramente saldadas as contas.	7:192$030
5.º Producto da venda do véo de setim que serviu no dia da inauguração.	130$000
Somma.	334:710$375

A despeza importando em igual quantia de. . 334:710$375 decompõe-se do seguinte modo, e foi assim feita :

1.º Com o concurso, comprehendidos os dous premios, fretes dos modelos e desenhos, e mais com a exposição dos desenhos	3:119$671
2.º Com o alicerce do monumento.	11:050$865
3.º Com o contrato feito com o artista Rochet, e seu respectivo pagamento em tres differentes addições.	243:289$339
4.º Com a collocação da pedra fundamental. .	3:053$880
5.º Com o pedestal de cantaria ou embasamento.	3:272$280
6.º Com a solemnidade da inauguração . . .	39:062$340
7.º Com a construcção e assentamento do gradil, candelabros e mais accessorios	31:200$000
8.º Com a illuminação no dia 30 de março de 1863 (1.º anniversario da inauguração)	262$000
9.º Com a gratificação dada a Daniel José Ferreira Brandão pelo trabalho de fazer a escripturação a cargo do thesoureiro da commissão, o exm. visconde do Bomfim.	400$000
Somma.	334:710$375

Não se tendo, portanto, verificado a existencia de sobras, não houve a occasião de ser cumprida a disposição do art. 8 º da proposta approvada pela illustrissima camara municipal em sessão extraordinaria de 7 de Setembro de 1854, que mandava que as sobras, que se verificassem existir, depois de concluida a estatua, fossem applica-

das á conclusão de algum estabelecimento pio desta côrte ou da provincia do Rio de Janeiro, ou algum melhoramente material de reconhecida utilidade.

A commissão, dando por finda a sua missão, e por extincto o mandato de que se achava encarregada por aquella illustrissima e patriotica camara municipal, tem consciencia de haver empregado todos os esforços ao seu alcance e a maior solicitude de que era capaz, fazendo com que o monumento erigido, por gratidão dos Brazileiros, á memoria de S. M. Imperial o Sr. D. Pedro I, fundador do Imperio, fosse digno de tão elevado e magestoso pensamento, e figurasse condignamente na capital do imperio do Brazil.

Deus guarde, etc. »

O officio estava assignado pelo conselheiro Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, presidente da commissão; Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo, secretario; vsiconde do Bomfim, thesoureiro; Izidro Borges Monteiro, João Affonso Lima Nogueira, Dr. Domingos de Azeredo Coutinho Duque-Estrada, Joaquim Norberto de Souza e Silva. Em *N. B.* se declarava que não estava assignado pelo brigadeiro Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão e Manoel de Araujo Porto-Alegre por se acharem ausentes fóra do Imperio, a serviço da nação.

Por proposta do vereador Dr. José Pereira Rego dirigio a camara municipal um voto de agradecimento áquella commissão.

Feita a historia do monumento occupemo-nos com sua discripção.

Testemunha de factos notaveis da nossa historia, tornou-se a praça da Constitnição mais memoravel desde que a gratidão dos Brazileiros ergueu alli o monumento á independencia nacional.

Acha-se a praça arborisada e ajardinada, offerecendo um agradavel recreio ao povo, porém não nos parece feliz a idéa de arborisar uma praça, em cujo centro ergue-se uma estatua como a que se vê alli; as arvores quando crescidas podem roubar a perspectiva do monumento; além disso parece que, havendo alli essa estatua, era conveniente deixar a praça livre e desembaraçada para as grandes reuniões populares ou para as pomposas solemnidades da nação (1); todavia sempre

(1) Em 15 de janeiro de 1865 houve nesta praça uma reunião popular de quasi 4,000 pessoas, presidida pelo desembargador Luiz Fortunato de Brito, que fazendo transportar uma mesa para o meio da praça junto á estatua, e dirigindo-se ao povo em um breve discur-

é util um jardim em um clima como o nosso, e em uma cidade de numerosa população e tão pobre de distracções. O jardim é ao gosto moderno, com taboleiros de gramma, assentos de pedra, quatro tanques com repuxos, quatro pavilhões de fórma elegante, ornando-o quatro estatuas collossaes de bronze, vindas da Europa, as quaes representão a União, a Fidelidade, a Justiça e a Liberdade ; cerca-o uma balaustrada de ferro sobre uma base de granito e presa á pilastras de pedra, as quaes sustentão alternadamente maçanetas de ferro e lampeões de gaz ; quatro cancellas dão entrada ao jardim, em cujo centro ergue-se o monumento dedicado ao fundador do Imperio. (1)

Sobre um socco de cantaria vê-se um elegante gradil de ferro imitando o bronze, e apresentando entre circulos e alternadamente a corôa imperial e a legenda Pedro I em lettras de ouro ; é de forma octogonal e em cada angulo eleva-se uma columna artisticamente ornada, que sustenta um lampeão de gaz, cuja parte superior termina em uma corôa. Nas bases das columnas estão gravadas as seguintes datas, que memorão factos notaveis da vida do primeiro imperador : 12 Outubro 1798—6 Novembro 1817—17 Outubro 1829—9 Janeiro 1822—13 Maio 1822—7 Setembro 1822—12 Outubro 1822—1 Dezembro 1822—25 Março 1824 (2).

O espaço cercado pelo gradil é ladrilhado de marmore. Sobre uma base de granito ergue-se o pedestal, que é octogono e de bronze, assim como todo o monumento ; vestem as suas faces principaes qua-

---

so, fez ver qual o fim patriotico da reunião. Orárão depois delle outros cidadãos, que mostrárão-se unanimes na idéa da união de todos os Brazileiros para a defesa do paiz, e na necessidade do emprego de todos os esforços precisos para desaggravar a honra nacional e expellir os Paraguayos do territorio brazileiro.

(1) Em 11 de dezembro de 1864 a caixa municipal de beneficencia obteve permissão da camara para collocar neste jardim cadeiras de palhinha que são alugadas a 80 rs. aos frequentadores desse passeio em beneficio daquella instituição.

(2) Em 7 de janeiro de 1865 examinou o Imperador o gradil da estatua equestre, e declarou ao artista Miguel Couto dos Santos estar satisfeito com a sua obra, que mereceu ser premiada pela academia das bellas-artes com uma medalha de ouro.

tro grupos representando os rios Amazonas, Paraná, Madeira, e S. Francisco. Para quem encara o monumento de frente, o primeiro dos quatro rios é o S. Francisco, o que lhe corresponde na face posterior o Madeira; o do lado esquerdo o Amazonas e o do direito o Paraná. Os dous primeiros são representados cada um por uma só figura.

Feliz foi o estatuario na maneira por que retratou a physionomia dos povos indigenas das nossas mattas; além do que é perfeito o trabalho artistico.

O indio que personifica o rio S. Francisco tem nobreza e magestade; está sentado, tendo junto a si um tamanduá bandeira e uma capivara.

O indigena, que symbolisa o Madeira, está armado de arco e em attitude de disparar uma flexa; completa esse grupo uma tartaruga, uma ave e alguns peixes.

O Amazonas e Paraná são representados cada um por duas figuras, uma do sexo masculino outra do feminino. A india do rio Amazonas tem sobre as costas uma criança dormindo, cuja belleza e naturalidade são admiraveis; o jacaré sobre o qual o indigena descança o pé é tão perfeito que parece vivo; ha mais uma giboia, um tigre, um ouriço cacheiro e uma ave.

É perfeito e magestoso o grupo que personifica o Paraná; veem-se junto aos indios um tapirete ou anta, um tatú e duas grandes aves.

Constituem estes grupos a maior belleza da obra pela perfeição e superioridade da execução; cada um delles por si só podia formar um monumento, onde a critica severa pouco acharia que censurar, pois quanto mais se admira esse trabalho artistico mais bellezas e primores descobre o observador.

Ornão o friso do pedestal escudos torreados, representando as vintes provincias do Brazil, brilhando sobre cada escudo uma estrella dourada.

Se nas faces do pedestal, os quatros grupos personificão o paiz, os escudos, representando as provincias, personificão a nação; quiz o artista lembrar que além da independencia deve o Brazil ao heróe do Ypiranga a organisação politica. Foi esta uma idéa feliz e grandiosa devida á inspiração artistica de João Maximiano Mafra, cujo desenho foi executado com alterações pelo estatuario francez.

Na parte superior da face principal do pedestal estão as armas brazileiras e a seguinte inscripção :

A

D. PEDRO PRIMEIRO

GRATIDÃO

DOS BRAZILEIROS

Nas faces lateraes estão as armas bragantinas, vigiadas por dragões dourados.

Ergue-se sobre o pedestal o heróe em grande uniforme de general, montado em soberbo ginete, tendo o braço direito alçado, apresentando ao mundo o auto da independencia do Brazil.

O cavallo, á excepção feita de alguns pequenos reparos, é superiormente executado ; mas não podemos dizer o mesmo do cavalleiro; achamos pouco heroica e nobre a attitude do imperador ; parece haver affectação no gesto e pouca originalidade na physionomia de Pedro I e julgamos que contribue um pouco para esse máo effeito o chapéo armado da época contemporanea, com que o artista ornou a cabeça do heróe do Ypiranga (1). Se lh'o tivesse posto na mão, como estava no desenho do artista nacional João Maximiano Mafra, outro seria o effeito aos olhos do espectador, e haveria propriedade no gesto, pois recordaria o heróe no momento solemne em que soltou nos campos do Ypiranga o brado — independencia ou morte.

A altura do monumento é de 3,30 metros até o alto da cantaria; 6,40 até o alto da cornija, e 6 metros a estatua equestre e seu plintho. O peso total do bronze é de 55,000 kilogrammos, sendo 28,000 kilogrammos todo o pedestal, 12,000 kilogrammos a estatua equestre, 10,000 os dous grupos grandes e 5,000 os dous pequenos.

Este monumento é bello e magestoso, digno do principe a quem foi consagrado, e digno do Brazil; e talvez na Europa poucos hajão que o possão igualar. Mas que honra não resultaria á nação se essa obra monumental, em vez de sahir de mão estrangeira, fosse modelada por

(1) Na copia do monumento apresentada pelo estatuario á exposiçao de Pariz, aberta em 1 de abril de 1867, vio-se D. Pedro com o chapéo na mão agitando-o ao ar. O que levaria o artista a fazer essa mudança ?

artistas nacionaes! E talvez provenha disso o não haver no vulto do imperador a naturalidade, a expressão, a originalidade que haveria se a obra fosse executada por um artista inspirado pelas auras da patria.

Para escrever no granito, no marmore ou no bronze a epopéa nacional de um povo deve o artista ter enthusiasmo patrio, viver embalado nas tradições nacionaes, trazer no peito o coração aquecido pelo fogo do amor patrio, e palpitante pela religião, pelos costumes, pelos sentimentos, e idéas do povo, cuja historia quer perpetuar; é o enthusiasmo patriotico que dá ao artista a flamma da inspiração para imprimir em sua obra a expressão, o colorido, o typo, a côr local que é a physionomia da arte; assim como da litteratura.

Quando a cidade do Porto pensou em erguer uma estatua ao muito amado rei Pedro V, commetteu essa tarefa a artistas nacionaes. O mesmo podiamos ter feito, e então essa obra, além de ser um reconhecimento publico, seria um padrão do nosso adiantamento artistico; perpetuaria o nome do primeiro imperador, e glorificaria ao artista nacional; e além do mais faria o estrangeiro comprehender que entre nós nem tudo é importado, que prezamos ás artes e aos artistas, o que certamente é nobre e digno de uma nação importante e que quer ter fóros de illustrada.

Mas paga está a grande divida nacional á memoria do rei libertador e legislador; erguido pela gratidão dos Brazileiros deve a patria venerar esse monumento, epopéa de bronze, que memora o passado inteiro do Brazil, a independencia, o Imperio, a constituição e a liberdade; padrão levantado pelo patriotismo e reconhecimento publico exprime esse bronze a liberdade e a organisação politica do paiz, symbolisa a nossa historia, e por isso deve a nação amal-o e veneral-o sempre.

II

ESCOLA POLYTECHNICA

Em 1699 mandou o rei de Portugal estabelecer no Rio de Janeiro uma aula de fortificação ordenando que se dessem 50 rs. diarios aos alumnos, e sendo soldados se lhes dessem os mesmos 50 rs. além dos soldos; que se não admittissem pessoas menores de 18 annos, e fossem excluidos aquelles que pelos exames annuaes dessem a conhecer a sua incapacidade. Não se sabe o nome do primeiro lente, ao qual seguio-se José Fernandes Pinto Alpoim, que veio de Lisboa em sargento-mór de artilheria.

Perecendo Alpoim succedeu-lhe o capitão Euzebio Antonio Ribeiro; a este o coronel do regimento de artilheria Antonio Joaquim de Oliveira, que foi substituido pelo tenente coronel do mesmo regimento José de Oliveira Barbosa, e este pelo general Manoel da Costa Pinto, que depois foi lente da escola militar creada no tempo de D. João VI.

Em 1793 estabeleceu o vice-rei conde de Rezende na casa do Trem, hoje arsenal de guerra, uma aula para instrucção dos soldados e officiaes dos regimentos de linha e milicias, tendo por inspector o tenente coronel Joaquim Xavier Curado e como lentes de fortificação, de Bitond, o capitão Antonio Lopes de Barros, de geometria pratica de Belidor o capitão Albino dos Santos Pereira, de arithmetica de Bezout o tenente Francisco Antonio da Silva, de desenho de Buchett o tenente Aureliano de Souza, de francez o tenente-coronel José Cae-

tano de Araujo, e de primeiras lettras o tenente José Alvaro Marques; foi nomeado secretario Francisco Ramos Filho. Os filhos do conde de Rezende frequentarão essa aula.

Vindo o principe regente D. João para o Brazil tratou o ministro da guerra D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, de reformar o exercito, dar-lhe disciplina e instrucção; encarregou ao marechal João Baptista de Azeredo Coutinho de Montaury a disciplina militar, e por iniciativa sua appareceu a carta regia de 4 de dezembro de 1810 creando a academia militar. Diz a carta:

« D. João por graça de Deus, Principe Regente de Portugal e dos Algarves etc. Faço saber a todos os que esta carta virem que, tendo consideração ao muito que interessa ao meu real serviço, ao bem publico dos meus vassallos, e a defensa e segurança dos meus vastos dominios, que se estabeleça no Brazil e na minha actual côrte e cidade do Rio de Janeiro, um curso regular das sciencias exactas e de observação, assim como de todas aquellas que são applicações das mesmas aos estudos militares e praticos, que formão a sciencia militar em todo os seus difficeis e interessantes ramos, de maneira que dos mesmos cursos de estudos se formem habeis officiaes de artilheria e engenharia, e ainda mesmo officiaes da classe de engenheiros geographos e topographicos, que possão tambem ter o util emprego de dirigir objectos administrativos de minas, caminhos, portos, canaes, pontes, fontes e calçadas, hei por bem que na minha actual côrte e cidade do Rio de Janeiro se estabeleça uma Academia Real Militar para um curso completo de sciencias mathematicas, de sciencias de observação, quaes a physica, chimica, mineralogia, metallurgia e historia natural, que comprehenderá o reino vegetal e animal, e das sciencias militares em toda a sua extensão, tanto de tactica como de fortificação e artilheria, na forma que mais abaixo mando especificar; havendo uma inspecção geral que pertencerá ao Ministro e Secretario de Estado da Guerra, e immediatamente debaixo das suas ordens a Junta Militar que mando crear para dirigir o mesmo estabelecimento que sou servido ordenar na forma dos seguintes estatutos.

Dado no Palacio do Rio de Janeiro em 4 de dezembro de 1810. Principe com guarda. Conde de Linhares.»

Tratou o ministro de ver um edificio que servisse para academia militar.

Via-se neste tempo no largo de S. Francisco de Paula um edificio em começo, com algumas paredes erguidas, outras ainda em alicerces, pedras lavradas de diversos tamanhos e feitios espalhadas pelo chão, ou encostadas ás paredes como esperando quem as collocasse em seus lugares; alli capiteis barrocos, aqui pilastras e columnas, aqui uma cruz, acolá um principio de altar, alli madeiras tombadas no solo; mas nenhum obreiro, nenhuma voz; tudo era ermo e solitario; dir-se-hia que a mão do homem ou a dos seculos abatera esse monumento deixando o terreno alastrado de pedras e madeiras. De noite ouvia-se nessas ruinas o piar monotono e triste da coruja, e acreditava o povo que entre aquellas paredes derruidas e abobadas desprezadas, acoutavão-se á noite escravos fugidos e malfeitores. Se principiara esse edificio para sé, porém no fim de alguns annos pararão as obras, e arrancarão-se as pedras para erguerem-se outras construcções (1).

Resolveu o governo aproveitar as paredes, as pedras e madeiras do templo projectado para levantar ahi o palacio da academia militar; de feito deu principio á construcção, e assim o que fôra destinado para recinto de orações e hymnos religiosos ficou consagrado á instrucção da mocidade; o sagrado passou para profano, e o templo transformou-se em academia, que tambem é um templo da sciencia.

Não estando concluidas as obras abrio-se a aula do primeiro anno da academia em 23 de abril de 1811 em uma sala da casa do Trem, assistindo ao acto o conde de Linhares.

No principio do anno seguinte, em 26 de janeiro de 1812, falleceu o conde de Linhares com 56 annos de idade, sepultando-se no convento de Santo Antonio.

Valiosos serviços prestou este fidalgo ao Brazil, cooperou para que se creassem muitos estabelecimentos uteis, animou a agricultura, o commercio e a industria, creou o archivo militar, a fabrica da polvora, a imprensa regia, a fabrica de ferro de Ipanema, mandou vir colonos, fundou jardins botanicos, fez prosperar a renda publica; organisou o arsenal, o exercito, e iniciou outros melhoramentos que não forão executados porque não houve nas cadeiras do ministerio quem lhe succedesse no zelo e dedicação que manifestara pelo Brazil.

E referindo os serviços desse antigo servidor do estado sentimos

(1) Veja volume 1.° pag. 49.

não encontrar nas salas da Escola Polytechnica o retrato ou o busto do digno fundador da academia militar.

Em 1 de abril de 1812 abrirão-se as aulas da academia no edificio do largo de S. Francisco de Paula, e forão nomeados para constituirem a junta encarregada da direcção scientifica e policial do estabelecimento o marechal Carlos Antonio Napion, presidente, e os coroneis João Manoel da Silva e Manoel Jacintho Nogueira da Gama, depois marquez de Baependy.

Funccionavão as aulas na parte do edificio que fôra primitivamenmente construida para consistorio, pois na frente apenas havia as paredes da projectada igreja entre as quaes collocara-se um portão.

Fallecendo o general Napion veio substitui-lo na presidencia da junta o marechal Francisco de Borja Garção Stochler, sendo os outros membros os brigadeiros Xavier de Brito, Manoel da Costa Brito e Manoel Ferreira de Araujo, e no impedimento destes servirão os coroneis João Paulo dos Santos Barreto e Manoel José de Oliveira.

Acontecendo desapparecer nessa época a chave de uma das salas de aula, houve indagações e determinou-se infligir severo castigo ao culpado; mas os estudantes para que se não descobrisse o autor da brincadeira, infiarão a chave em um páo muito comprido e todos carregarão-no trazendo a chave como em triumpho para a academia.

Não se havião posto em completa execução os estatutos e não tivera o devido desenvolvimento a theoria das construcções, não se havião verificado os exercicios praticos, e nem se attendera a organisação de compendios determinada na lei da creação do estabelecimento que assim permaneceu até 1832; porém autorisado pelo art. 15 da lei de 15 de novembro de 1831 o governo reformou a academia por decreto de 9 de março de 1832; deu-lhe novo regulamento unindo-a á academia de marinha e creando as cadeiras de construcção terrestre e naval. Era então ministro da guerra Manoel da Fonseca Lima e Silva. (1)

(1) O aviso de 5 de maio de 1808 mandou estabelecer nas hospedarias do mosteiro dos benedictinos nesta cidade a academia de marinha creada em Lisboa em 5 de agosto de 1779; em 1832 foi reunida á academia militar, mas no anno seguinte separou-se; em 31 de janeiro de 1839 teve novos estatutos e foi transferida para bordo da náo Pedro II, onde conservou-se dez annos sendo, mudada por decreto de 19

Em 22 de março de 1832 abrio-se a academia militar e de marinha ; cedo, porém, reconheceu-se não ser conveniente a união das duas academias, e o decreto de 22 de outubro de 1833 veio separa-las, sendo ministro da guerra o general Antero José Ferreira de Brito, depois barão de Tramandahy.

Supprimida a junta governativa determinou-se que o commandante da academia fosse nomeado pelo governo, e por decreto de 2 de janeiro de 1834 obteve esse cargo o brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos, e por decreto de 13 de janeiro foi designado para seu ajudante o coronel João Paulo dos Santos Barreto.

O decreto de 23 de fevereiro de 1835 reformou o estabelecimento e ordenou que a congregação dos lentes fizesse uma lista triplice para proposta do director, e emquanto não fosse escolhido o director indicado pelos lentes, determinou a regencia que assumisse a direcção o lente mais antigo, José Pedro Nolasco Pereira da Cunha.

Indicado para director o coronel Manoel José de Oliveira na forma do art. 2° da reforma, a regencia nomeou-o para director por decreto de 5 de março de 1835.

---

de fevereiro de 1849 para o edificio que pertenceu a Felippe Nery de Carvalho, no largo da Prainha, hoje praça Vinte Oito de Setembro. O decreto de 1 de maio de 1858 deu-lhe o nome de Escola de Marinha, e um novo plano de estudos; os avisos de 14 e 25 de junho de 1867 mandou remove-la para bordo da fragata Constituição, onde começou a funccionar em 1 de julho do mesmo anno. O decreto de 17 de janeiro de 1871 creou o Externato da Escola da Marinha, no arsenal deste nome, como curso de preparatorios da mesma Escola; em 14 de julho de 1871 começou a funccionar o Externato, e em 22 de abril desse anno baixou novo regulamento ora em execução, para a escola de Marinha a bordo da fragata Constituição, ancorada no porto d'esta cidade.

Foi o chefe de divisão José Maria Dantas Pereira o primeiro commandante da academia de marinha do Rio de Janeiro.

O decreto de 28 de dezembro de 1876 creou um internato de marinha com a denominação de Collegio Naval e extinguio o externato existente, tendo por fim o collegio preparar alumnos para se matricularem na Escola de Marinha.

Em 14 de maio de 1838 o coronel Manoel José de Oliveira foi substituido pelo brigadeiro e lente João Paulo dos Santos Barreto; que em 1839 ou 1840 entregou a direcção a Salvador José Maciel. (1)

Em 9 de março de 1842 o ministro da guerra José Clemente Pereira alterou o regulamento, creou um observatorio, uma aula de geologia, outra de sciencias sociaes e juridicas de administração e legislação militar e deu ao estabelecimento o nome de Escola Militar.

Tres annos depois o ministro Jeronymo Francisco Coelho formulou novo regulamento em 1 de março de 1845, creando os gráos de doutor e bacharel em sciencias physicas e mathematicas para os alumnos que satisfizessem as exigencias do ensino.

Depois de haver prestado bons serviços a Escola, achando-se enfermo, pedio o director Salvador José Maciel exoneração do cargo, e retirou-se para Campos onde falleceu. Foi nomeado para director Francisco de Paula Vasconcellos por decreto de 17 de junho de 1848, e querendo um deputado da provincia das Alagoas censurar o ministro da guerra João Paulo dos Santos Barreto por haver feito semelhante nomeação, disse que o ministro demittira um doente para nomear um defunto. Francisco de Paula Vasconcellos contava então 61 annos, e achava-se enfermo; porem o *defunto* foi um excellente director; apezar de enfermo e velho, Vasconcellos mostrou muita actividade e zelo, enriqueceu a bibliotheca com obras novas e importantes, procurou obter para a Escola tudo quanto era preciso; fazia constantemente pedidos ao arsenal de guerra de objectos que julgava necessarios ao estabelecimento, e dizia o director do arsenal que só faltava Vasconcellos collocar o arsenal de guerra sobre duas rodas afim de leva-lo para a Escola Militar.

Tendo pedido demissão do cargo de director offerecerão-lhe os alumnos, dos quaes se fizera amar e respeitar, o seu retrato lithographado;e depois de benemeritos serviços prestados á patria durante cincoenta seis annos, contando setenta dous de idade, pereceu Francisco de Paula Vasconcellos em 10 de julho de 1859 no posto de marechal do exercito reformado.

---

(1) Acha-se mal organisado o archivo da Escola; apezar da boa vontade do secretario e dos outros empregados custámos muito a colligir estas noticias não só por falta de documentos como tambem pela má coordinação dos livros antigos.

O decreto de 20 de setembro de 1851 separou o ensino das applicações militares dos outros estudos que fazião o objecto da Escola Militar creando a Escola de Applicação, e um curso de infanteria e cavallaria na provincia do Rio Grande do Sul.

Reconhecendo haver lacunas no regulamento da Escola Militar tratou o governo de obter do corpo legislativo pelo § 3 do art. 5º da lei de 30 de julho de 1856, a competente autorisação para reformar as escolas militares existentes no Imperio; e usando dessa autorisação promulgou o regulamento e decreto de 1 de março de 1858 dando nova organisação as escolas militares.

Por esta reforma organisou o ministro Jeronymo Francisco Coelho a Escola Militar em Escola Central, a Escola de Applicação da Praia Vermelha tornou-se Escola Militar e de Applicação; supprimio o curso de infanteria e cavallaria do Rio Grande do Sul e creou em seu lugar uma escola militar preparatoria.

Ficou a Escola Central considerada como centro ou o tronco das doutrinas communs ás differentes especialidades da carreira militar; comprehendeu todas as doutrinas para a engenharia militar, para a engenharia civil, bem como as sciencias puramente mathematicas, as sciencias physicas e naturaes e os conhecimentos privativos aos officiaes do estado maior, aos das armas de artilheria, cavallaria e infanteria; fez-se a distincção do engenheiro civil do engenheiro militar, separando-se assim as doutrinas vastas, difficeis e variadas destes dous ramos da sciencia da engenharia; crearão-se differentes cursos, entre outros um curso preparatorio; ficou a Escóla sujeita ao regimen e disciplina militar; supprimirão-se os lentes substitutos e crearão-se os oppositores com serviço continuo e definido, e fixou-se a duração do anno lectivo em dez mezes em vez de nove, como era d'antes, eliminando-se muitos dias feriados.

Nomeado por decreto de 12 de fevereiro de 1856 director da Escola o brigadeiro Dr. Antonio Joaquim de Souza foi confirmado por decreto de 8 de março de 1858; mas por decreto de 17 de novembro desse mesmo anno foi exonerado por assim o haver pedido.

Por aviso de 18 de novembro de 1858 teve a direcção interina o marechal de campo Firmino Herculano de Moraes Ancora que em 13 de junho de 1859 entregou o cargo ao brigadeiro Pedro de Alcan-

tara Bellegarde, nomeado director por decreto de 17 de novembro de 1858, e demittido a pedido seu em 14 de abril de 1860.
Utilisando-se da autorisação outorgada pelo corpo legislativo o ministro Sebastião do Rego Barros modificou o regulamento das escolas militares por decreto de 21 de abril de 1860, dando melhor disposição ás materias e fazendo na despeza a reducção de 6:715$700.

Em 18 de janeiro de 1861 recebeu a Escola Central um regulamento especial e de disciplina, que logo depois foi modificado por outro que baixou com o decreto n. 3,083 de 28 de abril de 1863.

Exonerado do cargo de director o brigadeiro Pedro de Alcantara Bellegarde, veio exerce-lo o brigadeiro Manoel Felizardo de Souza e Mello que augmentou os laboratorios de physica e chimica, mandou fazer apparelhos de gymnastica, melhorou a bibliotheca e conservou na verdadeira disciplina e regimen militar o estabelecimento que regeu até fallecer em 16 de agosto de 1866.

Lente jubilado da Escola Militar, conselheiro de Estado, senador e ministro diversas vezes, sendo o primeiro que occupou o cargo de ministro da agricultura, commercio e obras publicas, dedicou Manoel Felizardo de Souza e Mello toda sua vida ao serviço do paiz, distinguindo-se por seu talento pratico e vasta instrucção profissional.

Nos seus impedimentos exercerão a direcção interina o brigadeiro Antonio Manoel de Mello e o coronel Galdino Justiniano da Silva Pimentel, que passou o governo do estabelecimento ao marechal do exercito reformado José Maria da Silva Bethencourt; nomeado director interino por aviso de 18 de agosto de 1866, tornou-se este effectivo por decreto de 21 de janeiro de 1867; mas em 19 de setembro de 1874 foi exonerado por haver a Escola passado para o ministerio do imperio sob o titulo de Escola Polytechnica; e em 10 de dezembro de 1875 pereceu este venerando cidadão tendo sepultura no cemiterio de S. Francisco de Paula. Assumio a direcção interina o lente mais antigo, Dr. Ignacio da Cunha Galvão, que em 11 de outubro de 1875 entregou-a ao visconde do Rio Branco nomeado director por decreto de 13 de setembro do mesmo anno.

O decreto nº. 5,600 de 25 de abril de 1874 separou a Escola do ensino militar que lhe estava inherente, consagrando-a ás sciencias naturaes e physico-mathematicas, sob o nome de **Escola Polytechnica**;

transformou-a em um grande centro de instrucção profissional superior consagrado ao conhecimento das sciencias exactas. Pela quarta vez mudou o estabelecimento de nome, e na nova organisação scientifica foi dividido em um curso geral e seis especiaes ; o curso geral tendo por objecto a instrucção preliminar e commum a todos os outros, e os especiaes constando de especialidades profissionaes definidas pelos respectivos titulos a saber ; 1°, curso de sciencias physicas e naturaes; 2°, de sciencias physicas e mathemathicas ; 3°, de engenheiros geographos ; 4°, de engenharia civil ; 5°, de minas ; 6°, de artes e manufacturas.

O decreto de 9 de fevereiro de 1876 nomeou lentes cathedraticos os seguintes substitutos:

Dr. José de Saldanha da Gama para a 1.ª cadeira e Dr. Joaquim Duarte Murtinho para a 2.ª cadeira do 1°, anno do curso de sciencias physicas e naturaes : Dr. Americo Monteiro de Barros para a 1.ª cadeira e Dr. Ernesto Gomes Moreira Maia para a 3.ª cadeira do 1.° anno do curso de sciencias physicas e mathematicas ; Dr. Domingos de Araujo e Silva para a 2.ª cadeira do 2.° anno do mesmo curso ; e Dr. Antonio de Paula Freitas para a 1.ª cadeira do 2.° anno de engenharia civil.

Por decretos da mesma data tiveram nomeações effectivas de professor de desenho os Srs. Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, que pertenceu á extincta Escola Central ; João Maximiano Mafra, que era adjunto da mesma Escola ; aquella para a aula do 1 anno de engenharia civil, e este para a do 1.° anno de sciencias physicas e naturaes.

A abertura de novos cursos exigio nomeações interinas de lentes cathedraticos e substitutos quer para o curso geral quer para os especiaes; contratarão-se em França por tres annos os professores estrangeiros Ernest Guignet e Clement Jobert, o primeiro para o ensino de physica e chimica industrial, e o segundo para o de biologia industrial.

O actual director, visconde do Rio Branco reassumio o exercicio da cadeira de economia politica, estatistica e direito administrativo, na qual já conta mais de vinte cinco annos de magisterio.

O decreto de 22 de dezembro de 1876 creou uma aula prepa-

ratoria de certas e determinadas materias, que subrecarregavão o curso geral, tendo essa aula um professor e um substituto.

Levanta-se no largo de S. Francisco de Paula, entre as ruas do Theatro e da Lampadosa, o palacio da Escola Polytechnica, que se estende até a travessa da Academia.

Vê-se na frente uma escadaria de pedra que vae ter a uma rampa calçada de parallelipipedos e cercada lateralmente por uma balaustrada de granito semi-circular sobre base tambem de granito, a qual começando no umbral do edificio cérca de um lado os corpos lateraes da frontaria, e do outro, principiando em um pedestal de pedra, termina no topo da escada da frente. Deu o plano dessa escadaria o artista Honorato Manoel de Lima, devendo ornar o topo da escada e os pedestaes lateraes estatuas de marmore, que ainda se não collocarão. Tem o edificio dous pavimentos ; o corpo central, mais saliente, apresenta tres portas de archivolta no primeiro pavimento, tres janellas no segundo, um frontão recto e as armas imperiaes no tympano ; constão os corpos lateraes de quatro janellas com verga direita no primeiro pavimento, e quatro no segundo. Um attico circumda e occulta o telhado de todo o edificio.

Todas as janellas do primeiro pavimento são de peitoril e as do segundo de sacadas com grades de ferro.

A face posterior apresenta quatro janellas e uma porta com escada de pedra no primeiro pavimento, e no segundo cinco janellas.

Na face voltada para a rua do Theatro vê-se um corpo saliente com duas janellas no primeiro pavimento e duas no segundo, e treze janellas e uma porta no primeiro pavimento e quatorze janellas no segundo que se abrem para um jardim com gradil de ferro.

A face opposta mostra quatorze janellas no primeiro pavimento e qnatorze no segundo, que deitão para a rua e tres para um jardim.

A fachada deste palacio construida sob a direcção do brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos, é acaçapada e sem elegancia. Quem levantou semelhante construcção só pensou na solidez ; ha tal simplicidade e nudez em tudo, e tão máo gôsto na disposição das janellas e portas que não parece ser essa casa um estabelecimento de instrucção, e antes um quartel do que uma academia.

Collocado em uma praça central, emfrente da rua mais elegante,

e inteiramente isolado podia esse edificio ser um dos melhores monumentos da cidade; mas nunca seguio-se um plano, um desenho regular; aproveitárão-se as paredes do antigo templo, forão-se construindo diversos corpos sem ordem, sem symetria, e assim elevou-se essa casa que não tem elegancia, nem harmonia em suas partes; vimos que são differentes as faces lateraes; se uma tem duas janellas para a rua e as outras para o jardim, tem a outra quatorze para a rua e tres para o jardim, e nem são essas janellas de prospecto semelhante!

Quanto não seria conveniente se o governo, em vez de ter consumido muito dinheiro em diversos annos para augmentar essa casa, levantasse logo um palacio regular, baseado nas regras da arte e abrilhantado pelas bellezas da architectura!

Ha no primeiro pavimento o vestibulo lageado de cantaria, quatro salas occupadas pelo gabinete de physica, um amphitheatro, tres salas de desenho, duas salas do gabinete de chimica, duas do gabinete de physica industrial e chimica industrial, uma sala de aula e gabinete de anatomia, duas salas de mineralogia que servem de aula e gabinete dessa sciencia, quartos para serventes, latrinas e um pateo central cercado por uma varanda coberta e com o pavimento de mosaico de marmore, por onde passão os alumnos para dirigirem-se as aulas.

Vêem-se no segundo pavimento a sala da escada, onde terminão os dous braços semi-circulares da escada principal, a sala da portaria, uma sala na frente do edificio onde reune-se o Instituto Polytechnico, do qual é presidente o principe conde d'Eu; a sala da bibliotheca deste instituto, a secretaria com um retrato do Imperador feito pelo artista nacional Carlos Luiz do Nascimento e por elle offerecido á Escola em maio de 1851, a do archivo, duas da aula e gabinete de engenharia civil, a da aula descriptiva, um amphitheatro, uma sala do gabinete e aula de botanica, a thesouraria, a bibliotheca que conta seis mil volumes distribuidos em tres secções: de mathematicas, sciencias physicas e livros sobre materias extranhas ao curso academico, a sala de estudo, a do director, dos lentes e a da congregação e collação de gráos que é a maior, tem em uma face o throno imperial e na opposta o busto em bronze de Pedro I com o seguinte distico:

Dom Pedro
Esculpé á Rio de Janeiro en 1826
par Marc Ferrez
executé en bronze á Paris
por Fontaine.

Offerecido á Escola por Simão Diniz, aceitou-o a congregação dos lentes em 2 de maio de 1851, e determinou que fosse collocado no lugar em que se acha.

Além dessas salas ha em cada pavimento extensos corredores com janellas para o pateo central, e sob a parte anterior do edificio corre um sotão occupado pela sala e gabinete de astronomia e acommodações do porteiro.

Houve neste edificio no tempo de Pedro I uma escola de ensino mutuo, a primeira desse methodo creada no Brazil, da qual forão directores João Paulo dos Santos Barreto, Dr. João da Silveira Caldeira e José Saturnino da Costa Pereira ; era frequentada por militares e paisanos.

Houve tambem outra escola do mesmo systemo no primeiro pavimento do edificio da rua da Guarda Velha que servio de quartel general, depois de secretaria do imperio, e em 1876 foi cedido para lyceu de artes e officios ; era frequentada unicamente por militares inferiores que vinhão das provincias para aprenderem o methodo afim de ensinal-o aos corpos que pertencião, e regida pelo conselheiro João Paulo dos Santos Barreto.

Em 9 de setembro de 1856 os alumnos da Escola Central derão neste edificio um pomposo baile honrado com a presença das pessoas imperiaes em festejo do anniversario da independencia do imperio ; e tambem houve ahi em 1861 a primeira exposição nacional e em 1873 a terceira, as quaes vêm descriptas em artigo separado no capitulo em que se trata da Casa da Moeda.

A Escola Polytechnica confere os gráos de bacharel e de doutor, o primeiro aos alumnos approvados em todas as materias de qualquer dos dous primeiros cursos especiaes, e o segundo aos bachareis approvados plenamente em todas as materias, se obtiverem approvação nas theses que defenderem ; dá tambem diploma de engenheiro civil, engenheiro geographo, engenheiro de minas e engenheiro industrial ao alumno approvado nos respectivos cursos.

Compõe-se o corpo docente de vinte seis lentes cathedraticos, dez substitutos, e oito professores de desenho ; tem um director, um secretario, bibliothecario, agente thesoureiro, escripturario, amanuense, diversos preparadores e conservadores, porteiros, continuos e guardas.

No anno de 1876 matricularão-se nos differentes cursos 417 alumnos dos quaes 43 em materias de mais de um curso.

Mandou o actual director fazer diversas obras no edificio da Escola ; conseguio os compartimentos que estavão occupados pela repartição do estado-maior de artilheria ; construio o laboratorio de chimica industrial, dous amphitheatros, a varanda que circumda o pateo central, onde tenciona formar um horto botanico, e ornou quasi todas as aulas com carteiras—bancos do systema americano ; mas necessita ainda o estabelecimento dos meios de instrucção pratica, de modelos e instrumentos que facilitem a comprehensão dos alumnos ; falta-lhe um observatorio especial de astronomia, gabinete especial de geodosia e topographia; é ainda muito deficiente o gabinete de engenharia civil e tambem o de geometria descriptiva ; o ensino pratico está atrazado e assim ardua e difficil é para algumas intelligencias a comprehensão das diversas materias do curso ; todavia o digno e actual director, visconde do Rio Branco, homem provecto no ensino, de intelligencia esclarecida e elevada posição social, conseguirá em pouco tempo sanar esses defeitos que elle proprio reconhece em seu relatorio, e elevará a academia que dirige ao gráo scientifico que compete-lhe no ensino superior.

III

ESCOLA MILITAR

Separado o ensino das applicações militares dos outros estudos que constituião a Escola Militar creou o decreto de 20 de setembro de 1851, como vimos, a Escola de Applicação, e um curso de infanteria e cavallaria na provincia do Rio Grande do Sul.

Estabelecida na côrte a Escola de Applicação teve regulamento em 23 de janeiro de 1855 ; e em 1 de maio foi installada na presença do Imperador no local da fortaleza de S. João, comprehendendo não só o recinto interior dessa fortaleza, como tambem os terrenos e predios da chacara contigua comprada pelo governo para esse fim a Joaquim da Silva Nazareth, estendendo-se até as fraldas da montanha denominada Pão de Assucar.

Destinada a educação exclusivamente militar dos officiaes do exercito, e como complemento da Escola Militar da côrte, abrangeu a Escola de Applicação os estudos theoricos da arte da guerra, outr'ora professados naquella escola. Foi o ministro da guerra Pedro de Alcantara Bellegarde que deu-lhe regulamento, e nomeou para director do novo estabelecimento ao brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho.

Os avisos do ministerio da guerra de 13 e 22 de fevereiro de 1856 mandarão annexar a esta escola a fortaleza da Praia Vermelha e o edificio do Salitre junto da lagôa do Rodrigo de Freitas, onde outr'ora funccionou a fabrica da polvora.

Antes do anno de 1701 se fundára no morro fronteiro ao Pão de Assucar a fortaleza da Praia Vermelha, que não era mais do que um forte de pouca consideração, mas o vice-rei, conde da Cunha, levantou no plano proximo ao mar, onde o desembarque podia ser facil, uma nova fortaleza que foi concluida pelo marquez de Lavradio, que tambem preparou aquartelamento para a guarnição ; cedida essa fortaleza á escola, transferio-se para ahi em 1 de abril de 1856 o batalhão de engenheiros vindo occupar o quartel, outr'ora habitado pelo batalhão de deposito de recrutas.

Em 1 de junho installou-se a aula provisoria de mathematicas, para a qual vierão transferidos da Escola Militar todos os alumnos militares do respectivo primeiro anno de estudo, em numero de noventa ; em 1 de julho estabeleceu-se a aula preparatoria destinada á instrucção das praças de pret do batalhão de engenheiros, menores de 20 annos, e iniciarão-se os exercicios geraes de todo o corpo academico, fóra da escola, determinados pelo regulamento escolhendo-se para esses exercicios o campo do Leblon e os lugares proximos á lagôa do Rodrigo de Freitas.

Designado para ministro da guerra o brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho foi nomeado director interino, e depois effectivo da Escola de Applicação, o brigadeiro Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, hoje visconde de Santa Thereza e actual director.

Feitas diversas obras no interior da fortaleza, já em 1858 funccionavão ahi as aulas e outras repartições da escola ; que reformada por decreto de 1 de março desse anno teve novo regulamento e recebeu a denominação de Escola Militar e de Applicação.

Deu-se principio a um novo edificio para alojamento, salas de estudos e outras dependencias da Escola, conservando-se annexas a esse estabelecimento a fortaleza da Praia Vermelha e o edificio do Salitre, assim como tambem um picadeiro construido na rua do Areal.

O decreto de 21 de abril de 1860 alterou o regulamento da escola que passou a denominar-se só Escola Militar, comprehendendo

os estudos propriamente militares destribuidos em dous annos, sendo o segundo anno sómente destinado aos officiaes e praças dos corpos e armas scientificas.

O regulamento decretado em 28 de abril de 1863 reformando as escolas do exercito estabeleceu na Escola Militar para as tres armas de linha um curso de tres annos de estudo para a artilheria; dos quaes os dous primeiros erão especiaes á infanteria e cavallaria, e o decreto de 10 de junho do mesmo anno annexou ao estabelecimento um curso de todos os preparatorios necessarios para a matricula nos estudos superiores.

Desde dezembro de 1864 até principios de 1870 esteve fechada a Escola Militar por que composta em sua totalidade de alumnos militares correrão estes em defesa da nação ultrajada ; cheios do vigor da mocidade, briosos e dedicados á santa causa da patria forão esses jovens engrossar as fileiras dos exercitos em operação ; continuou, porém, a funccionar a escola preparatoria por serem seus alumnos mui jovens e sem a experiencia necessaria para supportarem as fadigas e as privações da campanha.

Em 1874 teve novo regulamento essa escola, consistindo o plano de estudo em um curso completo de engenharia militar dividido em preparatorio e superior, formando ambos um internato.

No primeiro, ensinão-se, em tres annos, as linguas vernacula, franceza, e ingleza, geographia, arithmetica, algebra, desenho-linear, historia universal, geometria, e trigonometria-plana, geometria-pratica, administração de companhias, e corpos, pratica das differentes armas do exercito, gymnastica, esgrima e natação.

No segundo, ou superior, as materias do ensino theorico são distribuidas por cinco annos, constituindo quatro cursos differentes ; do 1.°, e 2.°. annos para infanteria, e cavallaria ; do 1.°, 2.° e 3.°, para artilheria ; do 1.°, 2., 3.°, e 4.° para o estado-maior de 1.ª classe, e do 1.°, 2.°, 3.°, 4.°, e 5.° para engenharia.

Conforme a arma, ou o corpo a que pertence ou se destina o alumno, tem para o ensino theorico e pratico programmas especiaes.

Dirigem o estabelecimento um commandante, official-general que haja pertencido a corpos scientificos, uma vez que não faça parte do corpo docente, e um segundo commandante official superior [illegible] de arma scientifica ; ha um ajudante, um official de ordens,

um secretario, nove lentes cathedraticos, seis repetidores, dous professores e dous ou tres ajudantes dos professores de desenho, conforme o numero de alumnos; e para o ensino pratico dous instructores de primeira classe, dous de segunda, dous mestres de esgrima, um de equitação e um de gymnastica e natação. O numero dos alumnos eleva-se ordinariamente a trezentos.

Ergue-se o edificio da Escola Militar em uma grande praça no fim da praia da Saudade, entre os morros denominados Urca e Babylonia; consta de dous pavimentos; no primeiro ha no centro as muralhas de um reducto que tem accommodações para cinco peças, e de cada lado um portão e vinte oito mesaninos; no segundo ha na parte central, no fundo do plano do reducto, tres janellas e nos corpos lateraes vinte e oito janellas em cada um; nos extremos do edificio levanta-se um baluarte de duas peças, e um attico estendido em toda frontaria occulta o telhado.

E' um edificio vasto, dos maiores que possue a capital do Imperio, e se não tem boa architectura, nem magestade em sua fachada, manifesta a simplicidade, o aspecto grave e severo de uma praça de guerra.

A parte anterior e a lateral direita desse monumento são as mais elegantes, de mais recente e melhor construcção; deitão janellas para um pateo central cercado do lado esquerdo por outro edificio pertencente a escola, e no fundo pelo antigo quartel de deposito; no pateo estão os aparelhos de gymnastica, e fazem exercicios os alumnos; cerca-o na frente e do lado direito um longo corredor que abre communicação, no primeiro pavimento, para um grande salão de estudo, uma sala de aula e gabinete, sala d'armas, de arrecadação, do quartel mestrado o refeitorio com o pavimento de mosaico de marmore e mesas da mesma pedra; a despensa diaria, a cozinha, dous lavatorios com pias de marmore, dous salões occupados pelo batalhão de engenheiros, dous quartos de arrecadação e dous de inferiores do mesmo batalhão, duas latrinas de alumnos e duas prisões das praças do batalhão.

Na sala d'armas guardão-se a barraca de madeira que pertenceu ao general Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão na campanha do Paraguay, e um bello quadro da batalha do Campo Grande ferida em

16 de agosto de 1869, devido ao pincel do talentoso artista nacional Pedro Americo.

Ha no segundo pavimento quatro salões para dormitorios de alumnos, duas salas de arrecadação e tres de aula.

No corpo fronteiro do edificio vê-se do lado do pateo, uma lapida de marmore com a seguinte inscripção.

PETRO SECUNDO
D. G. CONSTITUCIONALI IMPERATORE
ET PERT. BRASILAE DEF.
FELICITER REGNANTE
AEDIFICII DESCRIPTIONEM EJUSQUE EXSTRUCTIONEM
POLIDORUS A' FONSECA QUINTANILHA JORDANUS
CURAVIT
A. D. MDCCCLXIV
IMPERII AUTEM XLIII

No edificio do lado esquerdo do pateo ha no primeiro pavimento a enfermaria dos alumnos, a das praças do batalhão, botica, cozinha dos doentes, a sala da aula de physica, a sala de ordens da Escola e a de ordens do batalhão ; e no segundo o gabinete de physica, a secretaria, a bibliotheca, a secretaria do batalhão, tres salas de aulas e o gabinete de hippiatrica.

Une-se este edificio a um corpo mais antigo, onde vê-se um salão avarandado em frente da capella da Conceição, que tem um só altar com o painel da Virgem, e é de antiga e pessima construcção. Junto da capella ha uma officina de carpinteiro do batalhão de engenheiros.

Ainda do lado esquerdo, porém, em edificios separados, estão a casa de banhos com seis banheiras, havendo duas grandes caixas d'agua junto de um dos baluartes da frente, a cozinha do batalhão, e a casa de natação com um apparelho especial para adestrar em secco os alumnos nos movimentos de natação que é exercida na enseada em frente do estabelecimento.

Na ala do edificio que se estende no fundo do pateo ha a sala da aula do batalhão, a de arrecadação de cavallaria e artilheria, a do estado-maior, o refeitorio do batalhão, e na parte posterior, a estribaria.

No terreno ao lado direito da escola estão em casas separadas, a despensa geral, a ferraria do batalhão, as latrinas das praças, a penitenciaria com seis cubiculos, onde são recolhidos os soldados que commettem faltas graves, e uma ermidasinha construida pelos soldados de engenheiros.

Fecha o recinto da escola do lado da praia Vermelha, assim denominada pela côr avermelhada da arèa, um extenso baluarte com vinte oito peças ; antiga fortaleza fundada nos tempos coloniaes, serve ainda hoje de defesa ao porto da capital, e de praça de instrucção á mocidade que se dedica á carreira das armas.

IV

COLLEGIO DE PEDRO II

Compadecido do abandono em que vivião os meninos orphãos, o Dr. Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, vigario collado da freguezia da Candelaria, pedio licença ao bispo para dar principio a um asylo, onde fossem recolhidos esses infelizes ; por provisão de 16 de dezembro de 1734 mandou o diocesano ouvir a camara sobre a pretenção do parocho, e em 16 de abril de 1735 informou a camara que aquelle vigario, com esmolas adquiridas, desejava dar principio ao referido recolhimento perto da igreja de Santa Rita.

Assim refere Balthazar da Silva Lisboa a origem do Seminario de S. Pedro, depois de S. Joaquim destinado para os meninos orfãos, aos quaes dava-se a educação conveniente para terem ingresso no estado ecclesiastico (1).

Protegendo esta instituição, determinou o bispo D. frei Antonio de Guadelupe dar-lhe existencia legal na seguinte provisão :

« A experiencia que temos de que nesta cidade e seus contornos se perdem muitos moços, que ficando orphãos de pai em tenra idade não têm quem os instrùa nos bons costumes e nas artes em que pódem aproveitar-se, e viver christã e religiosamente naquelles empregos

(1) Veja Annaes do Rio de Janeiro do Dr. Balthazar da Silva Lisboa, vol 5 pag. 111.

ecclesiasticos ou seculares para que tiverem genio e prestimo, nos tem movido a procurar remedio para este damno, não só por meio de um seminario, a que temos dado principio, na fórma do Concilio Tridentino, mas tambem por meio da instituição de um collegio, em que sejão recebidos e criados meninos orphãos de pais pobres, e desamparados de criação, os quaes no dito collegio sejão instruidos na doutrina christã, ler, escrever e na lingua latina, musica e instrumentos, como tambem nas funcções ecclesiasticas de que pódem ser capazes. Portanto, em nome daquelle Senhor, que foi servido dar-nos esta vontade, instituimos nesta cidade do Rio de Janeiro um collegio para criação dos meninos orphãos, nas costas da igreja de S. Pedro, nos chãos que se comprarão ao padre Manoel Marques Esteves, com porta para a mesma igreja, por detraz da capella-mór, juntamente com as casas que no lado da mesma capella estão fabricadas, e emquanto possa ser necessario para complemento da morada do mesmo collegio ; os quaes assistiráõ ao côro da mesma igreja, rezando com os capellães della. E terão um sacerdote que nós, ou os nossos successores, escolherem e deputarem de boa vida e costumes, o qual terá cuidado de criar os ditos meninos, ensinando-lhes a doutrina christã, e o santo temor de Deus, e os que não souberem, lêr, escrever e contar, e depois disso os mandará ensinar a lingua latina, a resar o officio divino e ceremonias da igreja, como tambem musica, a tocar instrumentos pertencentes a ella, segundo vir a capacidade de cada um. E em tudo se conformarão com o que se observa no collegio de meninos orphãos da cidade do Porto, excepto na sujeição do dito collegio, que fica pertencendo ao Ordinario, com cuja licença serão recebidos os meninos de ponca idade, *e christãos velhos, e que sejão brancos de geração, e de nenhuma sorte mulatos* ; porque como se ha de criar para o estado ecclesiastico, tendo para isso prestimo e vocação, devem ser de idade em que possam ser instruidos nos rudimentos da vida ecclesiastica, e juntamente de sangue para que della não sejam excluidos. E para constar desta nossa instituição mandamos passar a presente por nós assignada e sellada com o sello das nossas armas, nesta cidade do Rio de Janeiro, aos 8 de junho de 1739. Eu *José da Fonseca Lopes*, escrivão da camara ecclesiastica, subscrevi.— *Antonio.*— Bispo do Rio de Janeiro. »

Vê-se por essa provisão que o Seminario foi instituido nas costas

da igreja de S. Pedro, por trás da capella-mór, no lugar em que mais tarde construirão-se as catacumbas da irmandade, e que os meninos orphãos pobres que fossem mulatos não serião admittidos; mas não deve causar muito reparo tal declaração, pois naquelles tempos obscuros havia idéas absurdas e erroneas sobre o que se chamava limpeza de sangue.

Em 29 de outubro publicárão-se os estatutos do Seminario, que lembravão a severa disciplina dos claustros, e quasi os mesmos exercicios; fallando da recepção do habito dizião :

« A fórma do habito será de panno branco com uma cruz vermelha no peito, e quando o reitor lh'o lançar a primeira vez o benzerá na capella, em communidade, mas com a porta fechada e sem assistencia alguma de gente de fóra. Aqui lhe dará por sobrenome a vocação de algum santo que o menino escolher por sua devoção, porém de tal sorte que não se equivoquem uns com os outros ; e no fim do acto lhe cantará a communidade o hymno *Veni Creator Spiritus* com o seu verso e orações. »

Foi nomeado reitor o padre Sebastião da Motta Leite, e ficou o estabelecimento isento da jurisdicção parochial.

Augmentando-se o numero de alumnos conhecidos pelo nome de orphãos de S. Pedro, e sendo pequena a casa para contel-os, comprou o reitor ao capitão Antonio Vidal de Castilho o predio ao lado direito da igreja, construido em terreno da camara municipal, e sujeito a uma capella de missas instituida por D. Bernarda de Castello-Branco; comprada a casa para Seminario a camara perdoou os fóros.

Fallecendo Sebastião da Motta Leite, legou em testamento uma chacara sita na Gambôa em proveito do Seminario e alumnos, com a condição que nunca seria vendida nem obrigada a cousa alguma ; porém não respeitou-se a vontade desse bemfeitor, pois, corridos alguns annos, vendeu-se essa propriedade.

Por provisão do mez de dezembro de 1741 foi nomeado reitor o conego Manoel Freire, do qual já fizemos menção descrevendo a igreja de S. Pedro; nesse tempo obteve o Seminario um valioso legado de Ignacio da Silva Medella que em testamento legou aos orphãos de S. Pedro o rendimento da quarta parte de nove predios.

Fallecendo Manoel Freire teve a reitoria, pela provisão de 2 de outubro de 1750, o padre Luiz de Carvalho.

Augmentando-se a população, e o commercio, havendo mais agitação e ruido na cidade, e tambem crescido numero de alumnos no Seminario, reconheceu-se que não só a casa achava-se mal collocada no centro da povoação, senão que era pequena para os collegiaes; mas um homem bemfazejo. Manoel de Campos Dias, attendendo aos inconvenientes que soffrião os orphãos de S. Pedro, doou-lhes a capella de S. Joaquim erecta com faculdade do ordinario em provisão de 14 de janeiro de 1758 e começada a construir em 8 de agosto do mesmo anno.

Naquelles tempos rudes e atrazados não se esperava que o governo fizesse tudo, como acontece hoje: tomavão os homens bons a iniciativa quando se tratava de erguer uma igreja, fundar um asylo levantar um hospital; não havia a ambição e egoismo actuaes; e pensando muito os homens em outra vida, procuravão resgatar seus peccados com as boas acções praticadas no mundo.

Feita a doação da igreja resolveu-se edificar junto della uma casa para seminario dos orphãos: de feito comprou-se o terreno, deu-se principio a obra, de cuja direcção encarregou-se o reitor padre Jacintho Pereira da Costa, que, quando deixou o cargo, estava em grande augmento o edificio.

Em outubro de 1760 veio occupar a reitoria o padre Antonio Lopes Xavier, natural do Rio de Janeiro, que concluio a parte mais essencial do Seminario, para onde transferirão-se os alumnos nos primeiros dias do mez de dezembro de 1766.

Desde o dia em que os orphãos deixárão o predio da rua de S. Pedro e vierão para o edificio junto da igreja de S. Joaquim, tomárão por patrono este santo, e começárão a ser conhecidos por seminaristas de S. Joaquim.

Ainda existe, na rua de S. Pedro, junto á igreja, a antiga casa do Seminario dos orphãos; tem no primeiro pavimento uma porta, duas janellinhas de peitoril no segundo e duas no terceiro; entre as janellinhas do segundo andar ha um nicho, onde conservou-se mais de vinte annos a imagem do orago do Seminario; é um edificio acacapado, de remota construcção, e que lembra o principio do primeiro asylo da infancia desvalida nesta cidade.

Fallecendo o conego Antonio Lopes Xavier em 26 de janeiro de 1783, foi seu successor na reitoria o padre Alexandre Ferreira da

Rocha que pedio licença ao bispo para vender a casa da rua de S. Pedro, onde fôra o antigo Seminario, declarando em sua petição que esse predio, além de ser sobrecarregado com uma capella de missas, não era de utilidade aos orphãos porque nem por *dez patacas* por mez querião alugal-o; permittio o diocesano a venda á irmandade de S. Pedro, por escriptura de 26 de setembro de 1771, obtendo-se por elle 400$000 mais alem do que custara. (1)

A portaria de 26 de abril de 1779 designou para reitor o padre Manoel Henrique Mairynch, natural do Rio de Janeiro, doutor em canones pela universidade de Coimbra, e conego da real capella; foi habil e zeloso administrador e occupou a reitoria até fallecer em 24 de outubro de 1805, tendo jazigo na igreja de S. Pedro.

Veio substituil-o o padre Placido Mendes Carneiro, homem virtuoso e tão casto que jamais seus proprios amigos ouvirão-no pronunciar uma palavra deshonesta; rejeitou a nomeação de bispo; construio os quartos da frontaria do Seminario e em seu reitorado concluirão-se as torres da igreja.

Usavão os seminaristas de tunica, barrete e murça de baetilha branca com uma cruz vermelha de S. Pedro ao peito, e um cinto de cadarço preto; no interior do Seminario a tunica era de linho.

Por causa da cor de suas vestes erão appellidados *carneiros*, e os garotos quando encontravão-nos nas ruas puxavão-lhes pelas vestes imitando o balido das ovelhas, do que resultavão varias vezes contendas serias. Para mais decencia e economia requererão os seminaristas a mudança da cor do habito, e informado favoravelmente o requerimento pelo reitor, permittio o bispo em 17 de agosto de 1811 que usassem os seminaristas de habito, barrete e meias pretas e de cinto e murça roxos, e no interior da casa de gabinardo preto.

Reformou o reitor Placido Carneiro o artigo dos estatutos relativo a entrada dos alumnos, estabelecendo a entrada solemne com assistencia das pessoas que quizessem honrar o acto; o alumno recebia o habito no templo, acompanhado de seus parentes e amigos: findas certas orações, revestido da tunica deitava-se no pavimento da igreja, e sobre elle espargião flores os convidados, seguindo-se um *Te-Deum*; quando, porem, os paes e tutores dos alumnos dispensavão estas ceremo-

(1) Veja Revista do Instituto Historico volume 19 pagina 528.

nias, entrava o seminarista simples e occultamente ; já se vê tambem que quando era pobre não podia ter *Te-Deum*.

Os alumnos resavão no côro os officios divinos como é uso nas casas regulares, a principio todos os dias, depois só ás quintas-feiras e domingos ; todas as noites entoavão o terço de Nossa Senhora, e assim que terminavão-o ião em communidade para o refeitorio.

Não era muito agradavel e nem muito farta a comida ; no jantar havia quasi sempre uma carne ensopada a que chamavão *Serra-bode*, e e quando apparecia carne assada, dizia o vice-reitor padre Francisco de Medeiros.

— Temos hoje carne *esbofeteada*.

Constava a ceia ou de arroz com camarão chamado *ponto e virgula*, ou de cangica denominada *lagrimas de Caim*. Durante o refeitorio um dos alumnos lia do pulpito a vida do santo do dia.

Os seminaristas acompanhavão ás procissões de *Corpus Christi* e de S. Sebastião ; os enterros solemnes dos irmãos de S. Pedro e outros para os quaes erão convidados, recebendo cada um uma esmola e uma vela de cera.

Havia tres classes de alumnos internos ; os ricos chamados pensionistas que pagavão 60$000 annuaes ; os menos ricos chamados meio-pensionistas que pagavão metade dessa quantia, e os pobres ou gratuitos ; havia tambem externos que pagavão ao professor que os ensinava, e erão conhecidos no Seminario por *casacas*.

Os alumnos pobres estavão sujeitos a certos serviços ; tocavão sino, varrião a igreja, servião de porteiro, e tiravão esmolas pelas ruas, indo dous ou tres, dos quaes um levava o gazophilacio e repetia ás portas das casas.

— Esmola para os meninos orphãos do Seminario de S. Joaquim.

O reitor Placido Carneiro acabou com esse uso inconveniente e improprio de uma casa de educação.

Dous fazião semana no côro de S. Pedro, dons no da Candelaria, e dous no da Misericordia; e se em alguma igreja havia falta de acolyto lá ia o seminarista pobre.

Em 1772 o abbade benedictino frei Manoel do Nascimento Pinhão pedio ao Seminario para servirem nas funcções da igreja e altar quatro alumnos pobres, que forão residir no mosteiro em cellas especiaes.

Coube ao seminarista Antonio Dias da Costa, que falleceu ha poucos annos, fazer semana na portaria e ao romper d'alva foi elle com bastante medo á igreja para acender as velas ; porém agitado, tremulo de susto, deixou cahir o caniço que apagou-se ; vendo-se nas trevas augmentou-se-lhe o medo, começou a tactear na escuridão, e fatigado, allucinado teve uma vertigem. Vendo o reitor que a igreja não se abria, mandou procurar o seminarista que servia de porteiro, e encontrarão-no timido, frio, e abatido ; desde então deliberou-se que ficassem dous seminaristas na portaria.

Sujeito á direcção do bispo tinha o Seminario um reitor e vice-reitor nomeados pelo prelado, um mestre de grammatica latina, um de canto-chão e um de musica ; se o seminirista queria aprender philosophia ou outra qualquer materia pedia licença ao reitor para ir estudal-a no Seminario de S. José.

Primavão no canto-chão ; por isso erão quasi sempre convidados para cantarem nas grandes festividades. E teve esse seminario grandes mestres de canto-chão, entre outros o padre Ignacio que enlouqueceu, e vivia em um cubiculo escuro, humido e com tantos ratos que tiravão-lhe a comida, o que levava o infeliz doudo a repetir :

— Senhores, deixem-me ao menos algum alimento.

Falleceu esse desgraçado no hospital da Misericordia no principio deste seculo.

Quando o principe regente D. João veio para o Brazil, e quiz celebrar com a pompa régia, que sabia dar as festividades religiosas, as ceremonias da semana santa, mandou buscar alguns seminaristas de S. Joaquim peritos em canto-chão para servirem no côro da capella real.

Os alumnos erão destinados á vida ecclesiastica ; e referio-nos Antonio Dias da Costa que, tendo se matriculado o alumno Luiz da Silva dotado de grande talento, terminados os estudos, e sem vocação para a vida da igreja, recusou ordenar-se, pelo que irritado o pai levou-o para a roça, deitou-lhe ferros aos pés e mandou-o trabalhar com os escravos ; o desgraçado enlouqueceu, victima do fanatico e estupido autor de seus dias !

Fazião-se na igreja do Seminario as festas de S. Joaquim, S. José e da Senhora das Dôres ; a primeira precedida de novenas, nas

quaes recitavão praticas os alumnos habilitados, e no dia da festa occupava o pulpito algum orador notavel.

O Seminario admittia 26 alumnos pobres, mas em virtude de tres legados de 1:200$000 cada um, feitos por Domingos de Souza Guimarães com o encargo de crearem-se mais tres lugares para meninos pobres e orphãos, determinou o bispo D. José Joaquim Justiniano Castello Branco que fosse o numero elevado a 29.

Recebia o reitor o ordenado annual de 200$000, o vice-reitor de 100$000, o mestre de grammatica latina de 100$000 ; o mestre de canto-chão de 32$000, e o cirurgião, barbeiro e boticario o de 25$000 cada um ; era o reitor quem designava os que deviam ser mestres, que recebião o provimento do bispo ; e tambem era elle quem informava os requerimentos dos meninos, que desejavão frequentar o Seminario, tendo assim toda autoridade temporal e espiritual na casa.

Veio substituir ao padre Placido na cadeira de reitor o abbade de Alverca, José dos Santos Salgueiro, nomeado pelo principe regente.

Conta-se que resentido o bispo D. José Caetano por ter o principe feito a nomeação do reitor, que até então fôra da alçada do diocesano, determinou não prestar mais ao Seminario o cuidado e desvello de que dera tantas provas.

Além de ignorante não interessou-se o abbade de Alverca pelo estabelecimento, que foi decahindo e perdendo a ordem, e a disciplina ; se o reitor era descuidado e inepto, o bispo não attendia mais ao progresso dessa casa de educação, que de dia para dia foi cahindo no descredito publico pelo deleixo do reitor e pelo abandono do prelado.

Estavão as cousas neste estado quando chegou de Portugal, em outubro de 1817 uma divisão de tropa, e sendo insufficientes os quarteis para accommodal-a, lembrou-se o governo do edificio do Seminario, que sabia-se estar decadente ; por decreto de 5 de janeiro de 1818 extinguio o estabelecimento ; removeu para o Seminario de S. José alguns alumnos que mostravão mais aptidão para a vida ecclesiastica ; outros forão admittidos no corpo de artifices engenheiros que acompanhara a divisão militar, como aprendizes de differentes officios mecanicos ; o edificio e suas dependencias forão considerados bens da corôa; seu patrimonio passou a pertencer ao de S. José

sustento de dez meninos orphãos e pobres que pelo menos deverião ser alli admittidos, e a igreja de S. Joaquim destinada para capella dos batalhões e corpos que compunhão a divisão, servindo de cabeça para uma confraria que se deveria formar de seus respectivos chefes.

O ex-reitor o abbade de Alverca continuou a receber o ordenado de 200$000 como empregado de repartição extincta, e o professor de grammatica latina 100$000 ficando considerado como substituto da cadeira dessa disciplina do Seminario de S. José.

Supprimio o governo violentamente essa casa de educação que era mantida pela caridade publica, tendo patrimonio proprio, instituido em beneficio de meninos orphãos e pobres; em vez de vinte e nove lugares apenas reservou dez para os meninos pobres; apossou-se de propriedades que não erão suas, que havião sido legadas em beneficio da pobreza e da orphandade, e transformou em quartel uma casa de estudo, e de educação.

Tinha o Seminario nove predios, dous na rua Direita, dous na rua de S. Pedro, um na da Ajuda, dous na das Violas, um na do Sabão e um na da Alfandega, além do legado de Ignacio Medella que rendia-lhe 500$000 annuaes pouco mais ou menos; desses predios seis erão de sobrado; e apezar de ter esse patrimonio que permittia-lhe viver por si, sem onerar a nação, acabou o governo com este instituto de ensino em uma cidade que necessitava tanto de estabelecimentos de instrucção. Estava o Seminario mal organisado, havia deleixo e erros em sua administração, não produzia resultados satisfatorios, porém convinha reforma-lo e não destruil-o; e se não havia quartel para a tropa jámais devia o governo ter expellido os meninos orphãos de sua casa para abrigar soldados. E não foi esse o unico edificio invadido e desviado de seu fim primordial e util; em 1818 os lazaros forão despedidos de seu hospital que recebeu o batalhão n. 3, e a capella de S. Christovão destinada para jazigo dos soldados desse batalhão, ficou considerada como filial da igreja de S. Joaquim, onde instituio-se uma confraria de militares, approvada por decreto de 28 de maio de 1818.

Corridos pouco mais de tres annos reparou o principe D. Pedro a injustiça praticada com os pobres orphãos, promulgando o decreto de 19 de maio de 1821 que annullou o de 5 de janeiro de 1818.

Diz aquelle decreto:

« Tendo-me sido presentes as supplicas de varios moradores desta cidade, que conduzidos por sentimentos de caridade e puro zelo em beneficio dos orphãos, instão pelo restabelecimento do Seminario de S. Joaquim, por não se poderem cabalmente preencher, pelas disposições do decreto de 5 de janeiro de 1818 os louvaveis fins que tiverão em vista seus pios instituidores e outros bemfeitores que o dotárão com legados e esmolas; e não podendo deixar de merecerem a minha real e especial consideração reclamações tão justas e mui conformes aos desejos que tenho de promover e auxiliar, quanto fôr possivel, a educação da mocidade, principalmente da classe daquelles que, privados pela sua orphandade do abrigo e cuidado paterno, ou por indigencia, lhes faltão os meios de adquirirem a instrucção precisa para que, chegados á maioridade, possão ser uteis a si, á Igreja e ao Estado, cuja prosperidade em grande parte depende da moral, costumes e instrucção publica e particular de cada um dos seus membros, sou servido ordenar o seguinte:

1.° Que se restabeleça aquelle Seminario na fórma em que elle estava antes do mencionado decreto de 5 de janeiro de 1818, desannexando-se dos proprios da corôa, em que foi incorporado o edificio com suas dependencias; do Seminario de S. José, as rendas que para alli passarão; e dos batalhões e corpos da divisão das tropas de Portugal a igreja, e revertendo tudo para o mesmo Seminario;

2.° Que o seu edificio seja entregue a Joaquim Antonio Insua, José Severino Gesteira e mais bemfeitores, para que na qualidade de syndicos, formem entre si uma junta, que ficará encarregada da administração economica e de quaesquer arranjos exteriores do Seminario, devendo publicar no fim de cada anno as suas contas:

3.° Que o conego da Real Capella, Placido Mendes Carneiro, a quem hei por bem nomear para reitor, pelas provas que tem dado da sua intelligencia, prudencia e virtudes que exige este importante emprego, ficando dispensado das obrigações do côro da Real Capella e conservando os seus vencimentos como se presente fosse, vá quanto antes morar dentro da casa do mesmo Seminario e me proponha, na forma dos estatutos, as pessoas que julgar mais capazes para occuparem os lugares de vice-reitor, mestres de grammatica latina e

canto-chão. O conde dos Arcos, etc. Paço, em 19 de Maio de 1821. — Com a rubrica do Principe Regente — *Conde dos Arcos.* »

Restituido o patrimonio ao Seminario concedeu-lhe o governo a quarta parte de uma loteria destinada para a Misericordia; o decreto de 23 de julho do mesmo anno supprimio a confraria dos militares instituida na igreja de S. Joaquim, e a portaria de 6 de novembro de 1824 concedeu ao Seminario o titulo de imperial por solicitação do reitor, frei Pedro Nolasco da Sacra Familia

Restabelecera D. Pedro o Seminario como fôra creado, sem dar-lhe mais desenvolvimento, melhor organisação e novo programma de estudo, conforme o progresso e necessidades da época, de que resultou permanecer o estabelecimento em uma esphera acanhada, e viver em estado muito pouco prospero.

Em 1831 constava essa casa de educação de uma cadeira de latim, outra de francez, outra de logica, e achava-se ahi estabelecida a cadeira publica de primeiras lettras, da freguezia de Santa Rita (1).

Em 12 de dezembro desse anno reformou-se o estabelecimento, crearão-se uma cadeira de primeiras lettras, uma de mathematicas, uma de desenho, e as officinas de lythographo, torneiro, abridor e entalhador, e devião os seminaristas estudar o jogo das armas, o manejo e exercicio da guarda nacional.

Estava o paiz em época de anarchia, havia commoções, perturbações politicas, lutas civis, e por isso queria o governo fazer de cada cidadão um soldado.

Mudou-se a natureza da instituição; já não era um Seminario, um collegio clerical, era um lyceo de officios, uma casa para artezãos; deu-se applicação diversa ao patrimonio instituido pelos bemfeitores, applicando-o, não em preparar padres, porém homens de officios mecanicos.

Os alumnos devião usar de jaqueta de duraque azul e bonet da mesma côr com tope nacional; ficou a instituição sob a direcção da camara municipal; e encarregado de sua administração o vereador Felippe Ribeiro da Cunha empregou tanto zelo que fez augmentar o patrimonio do lyceu, e executou no edificio obras importantes. Mas se

(1) Vide o « Diario do Governo » de 24 de outubro de 1834.

a parte material prosperava a moral decahia, por não se haver dado uma organisação apropriada ao destino do lyceu; tendo sido esquecidas muitas materias e artes necessarias á educação artistica.

O decreto de 2 de dezembro de 1837 deu uma reforma mais racional e conveniente ao Seminario de S. Joaquim, transformando-o em collegio de instrucção secundaria denominado: Collegio de Pedro II.

Diz o decreto:

« O Regente interino, em nome do Imperador o Senhor D. Pedro II, decreta:

Art. 1.º O Seminario de S. Joaquim é convertido em collegio de instrucção secundaria.

Art. 2.º Este collegio é denominado Collegio de Pedro II.

Art. 3.º Neste collegio serão ensinadas as linguas latina, grega, franceza e ingleza, rhetorica e os principios elementares de geographia, historia, philosophia, zoologia, mineralogia, botanica, chimica, physica, arithmetica, algebra, geometria e astronomia.

Art. 4.º Para o regimen e instrucção neste collegio haverão os seguintes empregados:

Um reitor, um syndico ou vice-reitor, um thesoureiro, e os serventes necessarios.

Os professores, substitutos e inspectores dos alumnos, que forem precisos para o ensino das materias do art. 3.º direcção e vigia dos mesmos alumnos.

No numero dos professores é comprehendido o de religião que será tambem o capellão do collegio. Um medico e cirurgião de partido.

Art. 5.º Poderão ser chamados para terem exercicio neste collegio os professores publicos desta côrte, de latim, grego, francez, inglez, philosophia racional e moral e rhetorica.

Art. 6.º Parte dos vencimentos dos professores será fixa, e parte proporcionada ao numero dos alumnos.

Os professores publicos do artigo 5.º gozarão tambem do beneficio dos vencimentos variaveis pagos pelo collegio.

Art. 7.º Serão admittidos alumnos internos e externos.

Art. 8.º Os alumnos internos pagarão a quantia que fôr annual-

mente fixada, para as despezas só proprias dos que morarem no collegio.

Art. 9.° Será pago pelos alumnos tanto internos, como externos, o honorario que a titulo de ensino, fôr fixado pelo governo.

Art. 10.° Este honorario terá a applicação marcada nos estatutos.

Nenhum honorario é devido pelo ensino dos professores do artigo 5.°

Art. 11.° O governo poderá admittir gratuitamente até onze alumnos internos e dezoito externos.

Art. 12.° O numero de professores, substitutos, inspectores e serventes do collegio, seus direitos e obrigações, bem como as do reitor, vice-reitor ou syndico e thesoureiro, a admissão de alumnos internos e externos, seus exercicios, ordem de estudos, sua correspondencia externa, premios, castigos, feriados, ferias, e outras disposições relativas á administração, disciplina e ensino são marcados nos estatutos que com este baixão assignados por Bernardo Pereira de Vasconcellos, ministro e secretario de estado dos negocios da justiça, encarregado interinamente dos do imperio.

Art. 13.° Ficão revogados os estatutos de 12 de dezembro de 1831 e mais disposições ou ordens em contrario.

Palacio do Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1837, 16° da independencia e do imperio.— *Pedro de Araujo Lima.*— *Bernardo Pereira de Vasconcellos.*

Mandou Vasconcellos, cuja biographia acompanha este capitulo, fazer grandes obras no edificio do antigo Seminario; transformou os cubiculos estreitos e escuros em salas claras, espaçosas e arejadas, e apezar de soffrer de paralysia, de estar incumbido de duas pastas e de ser o membro mais proeminente do ministerio, e por isso mais atarefado com muitos negocios, apparecia constantemente no collegio para apressar as obras e dar providencias necessarias. Em 31 de janeiro de 1838 publicou os estatutos do collegio, nos quaes especificou em 239 artigos as funcções do reitor, vice-reitor, dos professores e inspectores, o plano de estudo, o regimen economico, as condições para o bacharelado, e outras cousas necessarias á creação de um collegio de instrucção secundaria. Dividio o curso de estudos

em oito annos, no fim dos quaes recebia o alumno a carta de bacharel em lettras, e em 5 de fevereiro nomeou para reitor a frei Antonio de Arrabida, bispo do Anemuria.

Creado em dia de gala, no anniversario natalicio de D. Pedro II, inaugurou-se o estabelecimento em outro dia de festa nacional, em 25 de março, anniversario do juramento da constituição ; nesse dia, em 1838, comparecerão o Imperador, ainda menor e as princezas suas irmãs, e achando-se presentes o regente Pedro de Araujo Lima, depois visconde e marquez de Olinda, e todo o ministerio, recitou Bernardo Pereira de Vasconcellos um discurso, e finda a leitura entregou ao reitor o regulamento ; terminada a ceremonia ficou o edificio do collegio exposto ao publico.

Em 4 de abril mandou o Imperador entregar por seu mordomo 2:000$000 do seu bolsinho para os gastos do collegio; e desde então tornou-se o primeiro e mais dedicado protector desse instituto de educação, que nascia sob a protecção de seu nome. Contando já com este auxilio dissera Vasconcellos ao entregar ao reitor o regulamento do lyceu :

« *Anima sobretudo a certeza da poderosa protecção do Principe, cujo nome honra esta instituição, e cuja generosidade para com ella, gosto e applicação afiançam que o culto das lettras e das sciencias será um dos principaes titulos de gloria do seu reinado.* »

Em 27 de abril começárão a entrar os alumnos internos, e em 2 de maio abrirão-se as aulas. Instituido o collegio, a sociedade fundadora do theatro da praia de D. Manoel, depois S. Januario, fez-lhe o donativo de 2:000$000 e de seis bilhetes de cada uma das duas loterias annuaes concedidas por espaço de quatro annos por decreto de 29 de novembro de 1837, bem como do producto liquido de dous beneficios em cada um dos quatro annos da concessão ; e a empreza do Theatro Fluminense, hoje de S. Pedro de Alcantara, tambem offereceu uma parte do producto liquido de cada uma das duas loterias annuaes concedidas por seis annos por decreto de 30 de novembro do mesmo anno, e mais seis bilhetes de cada uma dellas, compromettendo-se a manter uma cadeira de musica e outra de declamação.

Vê-se que foi por influencia e a pedido do ministro Vasconcellos que essas emprezas fizerão semelhantes donativos ao collegio.

Como toda a instituição que começa, experimentou o collegio de Pedro II embaraços, irregularidades e faltas em seus primeiros annos de exercicio.

Estando o Seminario de S. Joaquim mal organisado, julgou o governo do rei mais facil destruir do que reformar o estabelecimento: tambem pouco fizera o principe regente D. Pedro restabelecendo o Seminario no mesmo espirito de disciplina religiosa e de cultura litteraria com que tinhão-no fundado ; o ministro José Lino Coutinho, que lavrou o decreto de 12 de dezembro de 1831, afastou o Seminario dos fins de sua creação, transformou essa casa de educação religiosa em um estabelecimento mecanico ; Vasconcellos, porém, em sua reforma respeitou a idéa dos fundadores do Seminario, dando-lhe mais desenvolvimento na parte litteraria, o que não só era necessario pelo progresso das sciencias, como tambem para satisfazer ás exigencias de uma vasta capital, pois seria uma anomalia reformar essa casa de educação em 1837 conservando-a no mesmo gráo scientifico com que fôra creada. Comprehendendo o fim da instituição do Seminario deu-lhe Bernardo de Vasconcellos em sua reforma grande importancia, favoreceu a sorte dos orphãos, proporcionou-lhes instrucção para seguirem outra carreira além da ecclesiastica, transformou o mesquinho e acanhado estabelecimento do bispo em um collegio modelo, vasto e de condições litterarias muito mais amplas, honrou os alumnos com o titulo de bacharel, e aproveitou do modo mais util e mais sabio o velho Seminario.

Os alumnos devião trazer casaca verde com botões amarellos e chapéo alto de pello.

Em 25 de junho de 1839 exonerado a seu pedido do cargo de reitor o bispo de Anemuria, foi nomeado no dia seguinte para substituil-o o Dr. Joaquim Caetano da Silva que leccionava no collegio grammatica portugueza, rhetorica e, por fim grego.

O decreto de 1 de fevereiro de 1841 reduzio a sete annos o curso de estudos, e o decreto de 7 de novembro de 1842 revogou a disposição do artigo dos estatutos que mandava que houvesse banquete no dia da destribuição dos premios.

Havia em cada anno tres premios e tres menções honrosas ; o alumno que obtinha o primeiro premio recebia uma corôa de louro e um livro de encadernação rica ; o que obtinha o segundo recebia

só o livro, e o que tinha o terceiro um livro menor, ou de encadernação mais simples ; consistião as menções honrosas em beijar a mão das pessoas imperiaes (1) ; porém o regulamento de 1855 supprimio as menções, e ordenou que se proclamassem os nomes dos alumnos approvados com distincção que são os unicos que podem ser premiados, e o regulamento de 1857 abolio a corôa de louro.

Terminada a destribuição dos premios os reitores apresentão ao ministro do imperio os bacharelandos, que prestão sobre o Evangelho o seguinte juramento :

« *Juro manter a religião do Estado, obedecer e defender a S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II e ás instituições patrias, concorrer quanto me fôr possivel para a prosperidade do Imperio e satisfazer com lealdade as obrigações que me forem incumbidas.* »

Conservando-se o candidato de joelhos o ministro do imperio o proclama bacharel em lettras, e pondo-lhe na cabeça um barrete de setim branco diz-lhe :

« *A lei vos declara bacharel em lettras, cujo grão espero honreis tanto quanto o haveis sabido merecer.* »

Durante a ceremonia da destribuição dos premios e collação do grão uma orchestra, collocada no salão, toca variações de musica, e termina o acto com o discurso do professor de rhetorica. Recebe o bacharel uma carta que isenta-o de exames preparatorios nas academias do imperio, a qual era assignada pelo ministro e pelo reitor, porém desde 1858 começou a ser assignada pelo inspector da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte e pelo reitor.

Tendo sido dispensado o Dr. Joaquim Caetano da Silva do cargo de reitor em 28 de novembro de 1851, foi nomeado encarregado dos negocios do Brazil na Hollanda ; no fim de alguns annos voltou para a patria onde exerceu os cargos de inspector geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte e de director do archivo publico ; e em 27 de fevereiro de 1873 pereceu em Nictherohy, legando ao paiz uma obra monumental *L'Oyapoc et L'Amazone* que perpetuou seu nome entre os dos sabios.

No mesmo dia 28 de novembro de 1851 foi nomeado reitor do collegio o capitão de mar e guerra reformado José de Souza Corrêa,

(1) O aviso de 27 de abril de 1872 abolio o beija-mão.

que em julho de 1855 pedio demissão, e falleceu em 21 de abril de 1871. Assumio o cargo de reitor interino o professor de latim Jorge Furtado de Mendonça, até 10 de setembro em que entrou de exercicio o Dr. Manoel Pacheco da Silva, nomeado reitor em 28 de julho de 1855.

O decreto de 17 de fevereiro de 1855 approvára novos estatutos para o collegio e estabelecera novo plano de estudos.

Admittia o collegio alumnos externos e internos na mesma casa, porém por decreto de 24 de outubro de 1857 foi dividido em um Externato e um Internato estabelecido em uma chacara no Engenho Velho ; deu-se novo plano de estudos, creou-se uma cadeira especial de historia e chorographia do Brazil, e foi escolhido para reitor do Internato o Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rego. Em fevereiro de 1858 entrou o Internato em exercicio.

O decreto de 22 julho de 1859 creou a cadeira de doutrina christã e historia sagrada ; o aviso de 10 de agosto de 1860 mandou recolher ao thesouro nacional as apolices do Collegio provenientes da venda de seus predios, e fazer ahi todos os pagamentos e arrecadação de dinheiro relativos a esse estabelecimento, supprimindo o decreto de 17 de novembro do mesmo anno o cargo de thesoureiro.

O decreto de 1 de fevereiro de 1862 alterou o regulamento relativo ao curso de estudos ; o de 1 de fevereiro de 1868 elevou a 30 o numero dos pensionistas gratuitos ; novo plano de ensino determinou o decreto de 1 de fevereiro de 1870, estabeleceu exames finaes de certas materias e de sufficiencia de outras, supprimio a aula de italiano, o ensino da dansa, e deu muito desenvolvimento pratico e litterario ao estudo das linguas.

Escolhido para aio dos principes, filhos da princeza D. Leopoldina, o Dr. Manoel Pacheco da Silva deixou o cargo de reitor, que principiou a ser exercido em 27 de agosto de 1872, pelo conego José Joaquim da Fonseca Lima, actual reitor.

Em março de 1866 pedira demissão de reitor do Internato o Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rego, sendo substituido pelo monge benedictino frei José de Santa Maria Amaral. Em 1874 foi designado para reitor interino o monsenhor Felix Maria de Freitas Albuquerque, e em 1875 foi nomeado reitor interino o Dr. Cesar Augusto Marques que é o actual.

Em fevereiro de 1875 matriculou-se no primeiro anno de estudos do Externato o principe D. Pedro, filho do duque de Saxe e da princeza D. Leopoldina, e o decreto de 1 de março de 1876 alterou os regulamentos determinando que o curso de estudos consistiria das seguintes materias :

Religião e historia sagrada, portuguez, latim, francez, inglez, geographia e cosmographia, historia universal, mathematicas elementares, philosophia, rhetorica, poetica e litteratura nacional, grego, allemão, chorographia e historia do Brazil, physica e chimica ; historia natural.

Estabeleceu o mesmo plano de estudos no Internato e no Externato; creou, porém, professores privativos para cada estabelecimento, ficando cada um com dezeseis professores; supprimio a classe de repetidores do Internato, bem como a dos explicadores do Externato, e em seu lugar instituio em cada estabelecimento uma classe de substitutos, dividindo para esse fim as materias do ensino em sete secções, cada uma das quaes com duas subsecções ; marcou 1:200$000 para vencimentos annuaes dos substitutos, que terão mais o que houver de perder o professor nos dias que faltar.

Determinou o decreto de 1 de março de 1876 que o alumno approvado em todas as materias, menos uma, poderá, com despacho do reitor, fazer novo exame dessa no principio do anno seguinte ; terá igual permissão o alumno que fôr reprovado em duas materias, tendo sido approvado com distincção nas outras do mesmo anno ; que o alumno reprovado tres vezes consecutivas na mesma materia não poderá continuar no collegio ; que perderá o seu lugar o alumno gratuito que fôr reprovado duas vezes no mesmo anno do curso de estudos ; que não poderá continuar o alumno contribuinte ou gratuito que por duas vezes consecutivas deixar de prestar exame do mesmo anno ; e que as aulas, que abrião-se em 3 de fevereiro e encerravão-se em 31 de outubro, se abrissem em 1 de março e se encerrassem em 15 de novembro.

O collegio de Pedro II admitte alumnos externos, meio-pensionistas e pensionistas ; as duas primeiras classes no edificio do Externato e os pensionistas no Internato ; todo alumno quer de uma quer de outra classe paga a matricula annual de 12$000, excepto os gratuitos ; o alumno externo paga 24$000, o meio pensionista

40$000 por trimestre, e o interno da primeira classe 105$000 e os da segunda 80$000 por trimestre, encarregando-se a familia de fornecer, lavar e engommar a roupa.

Além do reitor, tem cada estabelecimento um vice-reitor, sendo o actual do Externato o padre mestre João Pires de Amorim e o do Internato o Dr. João José Moreira ; ha mais um secretario, um escrivão, diversos inspectores de alumnos e criados.

O governo admitte no Internato trinta alumnos gratuitos ; e no Externato quinze meio-pensionistas não havendo numero fixo para os externos gratuitos.

Em 1876 foi o Internato frequentado por 162 alumnos, e o Externato por 239.

Desde 1843 a 1876 tem recebido o grão de bacharel em lettras 428 alumnos, dos quaes um em 1873 não quiz prestar o juramento por se dizer republicano, e por isso não recebeu o gráo.

Tem o imperial collegio de Pedro II experimentado consecutivas reformas, algumas feitas precipitadamente e sem criterio ; e se ainda não está em circumstancias de satisfazer a todas as necessidades do ensino, se ainda ha lacunas e faltas em seus regulamentos, todavia póde dizer-se que é o primeiro instituto de instrucção secundaria que possue o paiz; e quer por termos a carta de bacharel adquirida nesse collegio, quer por pertencermos, aliás immerecidamente, ao corpo docente, julgamos que não nos compete avançar outras idéas em seu abono.

Estando desde longa data por acabar o edificio do Externato mandou o ministro do imperio Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira Andrade que se concluisse o edificio e se reformasse a parte já feita, dando-lhe outro aspecto e elegancia; dessa tarefa encarregou o architecto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva que concebendo um plano geral de reedificação executou-o com muita sciencia e gôsto. (1)

Acha-se o edificio do Externato na rua larga de S. Joaquim, e estende-se até ás da Imperatriz e da Prainha ; olha a face principal para a rua de S. Joaquim apresentando no primeiro pavimento, revestido de cantaria, cinco janellas de peitoril que vierão substituir

(1) Veja no fim deste capitulo a biographia deste artista.

os oculos e o portão que ahi havia, e no segundo outras tantas janellas de sacadas com balaustres de marmore ; um attico corôa esta assim como as outras faces reconstruidas.

O cunhal do edificio quer na rua da Imperatriz quer na da Prainha formava um angulo agudo de muito máo effeito, que o architecto Bethencourt fez desapparecer arredondando-o ; dando mais latitude ao da rua da Imperatriz levantou ahi um portico de cantaria com duas pilastras no primeiro pavimento, e duas no segundo, e na parte superior acroterios com estatuas de marmore ; abrio no primeiro pavimento tres portas, vendo-se sobre a do centro um escudo de bronze com a legenda *Pedro II*, e os emblemas do fumo e café, e no segundo tres janellas com sacadas isoladas de balaustres de marmore, estando a central entre duas columnas. A face voltada para a rua da Imperatriz, que constava de alguns oculos no primeiro pavimento e duas janellas de peitoril no segundo, apresenta actualmente nove mesaninos guarnecidos de cantaria no primeiro e nove janellas rasgadas no segundo.

Na rua da Prainha a parte reconstruida consta de dez mesaninos e uma porta no primeiro pavimento e onze janellas rasgadas no segundo ; e o resto desta face, que está como na primitiva, conta quatorze janellas de peitoril no segundo pavimento, sete mesaninos arredondados, tres janellas de peitoril e uma porta no primeiro.

A portaria do collegio, ainda não reformada, mostra o portico no primeiro pavimento e duas janellas de sacadas de grades de ferro no segundo.

Nas partes reformadas o architecto levantou o madeiramento mais de um metro;substituio os oculos de cantaria por mesaninos quadrangulares, dando luz e ar ás salas, sem podel-as devassar os transeuntes das ruas circumvizinhas, e substituio as antigas janellinhas por janellas de 3^m, 19 de altu ra sobre 1^m, 43 de largura.

Era este edificio de aspecto triste, e acaçapado, indicando pelas janellinhas, pelos oculos fechados com varões de ferro seu destino primitivo de collegio de padres; mas actualmente com as alterações feitas pelo habil artista, apresenta-se grandioso, e quando concluido será um dos melhores monumentos do Rio de Janeiro, e digno de servir de séde a primeira universidade que se crear no Brazil.

Penetrando no interior vemos no primeiro pavimento a portaria com o pavimento ladrilhado de marmore, a sala do porteiro, seis salas de aulas, a capella, o refeitorio, a sala do vice-reitor, a dos professores, quartos de criados, casa de banhos, cozinha, despensa e as latrinas, as dos alumnos em um elegante chalet no centro de um pateo ajardinado, as dos inspectores e professores em lugar separado.

Ha no centro do edificio um pateo sombreado por grandes amendoeiras, e onde estão armados os apparelhos de gymnastica; teve outr'ora no centro um poço que o reitor José de Souza Corrêa mandou tapar; é cercado na face da frente e ao lado direito por uma varanda ladrilhada de mosaico de marmore e com gradaria de ferro entre arcos de alvenaria.

Em uma das salas do fundo do pateo, ha trinta annos, um alumno disparou n'aula um tiro de pistola sobre um seu condiscipulo que o esbofeteára; se outro estudante não lhe tivesse impellido o braço no momento da arma disparar, ter-se-hia dado um assassinio. O governo expulsou do collegio ambos os alumnos, o que deu o tiro e o que deu a bofetada.

Na portaria ha uma escada cujo primeiro lanço é de pedra e o segundo de madeira, a qual conduz ao segundo pavimento, onde vêem-se a bibliotheca que conta 4,000 volumes, a secretaria onde ha um retrato de D. Pedro II feito em 1837, o salão de exames, tres salas de aulas, a sala do retrato com o retrato de D. Pedro II, os aposentos do reitor e os do vice-reitor, e o salão do bacharelado que mede 37^{m} de extensão sobre 10^{m}, 65 de largura e 7^{m}, 4 de altura, dimensões que mostrão que é muito extenso em relação á largura. Cingindo-se a essas dimensões antigas deu o architecto Bethencourt da Silva tal fórma ao tecto e ao soalho que disfarçou convenientemente os defeitos de construcção. Tem o salão na entrada tres portas, no fundo a tribuna da musica, á direita dez janellas para a rua da Prainha e á esquerda outros tantos vãos correspondentes, sendo seis de janellas que dão para um pateo, uma entaipada pela parte angulosa do edificio, e tres portas que communicão com a bibliotheca e o corredor que vae ter ao vestibulo; o soalho fórma um lindo mosaico de preciosas madeiras do paiz constituindo florões e festões de côres vivas e variadas, e delicados arabescos; é esse soalho um lindo e rico specimen da opulenta flora brazileira, sentindo-se que nossa

industria não esteja ainda assaz adiantada para serem aproveitadas em moveis, e objectos de arte e luxo essas madeiras de côres variegadas, de forte consistencia e desenhos admiraveis.

Revestidas de estuque-lustre formão as paredes apainelados coroados de grinaldas de rosas e louros e com filetes dourados; nas vinte e tres sobreportas estão gravados entre lindos enfeites de esculptura os nomes de Euler — symbolisando as mathematicas, Demosthenes a rhetorica, Horacio —a poetica, Lucena—a litteratura portugueza—Bazilio da Gama—a litteratura brazileira, Xenofonte—a lingua grega, Cesar—a latina, Bossuet—a franceza, Gœthe — a allemã, Milton — a ingleza, Rossini — a musica, Raphael — o dezenho, Elias — a gymnastica, Anchieta—a doutrina christã, Calmet— a historia sagrada, Thucydides—a antiga, Gibbon — a media, Guisot—a moderna, Gandavo— a do Brazil, Platão— a philosophia, Cuvier—as sciencias naturaes, Kepler — a cosmographia, e Strabão—a geographia; materias estas que constituem o curso do bacharelado em lettras.

Nos angulos da entrada levantão-se duas cariatides colossaes em misula, symbolisando a cidade do Rio de Janeiro, cingem coroas douradas, e com os braços sustentão a cimalha onde erguem-se escudos das armas imperiaes, e as settas de S. Sebastião, antigas armas da cidade; entre as duas portas da frente ostenta-se o throno imperial com dragões bragantinos dourados e cortinas de velludo verde. Consta a tribuna da musica de uma varanda recta com balaustrada corrida sobre um embazamento ornamentado e sustentado por quatro cariatides, sendo as duas dos extremos de corpo inteiro apoiando capiteis, e as do centro symbolisando genios a distribuirem corôas e palmas; na parte superior ha um frontão em alto relevo com as armas imperiaes e emblemas da musica perfeitamente executados. Enchem o tecto cinco paineis constituindo cada um um rectangulo de lindos lavores formando bellos ovaes, em cujos angulos veem-se caprichosos enfeites de folhas de carvalho e louro, flores representadas por folhas de acantho e rosas, e nos angulos do painel central baixos relevos symbolisando as artes, as lettras e as sciencias physicas e as mathematicas; oito molduras ricamente douradas guarnecem na sanca geral os bustos em relevo de Shakespeare, Camões, Virgilio, Tasso, Galileu, Dante, Homero e Socrates.

Modilhões e cariatides, lindos ornamentos de folhas de louro, carvalho e rosas, e outros enfeites de primoroso gosto e poesia tornão esse tecto uma tela de linda perspectiva, digno de figurar em um palacio de rei e uma obra prima que recommenda o nome do artista que a concebeu e executou. Toda a ornamentação do salão é do estylo de Luiz XV modificado pelo gosto moderno.

O visitante que penetra nesse recinto e abaixa os olhos para o soalho ou eleva-os ao tecto, examina as paredes ou contempla os ornatos fica deslumbrado; as maravilhas da arte como que absorvem-lhe a vista e o pensamento; encarando os bustos dos homens notaveis que alli estão, as cariatides, as flores, as coroas, os modilhões e outros objectos julga-se arrebatado para esses palacios encantados que a imaginação dos poetas creão e os grandes artistas realizão; ha ahi a grandeza da concepção, a atmosphera das artes, a inspiração do genio, que fazem desse recinto não um salão, porem um templo de gloria para o artista que ideou e executou essa obra.

Em um dos lados corre uma archibancada com balaustres dourados destinada aos professores, e ergue-se uma tribuna para o orador.

Inaugurou-se esse rico salão em 27 de fevereiro de 1875.

A capella e outras dependencias do Externato estão estabelecidas em um dos corredores e no antigo consistorio da igreja de S. Joaquim, que por ter sido sempre considerada pertencente ao collegio deve ser aqui descripta.

Levanta-se este templo entre o edificio do Collegio e a rua de S. Joaquim, tendo a frontaria voltada para a parte mais larga dessa rua; mostra o portico de granito, com frontão curvo, tres janellas no côro com vidraças, o entablamento sobre o qual ergue-se um segundo corpo com um oculo e o frontão recto; as torres, separadas do corpo central por duas pilastras, são altas, elegantes e tem os corucheos de fórma pyramidal. E' de estylo barroco e manifesta a côr triste e sombria com que os annos santificão as igrejas.

No interior não ha altares, nem imagens, nem cirios, nem lampadas, nem ornatos; ha muito que se não ouvem ahi canticos sagrados, não se percebe a voz do sacerdote e nem se sente o perfume do incenso. Começou a profanação deste recinto em 1818 quando vierão os soldados substituir os seminaristas; alguns annos depois regressarão os alum-

nos, mas a igreja foi-se arruinando, o culto diminuio e por fim tirarão-se os santos, os paramentos, e ficou o templo despido, abandonado, entregue ao pó, ás aranhas e aos ratos. Em seus cinco altares vião-se do lado da epistola a Senhora das Dores e S. Bom Homem, do lado opposto S. José e a Senhora da Conceição e no principal o orago.

Que festas esplendidas se não dedicarão a essas imagens, que hymnos maviosos não lhes consagrarão os seminaristas; quantos devotos não vierão ajoelhar-se perante ellas, inflamados pelo ardor da fé e carregados de offertas; quantos seminaristas não ajoelharão-se ahi pedindo ao ceo intelligencia para vencerem os estudos, e vocação para abraçarem a vida casta e santa do sacerdocio!

Teve essa igreja seus dias de esplendor e gloria; ahi entoavão os seminaristas hymnos de festa e alegria e tambem orações tristes e funebres pelos seus condiscipulos, que sepultavão-se na capella-mor, mas com o tempo desapparecerão as imagens, apagarão-se os cirios e fecharão-se as portas do templo. Pensou-se em demoli-lo para dar psssagem á locomotiva da estrada de ferro D. Pedro II, que deveria chegar até ao mar, na Prainha; mas não realizou-se esse projecto. Estando o templo abandonado requereu a sociedade propagadora das bellas-artes a sacristia e um dos corredores afim de transportar para ahi as aulas do lyceo de artes e officios; de feito em 1 de fevereiro de 1859 inaugurou-se ahi o lyceo que depois chegou a occupar quasi toda a igreja.

Deu-se ao menos um fim util, instructivo e humanitario a esse velho edificio; a casa que já não servia para a oração, passou a servir para a instrucção; se alumnos já não vinhão orar nesse recinto, vinhão ahi aprender e a casa arrebatada ao culto religioso ficou para ensino do povo e cultivo das artes e sciencias.

Vê-se por trás da igreja um sobrado com cinco janellas de peitoril no segundo pavimento e cinco portas no primeiro. Era ahi a antiga portaria do Seminario, servio depois de habitação dos reitores do Collegio, foi occupado pelo Instituto Commercial e passou a pertencer ao lyceo de artes e officios que breve deve deixa-lo, assim como a igreja, pois em 1876 concedeu o governo outro edificio para as aulas do lyceo.

A igreja foi entregue por ordem do governo ao reitor do Externato o conego Fonseca Lima que tenciona reconstrui-la e reviver a

irmandade de S. Joaquim que outrora existio ; porem appareceu na imprensa a idéa de demolir-se esse antigo edificio para dar a rua de S. Joaquim a mesma largura em toda sua extensão, o que na verdade era um melhoramento para a cidade ; mas projectando-se fundar uma nniversidade no edificio do Externato poderá esta igreja servir de capella ao estabelecimento universitario, e assim se conservará um templo erguido pela caridade publica, devendo-se antes demolir outras igrejas de pessima construcção, que ha muito deverião ter desapparecido para belleza e importancia da capital do Imperio ; accresce que em vez de demolirem-se a igreja e os predios contiguos para dar regularidade á rua de S. Joaquim seria mais conveniente empregar capitaes para alargar outras ruas que percorrão maior extensão da cidade.

Acha-se o Internato do collegio de Pedro II na chacara n. 1 da rua de S. Francisco Xavier ; tem na frente um muro e um gradil de ferro, que fecha um jardim com cascata, esguinho e plantado com elegancia ; no fundo do qual ergue-se o edificio assobradado com dous pavimentos, tendo no primeiro tres portas e quatro janellas de peitoril e no segundo sete janellas com uma grade de ferro de uma só peça.

Estão no primeiro pavimento a capella, onde guarda-se a antiga imagem de S. Joaquim, que pertenceu á igreja, a sala da reitoria, a dos professores, a bibliotheca, a prisão dos alumnos, a rouparia, sete salas de aulas, o refeitorio, casa de banhos, latrina, despensa e cozinha, e vê-se no centro um pateo ajardinado e circumdado de uma varanda com ladrilho de marmore, a qual abre communicação para as aulas e outras dependencias da casa.

Ha no segundo pavimento tres dormitorios, a enfermaria dos alumnos, e os aposentos do vice-reitor; quanto ao reitor reside em uma casa construida ao lado esquerdo do edificio, a qual tem um só pavimento com uma porta e tres janellas de peitoril.

A grande chacara que circumda o edificio serve para os exercicios gymnasticos e recreio dos alumnos; que annualmente festejão com muita devoção e pompa a imagem do antigo orago do estabelecimento.

Possue o Externato um vasto edificio que o actual reitor conego Fonseca Lima, mandou reconstruir ; introduzio agua em todo o estabelecimento, preparou um novo refeitorio; substituio o lagedo dos corredores por ladrilho de marmore; fez um salão de estudo, me-

lhorou os laboratorios de physica, chimica e mineralogia, augmentou os apparelhos de gymnastica, abrio um jardim na parte posterior do edificio, que tornou mais saudavel e clara essa parte da casa; construio novas latrinas e collocou nas salas bancos-carteiras; assim acha-se o Externato convenientemente preparado. Mas não acontece o mesmo ao Internato, cuja casa construida para moradia particular não tem commodos sufficientes para os alumnos, as salas de aula não acanhadas, os dormitorios pequenos, os laboratorios insignificantes, as latrinas pessimas e contão-se outros defeitos que o actual reitor Dr. Cesar Augusto Marques tem se esforçado por destruir, mas ha lutado com muitos embaraços, inherentes ao edificio, e que inutilisão sua boa vontade.

Tem o governo despendido grandes sommas com reparos, augmentos e aluguel dessa casa que não tem proporções necessaria, nem condições para um bom estabelecimento; não seria, pois, mais judicioso e util ter levantado um predio vasto para os alumnos que ahi vivem e aprendem? Se o Externato tem um bom edificio, não deve tambem o Internato, com maior razão, estar em condições de offerecer aos alumnos todos os commodos e confortos, para que assim ambos estabelecimentos prosperem ambos, e constituão dignamente o collegio que se honra com o nome do Imperador do Brazil! Haja um bom Externato, haja um bom Internato e o imperial collegio de Pedro II progredirá e será considerado como o primeiro estabelecimento de instrucção secundaria do paiz.

BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS

Em Villa-Rica, hoje cidade de Ouro-Preto, nasceu em 27 de agosto de 1795, Bernardo Pereira de Vasconcellos filho do Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos e de D. Maria do Carmo Barradas, que enviarão-o aos doze annos de idade a Lisboa para cursar os estudos; mas aprisionado o navio foi o joven estudante levado á Inglaterra. Dahi regressou ao Brazil; frequentou os estudos no Rio de Janeiro; em 1813 dirigio-se de novo a Europa, e, matriculado na universidade de Coimbra, recebeu em 1818 o gráo de bacharel.

Dous annos depois voltava para a patria, e estabelecia banca de advogado no Rio de Janeiro; porém instado por alguns amigos, abraçou Vasconcellos a vida da magistratura, sendo despachado juiz de fóra de Guaratinguetá. Alguns annos mais tarde, estando em Ouro-Preto, obteve a nomeação de desembargador da Relação do Maranhão, e convidado em 1828 para fazer parte do ministerio, recusou esse honroso encargo.

Em 1831 foi escolhido para ministro da fazenda do primeiro ministerio liberal; em 1832 deixou de ser ministro; em 1833 estava em Ouro-Preto, onde surgindo uma revolta contra o presidente da provincia, o desembargador Manoel Ignacio de Mello Souza, depois barão do Pontal, que se achava ausente, assumio Vasconcellos a gerencia da provincia, como primeiro vice-presidente,

procurou dispersar os insurgentes; porém estes, senhores da cidade, conseguirão prendel-o.

Pôde Vasconcellos evadir-se, refugiou-se em S. [illegible], como forças, deu promptas e energicas providencias contra os rebeldes que forão batidos, e em pouco tempo voltou a cidade de Ouro Preto ao socego e paz; regressando o presidente, teve em Bernardo de Vasconcellos um poderoso auxiliar, um conselheiro fiel e dedicado.

Eleito para a camara dos deputados desde 1826 ganhou reputação de parlamentar distincto; a reforma do codigo do processo, chamada depois lei de 3 de dezembro de 1841, o acto addicional, o projecto do conselho de Estado e muitos outros trabalhos forão elaborados e discutidos por elle que, incansavel na tribuna e no gabinete, emquanto formulava um projecto, defendia outro com a habilidade e a logica que os grandes oradores possuem. Apezar de soffrer de paralysia do membro inferiores, dizem que proveniente de sua vida sedentaria e com [illegible] o estudo laborioso, parecia mais agil e [illegible] do que os outros, [illegible] menos um lugar em que ninguem podia vencer-lo, era na tribuna da assembléa.

Fallando de Bernardo de Vasconcellos disse o Dr. Justiniano [illegible] da Rocha: *Foi autor ou collaborador principal de quasi tudo o [illegible] nossos monumentos legislativos.*

Em 1834 occupou uma cadeira na assembléa da sua provincia, a qual se reuniu pela primeira vez, e ahi discutio e fez adoptar leis concernentes ao ensino publico, á abertura de estradas e á outros melhoramentos da provincia.

Nomeado ministro da justiça e interino do imperio, creou o collegio de Pedro II, e foi em 1837 a principal columna que sustentou a politica dessa epoca; em 28 de setembro de 1838 foi escolhido senador, em 3 de outubro tomou assento no senado; oppoz-se em 1840 a maioridade de D. Pedro II por julgar esse acto anti-constitucional, porém vencido nessa luta, cahio do poder; o imperador foi acclamado, e a casa de estadista apedrejada pelo povo.

Creado o conselho de Estado foi admittido nessa corporação, na qual gozou de grande preponderancia.

Era no gabinete, na tribuna, na imprensa um paladino inexpugnavel; foi autor do codigo criminal, collaborou nos periodicos

Sentinella da Monarchia e *Caboclo*; tornou-se chefe do partido conservador e distincto nas lutas parlamentares, onde alem da dialectica cerrada com que envolvia seus adversarios, usava do sarcasmo e ridiculo com um espirito que fulminava ; dizia esse estadista:

—A mentira é a verdade muitas vezes repetida.

Sendo paralytico e vendo um dia entrar no senado seu collega Manoel Alves Branco, depois visconde de Caravellas, que era coxo, disse Vasconcellos :

— Eu varro o senado e você ajunta o cisco.

Em 1849 obteve a grã-cruz da ordem do Cruzeiro e tambem a da legião de Honra por ter sido o plenipotenciario brazileiro no tratado matrimonial da princeza D. Francisca com o principe Joinville.

Falleceu tão habil estadista em 1 de maio de 1850 de febre amarella, e sepultou-se no cemiterio de S. Francisco de Paula; a assembléa geral enviou commissões para assistirem a seus funeraes, a camara dos deputados tomou luto por tres dias, e a assembléa provincial do Rio de Janeiro mandou uma commissão de cinco membros assistir á missa do setimo dia. Sobre a lapida de seu sepulchro lê-se :

B. P. DE VASCONCELLOS

E' um epitaphio simples, expressivo, eloquente, e o unico necessario para indicar a sepultura desse cidadão que nos annaes do parlamento e nos livros da legislação patria deixou especificados seus valiosos serviços prestados á nação.

FRANCISCO JOAQUIM BETHENCOURT DA SILVA

Em 8 de maio de 1831 o navio *Novo Commerciante* singrava as aguas do oceano, o céo estava limpido e azul, e o mar sereno e calmo, quando repentinamente ouvio-se um vagido em um dos cubiculos da embarcação ; era um menino que nascia ; o mar embalou-o como as aguas do Nilo embalarão o berço de Moysés. Seus paes Joaquim Bethencourt da Silva e D. Saturnina do Carmo Bethencourt da Silva ambos portuguezes, abençoarão-n'o, e desembarcando no Rio de Janeiro forão hospedar-se em casa de um parente abastado que os mandara vir de Portugal.

O menino foi baptisado na igreja parochial da Gloria, recebendo o nome de Francisco ; estudou primeiras lettras com o professor Francisco Joaquim Nogueira Neves ; em 1842 entrou para a aula de latim do padre Agostinho, no anno seguinte matriculou-se na academia das bellas-artes para ouvir as lições do distincto architecto Grand-jean de Montigny e obteve no curso de estudos diversos premios e menções honrosas.

Estava certo dia na chacara de seu professor de architectura, e vendo junto de uma janella um loureiro que tinha sido plantado por Grand-jean, quiz tirar uma folha.

— Não lhe toque, retorquio Grand-jean, detendo-o, essa arvore está virgem, e della só se arrancarão folhas para corôal-o quando o senhor fôr para Roma pelo premio de viagem.

Bethencourt da Silva agradeceu as palavras lisongeiras de seu mestre ; procurou entrar em concurso para a viagem á Europa, porem não foi o escolhido, apezar de alguns julgarem seu trabalho o melhor.

Em 1845 foi cursar as aulas de francez e philosophia do Seminario de S. José ; empregou-se como desenhista nas obras publicas; em 1850 entrou em concurso para o lugar de architecto da camara municipal e foi o escolhido ; nomeado em janeiro de 1851 exerceu esse cargo até 1859 ; nessa commissão projectou diversas obras, entre outras a parte superior da caixa d'agua do Barro Vermelho na rua do conde d'Eu ; um chafariz que consta de uma bella columna de granito erguido na praça Municipal ; um palacio para paço da camara dos deputados e uma arruação e divisão dos terrenos do mangue desde a praça da Acclamação até a rua de S. Christovão.

Em 1853 o ministro do imperio encarregou-o de desenhar o projecto e dirigir a construcção de um cenotaphio para as exequias da rainha de Portugal D. Maria II celebradas na capella imperial ; de trabalhos semelhantes nas igrejas de S. Bento e de S. Francisco de Paula incumbirão n'o o consulado portuguez e alguns portuguezes dedicados ao throno ; preparou Bethencourt da Silva todos essas obras gratuitamente, por ellas tecerão-lhe elogios, prometterão-lhe recompensas e pregaios ao seu zelo, dedicação e talento artistico mas... só restou lhe a gloria.

Gloria, pó e luz, como diz Victor Hugo, nuvem diaphana que envolve o artista, o escriptor, o poeta e rapidamente se desfaz, raio de luz que illumina os escolhidos de Deus, e depressa se apaga !

Organisada a companhia que se propunha a alargar e embellezar a rua do Cano, hoje Sete de Septembro, convidarão-se os artistas residentes no paiz para apresentarem o modelo das construcções que alli se deverião fazer, e entre mais de vinte concurrentes alcançou Bethencourt da Silva a gloria de ver seu trabalho escolhido e premiado

O estado de abatimento em que jazião as artes despertou nesse artista a idéa de fundar uma sociedade que reabilitando-as concorresse para seu adiantamento e prosperidade ; pedio o auxilio de todos para assignar os nomes de todos os artistas, e os productos de todas as artes; reunidas noventa e nove pessoas, em 23 de novembro de 1856, fun-

dou em uma das salas do edificio do Museu Nacional a sociedade propagadora das bellas-artes.

Em 20 de janeiro do anno seguinte, dia do santo que protege a cidade, para tornal-o tambem patrono das artes e dos artistas, inaugurou essa associação; elaborou os estatutos nos quaes entre outras medidas de muito alcance para as artes, consignou a creação de um lyceu de artes e officios em que se proporcionasse a todos os individuos nacionaes e estrangeiros o estudo das bellas-artes; de feito em 9 de janeiro de 1858 a sociedade propagadora fundou seu lyceu de artes e officios, que começou a funccionar na noite de 22 de março no consistorio da igreja do Sacramento. Em fevereiro de 1859 foi transferido para a igreja de S. Joaquim; no exercicio de 1865 a 1866 a assembléa legislativa concedeu-lhe o subsidio annual de 3:000$000 ; o decreto de 25 de fevereiro de 1871 deu-lhe o titulo de imperial e aos alumnos que nelle se distinguissem por seus talentos, applicação, aproveitamento e moralidade o uso de uma medalha de merito; em 1870 a 1871 foi elevada a dotação a 6:000$000, e actualmente é de 10:000$000.

Diversos ministros da corôa têm favorecido essa util instituição ; o ministro José Liberato Barroso alcançou do corpo legislativo a dotação de 3:000$000; o marquez de Olinda mandou fazer obras importantes no edificio do lyceu, comprou modelos e desenhos, e pagou o gasto do consumo do gaz ; o conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas concedeu-lhe uma penna d'agua; o conselheiro Paulino José Soares de Souza visitou o estabelecimento diversas vezes, decretou differentes obras, forneceu lampeões, modelos em gesso e elevou a pensão a 6:000$000 ; o conselheiro João Alfredo Correa de Oliveira além de mandar concertar e pintar as salas das aulas, mandou imprimir um compendio de geometria para uso dos alumnos, vir da Europa um laboratorio chimico e um gabinete de physica, elevou a subvenção a 10.000$000, deu ao lyceu o titulo de imperial, o uso de uma medalha de ouro, e condecorou os professores; e o ministro Dr.José Bento da Cunha Figueiredo deu para o lyceu o edificio onde estivera a secretaria do imperio, e condecorou o fundador e os professores.

Matricularão-se neste estabelecimento em 1876, 812 alumnos, sendo 619 Brazileiros, 166 Portuguezes, 7 Hespanhóes, 5 Italianos, 4 Francezes, 2 Allemães, 4 Inglezes, 3 Orientaes e 2 Paraguayos.

O lyceu de artes e officios é um instituto popular, a escola das classes operarias, o collegio do povo; ahi se não indaga da côr, da idade, da religião e da naturalidade do alumno; todos são recebidos e aprendem as sciencias nas suas applicações infinitissimas ás artes, e ás bellas-artes; instruem-se e moralisam-se; adquirem sciencia e a pratica do trabalho; tornão-se artistas ou artezãos, e cooperão para a moralidade, o progresso e a civilisação do paiz; e quando se considera que tão util instituição proveio da iniciativa particular, e tem caminhado, cada vez com mais desenvolvimento, quasi vinte annos, admirão-se a perseverança, a intelligencia e a força de vontade de seu instituidor que dotado de sentimentos generosos, fundou esse estabelecimento para o adiantamento intellectual e moral do povo, e creando o ensino para todos, merece de todos louvores e elogios.

O governo tem procurado premiar os serviços de tão dedicado artista concedendo-lhe condecorações e em uma das sessões da sociedade propagadora, honrada com a presença do Imperador, entregou-lhe este uma medalha offerecida pelos professores do lyceo ao digno fundador da instituição. (1)

Fallando deste instituto devemos tambem louvar e repetir muitos gabos aos professores que esquecidos de si, e dedicados ao bem de todos, se tem prestado a ensinar gratuitamente artes, officios e sciencias aos menos favorecidos da fortuna prestando assim relevante serviço á patria.

Em 18 de maio de 1858 Bethencourt da Silva foi nomeado adjunto da Escola Central, e actualmente é professor da mesma escola denominada Polytechnica; em 1859 foi escolhido para professor effectivo da academia das bellas-artes.

Em 27 de junho de 1862 foi nomeado architecto honorario da casa imperial.

Tendo fallecido o rei de Napoles Fernando II o governo imperial incumbio o artista do desenho e construcção de um catafalco para as exequias celebradas na capella imperial, e por esse trabalho, elogiado

(1) Esta medalha apresenta no verso o busto de Minerva circumdada de uma corôa de louros, e a seguinte inscripção—Sociedade Propagadora das Bellas Artes no Rio de Janeiro—e no reverso as palavras: Os professores do Lyceo O. D. C. ao seu socio instituidor F, J. B. da Silva em 20 de Janeiro de 1859.

por toda a imprensa, mereceu o artista o habito da ordem da Rosa, offerecendo-lhe os professores do lyceo a venera cravejada de brilhantes.

Em 1871 levantou por conta do Estado um mausoleo consagrado á princesa D. Leopoldina; esse monumento erguido no recinto da igreja cathedral respirava tanta poesia, tinha tão mimosos e delicados ornatos que encarando-o dizia-se logo que o architecto que o erguera era um poeta, e que a pessoa cuja morte se pranteava, era uma moça. Era uma elegia poetica, sentida como as do estro inspirado de Claudio Manoel da Costa.

Em 1872 preparou Bethencourt da Silva um arco de architectura dorica-romana que a guarda nacional levantou em festejo do regresso da Europa das pessoas imperiaes ; em 1873 foi o auctor do catafalco que ostentou-se na capella imperial nas exequias da duquesa de Bragança ; era um monumento melancolico, imponente e regio, da ordem corinthia, ao qual o artista imprimio as inspirações de seu genio, e as maravilhas da arte ; tudo era bello, bem apropriado e acabado artisticamente, sentindo-se que tão lindo artefacto de fulgòr artistico e engenho poetico não ficasse permanente.

O talento de Bethencourt da Silva ensinou-lhe o milagre de congraçar a arte barroca com a gothica nos pinaculos das torres da igreja do Sacramento, em cuja frontaria imprimio certo ar de grandeza e magestade que ostenta em suas obras.

Já mencionámos seus trabalhos primorosos no collegio de Pedro II; é seu o desenho da Escola Publica da praça do Duque de Caxias, a primeira que o governo mandou construir na capital do Imperio; é um bello edificio no estylo do renascimento, no qual patenteou o artista os recursos de sua imaginação e a vastidão de seus conhecimentos; é tambem seu o desenho do edificio da Escola da freguezia de Santa Rita, o do Instituto dos Cégos, cuja construcção começou ha pouco tempo; tem dado plano e dirigido a obra de diversos edificios da Santa Casa da Misericordia de que já nos occupámos; é o autor do desenho das praças de mercado da Saude e da Gloria; foi o architecto escolhido para erguer o edificio da escola normal que vae levantar se na rua da Relação, e para o asylo de caridade que a ordem terceira da Conceição projecta construir na rua do General Camara.

Filho do povo, nascido de paes pobres e obscuros, Bethencourt da Silva por seus talentos, trabalho e força de vontade conseguio na sociedade uma posição honrosa e digna; se não póde apresentar pergaminhos de nobreza herdados do berço,tem outros titulos que só o merito pessoal póde dar; distincto pela qualidade a mais lidima e nobre—a intelligencia—por ella e pelo esforço de seu braço alcançou um nome entre uma classe inteira, e as condecorações honorificas, o habito, o officialato e dignitaria da ordem da Rosa, que ornão-lhe a blusa de artista, e o distinguem muito porque significão em seu peito—merecimento e trabalho.

Bethencourt da Silva é tambem poéta; delle correm mimosas poesias; e assim devêra ser, porque é o espirito, a imaginação do poeta que completa as concepções, as obras grandiosas do artista, as quaes se podem chamar canticos magnificos.

V

INSTITUTO DOS CEGOS

José Alves de Azevedo, cégo educado em Pariz, regressando ao Brazil, sua patria, cuidou em fundar no Rio de Janeiro, um instituto onde seus companheiros de infortunio, os que como elle soffrião a desgraça da cegueira podessem ser recebidos, amparados e instruidos. Terminara brilhantemente o curso de estudo no instituto dos cégos de Pariz, colhera as melhores approvações, e merecera dos professores repetidos elogios. Moço intelligente, illustrado, conhecedor de todos os processos para o ensino especial dos cégos, dotado de genio emprehendedor, de espirito bemfazejo, era José Alves de Azevedo o predistinado para ensinar no Brazil aos que, como elle, não podendo vêr, não podião aprender ; era, porém, pobre, e para realizar sua idéa precisava de recursos que a fortuna lhe não concedera.

Vendo que não podia crear a escola para os cégos, tentou tornar conhecido o methodo que os instruia; e sabendo que o Dr. José Francisco Xavier Sigaud tinha uma filha céga offereceu-se o cégo para ensinar a menina céga.

Em pouco tempo manifestou tantos progressos essa menina que reconheceu-se ser o mestre muito habil e a discipula muito intelligente.

Sabendo o Dr. Sigaud do projecto que nutria Alves de Azevedo de estabelecer um instituto para os privados da vista, como medico da casa imperial apresentou ao Imperador o moço cégo, que expondo sua idéa, foi elogiado e acolhido com benevolencia ; o Imperador louvou-o, animou-o em seus humanitarios desejos e prometteu favorecel-o em tudo que estivesse a seu alcance.

Era então ministro do imperio o Dr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, hoje visconde do Bom Retiro, que comprehendeu a utilidade e importancia do projecto de Alves de Azevedo, e adoptou-o logo como seu ; propoz e obteve da assembléa legislativa autorisação para fundar na côrte um instituto de cégos,e dous dias depois publicava o seguinte decreto :

« Hei por bem, em virtude da autorisação concedida no § 2° do art. 2° do decreto n. 781 de 10 do corrente mez, crear nesta côrte um instituto denominado—Imperial Instituto dos Meninos Cégos— o qual se regerá provisoriamente pelo regulamento, que com este baixa, assignado por Luiz Pedreira do Couto Ferraz, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios do imperio, que assim o tenha entendido e faça executar.—Palacio do Rio de Janeiro, em 12 de setembro de 1854, 33° da independencia e do Imperio, com a rubrica de Sua Magestade o Imperador. »

Fôrão nomeados director o Dr. Xavier Sigaud, vice-director e capellão o conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1), e professor de instrucção primaria José Alves de Azevedo, que fez presente ao Instituto de sua bibliotheca em pontos, e de todas as machinas de escripta e chapas de algarismos para o estudo da arithmetica. Mas poucos dias antes da installação do Instituto falleceu o philantropico cégo, que tanto concorrera para crear-se em seu paiz um estabelecimento em que os infelizes como elle podessem adquerir instrucção que tanto lhe custara obter em terra estranha.

---

(1) Em 15 de janeiro de 1876 falleceu com pouco mais de 50 annos o conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, commendador da ordem de Christo, chronista do Imperio, professor de rhetorica e litteratura no collegio de Pedro II, secretario do Instituto Historico, socio de muitas sociedades litterarias, e autor de diversas obras historicas de primoroso lavor, que são munumentos de seu nome.

Foi esse cégo o anjo de olhos vendados que veio ensinar a derramar luz no espirito dos que, como elle, tinhão olhos fechados para a luz ; foi o primeiro guia, cégo é verdade, dos que precisão que todos os guiem, foi o primeiro mestre dos que vivem em noite continua, e se não experimentou o prazer de assistir á inauguração do instituto, teve a grande consolação de ter sido sua idéa adoptada e a de deixar seu nome gravado na instituição mais humanitaria do paiz.

Em 17 de setembro de 1854 inaugurou-se o Instituto dos cegos na chacara n. 3 do morro da Saude, proximo a praia do Lazareto, assistindo ao acto as pessoas imperiaes, o ministro do imperio, o director, o vice-director e numeroso concurso de expectadores de ambos os sexos ; nesse dia a arvore da caridade reverdeceu, e deu os mais sazonados fructos na terra de Santa Cruz.

Mas o prejuiso popular da inaptidão do cego para tudo, a crença então corrente de que quem não podia ver nada podia aprender contribuio para o definhamento da instituição; poucos alumnos matricularão-se, e pouco se ensinava porque o curso de estudo era de tres annos, composto de materias que constituem a instrucção primaria elementar.

Estava, porem, confiado o Instituto a um homem intelligente e emprehendedor como era o illustrado Dr. Xavier Sigaud e assim não podia mais desapparecer ; esforçou-se elle por desvanecer o preconceito que supõe no cego a atrophia de todas as faculdades ; procurou dar vida a instituição ; mandou publicar pela imprensa extensos artigos explicando os methodos especiaes do ensino, os resultados colhidos em outras nações ; ajudava-o nessa cruzada da caridade e da sciencia, o douto conego Fernandes Pinheiro ; dava a maior publicidade aos exames dos alumnos convidando para esse acto grande concurso de assistentes; porfiava para apresentarem os discipulos provas de sua aptidão e aproveitamento; assim foi destruindo os infundados prejuizos da inutilidade dos cegos, cooperando para que esses por si mesmos protestassem e provassem que para viver não precisavão estender a mão á caridade publica; e conseguio que todos comprehendessem que os cegos podião ler, escrever, contar, estudar musica e instruir-se nos preceitos da religião catholica.

[illegible] afastar o Dr.

[illegible]

[illegible] 15 de [illegible] desse

[illegible]

[illegible] parte

[illegible] aritmetica,

[illegible] em Marselha a 2 de

[illegible] Montpellier e os

[illegible] cirurgião

[illegible] real de medi-

[illegible] Asclepiades que

[illegible] de Janeiro, onde

[illegible] medicas;

[illegible] de março de 1829, a

[illegible] de medi-

[illegible] os estatutos,

[illegible] periodico

[illegible] da Saude;

[illegible] qual reco-

[illegible] da legião de

[illegible] e apezar

[illegible] dos cegos. Foi

[illegible] do Cruzeiro

[illegible] sociedades litterarias.

que deixe de lembrar ao governo, entre outras a de terem os cégos um palacio vasto para moradia; e em recompensa de sua dedicação pelo serviço publico foi condecorado, assim como todos os professores antigos da casa, em fevereiro de 1872.

Tendo o governo resolvido construir um edificio apropriado e de grande dimensão para moradia e ensino de meninos cegos de ambos os sexos, o Imperador D. Pedro II tornou-se o primeiro bemfeitor offerecendo o terreno para a edificação. Eis o decreto da doação feita pelo piedoso e illustrado principe :

« Hei por bem autorisar a Nicoláo Antonio Nogueira Valle da Gama, do meu conselho, mordomo de minha imperial casa, para mandar lavrar, com as formalidades legaes, escriptura da doação que faço ao Imperial Instituto dos Meninos Cegos de um terreno, contiguo ao Hospicio de Pedro II na Praia Vermelha, com cem braças de frente e os fundos que deverão ser medidos e demarcados, o qual me pertence por offerta que aceitei de José Ribeiro Monteiro, quando o houve por compra feita em 9 de setembro de 1846, a D. Jacintha Rosa de Castro.

Palacio da Boa-Vista, em 14 de Maio de 1872, quinquagesimo primeiro da independencia e do Imperio. Com a rubrica de S. Magestade o Imperador. *Nicoláo Nogueira Valle da Gama.* »

Encarregado de dar a planta dos compartimentos e divisão do edificio apresentou o Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães seu trabalho ao ministro do imperio que approvou-o por aviso de 22 de maio de 187[illegible], ao architecto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva incumbiu o governo do desenho da construcção.

Em [illegible] de [illegible] autorisou o ministro do imperio o lançamento da pedra fundamental do novo edificio, ceremonia que executou-se em presença de [illegible] ministro, commissario do governo, director e professores [illegible] pessoas de distincção.

[illegible] postou-se em frente uma guarda de honra [illegible] o acto pela distribuição dos premios [illegible] entregando-os o Imperador [illegible] a banda de musica dos meninos cegos [illegible] abertura ; seguiram-se diversas peças [illegible] compostas e executadas

pelos cégos, e um discurso recitado pelo director e outro pela alumna Elisa Pinto de Miranda.

Terminada a distribuição dos premios benzeu o capellão do Instituto a pedra fundamental que collocada em uma padiola, foi conduzida ao logar destinado pelo Imperador, pelo principe conde d'Eu, pelo ministro do imperio e o commissario do governo; o capellão espargio a agua da igreja sobre o terreno, e encerrada a pedra lançarão-lhe as primeiras colheres de cimento o Imperador e o principe.

A colher de prata, que servio nesta ceremonia, tinha a seguinte inscripção:

29 de Junho de 1872
Sua Magestade Imperial D. Pedro II
Collocou a primeira pedra do edificio
Destinado ao imperial instituto dos meninos cégos

Eis o auto de lançamento da primeira pedra:

« No anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e dous, quinquagesimo primeiro da independencia do imperio do Brazil, aos vinte nove dias do mez de junho, achando-se presentes no terreno situado á praia Vermelha, á 1 hora da tarde, o muito alto e poderoso Principe, o Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil; Sua Augusta consorte, a Senhora Princeza D. Thereza Christina Maria Imperatriz do Brazil, Sua Alteza a Princeza Imperial, a Senhora D. Izabel, Sua Alteza o Senhor Conde d'Eu, o ministro do Imperio o Sr. conselheiro Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira, o commissario do governo deste instituto conselheiro Dr. Antonio Felix Martins, o director do mesmo, bacharel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, o director do instituto dos surdos — mudos, Dr. Tobias Rabello Leite, o chefe de policia da côrte Dr. Ludgero Gonçalves da Silva, o general visconde de Santa Thereza, e mais pessoas de distincção abaixo assignadas, com o auxilio da Divina Providencia, Sua Magestade o Imperador lançou a pedra fundamental do edificio destinado ao imperial instituto dos meninos cégos, para o que, pelo mesmo Augusto Senhor, foi o supradito terreno doado por acto de quatorze de maio do corrente anno, tendo sido a referida pedra previamente benta, segundo o ritual romano, pelo reverendissimo monsenhor capellão do mesmo instituto,

Bernardo Lyra da Silva, cobrindo esta pedra a uma caixinha de madeira encerrada em outra de chumbo, contendo uma copia authentica deste auto, um exemplar da constituição politica do Imperio, os jornaes do dia e as moedas metallicas do Imperio. Para constar lavrei este auto em duplicata, para ser um dos exemplares recolhido ao archivo publico do Imperio.—Eu Benedicto Antonio Bueno, servindo de secretario do imperial instituto dos meninos cégos, o escrevi e assigno.—Seguem-se as assignaturas. »

Regressando ao pavilhão onvirão as pessoas imperiaes um discurso do capellão monsenhor Bernardo Lyra da Silva, outro do alumno Augusto José Ribeiro, findando a solemnidade com os vivas levantados ao Imperador, á familia imperial e á nação brazileira.

Erguido na praça da Saudade deve este edificio, que já se acha em adiantada const rucção, occupar uma superficie de 9,516^{m} quadrados, tornando-o um dos mais bellos monumentos as columnas jonicas colossaes do portico, as estatuas de marmore, a magestosa ornamentação e o aspecto elegante e imponente da frontaria.

Perpetuará essa grandiosa construcção os nomes do director do Instituto e do ministro que lançárão a primeira pedra, do architecto, e o de D. Pedro II que concedeu o terreno para esse magnifico palacio, que, dando asylo a 800 alumnos de ambos os sexos, poderá competir com as melhores casas de educação dos cégos que existem ; será um bello ornamento da capital do Imperio, um templo enriquecido dos primores d'arte, e regio e pomposo asylo da caridade.

Consistindo em um internato para alumnos de ambos os sexos, é presidido o Instituto por um director, tem um commissario, capellão, medico e ontros empregados.

O primeiro que occupou o cargo de commissario foi o marquez de Abrantes, que teve por successor o visconde do Bom Retiro, que ainda exerce esse honroso cargo, consagrando todo interesse e dedicação a esse estabelecimento que deve-lhe a origem.

Ha os seguintes professores: Monsenhor Bernardo Lyra da Silva, professor de religião; Dr. Pedro José de Almeida, professor de instrucção primaria, de historia e geographia ; Guilherme Lourenço Schulz, professor de piano e canto dos alumnos ; Raphael Coelho Machado, professor de musica instrumental e de harmonium ; D. Maria Benedita da Costa Guimarães, professora de francez ; D.

Adele Maria Luiza Sigaud, ex-alumna do Instituto, professora de piano; D. Rosa Albertina de Mello e Figueiredo, mestra de trabalhos de agulha.

Apezar da lingua ingleza não estar incluida no plano de estudos tem sido ensinada gratuitamente ha cinco annos pelo Dr. Antonio Carlos de Oliveira Guimarães, que actualmente tambem exerce o cargo de professor interino de mathematicas e sciencias naturaes, tornando-se credor de merecidos elogios por tão assignalado serviço prestado aos meninos cegos.

Os repetidores são os seguintes: Antonio Lisboa Fagundes da Silva, ex-alumno, repetidor de arithmetica e algebra e revisor da officina typographica; João Pinheiro de Carvalho, ex-alumno do instituto dos cegos de Pariz, mestre da officina de encadernação, repetidor de francez e da segunda classe de musica; José Pinto de Cerqueira, ex-alumno, repetidor de harmonia e contraponto; Possidonio de Mattos, ex-alumno, repetidor de instrucção primaria e mestre da officina typographica, e Leopoldina Maria da Conceição, ex-alumna, coadjuvante dos trabalhos de agulha.

Consta o Instituto de alumnos contribuintes e gratuitos; tem um patrimonio de 104:883$794; e entre os bemfeitores que tem contribuido para augmentar os recursos financeiros desta util instituição, devem-se memorar os nomes de Joaquim Ribeiro Guimarães, fallecido em 3 de março de 1873, que legou duas apolices de conto de réis, e o marquez do Bomfim cinco do mesmo valor recebidas em 19 de novembro de 1874.

O governo despende annualmente mais de 50:000$000 com este estabelecimento, que pelo actual regulamento só póde receber 30 alumnos; porém os ministros do imperio Drs. João Alfredo Corrêa de Oliveira e José Bento da Cunha Figueiredo permittirão que se elevasse o numero a 40, e actualmente conta a casa 41 alumnos.

Acha-se o Instituto dos cegos estabelecido no predio n. 17 situado na face meridional da praça da Acclamação; tem essa casa, despida de toda a architectura, dous pavimentos com tres portões e seis mesaninos arredondados no primeiro pavimento, e nove janellas com sacadas de grades de ferro no segundo.

Ha no primeiro pavimento a sala do refeitorio dos alumnos, que

tambem serve de sala de estudo, uma sala de estudo para alumnos de menor idade, uma pequena enfermaria, dous quartinhos para banhos, a rouparia, sala do engommado, despensa, a sala da officina de encadernação oude está a bibliotheca que conta 400 volumes, a da officina typographica, a qual tambem serve de aula de musica de sopro, a de officina de afinação de piano; e um salão de aulas onde vê-se o retrato de José Alves de Azevedo com esta inscripção:

«*José Alves de Azevedo, natural desta côrte, cego, fallecido a 17 de março de 1854 com 19 annos de idade. Primeiro que no Brazil mostrou o systema de instruir os cegos.* »

A officina de afinação de piano tem por mestre João Brasiel Madeira, ex-alumno do Instituto, casado e que da afinação de pianos por casas particulares sustenta sua mulher e dous filhos.

Vêem-se no segundo pavimento do edificio a sala de entrada onde estão os retratos dos marquezes de Olinda, de Abrantes e do visconde do Bom Retiro, e o busto em marmore do Dr. Francico Sigaud; lendo-se no pedestal, tambem de marmore, o seguinte:

« J. F. X. SIGAUD
COLLABORADOR DE
J. A. D'AZEVEDO
NA FUNDAÇÃO DO INSTITUTO
DOS MENINOS CEGOS
E PRIMEIRO DIRECTOR
DO MESMO INSTITUTO.»

Dá essa sala entrada para a capella consagrada a S. Rafael, padroeiro dos cegos, o qual é festejado em 24 de novembro de cada anno, celebrando-se nesse dia uma missa por alma dos bemfeitores do Instituto e outra no anniversario do fallecimento de cada um.

Ha a sala da secretaria onde está o retrato do Dr. Claudio Luiz da Costa, o salão das visitas, com os retratos do Imperador e da Imperatriz, que serve tambem de aula de musica para alumnos e alumnas; o refeitorio das alumnas, sala de estudo, uma pequena enfermaria, aula de musica das alumnas. lavatorio, quarto da inspectora, dormitorio das alumnas e tres quartos para aposentos do director e sua familia.

Ha no terceiro pavimento, em um sotão do predio, o quarto do inspector, os dormitorios dos alumnos, sendo um para os menores, outro para os medios, e outro para os maiores.

Não tem esta casa commodos sufficientes e apropriados, nem condições hygienicas; os dormitorios são pequenos e estreitos; são humidas e mal ventiladas todas as divisões do primeiro pavimento; a enfermaria dos alumnos é um quarto pequeno, humido, escuro e quasi sem ar; não ha salas sufficientes para as aulas; as officinas typographica e de encadernação estão entaipadas em pequenas salas, escuras e tão humidas que os papeis e livros estragão-se muito depressa; não ha espaço para recreio e exercicios gymnasticos; a enfermaria das alumnas é um pequeno quarto, e o director não tem commodos decentes e separados, vive encerrado com sua familia em tres pequenos quartos. Mas se este edificio está longe de satisfazer ás condições desejaveis de uma casa de educação desta natureza ja o governo acudio, como vimos, com louvavel empenho á esta necessidade, dando principio a um palacio destinado á instrucção e educação dos meninos cegos.

Facil é demonstrar a utilidade e importancia de semelhante estabelecimento.

Não ha muitos annos se considerava a cegueira como um mal irremediavel, uma desgraça só digna de compaixão, e o unico favor que a caridade julgava possivel fazer em beneficio dos cegos era crear asylos em que esses infelizes recebião sustento e vestuario, deixando-os, porém, entregues á seu infortunio, ás trevas da ignorancia iguaes as que cercavão-lhes os olhos; o cego era considerado um ente inutil, inepto para tudo, um fardo que se não era atirado ao precipicio, como ordenava Lycurgo, devia contentar-se com a esmola que recebia dos transeuntes da praça publica. Além de ter os olhos tapados para a luz, de viver sempre na noite, não podia ter um espirito reflectido, uma educação litteraria; seu coração e sua alma devião permanecer vazios, inuteis como seus olhos para a luz e para o mundo; vivendo como um ente nullo, não podia amar, gozar das delicias do coração, dos prazeres da intelligencia, devia existir sem olhos, sem coração, sem alma, sem educação, sem ensino, e da noite da vida passar para a noite do sepulchro. A luz da civilisação, porem, derramou-se sobre esses infelizes, e desde o seculo passado se procurou melhorar sua condição; a sciencia investigou todos os meios de remediar a sorte precaria dos que não vêem, abrindo aos cegos um vasto campo ao exercicio de sua actividade e intelligencia. Vantajosos resultados hão colhi-

[redacted] nações cultas na educação [redacted] no dos privados da vista, e

mesmo no Brazil, onde o ensino dos cegos conta pouco mais de vinte annos, onde ha apenas para sua educação um unico instituto, que poucos alumnos pode receber, e em tão acanhada residencia que pouca extensão e variedade se tem podido dar aos ramos do ensino pratico, tem-se assim mesmo obtido resultados satisfactorios, e se reconhecido que d'entre os alumnos, que hão terminado o curso de estudos, mais de 80 °/₀ vivem sobre si, exercendo profissões uteis que lhes hão fornecido meios de decente subsistencia para si e sua familia.

Além de D. Adele Sigaud, filha do Dr. Sigaud, primeira discipula de J. Alves d'Azevedo, a qual não só ensina piano no Instituto mas tambem toca orgão na igreja da Gloria, de D. Leopoldina Maria da Conceição, casada, coadjuvante dos trabalhos de agulha, de João Brasiel Madeira, mestre de afinação de pianos, têm sahido do instituto os alumnos: Firmino Rodrigues de Oliveira, antigo mestre da officina typographica do estabelecimento, que leccionava francez por casas particulares, sustentando sua mãi viuva, cega e pobre, da qual era o unico arrimo, é fallecido; Joaquim José de Aragão Cabral, excellente encadernador, empregado no Instituto, e professor particular de portuguez, fallecido; Scipião Merolli, mestre da officina de encadernação do Instituto, fallecido.; Carlos Henrique Soares, ex-repetidor de instrucção primaria e de religião no Instituto e professor por espaço de cinco annos de cathecismo, doutrina christã e historia sagrada do collegio Perseverança, fallecido; Luiz Antonio Gaudim Leitão, organista das igrejas de S. Francisco da Penitencia e da Lapa dos Mercadores; Francisco José Alves, excellente encadernador, officio que exerce com proficiencia na provincia de Minas-Geraes; Antonio Lisboa Fagundes da Silva, casado, repetidor do Instituto; Felismindo Nogueira da Costa residente em Campos, onde toca orgão nas igrejas, ensina francez em um collegio, afina piano e rege orchestras, é casado e mantem sua mãi viuva, sua mulher e uma irmã solteira; Possidonio de Mattos mestre da officina typographica do Instituto, e professor particular de piano; José Soares Pinto de Siqueira professor de musica, notavel pianista, organista da capella do hospital da beneficencia portugueza, e da capella do visconde da Silva; tem dado concertos nos theatros, e com seu trabalho sustenta sua mãi viuva, uma irmã solteira e dous irmãos menores; Antonio Teixeira do Rego, ainda alumno do Instituto, compositor de musica, do qual remetteu-se

para a exposição de Vienna uma collecção de seus trabalhos, e existe impressa uma Ave-Maria para canto e piano, linda composição sua.

Vê-se pois que corre ao Estado o rigoroso dever de dar aos cegos instrucção que possa garantir-lhes um futuro e habilita-los para o seio da sociedade. Ha no Brazil mais de 12,000 cegos que podem aprender, receber uma educação moral e intellectual, e sobre cuja sorte devem os poderes publicos velar, porque tanto são cidadãos os que vêem como os que não vêem. Não ha hoje um só ramo de instrucção primaria ou secundaria que seja interdicto ao cego, e estão ao seu alcance muitos officios, artes e industrias; e assim deve a nação cuidar desses seus filhos, recolhe-los, instrui-los educa-los, torna-los cidadãos morigerados e habeis, que possão entrar em concurrencia com os videntes no exercicio das lettras e das artes, e proporcionar-lhes um futuro seguro, e honesto chamando-os ao gremio da sociedade e da civilisação.

DR. CLAUDIO LUIZ DA COSTA

Em 26 de setembro de 1798 nasceu na cidade do Desterro, capital da provincia de Santa Catharina, Claudio Luiz da Costa, filho legitimo do sargento-mór João Luiz Ignacio da Costa e D. Maria Joaquina de Bethencourt. Concluidos em sua provincia os estudos preparatorios dirigio-se ao Rio de Janeiro, onde matriculou-se em 1814 na escola medico-cirurgica.

Desejando adquirir pratica da sciencia que devia professar, entrou como pensionista para o hospital da Misericordia, em cujas enfermarias manifestou o zelo e pericia que havião de distinguil-o na carreira de Esculapio ; e por sua applicação e tino encarregou-o um dos lentes das dissecções cadavericas para os estudos anatomicos, trabalho assiduo e fatigante que de tal modo deteriorou-lhe a saude que o joven estudante vio-se forçado a deixal-o. Completo o curso de estudos com as melhores approvações, alcançou a carta de cirurgião em 17 de abril de 1817.

Indo exercer na provincia da Bahia sua profissão medica contribuio na villa de S. Francisco do reconcavo para a organisação do club director do movimento revolucionario contra as tropas portuguezas do general Madeira; o presidente do club Miguel Calmon do Pin e Almeida, depois visconde e marquez de Abrantes, encarregou-o da collecta dos donativos pecuniarios para a caixa militar que se estabeleceu, e foi elle um [illegible] Barra, pertencente ao capitão-mór Joaquim [illegible] depois barão de S. Francisco, mais contri-

buio para o rompimento que deu-se na villa de S. Francisco em 29 de junho de 1822.

Acclamada a regencia do principe D. Pedro no Brazil, foi Claudio incumbido de redigir a acta desse acontecimento, e tambem de toda a correspondencia com a capital, na qual exagerava as forças do reconcavo, ardil que produzio salutares effeitos; por iniciativa sua foi enviado Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, depois visconde de Pirajá, á villa da Torre, para reunir a cavallaria miliciana e interceptar com ella a passagem do gado para a capital, servindo ao mesmo tempo de defesa contra as tropas do general Madeira.

Havendo necessidade de crear-se um hospital para as forças estacionarias no reconcavo, foi Claudio da Costa escolhido para organisal-o, o que fez gratuitamente, forneceu uma botica e dous escravos para serventes, e era elle o unico medico desse hospital e o unico das familias emigradas que vivião no reconcavo.

Apezar do encargo que exercia como homem da sciencia, da fadiga que causava-lhe o tirocinio medico, se não escusava a tomar a escopeta para resistir ao inimigo, ou para em noites tempestuosas postar-se de sentinella nos pontos mais perigosos.

Acompanhado do barão de S. Francisco e de outros cidadãos benemeritos conduzia sobre seus hombros o barro para erguerem-se reductos que defendessem a villa; então não lembrava-se que era medico, e como cidadão só pensava na defeza da patria.

Em 11 de agosto chegarão á villa de S. Francisco proclamações de Francisco Vicente Vianna, depois visconde do Rio das Contas, que na qualidade de presidente do governo estabelecido na capital da provincia, exhortava o povo a depôr as armas e a submetter-se ás autoridades constituidas pelas côrtes de Lisboa; mas forão immediatamente lançadas ás chammas por iniciativa de Claudio da Costa e ordem do coronel Bento Lopes Villas-Boas, depois barão de Maragogype; desse modo frustrou aquelle cidadão os planos dos Portuguezes, não deixando correr pelo povo escriptos que podião afastal-o do dever.

Dominado pelo fogo sacrosanto do patriotismo e guiado pelo anjo da caridade, era Claudio da Costa sentinella vigilante da patria e o guia, o consolador, o amigo dos que vacillavão, ou padecião as privações da campanha; todos o amavão, todos o respeitavão, porque elle

sabia ser bom para todos ; e servindo-se de seu prestigio conseguio abafar uma revolta que se pronunciou na tropa em 23 de outubro de 1822.

Os soldados apossarão-se de armas e munições, soltarão os presos, invadirão as tavernas, saquearão-n'as, embriagados forão atacar o batalhão de caçadores composto de 300 homens e mais 100 milicianos, que fazião guarda no convento de S. Francisco, que servia de quartel do commandante ; erão os revoltosos em muito maior numero, e encarniçada e sanguinolenta devia ser a luta ; mas em tão imminente perigo apparece Claudio da Costa ; novo Decio precipita-se no meio das fileiras, não para combater, porém, como o arcebispo de Pariz, para dirigir palavras de paz e de perdão. A attitude energica desse homem, a temeridade com que apresentou-se diante das baionetas maravilhou a todos, e houve um momento de geral estupefacção ; passada essa impressão repentina um soldado apontou a arma, e quiz fazer fogo sobre o medico inerme ; um corneta, porém, desviou-lhe o braço exprobando-lhe a acção de querer matar a esse homem caritativo que para todos abria seu coração, e procurava evitar nesse momento a effusão de sangue de irmãos por irmãos. Convenceu-se o soldado de que ia commetter um acto indigno, e arremessando a arma ao chão, correu a abraçar o Dr. Claudio que fallou aos soldados, chamando-os ao dever e á disciplina.

Tendo o commandante ordenado a guarnição de S. Francisco que fosse fortificar a fronteira, partio elle com seus companheiros de guerra, e na acção de 8 de novembro achou-se na ambulancia de Pirajá a soccorrer os feridos com os recursos da sciencia e os desvelos da caridade que tanto conhecia. Vendo um dia entrar na ambulancia alguns soldados pernambucanos com o firme proposito de matar os prisioneiros portuguezes, que jazião feridos, tomou da espada o cirurgião Claudio, e a pranchadas afugentou os scelerados ; honrando desse modo seu pergaminho e sua farda, e guardando as leis da guerra e da humanidade.

Voltou á villa de S. Francisco para regularisar o hospital que ainda lá existia ; encorporado ao exercito estacionado na fronteira empregarão-no na ambulancia da brigada da esquerda, mas existindo ahi um cirurgião-mór e dous ajudantes, pedio para passar ás fileiras dos combatentes ; e estava na primeira fileira da vanguarda na acção

de 3 de junho de 1823 quando vio cahirem a seu lado mortos e feridos muitos officiaes, entre outros o tenente Martinho Baptista de Oliveira Tamarindo, que mais tarde em palestras amigaveis com Claudio da Costa commemoravão ambos alegremente esses gloriosos dias de sua mocidade, esses serviços e perigos, sustos, prazeres, peripecias da guerra em prol da independencia da patria.

Na qualidade de cirurgião-mór do 4º batalhão de caçadores fez o resto da campanha, e em 2 de julho de 1823 ao som dos hymnos da victoria, das acclamações do povo entrou com o exercito libertador na cidade de S. Salvador da Bahia.

Claudio da Costa, o soldado da independencia, não recebeu um real de soldo, nem de gratificação; jamais quiz saber qual era sua etapa, cavalgadura e outras propinas, e quando restaurada a Bahia se lhe mandou abonar esses vencimentos cedeu-os em beneficio do Estado. Durante a guerra da independencia offerecera quatro de seus escravos e um carro com tres juntas de bois para os transportes do exercito, e arruinara sua fortuna de tal modo que para viver teve de dedicar-se ao exercicio clinico na capital da Bahia.

Homem moderado, justo e de probidade exemplar como Themistocles, apresentava-se sempre em defeza dos negociantes portuguezes a quem os anarchistas, os exaltados, abusando da victoria, perseguião, e espancavão para obrigarem esses pacificos estrangeiros a abandonarem o paiz, deixando riquezas que com tanto esforço e trabalho havião adquirido; ao mesmo tempo nos periodicos que redigia, o *Echo da Patria* e o *Grito da Razão*, combatia as doutrinas subversivas dos que, aproveitando-se da sensação causada pela dissolução da constituinte, propagavão a republica.

Governava nessa epoca as armas da provincia o coronel Felisberto Gomes Caldeira que por sua energia e intrepidez conservou a Bahia separada da revolução republicana de 1824 hasteada em Pernambuco; pelo que odiado pelos demagogos tramarão estes uma conspiração para assassina-lo; aviseu-o o Dr. Claudio do perigo, acompanhou-o até ás 4 horas da madrugada do dia 25 de outubro de 1824, e julgando dissipado todo o receio recolheu-se ao seu domi-

cilio, quando meia hora depois cahia morto traiçoeiramente aquelle militar (1).

A este crime seguio-se a revolta do 3º batalhão de caçadores appellidado dos — Periquitos — pela côr verde da farda ; e nessa crise, nessas horas de perturbação e anarchia muito trabalhou o Dr. Claudio para evitar a effusão de sangue nas ruas da cidade.

Restabelecida a ordem continuou no cargo de secretario do commando das armas para que fôra escolhido, e exerceu essa commissão até o commando do brigadeiro José Egydio Gordilho de Barbuda, depois visconde da Cachoeira.

Removido em 1826 de cirurgião-mór do 4º batalhão de caçadores para a divisão militar da policia da côrte na mesma cathegoria, marchou no anno seguinte para o sul, donde voltou por doente ; assumio o emprego no corpo de policia até este ser dissolvido em 1831. Nesse anno foi incumbido de organisar um projecto de reforma do corpo de saude do exercito ; em 1839 reformou-se no posto de cirurgião-mor, vencendo o soldo de 25$000 mensaes, do qual fez cessão ao Estado durante os cinco annos da guerra do Paraguay, e ao Asylo de Invalidos cedeu um anno da etapa que recebia como veterano da independencia.

Entregue ao exercicio da clinica medica, quer aqui quer em S. Paulo, patenteou sempre a caridade que lhe era peculiar ; jámais o pobre implorou em vão seu auxilio ; não indagava da condição do doente a quem tinha de prestar os soccorros medicos ; da medicina fez um sacerdocio considerando um dever sagrado, imposto á investidura da profissão que exercia, curar do pobre, vel-o, consolal-o, minorar-lhe dores e padecimentos. E não limitava-se ao exercicio clinico, dedicava-se ao estudo da sciencia ; foi um dos primeiros socios da sociedade hoje convertida em academia imperial de medicina,

(1) Em 13 de janeiro de 1825 foi para o oratorio o sargento-mor Sotéro sentenciado a morte como um dos cabeças do assassinio do coronel Felisberto Gomes Caldeira, no dia 14 sacramentou-se e no 15 foi executado no campo da casa da Polvora, sendo fuzilado pela tropa ao pé da forca em razão do carrasco não querer enforcar. Em 22 de março foi executado o tenente Gaspar, e alem deste mais dous individuos pelo mesmo crime.

que abrio-lhe as portas em 20 de agosto de 1830 por ter sido approvada unanimemente a memoria que escrevera para semelhante fim.

Reformada a faculdade de medicina do Rio de Janeiro em 9 de setembro de 1826 suscitou Claudio da Costa ao artista nacional Porto Alegre a idéa de um painel commemorando a promulgação dessa lei; o habil artista cumprio magistralmente sua missão, desenhou com muita habilidade as feições de Pedro I, do ministro que referendou a lei de 9 de setembro, do director, lentes e dos diversos alumnos assistindo a entrega do decreto ; e moldurada tão linda tela offereceu-a o Dr. Claudio á Escola de Medicina que ainda a conserva ; tambem offertou á academia imperial de medicina um painel do artista João Baptista Debret alllusivo á Flora Fluminense, e ao seu douto auctor frei José Marianno da Conceição Velloso.

Em 1828 offereceu-se para leccionar gratuitamente a osteologia aos alumnos da academia das bellas-artes. e propondo que se creasse uma cadeira de physiologia no mesmo estabelecimento, regeu em 1838 com muita mestria e sciencia essa disciplina.

Em 1839 foi admittido como membro do Instituto Historico.

Estando em 1846 na provincia de S. Paulo ficou ao serviço da imperatriz que, por incommodo de saude, não pôde acompanhar ao Imperador na visita que fazia ás cidades e villas do interior ; e acontencendo por occasião das salvas pelo regresso do Imperador ficarem dilacerados a mão e o braço de um soldado de artilheria, executou o Dr. Claudio a amputação manifestando tanto zelo e desvelo no curativo do enfermo, que enviou-lhe D. Pedro II uma caixa de ouro cravejada de brilhantes.

Aproveitando-se da lei de 3 de outubro de 1832 que permittio aos cirurgiões da escola medico-cirurgica a sustentação de theses para obterem o gráo de doutor, satisfez essa exigencia em 3 de dezembro de 1849, sendo-lhe conferido o respectivo diploma.

Por occasião do nascimento do segundo imperador do Brazil teve o habito da ordem de Christo ; requerendo em 1830 a venera da ordem imperial do Cruzeiro, concedida á bandeira do corpo em que servira na guerra da independencia, alcançou-a em 2 de novembro, e em 5 de dezembro de 1840 foi elevado a official da mesma ordem; crão expressivas e honrosas essas condecorações no peito do soldado

do Ypiranga que batalhara pela patria, sacrificára seus haveres e só deixara a campanha depois da hora do triumpho.

Nomeado em 1856 director do Instituto dos Cégos, accumulando as funcções de medico e thesoureiro do mesmo estabelecimento, tornou-se sacerdote da caridade nessa casa consagrada aos filhos desherdados da luz ; sua missão foi toda de amor, de paciencia, de dedicação nesse instituto, onde gravado deixou o nome de apostolo da caridade. Em remuneração dos bons serviços prestados na direcção dos meninos cégos recebeu o titulo de conselheiro.

Escreveu o Dr. Claudio algumas memorias, das quaes uma vem impressa na Revista do Instituto Historico, tomo XXX, sob o titulo de *Memoria descriptiva dos attentados da facção demagogica na provincia da Bahia, contendo a narração circumstanciada da rebellião de 25 de outubro de 1824 etc.;* escreveu a historia do Instituto dos Meninos Cegos, formulou alguns pareceres, que podem ser vistos na revista já citada, e em seu espolio litterario encontrarão-se apontamentos concernentes aos erros e omissões que escaparão ao coronel Accioli nas suas apreciadas memorias historicas da provincia da Bahia, e outros relativos á historia do hospital da Misericordia de Santos, o primeiro estabelecido no Brazil; mas os achaques da velhice e os deveres de seu cargo de director dos cegos impedirão-no de concluir esses trabalhos. Deve-se, porém, confessar que o Dr. Claudio não era litterato, nem jamais aspirou se-lo ; poucos erão as disciplinas que se aprendião quando começou a cursar as aulas ; além disso a aridez do estudo medico, as attribulações de uma extensa clinica, e outras obrigações afastarão-no das lettras, apagarão sua imaginação, e derão a seu estylo expressão pallida e fria.

Em 27 de maio de 1869 approximou-se do venerando ancião o anjo da morte, e com a resignação que Deus reserva para o homem justo, com a consciencia tranquilla que só os entes bons podem ter, expirou Claudio Luiz da Costa, lastimado da familia, dos cegos, seus filhos adoptivos, e da patria que apontava-o como um dos veteranos da independencia (1).

(1) Veja na Revista do Iustituto Historico, tomo 34 pag. 117, a biographia deste cidadão, escripta pelo conego Dr. Fernandes Pinheiro.

VI

BIBLIOTHECA NACIONAL

Vindo para o Brazil a familia real de Bragança transportou comsigo a bibliotheca do palacio da Ajuda creada pelos antigos reis de Portugal; e necessitando de um edificio para collocal-a, communicou o ministro conde de Aguiar á ordem terceira do Carmo, em 23 de junho de 1810, que el-rei precisava do pavimento alto da casa onde se achava o hospital da ordem, não só por estar nas condições quanto á capacidade, como tambem porque permittia abrir por meio de um passadiço communicação com o paço.

Obedecendo ao aviso regio, transferio a ordem terceira os doentes para o pavimento terreo, d'onde despedio os inquilinos que occupavão-no, obrigando-se o governo a pagar os alugueis que a ordem deixara de receber.

Não tendo o edificio do hospital do Carmo, transformado em bibliotheca, luz sufficiente, ordenou o decreto de 29 de outubro de 1810 que se construisse uma casa propria para a livraria no lugar das antigas catacumbas dos frades carmelitas; mas infelizmente não realizou-se essa idéa; e por isso ainda hoje está a bibliotheca em um predio inconveniente e mal collocado.

Sendo insufficiente o pavimento superior para accommodar todos os livros, mandou o governo desoccupar o predio do recolhimento

do Parto, e determinou, em aviso de 3 de novembro de 1812, que a ordem do Carmo mudasse para alli os doentes, deixando vasias as lojas da casa da bibliotheca. Desse modo o governo enxotou de uma vez os doentes, e ficou com todo o edificio.

Construido um passadiço sobre o corredor, que separa a capella real da igreja do Carmo, tornou-se a bibliotheca uma dependencia do paço; e por alli passavão o rei e os principes quando querião consultar a sua livraria, da qual forão nomeados directores frei Gregorio José Viegas da terceira ordem franciscana e frei Joaquim Damaso da congregação do Oratorio.

A bibliotheca não era publica; só entrava quem obtinha licença; porém ainda assim prestara o principe regente D. João bom serviço ao Rio de Janeiro, pois sendo então raros os livros no mercado, e por alto preço, e havendo só as livrarias dos mosteiros, podião agora os estudiosos aproveitar-se da bibliotheca real, onde encontrava-se variedade de obras.

Em 1815 determinou o governo que se comprassem para a bibliotheca os livros que havião pertencido ao distincto poeta brazileiro Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

Em 26 de abril de 1820 tentarão os ladrões penetrar na bibliotheca, mas presentidos por um preto que dormia no estabelecimento fugirão.

Conduzira comsigo o principe regente não só a bibliotheca da Ajuda senão a livraria do Infantado, e uma rica collecção de manuscriptos, que conservados em archivo separado no palacio das Necessidades, se chamavão *manuscriptos da coroa*; porem em vez de encorporar-se essa collecção á bibliotheca real, como opinavão os bibliothecarios e homens estudiosos, recolheu-se a um proprio nacional na rua do Ouvidor, onde ficou sob a guarda do visconde de Villa-Nova, guarda-joias da corôa; e retirando-se o rei para Portugal levou esses manuscriptos em numero superior a 6,000.

Proclamada a independencia do Brazil no ajuste de contas com a nação portugueza entrou a bibliotheca como propriedade da casa real; e não querendo adherir á causa do Brazil o padre Joaquim Damaso ausentou-se para Portugal, fazendo antes separar da bibliotheca, afim de levar para Lisboa, uma collecção de manuscriptos ne se achava annexa á bibliotheca do rei e do infantado; quanto a

frei José Viegas havia sido eleito bispo de Pernambuco em 4 de abril de 1820, mas não tendo chegado as bullas para ser sagrado, acompanhou a familia real para Lisboa.

Em 1822 ordenou Pedro I. que a bibliotheca fosse aberta ao publico nos dias uteis, contribuindo desse modo para a instrucção e civilisação do povo que aclamara-o imperador.

Por decreto de 23 de outubro de 1822 foi nomeado bibliothecario o padre-mestre frei Antonio de Arrabida, depois bispo de Anemuria, ao qual ordenou o governo que as obras que encontrasse em duplicata mandasse repartir pela bibliotheca da Bahia e pelos cursos juridicos de S. Paulo e Olinda.

Frei Antonio de Arrabida, funccionario zeloso, apresentou um regulamento modificando os estatutos da bibliotheca, que haviam sido publicados em 1821; teve por ajudante o padre Felisberto Antonio Pereira Delgado.

Em 19 de abril de 1823 cahio um raio no edificio, causando alguns estragos, que foram reparados por aviso de 24 de abril do mesmo anno; a portaria de 23 de maio permittio que o bibliothecario puzesse á disposição da assembléa constituinte todos os livros de jurisprudencia, e o aviso de 2 de dezembro mandou comprar para a bibliotheca os livros que havião pertencido ao Dr. Francisco de Mello Franco.

Procedendo a minuciosas pesquisas, descobrio frei Antonio de Arrabida entre os livros a *Flora Fluminense* de frei Velloso, por muito tempo julgada perdida, e apresentou ao imperador uma proposta e plano para a impressão dessa obra, o que tudo foi approvado por aviso da secretaria do imperio de 25 de abril de 1825.

Em 1828 soffreu a casa da bibliotheca diversos reparos; pintarão-se as salas com elegancia, encarregando-se desse trabalho o artista brazileiro Francisco Pedro do Amaral, e para augmentar a riqueza do estabelecimento mandou o governo comprar na Europa collecções de livros.

Tendo frei Antonio de Arrabida, bispo de Anemuria, pedido demissão do cargo de bibliothecario foi-lhe concedida em 16 de agosto de 1831 (1) ficando encarregado da administração interina o conego honorario Felisberto Antonio Pereira Delgado.

(1) Falleceu este prelado em 10 de abril de 1850 e sepultou-se no claustro do convento de Santo Antonio desta cidade.

Demittido este sacerdote em 12 de agosto de 1833, e nomeado na mesma data ajudante do bibliothecario o padre Francisco Vieira Goulart, recusou o conego Delgado entregar-lhe a bibliotheca, dizendo que era vitalicio seu cargo, e achava-se encarregado da conservação da livraria do infantado; mas a regencia em nome do Imperador intimou-o a deixar o estabelecimento, o que foi cumprido em setembro de 1833.

Em 11 de janeiro de 1837 foi nomeado bibliothecario o padre Francisco Vieira Goulart, que exerceu esse cargo até o dia de seu fallecimento, que deu-se em Nitherohy em 21 de agosto de 1839. Passou a direcção interina para o conego Antonio Fernandes da Silveira, que havia sido nomeado ajudante em 30 de outubro de 1837.

Vago o lugar de bibliothecario apparecerão muitos pretendentes, entre outros um senador, que indo empenhar-se com o ministro Manoel Antonio Galvão, respondeu-lhe este como a outro pretendente respondera D. João II de Portugal:

— Guardo este lugar de honra para um homem que nunca me lisongeou. E nomeou para bibliothecario, em 5 de setembro de 1839, ao conego Januario da Cunha Barbosa que não procurara o ministro, nem solicitara o lugar (1).

Em 1838 recebera a bibliotheca a livraria de José Bonifacio de Andrade e Silva, doada por seus herdeiros, composta em grande parte de obras allemãs sobre historia natural e de edições recommendaveis de celebres typographos.

Perecendo o conego Januario foi escolhido para substituil-o, em 5 de março de 1846, o Dr. José de Assis Alves Branco Muniz Barreto, que falleceu prematuramente em 17 de março de 1853; vindo succeder-lhe no honroso cargo, em 23 de abril do mesmo anno, o monge benedictino frei Camillo de Monserrate.

Não tendo o edificio da bibliotheca capacidade para conter os livros, representou o bibliothecario ao governo sobre a necessidade de transferir-se o estabelecimento para casa mais vasta; de feito, comprado por 125 apolices de conto de reis um predio no largo da

(1) Veja no fim do capitulo a biographia desse preclaro brazileiro.

Lapa, mudou-se para ahi a bibliotheca, sendo todo o trabalho da remoção dos livros dirigido com muito cuidado e economia pelo digno bibliothecario. Em 4 de agosto de 1858 abrio-se ao publico a nova casa da bibliotheca nacional.

Deixara a bibliotheca o edificio do antigo hospital do Carmo, construido na rua do mesmo nome, por trás da igreja, com oito portas no primeiro pavimento e oito janellas com sacadas de grades de ferro no segundo tendo para o becco dos Barbeiros diversas portas no primeiro pavimento e cinco janellas no segundo. A porta de entrada era no corredor entre as igrejas do Carmo e capella-imperial, vendo-se na parte superior as armas portuguezas trabalhadas em marmore; sobre o corredor corria o passadiço por onde o Imperador D. Pedro II, tão dado á leitura dos bons livros, passava frequentemente para visitar o estabelecimento; assim na sexta-feira maior assistia de uma das tribunas da igreja do Carmo á sahida da procissão do Enterro, e recolhendo-se ás salas da livraria conservava-se entregue á leitura até ás 11 horas da noite para presenciar a entrada da procissão.

Os livros occupavão algumas salas do primeiro pavimento e duas salas e cinco gabinetes do segundo.

Entregue o edificio á ordem terceira do Carmo estabeleceu esta seu consistorio e secretaria no segundo pavimento, e alugou o primeiro a diversos inquilinos.

Em 19 de novembro de 1870 falleceu frei Camillo de Monserrate que teve por successor no cargo de bibliothecario o Dr. Benjamim Franklim Ramiz Galvão, nomeado por decreto de 14 de dezembro do mesmo anno.

Incumbido pelo governo, em março de 1873, de estudar a organisação das bibliothecas europeas, apresentou o Dr. Ramiz Galvão, de volta dessa commissão, um succulento relatorio, onde se podem colher muitos dados de importancia pratica, e se evidencia a proficiencia do digno funccionario, já vantajosamente conhecido pelos seus trabalhos litterarios.

O decreto de 4 de março de 1876 deu a bibliotheca novo regulamento, cujos artigos principaes são os seguintes:

Art. 1º. A bibliotheca nacional será dividida em tres secções:

a primeira, de impressos e cartas geographicas ; a segunda, de manuscriptos ; a terceira, de estampas.

Art. 2.º A bibliotheca se conservará aberta ao publico durante todo o anno, exceptuados os dias santificados, os de festa nacional e os que decorrem de 1 a 15 de janeiro e de 15 a 31 de dezembro.

Art. 3.º A bibliotheca terá os seguintes empregados, que perceberão os vencimentos fixados na tabella annexa : um bibliothecario, tres chefes de secção, tres officiaes, um secretario, oito auxiliares, um guarda e um porteiro.

Art. 20.º De manhã a bibliotheca nacional se abrirá ás 9 horas, e encerrará seus trabalhos ás 2 horas da tarde ; á noite abrir-se-ha ás 6 e se fechará ás 9.

Art. 21.º Na bibliotheca serão admittidas sómente as pessoas, de ambos os sexos, maiores de 14 annos, que se apresentarem decentemente vestidas.

Meia hora antes do encerramento dos trabalhos não será permittido fazer pedidos.

Art. 22.º Assim os leitores como os visitantes receberão do guarda, ao entrar, uma senha numerada ; com ella se dirigirão á mesa do official de serviço, e no boletim que por este lhes fôr dado, inscreverão o numero da senha, o titulo circumstanciado da obra que desejarem consultar, sua assignatura e morada.

Art. 23.º A' vista do boletim o official procurará nos catalogos a obra pedida : si ella existir na casa, inscreverá no mesmo boletim as indicações necessarias para que o auxiliar a encontre ; se pelo contrario não houver o livro procurado, fará esta declaração por escripto, e entregará ao leitor a sua senha numerada, que será restituida ao guarda na occasião da sahida.

Art. 24.º Recebido o boletim com a indicação do lugar em que se achar a obra pedida, o auxiliar com toda a presteza a entregará ao leitor, declarando por escripto no mesmo boletim, que assignará, o numero de volumes que der ; em seguida entregará o boletim ao official.

O leitor, para rehaver na sahida a sua senha, será obrigado a restituir o mesmo numero de volumes e taes como os tiver recebido.

No caso de já estar deteriorado algum livro, o auxiliar deverá mencionar esta circumstancia no boletim, para desencargo do leitor.

Art. 25.º Nenhum livro em brochura será prestado ao publico, a não serem as revistas litterarias e scientificas nacionaes e estrangeiras, e isso mesmo a pessoas que fizerem estudos serios, ou que pelos seus precedentes na bibliotheca houverem provado o seu zelo no modo de tratar os livros.

Art. 26.º Nunca poderão duas obras ser pedidas em um só boletim. Tambem mais de tres não poderão ser dadas ao leitor a um tempo, salvo si para isto houver licença expressa do bibliothecario.

Art. 27.º Se o leitor declarar que no dia seguinte voltará a consultar a mesma obra, poderá esta deixar de ser collocada no respectivo lugar ; o official a reservará á mão com um apontamento do nome do leitor e da data. Se, porém, o leitor não voltar no dia seguinte, o livro será restituido ao seu lugar.

Art. 28.º Os livros raros só serão confiados ao publico em uma mesa especial, e o mais proximo possivel da inspecção vigilante do official de serviço. Quanto aos manuscriptos e estampas, serão, sem excepção, prestados ao exame dos estudiosos em presença de qualquer dos empregados da secção.

Art. 29.º Na mesa dos livros raros serão lidas tambem as obras enriquecidas de numerosas estampas, e as pessoas que as consultarem não poderão servir-se de tinta ; tomarão notas ou farão desenhos a lapis.

Art, 30.º O leitor não poderá collocar o papel, em que escrever ou desenhar, sobre o livro ou objecto que lhe fôr entregue.

Art. 31.º A cópia das cartas geographicas será feita sómente a lapis e em papel vegetal não embebido de oleo, e precedendo para isso a permissão do chefe de secção.

E' prohibido applicar o compasso ás cartas geographicas.

Posta em execução ha pouco tempo ainda se não podem determinar defeitos, ou provar a efficacia dessa reforma ; todavia não nos parece muito feliz a lembrança de se conservar fechada a bibliotheca durante um mez, em cada anno, privando os leitores e investigadores assiduos das riquezas do estabelecimento.

Situado no largo da Lapa consta o edificio da bibliotheca de tres pavimentos, havendo na frontaria tres corpos, o central com tres portas no primeiro pavimento, tres janellas nos dous ultimos e um frontão recto; os lateraes com uma porta no pavimento terreo, duas janellas no segundo e superiormente um terrado com gradaria de ferro. As janellas têm sacadas de grades de ferro.

E' uma casa sem architectura e sem belleza, construida para moradia particular.

Quando daremos mais importancia á fórma, á parte esthetica dos edificios; quando comprehenderemos que na architectura dos monumentos se revela ao mundo a elevação de espirito, a civilisação de um povo! Já dissemos que se deve esculpir no rosto dos monumentos a idéa que elles exprimem; mas entre nós não se procede assim, transforma-se uma simples casa em palacio da Bibliotheca Nacional; procedimento que prova menospreço pelas lettras e pelas artes. Alem de não ter nada no exterior que indique arte, é o edificio da bibliotheca pequeno para os livros que conta, e a tal ponto que dentro de poucos annos será necessario guardar em caixões os livros que se forem obtendo; está arredado do centro da cidade, em um bairro infestado de cupim, humido e de muito pó pelo transito continuado dos carros; em vez de ter um só ou dous pavimentos, e salas espaçosas, lavadas do ar e com bastante luz, conta quatro pavimentos o que difficulta a collocação methodica das estantes, embaraça o serviço, e impede a vigilancia sobre todos os empregados; as salas são estreitas, o salão de leitura é um longo corredor, e não está o edificio isolado como devêra ser, porém unido á uma casa de baile onde é facil atear-se um incendio.

O governo já obteve autorisação da assembléa legislativa para mudar a bibliotheca; levante, pois, um predio vasto, apropriado, no centro da cidade, proximo ás aulas, ás academias, que desperte o gosto pela leitura, affastando o povo do ocio e de passatempos frivolos e inconvenientes; erija um monumento que se possa chamar habitação da sciencia, que em seu prospecto mostre ser a casa das lettras e das artes, que perdure aos ultrajes do tempo e seja digno da capital do Imperio.

O bibliothecario frei Camillo Monserrate opinou, quando se tratou da mudança da bibliotheca, que se construisse um palacio pro-

prio, apresentou um risco e propoz-se a fazer o predio quasi todo de ferro; mas o governo não attendeu ao douto benedictino, e por economia ou por julgar que qualquer casa podia servir para morada de livros, desterrou a livraria publica para o largo da Lapa. (1)

Fallando do edificio da bibliotheca diz o Dr. Ramiz Galvão no relatorio dirigido ao ministro do imperio:

« Não é indifferente, Exm. Sr., que uma casa de bibliotheca tenha estas ou aquellas disposições, nem lhe é bastante a vastidão. A' grande solidez dos pavimentos destinados a supportar o peso consideravel dos livros é preciso que reuna os seguintes predicados: perfeito isolamento por todos os lados, accommodação interna especial e quasi independente para as secções da bibliotheca, muita luz e ventilação facil, um salão publico disposto por fórma que não tenham os leitores de passar por salas cheias de livros, habitação independente para os empregados que devem residir no estabelecimento, etc.

Do conjuncto destes predicados é que depende a ordem, o arranjo conveniente das collecções, a segurança do deposito, a regularidade do serviço e a manutenção da disciplina. Devo dizer a V. Ex. que neste sentido tenho idéas assentadas á vista do que pude examinar com os proprios olhos nas mais bem estabelecidas bibliothecas de Europa; facil me será, pois, apresentar a V. Ex. um esboço de plano adequado, assim que V. Ex. julgar azado levar á execução este pensamento. »

Aproveite o governo esses bons desejos do digno bibliothecario e faça no centro da cidade um palacio vasto e nobre para bibliotheca se quer, como inculca, moralisar e instruir o povo.

Pen etrando no edificio do largo da Lapa vê-se o vestibulo ladrilhado de mosaico de marmore, tendo aos lados da porta central, junto á escada, as estatuas de D. Pedro I e D. Pedro II. A primeira é de marmore, representa o imperador vestido de grande gala com o manto imperial; segura com a mão esquerda uma tabella na qual estão escriptos alguns artigos da constituição, e com a direita o manto; comprehendendo o seu plintho tem 8 palmos e 6 pollegadas de altura, e foi feita na Italia por Benaglia,

(1) Teve este largo em tempos remotos o nome de Lapa do Dest erro.

discipulo de Canova, á custa do visconde da Pedra Branca e do commendador José Marcellino Gonçalves que offerecerão-na em 12 de outubro de 1830 para ser collocada no salão de leitura; nesse dia appareceu publicada uma ode de Pedro Alexandre Cavroé que termina com esta estrophe:

« Oh pai da patria, ó Pedro sublimado,
Dos monarchas exemplo!
Quam bem inaugurado
Nos das artes e sciencias franco templo!
Compete á heroicidade
Inda em vida gozar da eternidade. »

A estatua de D. Pedro II é de gesso, mostra o monarcha revestido dos ornamentos imperiaes, tendo a mão esquerda sobre a espada e sustentando na direita o sceptro; no plintho lê-se esta inscripção:

« *Modelo original do Senhor D. Pedro 2°, offerecido á Bibliotheca Publica pelo autor Fernando Pettrich e filhos.—2 de setembro de 1855.* »

Em um nicho, emfrente á primeira escada, está o busto de marmore de D. João VI que pertenceu á bibliotheca real, onde estava collocado sobre uma columna de marmore.

Uma clara-boia vasa luz sobre as escadas havendo na galeria que as circumda, tanto no segundo como no terceiro pavimento, estantes com livros de historia e de theologia.

Ha no primeiro pavimento um grande salão vestido de estantes em todo seu comprimento; estão ahi a antiga livraria do infantado que se acha muito estragada, a de José Bonifacio de Andrade e Silva e a do conde da Barca tambem em muito máo estado. Por morte deste fidalgo o governo recebeu em pagamento de dividas a livraria que o conde conduzio de Lisboa; foi arrematada por 16:813$000, contendo algumas obras curiosas colhidas por aquelle fidalgo em suas viagens.

O actual bibliothecario ha separado o que de melhor tem encontrado nessa livraria.

Ha mais uma sala destinada pelo Dr. Ramiz Galvão para os livros novamente adqueridos, e achão-se ahi os mappas organisados,

collados sobre tela e dispostos em gavetões segundo o systema do museu britannico em Londres ; o que executou-se na administração do actual bibliothecario.

No segundo pavimento ha a sala de historia, onde trabalhão os chefes de secção e o bibliothecario ; a sala dos classicos e jornaes, o salão de leitura com livros de sciencias e jurisprudencia, tem um relogio que consta ter pertencido a alguem da familia real no tempo de D. João VI e o busto em bronze de frei Camillo de Monserrate, offerecido á casa por João Baptista Calogeras ; o gabinete do secretario e mais outra sala preparada pelo Dr. Ramiz Galvão, onde guardão-se a collecção comprada ao Dr. Manoel Ferreira Lagos, e os livros recentemente vindos da Europa.

Em um corredor deste pavimento vêem-se armarios com portas de vidro guarnecidas de telas de arame mandados fazer pelo actual bibliothecario para guardar todas as obras raras e mais preciosas ; assim estão ahi a collecção historica de Barbosa Machado, a Camoniana comprada em 1876 e composta de 318 volumes, todos relativos ao maior epico da lingua portugueza ; manuscriptos em pergaminho da idade média, entre os quaes figura um livro de orações com ricas illuminuras feito em Lisboa em 1375, e que consta ter pertencido a el-rei D. Fernando o Formoso.

Na ala esquerda do edificio reside o bibliothecario.

Ha no terceiro pavimento a sala de theologia, que tem no centro uma mesa com as publicações periodicas nacionaes que ahi se reunem até formar volume ; a sala de bellas-lettras, e dous gabinetes um de cartas geographicas, topographicas e hydrographicas manuscriptas colladas sobre tela ; e o outro de manuscriptos, sendo relativos ao Brazil cerca de mil ; e entre todos são valiosos os da collecção comprada a Pedro Angelis concernentes ás republicas do Prata. Ladeão a sala de theologia dous terraços.

No quarto pavimento formado por um sotão que levanta-se no centro do predio abrem-se duas salas occupadas pela secção de estampas, sendo mais importante a collecção do conde da Barca em 128 volumes im-folio ; a collecção de retratos de Diogo Barbosa Machado que conta 2,290 rètratos ; uma preciosa collecção de Alberto Durer, pintor e gravador do seculo XVI ; vê-se ahi a collecção da

Pequena Paixão, composta de 37 gravuras em madeira, que appareceräo em publico pela primeira vez em 1511 ; reunida pelo erudito bibliographo portuguez Barbosa Machado foi descoberta entre livros velhos pelo activo e zeloso Dr. Ramiz Galvão, que tambem depois de minuciosas pesquisas conseguio salvar da traça e da destruição lindas gravuras das escolas franceza, italiana e flamenga ; a bella gravura de Alberto Durer, *Adão e Eva*, aberta a buril em 1504; 18 estampas de Van-Dyck, 10 de Lucas de Hollanda, entre as quaes a *resurreição de Lazaro* (1508) vinte e tantas de Henrique Goltzius, entre outros a sua collecção das Musas ; cinco de Lucas Granach da escola de Franconia : numerosas estampas de Marco Antonio Raimondi, o mestre da escola romana, entre as quaes podemos mencionar a *Santa Cecilia*, da qual foi vendida em 1853 em Pariz um exemplar por 400$000 de nossa moeda, e o *Julgamento de Paris*, que alcançou em 1844 a enorme quantia de 1:340$000 ; descobrio estampas de outros gravadores da escola romana do seculo XVI; uma gravura do seculo XV de Andréa Mantegna, o chefe da escola lombarda ; a prova de um *nigello* representando *Galathea em triumpho*, copia em sentido inverso de gravura de Marco Antonio e tirada entre os annos de 1510 a 1520.

Mais de meio seculo viverão, occultos, esquecidos, entregues á traça e ao pó thesouros tão raros e preciosos, e terião desapparecido se o digno amador e intelligente funccionario os não patenteasse ao publico.

Possue tambem a bibliotheca desenhos originaes de autores celebres pela maior parte italianos.

Na parte posterior da casa ha um jardim, no fundo do qual vê-se um corpo de edificio, construido em 1875 com quatro salas, das quaes uma serve para habitação dos serventes e as outras para deposito de duplicados e truncados, estando tambem ahi os exemplares da Flora Brazileira de Martius que o actual bibliothecario vai remover para melhor lugar.

A bibliotheca era franqueada ao publico só das 9 ás 2 horas da tarde, mas desde 6 de maio de 1872, abrio-se tambem das 6 ás 9 da noite ; conta cerca de 120,000, volumes impressos, 2,000 cartas geographicas, 6,000 manuscriptos e 5,000 estampas ;—foi frequen-

tada de 1 de janeiro de 1875 a 30 de junho de 1876 por 6,245 leitores que consultarão 6,923 obras ; e em 1876 publicarão-se o 1° e 2° fasciculos dos Annaes da Bibliotheca Nacional em virtude da disposição do novo regulamento.

Entre seus thesouros possue a biblia latina de Fust Schœffer de Moguncia, impressa em 1462 em papel pergaminho, boa lettra gothica, tendo no interior da capa um recibo manuscripto de Herman que declara te-la vendido a Guilherme Tourneville, conego de Anjou, por quarenta escudos ; tem muitas outras biblias notaveis pelo asseio de suas edições e pelas diversas linguas em que forão publicadas ; a collecção dos classicos gregos e latinos comprehende edições de quasi todos os typographos antigos como Jodocus Badius, Joannes Gryphius de Veneza, dos Henric Petri de Bazilea, dos Plantinos em Leyden e Antuerpia ; muitas edições da famosa officina Sheldoniana em Oxonia ; as edições chamadas Aldinas, entre as quaes notão-se Pausanias, impresso em 1516, Cicero em 1492, Appianus em 1551, Aulus Gellius em 1515, Statius, Seneca, duas edições dos livros de Re Rustica, e mais outras obras publicadas entre os annos de 1500 até 1550.

Ha as edições de Froben de Basilea, notando-se ahi Phalaris Ammianus, Marcellinus, Claudius, Cicero, Terentius, Plinius Secundus e outros.

Guarda as edições dos Stephanos (Henricus, Franciscus, Robertus e Henricus Junior Stephanus), notando-se entre os classicos Pindarus, Dion, Anacreon, Apollonius Rhodius, Thucidides, Plautus, quatro edições de Cicero e outros.

Basta para demonstrar-se o valor de alguns livros dessas edições lembrar que o Plauto de Stephanus, em tres volumes in-folio, forão vendidos em 1810 em Pariz, por 980 francos ; o Pindarus, pelo mesmo, um volume, 54 francos ; o Anacreon, um volume, em 4° pequeno, 50 francos, e o Apollonius Rodius 56 francos. Entre as edições Aldinas, o Artemidorus obteve 64 francos, Anacreon 40, Eschylus 120 francos.

Ha uma copiosa collecção das Elzevirianas, mui procuradas na Europa.

Entre as obras impressas antes de 1500, podem-se mencionar as 4 edições dos tres Allemanos em Sevilha, sendo o Plutarcho impresso

em 1491, Seneca em 1491, e Bœtius em 1497, todos traduzidos em hespanhol, e um volume com tratados curiosos do Dr. Ortiz Ha mais Apulejus Vicentiæ, impresso em 1488, Strabo em 1494, Silius Italicus em 1492, Justinus em 1491, etc., etc.

Entre os manuscriptos vê-se uma biblia, de pequeno formato em finissimo pergaminho e letra miuda, do anno de 1300, que pertenceu ao conde da Barca. Ha um registo de cartas jesuiticas escriptas do Brazil desde o anno de 1549 até pouco mais de 1600, que fôra do collegio de Santo Antão em Lisboa. Offerecido esse manuscripto pelo conselheiro João Pereira Ramos ao conselheiro Lara e Ordonhes, fez este presente delle á bibliotheca. Vê-se uma collecção já estragada pela tinta das correspondencias autographas do Santo Officio de Gôa com o de Lisboa; manuscriptos das cartas do padre Antonio Vieira, das de Alexandre de Gusmão, de Luiz da Cunha e das correspondencias diplomaticas do conde da Barca, Luiz da Cunha e outros.

Em 1847 recebeu a casa as obras de Frederico II offerecidas pelo rei da Prussia, impressas com apurado gosto e ornadas com muitos retratos gravados em aço.

Enviando, de accordo com o governo, para algumas bibliothecas da Europa exemplares da Flora Fluminense, obteve Fr. Camillo de Monserrate para a bibliotheca nacional algumas obras interessantes. De França veio a galeria de Versailles em vinte volumes in-folio, contendo muitas gravuras; da Italia as Memorias da academia de sciencias de Turim; da Inglaterra a obra em dous volumes in-folio Asiatik Reseorches; da Austria obras diversas; da Belgica obras sobre a estatistica e a historia das provincias belgas.

Em suas laboriosas investigações descobrio o Dr. Ramiz Galvão um exemplar das chronicas de Sabellico, traduzidas em vulgar por D. Leonor de Noronha e publicadas no seculo XVI, tendo no fim da primeira parte um opusculo intitulado *tratado da historia de Job*, obra esta muito rara; o *livro da origem dos Turcos he de seus Emperadores*, impresso em Sovem em 1538; o *Dialogo da Viciosa Vergonha* de João de Barros impresso em 1540, do qual actualmente só se conhecem dous exemplares; Chronicon Nurembergense, impresso em 1493 com 2,250 gravuras em madeira intercaladas no

texto; *Livro da grammatica hebrayca e chaldayca*, obra rarissima, e a Prosopopea de Bento Teixeira, a qual foi reimpressa a expensas do governo imperial.

Entre os manuscriptos acharão-se ultimamente:

Diccionario da lingua geral do Brazil, sem nome do autor nem data.

Diccionario brazileiro e portuguez por frei José Mariano da Conceição Velloso.

Diversos manuscriptos de Alexandre Rodrigues Ferreira.

Flora Paraensis e Maranhansis pelo Dr. Antonio Corrêa de Lacerda.

Catalogo da livraria de Diogo Barbosa Machado escripto por sua propria mão.

Cofre destes e de outros numerosos thesouros deve a bibliotheca ter um palacio vasto e monumental no centro da cidade, que pelo aspecto grandioso indique ser o templo da sciencia, e pelos ornatos e maravilhas da arte atraia o povo para a leitura, para o estudo e para a instrucção.

E' pouca a concurrencia dos estudiosos á esta bibliotheca, e uma das causas que influe para isso, é o máo local em que se acha o estabelecimento; é preciso quasi emprehender uma viagem para ir a livraria nacional, que procurada sómente pelos cultores devotados, pelos trabalhadores serios é desprezada pelo povo, cujo amor pelas lettras e pelo estudo ainda não se acha desenvolvido; mas se a bibliotheca vier para o centro da povoação despertará mais interesse, excitará a curiosidade publica, e suas obras de valor real, suas riquezas, seus thesouros de antiguidade e de sciencia hão de attrahir a concurrencia publica, e inocular neste povo, ainda tão frivolo e tão pouco amante de entretenimentos scientificos e litterarios, o gosto da boa leitura.

JANUARIO DA CUNHA BARBOSA

Filho de Leonardo José da Cunha Barbosa e de D. Bernardina Maria de Jesus nasceu Januario da Cunha Barbosa nesta cidade em 10 de julho de 1780.

Orphão de mãi nos primeiros dias da infancia, sendo seu pai pobre, deveu aos cuidados de um bom tio a educação e apoio nos primeiros passos da vida : rapidos e espantosos forão seus progressos na senda dos estudos ; de comprehensão facil e com decidido gosto pelas lettras conseguio aprender muito em pouco tempo, satisfazendo alegremente áquelles que curarão de sua educação. Entre seus mestres, entre aquelles que abrirão as azas de seu talento, devemos mencionar o poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga que ensinou-lhe a conhecer Demosthenes e Cicero.

Levado por uma convicção profunda, por uma vontade amadurecida, encetou Januario da Cunha Barbosa a vida da igreja,e versado nos dogmas da fé, inspirado pela luz da religião, sua intelligencia resplandeceu, e do alto da tribuna religiosa revelou ao povo as verdades do christianismo.

Em uma época em que resoavão na casa de Deus as vozes eloquentes de Sampaio, S. Carlos, Monte Alverne, Souza Caldas e outros atletas da palavra, appareceu Januario e conseguio ser ouvido com respeito e enthusiasmo pelo povo acostumado ás maravilhas, aos arroubos do genio daquelles oradores. Mais de cem sermões produzio sua intelligencia, mais de cem vezes ensinou e doutrinou o povo utilisando-se dos segredos de seu immenso talento.

Physionomia expressiva, voz cheia e sem aspereza, eloquencia persuasiva, pureza e correcção de estylo, traços oratorios bem cabidos

e estudados, erão predicados desse distincto orador formado na escola dos grandes mestres.

Entre seus sermões mencionão-se um, recitado em quarta-feira de cinza na capella real em presença de D. João VI, o elogio funebre desse monarcha e o da primeira imperatriz do Brazil.

Concorrendo para a cadeira de philosophia moral e racional creada nesta côrte em 1814, foi o escolhido, e se colhera louros no pulpito, alcançou novos triumphos no magisterio, onde elevarão-no no conceito publico sua erudição, exposição, methodo e lucidez; e durante 25 annos repetio da cadeira de Platão as maximas de uma sã philosophia.

Soltado o grito da independencia do Brazil o coração de Januario da Cunha Barbosa estremeceu de jubilo e patriotismo; esqueceu a missão quieta e placida de padre preceptor e correu aos conciliabulos politicos, pegou da penna e escreveu o periodico «Reverbero», advogando com outros Brazileiros a causa santa da patria; mas a calumnia perseguio-o e o patriota foi exilado para a França.

Todavia não olvidou seu paiz; continuou a trabalhar por elle, ao mesmo tempo que enrequecia seu espirito com conhecimentos das sciencias e artes; quando justificado de todas as accusações, regressou para a patria, recebeu do proprio imperador que o desterrara o grão de official da ordem imperial do Cruzeiro, e o cargo de conego, cuja mursa tornou-se para elle uma veste de triumpho.

Chamado por duas provincias á representação nacional, optou pela do seu nascimento.

Homem de acção e de perseverança escreveu muito; foi o primeiro que no altar da patria teceu louvores á memoria de seus compatriotas illustres; fez a necrologia do famoso musico José Mauricio e do douto orador frei Sampaio; publicou diversas memorias, traduzio outras, e alem de muitas composições poeticas esparsas em diversos periodicos foi auctor do poema *Nitherohy*; com muito trabalho e fadiga reunio e publicou numerosos escriptos ineditos dos nossos melhores poetas organisando o Parnaso Brazileiro.

Creada a sociedade auxiliadora da industria nacional foi encarregado da redacção da revista dessa associação, e nomeado em remuneração de seus serviços seu secretario perpetuo; solicito em

erguer o edificio da historia patria fundou com o brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos o Instituto Historico que foi installado em 25 de novembro de 1838.

Depois de uma vida activa e laboriosa pereceu Januario da Cunha Barbosa com a calma de um homem probo e a piedade de um verdadeiro christão, em 21 de fevereiro de 1846, sepultando-se nos jazigos da igreja de S. Francisco de Paula.

Muito deve-lhe a litteratura patria, na qual exerceu grande influencia em seu tempo, e além de utilissimo servidor da nação foi philologo distincto e critico abalisado; muitas associações estrangeiras proclamarão-no socio.

Em 6 de abril de 1848 inaugurou-se o seu busto na sala das sessões do Instituto Historico, e tambem o de Cunha Mattos, em presença do Imperador, recitando-se discursos, poesias, entre as quaes uma de Gonçalves Dias na qual leem-se estes versos:

E a mão cansada fraquejou, pendeu-lhe;
Inda a vejo pendente, sobre as paginas
Da patria historia, onde gravou seu nome
Tarjado em letras d'ouro.

Dorme, ó lutador, teu somno eterno;
Mas sobre a lousa do sepulcro humilde,
Como na vida foi, surja o teu busto,
Austero e glorioso.

VII

THEATRO S. PEDRO DE ALCANTARA

Construio-se nesta cidade, antes de 1747, na rua da Opera, um theatro, pertencente a um padre chamado Ventura, conhecido com o nome de *casa da opera*, o qual ardeu quando se representava a peça Encantos de Medéa (1).

Como acontece ainda hoje, não se quiz attribuir o incendio ao acaso, porém a uma mão occulta, que deitara fogo ao theatro, para construir-se outro perto do palacio do vice-rei, que era então o marquez do Lavradio, homem amigo de divertimentos e de moças.

Havendo ardido essa casa obteve Manoel Luiz do mesmo vice-rei a competente licença para edificar outra n'um terreno proximo ao palacio.

Manoel Luiz viera de Portugal com um regimento destacado para o Rio de Janeiro, tocava fagote, e dansava com muita graça.

Concluido o theatro houve a primeira representação na presença do vice-rei, recitando Ignacio José de Alvarenga o seguinte soneto:

Se armada a Macedonia ao Indo assoma,
E Augusto a sorte entrega ao immenso lago,
Se o grande Pedro errando incerto e vago,
Barbaros duros civilisa e doma:

---

(1) No livro II do tombo do convento de Santo Antonio vem mencionada em 1747 a rua da Opera.

Grecia de Babylonia exemplos toma,
Aprende Augusto no inimigo estrago,
Ensina a Pedro quem fundou Carthago
E as leis de Athenas traz a Lacio e Roma.

Tudo mostra o theatro, tudo encerra,
Nelle a cega razão aviva os lumes
Nas artes, nas sciencias e na guerra.

E' a vós, alto senhor, que o rei e os numes
Derão por fundador á nossa terra,
Compete a nova escola de costumes.

Protegeu o vice-rei a casa da opera, cuja entrada era vedada aos estrangeiros; assim, achando-se de passagem no Rio de Janeiro, diz o poeta Parny em uma carta datada de 3 de setembro de 1773:

« J'aurais été charmé de connaitre l'Opera de Rio de Janeiro. mais le vice-roi n'a jamais voulu nous permettre d'y aller.» (1)

Subirão á scena nesse palco as mais populares peças dos repertorios de Moliére e de Antonio José, e a *Ignez de Castro*, o *Convidado de Pedra* a *Astucia de Escapim*, magicas e cantorias.

Não apparecião os actores a caracter, porem, conforme o uso da época, com cabelleiras de rabicho, chapeos a Frederico, fardas desabotoadas, redondas nas abas, camisas de tolhos, calções e sapatos de fivellas; tinha o theatro duas ordens de camarotes, uma tribuna para o vice-rei, e servia de pintor scenographo o talentoso artista Leandro Joaquim. Os poetas Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e Ignacio José de Alvarenga Peixoto animavão os artistas, guiavão-nos, e ensaiavão os dramas e comedias, que tinhão de representar-se. Compoz Alvarenga Peixoto o drama *Eneas no Lacio, e traduzio a tragedia Merope de Maffei*, trabalhos que infelizmente se perderão.

Continuou o theatro a prosperar no vice-reinado de Luiz de Vasconcellos; e então em um theatrinho particular construido emfrente ao Passeio Publico, ensaiava Silva Alvarenga algumas composições comicas e tragicas, tanto de seus discipulos, como de seus amigos, antes de serem representadas no theatro publico. Sem despeza do erario regio creou Vasconcellos uma companhia lyrica, sob a direcção

(1) Veja Obras Poeticas de Silva Alvarenga collegidas por Joaquim Norberto de Souza Silva vol. 1 pag. 109.

do tenente coronel de milicias Antonio Nascentes Pinto, escrivão do sello da alfandega, que, dotado de instrucção, e algum tanto versado em musica, traduzio em verso portuguez as peças mais em voga naquella época, como *Chiquinha*, *Piedade de Amor*, *Italiana em Londres*. Entre os actores havia então o Lobato, Manoel Rodrigues, Ladisláo Benavenuto, notavel pelas suas facecias, D. Joaquina da Lapa, mais conhecida pela Lapinha dotada de excellente voz, D. Francisca de Paula, D. Luiza, D. Rosinha e D. Maria Jacintha por alcunha a Marucas.

Pouco frequentado foi o theatro no vice-reinado do taciturno conde de Rezende.

Tendo fallecido alguns actores e se retirado outros, contratarão-se no vice-reinado de D. Fernando José de Portugal varios cantores e professores de musica como Luiz Ignacio, Geraldo, João dos Reis, D. Genoveva e D. Ignez ; e era essa a companhia, que havia no Rio de Janeiro, quando chegou a côrte portugueza.

Então soffreu reformas o theatro de Manoel Luiz, construio-se uma galeria sobre os camarotes para os criados do paço ; decorou-se o edificio ; José Leandro de Carvalho pintou o panno de bocca representando a bahia de Nictherohy, e no centro Neptuno em um carro puxado por cavallos marinhos, empunhando o tridente, e cercado de deuses, sereias e tritões.

O principe D. João não era muito amante dos espectaculos, prezava mais as festas de igreja; porém em certos dias de gala comparecia ao theatro, e consta que em uma noite, depois da representação, acompanhou-o até o paço de tocha accesa o emprezario Manoel Luiz, pelo que foi nomeado moço da camara, e chegou a alcançar a patente de coronel do regimento dos pardos.

Convertida em côrte a capital da colonia, importava que mais vastas fossem as proporções do theatro; e convencendo-se disso, Fernando José de Almeida, vulgo Fernandinho, que viera para o Brazil como cabelleireiro do vice-rei D. Fernando, e era protegido por esse fidalgo, alcançou do principe regente autorisação para edificar outro theatro.

Pertencendo a Beatriz Anna de Vasconcellos, filha de José de Vargas Pizarro, todo o terreno comprehendido hoje entre as ruas da

Conceição e de S. Jorge, praça da Constituição e rua do Senhor dos Passos, resolveu o senado da camara em 1780 tomar uma parte dessa área para rocio e feira de cavallos, bois, carneiros e mais animaes; exigio D.Beatriz indemnisação do terreno, mas não obteve.

Havia então na cidade em cada semana uma feira de fazendas no largo da Sé, hoje do Rosario, e outra de moveis, escravos e de diversos animaes na praça da Sé Nova, hoje de S. Francisco de Paula.

Ficando sem serventia o terreno que servira de feira de animaes, alcançou-o Fernandinho para a edificação do theatro. Era pantanoso esse chão, e do lado da igreja da Lampadosa via-se um cruzeiro de pedra, por ter havido alli um cemiterio (1).

Favorecido pelo principe regente, e pelo ministro D. Fernando, conde de Aguiar, tornou-se facil para Fernandinho a empreza de que se encarregara; obteve a cantaria do chafariz que Luiz de Vasconcellos começara a construir no largo do Capim, hoje praça do general Osorio, e que o conde de Rezende quisera reformar, substituindo os canos de barro, e gravando na fonte uma inscripção em latim; mas nem esse, nem outros vice-reis concluirão a obra. Arrancarão-se muitas pedras do edificio destinado para cathedral, no largo de S. Francisco de Paula, e empregarão-se nos alicerces do theatro; no que vio o povo um sacrilegio, e vaticinou que triste seria a sorte desse edificio construido com as pedras de uma igreja. Deu o desenho do monumento o marechal João Manoel da Silva. Apesar de não estar concluido, abrio-se o theatro de S. João, no dia 12 de outubro de 1813, com o drama lyrico *Juramento dos Numes* e a peça *O combate de Vimeiro*; por ser dia de gala, comparecerão as pessoas reaes e os fidalgos, despertando vivo enthusiasmo a inauguração do novo templo das artes.

Fechou-se a casa da opera de Manoel Luiz, que, consta, levou as chaves ao principe regente, offertando-lhe o predio. Certo é que desde então começou a servir de moradia de criados do paço, e por habitarem alli criados de diversas cathegorias, deu-lhe o povo a de-

(1) Nesse cemiterio mandara um taverneiro da rua do Piolho, hoje da Carioca, depositar occultamente o cadaver de uma preta dentro de um jacá; e divulgado o facto, deu o povo o nome de venda do jacá á taverna do senhor da escrava.

nominação de America Ingleza; no reinado do primeiro imperador continuou a ter o mesmo destino, e a servir de thesouro do Paço; actualmente está occupada pelo almoxarife da casa imperial.

Edificada na praça da Assembléa, esquina da de D. Pedro II, tem essa casa a frente voltada para o paço imperial; é de dous pavimentos com janellas de peitoril, sem gosto,e sem architectura; é um sobrado baixo e feio que ha muito devera ter desapparecido, para dar espaço a construcção, mais regular e elegante.

A inauguração do real theatro de S. João marcou uma epoca notavel na arte dramatica no Rio de Janeiro; desenvolveu o gosto pelas representações dramaticas; vierão de Portugal novos actores, e o repertorio de Molière foi substituido pelo de Antonio Xavier. Uma companhia de canto dirigida por um certo Ruscolli, a de dansa por um Lacombe e a dramatica da celebre actriz Marianna Torres, representarão nesse theatro, cuja orchestra dirigia o famigerado Marcos Portugal. A companhia de Marianna Torres, que viera da Europa, compunha-se dos seguintes artistas: Marianna Torres, Maria Amalia da Silva, Estella Joaquina de Moraes, Maria Candida Brazileira, Maria Candida de Souza, Victor Porfirio de Borja, Paiva, Antonio da Bahia, Domingos Botelho, Manoel Alves Primeiro, Ladisláo e José Ignacio da Costa.

O machinista era Luiz Gago, os scenographos Manoel da Costa, José Leandro de Carvalho, e depois Debret e Reis.

Em dias de gala comparecia a familia real ao theatro que ostentava sanefas de seda, grinaldas de flores, arandelas, lustres, cortinas de velludo franjadas de ouro na tribuna real, e os fidalgos com fardas salpicadas de commendas, as damas com altos toucados entrelaçados de perolas e pedras preciosas enchião os camarotes; soltavão-se pombos, estrugião vivas ao rei e aos principes, e quasi sempre um elogio dramativo em louvor de el-rei nosso senhor dava principio ao espectaculo.

Contava o edificio quatro ordens de camarotes tendo na primeira ordem, na segunda e na terceira 28, na quarta 26, na platéa accommodava 1,020 pessoas; tinha dous pannos, um talar e outro de boca representando a entrada da familia real na bahia do Rio de Janeiro, embarcações e fortalezas a salvarem, e grande quantidade de botes, canôas e faluas circulando a esquadra real. Com o aluguel

de 3 camarotes occupados pelo ministro do reino, pelo encarregado do governo das armas e pelo intendente da policia pagava o governo mensalmente 150$000 (1).

Na frente tinha o edificio um só andar, havendo, porém, sobre as tres janellas do centro outras tres de peitoril de menor tamanho; no friso lia-se a data 1813 em caracteres romanos.

No terrado ou varanda da frente desse edificio deu-se em 1821 um facto notavel.

Espalhando-se a noticia que D. João VI estava de animo deliberado a não confirmar as decisões das côrtes portuguezas, que trabalhavão na confecção de um codigo constitucional, mostrou-se o povo descontente, e nos dias 25 e 26 de fevereiro daquelle anno fez diversas manifestações hostis; o descontentamento foi lavrando com mais força, e na manhã do dia 26 appareceu a praça do Rocio cheia de tropa composta de differentes armas. Immediatamente reunio-se a camara na sala do theatro, appareceu alli o principe D. Pedro, e do terrado leu em voz alta o decreto de 24 de fevereiro pelo qual segurava o rei a seus vassalos do Brazil a sancção da constituição, que se fazia em Portugal, e a sua admissão em todo o reino portuguez. O povo e tropa saudarão essa noticia com applausos e vivas ao rei, á religião e á constituição; salvou a fortaleza da ilha das Cobras, publicou-se uma lista das pessoas que devião occupar os empregos publicos, lavrou o escrivão da camara o termo do juramento da constituição, que foi assignado pelos principes D. Pedro e D. Miguel, pelos ministros e por muitas pessoas, que se achavão presentes, continuando a assignatura em todo o dia. A's 11 horas chegou ao largo do Rocio D. João VI acompanhado do principe D. Pedro, e o povo no fervor do enthusiasmo, tirou os animaes do coche, que transportava el-rei, levando-o em triumpho até o paço; marchou a tropa do largo do Rocio para o do Paço, desfilou em continencia; o rei appareceu em uma das janellas e declarou que approvava tudo quanto fizera seu filho; seguio-se o beija-mão e salvarão as fortalezas.

A' noite dirigio-se a familia real ao theatro, precedendo o coche real, além da guarda de honra, outra composta de officiaes ge-

(1) Veja o aviso de 12 de janeiro de 1821 na legislação Nabuco.

neraes e superiores do estado-maior ; constou o espectaculo da opera *Cenerentola* e de um bailado ; toda a cidade illuminou-se.

Todavia o espirito publico não se destraira da idéa de alcançar uma constituição, e reunidos em 5 de junho de 1821 no largo do Rocio, o povo e tropa enviárão uma deputação ao principe D. Pedro, pedindo-lhe que jurasse e fizesse jurar as bases da constituição portugueza, que havião sido adoptadas em Portugal. Annuio D. Pedro, já então principe regente do Brazil, e apresentando-se no salão do theatro S. João, prestou juramento na tarde daquelle dia em mãos do bispo, conde capellão-môr ás bases da constituição ; aquiesceu a outras requisições, como a da demissão do conde de Arcos, que partio para Lisboa, sendo nomeado ministro e secretario de estado do reino e estrangeiros o desembargador Pedro Alvares Diniz ; a da nomeação de uma commissão militar para o mando das armas, e a de uma junta provisoria de nove deputados responsaveis perante ás côrtes portuguezas. Organisárão-se a junta e a commissão, porém forão logo dissolvidas.

Houve á noite espectaculo, que constou de um hymno composto pelo principe, de uma opera italiana, e de um baile. A cidade illuminou-se.

Soltado no Ypiranga o grito da inde pendencia regressou D. Pedro ao Rio de Janeiro, e em 15 de setembro apresentou-se no theatro, trazendo no braço esquerdo uma legenda com o distico *independencia ou morte*.

Difficil é descrever o enthusiasmo de um povo, que saúda pela primeira vez a liberdade, que, envolvido em trévas, calcado sob o peso do dispotismo, acorda livre, alegre e grandioso. Os applausos, os vivas retumbárão na sala do theatro, tornou-se o principe o idolo do povo, que como coustituindo um só individuo, levantou-se em massa, e em um grito unisono bradou—*independencia ou morte*.

Festejavão os Fluminenses a aurora do imperio brazileiro.

Em todas as representações que se seguirão reviveu o mesmo enthusiasmo ; em cada espectaculo cantava-se um hymno, e não era raro levantar-se o povo para acompanhar os artistas, que entoavão hymnos patrioticos. Publicárão-se muitos hymnos n'essa época ; um intitulado *Timbre Brazileiro* começava assim :

A's armas corramos todos
Da Europa contra o poder,
Seja o timbre brazileiro
Indepedencia ou morrer.

Dizia o outro :

Valentes guerreiros
Que a fama buscaes,
E as armas alçaes
A novo esplendor.
Mostremos ao mundo
Bravura, energia ;
A patria confia
No nosso valor.

Principiava este assim :

Já o doce momento
Emfim é chegado,
Em que libertado
Respira o Brazil ;
A imperio elevado
Com digna corôa,
Quebrou de Lisboa
O jugo servil.
Viva o grande Pedro
Nosso defensor,
Viva o novo imperio,
Viva o imperador.

Havia um que repetia :

Ouvi, oh ! povos, o grito,
Que vamos livres erguer ;
O Brazil sacode o jugo,
Independencia ou morrer.

Em outro lia-se :

Já podeis, filhos da patria,
Vêr contente a mãi gentil,
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brazil.

Brava gente brazileira
Longe vá temor servil ;
Ou ficar a patria livre,
Ou morrer pelo Brazil.

Uma senhora compoz um, que principiava assim :

Neste novo hemispherio.
Novo astro vi nascer,
Em Pedro, que nos segura,
Independencia ou morrer.
Amor, gosto, obediencia,
O dever, e heroismo,
Vassalagem, e humildade,
Tira o Brazil do abysmo.

E outros e outros.

Proclamada a independencia era necessario dar uma lei constitucional á nação. Publicado em 1823 o projecto de constituição, marcou-se o dia 25 de março do anno seguinte para o juramento do novo codigo constitucional ; de feito realizou-se nesse dia o acto solemne do juramento da constituição. Uma salva de artilheria de todos as fortalezas e navios de guerra annunciou o nascer do sol ; ás 7 horas da manhã reunio-se em grande parada toda a tropa da 1ª e 2ª linha, sob o commando do tenente general Joaquim Xavier Curado, commandante das armas da côrte e provincia; ás 8 e 1/2 horas dividida a tropa em tres brigadas, commandadas a 1ª pelo brigadeiro Labatut, a 2ª pelo brigadeiro Lazaro, e a 3ª pelo brigadeiro Manoel da Costa Pinto, poz-se em marcha, e foi formar alas pelas ruas de S. Pedro da Cidade Nova, campo da Acclamação, rua dos Ciganos, praça da Constituição, rua do Ouvidor, Direita e S. Pedro.

A's 10 horas tres girandolas de foguetes, lançadas do alto do morro do Castello, seguidas de uma salva de artilheria das fortalezas, annunciarão a sahida de Suas Magestades do paço da Boa-Vista. Acompanhadas de toda a côrte, e de muitas pessoas gradas dirigirão-se, pelas ruas guarnecidas de tropa, á capella imperial, onde chegarão ao meio-dia ; nessa occasião salvou a artilheria.

Deu-se principio á festividade religiosa, e terminada, prestou o imperador o juramento da constituição ; logo após o alferes-mór, ba-

rão de Itanhaem, depois marquez do mesmo titulo, leu em voz alta, na varanda, construida ao lado do adro, o juramento que o imperador acabara de prestar; finda a leitura subirão ao ar muitas girandolas, salvarão as fortalezas e embarcações, e repicarão os sinos de todas as igrejas. Seguio-se o juramento prestado pela imperatriz, pelo bispo, cabido, senado da camara, pela côrte e pelos presidentes dos tribunaes.

Houve á noite espectaculo em grande gala no theatro, onde o imperador foi o primeiro, que levantou-se dando vivas á nova constituição, e repetindo-os cinco vezes; no meio de enthusiasticas acclamações tocou a orchestra o hymno constitucional composto por Pedro I, e terminado o hymno, bradou o monarcha — Viva a nossa perpetua independencia.

Mais de mil vozes repetirão essa saudação (1).

Representou-se o drama sacro *Vida de S. Hermenegildo*, que correu regularmente. Findo o espectaculo e descido o panno, quizerão os trabalhadores do scenario que o actor Antonio da Bahia, que fizera o papel de protagonista, pagasse *patente* por ter sido a primeira vez que subira no balancim, imitando a ascenção do santo; o actor recusou, e vendo que não arreavão-lhe o balancim, tentou saltar no tablado, mas com o movimento que fez impellio o balancim de encontro a um panno pintado com agua-raz, que encostando-se ás luzes, ardeu logo, communicando o fogo ao scenario; tentarão os trabalhadores subir ao urdimento para abafar o incendio, porém repellirão-os as chammas, o calor e a fumaça. O actor atirou-se ao palco, batendo com os peitos, do que veio a fallecer annos depois; o fogo apoderou-se de todo o edificio, que dentro de poucas horas ficou reduzido a um montão de ruinas. Tendo noticia do incendio, voltou Pedro I de S. Christovão para a praça da Constituição, donde o povo aterrado assistia ao espectaculo medonho do fogo. O commandante da fragata franceza *Le Prudente*, ancorada no porto, desembarcou uma bomba com um destacamento de marinheiros commandado pelo guarda-marinha Marchand; Grivel, commandante da fragata franceza *Astréa*, enviou outro destacamento sob as ordens do guarda marinha Troliant; vierão outros soccorros, mas tudo foi inutil, e no fim de

(1) Veja vol. I pags. 16 e 45.

duas horas só restavão do edificio quatro paredes ennegrecidas e escoriadas. Durante o incendio recordou-se o povo de um facto de que parecia esquecido.

— As pedras da Sé ; bradou a multidão apontando para o theatro incendiado, construido, como vimos, com pedras tiradas do edificio que se projectara para sé.

Grande prejuiso causou o fogo a Fernando José de Almeida ; mas não esmoreceu-se-lhe o animo ; tomou dinheiro a juros do banco do Brazil, estabeleceu accionistas de camarotes, obteve loterias, e deu principio a reedificação do theatro. Desejando não privar o povo por muito tempo de um divertimento honesto e proveitoso, pois a falta de operarios teria de demorar a reconstrucção do edificio, preparou no salão da frente, junto á varanda, um theatrinho com 24 camarotes em duas ordens, e 150 cadeiras na platéa ; em tres mezes ficou o theatrinho prompto, e em 1 de dezembro, anniversario da sagração e coroação de Pedro I, inaugurou-se com um hymno composto pelo imperador, um discurso recitado pela actriz Estella Joaquina de Moraes e a opera de Rossini O *Engano Feliz*.

Tendo se ausentado diversos artistas constarão os espectaculos desse theatrinho de pequenas peças de cantorias, ou de academias de musica.

Reedificado o theatro, denominado Imperial theatro de S. Pedro de Alcantara por decreto de 15 de setembro de 1824, foi franqueado ao publico em 22 de janeiro de 1826, anniversario natalicio da imperatriz, fazendo o cantor Fazzioti o papel de protagonista na opera *Tancredo*, e recitando Francisco Muniz Barreto um discurso em verso.

Nesse mesmo dia obteve Fernando José de Almeida a commenda da ordem de Christo.

Dada a primeira repesentação fechou o edificio para conclui-lo com esmero e elegancia.

Tendo o actor Victor Porfirio da Borja comprado um terreno na rua do Lavradio, deu principio em 1826 a um theatro de acanhadas proporções ; faltavão-lhe, porém, os meios de levar avante tal empreza, pelo que foi o predio arrematado pela sociedade maçonica Gloria do Lavradio, e actualmente serve de Grande Oriente Maçonico.

O habil actor Victor da Borja morreu pobre, contando mais de

70 annos, e apezar de velho e quasi cego, jamais deixou a vida da scena.

Em 1826 fundou-se um theatrinho particular na rua dos Arcos, nos fundos de uma casa proxima ao aqueducto da Carioca; prompta a caixa, armou-se na frente um toldo sob o qual collocarão-se cadeiras, e abrio-se o edificio com o drama *O desertor francez*. Mais tarde fez-se na frente uma varanda dividida em camarotes, e veio trabalhar alli a companhia de Ludovina Soares da Costa.

Durou esse theatrinho mais de dez annos, tendo havido outro, tambem particular, sito no largo do Rocio, entre as ruas da Carioca e Sete de Setembro, o qual por portaria de 25 de janeiro de 1823 teve permissão para dar espectaculo duas vezes cada mez, com tanto que nunca o fizesse em noites de representação do theatro de S. João, ainda sendo nos dias de gala.

Decorado artistica e elegantemente, reabrio-se o imperial theatro de S. Pedro de Alcantara em 4 de abril de 1826, no anniversario natalicio da princeza D. Maria da Gloria, depois rainha de Portugal; o imperador, a imperatriz e a princeza havião chegado da Bahia no dia 1.°, no dia 2 desembarcarão, e na noite de 4 comparecerão ao espectaculo, composto de uma opera italiana, um dansado e de um elogio em verso.

O edificio soffrera modificações; guarnecerão-se os camarotes com grades de ferro, collocou-se na sala um lustre de 102 luzes; ornou-se a tribuna imperial com lindos trabalhos de talha dourada, e o imperador comprara e mandara preparar para si dous camarotes da segunda ordem, junto ao proscenio, e a casa unida ao theatro para entrada desses camarotes.

Chegados da Europa os cantores e dansarinos contractados por ordem de emprezario tornarão-se os espectaculos variados, e tão concorridos, que os cambistas, pois já os havia, vendião bilhetes de camarotes a 100$ e 200$; em espectaculos de gala não era raro venderem-se os bilhetes para 12 recitas!

Derão os novos artistas origem a diversos partidos; se uns applaudião esta, outros festejavão áquella cantora, originando-se disso uma luta pueril e louca, na qual vião-se alistados os filhos das principaes familias da cidade; lucrava o emprezario com semelhante

disputa, e recebião os artistas palmas, flores e presentes; os partidarios, porem... tarde reconhecião que tinhão empregado mal o tempo.

Constava a companhia italiana dos seguintes artistas: Fazziotti, a irmão de Fazziotti, Isota—tenor, Manjoranini—baritono, Salvador —Salvatori, Piaccintini e suas duas filhas, João dos Reis— baixo, Pedro Teixeira—regente, e no corpo de baile, alem de outros, havia Touissant, mulher e marido.

Arrefecido o enthusiasmo dos dilettante, passada a novidade dos cantores e bailarinos, diminuio a concurrencia aos espectaculos, e deixou o emprezario de satisfazer a seus compromissos; pelo que levantarão-se desintelligencias entre elle e os artistas. Em 1828 Fernandinho fechou o theatro, e mandou contratar em Lisboa uma companhia dramatica.

Em 28 de junho de 1829 chegarão na galera *Onze de Maio* e forão hospedar-se no hotel do Horacio, na rua da Quitanda, os seguintes actores dramaticos: Ludovina Soares, Thereza Soares, Manuel Soares, Maria Soares, João Evangelista da Costa, Gertrudes Angelica da Cunha, Gabriella Augusta e José Maria do Nascimento.

Em 17 de julho entrou na galera *Lizia*, com 52 dias de viagem, o resto da companhia composto dos artistas: Joaquim José de Barros, Miguel João Vidal, Manoel Baptista Lisboa, Maria Amalia, João Climaco da Gama, Antonio José Pedro, José Jacob Quesado, Ricardina Soares, Montani—mestre de dansa e Mr. e Mme. Caton— dansarinos.

Forão habitar no mesmo hotel.

João Evangelista e Antonio José Pedro ja havião estado no Rio de Janeiro no tempo de D. João VI.

Os artistas, que vierão por ultimo, acharão o emprezario morto; Fernando José de Almeida pereceu ou sepultou-se no dia em que chegou o resto da companhia. Ficarão os artistas em critica e precaria posição, do que tendo noticia Pedro I, ouvindo os actores lastimarem-se, disse:

— E não estou eu aqui!

Ordenou que fossem pagas as despezas, que os actores fizessem no hotel, durante oito dias, até acharem casa, e de alguns que não mudarão-se naquelle prazo, pagou o imperador todo o gasto do hotel. Nomeou uma commissão de cinco membros, dos quaes os principaes

erão o camarista Siqueira, José Bernardes Monteiro e Domingos Oriosti, para tomar conta da direcção do theatro.

Deu-se com os navios *Onze de Maio e Lizia* que conduzirão os actores, uma coincidencia ; ambos naufragarão na segunda viagem.

Entrando em ensaios, estreou a companhia em 31 de julho no drama *O Escravo ou Eliza* e *Raul*, e na farça *O Ermitão* e a *Beata*.

A falta de espectaculos dramaticos desde que ardera o theatro, attrahio tanta concurrencia que, para venderem-se os bilhetes era necessario a presença do juiz do theatro e de oito soldados de policia.

Organizou-se um corpo de baile, e continuarão os espectaculos regularmente até 7 de abril de 1831, em que retirou-se a administração ; as companhias se dissolverão ; e reunindo-se diversos artistas em sociedade, derão algumas representações, que erão, porem, pouco concorridas pelo estado de perturbação em que vivia a cidade.

Parte da companhia dramatica se retirara para o theatro da Praia Grande (Nitherohy) e parte, como dissemos, continuou a representar no theatro de S. Pedro que mudou de nome, recebendo a denominação de Constitucional Fluminense.

Em 28 de setembro representou-se o drama *O Estatuario* em beneficio do actor Manoel Baptista Lisboa, notando-se desde o principio do espectaculo grande inquietação e motim na sala dos espectadores. Continuava a vozeria, e ás 10 horas vierão chamar o juiz de paz, Saturnino de Souza Oliveira, que presidia o divertimento, para acalmar uma desordem, que havia na praça, junto aos arcos do theatro, entre o tenente Antonio Caetano e um official de estado-maior chamado Paiva, queixando-se este de que aquelle o investira com mais seis companheiros, tirara-lhe a espada e despedaçara-lhe as correas do talabarte. Dizia Antonio Caetano que Paiva accommettera-o com a referida espada, entregando-a depois a um camarada seu ; o juiz prendeu a ambos, e ordenou a uma patrulha de rondas municipaes de cavallaria que os conduzisse á guarda principal. Vociferou Antonio Caetano que iria preso, porem não pela patrulha, visto como era official ; attendendo á reclamação, pedio o juiz ao commandante da guarda do theatro levasse o preso, que submetteu-se. Protestou, porem, a multidão contra a prisão de Antonio Caetano, oppoz-se a ella, e no meio do tumulto desappareceu o official Paiva

então mais exasperou-se o povo, e vozes repetidas clamarão que se prendera o brazileiro Antonio Caetano e se facilitara a fuga do portuguez Paiva. Era este brazileiro adoptivo. Arrebatado pela onda popular foi Antonio Caetano levado para o recinto do theatro, e ferinos insultos, pesadas injurias e imprudentes ameaças partirão da multidão contra a autoridade.

Ordenou o juiz a prisão de Antonio Caetano, mas foi desobedecido, e afastando-se do saguão do theatro ordenou ás rondas municipaes, attrahidas pela vozeria do povo, que se conservassem na distancia de tres braças da arcaria do edificio. Constavam essas rondas de mais de duzentos homens, e erão commandadas por Antonio Luiz Pereira de Araujo. Das arcadas e vestibulo do theatro começarão os amotinadores a insultar a tropa; o juiz mandou fechar o theatro e determinou que quatro soldados fossem ao saguão para prenderem os provocadores ; logo apoz destacou outros, e desses soldados aproximando-se um individuo, arrebatou-lhe a arma, e fez fogo. Uma descarga de 30 espingardas foi a resposta dada a esse tiro.

Irritadas como se achavão as rondas mnnicipaes, e julgando-se envestidas pelos amotinadores, dispararão as armas sem ninguem lhes ordenar. Os tiros afugentarão os facciosos, ferirão dous individuos e matarão tres; ficarão feridos tambem alguns guardas municipaes. Dos fallecidos um era natural do Maranhão, outro de Pernambuco, e o ultimo um portuguez que, tendo vindo ao theatro pela primeira vez, saltara no tablado na occasião do motim, entrara na scena por um dos lados do panno, que já estava descido, e demorando-se em examinar a pintura do scenario, foi alcançado pela bala, que atravessou o panno, e cravou-se-lhe na cabeça.

Forão os cadaveres sepultados na igreja da Lampadosa ; despersara-se o povo, mas continuarão a afluir as rondas municipaes para a praça da Constituição, marcharão contingentes de diversas freguezias, de sorte que, á meia noite, havia na praça mais de 1,400 guardas municipaes e em toda cidade mais de 3,000 em armas.

Espalhando-se o boato que marchava do quartel de Barbonos o batalhão de granadeiros para atacar as guardas municipaes, collocarão-se vedetas na rua do Piolho (Carioca); porém nada mais occorreu ; ás 4 horas debandou-se a força municipal, e para segurança

Chegára da Europa naquelle anno a companhia Candiani, que estreou em 17 de janeiro de 1844 na opera *Norma*, adquirindo grande nomeada a prima dona Candiani, que foi a primeira cantora que mais applausos colheu no Rio de Janeiro. Dispunha a empreza de tres companhias, dramatica, de canto e de baile, e por isso variava os espectaculos e chamava a concurrencia publica ; porém correrão os annos, e vistos e gastos os cantores, resolveu a empreza fechar o theatro até chegarem da Europa novas vozes e novos dansarinos.

Alugado o theatro pelo actor João Caetano, cuja biographia terminará este capitulo, encetou seus trabalhos em 12 de março de 1851 com o drama *Lazaro o Pastor*, porém breve teve de interrompel-os.

Em 8 de agosto desse anno forão á scena em beneficio do actor João Antonio da Costa a peça o *Captivo de Fez*, o duetto *Entrevista do Philosopho do Caes e do Praia Grande* (1) e o vaudivelle *Cosimo ou o Principe Caiador*. Terminado o espectaculo fechou-se o theatro, mas ás 3 1/2 horas da manhã a sentinella do Thesouro percebendo fogo no edificio tocou a rebate ; começou o incendio a lavrar com violencia, e quando a igreja da freguezia de Santa Anna deu o signal, que foi successivamente repetido por todas as igrejas, já as labaredas do abrazado theatro illuminavão a cidade. O clarão era tão intenso que poucos deixárão de assustar-se, supppondo o incendio á poucos passos de si. Era um clarão sinistro. Apezar da chuva que começára a cahir desde ás 4 horas, toda a cidade ergueu-se, e a praça da Constituição e ruas adjacentes ficárão cheias de povo. Quando chegárão os primeiros soccorros, e as autoridades, já o fogo havia lavrado com immenso furor, e quando ia-se-lhe dar o primeiro ataque desabou o tecto do edificio com horrivel estampido arremessando as telhas á grande distancia. Nada mais era possivel fazer-se, e o

(1) O Philosopho do caes era um mendigo, natural da Allemanha, que andava vestido com roupas de velludo muito velhas, feitas por elle proprio ; percorria as ruas descalço, estendia a mão a todos, mas sem pronunciar palavra.

O Praia Grande era tambem um mendigo que morreu na Misericordia ; trazia sempre a camisa desabotoada no peito, as mãos cruzadas sobre as costas, e chamava a todos de compadre.

edificio reduzio-se a cinzas, ficando em pé as quatro paredes enfumaçadas.

Ardêrão o archivo de dramas, comedias e musicas das companhias lyrica e dramatica, avaliado em mais de 12:000$000, vestimentas, scenario e instrumentos de musica; e salvárão-se sómente os livros do escriptorio, uma mesa com algum dinheiro e os moveis da sala da entrada do camarote particular do Imperador.

Durante o incendio o dono de uma cocheira junto ao theatro apressou-se em safar seus trens, e receiando que o tempo lhe não chegasse, soltou os animaes, que dispararão pelas ruas adjacentes atropellando o povo.

Da coverta franceza Brillante saltárão 4 officiaes com 100 marinheiros conduzindo uma bomba portatil; os inglezes, porém, não enviárão soccorros de bordo, porque nesse tempo só occupavão-se os navios dessa nação em cruzar o nosso littoral, mostrando-se violentos e severos contra a propriedade brazileira.

Encarando as ruinas do edificio que por muitos dias fumegárão, repetia o povo.

— Foi castigo; alli não deverão estar as pedras da sé.

João Caetano retirou-se com sua companhia para o theatro de S. Januario, onde encetou seus trabalhos em 17 de agosto; sendo, porém, os espectaculos pouco frequentados pela má posição desse edificio, determinou reconstruir o theatro de S. Pedro; estabeleceu accionistas de camarotes e cadeiras para quatrocentas recitas, alcançou por esse meio dinheiro para a obra que marchou com tanta rapidez que em 18 de agosto de 1852 reabrio-se o novo asylo das artes com o drama de Leon Gozlan *O Livro Negro*. Finda a representação pedio o povo á orchestra que tocasse o hymno da independencia, e terminado, chamou á scena o actor João Caetano que recebeu uma completa ovação; offertárão-lhe uma corôa de ouro com brilhantes e esmalte verde, outra de prata, grinaldas, ramalhetes, poesias e destribuirão seu retrato revestido da toga dos romanos e corôado de louros. O Imperador brindou o artista com um alfinete de brilhantes.

Elegantemente ornado pelos artistas Hosxe e Olivier, apresentou o edificio algumas alterações; os camarotes, que erão aprumados perpendicularmente uns sobre os outros, recuárão dous palmos

em cada ordem superior ; modificárão-se o arco do proscenio, a tribuna imperial e o tablado, e construio-se na terceira ordem uma toilette para senhoras.

Depois de tanta despeza e trabalho quando já estavão quasi findas as recitas dos accionistas, e ia começar o emprezario a colher o fructo de seus esforços, veio o fogo destruir em momentos todas suas esperanças.

Em 26 de janeiro de 1856 houve em beneficio da actriz Izabel Maria Nunes a representação do drama de Mendes Leal *D. Maria de Alencastro*, seguindo-se um passo a dous, o dueto *O Estudante e a Lavadeira* e a farça *Maricota ou os Effeitos da Educação*.

Findo e espectaculo, e fechado o edificio, depois de examinado pelo emprezario, vio-se manifestar-se o fogo por cima do arco do proscenio, no mesmo lugar e á mesma hora que começára havia quatro annos. Correrão os trabalhadores com baldes d'agua para ver se podião subir; afugentarão-n'os, porém, as brazas que cahião. Quando a igreja da Lampadosa deu o signal já o incendio não podia ser extincto, pois se communicára rapidamente ao telhado, que abateu em pouco tempo. Comparecerão as autoridades, viérão os soccorros, os almirantes francez e inglez enviárão a marinhagem ; tudo, porém, foi inutil, e em pouco tempo era o theatro uma fogueira colossal, que illuminava a cidade e seus arredores ; as labarédas elevavão-se á grande altura como se no centro da capital tivesse surgido immenso vulcão.

O povo aterrado por esse medonho espectaculo, que no espaço de 32 annos se repetia pela terceira vez, não sabia se devia considerar o fogo como um castigo, uma fatalidade ou um crime !

No fim de algumas horas só existião do edificio quatro paredes e o vacuo, a pedra, a cinza ; tudo desapparecera, só restava o esqueleto do theatro.

Além de outros scenarios, ardêrão os dos dramas Camões, D. João de Marana, e Milagres de Santo Antonio no valor maior de 26:000$000, o guarda roupa, adornos, um museu de passaros, bixos, e de diversos objectos curiosos, muita madeira apparelhada, que o actor João Caetano mandara collocar no porão para construir alguns predios em Nictheroby, o trajo para uma banda de musica que a so-

ciedade Summidades Carnavalescas encommendára da Europa, e outras cousas de subido valor.

Occorrido tão grande desastre, permittio o governo que a companhia de João Caetano fosse trabalhar nos domingos no theatro Provisorio (1).

A fatalidade não conseguira abater o animo desse artista nacional; se a sorte se mostrava sinistra, soube o actor conjurar os males, tratou de reerguer o que o fogo destruira; para isso empenhou seus trabalhos por doze annos, conseguindo accionistas de camarotes por esse

---

(1) Tendo de vir da Europa uma companhia lyrica e outra de baile, mandou o governo construir um theatro na praça da Acclamação; começarão as obras em 29 de setembro de 1851 dirigidas pelo portuguez Vicente Rodrigues, chegando nesse mesmo dia na barca Sarda — Libertas — as companhias que se esperavão, as quaes forão trabalhar no theatro S. Januario.

Concluido o theatro chamado Provisorio, assim denominado porque só deveria durar tres annos, inaugurou-se em 1852 com bailes mas carados dados em beneficio do constructor; em 25 de março desse anno estreou alli a companhia lyrica na opera Macbeth.

Tinha esse theatro a fachada voltada para a face meridional da praça, vendo-se no corpo central tres portas de archivolta no primeiro pavimento, quatro janellas de peitoril no segundo, um frontão recto e uma lyra no tympano, e nos corpos lateraes duas janellas em cada pavimento e um attico. Havia no fundo do edificio um sobrado para sala de pintura, depositos de adornos e camarins das primas-donas, e um de cada lado; dos quaes um servia de guarda-roupa e o outro de entrada para a tribuna imperial.

Contava interiormente quatro ordens de camarotes, a 1ª com 30 a 2ª com 29, a 3ª e 4ª com 32 e na platéa 218 cadeiras da 1ª classe, 443 da 2ª e 147 geraes. A tribuna imperial occupava tres camarotes da 2ª ordem.

Neste edificio, que teve depois o nome de theatro lyrico, e que em vez de tres annos durou vinte e tres, representarão artistas eminentes como Rossi, Salvini, Ristori, João Caetano; ouvirão-se as vozes de Stolz, Tamberlich, Degean, Mirati, De-Lagrange, La-Grua e outros, e ostentarão-se os pianistas Thalberg e Golthchack.

Tendo de se ajardinar a praça da Acclamação, demolio-se esse theatro monstruoso e feio; dando-se ahi o ultimo espectaculo em 30 de abril de 1875 com o drama «Guarany» extrahido do romance do mesmo titulo do distincto escriptor José de Alencar.

prazo;e encarregando da direcção das obras o actor José Romualdo de Noronha, patenteou este tanta actividade e dedicação que merece ser lembrado na terceira resurreição do theatro. Em 3 de janeiro de 1857 assistia o publico a representação do drama *Affonso Priéto* e do vaudiville *Ketly ou a volta á Suissa*.

No fim do espectaculo, chamado o actor João Caetano ao palco, foi muito victoriado e festejado pelo povo ; e a luz de tochas e ao som da musica, acompanhárão-n'o seus admiradores até á casa ; derão-lhe os artistas um annel de brilhante, os estudantes da Escola Central um rico album e a maçonaria outro.

Novas modificações assignalárão a terceira reedificação do templo de Thalia ; transformou-se a quarta ordem em uma varanda elegante ; a abobada do tecto em vez de começar na linha, onde principião os camarotes, estendeu-se até a linha em que elles terminão ; a tribuna imperial menos larga e mais elegante, deu espaço para mais dous camarotes em cada ordem ; os camarotes forrados de papel azul e branco, fabricado no paiz, tiverão no fundo a fórma circular, e a sala dos espectadores apresentou-se ornada de branco com florões de ouro.

Edificado na praça da Constituição entre as ruas do Sacramento e do Theatro é a fachada do theatro de S. Pedro dividida em tres corpos; o central precedido de um portico formado por tres arcos de alvenaria, tendo no fundo tres portas, que dão entrada para o vestibulo ; tres janellas rasgadas no segundo pavimento, abrindo-se para o terrado ou varanda sustentada pelos arcos ; tres janellas no terceiro pavimento, no friso o distico—*Theatro de S. Pedro de Alcantara*—; um frontão recto, e no tympano o busto de Apollo, e as mascaras da comedia e da tragedia com seus atributos. Os corpos lateraes apresentão duas janellas de peitoril em cada um dos tres pavimentos, e um attico que vae morrer no frontão, escondendo o telhado do edificio. Uma gradaria semi-circular fecha a frente do edificio.

Do lado da rua do Sacramento ha no corpo anterior duas portas e duas janellas de peitoril no primeiro pavimento e quatro janellas nos dous ultimos ; é igual a face opposta, com a differença de haver no pavimento terreo tres janellas e uma porta ; superiormente ha um ttico.

Nas paredes lateraes do corpo do theatro ha de cada lado duas portas, uma que dá entrada para os corredores, e a outra para a platéa e superiormente oculos, por onde penetra o ar para os corredores dos camarotes. Na face do fundo abrem-se duas portas, o portão do porão e superiormente oculos como os das faces lateraes.

Do lado da rua do Sacramento havia unidos a este edificio um botequim e uma cocheira, e entre essas casas uma porta com rampa, que ia ter á caixa do theatro ; ainda vê-se essa porta, porém em 1876 ergueu-se um sobrado sobre a casa que fôra cocheira e sobre o botequim. Do lado opposto via-se tambem uma cocheira, que demolio-se em 1876, levantando-se um sobrado, que une-se ao que dá entrada para o camarote particular do Imperador.

Estende-se o edificio até a rua da Lampadosa, tendo 300 palmos de comprimento, 130 de largura e 99 1/2 de altura.

Não ha belleza, nem boa architectura neste monumento, as pilastras da frente, entre as janellas, são largas em relação á altura e as janellas pequenas e estreitas.

O theatro, mais que qualquer outro edificio, deve ser elegante e magestoso ; templo das artes deve ser um poema de pedra pela belleza de suas columnas, arcos, abobadas, capiteis e lavores ; é alli que se póde estudar o gosto artistico de um povo, e por isso taes monumentos devem ser o symbolo, a expressão exacta do progresso artistico de uma nação.

Erga-se, pois, um theatro monumental, que seja o livro, onde fique estampada a historia da arte, uma magestosa construcção que diga aos vindouros que o cultivo das artes não foi desprezado neste nosso seculo.

O vestibulo é largo, ladrilhado de marmore, tendo de cada lado duas portas, e no fundo tres arcos com escadas de pedra, que dão entrada para os corredores que circumdão os camarotes.

Escadas de oito degráos que se bifurcão em dous braços dão subida para os corredores superiores, communicando-se os de um lado com os de outro e havendo de cada lado toilettes para senhoras.

Na frente do edificio abre-se um salão, onde, alem do theatrinho de 1824, houve outro em 1862 para aula de declamação dos alumnos do jury dramatico ; actualmente ha um botequim; communica-se o salão com o terraço ou varanda exterior, e com uma sala onde tem

uma escada, que conduzia á tribuna imperial, transformada em 1875 em galeria nobre, com cadeiras ao preço de 3$000.

No terceiro pavimento ha tres salas, e entre esse pavimento e o tecto, está o salão de pintura.

O theatro tem quatro ordens de camarotes, com trinta em cada uma, excepto na quarta que ha mais tres sobre a antiga tribuna imperial; a varanda dos camarotes da primeira ordem é de madeira, a das outras de grades de ferro; columnas de ferro sustentão os camarotes, que são divididos por um tapamento em forma de S, e forrados de papel, o que prejudica a acustica; a tribuna do Imperador junto ao proscenio occupa o espaço de tres camarotes; todo o edificio é illuminado a gaz; o tecto branco sem ornatos e pinturas, e o panno representa o Passeio Publico de Lisboa, como se no Brazil não houvesse que retractar, e não fosse a natureza bella, esplendida e digna de apparecer nas telas dos pintores!

E' pouco acustico o edificio, o que talvez provenha da construcção das paredes, do máo travejamento das madeiras, de não ter a sala dos espectadores a forma elliptica, e de outras causas, que desconhecemos; o urdimento é baixo, o que prejudica e estraga os scenarios.

Trabalha actualmente neste theatro uma companhia dramatica dirigida pelo actor Guilherme da Silveira.

Mas acha-se entre nós decahida a arte dramatica; não ha artistas, nem escola, nem estudo e nem gosto. Traducções informes, burlescas de vaudivilles francezes, parodias sem nexo, sem enredo, sem merecimento e sem jogo scenico das operas de Offenback, Hervé e Lecocq, magicas extravagantes e absurdas, movimentos desordenados, pernas e braços nús, posições indecorosas, eis o que se vê na nossa scena; está pervertido o paladar do povo, e o theatro já não educa, nem moralisa; é a sala das gargalhadas, das indecencias, da perversão e da futilidade. Actores, sem merecimento, sujeitão-se a papeis em que os trejeitos, as vestimentas ricas, as lentejoulas constituem o merito da personagem; tambem não necessitão para merecer applausos de manifestar jogo scenico, e comprehensão intima dos caracteres, basta terem desenvoltura e gargantearem mais ou menos bem algumas notas de musica.

Essa decadencia da scena brazileira ha afugentado os escriptores dramaticos, que julgão inutil escrever com seriedade para o palco;

por isso emmudecerão os talentos, e ficarão os rapsodes. Mas este estado lastimoso não póde continuar; deve o governo construir um theatro normal, em que eduquem-se os actores, moralise-se e se instrua o povo. Ja comprou o governo diversos predios da face meridional da praça da Acclamação para alli levantar um theatro, correrão ja loterias para esse fim, e premiou-se ao autor do melhor desenho apresentado; emprehenda pois a obra, mostre assim que preza as artes e as lettras; estabeleça escolas da arte dramatica, dê ao novo conservatorio, composto de pessoas idoneas, o desenvolvimento, a importancia que deve ter semelhante instituição; eduque o gosto litterario do povo; estabeleça premios para os escriptores e actores, e assim derramará a instrucção, plantará os bons costumes, favorecerá as artes e lettras, e concorrerá para a civilisação do paiz; lembre-se de que não é só nos lyceos que se bebe instrucção, porem tambem no theatro, nesse edificio de entretinemento e recreio, nesse templo da sociedade moderna, nessa escola popular, consagrada ás artes, á poesia, á prosa, aos costumes e ao progresso social.

JOAO CAETANO DOS SANTOS

Nasceu João Caetano dos Santos em 27 de janeiro de 1808, e rão seus paes o capitão de ordenanças João Caetano dos Santos e Joaquina Maria Rosa dos Santos.

Estava no verdor da idade, nos annos da juventude, quando sentou praça de cadete no batalhão do imperador, e durante sete nos servio á patria nas fileiras do exercito; marchou para as plani-es do Rio Grande do Sul, foi a Montevidéo, e nos campos de com-te manifestou decidida coragem, e guardou respeito á disciplina ilitar.

Porem não era no campo de Marte que estavão-lhe reservados louros; não era junto aos muros das fortalezas, nem nas fileiras s batalhões que havia de colher corôas de gloria; esperavão-no ntes louros no palco, no theatro, onde alistado como simples lado chegaria em pouco tempo ao pinaculo da fama, e alcançaria nas, bravos, ramalhetes, corôas, hymnos e triumphos.

Desde menino se entregara ao exercicio da scena em theatrinhos iculares, e entre todos, que pisavão as taboas desses theatrinhos, João Caetano quem mais se distinguia.

Apezar da opposição de seus paes, de conselhos de seus parentes, admoestações de seus amigos, despio a farda, e vestio a toga de que foi para elle um manto real. Appareceu em scena pela eira vez ao publico em 1827 n'um theatrinho particular da villa aborahy, desempenhando no drama o *Carpinteiro da Livonia* o de Carlos.

Sua estréa foi um triumpho, e animado pelos bravos e palmas que colhera, antevendo um futuro de gloria, veio para o theatro de Nictheroby, onde abrio uma assignatura de dez recitas. Preencherão essas recitas os seguintes dramas e tragedias: *Othelo, Antonio José, Catharina Howard, Torre de Nesle, Desertor Francez, Akmek e Rukima, Fayel, Oscar o filho de Ossian, Aristodemo e a Ultima Assembléa dos Condes Livres.*

Alguns mezes depois contratou-se no theatro Constitucional Fluminense vencendo o ordenado mensal de 30$000. Era o theatro dirigido por uma empreza portugueza, e estando incendidos nessa época os odios entre Brazileiros e Portuguezes, para afastar do artista nacional as sympathias populares, encarregou-o a empreza do papel de um velho no drama D. José II visitando os carceres. João Caetano não negou-se ao desempenho do personagem, que não estava em seu caracter; estudou muito, e ao apparecer em scena, ao pronunciar as primeiras palavras de Leonardo, o homem que envelhecera nas prisões, saudou-o o povo com repetidos applausos. Contrariados os directores não desanimarão em sua conducta perfida; e para inutilisarem o artista nacional, derão-lhe o papel de Manoelinho na comedia O Chapeo Pardo. Não era João Caetano do genero comico, porem fez o papel, e foi festejado; todavia tratou de despedir-se do palco em que era perseguido por ser nacional.

Protegido por Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois visconde e marquez de Paraná, reconstruio o theatro de Nictheroby; tornou-o espaçoso e elegante, e abrio-o em 2 de dezembro de 1833 com o drama: O Principe Amante da Liberdade ou a Independencia da Escossia.

Deve-se a João Caetano a creação da primeira companhia dramatica nacional; foi elle quem organisou o theatro brazileiro, quem conglobou os primeiros actores nacionaes, dando-lhes ordenado fixo, e afastando-os da miseria, por não poderem escripturar-se no theatro da côrte, cujos directores crão portuguezes. Eis os nomes dos actores da companhia João Caetano. João Caetano dos Santos, Francisco de Paula Dias, João Antonio da Costa, José Romualdo de Noronha, Joaquim Nostardo de Santa Rita, Jordão Quintanilha, José Fluminense, José Moreira, José Carlos da Silva Pinto, José Pedro, D. Estella Nogueroda, D. Antonia Borges e Manoel Luiz, ponto.

No theatro de Nictherohy representou os dramas mais applaudidos de seu repertorio, e mereceu do publico vivo e enthusiastico acolhimento. Entre outros brindes offereceu-lhe o povo em 1838 uma medalha de ouro, que tinha de um lado: *João Caetano dos Santos* e do outro *Ao Talma do Brazil—a Fama—a Gloria.*

Desejando alcançar applausos na capital do Imperio, influio no animo de seus amigos, persuadindo-os a levantarem um theatro na rua do Valongo, hoje da Imperatriz; de feito em pouco tempo ergueu-se esse edificio com tres ordens de camarotes, chamado theatro de S. Pedro, onde João Caetano e sua companhia estrearão no drama—O Principe Amante da Liberdade ou a Independencia da Escossia.

N'essa mesma rua e proximo á praia, havia outro theatrinho pertencente á familia Barroso.

Pequeno, mal situado, attrahia o theatro do Valongo escassa concurrencia, pelo que não podendo sustentar a companhia, retirou-se o emprezario para Mangaratiba e Angra dos Reis; regressou ao theatro do Valongo e pouco tempo depois foi representar no theatro Constitucional Fluminense, apparecendo em scena no drama *A Expulsão dos Hollandezes.*

Nesse theatro vasto, e collocado no centro da cidade, ostentou João Caetano os primores de seu genio; cada noite em que pisava em scena, adquiria um triumpho, os applausos abafavão-lhe muitas vezes a voz, e os ramalhetes envolvião-no em uma atmosphera de flôres. Indo o theatro á praça, e passando a novos possuidores, retirou-se João Caetano para Nictherohy, onde resolveu edificar um magestoso theatro, na rua do mesmo nome, hoje de Santa Thereza, esquina da rua de El-Rei, hoje do Visconde de Itaborahy; a assembléa provincial concedeu-lhe loterias; lançou-se a pedra fundamental do edificio, levantarão-se os alicerces, e as primeiras paredes; reconhecendo, porém, o actor ser inutil a construcção desse monumento em uma cidade de diminuta população, suspendeu a obra, e correrão as loterias em beneficio do theatro conhecido mais tarde com o nome de Santa Thereza.

Representava João Caetano em 1839 no theatro S. Januario, quando foi convidado para entrar na companhia do theatro de S. Pedro: contratou-se, e estreou em 22 de dezembro na tragedia de Voltaire *Zaira* no papel de Orosman; por desintelligencias que occor-

rerão sahio o actor nacional da companhia, e tratou de reedificar o theatro de S. Francisco, que abrio-se em 2 de maio de 1841 com o drama de Mendes Leal *Os Dous Renegados*. O Imperador, que tinha de assistir á representação, mandou dizer ás 7 horas que não podia comparecer; destribuirão-se poesias, entre outras uma lyra de Francisco de Paula Brito, dedicada á princeza D. Francisca, e que começava assim :

Olha formosa princeza
Este templo primoroso,
Como á sombra do teu nome
Se levanta magestoso

Salve mimosa
Gentil princeza
Adorno e esmero
Da natureza (1)

Nesse theatro exhibio João Caetano os melhores dramas de seu repertorio ; e entre muitos triumphos colhidos em scena, deve-se mencionar o que obteve na representação da Gargalhada de Jacques Arago que, assistindo ao espectaculo, coroou o artista com uma corôa de louros, que este viera trazer-lhe ao camarote.

Dirigindo-se ás provincias da Bahia e Pernambuco colheu applausos geraes, contou os triumphos pelas vezes que appareceu em scena ; entre outros presentes recebeu na Bahia uma riquissima coroa de pennas, um retrato do Imperador feito a canivete sobre papel, e um primoroso quadro; e em Pernambuco presenteou-o o povo com uma linda corôa de louros e diamantes.

Voltou para a côrte e encarregou-se da empreza do theatro de S. Pedro, dando em 12 de março de 1851 principio a seus trabalhos com o drama *Lazaro o Pastor*. Ainda não tinhão decorrido cinco mezes, e em 9 de agosto, era o theatro consumido por um violento incendio. Levou João Caetano seus actores para S. Januario, mas pensou logo na reedificação do edificio que o fogo destruira; de feito em pouco tempo levantou um novo recinto para a arte dramatica.

---

(1) Veja o periodico a Mulher do Simplicio.

Em 1854 foi ao Rio Grande do Sul, e obteve triumphos, como jamais actor algum alcançara nessa provincia ; partindo para a côrte, teve a desdita de assistir ao terceiro incendio do theatro de S. Pedro.

Oppresso pela fatalidade não succumbio o famigerado actor; o edificio renasceu pelos seus esforços; e já vimos os applausos e triumphos, que mereceu pela sua coragem e amor ás artes.

Nesse recinto assistio o povo aos melhores dramas de João Caetano, que em cada noite ... palmas, gabos, applausos e flores.

D. João de Marana, Camões, de Antonio de Castilho, Frei Luiz de Souza, Os Sete Infantes de Lara, O Prestigiador, Magdalena, O Cabo Simão, a Dama de S. Tropez, O Trapeiro de Pariz, Ernani, a Gargalhada, Seis Degráos do Crime, Antonio José, D.Cezar de Bazan, Clotilde, Hamleto, Kean, o Desertor Francez, Oscar, Fayel, Thereza e outros são nomes que assignalarão glorias e triumphos do immortal actor brazileiro.

Em 1859 representou com muito applauso o drama *29 ou Honra e Gloria* ; ao partir para Europa em 1860 recebeu na exhibição do drama *Cabo Simão* um ramalhete de flores de prata.

Entre outros presentes valiosos, que colheu na scena, menciona-se uma corrente de ouro de relogio, offertada pela cantora Stolz ; um retrato representando-o no papel de Othelo , e o artista Chaves Pinheiro fez a estatua do actor na tragedia Oscar, trabalho que hoje pertence á academia das bellas-artes.

Em novembro de 1860 appareceu na scena de Lisboa, e entre outros brindes recebeu da duqueza de Palmella uma corôa de louros; os litteratos portuguezes de maior nomeada tecerão-lhe elogios, e o rei deu-lhe a commenda da ordem de Christo, e o titulo de moço da camara.

Voltando para a patria pouco viveu o emulo de Talmá ; affectado de uma molestia grave e afflictiva, soffreu com resignação e paciencia os tormentos do leito, e conhecendo que pouco restava-lhe de vida, ditou seu testamento, do qual merecem escriptura as seguintes palavras :

« Vistam o meu cadaver com o habito de S. Francisco, colloquem-lhe no peito o habito de Christo com que meu pai foi sepultado, encerrem-no em um caixão pintado ou forrado de panninho, e condu-

zão-no ao cemiterio na sege mais pobre que houver, acompanhando-o somente o meu compadre Affonso e o capuchinho frei Luiz »

Vierão os signaes medonhos da morte e o doente expirou na manhã de 24 de agosto de 1863.

Embalsamado o cadaver foi conduzido á mão do Caminho Velho de Botafogo, hoje rua do Senador Vergueiro, pelos artistas da companhia João Caetano até á rua do Lavradio, á casa em que habitara o distincto actor e por cumprir a vontade do morto, que pedira simplicidade em seu enterro, seguirão o feretro á pé até o cemiterio de S. Francisco de Paula os actores das companhias dramaticas existentes na cidade.

Era um cortejo triste, porém solemne, no qual vião-se os artistas, o povo, os admiradores do grande actor, que em quanto viveu não encontrou rival na scena brazileira. Recitarão-se discursos, e no dia seguinte foi o ataúde encerrado no jazigo n. 3164. A sociedade Madrepora, em homenagem a inexgotavel caridade do primeiro actor brazileiro, offereceu uma grade de ferro de delicado lavor para cercar o sepulcro, cuja posse perpetua foi comprada á custa de um beneficio realizado em 1867 no theatro lyrico por Moura Guimarães.

Deu a camara municipal á uma das ruas da cidade o nome de João Caetano, cuja familia tendo ficado em pobreza, assegurou-lhe o Imperador a pensão annual de 600$000.

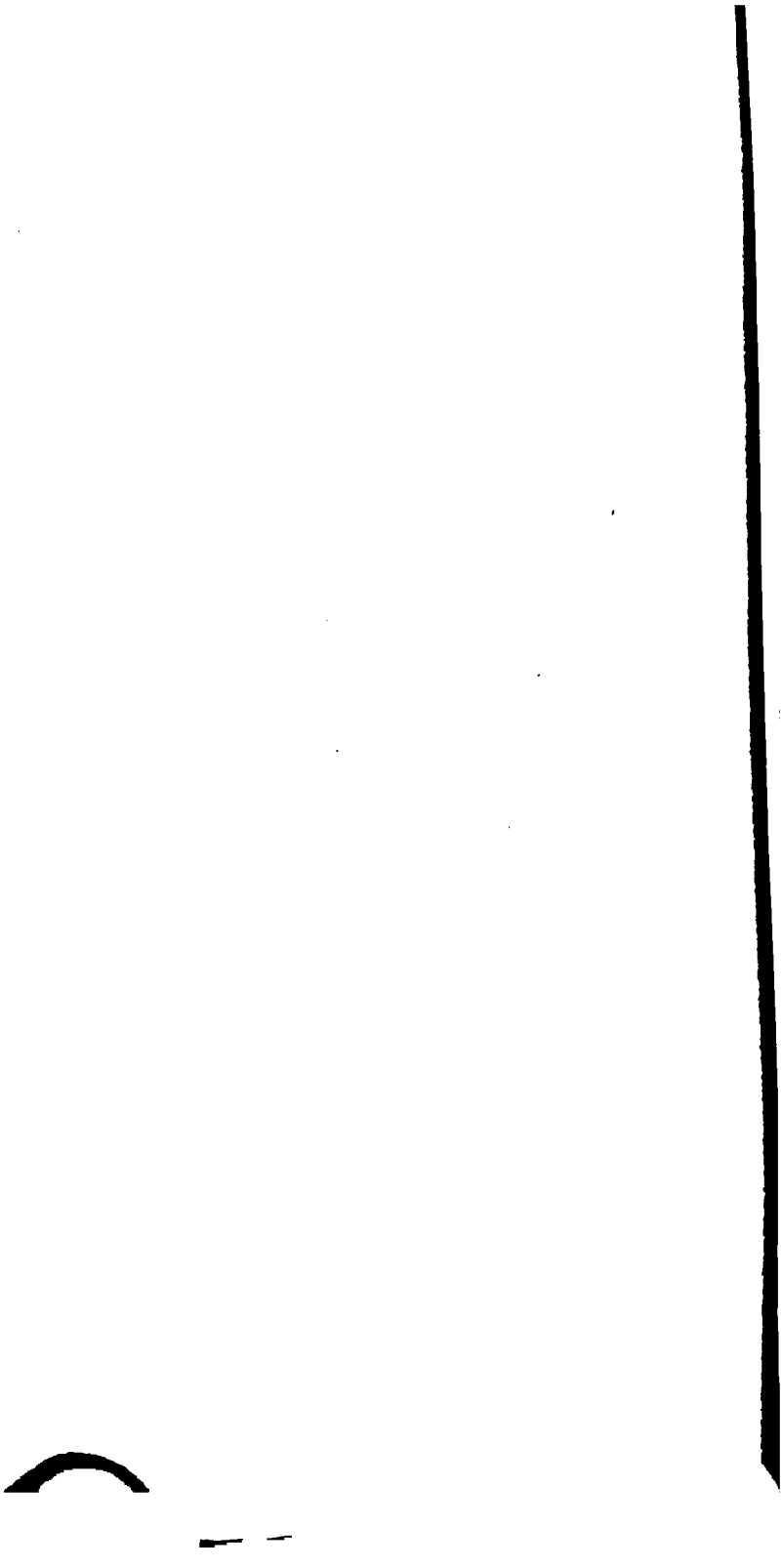
Na carreira do palco deixou João Caetano um nome notavel Dotado do genio artistico, que Deus só liberalisa a entes predestinados, arrebatava o auditorio com um simples olhar, ou um simples gesto; identificando-se com o personagem que pintava no palco, traduzia todas as emoções, todos os sentimentos com tanta arte e verdade, que commovia, arrastava e electrisava as platéas; a natureza fadara-o para a scena. Era homem de estatura regular, de formas mui elegantes, de rosto expressivo, e tinha o tom da voz de tal modo constituido, que sabia exprimir-se com verdade, paixão e harmonia. Todavia a tantos dotes physicos e moraes reunia alguns defeitos; era as vezes exagerado em seus transportes, como acontece aos grandes tragicos, que se compenetrão profundamente de seus papeis; era orgulhoso, rejeitava observações que lhe fazião, julgando-se rei da scena, e simples comparsas os actores que acompanhavão-no. Não queria ter imitadores nem discipulos, a arte era elle, e com elle devia morrer; se publicou

os ultimos annos suas lições dramaticas, não procurou realizar suas
léas, por isso quando abrio-se o seu sepulcro, a arte dramatica co-
rio-se de luto, e não havia entre os actores quem pudesse substituir
mestre, que orgulhoso e egoista morreu sem deixar discipulos.

Desde então foi a arte dramatica decahindo, e o gosto pervertido
as platéas pelos vaudevilles francezes obrigou a alguns actores mais
asados a transformarem-se em emprezarios, e a transplantarem para
scena brazileira as parodias esdruxulas do repertorio do Alcaçar. E
ssim se ha conservado nosso theatro em um estado degradante e
nmoral.

Devem, porém, os actores tratar de reformar a scena, para ver se
eformão o gosto do povo, e se João Caetano não póde crear escola,
odavia pelo seu genio, sem mestres, sem imitadores, chegou a adqui-
ir um nome immortal; sirva, pois, esse nome, a sua fama de incentivo
novos lidadores; estudem, esforçem-se, procurem imitar o grande
nestre, e a fazer da carreira do palco uma arte nobre, distincta, que
perpetue no Brazil, nas eras mais remotas, o nome de João Caetano dos
Santos. (1)

(1) Veja na Revista do Instituto Historico tomo 33 pag. 837 a
graphia de João Caetano dos Santos pelo Dr. Moreira de Aze-
do.



VIII

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES

A vinda da familia real para o Brazil foi um acontecimento de grande alcance para este paiz; desde o dia em que o principe D. João installou-se no antigo palacio do conde de Bobadella raiou para a colonia portugueza da America uma era de progresso e de liberdade; começou Portugal a receber ordens que partião do Brazil, e elevada a capital do reino teve a cidade do Rio de Janeiro estabelecimentos uteis, instituições, academias e tribunaes; e entre os institutos creados appareceu a academia das bellas-artes.

Quasi em fins de 1815 o marquez de Marialva, encarregado dos negocios de Portugal em França, contratou por ordem de seu governo diversos artistas habeis, que em consequencia da queda do imperio de Napoleão desejavão emigrar. Em janeiro de 1816 sahirão do Havre, e chegarão ao Rio de Janeiro em 26 de março no navio americano Calphe, os seguintes artistas: Joaquim Le-Beton, ex-secretario da 4ª classe do Instituto de França e chefe da colonia artistica; João Baptista Debret, pintor historico; Nicoláo Antonio Taunay, pintor de batalhas e paisagens; Augusto Taunay, esculptor; Augusto Henrique Victorio Grandjean de Montigny, architecto; Simão Pradier, gravador e abridor; Francisco Ovide, professor de mecanica;

Carlos Henrique Levavasseur ; Luiz Meunié, Francisco Bonrepos e Pedro Dillon.

Algum tempo depois chegarão os dous irmãos Ferrez.

Forão os artistas bem acolhidos, e tendo fallecido havia poucos dias a rainha D. Maria I, empregarão-se alguns delles em diversos trabalhos para as exequias dessa rainha.

Findas as ceremonias do luto vierão as de gala ; substituirão aos catafalcos, aos ornatos funebres arcos triumphaes, obeliscos, illuminações em festejo da chegada da archiduqueza d'Austria, depois primeira imperatriz do Brazil, incumbindo-se desses trabalhos os artistas Grandjean e Debret ; a esses festejos seguirão-se os da acclamação e coroação de D. João VI celebrados com a maior pompa, e brilhantismo, como costumavão ser as festas da côrte, e ainda os artistas francezes forão convidados para executarem diversos objectos de arte.

Havia sido o conde da Barca, ministro da marinha e interinamente da guerra e de estrangeiros, quem se lembrara de mandar contratar na Europa os artistas francezes para fundar uma academia de bellas-artes no Rio de Janeiro. Chegados os artistas foi esse fidalgo o seu melhor protector, e alguns forão residir na propria casa do ministro, como o distincto musico Newcomm, que, tendo vindo com o duque de Luxemburgo, embaixador extraordinario do rei de França, aportou á esta cidade em 30 de maio de 1816.

Foi o conde da Barca quem contribuio para a promulgação do seguinte decreto :

« Attendendo ao bem commum que provem aos meus fieis vassallos de se estabelecer no Brazil uma escola real de sciencias, artes e officios, em que se promova, e diffunda a instrucção e conhecimentos indispensaveis aos homens destinados não só aos empregos publicos de administração do Estado, mas tambem ao progresso da agricultura, mineralogia, industria e commercio, de que resulta a subsistencia, commodidade e civilisação dos povos, mormente neste continente, cuja extensão não tendo ainda o devido e correspondente numero de braços indispensaveis ao amanho e aproveitamento do terreno, precisa de grandes soccorros da extatistica para aproveitar os productos, cujo valor e preciosidade podem vir a formar do Brazil o mais rico e opulento dos reinos conhecidos ; fazendo-se, portanto, necessario aos

habitantes o estudo das bellas-artes com applicação e referencia aos officios mecanicos, cuja pratica, perfeição e utilidade depende dos conhecimentos theoricos daquellas artes e deffusivas luzes das sciencias naturaes, physicas e exactas; e querendo para tão uteis fins aproveitar desde já a capacidade, habilidade e sciencia de alguns dos estrangeiros benemeritos que têm buscado a minha real e graciosa protecção para serem empregados no ensino e instrucção publica daquellas artes, hei por bem, e mesmo em quanto as aulas daquelles conhecimentos, artes e officios não formão a parte integrante da dita escola real das sciencias, artes e officios que eu houver de mandar estabelecer, se pague annualmente por quarteis a cada uma das pessoas declaradas na relação inserta neste meu real decreto, e assignada pelo meu ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros e da guerra, a somma de oito contos e trinta e dous mil reis em que importão as pensões de que por um effeito da minha real munificencia e paternal zelo pelo bem publico deste reino, lhes faço mercê para a sua subsistencia, pagas pelo real erario, cumprindo desde o go cada um dos ditos pensionarios com as obrigações, encargos e estipulação que devem fazer base do contrato que, ao menos pelo tempo de seis annos, hão de assignar, obrigando-se a cumprir quanto fôr tendente ao fim da proposta instrucção nacional das bellas-artes applicadas á industria, melhoramento e progresso das outras artes e officios mecanicos. O Marquez de Aguiar etc. Palacio do Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1816 com a rubrica de El-Rei Nosso Senhor.—*O Marquez de Aguiar.*

Relação das pessoas a quem por decreto desta data manda Sua Magestade dar as pensões annuaes abaixo declaradas:

Ao cavalleiro Joaquim Le Breton	1:600$000
Pedro Dillon	800$000
João Baptista Debret, pintor de historia	800$000
Nicoláo Antonio Taunay, pintor.	800$000
Augusto Taunay, esculptor	800$000
A. H. V. Grandjean, architecto.	800$000
Simão Pradier, abridor.	800$000
Francisco Ovide, professor de mecanica	800$000
C. H. Levavasseur.	320$000
L. Simp. Meunié.	320$000
F. Bonrepos	192$000

Somma as onze parcellas oito contos e trinta e dous mil reis (8:032$000.)

Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1816.—*Marquez de Aguiar.*»

Aproveitara-se o conde da Barca, para crear essas aulas e pensionar os professores, de uma elevada somma proveniente de uma subscripção feita pelo corpo do commercio, em testemunho de gratidão ao principe regente por haver elevado o Brazil a reino; mas em 21 de junho de 1817 perderam os artistas seu protector, que falleceu contando pouco mais de 67 annos de idade.

Antonio Araujo de Azevedo, conde da Barca, servira de secretario de D. José I; no reinado seguinte exercera diversas missões diplomaticas, na Allemanha, Inglaterra e França, onde se achava quando deu-se o supplicio de Luiz XVI; voltou para seu paiz, porem regressou á França em missão diplomatica no tempo do consulado Bonaparte. Não acompanhou o rei ao Rio de Janeiro, veio, porém, algum tempo depois e chegou a assumir a gerencia de todas as pastas do ministerio.

Em suas viagens adquerira o gosto das lettras e artes, sendo notavel a sua livraria, galeria de estampas e collecções artisticas que passárão a pertencer á bibliotheca real, hoje nacional; em França protegeu a Felinto Elysio que dedicou-lhe a traducção dos martyres de Chateaubriand; no Brazil contribuio para o progresso das lettras e das artes; estabeleceu um laboratorio de chimica em sua casa, mandou vir uma pequena colonia de Chins para a cultura do chá na lagôa de Rodrigo de Freitas e morreu lastimado dos artistas e litteratos.

Tendo fallecido o fundador das aulas de bellas artes ficarão os artistas desamparados, esquecidos e desprezados; em 1818 ausentou-se para Europa Simão Pradier, e Le-Breton recolheu-se á uma casa da praia do Flamengo, onde começou a compôr uma obra litteraria e artistica que não chegou a concluir, porque a morte surprendeu-o em maio de 1819. Era cavalleiro da legião de Honra.

Favorecidos por Francisco Bento Maria Targini, barão e depois visconde de S. Lourenço, conseguirão os artistas francezes que se promulgasse o decreto de 12 de outubro de 1820 estabelecendo uma real academia de desenho, pintura, esculptura e architectura civil sob a inspecção do presidente do erario; diz o decreto:

« Tendo consideração a que as artes de desenho, pintura, esculptura e architectura civil são indispensaveis á civilisação dos povos e instrucção publica dos meus vassalos, além do augmento e perfeição

que podem dar aos objectos da industria, physica e historia natural: hei por bem estabelecer, em beneficio commum, nesta cidade e côrte do Rio de Janeiro, uma academia, que se denominará — real academia de desenho, pintura, esculptura e architectura civil — e que della tenha a inspecção o presidente do meu real erario; propondo-me para occuparem os lugares de professores e substitutos de cada uma das aulas das sobreditas artes reunidas, e seus respectivos ordenados, não sómente os artistas estrangeiros que já recebem pensões á custa da minha real fazenda, mas todos aquelles dos meus fieis vassallos, que se distinguirem no exercicio e perfeição das referidas artes, e as mais pessoas que forem necessarias, para o ensino, progresso e adiantamento dos alumnos da mencionada academia, cujos trabalhos e ensinos serão feitos em conformidade dos estatutos que com este baixam, assignado pelo meu ministro e secretario de estado dos negocios do reino. Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal, de meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios do reino unido, encarregado da presidencia de meu real erario, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios, sem embargo de quaesquer leis, regimentos, ou disposições em contrario. Palacio do Rio de Janeiro, em 12 de outubro de 1820. Com a rubrica de El-Rei.» (1)

Não tendo se realizado a fundação da real academia de desenho, pintura, esculptura e architectura civil, promulgou-se outro decreto creando uma academia das artes composta de certas aulas; eis o decreto:

« Tendo determinado pelo decreto de 12 de agosto de 1816, que se estabelecessem algumas aulas de bellas-artes, e pensionado a alguns professores beneméritos para se promover a instrucção publica, em quanto não se póder organisar uma escola real de sciencias, artes e officios, de que as mesmas aulas houvessem de fazer uma parte integrante, e sendo conveniente, para esse mesmo fim, que algumas das classes dos referidos estudos entrem já com effectivo exercicio: hei por bem determinar que, com o nome de Academia das Artes — principiem as aulas de pintura, desenho, escultura e gravura, para as quaes nomeio os professores que vão declarados na relação que baixa

(1) Encontra-se no archivo publico a copia deste decreto.

com este decreto, e que vai assignada por Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, assim como são nomeados tambem os mais officiaes que são necessarios para o sobredito estabelecimento. Outrosim, ordeno que se estabeleção tambem as aulas de architectura e de mecanica, e que as duas aulas que já se achão estabelecidas, de botanica e chimica, continuem na forma que tenho ordenado, destinando-se-lhe por ora o local que fôr mais conveniente para o commodo publico e para meu serviço; constituindo, porém, todas ellas uma parte integrante da sobredita escola real, gozando dos mesmos privilegios, e observando os estatutos que lhes mando dar e baixão assignados pelo mesmo ministro e secretario de estado, que assim o tenha entendido e o faça executar, expedindo as ordens necessarias para esse effeito. Palacio do Rio de Janeiro em 23 de novembro de 1820. Com a rubrica de El-Rei Nosso Senhor.

Relação das pessoas empregadas na Academia e Escola Real, estabelecida na Côrte do Rio de Janeiro pelo decreto acima transcripto:

Lente de desenho, Henrique José da Silva, vence de ordenado annual	800$000
E como encarregado das aulas	200$000
Secretario da Academia e Escola Real, Luiz Rafael Soyé.	480$000
Lente de Pintura de Paysagem, Nicoláo Antonio Taunay	800$000
Dito de Pintura de Historia, João Baptista Debret	800$000
Dito de Esculptura, Augusto Taunay	800$000
Dito de Architectura, Augusto Henrique Victorio Grandjean	800$000
Dito de Mecanica, Francisco Ovide.	800$000
Pensionarios de Desenho e Pintura.	
Simplicio Rodrigues da Silva.	300$000
José de Christo Moreira.	300$000
Francisco Pedro do Amaral	300$000
Dito de Escultura, Marcos Ferrez	300$000
Dito de Gravura, Zeferino Ferrez	300$000

Rio de Janeiro em 23 de novembro de 1820.— *Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal.* »

Henrique José da Silva viera de Lisboa para illustrar com desenhos as traducções de Targini, barão de S. Lourenço, que vendo-o sobrecarregado de doze filhos, conseguio nomea-lo director da academia das artes.

Praticara esse ministro um acto de humanidade, porém não de justiça; entre os artistas havia outros muito mais habilitados para dirigirem a instituição; levado, porem, por considerações alheias ao serviço publico, e arrastado pelo coração e não pela razão, como devera, olvidou os nomes de artistas idoneos e peritos para collocar na direcção da academia o seu protegido! E infelizmente repetem-se sempre factos semelhantes; em geral guardão os ministros os empregos para seus protegidos e afilhados; não indagão quaes os homens habilitados para este ou aquelle cargo, reservão os lugares para os seus affeiçoados, ainda que sejão despidos de todo o merito, e deixão no esquecimento, nas trevas, na pobreza o individuo de merecimento, que não tem um braço poderoso que o ampare, ou a voz de um potentado que o recommende!

Resentirão-se Grandjean, Debret e outros artistas habeis da injustiça do ministro; do que resultarão conflictos e rivalidades que embaraçarão a marcha do estabelecimento.

Desde 1816 se determinara construir um palacio para academia das artes, sendo encarregado de apresentar o desenho do monumento o architecto Grandjean de Montigny; em 5 de agosto de 1816 dera-se principio ao edificio que deveria tambem servir para casa do correio geral e fabrica para lapidação de diamantes.

Não prosperava a academia das artes; vivião os artistas descontentes com o seu director; em 1821 Nicolão Antonio Taunay voltou para França, onde tinha o lugar de membro do Instituto, tendo executado durante o tempo em que viveu no Rio de Janeiro diversos trabalhos, entre outros alguns retratos da familia real; nesse mesmo anno retirando-se D. João VI para Lisboa acompanhou-o o visconde de S. Lourenço.

Desamparados ficarão os artistas perdendo este segundo protector; nada se emprehendia em favor delles; recebião ordenados, mas não podião apresentar seus trabalhos, porque vivião descontentes com o director que illudia o governo no empenho de abrir as aulas da academia das artes.

Havião se recolhido alguns quadros em uma sala do thesouro, mas por ficarem ahi fechados por capricho do director muitos se damnificarão.

Em 1822 obteve o artista Henrique José da Silva uma sala do edificio do museu, onde começou a pintar um retrato de Pedro I ; mas sem protecção, sem ter onde trabalhar e expôr seus desenhos, lastimavão-se os outros artistas por não poderem emprehender cousa alguma em favor das artes.

Desejando o governo abrir á mocidade brazileira a academia das artes, já então denominada academia imperial das bellas artes, publicou este decreto :

« Tendo-me representado o director da academia imperial das Bellas-Artes que o edificio contiguo ao thesouro publicò em que reside actualmente o lente de pintura João Baptista Debret tem as proporções necessarias para se estabelecer nelle a mesma academia, cujas aulas tenho resolvido, em proveito dos subditos deste Imperio, mandar abrir com a possivel brevidade, hei por bem que se proceda no dito edificio a obra necessaria das quatro salas precisas, para as differentes classes de estudos, sendo inspector della Pedro Alexandre Cavroé e pagando-se no thesouro publico as respectivas despezas pelas folhas apresentadas pelo apontador geral das obras publicas, na fórma do estylo. Mariano José Pereira da Fonseca.

Paço, em 17 de novembro de 1824, 3° da independencia e do Imperio. Com a rubrica de S. M. I.—*Estevão Ribeiro de Rezende* (1). »

Fallecendo nesse anno Augusto Taunay foi nomeado, por decreto de 12 de novembro, professor de esculptura João Joaquim Alão, tendo sido um dia antes escolhido para professor de pintura de paisagem Felix Emilio Taunay, filho de Nicolão Antonio Taunay.

Quasi todos os artistas francezes ou havião regressado para a patria, ou havião morrido, e pouco se fizera para tornar util a presença desses cultores da arte, que chamados ao Brazil, não forão utilmente aproveitados ; havião formulado novos estatutos para a academia, mas as azas frias e densas da indifferença não deixarão apparecer esse trabalho.

(1) Veja Legislação de Nabuco, tomo IV, pag. 356.

Em 1826 resolveu o visconde de S. Leopoldo dar existencia real á academia, e envidando todos os esforços conseguio inaugural-a em 5 de novembro, anniversario da chegada da primeira imperatriz do Brazil.

Tendo ido de manhã ao arsenal de marinha bater as tres pancadas na cavilha da corveta *D. Januaria*, dirigio-se Pedro I, meia hora depois do meio dia, á academia das bellas artes acompanhado de sua esposa e de sua filha a rainha de Portugal; recebidas pelo visconde de S. Leopoldo, ministro do imperio, pelos professores e por trinta e tres alumnos já matriculados, pelos grandes da côrte e membros do corpo diplomatico ouvirão as pessoas imperiaes um discurso recitado pelo secretario Luiz Rafael Soyé, finda a leitura aproximou-se do throno o ministro do imperio e offereceu ás pessoas da familia imperial medalhas de ouro cunhadas em memoria da abertura da academia e destribuio medalhas de prata pelos titulares, conselheiros e outras pessoas de jerarchia que se achavão presentes.

Fôra o artista Zeferino Ferrez quem abrira essa medalha que tinha no verso *D. Pedro I*, e no reverso:

Petro primo Bras. imperatori
Inaugurata Academia B. Artium
D
MDCCCXXVI.

Depois de percorrer todo o edificio e de examinar alguns trabalhos expostos, retirou-se a comitiva imperial.

Foi esta a ultima vez que appareceu em publico a imperatriz D. Maria Leopoldina, que um mez e dezeseis dias depois, falleceu lastimada por toda a nação que apreciara seus merecimentos e virtudes.

Havia defeitos nos estatutos da academia; os alumnos das aulas de pintura, esculptura, gravura, mecanica, architectura e paisagem erão obrigados ao estudo do desenho por tres annos; o que era prejudicial pois, exceptuando a pintura, cada uma daquellas artes tem seu desenho especial não necessitando algumas do estudo da cabeça e partes do corpo humano; terminadas as horas da aula de desenho o alumno não podia cursar outras aulas; havia confusão de classes,

de discipulos ordinarios e extraordinarios, e bastava ter 18 ou 20 annos para não se poder matricular nesta ou naquella classe; a academia era uma simples escola de desenho.

Em 1826 concluio-se o primeiro pavimento do palacio da academia, determinando-se desde então que se não executasse o segundo como estava disposto no desenho do architecto.

Em 1827 o artista Debret mandou imprimir á sua custa o plano de estatutos organisado em 1824 por elle e outros professores, e o director Henrique José da Silva, para censurar as idéas de seus adversarios, publicou tambem um folheto intitulado—*Reflexões abreviadas sobre o projecto do plano para a academia imperial das bellas-artes que se diz composto pelo corpo academico.*

Desejando o architecto Grandjean que alguns moços aproveitassem suas lições obteve do governo que os alumnos frequentassem a aula de architectura; Debret imitou seu procedimento, e permittirão-lhe reunir alguns discipulos antigos na sala em que fazia o quadro da sagração de Pedro I.

Tinhão feito progresso os alumnos de Debret, e visitando essa aula animara Pedro I ao mestre e aos discipulos; pelo que determinou aquelle artista fazer uma exposição publica de trabalhos de sua aula; mas as contrariedades do director, os máus estatutos inutilisarão essas tentativas de progresso e amor artistico.

Em 1828 ordenou o ministro José Clemente Pereira que se fizesse uma exposição, porém nada se realizou; no anno seguinte Debret encarregou ao seu discipulo Manoel de Araujo Porto-Alegre de ir em seu nome pedir ao ministro licença para expôr os trabalhos de sua aula; o ministro, depois de ter colhido informações do official maior, conselheiro Biancardi, expedio o aviso ordenando que se fizesse a exposição; compete, portanto, a José Clemente Pereira a gloria de ter mandado fazer a primeira exposição publica da academia das bellas-artes.

A Debret unio-se Grandjean e com as obras dos dous mestres e de seus discipulos organisou-se em 1829 a primeira exposição composta de 47 trabalhos de pintura historica, de 106 estudos de architectura, 4 trabalhos do professor de paisagem, e de 4 bustos em gesso de Marcos Ferrez.

No anno seguinte subira ao ministerio o conselheiro José Antonio da Silva Maia, ao qual dirigio-se Porto-Alegre em nome de seu mestre e pedio-lhe licença para uma nova exposição, com que o ministro concordou. Foi essa exposição mais importante e variada, a pintura expoz 52 producções, a architectura 82, a paisagem 12 e a esculptura 11 ; o director expoz desenhos de sua aula ; o concurso do publico quadruplicou, algumas obras expostas forão mimoseadas com corôas e poesias, e a imprensa elogiou essa festa de progresso, liberdade e cultivo das artes no paiz. Mas paralysavão todos esses actos, todos esses esforços, as indisposições particulares entre o director e os professores, e a mocidade e a nação soffrião os inconvenientes dessas lutas mesquinhas ; erão viciosos os estatutos como já dissemos, parecendo ter sido feitos antes em proveito dos homens do que das artes ; a academia ia em decadencia, e na propria aula do director se matriculara um unico alumno em 1831.

Nesse anno o artista Debret apresentou ao ministro do imperio Lino Coutinho o plano de estatutos feito pelos professores ; recebeu o ministro o trabalho, porém nada pôde fazer em beneficio da academia em consequencia do estado agitado em que estava a nação.

A transferencia da typographia nacional para o edificio da academia, o espaço resumido a que ficárão reduzidas as aulas, a perseguição manifestada contra os musicos que forão todos despedidos da capella imperial, e a insubordinação da força militar, embaraçárão os trabalhos da academia e desgotarão seus professores ; o artista Debret determinou deixar o Brazil onde trabalhara quinze annos com amor e dedicação ; de feito em 25 de julho de 1831 retirou-se com licença para sua patria ; em 1837 alcançou a demissão de professor da academia, e pelos serviços prestados ao Brazil obteve uma pensão.

Além dos trabalhos que fizera para as festas reaes de D. João VI, pintara scenarios para o theatro de S. Pedro e o quadro da sagração de Pedro I ; e em Pariz publicou em francez uma obra interessante illuminada com estampas intitulada *Viagem Pitoresca ao Brazil.*

Approvado o decreto de 30 de dezembro de 1831 e posto em execução o plano da reforma da academia redigido pelos professores, abrio-se o estabelecimento aos alumnos matriculados e aos amadores nacionaes e estrangeiros em todos os dias uteis, das 9 ás 2 horas

da tarde ; o ministro do imperio ficou considerado como o protector da academia que seria regida pela congregarão dos professores cathedraticos e substitutos sob a presidencia de um director eleito d'entre os professsores á pluralidade de votos ; e serviria de secretario um professor substituto.

Antes desta organisação fallecera repentinamente, sendo encontrado morto em seu leito, o secretario Luiz Rafael Soyé ; para esse cargo foi escolhido o professor substituto de paisagem José da Silva Arruda ; mas perecendo este em 28 de fevereiro de 1833 foi designado para secretario interino, em 12 de março do mesmo anno, o professor Felix Emilio Tannay.

Em 29 de julho de 1834 falleceu o professor de mecanica Francisco Ovide, cuja cadeira havia sido desligada da academia desde 1831 continuando, porém, a ser paga pela mesma folha.

Além de diversos trabalhos executados em casas particulares se encarregara esse artista, no tempo de D. João VI, de fazer chegar a agua ao chafariz emfrente da quinta da Boa-Vista.

Em 29 de outubro de 1834 baixou ao tumulo o cadaver do director Henrique José da Silva ; pelo que reunio-se o corpo academico em 4 de novembro, e elegeu para vice-director a Grandjean de Montigny. porém recusando este o cargo foi indicado para preenchel-o, em 12 de dezembro, o artista Felix Emilio Taunay.

Sete dias depois houve em presença do ministro do imperio a primeira destribuição publica de premios aos alumnos, como determinavão os estatutos ; obtiverão a grande medalha de pintura historica o alumno Vasco José da Costa ; a grande medalha de paisagem o alumno Augusto Muller ; a grande de architectura Antonio Baptista da Rocha ; a grande de desenho Jacob Villademiro Petra de Barros, e a grande de desenho de modelo vivo Guilherme Muller ; tendo se inaugurado em 2 de maio desse anno a aula de modelo vivo.

Em 23 de abril de 1836 as chaves das salas occupadas pela typographia nacional forão entregues ao director da academia.

Havendo defeitos nos estatutos, quiz reformal-os o ministro Bernardo Pereira de Vasconcellos, e ordenou aos professores que organisassem novo plano de estudos ; elaborarão elles novo regulamento, no qual declarava um dos artigos que para a exposição publica dos trabalhos da academia se recebessem todos os outros de differentes

artistas, que não fossem discipulos ou membros titulares da instituição; mas não chegarão esses estatutos a entrar em execução.

Subindo ao ministerio o conselheiro Manoel Antonio Galvão ordenou por aviso de 5 de março de 1840, que a exposição annual da academia se tornasse exposição geral de bellas-artes e que se propuzessem premios aos expositores mais notaveis, quer fossem pertencentes ao estabelecimento, quer estranhos a elle. Era um pensamento generoso e util que devia cooperar para o desenvolvimento das artes, para a animação e incentivo dos artistas.

Em dezembro desse anno realizou-se a exposição da academia, porem a do anno seguinte foi mais ampla; além dos trabalhos dos alumnos expuserão: Zeferino Ferrez um baixo relevo representando a fidelidade de Amador Bueno da Ribeira; Felix Emilio Taunay tres quadros: a *Vista da Mãi d'agua*, a *Morte de Turenne* e o *Caçador* e a *Onça;* o substituto de pintura historica, José Corrêa de Lima, a *Magnanimidade de Vieira*, representando João Fernandes Vieira lançando fogo a seus canaviaes para obedecer a ordem do governador geral, tendo um prejuizo de 200,000 cruzados, e Augusto Muller o retrato do mestre de sumaca Manoel Corrêa dos Santos, tirado por ordem do governo. Amotinando-se a tripulação da sumaca em Santa Catharina, e tendo abandonado o navio no momento em que se levantara um furioso temporal, o mestre, só como se achava, resolveu ganhar o largo antes que ir dar a costa, e no fim de sete dias, sem descanso e quasi sem alimentação, chegou ao porto de Santos.

Em 1842 o governo concedeu o habito de Christo ao artista José Corrêa de Lima, autor do quadro *Magnanimidade de Vieira*, e na exposição desse anno o artista Augusto Muller apresentou o quadro *Jugurtha na prisão*. Na exposição seguinte apparecerão: a estatua da *Caridade* por Pettrich, existente no Museu Nacional, o quadro *David vencedor de Golias* de F. Moreaux, e *Nobrega e seus companheiros arrancando um cadaver das mãos dos indios no momento em que estes o querião devorar*, painel de Manoel Joaquim de Mello Côrte Real que havia sido nomeado professor de desenho em 29 de maio de 1839.

Em 1846 alcançou o primeiro premio, que consta da viagem de instrucção á Roma, o alumno Antonio Baptista da Rocha que sahio

deste porto em 22 de março na corveta de guerra franceza *La-Somme*; foi o primeiro pensionista enviado á Europa.

Em 1849 falleceu o professor de desenho Manoel Joaquim de Mello Côrte Real, e em 2 de março do anno seguinte perdeu a academia o professor Henrique Victorio Gradjean de Montigny. Este artista havia sido pensionista do governo francez em Roma no tempo de Napoleão I; visitara uma grande parte da Italia, edificara um dos mais bellos theatros de Napoles; publicara de sociedade com Fanimi uma obra importante sobre a architectura toscana; por motivo politico emigrou para o Brazil onde deu o risco para o palacio da academia das bellas-artes, para a primeira praça de commercio que teve o Rio de Janeiro, para a primeira praça de mercado; construio arcos e outros objectos de arte não só para as festas do primeiro casamento do principe D. Pedro, como tambem para a coroação de D. João VI, decorou o largo do Paço por occasião da chegada da imperatriz D. Amelia; deu planos para diversos edificios particulares; recebeu de D. João VI o habito de Christo e deixou na academia muitos trabalhos, como o plano de uma cathedral disposta para ao mesmo tempo servir de sepultura aos homens illustres, centro da fachada de um paço imperial, projecto de uma bibliotheca para a capital do Imperio, com decoração de caracter egypcio, fachada e córte de um conservatorio de musica, vista perspectiva de um museu no caracter dos do XV seculo na Italia, trabalho que foi premiado com uma medalha de ouro na exposição de 1808 em Pariz e outros projectos de grande merecimento. Pedio na hora extrema que sepultassem seu cadaver no claustro do convento de Santo Antonio no jazigo onde repousava sua esposa.

Em 31 de março a morte arrebatou outro professor da academia; pereceu o professor substituto de esculptura Marcos Ferrez que, foi sepultado no cemiterio de S. Francisco de Paula, deixando em seus trabalhos grata recordação de seu nome.

Em 11 de outubro a congregação elegeu para secretario a Antonio Baptista da Rocha que regressara da Europa; em dezembro houve a exposição annual, porém em 1851 não celebrou-se esse acto; em junho Felix Emilio Taunay entregou a direcção interina ao professor de architectura Job Justino de Alcantara.

Em julho de 1851 a morte afastou do numero dos professores o artista Zeferino Ferrez que executara diversos trabalhos e abrira a

primeira medalha no Rio de Janeiro. O senado da camara resolvendo offerecer em 1816 uma medalha a D. João VI, encarregou ao artista Grandjean do desenho, e acontecendo chegar da Europa nesse anno um gravador, incumbio-o do trabalho; porem acommettido o artista no fim de tres mezes de alienação mental ficou a obra interrompida até 1820, em que foi concluida por Zeferino Ferrez e offertada ao rei. Fundio em bronze uma estatueta de Pedro I que enviada á legação brazileira em Roma servio para se tirar a copia em marmore que existe na Bibliotheca Nacional, cunhou duas medalhas para commemorar a abertura da aula de ensino mutuo (1); uma para a junta do Commercio; abrio a medalha da inauguração da academia das bellas-artes, a grande e a pequena medalhas de premio da mesma academia, a medalha da coroação de D. Pedro II, a do nascimento do principe D. Affonso, e deixou outros trabalhos.

As azas negras da morte adejavão sobre a academia; em 29 de janeiro de 1852 falleceu o professor de esculptura Francisco Elidio Pamphiro que nascido no Rio de Janeiro em 1823, fora pensionista do governo em Roma, e obtivera por decreto de 27 de setembro de 1850 o lugar de professor de esculptura. Ha na academia dous trabalhos seus que são uma pequena copia da estatua de Achilles e Eudymião baixo-relevo.

Houve nesse anno a solemnidade da exposição dos trabalhos, que só tornou a realizar-se em 1859.

Em 11 de maio de 1854 tomou posse do cargo de director o artista Manoel de Araujo Porto Alegre, do qual daremos a biographia nas ultimas paginas deste capitulo, e em 6 de agosto o anjo da morte chamou para o sepulcro ao professor Antonio Baptista da Rocha, secretario e substituto de architectura. Na Europa tivera por mestre o celebre Canina, e na patria, não sendo-lhe sufficiente para viver o exigio ordenado de professor, tocava orgão em diversas igrejas no que era habilissimo.

Findos os oitos dias de luto reunio-se a congregação e elegeu para secretario o artista João Maximiano Mafra que ainda exerce esse cargo.

Em 2 de dezembro lançou-se a primeira pedra da Pinacotheca

(1) Veja o capitulo 2º pag. 52.

em presença do ministro do imperio que, tomando assento na sala das sessões da academia leu o director Manoel de Araujo Porto Alegre o seguinte auto :

« Imperando o muito alto e muito poderoso principe o Sr. D Pedro II, Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil, no dia 2 de dezembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu-Christo de 1854, 33.º da Independencia e do Imperio e 29º da idade do Soberano, o conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, ministro e secretario de estado dos negocios do Imperio, collocou, perante um grande concurso, a pedra fundamental da Pinacotheca Imperial.

Nas caixas em que se encerra este auto, para esclarecimento das gerações vindouras, estão depositadas seis medalhas; a primeira de prata tem na face a effigie do Soberano e no reverso a inscripção que attesta a fundação deste estabelecimento; a segunda de ouro é igual dos premios annuaes que a academia concede, e as 3.ª 4.ª 5.ª e 6 são as moedas de prata do corrente anno.

O desenho exterior deste edificio é obra do professor de architectura Job Justino de Alcantara.

A grande medalha foi gravada pelo artista João José da Silva Monteiro, a de ouro pelo professor da academia José da Silva Santos e as outras pelos gravadores da casa da moeda.

Abrilhanta este acto o conservatorio de musica cantando um hymno das artes composto por Manoel de Araujo Porto-Alegre e Francisco Manoel da Silva mestre da capella imperial e presidente do conservatorio.

E para que conste fielmente algum dia, o que se fez, o secretario da academia lavrou este auto, o qual vai assignado pelo ministro do imperio, como presidente da mesma, pelo director, secretario e mais membros do corpo academico. — Palacio da academia das bellas-artes em 2 de dezembro de 1854. »

Terminada a leitura dirigio-se o ministro acompanhado do corpo academico ao lugar onde devia collocar-se a pedra fundamental, e depositou com o auto as medalhas e moedas dentro de um tubo de chumbo, que depois de fechado e soldado, foi encerrado em uma caixa de cedro, cuja tampa foi pregada pelo ministro.

Lançada a caixa na cavidade da pedra fundamental o ministro do imperio com uma colher de pedreiro assentou um pouco de

cimento em torno da caixa, e depois fizerão o mesmo o director, o secretario e os professores.

Os discipulos do conservatorio de musica dirigidos por Dyonisio Vega cantarão o seguinte hymno ás artes, poesia de Porto-Alegre e musica de Francisco Manoel da Silva :

Aos olhos do artista,
A' luz da harmonia,
A eterna belleza
Se abrio neste dia.

Do chão se levanta
A argila grosseira,
E aos astros se eleva
A' grimpa altaneira.

Na rustica pedra
O duro martello
Batendo converte-a
Na imagem do bello.

Na tela varia
Anima-se a historia,
Revive o passado
Duplica de gloria.

O genio é reflexo
Da luz divinal,
Como ella divino
Como ella immortal.

Em 22 de junho de 1857 pereceu o professor José Corrêa de Lima e em 2 de outubro Porto-Alegre pedio demissão do cargo de director, sendo substituido pelo Dr. Thomaz Gomes dos Santos, que entrou de posse no dia 20.

Na exposição de 1859 apparecerão, entre outros trabalhos, a estatua de José Bonifacio de Andrade e Silva, feita por Francisco Ma-

noel Chaves Pinheiro professor de estatuaria ; o retrato de Luiz Rochet ; diversos estudos feitos em Roma pelo pensionista Victor Meirelles de Lima ; *S. João Baptista no carcere*, do mesmo artista e o retrato do *Marinheiro Simão* carvoeiro do vapor *Pernambucana*, pintado por José Corrêa de Lima.

Naufragando em 9 de outubro de 1853 o vapor *Pernambucana* ao sul da Laguna, morrerão 28 pessoas, salvárão-se 42, e destas 13 deverão a vida ao intrepido marinheiro Simão, que treze vezes transpoz a nado as ondas, venceu insuperaveis perigos, expoz-se a morte conseguindo arrancar da profundeza do mar, entre outros um cégo, e um militar que tinha uma perna de menos. Este preto, natural da ilha de S. Vicente, em Cabo Verde, tinha mulher e oito filhos, mas nessa hora de perigo esqueceu-se de si e dos seus e correu em auxilio dos naufragos. Em recompensa desta acção tão meritoria abrirão os directores da companhia brazileira de paquetes a vapor uma subscripção para a qual concorrerão o Imperador, a Imperatriz e todo o corpo do commercio ; o Imperador deu-lhe uma medalha de ouro, o rei de Portugal outra, e o typographo Francisco de Paula Brito mandou tirar-lhe o retrato e destribuil-o.

Em 15 de março desse anno inaugurou-se a pinacotheca, e em 25 de maio o ministro do imperio Luiz Pedreira do Couto Ferraz, hoje visconde do Bom Retiro, reformou a academia dividindo o curso de estudos em cinco secções, a primeira comprehendendo as aulas de desenho geometrico, desenho de ornatos e architectura civil; a segunda as de esculptura de ornatos, gravura de medalhas e pedras preciosas, e de estatuaria; a terceira as de desenho figurado, paisagem, flores e animaes, pintura historica e modelo-vivo ; quarta as de mathematicas applicadas, anatomia e physiologia das paixões, historia das artes, esthetica e archeologia, e a quinta formada pelo conservatorio de musica.

O ensino foi dividido em dous cursos diurno e nocturno, e além dos professores effectivos, nomeados pelo governo, crearão-se os professores honorarios, para substituirem os effectivos nas faltas destes, e a classe de membros correspondentes composta de artistas distinctos residentes fóra da capital do Imperio; determinou-se que annualmente haveria no salão da pinacotheca a exposição publica dos trabalhos das diversas classes, e em seguida a distribuição dos premios, e de dous

em dous annos a exposição geral-publica por espaço de quinze dias de todos os trabalhos artisticos executados no Imperio.

Em 1860 celebrou-se a exposição artistica, destinguindo-se entre os trabalhos os seguintes: *Estatua do actor João Caetano dos Santos* no papel de Oscar da tragedia deste nome por Francisco Manoel Chaves Pinheiro. A academia comprou por 800$000 essa estatua que já figurou em uma exposição geral no Brazil e em 1876 na exposição de Philadelphia. *Caim amaldiçoado*, quadro de João Maximiano Mafra; *Retrato de D. João VI, Acclamação de D. Pedro I, Desembarque da imperatriz D. Maria Leopoldina* e *Sagração de D. Pedro I*, esboços originaes do professor João Baptista Debret, offerecidos á academia por José Ribeiro da Silva; *Retrato da cantora Anna de Lagrange na opera Norma* por Luiz Augusto Moreaux, offerecido á academia pelo Dr. André Pereira Lima; *Vista tomada da estrada na Serra de Petropolis* por Agostinho José da Motta, professor de paisagem da academia; *Un carcere*, scena da tragedia Antonio José, 5° acto, feito por Joaquim Lopes de Barros Cabral, professor jubilado de pintura historica; *Scenà do naufragio do vapor Pernambucana* do mesmo auctor.

Em consequencia da exposição geral, que abrio-se em dezembro de 1861, não exhibio a academia seus trabalhos nesse anno; mas em 1862 expôz entre outros quadros: *a Primeira Missa no Brazil* por Victor Meirelles de Lima, que por tão primorosa téla recebeu do governo o habito da ordem da Rosa; e o Imperador D. Pedro II, que porfia em mostrar-se amigo dos artistas e litteratos, presenteou o artista nacional com a insignia da condecoração. Em 7 de abril desse anno passara Victor Meirelles de professor interino de pintura historica a effectivo, e sete dias depois apagara o espectro da morte do quadro dos professores o nome do professor de esculptura de ornatos, Honorato Manoel de Lima.

Em 1864 apparecerão na exposição os seguintes quadros: o *Rapto de Dejanira pelo centauro Nessus*, copia do famoso original de Guido Reni por Pedro Americo de Figueiredo; *Naufragio da Meduza*, copia reduzida do original de Gericault, pelo mesmo artista; Doze paineis pertencentes á collecção nacional restaurados por Carlos Luiz do Nascimento a saber: *Salomé com a cabeça de S. João Baptista*, de Guercino da Cento; *Jesus Christo atado á columna depois da flagella-*

ção, vem os anjos consola-lo, de Frederico Barocci; *Salomé recebendo a cabeça de S. João*, de Gerardo delle Notti; *Céa de Emmaús*, de Dominico Zampiere appellidado o Dominichino; *Tobias pai recobra a vista*, de Luiz Caracci; *Tapete com diversos ornatos*, de Cornelio de Heem; *Venus e Amores*, de Francisco Albano; *Apollo que canta*, de João Baptista Paggi; *Caridade romana*, de Guercino da Cento; *S. Domingos*, sem nome de auctor; *Marinha*, de Pedro Mulier chamado o cavalleiro Tempesta; *Marinha*, com palacios ao pôr do sol, do mesmo auctor.

Nas exposições que se fizerão de 1864 a 1876 destinguirão-se as seguintes producções: *Carioca*, quadro de Pedro Americo de Figueiredo; *a Batalha de Campo Grande*, do mesmo artista; pertence essa primorosa tela ao governo que mandou colloca-la no edificio da Escola Militar.

Actualmente este esperançoso e distincto artista trabalha na Europa em um quadro de grandiosas proporções representando a batalha de Avahy.

A Passagem do Humaytá pela esquadra brazileira; *O Combate do Riachuelo*.

Estes dous paineis de Victor Meirelles de Lima são admiraveis producções de um genio artistico, brilhantes concepções de uma alma patriotica, de um artista inspirado pela poesia das artes, pelas auras da patria e pela luz do genio.

Estatua do actor Joaquim Augusto Ribeiro de Souza, no drama o Africano por Francisco Manoel Chaves Pinheiro, offerecida pela viuva desse distincto actor ao governo imperial (1); *Estatua Equestre de D. Pedro II em trajo de voluntario da patria assistindo á rendição de Uruguayana*, offertada ao governo imperial pelo auctor Francisco Manoel Chaves Pinheiro; figurou na exposição de 1866 no Rio de Janeiro, em 1867 na de Pariz, e por esse bem concebido e executado trabalho mereceu o habil artista o officialato da ordem da Rosa.

(1) Nasceu este actor no Rio de Janeiro em 6 de julho de 1825, e apesar de não ter qualidades naturaes para a scena, sendo um pouco surdo, e de difficil expressão de voz, conseguio por sua intelligencia e perseverança ao estudo distinguir-se na carreira dramatica e tornar-se, depois do famoso actor João Caetano, o mais distincto actor dramatico de seu tempo; falleceu em 17 de janeiro de 1873.

Em 7 de dezembro de 1869 pereceu o professor José da Silva Santos, e em 1874 o director Dr. Thomaz Gomes dos Santos, vindo substituil-o, em outubro desse anno na direcção da academia, o conselheiro Antonio Nicoláo Tolentino, actual director, e que solicito em seus deveres mandou vir da Europa novos gessos para reformar os antigos e outros que o estabelecimento ainda não possuia, e trata de dar a pinacotheca melhor distribuição de luz.

Em 2 de dezembro de 1876 falleceu o habil artista Carlos Luiz do Nascimento, nascido no Rio de Janeiro em 12 de outubro de 1812; era professor jubilado, retratista distincto e conservador da pinacotheca, cargo que exerceu alguns annos, e no qual prestou bons serviços, restaurando varios quadros de valor que se achavão em muito máo estado e alguns dos quaes parecião já de todo inutilizados.

Ergue-se o palacio da academia na travessa das Bellas-Artes em frente de uma pequena praça semicircular e da rua Leopoldina.

Quando construio-se este palacio não havia nem essa praça nem a rua fronteira, porem reconhecendo-se ser conveniente patentear a fachada do edificio, que se achava occulta em uma travessa, avaliarão-se em 8:000$000, em 7 de março de 1838, dous armazens que havia defronte da academia, afim de serem demolidos formando-se uma praça nesse lugar; de feito esses armazens e mais um que pertencia ao thesouro forão demolidos em 30 de abril de 1839, e rasgarão-se a praça e a rua que se estendeu até a da Lampadosa; e em 16 de outubro de 1846 recebeu o nome de Leopoldina.

Resolvendo-se continuar essa rua até a praça da Constituição avaliarão-se os predios que terião de demolir-se, fizerão-se orçamentos e nomearão-se engenheiros, mas só muitos annos depois em 9 de janeiro de 1872, realizou-se esse melhoramento.

Depois de termos visitado tantos edificios erguidos sem gosto e arte, estamos em frente de um palacio bello, nobre, regular e magestoso, em que se respeitarão as regras da arte, em que fallão á imaginação o bronze, a pedra e ornatos da frontaria, representão o bello artistico e revestem o monumento do caracter architetonico; encarando-o se reconhece ser alli o asylo das artes.

Visitando o conde de Saint Pric a cidade do Rio Janeiro, depois de percorrer diversos edificios, disse, ao ver este palacio:

— Encontro finalmente nesta terra um canto, onde se respira o amor do bello.

Divide-se a frontaria em tres corpos, vendo-se no centro um portão de ferro desenhado e pronptificado por Grande jean em 1831, com ornatos de bronze, uma figura do mesmo metal sobre o fecho da arcada ; baixos relevos na archivolta, representando dous genios das artes, e na parte superior o distico :

Academia Imperial Liberalium Artium.

Abrem-se no segundo pavimento tres janellas guarnecidas de uma sacada formada por balaustres de bronze, lendo-se sobre cada janella o distico:

Pictura. Architectura. Esculptura.

Sobre a janella central vê-se um baixo-relevo feito pelo professor Zeferino Ferrez ; seis columnas jonicas com bases e capiteis de bronze e construidas com o granito da pedreira da Gloria levantão-se entre as janellas, aformoseando o frontespicio e sustentando o entablamento; em 1835 collocarão-se as bases dessas columnas e em junho de 1849 os capiteis, que forão fundidos por Antonio Marcandier com o bronze de uma peça de artilheria que se achava inutilisada no arsenal de guerra.

Entre as duas ultimas columnas elevão-se, de um lado, a estatua de Minerva, e do outro, a de Apollo, devidas ao cinzel de Marcos Ferrez; no friso lê-se a legenda.

« *Petrus Bras Imp. I Artibus Munificentiam consacravit.*

O frontão é recto e enche o tympano uma linda composição allegorica feita pelo artista Zeferino Ferrez. Conta cada um dos corpos lateraes oito janellas de archivolta e uma porta. Grandjean de Montigny perpetuou seu nome na face deste palacio que, levantado para templo das artes, tornou-se tambem monumento de sua gloria.

O vestibulo tem o pavimento revestido de marmore, é sustentado por quatro columnas doricas, apresenta tres portas de cado lado e tres no fundo guarnecidas com obra de talha, e junto ás paredes, sobre pedestaes de madeira, os bustos seguintes : Gladiador, Venus de Arles ; Menelau, Apollo de Belvedere, Diana Caçadora ; Epicuro, Mercurio grego, e Discobolo em descanço.

Rasga-se no fundo uma sala semi-circular de decoração dorico-romana com as paredes vestidas de quadros e em um nicho central

a estatua em gesso de D. Pedro II obra do professor Francisco Manoel Chaves Pinheiro ; guardava outrora um busto em bronze do mesmo monarcha feito por Zeferino Ferrez em 1846.

Este artista e seu irmão Marcos Ferrez, quando nasceu a princeza D. Maria da Gloria, offerecerão a D. João VI, um berço sustentado por duas esphinges e suspenso sobre uma grinalda de flores ; e por este lindo trabalho de esculptura em madeira dourada receberão do rei uma pensão.

Ha no fundo do vestibulo um corredor para o qual abrem portas as salas de aulas, tendo em uma extremidade a estatua de Appollonio e em outra a de Venus de Medicis ; ha as salas de gravura de medalhas, a de modelo vivo, a de estatuaria, a de esculptura de ornatos, a de desenho geometrico, a de mathematicas, a de desenho figurado, a de paisagem, a de pintura historica e a de architectura. A pinacotheca constitue a sala numero 11.

Unida ao palacio da academia estende-se a pinacotheca até a rua de S. Jorge com uma unica porta no exterior na face voltada para essa rua, e vãos fingindo janellas nos pavimentos terreo e superior.

Interiormente fórma um salão no qual derrama luz uma extensa clara-boia.

Voltando ao vestibulo vê-se do lado direito um pequeno recinto habitado por uma estatua colossal representando a America e seus attributos, feita de barro cozido em 1818 pelos artistas Marcos e Zeferino Ferrez ; trazia antigamente na columna o nome de D. João VI.

Desse recinto começa a escada que conduz ao segundo pavimento, onde ha uma sala que serve de bibliotheca, secretaria e para as sessões da academia ; a decoração é no estylo da escola italiana ; o tecto pintado em 1855 por Pallieré Grandjean Ferreira, ex-pensionista do governo em Roma, representa no quadro do centro uma allegoria ás bellas-artes ; a Pintura, a Esculptura, a Architectura, a Poesia e a Musica se preparão para illustrar o reinado de D. Pedro II, Augusto Protector das Bellas-Artes. Os retratos de Apelles, de Leonardo de Vinci, Rubens, Alberto Durer, Buonarotti, Rafael, Ticiano, Tintoreto, Vellasques, André del Sarto, Rembrant, Vandick, Poussin e de Murillo ornão os quatorze medalhões que ladeão o quadro central. Alguns ornatos no gosto das pinturas de Herculanum ter-

minão a decoração, e vestem as paredes diversos paineis quasi todos de artistas nacionaes que foram discipulos da academia.

A bibliotheca da academia, composta de obras especiaes, conta quasi mil volumes, notando-se entre as obras importantes o Museu Francez, obras architectonicas do sabio cavalleiro Canina, a Galeria de Versailles, os Annaes do Museu, o Museu Bourbonico, dadiva da imperatriz em 1854; as obras completas de Piranese, as de Palladio, Denon, Hittorf, Paillot de Montabert, as Ruinas de Pompeia, a Galeria dos mais celebres pintores, a Historia da Esculptura por Cicognara e outras.

No alto da escada que conduz ao segundo andar vê-se em um nicho uma pequena estatua antiga chamada Ceres, mas que se suppõe apresentar antes uma musa.

Percorrendo-se o palacio da academia encontrão-se trabalhos primorosos e de grande valor artistico; ha na sala de gravura de medalhas diversas medalhas nacionaes e estrangeiras, antigas e modernas; entre as antigas veem-se a medalha imperial de Caio e Lucio, filhos de Augusto, a de Tiberio, a de Antonio e outras; ha moedas curiosas, amostras de marmore, de granitos, baixos relevos, collecção de medalhas dos summos pontifices, dos reis de França e de muitos personagens illustres.

Possue uma rica collecção de gessos tirados nos moldes formados sobre as estatuas originaes antigas, outros são copias, e outros obras modernas.

Na galeria dos quadros ha trabalhos dos famosos genios da pintura; entre outros distinguem-se: *Fructas e flores da Europa*, de Pedro Paulo dalle frutti; *Santa Catharina*, de Cesario José de Arpino chamado o cavalleiro de Arpino; *Um busto de creança*, de João Baptista Greuze; *Uma Sacra Familia a lume nocturno*, de Bartholomeu Schidoni; *Reinaldo e Armida*, de Domenico Fiasella, chamado Sarezana, discipulo de João Baptista Paggi; *Exposição de Jesus Christo*, de Vandick; *Duas vistas da cidade de Londres em 1700*, de Richardson de Londres; *Adoração dos Magos*, de João Carloni; *Duas Santas*, de Jeronymo Donimi; *Bachanal de meninos*, de Francisco Campora; *O transito de S. Francisca*, de Salvador Rosa; *Acto da Circumcisão*, esboço de Paulo Veronez; *Loth com suas filhas*, esboço de Antonio Allegri chamado o Corregio; *Um encontro de*

cavalleiros, de Jacques Cortesi; *Santa Anna*, *S. Joaquim*, *Jesus Menino e S. João Baptista*, de José Axereto, imitador de Rubens; *S. Bruno em oração*, de João Jouvenet; *Baptismo com gloria de anjos*, de Miguel Angelo de Caravaggio; *Urania* contemplando os astros, de Giovani Lanfranco; *Morte de Amon*, de Wouwerman; *Interior da familia flamenga*, de Cornelio de Wael.

Todos estes quadros forão restaurados pelo habil artista Carlos Luiz do Nascimento. *Vista de Napoles*, de Sarriteli; *Uma vista de Veneza*, de Bernardo Belloti; *Uma batalha de Luiz XIV*, de Vander Meulen; *Juizo de Salomão*, de Bernardo Castello; *Uma cabeça da Virgem*, offerecido á academia pelo ex-consul do Brazil na Hespanha, Venceslão Antonio Ribeiro, e atribuido a D. Bartholomeu Estevão Murillo; *Jesus caminhando para o Calvario*, de Franck o moço; *Um cão entre animaes mortos*, de André Carlos Boule; *Tres pai sagens modernas*, de Sarritelli de Napoles; *Uma paisagem*, de Agostinho Buonamici; *Jesus em oraçao no jardim das Oliveiras*, de Simão Vouet.

Ha ainda trabalhos de Sebastião Conca, Carlos Marata, de Poussin, de Luccas Jordão, de outros pintores celebres, e uma *Conceição* do artista brazileiro Manoel Dias de Oliveira.

Dissemos que a aula de modelo vivo abrio-se em 1834, soffreu, porem, em differentes épocas interrupções pela difficuldade de encontrar individuos que quizessem servir de modelo; em 1838 e 1839 os professores Zeferino Ferrez e Porto-Alegre prestarão escravos seus para servirem de modelo: João Maximiano Mafra sendo alumno da academia, reunio-se com alguns collegas e fundou em 1839 uma associação para mandar vir da Europa colonos que servissem de modelo á academia, e favorecida essa idea pelo director do estabelecimento começou a aula a funccionar regularmente desde 1843 a 1854; em 1855 a 1857 não houve modelo vivo; em 1858 esteve a aula em exercicio, e assim continuou; em 1860 principiou a funccionar de noite.

Orna a sala desta aula a estatua do Nazareno, calco sobre o modelo original do professor Eumene Barata, da academia de Carrara, offerecido por Francisco José Fialho, que, em viagem na Europa, conseguio do habil estatuario, a permissão de tirar este calco

sobre o modelo original, não estando ainda a estatua executada em marmore.

A' distribuição de premios aos alumnos costuma assistir o Imperador D. Pedro II, que desse modo mostra seu amor ás artes e a protecção e louvor que dispensa aos verdadeiros talentos; ao alumno brazileiro, mais distincto, concede o governo um premio extraordinario que consiste em pensão annual na Europa, durante o prazo de seis annos se fôr pintor historico, esculptor ou architecto, e de quatro se fôr gravador ou paisagista; e breve receberá a academia bellos trabalhos do pensionista João Zeferino da Costa, que tem de regressar para a patria.

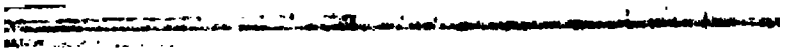
Em 1875 frequentarão a academia 186 alumnos.

Ainda não caminhão as artes entre nós em estrada aberta, e não ha gosto artistico, influencia da multidão, animação do povo, estudo dos principios artisticos que devem ser considerados como um elemento essencial da educação do homem; não se attende que as artes liberaes adoção os costumes; ignora-se sua influencia na industria e em todos os elementos materiaes da civilisação; se desconhece que a barbaria e ferocidade fogem diante de semelhante luz, como diz Bacon, e que o povo que se dá á cultura do bello, na phrase de Porto-Alegre, como que adquire um novo sentido que lhe faz perceber novas harmonias na natureza.

Ainda não se inoculou no paiz o gosto artistico; quem quer quadros vae á rua do Ouvidor e vem de lá satisfeito com o que recebeu da mão do estrangeiro; os camarotes dos theatros são forrados de papel pintado, nas casas dos titulares e homens ricos o que se vê de bello e artistico é importado do estrangeiro; o proprio governo manda vir da Europa estatuas e outros objectos para ornar os jardins e edificios publicos; os monumentos nacionaes são arrematados por artistas estrangeiros e executados na Europa.

Os proprios artistas esquecem o estudo da natureza e o estudo da sociedade em que vivem; não tratão de polir-se para por sua vez polirem o povo; não procurão acordar o espirito publico, contentão-se quasi todos com o ordenado exiguo que lhes fornece o thesouro, e vivem essa vida de indifferença e marasmo que nada concebe e produz.

Emquanto, pois, não houver protecção, amor pelos artistas, educação artistica, em quanto não se difundir pelo povo o gosto, o ensino das artes liberaes, em quanto não se nacionalisar a arte, imprimir-lhe um caracter patrio, nacional que inspire amor e enthusiasmo ; em quanto se não crearem associações, concursos, premios, favores para os filhos dilectos da arte, e frequentes exposições em que se patentêe e recompense o talento do homem laborioso, não teremos artistas nem e povo que se possa chamar industrioso,e civilisado.



MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE BARAO DE SANTO ANGELO

Manoel de Aranjo Porto-Alegre, filho legitimo de Francisco José de Araujo e de D. Francisca Antonia Vianna, nascido na cidade do Rio Pardo, provincia do Rio Grande do Sul, em 29 de novembro de 1806, foi baptisado na igreja matriz do Rosario em 6 de janeiro de de 1807.

Na idade de cinco annos perden seu pai; quando começava a sorrir para a vida soffreu uma dôr suprema, vio-se privado de seu progenitor, de seu conselheiro, seu amigo e guia ; porém o menino se não perverteu, fortificou-se na desgraça, quiz ser homem e soube sêl-o.

Casou-se sua mãi em segundas nupcias com o negociante Antonio José Teixeira de Macedo que mandou educal-o.

Era já o primeiro e o mais instruido na aula quando pela primeira vez gazeou para ir vêr a pintura da illuminação que a camara municipal de Porto-Alegre mandara fazer pelo nascimento do principe da Beira; foi por este motivo castigado pela primeira vez por seu mestre. Aprendeu o latim, a philosophia, a algebra, geometria e a lingua franceza ; na idade de deseseis annos determinou seguir uma profissão e foi ser relojoeiro ; e já ajudava a seu mestre quando chegando á cidade de Porto-Alegre um francez que desenhava, travou o joven artista amizade com elle e começou a pintar. Vendo o mestre relojoeiro a vocação de Porto-Alegre para a pintura, animou-o a dedicar-se ao desenho, e em pouco tempo o novel artista aprendeu o manejo das tintas a oleo, preparou alguns paineis, e pintou varios scenarios para um theatro particular onde representava.

Tornando-se conhecido por sua intelligencia começarão os antigos pintores a chamal-o para tomar parte em suas obras, e elle por si só encarregou-se de diversos trabalhos; mas afim de aperfeiçoar-se na arte que abraçára, fazia Porto-Alegre esforços para vir á côrte, quando em 1826 Salvador José Maciel, presidente da provincia, o incluio no recrutamento que fez, e mandou-lhe assentar praça no regimento de dragões do Rio Grande.

Essa violencia foi motivada por uma vingança do capitão-mór João Thomaz Coelho, irritado por haver Porto-Alegre collocado sua filha mais velha em primeiro lugar no rol das moças feias da cidade que elle e outros fizerão. No dia em que deveria ser reconhecido cadete obteve a baixa por intervenção do visconde de Castro, e em outubro de 1826 retirou-se para o Rio de Janeiro na sumaca *Europa*; em 16 de janeiro de 1827 chegou á esta cidade, e foi hospedar-se em casa do senador Antonio Vieira da Soledade; no dia 27 matriculou-se na aula de Debret.

Na primeira exposição da academia ganhou tres premios em pintura, archictetura e esculptura. Começou a frequentar os primeiros annos da Escola Militar, a aula de philosophia do padre-mestre Polycarpo, estudou anatomia e physiologia com o Dr. Claudio Luiz da Costa, dissecou dous annos no hospital da Misericordia, assistio a algumas lições de anatomia do Dr. Marques e as do conselheiro Dr. Peixoto.

Pedindo-lhe o Dr. Claudio Luiz da Costa um painel que representasse Pedro I a entregar o decreto da reforma da Faculdade de Medicina ao corpo academico, para offerecel-o á mesma faculdade, aconteceu que fosse Pedro I á academia das bellas-artes, e notasse no painel a semelhança de todos os retratos, menos de tres, que erão o seu, o do ministro do imperio, visconde de S. Leopoldo, e o do Dr. Peixoto. O artista não estava presente, tinha ido esperar o soberano á entrada da academia para apanhar-lhe as feições, e referindo o architecto Grandjean isto mesmo a Pedro I disse este:

— Bem; pela minha parte não ha duvida, porem pela do Peixoto e S. Leopoldo é differente, porque um está em França e o outro no Rio Grande.

Encontrando alguns dias depois ao artista no paço ordenou-lhe o imperador que fosse a S. Christovão em 12 de outubro, e nesse

dia deu-lhe audiencia. No momento em que concluio seu trabalho em presença da familia imperial, disse-lhe o soberano :

— A imperatriz quer este retrato, porque o acha o mais perfeito de todos, e logo que acabares lhe virás entregal-o; depois me has de fazer outro, e o della e de meus filhos, os quaes irás tu mesmo levar á minha sogra em Munick, e de lá partirás para a Italia, ou onde melhor te convier estudar e pelo tempo que quizeres, comtanto que lá não fiques.

Agradeceu-lhe o artista, e dias depois levou-lhe o retrato, que a duqueza de Bragança conduzio para a Europa e conservou-o sempre em seu palacio.

Mas todas as esperanças e projectos artisticos e poeticos de Porto-Alegre se desvanecerão com a abdicação de Pedro I e com a molestia que soffreu o artista desde janeiro de 1831 até 6 de abril.

Por essa epoca recebera Porto-Alegre por se haver emancipado, 5,000 cruzados da herança paterna, e destinara esse dinheiro para fazer sua viagem a Europa; já o havia mostrado a Debret, seu mestre, precaução esta necessaria, visto como um de seus collegas acabara de o enganar, dizendo-lhe que tirara a sorte grande na loteria, o que constristara a Debret que era homem de grande probidade.

Um primo de Porto-Alegre, que se achava na côrte, pedio-lhe emprestado esse dinheiro por alguns dias em quanto esperava o que havia de receber do Rio Grande ; confiando Porto-Alegre em seu primo, e amigo de infancia, entregou-lhe todo seu thesouro ; porem o parente ingrato, o falso amigo retirou-se para o Rio Grande sem participar-lhe ; escreveu-lhe Porto-Alegre repetidas vezes e nada conseguio. Condoido da sorte do artista enviou-lhe o senador Soledade uma ordem para receber em França 20$000 fortes por mez ; com uma carta de José Bonifacio de Andrade e Silva ao almirante Grivel teve passagem gratuita no navio de guerra francez *Durance* ; Evaristo Ferreira da Veiga agenciou-lhe uma subscripção que produzio 400$000, e tendo esses recursos partio Porto-Alegre com o artista Debret para a França em 25 de julho de 1831.

Em setembro desembarcou em Brest, em outubro estava em Pariz, onde entrou para a escola do barão Gros ; no anno seguinte concorreu á escola de bellas-artes e obteve o n. 32, e no outro anno a terceira medalha no ultimo concurso.

Assistindo uma vez á lição de anatomia de Mr. Emery, e não podendo o professor continuar a prelecção por não ter comparecido o preparador, offereceu-se o artista brazileiro para fazer a preparação, e dissecou satisfactoriamente os musculos da coxa; esse acto e o elogio que recebeu em plena aula elevarão-n'o no conceito de seus condiscipulos e na estima dos professores.

Em Pariz soffreu Porto-Alegre muitas privações; fallira seu correspondente no Rio de Janeiro, pelo que perdeu 600$000, que sua mãi lhe enviára, deixou de receber a pensão que devia á generosidade do senador Soledade; para viver vio-se o pobre artista obrigado a vender certos objectos de seu uso.

E' a felicidade para alguns como o sol que occulta-se por algum tempo para apparecer mais brilhante no dia seguinte; a estrella propicia do artista guiou-lhe um protector o conselheiro José Joaquim da Rocha, ministro plenipotenciario do Brazil em França; Debret deu-lhe um quarto em sua officina para moradia, e começou Porto-Alegre a frequentar a aula de architectura de Francisco Debret que era gratuita.

Dias depois de sua chegada em Pariz estando no boulevard dos Capucins sentio uma forte pancada no hombro, olhou e ficou attonito vendo Pedro I a rir-se para elle.

—Que faz aqui, senhor Araujo, perguntou-lhe; tambem emigrou?

— Não, — senhor, respondeu-lhe Porto-Alegre, vim estudar a minha arte e vim com Mr. Debret.

— E como está o Debret? E' um homem virtuoso. Moro na rua Pepinière n. 27, e commigo está o seu amigo capitão Bastos.

No dia seguinte Porto-Alegre foi visitar a D. Pedro que recebeu-o alegremente, e apresentou-o á sua esposa e á sua filha, a rainha de Portugal.

Dias antes da partida de Pedro I o artista foi despedir-se delle e de seu amigo; o imperador disse-lhe:

Parto e a Europa saberá o meu destino; se fôr feliz e vocês quizer ir procurar-me, vá porque encontrará um amigo; as ultimas circumstancias da minha vida me tem feito conhecer a fundo os homens, se os conhecesse, como conheço hoje, não teria abandonado meus filhos... e as lagrimas interromperão as palavras do imperador. Porto Alegre quiz beijar-lhe a mão, porém elle não consentio.

Achando-se Luiz de Menezes na Europa em 1834 offereceu ao artista 20,000 francos para acabar seus estudos e ir á Italia; porém elle só aceitou 4,000, porque o conselheiro Rocha que fôra mandado para a legação de Roma e seu filho Juvencio Manoel da Rocha, havião-n'o convidado para residir em sua casa naquella cidade ; em setembro de 1834 partio Porto Alegre para a Italia em companhia de seu amigo Domingos José Gonçalves de Magalhães que se achava gravemente enfermo.

Em Roma, além de outros estudos, fez um Christo no momento do *consummatum est*, illuminado por um raio de luz que cahia no templo ; em 1835 voltou a Pariz, onde, como membro da commissão que devia dar conta da exposição geral do Louvre, leu um trabalho que foi muito applaudido e citado no anno seguinte pelo relator da nova exposição. Visitou Londres, a Hollanda e a Belgica, porém sabendo da revolução do Rio Grande do Sul e da situação de sua mãi, abandonou o projecto de ir á Grecia e ao Egypto e partio para o Rio de Janeiro, onde ao chegar em maio de 1837, recebeu a noticia da morte de seu amigo Evaristo Ferreira da Veiga ; havião tambem fallecido o senador Soledade, o bispo D. José Caetano, seu amigo e protector. Estava só, rico de sciencia e de esperanças, porém desamparado e atormentado de saudades ; todavia fiado no seu trabalho manual, na dedicação e amor que consagrava ás artes mandou buscar sua mãi e estabeleceu-se. Protegido pelo senador Paula Souza, conseguio ser nomeado professor da academia das bellas-artes com o ordenado de 800$000.

A commissão directora da sociedade theatral incumbio-o de melhorar o theatro de S. Pedro ; e elle e o Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, hoje visconde de Araguaya, trabalhárão para reformar o theatro nacional, escreverão dramas, dirigirão os actores, melhorárão o scenario e introduzirão o uso de se vestirem a caracter as peças dramaticas ; em 1839 abrio-se o theatro de S. Pedro elegantemente pintado e decorado.

O provedor da Misericordia José Clemente Pereira encarregou-o de pintar o painel da *Cêa* para o refeitorio das recolhidas da mesma Santa Casa ; proclamada a maioridade do Imperador foi chamado para fazer o figurino das vestes imperiaes e executar a varanda que devia

servir para a acclamação e corôação de D. Pedro II : e essa varanda que importou em 104:000$000 foi avaliada em 500:000$000 pelos membros do corpo diplomatico, que todos felicitárão o mordomo e o governo por acharem um homem tão habil e tão honrado.

Foi nomeado pintor da casa imperial em 28 de julho de 1840; em 2 de dezembro do mesmo anno teve a nomeação de cavalleiro da ordem de Christo, no dia da sagração do Imperador o habito da Rosa, recebendo além disto uma boceta de ouro do Imperador, e do governo a quantia de 4:000$000.

Foi encarregado em 1843 de decorar a sala do throno, de preparar o paço para o casamento de D. Pedro II com D. Thereza Christina, e tambem dos festejos do baptisado dos principes D. Affonso e D. Pedro.

Vagando em 1848 o lugar de substituto de desenho da Escóia Militar, Porto-Alegre requereu ser transferido para aquella escola e recebeu um voto unanime de approvação da congregação dos lentes. Fez o plano do banco do Brazil, da nova escola de medicina que ainda se não executou, e continuou nos trabalhos da casa imperial tanto em S. Christovão como em Petropolis.

Chamado como vereador supplente á camara municipal da côrte prestou bons serviços ; acabou com as goteiras dos telhados por meio de canos apropriados ; insistio para que se abandonasse o systema do antigo calçamento ; apresentou o projecto de aformoseamento da praça da Acclamação, transformando-a em um jardim mosaico; pugnou pela mudança do matadouro da praia de Santa Luzia para S. Christovão ; propoz escolas industriaes para a educação de operarios ; deu a idéa para se fazer um mercado junto á caldeira do canal do mangue, e contribuio para o asseio e gôsto do palacio municipal que era apenas uma casa caiada e mal mobiliada.

Nomeado membro da commissão da estatua equestre mostrou zelo e actividade nos trabalhos de que se encarregou ; escolhido em 1854 para director da academia das bellas-artes organisou os estatutos da academia, unio á esta o conservatorio de musica, reformou a bibliotheca, construio a pinacotheca, contribuio para o augmento do ordenado dos professores, em vez de tres elevou a seis annos o tempo dos pensionistas na Europa; e deixando em 1857 esse cargo recebeu uma deputação da academia que desse modo quiz manifes-

tar ao artista seu reconhecimento pelos serviços prestados á instituição que dirigira.

Empregado no museu nacional desde 1842 como director de uma das secções, tem cooperado muito para o progresso e riqueza desse estabelecimento.

Tendo sido designado para consul geral da Saxonia, exerceu esse cargo do qual foi transferido para a legação de Lisboa, no mesmo caracter, onde ainda se acha ; tendo recebido, ha poucos annos do Imperador, que muito o preza e considera, o titulo de barão de Santo Angelo.

Se no mundo artistico, o barão de S. Angelo, ha se distinguido e adquirido reputação, na litteratura nacional seu nome figura entre os dos primeiros e mais nobres paladinos ; como poeta refulge em differentes poemas, no livro de lindos versos intitulado *Brazilianas*, e no grandioso poema *Colombo*, no qual ha cantos, ha episodios, ha pensamentos que só sabem escrever os poucos predistinados por Deus : é auctor de diversas comedias e dramas ; tem collaborado em differentes periodicos, como a *Minerva Fluminense*, o *Iris*, o *Ostensor Brazileiro*, o *Guanabara*, e outros ; é socio de muitas associações litterarias e scientificas, socio honorario do Instituto Historico, do qual já foi primeiro secretario e orador, e abrilhantão as paginas da *Revista* desse instituto memorias historicas e discursos eloquentes, escriptos em uma linguagem imponente e poetica por esse douto litterato, com o qual foi a natureza prodiga em muitos dotes, pois se sabe manejar com mestria o estylo, se sabe escrever sobre tudo como Voltaire, sabe recitar um discurso como Cicero.

IX

CONSERVATORIO DE MUSICA

Desejando facilitar o estudo da musica resolveu Francisco Manoel da Silva, cujo esboço biographico termina a noticia deste estabelecimento, fundar um conservatorio ; e perseverante em sua idéa, inflammado de amor patrio, dedicado á arte que professava, creou um conservatorio onde se devião ensinar gratuitamente todos os ramos da musica. O governo louvou o patriotismo, a dedicação do artista, e por decreto de 27 de novembro de 1841 sanccionou a instituição, e o corpo legislativo dotou-a com deseseis loterias, cujo producto devia ser empregado em apolices da divida publica para fundo e manutenção do estabelecimento.

Não havendo um edificio proprio onde funccionassem as aulas, installárão-se estas, em 10 de agosto de 1848, em um salão do pavimento terreo do palacio do museu, na presença do ministro do imperio José Pedro Dias de Carvalho.

Necessitando-se de uma directora, a quem fossem confiadas as jovens que querião applicar-se á arte musical, requereu-se ao ministro do imperio para estabelecer-se a aula do sexo feminino no collegio da Sociedade Amante da Instrucção (1), tendo-se obtido previo

(1) Teve principio esta sociedade em 5 de setembro de 1829 sob o titulo de Jovial e Instructiva ; reorganisada foi installada publicamente em 15 de agosto de 1831 com o nome que tem actualmente ; em 1840 reformárão-se os estatutos, que forão approvados em sessão de assembléa geral de 30 de julho do mesmo anno.

Forão seus fundadores os seguintes cidadãos : Joaquim Bernardo Leal, Luiz Antonio Goulart, Francisco Antonio Sobral, Victorio Josè Barbosa da Lomba, José Lopes Xavier, Ludgero Braulio Ferreira, João Carneiro dos Santos, Damaso da Fonseca Lima, Elias Affonso Lima e Luiz José de Murinelly.

Sustenta um externato e um internato para instrucção de meninas pobres ; no internato destinado ás orphãs, além do ensino, fornece essa util sociedade casa, sustento e vestuario.

consentimento do conselho da mesma sociedade ; autorisou o ministro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, hoje visconde do Bom Retiro, a remoção dessa aula que começou a funccionar na casa n. 10 da rua do Evaristo da Veiga, em 10 de novembro de 1853, regendo-a interinamente Francisco Manoel da Silva, como mestre effectivo desde 5 de fevereiro de 1855.

Tendo incertos e tardios recursos, e estando mal organisado, não marchava regularmente o conservatorio, porém o ministro Luiz Pedreira do Couto Ferraz reorganisou-o, por decreto de 23 de janeiro de 1855, collocando-o sob a immediata inspecção do ministro do imperio ; inaugurou-se em 14 de março desse anno a aula de contraponto, creárão-se duas de instrumentos de corda, duas de instrumentos de sopro, e ficou vaga a aula de canto para opportunamente ser preenchida.

Por decreto de 14 de maio do mesmo anno passou o conservatorio a formar a quinta secção da academia das bellas-artes, congrassando-se em um só templo a pintura com a musica, Apelles com Therpandro, Rafael com Rossini.

Tendo sido encorporado á academia das bellas-artes determinou o governo levantar proximo do palacio dessa academia, um edificio para o conservatorio, e obtido o terreno, no dia 15 de março de 1863, depois do acto da distribuição de premios aos alumnos da academia, cantado o hymno das artes, e executado um concerto vocal e instrumental, dirigirão-se as pessoas imperiaes acompanhadas dos semanarios e damas de honra a uma tenda erigida na rua Leopoldina, para lançarem a primeira pedra do novo templo das artes.

Depois de lida a acta, que foi assignada pelo ministro do imperio, director, secretario e professores da academia e do conservatorio, e pelo major Dr. José Carlos de Carvalho, director das obras publicas, foi depositada em uma caixa de chumbo e outra de cedro, juntamente com as folhas do dia, e moedas de ouro de 20$000 e 10$000 ; de prata de 2$000, 1$000, 500, e 200 réis todas cunhadas em 1863 ; o Imperador collocou a caixa no centro da pedra fundamental, o Dr. José Carlos de Carvalho pronunciou um discurso e levantou vivas ao Imperador á familia imperial e á integridade do Imperio ; terminando o acto ás duas horas da tarde. Achava-se presente Francisco Manoel da Silva,

cujos afanosos esforços concorrerão para a creação do estabelecimento que ia ter um palacio proprio.

Eis a acta depositada com a pedra fundamental :

« Aos 15 dias do mez de março do anno do Nascimento de N. S. Jesus Christo de 1863, 42° do Imperio e 33° do reinado do Sr. D. Pedro II, Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil, sendo ministro do Imperio o Exm. Sr. marquez de Olinda. conselheiro de Estado e presidente do conselho de ministros e da academia das Bellas-Artes, S. M. o Imperador, na presença de S. M. a Imperatriz, de Sua Alteza Imperial a Sra. Princeza D. Isabel e de Sua Alteza Serenissima a Sra. princeza D. Leopoldina, lançou a pedra fundamental do edificio destinado ao estabelecimento do conservatorio de musica desta muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Foi conjunctamente depositada uma caixa de madeira contendo seis moedas nacionaes, cunhadas no corrente anno, sendo duas de ouro e dos valores de 20$ e 10$ e quatro de prata dos valores de 2$, 1$, 500 e 200 rs. O secretario da academia das Bellas-Artes abaixo assignado lavrou esta acta que é tambem assignada pelo director e professores das cinco secções da academia, uma das quaes constitue o conservatorio de musica, que se acharão presentes neste acto. Seguem-se as assignaturas. »

Deu o desenho para o edificio o artista João José Alves, discipulo da academia das bellas-artes, e estando concluido foi inaugurado em 9 de janeiro de 1872, recebendo nesse dia o officialato da ordem da Rosa o artista João Maximiano Mafra, que desde 1867 exerce gratuitamente o cargo de secretario.

Ergue-se o edificio do conservatorio na rua da Lampadosa esquina da rua Leopoldina; apresenta na face principal o portico e duas janellas de peitoril no primeiro pavimento que é revestido de cantaria e tres janellas com balaustrada de marmore no segundo; a face voltada para a rua Leopoldina tem onze janellas e duas portas no primeiro pavimento, e treze janellas com uma grade de ferro corrida no segundo ; um attico esconde o telhado.

E' um edificio feio e fórte ; nada indica que foi levantado para templo da arte maviosa de José Mauricio e Francisco Manoel ; o portico é pesado, triste e lugubre como o de uma prisão ; a face lateral

é núa e simples como a de uma casa particular, collocado proximo do palacio erigido pelo architecto Grandjean, no qual tudo é mimoso e artistico, parece extranho ao cultivo das artes que alli tão perto tem seu monumento; no em tanto a musica, a arte harmoniosa e ideal, merecia ter por templo um palacio gracioso e imponente, e não essa pesada e mesquinha construcção, que parece ter sido feita, não neste seculo, mas em época de atrazo artistico e de penuria de architectos.

Ha no primeiro pavimento tres salas de aula de instrumentos de corda e de sopro, e no segundo uma sala de entrada, um gabinete e um salão que serve de aula de solfejo e canto.

O ensino é gratuito, destinado a ambos os sexos, e consta do seguinte :

Rudimentos de musica, solfejo, e noções geraes de canto para o sexo masculino, as mesmas materias para o sexo feminino, canto para ambos os sexos : regras de contraponto e orgão, instrumentos de corda e instrumentos de sopro.

Tenciona-se crear aulas de composição e outras, logo que forem exigidas pelos progressos do ensino.

Embora forme a quinta secção da academia das bellas-artes tem um director especial, economia separada, patrimonio proprio, um thesoureiro e um secretario.

Em 1875 matricularão-se 116 alumnos, 50 do sexo masculino e 66 do feminino ; houve 22 ouvintes, e distribuirão-se onze premios sendo tres medalhas de ouro, seis de prata e duas menções honrosas.

FRANCISCO MANOEL DA SILVA

Aos 21 de fevereiro de 1795, na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, nasceu Francisco Manoel da Silva, e na igreja parochial da Candelaria recebeu as aguas sanctificadas pelo cordeiro de Belém ; forão seus progenitores Joaquim Marianno da Silva e D. Joaquina Rosa da Silva, que extremecidos de amor por seu filho concitarão esforços para dar-lhe educação cuidadosa e ensino util.

Cedo revelou o menino o espirito alçando vôo para a arte que os poetas chamão divina. Como Voltaire e Bocage que aos oito annos de idade já se manifestavão poetas, em Francisco Manoel pairavão ainda no semblante as graças pueris, e já a sua alma vibrava aos sons cadentes da lyra.

Entregue aos cuidados do inspirado musico o padre José Mauricio, aprendeu em pouco tempo os segredos da arte, e mais tarde ouvio com aproveitamento as licções de Neukomm, o celebre compositor do concerto composto de tres mil artistas e executado na inauguração da estatua de Guttemberg.

Era muito moço Francisco Manoel quando compoz um *Te-Deum*, e offereceu-o ao principe real D. Pedro que, conhecedor da musica, prezou tanto a offerta do novel compositor, que prometteu mandal-o á Italia para completar seus estudos musicaes.

Pertencia Francisco Manoel á orchestra da real camara, cujo mestre era Marcos Portugal que, para roubar ao joven artista brazileiro o tempo de compor, passou-o de violoncello para o estudo do violino, ameaçando-o despedil-o se não mostrasse muita applicação.

O cancro da inveja corroia a alma do compositor portuguez, e porque cerceava as azas daquelles que cêdo ou tarde poderião alçar os altisonos.

Cedo distinguio-se o discipulo como mestre na arte de Euterpe, e para dar-lhe maior cultura e estabelecer união entre os irmãos da mesma arte, fundou, em 16 de dezembro de 1833, a sociedade Beneficencia Musical—cujo installador, primeiro socio e organisador dos estatutos foi elle ; e em reconhecimento aos serviços prestados á essa associação, a junta administradora conferio-lhe, em 28 de abril de 1834, a patente de director.

Em 1838 publicou Francisco Manoel, e dedicou ao Imperador, para uso dos alumnos do collegio de Pedro II, um compendio de musica aonde estão conglobados methodicamente regras e preceitos da arte musical, tendo se esgotado diversas edições desse bem elaborado trabalho.

Essa arte que no tempo do rei D. João VI tanto se avantajára e concorrera para realçar as repetidas e pomposas festividades celebradas na real capella, e as abrilhantadas e régias solemnidades da côrte, foi decahindo, amortecendo-se-lhe o brilho e fama em que sobrepujára ás outras; desapparecerão seus sacerdotes mais dedicados, e com elles as recordações dos sons melodiosos que soando dentro da alma, retinião nas naves da capella real. Em 1831 forão despedidos todos os musicos da capella imperial, e sumirão-se no turbilhão da politica que tudo arrastou comsigo e derruio. Nada mais era um artista ; a palheta, a lyra, o escopro, o compasso tornárão-se instrumentos degradantes, e os iconoclastas da arte, subindo ao primeiro altar da capella imperial, apagarão com a esponja esqualida dos Vandalos o painel de José Leandro.

Felizmente desvanecerão-se as nuvens caliginosas que desluzião o horizonte da patria, iniciando o novo reinado uma época tranquilla em que as sciencias e artes poderão avoejar.

O decreto de 26 de junho de 1841 honrou o habil artista nomeando-o mestre compositor de musica da imperial camara.

Aproveitando as disposições dos animos esforçou-se Francisco Manoel, para facilitar o estudo da musica, por crear um conservatorio; e por sua perseverante dedicação conseguio fundar o estabelecimento, onde se devião ensinar gratuitamente todos os ramos da musica. O governo apreciou o patriotismo do artista e por decreto de 27 de novembro de 1841 sanccionou essa instituição, dotada com

tantos recursos pelos esforços de seu installador, que pouco se tornou pesada aos cofres publicos.

Devia estar satisfeito o amor proprio do artista ; a mão poderosa do Estado erguera sua obra e dera-lhe existencia permanente. Ainda nesse mesmo anno devião brotar virentes louros da corôa de gloria de Francisco Manoel, que revelou-se compositor notavel no hymno escripto pela coroação do segundo imperador do Brazil ; essa musica pomposa, patriotica e inspirada encanta os ouvidos pela cadencia e rythmo da fórma, e pela belleza e sublimidade dos sons faz pulsar no peito o coração dos filhos da patria ; a nação chama seu esse hymno, que é de Francisco Manoel o hymno da gloria.

Havendo fallecido Marcos Portugal, foi nomeado por decreto de 17 de maio de 1842 para substitui-lo no lugar de mestre da capella imperial o artista brazileiro que durante vinte e tres annos dirigio magistralmente a orchestra nas solemnidades celebradas na sé e cathedral do Rio de Janeiro.

Compoz para ser entoado nas festividades e galas do baptisado do principe imperial D. Affonso um pomposo hymno que, tantos gabos mereceu que o ministro do imperio, João Carlos Pereira de Almeida Torres, depois visconde de Macahé, em carta de 18 de fevereiro de 1845, agradeceu em nome do Imperador, ao artista seu primoroso trabalho.

Os serviços prestados ao paiz e ás artes pelo notavel musico erão dignos de galardão e o Imperador não demorou-se em concede-lo, honrando-o com o habito da ordem da Rosa por decreto de 5 de março de 1846 datado no palacio da cidade de S. Paulo.

Contractada para o Rio de Janeiro uma companhia de canto e baile, que em 1851 colheu applausos e avantajados lucros no espaçoso salão do theatro Provisorio, foi Francisco Manoel nomeado seu director, e exerceu gratuitamente esse afanoso cargo, no qual patenteou seu amor e dedicação pela arte.

Em 2 de abril de 1857 recebeu o officialato da ordem da Rosa.

Quando as condecorações premião valiosos serviços prestados ás lettras, ás artes, á nação, quando distinguem cidadãos de merito litterario, artistico e civil tem duplicada e refulgente significação ; illustrão quem as dá e quem as recebe ; são como a luz do sol que, apezar de reflectir-se em milhares de corpos, não perde seu brilho.

Desejando tornar mais imponente a festa inaugural da estatua equestre do fundador do imperio propoz Francisco Manoel a celebração de um *Te-Deum*, executado em pleno ar, por grande instrumental, e incumbindo-se de dirigir a orchestra, composta de 242 instrumentistas e 653 cantores, com tanta mestria o fez que o proprio monarcha elogiou-o

Apreciando as qualidades artisticas e pessoaes do nosso artista enviou-lhe a sociedade Musical Campesina, fundada em 12 de abril de 1851, o diploma de socio honorario em 30 de setembro de 1862. Vibrarão sempre agitadas pelo patriotismo as cordas sonoras da lyra desse saudoso musico ; ao chegar um dos batalhões de bravos que voluntariamente correrão á campanha do Paraguay, em desforço do pavilhão nacional, compoz elle um hymno de guerra ; escreveu tambem as matinas de S. Francisco de Paula, musica que em cada nota resvala harmonia.

Esculpturando o vulto deste artista não devemos occultar, por entre louvores e gabos, seus defeitos ; não tinha elle o genio fecundo, a imaginação de José Mauricio ; penoso estudo e aturado trabalho tecerão-lhe a corôa que cingio-lhe a fronte ; mas ha uma composição sua de verdadeira inspiração artistica, é o hymno nacional. Ainda bem ; os raios da intelligencia divina illuminarão-lhe a fronte quando cantou o hymno da patria.

Erão imminentes as qualidades moraes deste homem; para elle a honra era um culto, a probidade lei absoluta, a virtude uma fé. Casado em primeiras nupcias com D. Monica Rosa da Silva e em segundas, em 26 de junho de 1835, com a viuva D. Thereza Joaquina Nunes dos Santos que lhe trouxe cinco filhos, criou-os com desvello e carinho, deu-lhes aprimorada educação, não mostrando ter mais amor a seus filhos que a seus enteados, e procedeu sempre assim para não ouvir o menor echo de censura contra seu procedimento ; era de caracter puro, simples, lhano e affavel e o menor fingimento nunca mascarou-lhe o semblante.

Em 18 de dezembro de 1865, na casa n. 48 da rua do Conde, via-se prostrado no leito um velho com o rosto pallido e descarnado, olhos empanados e membros lividos e inteiriçados, observavão-no os filhos e amigos occultando lagrimas e abafando gemidos ; estava o [illegible] como enlevado em meditação profunda, qu[illegible]

do repentinamente agitado pelo sopro algido da morte, estremeceu, agonisou e succumbio. Acabavão os filhos e amigos de Francisco Manoel da Silva de perder seu amigo e pai, e a corporação musical do Rio de Janeiro seu chefe.

No dia seguinte teve jazida no cemiterio de S. Francisco de Paula o corpo do musico e compositor notavel, e sobre esse tumulo a patria espargio flores (1.)

(1) Veja Revista do Instituto Historico, tomo 31, pag. 306.

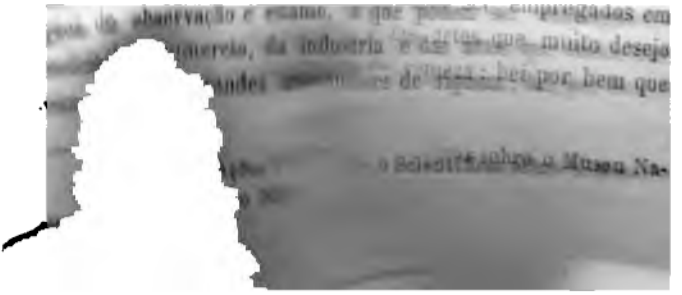
X

MUSEU NACIONAL

O vice-rei Luiz de Vasconcellos, alem de deixar seu nome lembrado em obras uteis, protegeu as lettras e artes, e por isso festejavão-no os poetas em seus hymnos, e consagravão-lhe os artistas verdadeira estima; dedicado ao serviço publico, muito fez durante seu governo; pelo que de tão activo e habil administrador guarda a camara municipal o retrato, e gravou seu nome em uma das ruas da cidade.

Foi esse vice-rei quem deu principio no campo da Lampadosa a um museu de historia natural devendo abranger não só collecções preparadas como tambem animaes vivos; fez construir o edificio pelos sentenciados das prisões; e em quanto caminhavão as obras, ergueu no mesmo lugar uma casa terrea para deposito permanente de objectos zoologicos divididos em familias, mas sem distincção de generos, nem especies. Recebeu essa casa o nome de casa de historia natural ou dos passaros, denominação que tambem se dava ao edificio que se construia para museu de historia natural.

Ficou encarregado da direcção desse pequeno estabelecimento Francisco Xavier Cardoso Caldeira, que teve dous ajudantes, tres serventes e dous caçadores, recebendo o ordenado de 540$000 e mais 400$000 de gratificação pelas lições praticas que desse aos ra-



nesta côrte se estabeleça um Museo Real para onde passem quanto antes os instrumentos, machinas e gabinetes que já existem dispersos por outros lugares, ficando tudo á cargo das pessoas que eu para o futuro nomear. E sendo-me presente que a morada de casas que no campo de Sant'Anna occupa o seu proprietario João Rodrigues Pereira de Almeida reune as proporções e commodos convenientes ao dito estabelecimento, e que o mencionado proprietario voluntariamente se presta á vendel-a pela quantia de trinta e dous contos por me fazer serviço: sou servido acceitar a referida offerta e que, procedendo-se á competente escriptura de compra para ser depois enviada ao conselho da Fazenda e encorporada a mesma casa aos proprios da corôa, se entregue pelo real erario, com toda a brevidade, ao sobredito João Rodrigues, a mencionada importancia de trinta e dous contos de reis.

« Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal, do meu conselho, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, encarregado da presidencia do meu Real Erario, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios, sem embargo de quaesquer leis ou ordens em contrario.

« Palacio do Rio de Janeiro em 6 de junho de 1818. »

Em 29 de agosto do mesmo anno publicou-se a seguinte carta regia:

« Pedro Machado de Miranda Malheiro, do meu conselho, chanceller-mór do reino do Brazil. Amigo.—Eu o Reí vos envio muito saudar. Tendo determinado que se comprassem as casas de João Rodrigues Pereira de Almeida, situadas no campo de Sant'Anna, para ahi se estabelecer um museu real, pela quantia de 32:000$000: sou servido autorisar-vos para assignar a escriptura de compra e venda, e estipular as clausulas que convierem e forem permittidas em direito, aceitando a posse pela clausula *constituti*, e ainda para a poderdes tomar judicialmente, remettendo depois o titulo á secretaria de estado dos negocios do reino, para eu as mandar incorporar nos proprios. O que assim executareis.—Dada no Palacio da Boa-Vista aos 29 de agosto de 1818.—Rei com guarda.—Para Pedro Machado de Miranda Malheiro (1). »

(1) Veja Legislação de Nabuco tomo IV pag. 357.

Nomeado director do museu frei José da Costa Azevedo, do qual daremos a biographia no fim deste capitulo, mandou concertar e pintar a casa, que no fim do anno de 1818 estava concluida.

Por diligencias do general Napion viera da Allemanha um gabinete mineralogico destinado ao uso dos estudantes da academia militar, tendo sido essa collecção comprada ao cavalleiro Tabest de Ohaim por 12:000$000; era quasi toda composta de mineraes metalliferos classificados segundo o systema de Werner, e depois de permanecer dous annos no arsenal passou para a academia militar, ficando sob a direcção do professor de mineralogia frei José da Costa Azevedo, que conduzio-a para o museu e collocou-a na sala principal.

O decreto de 11 de maio de 1819 consignou a quantia de 240$000 todos os mezes para conservação do estabelecimento, do qual foi nomeado porteiro, guarda e preparador João de Deus e Mattos, antigo discipulo e ajudante de Xavier dos Passaros, tendo um empregado para ajudal-o nas preparações zoologicas; e alem destes nomearão-se um escripturario, um escrivão e um thesoureiro, em 7 de agosto de 1819, que foi Thomaz Pereira de Castro Vianna, mas não recebendo este ultimo ordenado algum.

Creado o museu com o unico fim de conter objectos de historia natural, tornou-se logo depois deposito de tudo que ia apparecendo mais raro e curioso; o rei D. João VI offereceu diversos objectos que mencionaremos em lugar conveniente, porem não era aberto ao publico o estabelecimento, onde tambem pouco havia que ver, pois era quasi um simples gabinete mineralogico; só expunhão-se dous quartos do pavimento terreo do lado da rua da Constituição, onde havia alguns moldes de machinas pertencentes a Ignacio Alvares Pinto de Almeida, o fundador da sociedade auxiliadora da industria nacional, creada em 31 de outubro de 1825, e inaugurada em 19 de outubro de 1827.

A exposição era feita ás quartas e sextas-feiras, e o povo, que sentia não lhe ser franqueado todo o edificio, clamava que sendo o museu um estabelecimento nacional não devia conservar-se fechado; alguns visitantes mais ousados chegavão a subir ao pavimento superior desejosos de examinar tudo; os empregados oppunhão-se, do que nascião contendas prejudiciaes ao trabalho e á ordem da casa. Repetindo-se essas scenas officiou o director ao ministro propondo-lhe se

franqueasse o museu uma vez por semana; e então appareceu a portaria seguinte:

« Manda Sua Alteza Real o Principe Regente, pela secretaria de estado dos negocios do reino, participar ao Conselheiro Inspector Geral dos estabelecimentos litterarios, que houve por bem, approvando o expediente que expôz no seu officio de 16 do corrente, que faculte a visita do museu, na quinta-feira de cada semana, desde ás 10 horas da manhã até á 1 da tarde, não sendo dia santo, á todas as pessoas, assim estrangeiras como nacionaes, que se fizerem dignas pelos seus conhecimentos e qualidades; e que para conservar-se em taes occasiões a boa ordem e evitar-se qualquer tumulto, tem o mesmo senhor ordenado pela repartição da guerra que no referido dia se mandem alguns soldados da guarda real de policia para fazer manter ahi o socego que é conveniente.

« Palacio do Rio de Janeiro em 24 de outubro de 1821.— *Francisco José Vieira.* »

Mandou o director preparar quatro salas, e guarnece-las de armarios para abril-as ao publico; estando adoptado o plano geral para augmento do edificio forão-se construindo outras salas no terreno contiguo que se obtivera por compra; interessou-se o ministro Villa-Nova Portugal pelo estabelecimento, e conseguio diversas offertas de materiaes para conclusão das obras, que só trinta annos depois ficarão terminadas!

Sendo insignificante a collecção zoologica, fora despachado em 1820 o empregado João de Deus e Mattos para visitar a provincia do Rio de Janeiro colhendo productos animaes; embrenhou-se João de Deus nas mattas e começou a caçar; e a ave, e o animal que cahião mortos erão immediatamente preparados; conservava o que matava; se despovoava os bosques enriquecia a sciencia, e regressou conduzindo diversos mamiferos, aves, reptis e insectos, despojos valiosos de sua expedição mortifera, porém util e civilisadora.

Permittira el-rei que se reunissem em uma das salas do museu os socios da academia real das sciencias de Lisboa existentes no Rio de Janeiro.

Além de já ter duas salas occupadas com os modelos de machinas de Pinto de Almeida veio trabalhar em uma das salas do museu, em janeiro de 1822, o director da academia das bellas-artes.

Em 13 de agosto do mesmo anno, foi nomeado Francisco Antonio do Rego escrivão do museu sem vencimento algum, e em 10 de outubro suicidou-se o empregado Manoel dos Santos Freire.

Proclamada a independencia do Brazil e elevado ao poder o eminente mineralogista José Bonifacio de Andrade e Silva esforçou-se este por melhorar as condições do estabelecimento.

Fallecendo em novembro de 1822 o director frei José da Costa Azevedo, foi nomeado para substituil-o, em 27 de outubro de 1823, o Dr. João da Silveira Caldeira, tendo antes exercido interinamente o cargo de director o empregado João de Deus, a quem dirigio o ministro a primeira portaria, em nome do imperador Pedro I, ordenando-lhe que entregasse ao barão de Santo Amaro os tucanos que houvessem no museu para ornamentos do manto imperial. Esses passaros mortos para ficarem encerrados em armarios ião apparecer nas galas da côrte ; já não erão só simples productos naturaes, erão pedaços do manto de um rei, ornatos da capa de um imperador ; e assim João de Deus em suas peregrinações solitarias não trabalhou só pela sciencia, preparou sem o pensar os enfeites que devião ornar o manto do primeiro imperador do Brazil (1).

Para augmentar a riqueza do estabelecimento escreveu José Bonifacio aos naturalistas estrangeiros, que viajavão no Brazil, promettendo-lhes a coadjuvação do governo, se enviassem para o museu alguns exemplares do que fossem colhendo. De tão util deliberação provierão beneficos resultados ; o barão de Langsdorff, que tanto escreveu sobre nossas cousas, mandou uma collecção de mamiferos, aves e reptis, e offertou a collecção mais classificada que possuia de animaes da Europa ; Natherer, o creador do muzeu brazileiro em Vienna d'Austria, e de todos os naturalistas, o que colheu mais productos zoologicos do Brazil, remetteu alguns macacos, roedores, aves de todas as seis especies, moluscos e insectos : Sellow que depois de percorrer as provincias do Sul, morreu afogado em um dos rios da provincia de Minas, enviou diversas amostras geologicas, mineralo-

(1) O decreto de 19 de novembro de 1822 mandou entregar ao ourives da casa imperial, Francisco Gomes da Silva a quantidade de ouro precisa para factura da corôa imperial, sceptro e outros objectos determinados pelo imperador.

gicas e pelles bem preparadas de animaes de todas as classes ; Augusto de Saint Hilaire e outros naturalistas remetterão varios presentes.

Tratou o director João da Silveira Caldeira de catalogar os diversos objectos que existião em confusão, e de classificar muitos mineraes ; requisitou do governo obras no edificio que emquanto durárão conservou-se ahi uma guarda de quatro soldados. Vago o lugar de escripturario pela demissão de José Joaquim de Santa Anna foi nomeado em 5 de janeiro de 1824 José da Silva com o ordenado de 30$000 ; sendo o ordenado do director, além de uma pensão, 150$000 de gratificação e 240$000 para aluguel de casa ; porém o decreto de 1 de julho de 1825 estabeleceu o ordenado fixo de 600$000.

Em novembro de 1824 appareceu o seguinte decreto :

« Tomando em consideração o que me representou o director do Museu Nacional e Imperial sobre a necessidade de levantár o terraço do mesmo edificio, que se acha em ruinas, e sobre o qual se ha de construir um salão : hei por bem mandar proceder á dita obra, de que é inspector Pedro Alexandre Cavroé, pagando-se no Thesouro Publico a importancia do que se despender com ella pelas folhas apresentadas pelo apontador geral das Obras Publicas, na fórma do estylo. Marianno José Pereira da Fonseca.— Paço em 17 de novembro de de 1824, 3° da Independencia e do Imperio, com a rubrica de S. M. o Imperador.—*Estevão Ribeiro de Rezende.* »

No mesmo anno publicou-se esta portaria :

« Manda S. M. o Imperador, pela secretaria de estado dos negocios do imperio, participar ao director do Museu Nacional que lhe foi presente o seu officio de 9 de novembro proximo passado, no qual mostra as vantagens praticas que possão resultar á nação do estabelecimento de um laboratorio chimico (1) nesta côrte, e o local mais proprio para o seu assentamento, ajuntando uma lista de apparelhos e instrumentos necessarios para o fim proposto ; e o mesmo Augusto Senhor havendo dado nesta data as suas imperiaes ordens

(1) Houve no tempo de D. João VI um laboratorio chimico estabelecido nas lojas do predio onde funcciona a secretaria da justiça, o qual era dirigido pelo professor José Caetano de Barros.

para se mandar pela repartição dos negocios estrangeiros, proceder á compra dos mencionados instrumentos, tem resolvido que o edificio do laboratorio se faça no mesmo terreno do museu, por baixo dos novos salões que se estão fazendo, como já foi proposto pelo mencionado director.—Palacio do Rio de Janeiro, em 15 de dezembro de 1824.—*Estevão Ribeiro de Rezende.* (2) »

Por portaria de 11 novembro de 1824 ordenára o imperador que dos diamantes recolhidos no thesouro publico passasem para o museu aquelles que, tendo pouco valor no commercio, por menos limpidos ou falhas, se podessem dispensar para aquelle estabelecimento, visto que, conforme a representação do respectivo director, a collecção de taes productos ainda se achava por completar.

O ministro do imperio Estevão Ribeiro de Rezende, depois marquez de Valença, officiou aos presidentes de provincia em 20 de julho de 1825 ordenando-lhes que enviassem para o museu não só os productos naturaes que podessem reunir, mas tambem trabalhos de indios ; e de tão util providencia colheu bons fructos o estabelecimento, adquirindo preciosos objectos indigenas.

Em 1825 o naturalista hamburguez Bescke fez presente de uma collecção de trezentos passaros, e de varios quadrupedes, e enviando o governo á provincia do Pará o italiano Zani, acompanhado do preparador Estanislão Joaquim dos Santos Barreto, remetteu o zeloso italiano, no fim de alguns mezes, muitos mamiferos, aves, reptis e peixes e outros animaes de classes inferiores ; e tambem diversas vestimentas de indios.

O distincto chimico João da Silveira Caldeira, depois de alguns annos de bons serviços, deixou espontaneamente o cargo de director do museu, onde entre outras cousas que fez, deu grande incremento á classificação mineralogica. Occupava o emprego de provedor da casa da Moeda, quando, em um momento de allucinação, tentou suicidar-se tomando acido cyanidrico; e não produzindo effeito o veneno por achar-se decomposto, ferio-se com uma navalha no pescoço do que veio a fallecer.

O decreto de 26 de janeiro de 1828 nomeou para director a frei Custodio Alves Serrão que organisou a parte zoologica

(2) Veja Legislação Brazileira de Nabuco tomo 4º pag. 377.

marcando as especies, familias e generos de diversos animaes ; determinou as novas especies da collecção mineralogica então a mais importante do museu ; e separando os objectos que a casa possuia em duplicata procurou trocar por outros, enriquecendo desse modo os armarios com productos novos.

As despezas da casa, até então pagas pelo ministerio da fazenda, forão remettidas, por portaria de 11 de maio de 1829, para o ministerio do imperio.

Em 1831 enviarão-se para a academia das bellas-artes 63 quadros, dos quaes muitos havião sido offertados por Pedro I ao museu e suspendeu-se a gratificação de 200$000 annuaes que fôra arbitrada ao italiano Zani, ficando a instituição privada dos serviços de tão dedicado naturalista.

Em 1838 Martim Francisco Ribeiro de Andrade, em nome dos herdeiros de José Bonifacio de Andrade e Silva, offereceu um gabinete mineralogico, uma collecção de modelos de machinas apropriadas a differentes ramos de industria, estampas coloridas de quadrupedes e aves e medalhas antigas, que havião pertencido áquelle illustre finado, e a portaria de 28 de maio do mesmo anno ordenou que se recebessem esses objectos.

Augmentando-se de dia para dia as collecções e objectos da casa, havendo muitos e variados productos, comprehendeu frei Custodio que sem auxilio de diversos homens da sciencia, encarregados cada um de uma secção, não podia a instituição prosperar ; que era necessario que o director fosse ao mesmo tempo botanico, zoologo, mineralogico, geologo, archeologo e artista se quizesse fazer qualquer cousa util. Attendendo a tão evidente embaraço lembrou ao governo a conveniencia de um novo regulamento, que promulgou-se em 3 de fevereiro de 1842, sendo os principaes artigos os seguintes :

« Art. 1.º O Museu Nacional desta Côrte será dividido em quatro secções :

1.ª De anatomia comparada e zoologia.

2.ª De botanica, agricultura e artes mechanicas.

3.ª De mineralogia, geologia e sciencias physicas.

4.ª De numismatica, artes liberaes, archeologia, usos e costumes das nações antigas e modernas.

« Cada uma destas secções será confiada a um director especial

que poderá ter um ou mais adjuntos em relação ao numero das subdivisões da respectiva secção.

« Art. 2.º Os directores das secções poderáõ apresentar no museu um ou mais individuos para ahi terem exercicio na qualidade de praticantes, os quaes, depois das provas convenientes, poderáõ ser admittidos a supra numerarios, um em cada secção.

« Destes serão tirados os adjunctos.

« Art. 3.º Haverá um conselho composto dos directores das secções, o qual terá o titulo de—Conselho de Administração do Museu Nacional.

« Art. 9.º Haverá no Museu um secretario e um ajudante do secretario, incumbidos do registro das deliberações do conselho, da correspondencia com os museus estrangeiros e do arranjo, guarda e preparação do archivo e bibliotheca.

« O ajudante será, além disso, especialmente encarregado da contabilidade de estabelecimento.

« O lugar do secretario poderá ser reunido ao de director de secção.

« Art. 13.—Ficão extinctos os lugares de escripturario, thesoureiro e escrivão da receita e despeza.

Cada director de secção teve 800$000, e mais 200$000 o director do museu.

Frei Custodio ficou encarregado da terceira secção, o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia foi escolhido director da primeira, Luiz Riedel da segunda e Manoel de Araujo Porto-Alegre, hoje barão de Santo Angelo, da quarta. João de Deus foi nomeado porteiro, guarda e preparador. Francisco Antonio do Rego ajudante do secretario, e José da Silva guarda e preparador. Um dos directores de secção foi designado para exercer tambem o cargo de secretario tendo mais 200$000 annuaes; o ajudante do secretario teve 600$000; o mesmo ordenado o guarda e preparador das secções de mineralogia e numismatica, e o porteiro, guarda e preparador das outras secções 1:000$000.

A reforma melhorou o museu; deu mais ordem aos objectos, mais desenvolvimento e vida a cada secção; porém por um espirito de economia sempre prejudicial em cousas de sciencias reduzio-se 200$000 o ordenado de 800$000 de cada director que, desse mod

teve uma retribuição inferior ao que no nosso paiz se costuma arbitrar ao jornaleiro.

Vendo-se mal retribuido, e sem protecção e auxilio do governo o estabelecimento que regia, desgostou-se frei Custodio, que instou por sua demissão e retirou-se perdendo dezoito annos de serviço publico.

Assumio interinamente o cargo de director o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia até 1 de julho de 1847, em que passou a direcção ao Dr. Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui, natural da provincia do Piauhy, e professor aposentado da academia militar. Cuidou o novo funccionario em catalogar e rotular todos os objectos ; classificar os mineraes, transferir para lugar mais conveniente o laboratorio chimico, construir novos salões, e terminar as obras do edificio,

Em janeiro de 1848 por deliberação sua começou o museu a ser exposto ao publico ao domingo em vez da quinta-feira, tornando assim mais visitado o estabelecimento.

Em 1852 o conselheiro Freire Allemão e o administrador das florestas do Corcovado offerecerão um rico presente de amostras de madeiras do paiz, e em 19 de outubro desse anno aposentou-se o habil e dedicado empregado João de Deus e Mattos que, antes de deixar o museu, offertou-lhe dous mil productos maritimos que colhera e preparara na ilha d'Agua.

Em janeiro de 1855 reparou o ministro do imperio Luiz Pedreira do Couto Ferraz, hoje visconde do Bom Retiro, a injustiça que havião soffrido os directores de secção com a reducção do ordenado que lhes arbitrara o regulamento de 1842.

Tendo morrido na provincia do Espirito Santo o naturalista Descourtilz, unico subsidiario que tinha a casa, conseguio o Dr. Burlamaque a nomeação do francez Soyez de Gand que do valle do Amazonas enviou alguns presentes ; e de João Francisco Thomaz do Nascimento, o descobridor de combustiveis mineraes na provincia da Bahia, recebeu o museu diversos mineraes combustiveis e outros.

Aposentando-se o porteiro, guarda e preparador José da Silva, veio substitui-lo Carlos Leopoldo Cesar Burlamaqui que ainda exerce esses lugares ; e em virtude do regulamento de 1842 havião sido nomeados para adjunctos o Dr. Guilherme Schuch de Capanema em 18 de julho de 1849, Dr. Manoel Ferreira Lagos em 18 de novembro de 1854 e José Thomaz de Oliveira em 1856.

Nomeado em 1859 consul geral do Brazil na Prussia o director da secção de archeologia, Manoel de Araujo Porto Alegre, foi incumbido pelo governo de despender os 800$000 de seus vencimentos em acquisições para o museu, o que com muito zelo e boa vontade ha cumprido o douto e digno cidadão.

Em 21 de novembro de 1859 falleceu o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, e mezes depois o ajudante do secretario Francisco Antonio do Rego, sendo escolhido para esse lugar, em 29 de março de 1860, Manoel Teixeira da Motta, que ainda o exerce.

Foi nomeado em 21 de julho de 1860 para director da secção de zoologia e anotomia comparada o Dr. João Joaquim de Gouvea.

Havendo perecido na idade de 80 annos, dos quaes 40 consumira em explorações e estudo dos productos do Brazil, o sabio Dr. Riedel, veio occupar o lugar de director da secção de botanica o Dr. Manoel Freire Allemão, que pouco viveu, fallecendo em 14 de maio de 1863.

Em 1861 houve neste estabelecimento a primeira exposição de productos naturaes de industria, celebrada no Rio de Janeiro, da qual trataremos em artigo especial.

Havia sido nomeado, por portaria de 21 de junho de 1860, adjunto viajante do museu o naturalista Jacques Brunet que enviou valiosos objectos ; mas em pouco tempo vio-se a casa privada desse auxiliar que em 1862 foi occupar o lugar de professor do Gymnasio de Pernambuco.

Lembrara o Dr. Burlamaqui que se encarregasse os directores, cirurgiões e capellães das colonias do Imperio de colherem productos para o museu, mas não produzindo resultado satisfatorio semelhante medida, insistio pela nomeação de um collector ; e de feito foi escolhido para adjunto viajante honorario o explorador Luiz Baraquin, sem vencimento algum, e por isso pouco recebeu o estabelecimento desse explorador. Estava então o governo resolvido a gastar pouco com o museu ; de feito a dotação annual que era de 2:880$000, não comprehendendo o vencimento do pessoal, havia sido reduzida a 1:600$000, e depois a 900$000 que apenas chegavão para concerto de armarios, despezas miudas, e limpeza e conservação de milhares de productos existentes no edificio.

Em 11 de julho de 1863 creou-se a bibliotheca do museu, a

qual contou logo 3,000 volumes, porque ordenou o governo que se guardassem alli os livros da commissão scientifica enviada ao Ceará, havendo na casa uns 200 volumes offertados pelo Dr. Lacerda, fallecido no Maranhão.

Em 22 de março de 1865 foi escolhido para director da secção de botanica o Dr. Ladislão Netto, que então occupava-se na Europa com investigações e estudo dessa sciencia.

Em 25 de junho desse anno foi roubado o museu. O ladrão deixara-se ficar no edificio, no fim da exposição de domingo, escondendo-se provavelmente no vão de uma porta que fica por trás de um armario, e safou-se por uma das janellas das quaes deixou tres abertas Não encontrou-se corda, nem escada, porem acharão-se phosphoros, pedaços de vela de stearina e um papel escripto em italiano com uma especie de instrucções sobre o modo de perpetrar o roubo, recommendando em primeiro lugar os diamantes, em segundo o ouro em pó, e depois as medalhas e moedas de ouro e prata ; e executou o larapio a commissão levando 153 moedas, 70 medalhas e 49 diamantes !

Tambem em 1860 os ladrões, abrindo um dos portões, começarão com uma broca a fazer furos verticaes e horizontaes na porta que dava para um gabinete de mineralogia, mas presentidos por um preto que dormia no estabelecimento, fugirão ; e como esta falhou tambem uma tentativa que fizerão no tempo de frei Custodio.

Tendo fallecido o Dr. Joaquim de Gouvêa em 14 de janeiro de 1865, e o Dr. Burlamaqui em 20 de julho do mesmo anno, nomeou o governo para director do museu o conselheiro Francisco Freire Allemão em 10 de fevereiro de 1866, e para director da secção de zoologia e anatomia comparada o Dr. Manoel Ferreira Lagos por decreto de 14 de novembro do mesmo anno.

Em maio de 1868 passou o estabelecimento para a repartição do ministerio de agricultura e obras publicas.

Exercendo o Dr. Ladislão Netto o cargo de director interino em consequencia do estado valetudinario do conselheiro Freire Allemão, instituio em 1872 a classe dos naturalistas viajantes para colleccionarem os thesouros nativos do paiz ; e desejando enriquecer o estabelecimento que regia temporariamente offereceu um hervario de 4,700 especies oriundas de varias partes do globo.

Em 11 de novembro de 1874 perdeu o douto naturalista, o sabio e venerando professor conselheiro Francisco Freire Allemão, cujo nome conhecido no mundo scientifico era uma gloria do Brazil.

Alguns dias depois do obito do director morreu o preparador da secção de zoologia e botanica Manoel Francisco Bordalo, sendo escolhido em 4 de dezembro de 1874 para esse cargo Eduardo Teixeira de Sampaio, para dirigir a segunda secção vaga pelo fallecimento de Freire Allemão e Dr. João Martins da Silva Coutinho, e para director geral por decreto de 6 de fevereiro de 1875, o Dr. Ladislau Netto.

O decreto de 9 de fevereiro de 1876 reorganisou o museu, dando-lhe novo regulamento, cujos artigos principaes são os seguintes

CAPITULO I

Do Museu Nacional, seus fins e organisação

Art. 1º—O Museu Nacional é destinado ao estudo da Historia Natural, particularmente do Brazil, e ao ensino das sciencias physicas e naturaes, sobretudo em suas applicações á agricultura, industria e artes.

Para esse effeito colligirá e conservará sob sua guarda, devidamente classificados, os productos naturaes e industriaes que interessem aquelles fins.

Art. 2º—Dividir-se-ha em tres secções:

1ª De anthropologia, zoologia geral e applicada, anatomia comparada e paleontologia animal;

2ª De botanica geral e applicada, e paleontologia vegetal;

3ª De sciencias physicas: mineralogia, geologia e paleontologia geral.

Art. 3º—Emquanto se não realizar a creação de estabelecimento especial para o estudo de archeologia, ethnographia e numismatica, constituirão estas materias uma secção annexa ao Museu Nacional.

Art. 4º—A direcção e fiscalisação de todos os ramos do serviço serão exercidas pelo Director Geral com o concurso de um conselho director, na fórma adiante estabelecida.

Art. 5º—Além do director geral haverá tres directores de secção e outros tantos sub-directores, um secretario, um amanuense, um bibliothecario, um porteiro, um continuo, seis praticantes, tres preparadores, e naturalistas viajantes cujo numero será fixado pelo Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas sobre proposta do director geral.

De igual modo será marcado o numero dos serventes.

CAPITULO III

Dos cursos publicos

Art. 16—O ensino scientifico, a que é destinado o Museu Nacional, será dado em cursos publicos e gratuitos por meio de prelecções, que serão feitas pelos directores de secção e sub-directores.

Estas prelecções, que se effectuarão á noite nos salões do edificio começarão a 1 de março e terminarão a 31 de outubro.

Cada materia será professada em uma lição semanal, pelo menos.

CAPITULO IV

Das publicações

Art. 19—O Museu Nacional publicará trimensalmente, pelo menos, uma revista intitulada: *Archivo do Museu Nacional.*

Nessa revista dar-se-ha conta de todas as investigações e trabalhos realizados no estabelecimento, das noticias nacionaes ou estrangeiras que interessarem ás sciencias de que se occupa o Museu, do catalogo das collecções mais importantes, dos donativos feitos ao estabelecimento, e dos nomes das pessoas a quem seja conferido o titulo de que trata o art. 7º § 5º.

Serão publicados de preferencia os trabalhos originaes do pessoal docente.

Arbitrou esse regulamento o ordenado de 4:500$000 para o director geral, o de 3:000$000 para os directores de secção, de 2:400$000 para os sub-directores; de 1:200$000 para os preparadores, 1:000$000 para o continuo e 800$000 para o secretario, amanuense, bibliothecario, porteiro e praticantes.

Por decreto de 9 de fevereiro de 1876 forão nomeados: os Drs. Ladislão de Souza Mello Netto, director geral, João Joaquim Pizarro e João Baptista de Lacerda, director e sub-director da 1ª secção; Nicoláo

Joaquim Moreira sub-director da 2ª secção; e o bacharel Carlos Luiz de Sanles Junior sub-director da 3ª secção.

A portaria da mesma data designou o Dr. Ladislão de Souza Mello Netto para dirigir a 2ª secção; por portarias tambem de 9 forão nomeados para os lugares de praticantes João da Motta Teixeira, Manoel da Motta Teixeira, Antonio Teixeira da Rocha, Antonio de Souza Mello Netto, Lourenço José Ribeiro da Cruz Rangel e Daniel de Oliveira Ramos e Almeida.

Na mesma data concederão-se as exonerações, que pedirão, o Dr. João Martins da Silva Coutinho de director da secção de mineralogia, geologia e sciencias physicas e o conselheiro Dr. Guilherme Schuch de Capanema, Miguel Antonio da Silva e Antonio José Ribeiro da Cruz Rangel, dos de adjuntos da mencionada secção e da de zoologia, physiologia e anatomia comparada.

O actual e illustrado director Dr. Ladislão Netto tem cooperado para o desenvolvimento do museu nacional: tirou-o da apathia em que vivia quasi ignorado e desconhecido do povo, deu vida e animação a essa casa da sciencia, tornou o laboratorio chimico apropriado para quaesquer analyses, collocou a secretaria em lugar mais conveniente, destinou mais espaço á bibliotheca; dando maior publicidade aos trabalhos do estabelecimento ha contribuido para que se tenhão multiplicado as offertas e dadivas dos particulares; rasgou novos salões no pavimento terreo do edificio demolindo cubiculos escuros e inuteis; mandou envidraçar um dos pateos internos destinando-o para salão de exposições, afastou da casa as sociedades que privavão o museu de seus commodos já de si exiguos; cooperou para a reorganisação da lei organica que deu nova e auspiciosa constituição a esse estabelecimento creado nos tempos coloniaes do Brazil; inaugurou em 10 de março de 1876 o curso publico do museu, e decretou no mesmo mez a publicação da revista *Archivos do Museu Nacional*, e projecta construir em um dos pateos um amphitheatro igual aos melhores que existem em semelhantes instituições.

Na face oriental da praça da Acclamação levanta-se o edificio do museu tendo uma das faces lateraes voltadas para a rua da Constituição. Vê-se na frontaria um corpo central que conta tres janellas no primeiro pavimento, tres no segundo, havendo sobre a do centro uma lapida de marmore com esta inscripção:

JOANNES VI

REX FIDELISSIMUS

ARTIUM AMANTISSIMUS

A FUNDAMENTIS EREXIT

AN. MDCCCXXI

Seguem-se o entablamento, sobre este as armas do imperio trabalhadas em metal, e o frontão recto. Ha de cada lado dous corpos um com um frontão curvo, tendo um portão no primeiro pavimento e uma janella no segundo, e o outro um portão e seis janellas no primeiro e sete janellas no segundo ; as janellas do pavimento terreo são de peitoril, as do superior de sacadas com grades de ferro ; um attico esconde o telhado na fachada do palacio.

A face que olha para a rua da Constituição tem no primeiro pavimento nove janellas e uma porta, e no segundo dez janellas. E' pobre de ornatos e de architectura esta antiga construcção.

Entre nós ainda se não comprehende que cada edificio deve ter uma architectura propria, caracteristica do fim para que foi levantado ; faz-se um theatro como se fosse uma casa ; julga-se que um predio que servio de cadeia póde ser aproveitado para palacio legislativo e transforma-se uma casa levantada para escóla de meninos em palacio da secretaria do imperio ! Além de feio é pequeno o edificio do museu para recolher os productos do paiz ; judiciosamente lembrou o Dr. Ladislão Netto a conveniencia de comprarem-se os tres ou quatro predios que ha até a esquina da rua do Visconde do Rio Branco para estender-se o edificio até essa rua ; desse modo vestiria o palacio do museu todo o espaço entre duas ruas, aprimorando a maior praça que possue a cidade. Mas o nosso governo gosta de andar devagar, e desconhecendo o dito do imperador romano que quando nada fazia de util repetia —perdi o dia— se não embaraça que os dias, mezes e annos corrão sem encetar qualquer melhoramento, que quando é executado custa muito esforço e muito dinheiro. Pouco valião aquellas casas ; hoje valem mais, e quanto custarão amanhã ? Gaste-se, porém, o dinheiro e faça-se cousa util e elegante, levante-se um palacio vasto, monumental para o museu, um palacio que seja o livro, o codice onde se possão vêr e estudar os maravilhas deste grandioso e rico territorio.

Ha no primeiro pavimento do edificio o vestibulo, um salão occupado com productos geologicos e zoologicos, uma sala onde se fazem as prelecções, um pateo envidraçado, outro pateo que deve ser transformado em amphitheatro, cujo plano já está desenhado, e tres salas e um gabinete que ainda não tem objectos. No segundo pavimento vêem-se um grande salão e duas salas de mineralogia brazileira, a sala de Pompéa, a do Egypto, das moedas, das medalhas, a de botanica, a sala nova chamada das officinas com um gabinete da secção de geologia, duas salas occupadas pela bibliotheca, outra que serve de secretaria e um terraço com um chalet para preparações de animaes.

Encerra esse museu muitos objectos curiosos entre os quaes podemos mencionar os seguintes :

« Um orangotango; uma collecção de macacos do Brazil composta de cincoenta individuos, sendo notaveis as duas especies do genero *truchiurus* de cauda curta, macacos do rio Solimões no Pará, ainda ha alguns annos mui raros nas collecções europeas, e um casal desses individuos enviados de Goyaz pelo presidente José Saturnino da Costa Pereira, que considerados como especie nova, receberão a principio a denominação *pethecia dubia* e depois *pethecia Saturnina*. E' um lindo macaco do tamanho de um pequeno cão, bem caracterisado, tem o corpo todo coberto de abundantes cabellos, lisos, bem repartidos como se fossem penteados, de cor preta e brilhante, excepto o nariz que é inteiramente branco.

Um peixe boi ; um tamanduá bandeira, offertado por D. Pedro II; um leão, um gnu, um urso, uma cegonha, um gallo da Rocha offerecidos pelo commendador Antonio José Alves Souto, hoje visconde do Souto ; outro urso que pertenceu a domadora de feras Madame de Labarrere ; cincoenta e dous beija-flores entre os quaes ha tres especies que forão descriptas pela primeira vez pelo Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia; dous jacarés, um de quatro e outro de oito palmos de comprimento, mortos, em janeiro de 1831, em um pantano que havia proximo da quinta da Boa-Vista por Pedro I, que veio ao museu ordenar que fossem preparados e montados convenientemente ; *o pelicano brasiliense* de Natterer ; o cysne branco e o cysne preto, e outros.

Na secção de geologia ha mineraes calcarios de todas as provincias do Brazil, e de diversos paizes, diamantes, turmalinas, gra-

nadas, topazios, esmeraldas, rubins, saphiras, opalas, ouro em pó e em palhetas, e em um vaso de prata dourada um grande coral representando a batalha de Constantino sobre Maxencio, offerta de D. João VI.

Notão-se na sala de Pompéa duzentos e sessenta artefactos offerecidos por D. Pedro II; na sala de archeologia brazileira veem-se um sceptro de ardozia compacta com um metro e sete centimetros de comprimento, um gral de pedra e outros objectos curiosos de indios.

No salão de archeologia: um manipanso, idolo africano, offerecido ao museu em 1843; duas cabeças embalsamadas de chefes da Nova Zelandia, donde forão trazidas por Jacques Aragô e remettidas ao museu pelo ministro Villa Nova Portugal; um manto de pennas vermelhas e amarellas do uso de Mamahamalú, rei das ilhas Sandwich, que, quando esteve de passagem no Rio de Janeiro, offereceu-o a D. Pedro I; um collar de pennas amarellas de forma cylindrica offertado ao mesmo soberano pela rainha Tamahamalú; uma canôa das maiores empregadas pelos Esquimáos na pesca das phocas; consta de uma ligeira armação de madeira coberta com pelles de phocas; uma mumia achada nas immediações de Chiuchiu a quarenta leguas do Pacifico, offerecida em 1866 pelo Sr. Carvalho Borges ex-encarregado de negocios do Brazil na Bolivia; uma collecção de antiguidades bolivianas offerecidas em 1868 pelo conselheiro Lopes Netto; uma pedra extrahida do antigo palacio que Christovão Colombo mandou construir na ilha de S. Domingos, na margem occidental do rio Ozana, offerecida por Felippe José Ferreira Leal, encarregado de negocios do Brazil em Venezuela. O secretario das relações exteriores da Republica Dominicana certificou a identidade desse objecto. Tres agulhas de osso de macaco para tecer balaios; o retrato do indio Jurucúaxiary, chefe dos Apiacás, conhecido pelo appellido de Tacupecuxiary, que baptisou-se recebendo o nome do presidente da provincia de Mato-Grosso, José Saturnino da Costa Pereira que servio-lhe de padrinho, o retrato foi pintado em 1826 por Henrique José da Silva; retratos de D. José I e de D. Maria I, dito de Napoleão I, trabalho em tapete da antiga fabrica Gobelins; uma pintura sobre o marmore representando David victorioso depois de haver morto o gigante Golias; um painel mosaico romano; uma miscellanea pintada pelo artis-

[illegible] Francisco Pedro [illegible] (1); um modelo do santo sepulcro, feito de madeira e madreperola; uma grande corôa fundida na fabrica de ferro de Ipanema; uma panella de fogo do cerco da colonia do Sacramento no seculo passado, e um archote do mesmo cerco, offerecidos por J. P. F. de Oliveira Barbosa; um modelo de barco [illegible], feito de marfim, com um machinismo interior que lhe permitte [illegible] em chão horizontal, offertado por Pedro I; caixa de guerra [illegible] na batalha de Monte-Caseros, offerecida pelo major Ladislão dos Santos Titara; uma mão de bronze modelo da de D. Pedro II, [illegible] em 1841 para o sceptro da justiça; modelos em miniatura das diversas officinas de artes e officios mandados fazer no reinado de D. Maria I para instrucção do principe D. José, offerta de D. João VI; duas chaves romanas; um pé de marmore com alpargata grega; uma arma de fogo marchetada de marfim da idade media e uma collecção de quadros offerecidos pelo mesmo rei; o busto de Rafael Sanzio; um camafeu, trabalho primoroso de João Manso Pereira, cuja biographia verá o leitor no fim deste capitulo; estatua do propheta Jeremias, trabalho em gesso feito em Paris por Candido de Almeida Reis quando pensionista do Estado; tres estatuas collossaes em gesso representando o Brazil, Portugal e a França, feitas em 1845 por Fernando Petrich, e por elle offerecidas ao museu; um indio personifica o Brazil, um guerreiro da idade media, Portugal, e Napoleão com uma aguia aos pés, a França; dous bustos de D. Pedro II e D. Thereza Christina; mascaras em gesso de José Bonifacio de Andrade e Silva, Antonio Carlos de Andrade Machado e Silva, conego José Antonio Marinho, Evaristo Ferreira da Veiga, e do eximio musico José Mauricio Nunes Garcia; a estatua da Caridade, offerecida em 1845 pelo seu autor Fernando Petrich; um craneo de elephante asiatico, offerecido por D. Pedro I; um dente de narval com quatorze palmos de comprimento; um grande pedaço do esporão de um espadão, encontrado encravado em distancia de um palmo e seis pollegadas no costado do brigue de guerra Constancia, e offerecido ao museu em 29 de março de 1830; uma canôa indigena feita de um só pedaço da casca do jutahy, e muitos outros objectos indigenas.

---

(1) Acompanha este capitulo a biographia deste artista.

Na sala do Egypto vêem-se tres mumias compradas ao italiano Fiengo por D. Pedro I, e por este offerecidas ao museu ; as mumias estão nos competentes sarcophagos, que são feitas de sycomoro, e ornadas de curiosas pinturas jeroglificas; idolos, vasos, lampadas egypcias, gatos, peixes, passaros embalsamados, e uma cabeça de mumia collocada sobre uma amphora de prata.

Na sala das medalhas ha 293 do Brazil, 328 da Allemanha, 250 de Roma antiga, 203 da França, e de outros paizes, subindo o numero total a 1356. Entre as medalhas vê-se um habito dos officiaes do Santo Officio, tendo no centro uma cruz, do lado do braço esquerdo da cruz uma espada, e do opposto uma arvore.

Na sala das moedas vêem-se 275 de ouro, 1660 de prata, 30 de nikel e 1,473 de cobre de differentes paizes da Europa, Africa, Asia e America.

Na sala de Botanica ha muitas plantas seccas, amostras de madeiras, fructas, cascas, oleos, gommas e resinas.

A bibliotheca, composta de mais de 9,000 volumes, contem as obras mais notaveis e raras sobre historia natural. Vê-se ahi um retrato do ministro Thomaz Antonio Villa-Nova Portugal, offertado por José Antonio da Camara, e aceito por aviso de 19 de fevereiro de 1839.

Ha dedicado ao mesmo ministro um soneto escripto em calligraphia em 1817 por Francisco Antonio Soares e conservado em um quadro no salão de archeologia, juntamente com outro offerecido ao principe real D. Pedro, depois primeiro imperador do Brazil ; eis os sonetos :

PARA O PRINCIPE REAL

Doce, casto hymeneu teu facho accende
Dous amantes conduze as aras tuas,
E se amor os prendeu nas prisões suas
Em celestes prisões agora os prende.

Eis risonha alegria os ares fende
Vem com ella o prazer, as graças núas ;
O' tempo ! ó voraz Nume não destrúas
Laços que urdio amor e o céo defende.

Assim como no templo da memoria
Vivem corôados da Febia rama
Seus maiores brazão da luza historia.

A próle deste par que amor inflamma
Assombro dando ao mundo a luzia gloria
D'Evo em Evo andará na voz da fama.

A' VILLA NOVA PORTUGAL

Qual nos hombros sustenta os céos Atlante
Sustens da luza monarchia o peso
E em sempre-terna humanidade acceso
A pró do afflicto és Argos vigilante.

Truncas da intriga a frente petulante,
Brama sobre teus pés o embuste preso ;
Do bafo impuro da lisonja illeso
Daes a patria esplendor, gloria ao reinante.

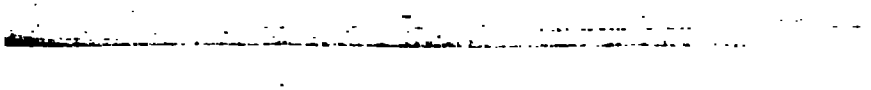
Venceste a sorte minha insana e féra
Que damnos contra mim já não innova
Por quem valer-me o braço teu se esmera.

Ah de quanto sou grato déra prova
Se eu entre os astros escrever podera
Teu claro nome excelso Villa-Nova.

Actualmente não possue o museu nenhum animal vivo, porém tem tido diversos ; assim conservou em uma gaiola durante trinta e dous annos uma giboia da grossuva da coxa de um homem, a qual esteve seis mezes fugida e falleceu em 16 de outubro de 1862, e uma aguia offerecida pelo brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho, quando presidente do Pará ; chegou ao museu em 11 de agosto de 1848 e morreu em 5 de agosto de 1876, tendo vivido na gaiola vinte e oito annos.

O edificio é franqueado ao publico aos domingos, como dissemos, orçando o numero dos visitantes por mil ; porém póde ser visitado, com permissão facilmente concedida, em qualquer outro dia, excepto ás quintas-feiras.

Destinada a colleccionar e estudar todos os productos naturaes do Brazil, e fazer prelecções publicas sobre sciencias de que se occupa, é de subida utilidade semelhante instituição ; depositos de objectos da natureza e da arte são os museus livros que servem para todos, para o sabio que vae ahi beber conhecimentos que não obteria senão com muito trabalho e fadiga ; para o estudioso que facilmente adquire ahi noticias exactas sobre as sciencias naturaes, e para o homem do povo que visitando taes casas, se instrue e civilisa ; estabelecimentos de sciencia e recreio deleitão e instruem ; guardão em pequenos recintos os typos de todos os corpos conhecidos, onde com facilidade podem ser estudados pelos mestres e pelos discipulos; reunem as raridades especiaes a cada região do globo, concorrendo para o progresso das sciencias, lettras e artes ; por isso merece louvores o governo que, tendo dado novo regulamento e augmentado a verba de dotação, deu vida e importancia ao museu nacional.



FREI JOSÉ DA COSTA AZEVEDO

Nasceu José da Costa Azevedo no Rio de Janeiro em 16 de setembro de 1763 de uma familia honesta e pobre. Mostrou nos estudos intilligencia e applicação, merecendo louvores dos mestres e sendo de seus paes orgulho e esperança. Enviado para Lisboa matriculou-se no collegio dos nobres, e apezar de se achar longe de seus paes, em uma grande cidade, e na época da vida em que mais se amão os prazeres do que os livros, continuou José da Costa a mostrar a mesma applicação nas aulas. Concluido o curso de humanidades foi para a universidade de Coimbra, e tanta reputação adquirio, tão bom proceder manifestou que, ainda sentava-se nos bancos da universidade, e já occupava a cadeira de lente de theologia na ordem de S. Francisco, cujo instituto abraçara.

Era então o claustro o sanctuario da sciencia, o refugio do sabio, a cella do theologo ; dahi provinha que o espirito civilisador, a moral partia dos conventos ; hoje, porém, não é assim, porque passou a época de taes instituições, que já não podem servir de exemplo nem de estimulo.

Inclinado ás doutrinas philosophicas e ás sciencias naturaes grangeou em pouco tempo o monge brazileiro a reputação de profundo philosopho e de distincto naturalista ; foi convidado para reger a cadeira publica de philosophia em Lisboa, e a academia real de sciencias, ha pouco instituida, offereceu-lhe o diploma de socio correspondente.

Nomeado bispo de Pernambuco o douto brazileiro D. José Joaquim de Azeredo Coutinho, e desejando crear um seminario em sua

Encarregado pelo mordomo do imperador de diversos trabalhos de decoração, obteve o cargo de pintor, chefe e director das decorações da casa imperial ; por occasião do segundo casamento de Pedro I, pintou o trem imperial, e em 1829 publicou um folheto intitulado : *Explicação allegorica da decoração dos coches de Estado de S. M. o Senhor D. Pedro I*, descrevendo todo seu trabalho.

Pintou a fresco o palacio da marqueza de Santos em S. Christovão, pintura que desappareceu quando passou o predio a outros donos ; pintou a tempera a casa de Placido Antonio Pereira de Abreu, na praça da Constituição, pintura que tambem já não existe, e fez muitos paineis qne se perderão, e muitas paisagens e scenas contemporaneas, entre outras, uma que representava uma fogueira de S. João, da qual faz menção especial o artista e poeta Porto-Alegre (1).

Em 22 de abril de 1827 fundou a sociedade de S. Lucas, composta de pintores, a qual durante sete annos reunio-se em casa do socio Antonio da Cunha Pereira, na rua da Princeza dos Cajueiros ; quando o fundador morreu já havia fundo sufficiente para soccorrer os socios necessitados, e em 1835 publicárão-se os estatutos.

Em 1828 decorou a sala da bibliotheca nacional, de cuja pintura ainda existem vestigios no consistorio da igreja do Carmo, onde se achava então a bibliotheca.

Doente, affectado da molestia que devia leval-o ao tumulo, nem assim deixou seus pinceis ; incumbio-se da illuminação que se fez na praça da Constituição, em 12 de outubro de 1830 ; porém o grande esforço que empregou para concluir este trabalho aggravou seus padecimentos, e recolhido ao leito veio o anjo da morte cerrar-lhe os labios em 10 de novembro de 1830, perecendo de tuberculos pulmonares, e sendo sepultado na igreja do Hospicio.

Francisco Pedro trabalhou muito,porém a fortuna jámais se sorrio para elle ; a necessidade obrigava-o a ser dourador, estucador, architecto, scenographo, decorador e paisagista, e ainda assim sustentava com difficuldade sua mãi e irmã ; para ser bom filho e bom irmão nunca se quiz casar ; era de côr parda e de estatura mediana.

Foi artista habil, homem de engenho, e merece ser lembrado seu nome entre os dos antigos pintores do Rio de Janeiro.

---

(1) Veja Revista do Instituto Historico volume 19, pag. 375.

JOAO MANSO PEREIRA

João Manso, natural da provincia de Minas, veio para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado professor de grammatica latina, que exerceu até jubilar-se. Dado ao estudo das sciencias naturaes conseguio fazer vinho, assucar, aguardente destillada da raiz do sapê; extrahio alcalis da bananeira, e do mangue, e fabricou camafeus de terras do paiz; além do que existe no museu, possue um o commendador Oliveira Barbosa.

Remettidos a Lisboa diversos objectos feitos por elle forão elogiados; a rainha D. Maria I escreveu-lhe e tambem ao vice-rei, conde de Rezende, ordenando-lhe que auxiliasse em suas emprezas ao distincto brazileiro (1).

Este chimico fazia porcellana, verniz e charão tão perfeitos como os da China; offereceu ao vice-rei Vasconcellos uma mesa feita por elle onde estavão representadas em ouro em diversas cores a cidade do Rio de Janeiro e algumas de suas ilhas e analysou o ferro de Ipanema.

Era homem honesto, virtuoso e celibatario: tinha em casa uma criada chamada Joanna de Mello que havia sido sua escrava, e dando-lhe liberdade começou a trata-la: A senhora Joanna de Mello. Era alto de estatura, magro e de cor parda.

Ao rei D. João VI offertou um apparelho de porcellana e uma caixinha para sabão de barba que fabricara com argilla encontrada na ilha do Governador.

Sabia o grego, o hebraico, era mui versado em sciencias naturaes e teve o habito da ordem de Christo.

---

(1) Veja Revista do Instituto Historico, tomo 37, pag. 27.

Retirando-se para Angra dos Reis propoz-se a extrahir salitre das sepulturas, sendo parte do producto para elle e parte para a igreja, mas o povo, logo que soube, começou a clamar, e appareceräo pasquins dizendo que o chimico nem deixava descansar os mortos.

Falleceu, contando mais de 70 annos, em 16 de agosto de 1820, declarando em testamento que envolvessem seu cadaver em um lençol, e carregado por quatro pobres, aos quaes se daria meia dobra a cada um, o sepultassem na porta da igreja para ser pisado por todos, sendo assim expurgado de alguma soberba que pudesse ter tido em vida.

Que chimico notavel, que sabio não seria este homem se tivesse aprendido dos mestres conhecimentos perfeitos das sciencias que seu genio adivinhara!

XI

CASA DA MOEDA

Attendendo á triste situação das capitanias do Brazil, cujo commercio estava estagnado, por faltarem navios para a exportação dos generos, sendo o assucar recebido por menos de metade do seu valor real e de costume, não tendo consumo ás aguas-ardentes, e tornando a falta de exportação de generos incommensuravel a sahida da moeda, para saldo de contas e acquisição de mercadorias, dirigio o povo representações ao rei que promulgou a lei de 4 de agosto de 1688, dando valor as moedas novas com vinte por cento, e mandando correr as antigas pelo seu peso.

Recebeu essa lei o arcebispo da Bahia D. frei Manoel da Resurreição que, por ordem regia, assumira o governo da capitania, e immediatamente mandou publica-la e dar-lhe execução; convocando, a pedido da camara, uma reunião condescendeu com os que opinarão se alterasse a moeda, resolvendo-se que as moedas que não havião sido marcadas corressem as de tres vintens por quatro, as de quatro por cinco, as de cinco por seis, as de seis por oito, que antigamente corrião por tostão e as de dous tostões por 240 rs. etc.; o que sendo decidido foi posto em execução sem esperar-se pela approvação regia.

Extranhou o desembargador chanceller da Relação o procedimento do arcebispo, e representou ao rei contra a resolução tomada

do augmento da moeda; e parecendo ao soberano que procedera mal o arcebispo, dando maior e differente valor á moeda além do declarado na lei, e que só ao chanceller incumbia a publicação das leis, ordenou fosse julgada nulla e de nenhum effeito aquella resolução.

Deu-se no Rio de Janeiro acontecimento quasi igual: reunio-se o senado da camara com o governador e pessoas entendidas nos negocios, e representou a el-rei fosse servido levantar o valor de toda a moeda vinte por cento, que as duas patacas serrilhadas passassem a ter o valor de dous cruzados, uma pataca serrilhada a de um cruzado. Tendo o povo noticia dessa deliberação pedio ao governador mandasse executal-a immediatamente, e este assustado com o motim popular, annuio ao pedido, porem participando ao rei, em 24 de junho de 1690, seu procedimento, foi este julgado illegal e nullo por carta regia de 18 de outubro do mesmo anno. (1)

Provão esses acontecimentos a afflicção e desesperação do povo em negocio de tanta magnitude, estando paralisado o commercio e sendo escassa a moeda.

O senado da camara do Rio de Janeiro expoz ao rei os males do povo, e para dar-lhes remedio e allivio veio ao mesmo senado a carta de 23 de março de 1694 communicando-lhe que por lei de 8 desse mez e anno se mandara abrir uma casa de moeda ambulante na cidade da Bahia para reduzir a dinheiro provincial toda a moeda nacional antiga, e mais, ouro e prata velha com que os particulares concorressem para aquella permutação, levantando-se o preço do ouro dez por cento sobre os vinte do ultimo levantamento da moeda, sem perceber a fazenda real vantagem daquelle augmento, pois cedia-o a favor do povo.

« Espero, dizia o rei nesta carta, que desta resolução, que tanto desejaveis, resulte não só o remedio dos males que se padecião, mas tambem a opulencia desses povos, a quem eu sempre favorecerei como me merecem tão honrados e fieis vassallos. »

Forão nomeados para a casa da moeda da Bahia superitendente João da Rocha Pita, juiz da moeda José Ribeiro Rangel, ensaiador Manoel de Souza, e ficou a camara encarregada de eleger os thesoureiros.

(1) Veja Anna[illegible]io de Janeiro do Dr. Balthazar da Silva Lisboa, vol. 5º p[illegible]

Cunharão-se moedas em ouro de 4$000, 2$000, e 1$000, as primeiras com o peso de duas oitavas e vinte grãos, e as outras em proporção; e em prata moedas de 640, 320, 160, 80, 40, e 20 rs. tendo a primeira cinco oitavas e vinte e oito grãos.

Tomarão essas moedas o nome de coloniaes, não só por serem fabricadas com o ouro dos colonos, que pagavão todas as despezas, como tambem por serem exclusivas do Brazil; dellas existem no medalheiro da casa da moeda do Rio de Janeiro uma de 4$000, uma de 320 e outra de 40 rs.

Para que não proseguisse o crime de cerceo praticado na moeda portugueza existente no Brazil, ordenou a carta regia de 1695 rigorosa punição contra quem trouxesse moeda de ouro ou de prata de Portugal para a America; e que tambem soffressem penas rigorosas, os que dentro de um mez da publicação da lei não levassem á casa da moeda o ouro ou prata nacional, que possuissem, para serem esses metaes reduzidos á moeda colonial.

Representando o governador do Rio de Janeiro sobre a difficuldade da remessa do dinheiro para a casa da moeda da Bahia, ordenou o rei, em 23 de janeiro de 1697, que o governador Arthur de Sá convocasse os vereadores e lhes declarasse que ou havião de remetter seu dinheiro para a Bahia, onde immediatamente reduzir-se-hia á moeda provincial, ou finda a fabrica daquella casa da moeda, enviar-se-hião as officinas della com o mesmo engenho afim de que nesta cidade se reduzisse a moeda pela mesma fórma que se fizera na Bahia, não levando a fazenda real senhorinhagem, nem outra utilidade; que por conta dos moradores havia de correr a despeza da fabrica e tambem o salario de um desembargador da Relação da Bahia, que teria de passar ao Rio de Janeiro, para servir de superintendente da casa da moeda que se creasse; convindo á camara pesar bem um tal negocio, pois a fazenda real só mandaria transportar os engenhos e ferramentas da casa da moeda da Bahia para esta cidade, e que tomada qualquer resolução se informasse ao governador geral do Estado, ficando certo que a moeda havia de se reduzir na Bahia ou a fabrica seria transportada para aqui (1).

(1) Veja Annaes do Rio de Janeiro de Balthazar Lisbôa, vol.

Aceitou o senado da camara a casa da moeda e agradeceu ao rei este beneficio. Em 12 de janeiro de 1698 communicou-lhe o soberano que ordenara ao governador geral transferisse para o Rio de Janeiro a casa da moeda, por desejar livrar os moradores desta capitania da oppressão que padeciam com a moeda cerceada, deixando em beneficio do povo a senhoriagem, porém não concorrendo com despeza alguma.

Em 30 de janeiro de 1699 assignarão os vereadores perante o governador da capitania o termo pelo qual obrigarão-se a todas as faltas que houvesse na casa da moeda, sem a fazenda real concorrer com o menor dispendio; e chegando em fevereiro desse anno o juiz da moeda José Ribeiro Rangel, o desembargador superintendente Miguel de Siqueira Castello-Branco e diversos empregados, começou a casa da moeda a funccionar no Rio de Janeiro em 17 de março do mesmo anno. Lavrarão-se as mesmas especies que na Bahia, e possue o medalheiro todas as de ouro, porém nenhuma de prata.

Ordenou a carta regia de 20 de janeiro de 1700 que o provedor da fazenda real tomasse as contas á casa da moeda do Rio de Janeiro e as remettesse ao conselho ultramarino, e a de 21 do mesmo mez e anno mandou levar em conta as despezas feitas por José Ribeiro Rangel na fabrica da moeda.

Tendo se estabelecido no edificio da junta de commercio a casa da moeda ordenou o rei, em 7 de fevereiro de 1701, que se construisse outro edificio para a junta.

Avisara o governador ao governador de Pernambuco, em 12 de janeiro de 1698, que a casa da moeda passaria do Rio de Janeiro para alli, e permettindo em 20 de janeiro de 1700 que se praticasse naquella capitania a reducção do dinheiro antigo, do ouro e da prata em nova moeda provincial, como se fizera na Bahia e Rio de Janeiro, transferirão-se as officinas para alli sob a direcção de Manoel de Souza, por se haver ausentado para Lisboa José Ribeiro Rangel.

Das moedas cunhadas em Pernambuco possue o medalheiro do Rio de Janeiro as de 640, 320 e 80 rs.

A moeda denominava-se provincial por ter curso sómente no Brazil.

A casa da moeda do Rio de Janeiro, que estivera aberta um anno, [illegible] em ouro 612:644$640 e em prata 255:694$980.

Conhecidos os pruductos das minas de ouro do Brazil determinou o governo, em 18 de janeiro de 1701, que se restabelecessem de novo nas cidades da Bahia e Rio de Janeiro casas de moeda; e em 31 de janeiro de 1702 que a casa da moeda passasse de Pernambuco para o Rio de Janeiro; em 9 de março do mesmo anno que se fechasse a officina da moeda de Pernambuco, empregando-se o dinheiro resultante da senhoriagem nas fortificações dessa capitania e da de Parahyba.

Estabelecida em janeiro de 1703, uma casa de moeda permanente, sujeita ao regimento da officina monetaria de Lisboa, e cunhando só ouro, forão nomeados superintendente o desembargador ouvidor da comarca José de Siqueira (1) e juiz Manoel de Souza.

Prevenira a carta régia de 24 de abril de 1702 os conflictos de jurisdicção do superintendente com o governador, declarando que, não obstante a independencia daquelle magistrado nos objectos de minas e seu regimento, devia comtudo haver-se com attenção e respeito para com o governador, a quem daria conta dos ribeiros, veios e descobertas de minas que houvesse, e de tudo que occorresse.

Em 1703 a moeda cunhada no Brazil começou a ser geral, e a ter circulação em todo o reino de Portugal; e até esse anno as casas de moeda, que tinhão sido creadas no Brazil, lançárão na circulação 1,503:030$340 em prata e 722:822$640 em ouro.

De 1704 em diante fabricou Portugal para o Brazil cobre com o valor de 5 rs. por oitava; e a carta régia de 10 de fevereiro desse anno ordenou que as moedas de cobre de 20 e 10 rs. do reino da Angola circulassem na America como subsidiarias; pesando a primeira quatro oitavas e a segunda duas.

Por provisão do conselho ultramarino de 14 de novembro de 1714 abrio-se de novo a casa da moeda na Bahia para cunhar ouro

(1) O monsenhor Pizarro dá a esse desembargador o nome de Manoel Paes de Siqueira, mas diz o Dr. Candido de Azeredo Coutinho no seu interessante opusculo « Apreciação do medalheiro da casa da moeda » que no registro dessa casa encontrou sempre escripto o nome desse desembargador, como indicamos no texto; e é tambem assim que vem escripto o nome desse ouvidor no Almanak [illegible] de Antonio Duarte Nunes.

do mesmo quilate e peso que as moedas do Rio de Janeiro e Portugal, das quaes só differião por terem a cruz cantonada pela letra B.

Em 1715 amoedou-se em Portugal, para circular no Brazil, novo cobre com os valores de 20, 10 e 5 rs.

Determinando-se fundar uma casa de moeda na capital de Minas Geraes, ordenou o rei, em 23 de março de 1720, que se mandassem do Rio de Janeiro officiaes, instrumentos e ingredientes que fossem necessarios para esse estabelecimento, que inaugurou-se em 1 de fevereiro de 1725.

Em 1721 ordenou o conselho ultramarino que em Minas se cunhassem moedas de 15 e 7 1/2 oitavas de ouro com a lei de 22 quilates; essas moedas existem no medalheiro do Rio de Janeiro; e no anno seguinte lavrárão-se em Portugal para ter circulação só naquella capitania moedas de 40 e 20 rs.

Em 1727 executou-se no Rio de Janeiro e na Bahia a lei de 4 de abril de 1722 que mandou fabricar moedas de 12$800, 6$400, 3$200, 1$600 e 800 rs. de ouro; e em Minas cunhárão-se não só essas moedas como tambem de 20$000, 10$000 e 400 rs. do mesmo metal.

Em 1730 mandou o governo que na Bahia se cunhassem as chapinhas de cobre de 10 e 5 rs. que fossem enviadas de Portugal (1); em 1 de julho de 1735 fechou-se a casa da moeda de Minas; em 27 de março de 1744 ordenou-se que se fabricassem no Rio de Janeiro moedas provinciaes de prata, e por provisão do conselho ultramarino de 30 de março de 1750 generalisou-se no Brazil a cunhagem da moeda de 40 rs. de cobre.

Em 1803 remetteu-se de Portugal para o Brazil grande quantidade de cobre com o valor de 10 rs. por oitava, e em 1805 entrárão em circulação essas moedas.

Determinou o alvará de 1 de setembro de 1808 que em todas as capitanias circulassem moedas de ouro, prata e cobre, prohibindo que o ouro em pó corresse como moeda; o alvará de 19 de abril de 1809 ordenou que em todo o estado do Brazil se igualasse o valor da moeda, de prata e cobre que fosse do mesmo peso e tamanho

(1) Veja Jornal [illegible]mercio do mez de junho de 1869.

que a moeda de 40 rs., cuja oitava tinha o valor de 5 rs., fosse carimbada para correr por 80 rs. continuando a circular por 40 rs. a que fora cunhada em Lisboa com o valor de 10 rs. por oitava; tambem se carimbarão os pesos hespanhóes para correrem com o valor de 960 rs.

Estando em pessimo estado as finanças do paiz por occasião da retirada de D. João VI para Portugal, ordenou o principe D. Pedro que continuasse o fabrico das moedas de 6$400 e 4$000 de ouro, que se comprassem pesos hespanhóes para transforma-los em moeda do paiz, se elevasse pelo carimbo o valor da moeda mineira e se augmentasse a fabricação do cobre.

Feita a independencia e constituido o Imperio cunharão-se moedas de ouro de quatro, duas e um quarto oitavas, tendo no anverso a inscripção *D. Pedro I por graça de Deus imperador do Brazil* e a effigie do imperador coroada de louros, e no reverso sobre o escudo das armas o distico *In hoc signo vinces*.

Apresentadas estas moedas a Pedro I desagradarão-lhe por faltar na legenda a palavra *constitucional* antes de imperador, e por estar sua effigie coroada de louros, pelo que abrirão-se em 1824 novo ponção e novas matrizes, que fornecerão os cunhos das moedas de ouro que se fabricarão no reinado desse soberano; differindo as novas moedas por apresentarem Pedro I fardado e não coroado de louros, e no reverso o distico *in hoc signo vinces* junto á coroa, quando nas primeiras achava-se entre as pontas da cruz.

Em 6 de setembro de 1822 ordenou-se ao provedor da moeda que procedesse com a maior actividade no fabrico da maior porção de cobre que fosse possivel, fazendo as officinas trabalharem de manhã e de tarde.

Houve em 10 de agosto de 1825 um incendio na casa da moeda, originado da fundição de uma grande porção de aparas de cobre, restos de cunho, feita em um forno construido para esse fim no pateo do estabelecimento; mas abafarão as chammas os promptos soccorros prestados pelo coronel Fernando José de Almeida, que foi o primeiro a acudir com duzentas pessoas; que trabalhavão na reedificação do theatro de S. Pedro de Alcantara. Em 1 de outubro de 1836 deu-se outro incendio que visto pelo commandante da guarda do thesouro soltou este o grito de alarma e expedio avisos ao governo, ás autoridades e aos

arsenaes ; comparecerão o ministro da fazenda, o provedor da moeda, que com cincoenta trabalhadores tratou immediatamente de cortar a communicação para o thesouro, o bombeiro Fleury, o chefe de policia, os officiaes e marinhagem da fragata Principe Imperial, da fragata ingleza Dublin, e da corveta franceza Heroine ; transportarão-se os papeis mais importantes e objectos preciosos, sob a direcção do chefe de policia, nas costas de empregados publicos, militares e cidadãos de todas as classes para a igreja do Sacramento, que o ministro da justiça havia previamente mandado cercar ; os maços de papel de menos valor forão lançados pelas janellas á rua de S. Jorge, e arrecadados em casa de um morador, e á meia-noite ficou extincto o fogo, que começara a arder ás 4 horas da tarde, damnificando completamente as officinas de abrição e ensaio.

O decreto de 3 de março de 1827 prohibio a exportação da moeda de cobre por haver grande falta della no Rio de Janeiro, e o decreto de 13 de março de 1734 determinou que a casa da moeda do Rio de Janeiro seria a unica do Imperio, ficando extincta a da Bahia ; que se estabelecessem, além da provedoria, as officinas de ferraria, de abrição, de afinação dos metaes, de fundição, das fieiras e a dos cunhos, comprehendendo a officina de ferraria as officinas de ferreiro, torneiro e serralheiro; que se creasse um gabinete destinado para collecção de moedas nacionaes e estrangeiras ; nomeou o mesmo decreto diversos empregados, aposentou outros, e creou um conselho scientifico de seis membros para examinar o estado dos aparelhos, machinas e processos do estabelecimento, devendo reunir-se no começo de cada anno, e apresentar um relatorio ao ministerio da fazenda (1).

Ordenou a lei de 11 de outubro de 1846 que a moeda de ouro fosse recebida nas repartições publicas na razão de 4$000 por oitava de 22 quilates ; em 20 de setembro de 1847 ficou o governo autorisado para cunhar em ouro moedas de 20$000, e 10$000 e em prata as da 2$000, 1$000 e 500 rs, ; em 28 de julho de 1849 marcarão-se os pesos, lei e valores das moedas de ouro e prata que a lei de 20 de setembro de 1847 mandara cunhar, e em execução da lei de 17 de setembro de 1851 começou-se a recunhar antigas moedas de

(1) Veja Jo[illegible] Commercio de 17 de abril de 1834.

ouro de 4 e 2 1/4 oitavas com o peso e valor determinados em decreto de 28 de julho.

Em 6 de setembro de 1854 approvou o governo a proposta do marquez de Paraná para se cunharem moedas de ouro de 5$000 e de prata de 200 rs., ficando ellas sujeitas ao que determinára o decreto de 28 de julho de 1849 ; em 24 de outubro de 1857 mandou reconhecer as libras esterlinas como moeda nacional com o valor de 8$890 (1).

Em 1858 apresentou o ministro da fazenda um projecto para substituir o cobre por uma liga convenientemente rija, mas não foi discutido ; dous annos depois appareceu a idéa de empregar-se na moeda de troco uma liga de cobre e nickel ; em 12 de outubro de 1867 entrou em circulação a nova moeda auxiliar de 200 rs. em prata, e no dia 15 a de 500 rs. do mesmo metal, tendo sido abertas e cunhadas no Rio de Janeiro.

O decreto de 20 de novembro do mesmo anno mandou substituir as moedas de cobre por moedas compostas de uma liga de 95 partes de cobre, 4 de estanho e 1 de zinco, tendo o valor, peso e modulo seguintes :

Valor em réis	Peso em grammas	Modulo em millimetros
20	7	25
10	3,5	20

Seus caracteres geraes são os seguintes : retrato do Imperador voltado á esquerda, quando no ouro e na prata está voltado á direita, o contorno é liso e as armas nacionaes não são guarnecidas de fumo e café.

O decreto de 11 de dezembro de 1867 annexou á casa da moeda a administracção da officina de estamparia e impressão do thesouro nacional, extinguindo os lugares creados pelo regulamento de 1860, excepto o de mestre da officina ; como administrador dessa officina o governo abonou ao provedor a gratificação annual de 600$000, e ao

(1) Em virtude dessa lei o banco do Brazil mandou reduzir á moeda brazileira 50,000 libras esterlinas para oppor-se á sahida dessa moeda, e em 28 de janeiro de 1862 mais 28,000.

thesoureiro da moeda a de 400$000 para guardar, conservar o material e todos e quaesquer productos ou valores da referida officina.

Em 15 de dezembro de 1873 emittio a casa da moeda a subsidiaria de bronze do valor de 40 rs. em troca do antigo cobre circulante de 20 e 40 rs. ; foi fabricada no paiz, tendo sido as de 20 e 10 rs. cunhadas na Belgica com matrizes gravadas na officina monetaria do Rio de Janeiro ; seus caracteres geraes são iguaes as de 20 e 10 rs., tendo esta ultima desapparecido da circulação pelo augmento de valor de todos os generos.

Este estabelecimento que recebèra um novo regulamento em 1860, foi reorganisado por decreto de 31 de janeiro de 1874, sendo dividido em uma secção central e cinco officinas ; além dos trabalhos da casa algumas das secções empregão-se em obras de arte, quer para as repartições publicas quer para as particulares, mediante uma taxa ; os trabalhos da fundição comprehendem o de afinar metaes especiaes por conta dos particulares ; os do laboratorio chimico, os ensaios de mineraes, analyses, e outros ; os de gravura, fabrico de medalhas varias obras feitas por encommenda ; está a cargo da secção da fundição a apuração das terras e cinzas provenientes das officinas, e tambem por parte dos particulares. A cunhagem, laminação e outros serviços são executados por machinas a vapor e as seis machinas de cunhar qne possue a casa, forão construidas alli, excepto as peças fundidas nos arsenaes e em officinas particulares ; prepárão 50 e mais moedas por minuto.

Conta o estabelecimento trinta e dous empregados, incluindo o director ou provedor. O primeiro que occupou o cargo de provedor foi José Ribeiro Rangel, o segundo Manoel de Souza ; servio depois interinamente este cargo o escrivão da receita e despeza Francisco da Silveira Teixeira, até que veio o provedor João da Costa Mattos ; foi este substituido por seu filho José da Costa Mattos ; este por João da Costa Mattos, neto do primeiro deste nome, e que falleceu em 8 de novembro de 1816; por alvará de serventia vitalicia de 12 de novembro de 1816 foi nomeado provedor Jose Maria da Fonseca Costa; por alvará de igual theor, de 18 de dezembro de 1827, veio substituil-o o Dr. João da Silveira Caldeira (1) ; em 14 de janeiro de 1831 foi nomeado prove-

(1) Veja o capitulo

dor interino, Camillo João Valdetaro, effectivo em 13 de março de 1834 e em 31 de agosto de 1850 obteve esse cargo o Dr. Candido de Azeredo Coutinho, actual director.

São muito perfeitos os processos usados na fundição; nos ensaios de ouro empregão-se hoje 200 milligrammas; na afinação usa-se geralmente do acido nitrico e faz-se em vasos de platina da ultima invenção; possue o estabelecimento 83 matrizes de medalhas nacionaes, sendo 74 gravadas depois de 1851; 1,027 medalhas estrangeiras; uma rica collecção das moedas fabricadas nas antigas casas de moeda do Brazil; 572 moedas estrangeiras de ouro, prata e cobre; uma academia de pinturas a oleo de gessos e gravuras, e tem cada officina uma bibliotheca apropriada.

Fornece o estabelecimento estampas de sello adhesivo, faz apolices e letras do thesouro, extrahe em quantidade palladio puro do ouro, cunha medalhas, e além de outros trabalhos concernentes á casa, projecta fazer bilhetes do thesouro.

De 1703 a 1874 cunhou a officina da moeda em ouro 261,541:884$415, em prata 35,087:127$534, em cobre, de 1703 a 1833, 14.606:259$735, em nickel, de 1871 a 1874, 178:629$100, em bronze, de 1869 a 1874, 834:362$000.

Já dissemos que a casa da moeda se estabelecera no edificio da junta do commercio; mas por carta de 20 de setembro de 1703 ordenou o rei que se construisse uma casa para o fabrico da moeda com as officinas necessarias, e em 5 de setembro de 1704 declarou que esse edificio devia ser erguido com o dinheiro que sahisse da senhoriagem da moeda; não se cumprirão, porém, as ordens regias, e volverão-se cento e cincoenta annos antes que se desse começo no Rio de Janeiro a um predio conveniente e apropriado para o fabrico do dinheiro.

Desejando construir uma casa decente e digna dos governadores da capitania, levantou Gomes Freire de Andrade seu palacio junto do edificio da moeda; transformado esse palacio em residencia real passarão as officinas monetarias para o pavimento terreo; mas tendo-se resolvido construir uma casa que servisse de erario e cunho da moeda, determinou-se concluir para esse duplo fim o edificio que o vice-rei Vasconcellos principiara com o fim de servir de museu de historia natural. A casa destinada para deposito de objectos de sciencia devia

servir para deposito e fabrico do dinheiro, tendo sempre de encerrar *preciosidades* ; em vez de passaros e animaes, ouro, prata e cobre.

Em 2 de junho de 1810 foi encarregado da inspecção geral das obras do edificio da moeda, real erario e thesouraria geral das tropas o empregado Joaquim Nunes de Carvalho, que cumprio satisfactoriamente essa commissão, merecendo elogios do governo e attestados honrosos de seus superiores ; concluio o predio, abrio as duas travessas das Bellas-Artes e da Moeda ; em 1814 transferirão-se para ahi as officinas monetarias e no anno seguinte vierão os empregados do erario e os da thesouraria geral das tropas aboletar-se no mesmo recinto.

Era Joaquim Nunes de Carvalho homem de illibada probidade, de sã consciencia e de caracter limpo e puro ; muitos annos servio a nação, e falleceu ha pouco tempo em Nictheroby, contando quasi 90 annos de idade.

Occupavão as officinas da moeda o lado esquerdo do edificio; estavão no primeiro pavimento a sala da provedoria, onde via-se um painel de Sant'Anna, protectora e advogada dos empregados do estabelecimento, os quaes, em tempos já idos, festejavão-na com grande devoção e esplendor na igreja da Candelaria (1), as officinas de fundição, a de machinas, de laminação, e cunho, a da apuração das terras creada em 1852, a casa forte, e no segundo pavimento as officinas de ensaio e gravura.

Mas esse predio, além de não ter espaço para as diversas officinas, e para pôrem-se em pratica os melhoramentos reclamados pelo progresso das artes e sciencias, achava-se unido ao thesouro nacional, tirando-lhe commodos, e sendo facil qualquer incendio, pois em poucos annos derão-se dous que podião ser mui fataes á fazenda nacional. Pesarão esses inconvenientes no animo do governo, que projectou levantar edificio proprio para fabrico da moeda ; e apresentando em 1853 o ministro da fazenda, visconde de Itaborahy, á assembléa le-

(1) O actual provedor conselheiro Candido de Azeredo Coutinho mandou restaurar este quadro, obra de Manoel Dias de Oliveira, pelo habil artista Carlos Luiz do Nascimento, e tenciona collocal-o em lugar convenient[illegible]no.

[illegible]eja o prim[illegible]me, pag. 213.

gislativa o plano e orçamento da obra, forão approvados no anno seguinte.

Cento e cincoenta annos antes escrevera o rei de Portugal uma carta ordenando a construcção desse edificio.

Deliberou-se a edificação em 16 de março de 1858, e em 14 de junho do mesmo anno ordenou o ministro a execução; em 3 de julho assignou-se o contracto obrigando-se os emprezarios Dr. Theodoro Antonio de Oliveira e Antonio Francisco Guimarães Pinheiro a edificarem o palacio por 980:000$000 e dal-o prompto em tres e meio annos; em 6 de novembro entregou-se aos emprezarios o terreno competente e devidamente marcado, e declarou-se que seria contado dessa data o prazo para a conclusão de todas as obras.

Em 2 de dezembro houve a solemne ceremonia do lançamento da primeira pedra; lido o auto da fundação assignado pelo ministro da fazenda Bernardo de Souza Franco, depois visconde de Souza Franco, (1) pelos emprezarios da obra, delegado do governo Dr. João Carlos de Carvalho, provedor Dr. Candido de Azeredo Coutinho, diversos empregados da fazenda, pessoas gradas e pelo official maior da secretaria de estado dos negocios da fazenda, Severiano José da Rocha, foi o mesmo auto encerrado conjunctamente com tres medalhas commemorativas da ceremonia, e algumas moedas correntes de ouro e prata, em uma caixa de zinco sobre outra de madeira, que ficou fechada na pedra fundamental, na qual lançou o ministro a primeira colher de argamaça, elevando vivas ao Imperador, á familia imperial e á nação, e o Dr. Theodoro de Oliveira um viva ao respectivo ministro.

Concluidas as obras preleminares começou a edificação em fevereiro de 1859; porem suscitando os emprezarios duvidas na construcção de certas obras, como o lageamento e fôrro das officinas, e deposito d'agua para alimentação das caldeiras e outros fins, resolveu

(1) Bernardo de Souza Franco nasceu na cidade de Belèm, capital da provincia do Pará em 28 de junho de 1805; como estadista, politico e orador deixou um nome que a posteridade ha de respeitar; foi chefe do partido liberal, conselheiro de Estado, senador, titular, mui douto em questões de finanças, e após uma vida gloriosa para si e ra a nação, pereceu em 9 de maio de 1875.

o governo, afim de remover os embaraços da prompta conclusão da obra, encampar o contracto; o que ficou determinado por aviso de 22 de agosto de 1 863, importando em 200:000$000, o que restava construir para conclusão do palacio.

Construido na face occidental da praça da Acclamação occupa o palacio da moeda uma area de 97,083 palmos quadrados, comprehendendo o segundo pavimento da frontaria. Retirado cincoenta palmos do alinhamento da face da praça, é precedido de um elegante gradil, com columnas de ferro, assentado em um muro com pilares de cantaria, tendo dous portões nas extremidades e um no centro, artisticamente ornado, apresentando no friso o distico em lettras douradas *Casa da Moeda* e superiormente as armas do Imperio.

Consta a fachada de um corpo central, mui saliente, revestido de cantaria, de dous torreões com tres janellas em cada pavimento e de dous corpos intermediarios com quatro janellas em cada andar.

O primeiro pavimento é decorado com pilares e columnatas de granito da ordem dorica romana, e o segundo com pilares e columnatas da mesma especie, mas da ordem jonica, terminando por um entablamento da mesma ordem; cobrem o corpo central e os torreões frontões rectos ligados por um attico que occulta o telhado.

Uma escada de cantaria com peitoris da mesma especie, os quaes na parte superior sustentão dous leões de marmore, precede a entrada do portico formado por seis columnas de granito de fuste inteiriço com 26,25 palmos de altura, comprehendidos as bases e capiteis, e 3,3 palmos de maior diametro, as quaes sustentão um entablamento, cujo friso é ornado de triglyphos e metopas. São tambem de granito as seis columnas do segundo pavimento e de fuste inteiriço da ordem jonica, tendo 26,25 palmos de altura, incluindo bases e capiteis e 2,33 palmos de maior diametro; abrem-se entre ellas cinco janellas ornadas de frontões e com balaustrada de marmore, que guarnece todas as janellas do segundo pavimento.

O vestibulo, decorado no estylo dorico-romano, é dividido em tres partes por quatro columnas de granito e dous pilares terminando no fundo por uma rotunda, onde começa a escada composta de dous lanços de cantaria, que como dous braços reunem-se no patamar, onde principia um lan[illegible] madeira com balaustrada da jacarandá.

Ha no primeiro [illegible] edificio cinco salas, dous gabinetes e

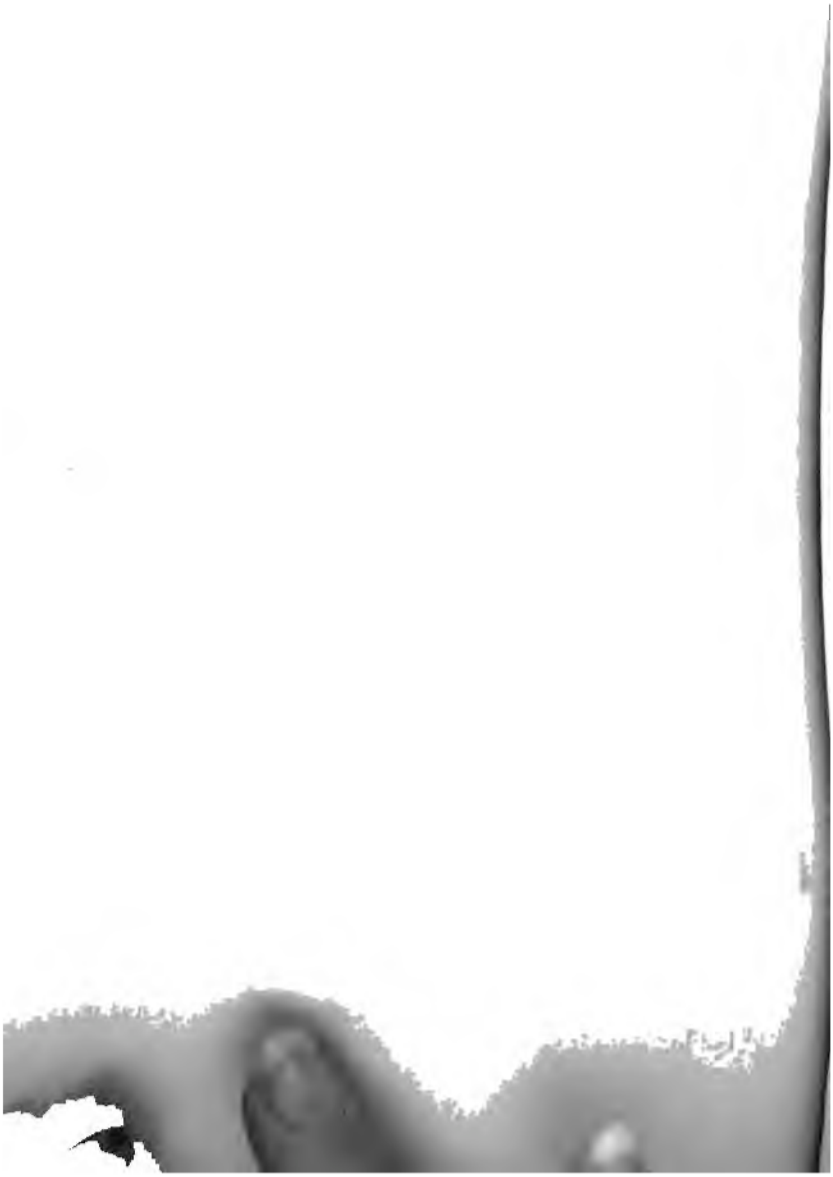
o corredor de uma escada, e no segundo quatro salas, dous gabinetes e o corredor de uma escada.

Da face posterior do edificio descem tres escadas de pedra de dous lanços cada uma, as quaes findão em um jardim central cercado pelas salas das officinas, mui espaçosas, lageadas e separadas do corpo principal do palacio por uma rua calçada de parallelipipedos. Ha na frente do palacio um jardim com esguicho e tanques de marmore, e de cada um dos portões dos extremos do gradil principia uma rua calçada por aquelle systema, isolando o edificio, além das ruas que se projectão abrir acostadas ao muro que fecha a área deste monumento.

Este palacio, cuja construcção foi orçada primitivamente em 980:000$000, mas que importou no dobro quasi dessa quantia, é um dos mais elegantes da cidade, apezar de varios defeitos que não escapão aos olhos do observador attento ; assim julgamos acanhada, como apertada em pequeno espaço a escada que dá subida para o portico; produzem máo effeito os pequenos frontões que corôão as janellas do corpo central ; são de alvenaria as cornijas das janellas do primeiro pavimento devendo ser de granito ; as escadas do jardim central são tão estreitas que não dão passagem senão a uma só pessoa de cada vez ; e rouba magestade ao palacio a subdivisão dos corpos e ornatos da frontaria. Levantado em uma praça vastissima seria mais pomposo este monumento se tivesse um aspecto mais uniforme, columnas grandes, inteiriças e monumentaes, ornatos mais salientes e sumptuosos ; essa subdivisão de corpos, columnas, capiteis, frontões e ornatos amesquinha e tira do edificio a gravidade, a pompa e grandeza que podião estar estampadas em seu exterior. Neste sólo em que as montanhas, as serras, os rios, as florestas são grandiosos, a natureza esplendida e de tanta magestade, devem as obras do homem procurar imitar as do Creador ; fação-se palacios, ergão-se monumentos, dando-lhes, porém, esse caracter grandiloquo, e imponente da natureza relumbrante e pomposa que nos rodeia e impressiona.

Antes que este palacio servisse de casa de moeda abrio suas salas ductos da segunda exposição nacional de industria, da qual nos artigo — Esposições industriaes— que acompanha este

Em 13 de setembro de 1868 vierão para este edificio as officinas da moeda ; a casa do dinheiro teve desde então recinto apropriado, digno da riqueza da nação e digno da capital do Imperio.



EXPOSIÇOES NACIONAES

Attendendo á importancia dessas festas industriaes, sua influenia sobre a moralidade do povo e sobre o ensino pratico de todas as lasses da sociedade, colligimos algumas noticias das exposições celebradas no Rio de Janeiro para deixal-as registradas neste livro.

A primeira exposição de industria, que houve nesta cidade, foi m um dos salões do edificio do museu nacional, onde estiverão exostos desde 7 de setembro de 1861 até 15 do mesmo mez, produtos naturaes e relativos á industria, usos e costumes da provincia do ará colleccionados pelo Dr. Manoel Ferreira Lagos em suas excures naquella provincia na qualidade de membro da commissão scienca enviada ás provincias do Norte. Desse ensaio de exposição nasa idéa da grande exposição de 2 de dezembro de 1861.

Julgára-se até então que o Brazil não podia fazer essas festas inriaes, por não ter industria nem productos que podessem ser exhis e apreciados; mas, expostas as producções do Ceará, provou-se odia o paiz apresentar exemplares de sua industria, que já contava ictos uteis e apreciados, e que convinha fazerem-se essas festas adoras da intelligencia e do trabalho chamadas—exposições ines.

o mesmo dia que celebrava-se no Rio de Janeiro essa festa in, executava-se no monte de Santa Cruz, fronteiro á cidade Preto, ceremonia semelhante. Em agosto de 1860 um miscapuchinho erguera nesse monte uma cruz, e, saudando o tres dias de festejo o symbolo da redempção, resolveu le uma ermida ; no anno seguinte, tendo de repetir-se o fesum vereador da camara de Ouro-Preto que se estabe-

lecesse alli, junto ao madeiro da cruz, uma feira ou exposição industrial, para ser assim festejado o dia 7 de setembro. A idéa encontrou echo em toda a provincia ; construio-se no monte um edificio para receber os productos agricolas e outros objectos, e realizou-se a primeira exposição na provincia.

Assim é memoravel o dia 7 de setembro de 1861, porque duas cidades do Brazil saudárão com a festa do trabalho, com a exposição dos productos e riquezas do paiz o anniversario da independencia da patria ; iniciárão-se entre nós as exposições nacionaes, e esses ensaios, essas tentativas no caminho da industria derão em resultado a pomposa solemnidade industrial de 2 de dezembro de 1861.

Nesse dia, anniversario natalicio do Imperador, annunciárão as salvas de artilheria um acontecimento de grande magnitude e alcance para o Brazil ; saudárão o Imperador e saudárão a nação ; houve duplo regosijo e duplo festejo, porque além das festas da côrte, solemnisou-se a festa de todos, da industria e do commercio do paiz. Desde manhã se agglomerara o povo no largo de S.Francisco de Paula contemplando os ornatos da fachada do edificio da Escóla Polytechnica.

Decorava cada janella uma archivolta, lendo-se no centro o nome de uma das provincias do Imperio ; vião-se entre as janellas do segundo pavimento escudos com a legenda *P II.* cercada de trofeos e bandeiras nacionaes; vestião as sacadas de grades de ferro colchas de velludo carmesim franjadas de ouro ; no friso lia-se o distico *Opes acquirit eundo*, e no entablamento em lettras grandes — *Exposição Nacional.*

Acima do edificio erguia-se o pavilhão auri-verde, fluctuando aos lados seis flamulas symbolisando nas côres as ordens da cavallaria do Imperio, S Thiago, Christo, Pedro I, Aviz, Rosa e Cruzeiro, e pendião de todas as janellas numerosas bandeiras.

Dirigirão e executarão gratuitamente essa decoração exterior os artistas Fleius e Linde.

Sobre o gradil da frente vião-se estatuas e vasos de flores entre profusão de verdes, notando-se de cada lado no principio da rampa um leão fundido em ferro, segundo o molde dos de Canova.

O interior do edificio achava-se tambem elegantemente ornado notando-se principalmente o docel do throno imperial, e o que em frente se armara sob o busto de Pedro I.

A's 11 horas chegou a familia imperial, sendo esta a primeira festa publica a que comparecerão as princezas D. Isabel e D. Leopoldina.

Recebidas com o ceremonial devido tomarão assento no throno as pessoas imperiaes, proferindo o marquez de Abrantes, presidente da commissão directora da exposição, um discurso que terminou com estas palavras:

« Senhor ! O dia de hoje, anniversario natalicio de V. M Imperial tem de accrescentar aos seus fastos gloriosos o da abertura desta nossa primeira exposição. Aos titulos de nossa gratidão ao excelso principe, que desde o berço tem mantido a integridade e as instituições politicas do Brazil, ajuntar-se-ha d'ora em diante o do nosso profundo reconhecimento ao illustrado monarcha, que tão desveladamente promove o melhoramento material e moral do seu vasto imperio. »

O Imperador respondeu nestes termos :

« As festas da intelligencia e do trabalho são sempre motivo do mais fundado regosijo.

Minhas animações nunca deixarão de procurar a quem concorrer para o engrandecimento da nossa patria, e abrindo hoje a primeira exposição nacional, muito me compraso em ligar a recordação de successo tão esperançoso a das provas de amor e fidelidade que dos Brazileiros recebo no dia dos meus annos. »

Depois de ouvidas as palavras proferidas do throno tocou-se o novo hymno da exposição composto por Antonio Carlos Gomes, que alguns annos mais tarde devia patentear a inspiração de seu genio nas operas Guarany, Salvador Rosa e outras que têm dado gloria e fama á patria e a seu nome.

Enchião as salas do palacio da exposição muitas pessoas das mais distinctas da sociedade ; a familia imperial percorreu todo o edificio gastando hora e meia em examinar os objectos expostos.

Tudo estava satisfactoriamente preparado, os objectos dispostos com gosto e sciencia, indicando o grande esforço da commissão encarregada de organisar a festa industrial, tendo tido apenas tres mezes para executar todos os trabalhos ; tornou-se digno de elogio especial o Dr. Manoel Ferreira Lagos pela solicitude e intelligencia que empregou, pela elegante disposição dada aos objectos, e pela actividade e

sacrificios que procurou superar para satisfazer a missão de que fora encarregado (*).

Como D. João II que em recompensar os beneméritos se antecipara, não permittindo que os pedidos tirassem-lhe o merito de justiceiro, o Imperador D. Pedro II concedeu logo ao marquez de Abrantes a gran-cruz da ordem do Cruzeiro e ao Dr. Manoel Ferreira Lagos a commenda da ordem da Rosa.

A' noite illuminou-se a frontaria do edificio, vendo-se nas tres janellas centraes, transparentes primorosamente pintados, representando o do meio a cidade do Rio de Janeiro, como illuminada pelo sol nascente, e um anjo a espargir flores sobre ella, tendo uma facha em que se lia—*progresso*.—e nas lateraes duas figuras allegoricas da sciencia e da industria; em dous coretos levantados aos lados da escadaria da igreja de S. Francisco de Paula, brilhantemente illuminados, tocavão alternadamente duas bandas de musica, e no centro da praça resplandecia um candelabro de cores prismaticas.

Inaugurada a exposição houve beija-mão no paço; ás 5 horas a guarda nacional formou em grande parada, ás 7 horas o Imperador e a Imperatriz assistirão a um Te-Deum mandado celebrar na igreja do Sacramento pela commissão encarregada desse festejo, e á noite apparecerão no theatro lyrico, onde a companhia de opera nacional representou a opera *Os Dous Amores*—composta pelo Dr. Manoel Antonio de Almeida. Houve numerosas promoções no exercito e na armada.

Chegando no dia seguinte a noticia da prematura morte do bondoso rei de Portugal Pedro V, houve consternação geral, e desde então se não illuminou mais a frente do palacio da exposição.

Diversas vezes o Imperador visitou o palacio da industria, gas-

---

(*) Em 1816 nasceu no Rio de Janeiro Manoel Ferreira Lagos, que aqui estudou humanidades e seguio o curso de medicina; foi official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros; director de uma das secções do Museu Nacional, socio do Instituto Historico e de outras sociedades litterarias, commendador da Rosa, commissario do Imperio do Brazil na exposição universal de Pariz; homem lido, dotado de muito espirito, e bibliophilo notavel, deixando em sua livraria muitos documentos e manuscriptos curiosos que o governo comprou para a Biblioteca Nacional. Falleceu em 23 de outubro de 1867.

tando muitas horas em percorrer todas as salas ; no dia 5, depois de sua visita, fez o donativo de 500$000 para se ajuntar á somma recebida pelos bilhetes de entrada.

Em tres dias da semana pagava-se 1$000 de entrada, em tres 500 rs., e ao domingo era gratuita.

Esteve aberta a exposição até 15 de janeiro de 1862, e no dia seguinte encerrou-se em presença de todos os membros do ministerio, não podendo o Imperador comparecer por ser o anniversario do fallecimento da princeza D. Paula.

Visitarão a exposição 50,703 pessoas, e rendeu a venda de bilhetes de entrada 15:367$000.

No paquete de 6 de fevereiro enviarão-se para Londres 1,495 objectos, que havião figurado nesta exposição, para representarem o Brazil na exposição universal que ia celebrar-se naquella metropole; cunhou-se na casa da moeda uma medalha commemorativa dessa festa de progresso e civilisação (1) ; e em 14 de março destribuirão-se medalhas de ouro, prata e cobre aos expositores dos objectos, que parecerão mais bellos, mais perfeitos ou mais uteis, gastando-se com essas medalhas 1:984$572.

Em 19 de outubro de 1866 no palacio da moeda abrio-se a segunda exposição nacional em presença dos soberanos, que chegarão com grande estado e cercados de luzida côrte.

Estava o edificio primorosamente enfeitado e cheio de convidados que saudarão as pessoas imperiaes com repetidos vivas e ao som do hymno nacional tocado pelas bandas de musica ; tomarão assento no throno tapisado de velludo roxo, vestindo o docel cortinas de velludo verde orladas de franjas de ouro ; a orchestra tocou a ouvertura do *Vagabundo* opera do compositor nacional Mesquita, seguio-se o hymno das artes do mesmo compositor ; finda a musica o vigario ge-

(1) Esta medalha apresenta no verso o busto de D. Pedro II e a legenda—Protector das artes e da industria; no reverso a fachada da Escola Polytechnica no dia da inauguração da exposição nacional. Acima do edificio lê-se : Exposição Nacional.—Decreto imperial de 17 de julho de 1861. ábaixo : Inaugurada no Rio de Janeiro a 2 de embro de 1861.

ama das melhores medalhas gravadas na casa da moeda.

ral do bispado, monsenhor Felix Maria de Freitas Albuquerque, benzeu o palacio e seus productos e pronunciou um discurso. Tomando a palavra o conselheiro Souza Ramos, hoje visconde de Jaguary, presidente da commissão directora, fez um succinto e preciso relatorio dos trabalhos da commissão, e do Imperador ouvio-se este animado e patriotico discurso :

« Auxiliar e animar o trabalho nacional é dever de todos os cidadãos, e mórmente do primeiro representante da nação; venho pois, com o maior jubilo abrir a segunda exposição brazileira. Symbolisa ella a união deste vasto imperio, baseada no futuro grandioso que lhe promettem tamanhas riquezas naturaes derramadas por suas provincias ; affiança o desenvolvimento das relações que tanto nos interessa cultivar com os outros povos ; emfim é o mais nobre incentivo ás conquistas da paz, ás quaes os Brazileiros só attendem, e cujos louros reunirão aos que têm ganho e ganharão defendendo a honra de sua patria e a causa da civilisação.

« Está aberta a segunda exposição nacional. »

Immediatamente o presidente da commissão levantou vivas que fôrão correspondidos pelo auditorio ao som do hymno das artes.

A familia imperial percorreu todas as salas do palacio, demorando-se até ás 4 horas a examinar os productos expostos.

O preço da entrada era de 500 rs. nas terças, quartas-feiras, sabbados e domingos, de 1$000 nas segundas e quintas-feiras e de 2$000 nas sextas-feiras.

O Imperador concorreu ao palacio da exposição diversas vezes, examinando attenta e minuciosamente cada objecto.

Havia se determinado encerrar a exposição no dia 2 de dezembro, porém por proposta da commissão directora, ficou o encerramento para o dia 16 ; ao meio-dia chegárão o Imperador e a Imperatriz, que recebidos pelos ministros da agricultura, justiça, estrangeiros e da marinha, pelo presidente da commissão directora e outras pessoas de jerarchia, subirão ao segundo andar, onde encontrárão a princeza imperial e o principe conde d'Eu que estavão no edificio de ás 11 horas.

Depois de percorrer as salas e examinar pela ultima vez os productos industriaes foi a familia imperial para o throno, donde ouv-io

um discurso do conselheiro Souza Ramos, ao qual respondendo disse D. Pedro II:

« Srs. membros da commissão directora da segunda exposição nacional — O relatorio do vosso presidente e as repetidas visitas que com tanto proveito para mim fiz á segunda exposição nacional, confirmarão meu juizo a respeito da grande utilidade desses concursos da industria. A justa apreciação dos que se distinguirão entre os expositores, a quem folgarei de distribuir os testemunhos de reconhecimento de sua aptidão industrial, corôará os esforços dos que tão benemeritamente têm auxiliado o desenvolvimento de uma instituição que, tornando-se cada vez mais nacional, augmentará ao mesmo tempo nossas relações com os outros povos, em cuja festa, para assim dizer humanitaria, iremos brevemente tomar parte modesta, porém honrada.

« Está encerrada a segunda exposição nacional. »

O presidente soltou vivas á religião catholica, á nação, á constituição, ás pessoas da familia imperial, e ao progresso da industria brazileira; e ao som dessas acclamações repetidas pelo povo, e do hymno nacional retirárão-se os imperantes.

Constou esta esposição de 20,128 productos apresentados por 2,374 expositores, havendo mais que na primeira 10,266 productos e 1,238 expositores; produzio a taxa de entrada 29:745$500.

Forão escolhidos e enviados para a exposição universal de Pariz 3,558 productos pertencentes a 684 expositores.

Deixárão de concorrer para essa festa da industria as provincias de Matto-Grosso, Minas, Goyaz, Espirito-Santo e Alagôas, todas as outras remetterão preciosas producções de seu sólo e de seu progresso industrial.

Em 19 de outubro de 1867, anniversario do dia da abertura, effectuou-se no paço da cidade a destribuição dos premios a 644 expositores, dos quaes 24 receberão medalhas de ouro, 109 de prata, 157 de bronze e 354 menções honrosas.

Honrárão e animárão o acto as pessôas imperiaes, todo o ministerio, alguns membros do conselho de Estado, do corpo diplomatico, officiaes generaes de mar e terra e outras personagens de jerarchia.

Em 1 de janeiro de 1873 solemnisou no edificio da Escóla Polytechnica a abertura da terceira exposição, composta dos objectos que

tinhão de figurar na exposição universal de Vienna d'Austria. Comparecêrão as pessoas imperiaes que forão recebidas pela commissão directora, cujo presidente proferio um discurso, ao qual respondeu o Imperador nos seguintes termos :

« Associo-me cordialmente ao jubilo que tão justamente desperta esta terceira festa do trabalho nacional.

A religião acaba de consagra-la, e as suas consequencias moraes torna-la-hão um novo passo seguro no caminho do progresso. »

Em seguida percorreu a familia imperial todos os compartimentos do edificio, e examinou detidamente cada um dos objectos expostos.

Para divulgarem-se na Europa verdadeiros e precisos conhecimentos do Brazil a commissão directora encarregou ao Dr. Joaquim Manoel de Macedo de escrever a obra *Noções de Corographia do Brazil* que, traduzida nas linguas franceza, ingleza e allemã, foi remettida para Europa ; assim tambem tratou de rever e melhorar a *Breve Noticia do Imperio do Brazil*, impressa em 1867 para a exposição universal de Pariz, tendo por louvavel empenho tornar bem conhecido no velho mundo o imperio brazileiro. Foi tambem essa obra vertida para as tres linguas, e acompanhou os productos apurados pelo jury, os quaes forão figurar na exposição da capital do imperio austriaco.

Em 3 de fevereiro encerrou-se a terceira exposição nacional que foi visitada por 41,996 pessoas, sendo de dia 14,306 e á noite 27,690 ; pagarão entradas em 31 dias 30,937 pessoas ; visitarão gratuitamente nos dous ultimos dias 10,291, e tiverão entradas por convite em diversos dias 760 individuos dos estabelecimentos industriaes e de caridade.

Marca o dia 2 de dezembro de 1875 a inauguração da quarta exposição no palacio da secretaria da agricultura e obras publicas ; apresentou-se o edificio vistosamente enfeitado ; em todas as janellas tremulavão bandeiras, cobrião as sacadas colchas de seda de diversas côres ; ao lado direito se levantara um chalet para exposições de machinas e de animaes vivos.

Saudarão os navios e fortalezas o anniversario natalicio do Imperador; na capella imperial celebrou-se com as formalidades marcadas no programma, o baptisado do principe do Grão Pará, filho da princeza imperial D Izabel e do principe conde D'Eu, nascido em Pe-

tropolis em 15 de outubro ; o principe recebeu os nomes de Pedro de Alcantara Luiz Felippe Maria Gastão Miguel Raphael Gonzaga, e forão seus padrinhos o Imperador e a Imperatriz do Brazil ; houve Te-Deum solemne, e após esse acto encaminharão-se os imperantes para o palacio industrial, onde forão recebidos ao som do hymno tocado por quatro bandas de musica, salvando o parque de artilheria com 21 tiros. Em uma das salas alcatifada de rico tapete erguera-se o throno com cortinas de velludo verde e ouro. Recebidos pela commissão superior, por alguns diplomatas, o ministerio e diversas convidados, tomarão as pessoas imperiaes assento debaixo do docel, ficando junto ao primeiro degrão a princeza imperial e seu esposo. Aberta a exposição houve no paço o cortejo do estylo.

Em 16 de janeiro de 1876 encerrou-se a exposição, sendo visitado o palacio da industria por 67,568 pessoas, produzindo as entradas uma receita de 20:590$100

A convite da commissão superior escreveu o Dr. Joaquim Manoel de Macedo a obra *Anno Biographico Brazileiro* contendo 365 biographias de brazileiros illustres, a qual traduzida em inglez foi remettida para a exposição da Philadelphia, e acompanhou os productos mandados para essa exposição a obra *Imperio do Brazil na exposição universal de 1876 em Philadelphia*, contendo noticias curiosas e informações importantes sobre o Brazil ; tirando-se além da edicção em portuguez, outras em francez, inglez e allemão.

Designados os productos que devião ser premiados dignou-se o Imperador fazer, em 25 de março de 1876, a distribuição solemne das recompensas aos expositores.

Durante o tempo que servio de palacio de industria o edificio da secretaria de estado da agricultura trabalharão os empregados da respectiva secretaria nas salas do paço imperial franqueadas pelo Imperador.

Escolhidos e enviados aos Estados-Unidos os productos que devião figurar na exposição de Philadelphia, nomeou o governo uma commissão para representar o Brazil, incumbindo a cada um dos seus membros estudos especiaes. Aberta a exposição em 10 de junho de 1876, assistindo a este acto o Imperador e a Imperatriz do Brazil, [illegible] expositores brazileiros em numero de 1,101, premios e

menções honrosas, e desse certamen industrial e scientifico nascerão relações mais cordiaes entre os dous paizes.

A' exposição do Chile, celebrada em 16 de setembro de 1875, enviou o Brazil exemplares dos productos destinados á exposição da Philadelphia, dos quaes havia duplicata ; e em 29 de julho de 1876 a princeza imperial regente destribuio no paço da cidade os diplomas e medalhas que o Chile concedeu aos expositores do Imperio.

Em 16 de novembro de 1871 organisou-se no Passeio Publico uma exposição de floricultura iniciada pela sociedade auxiliadora da industria nacional, sendo a primeira desse genero que realizou-se na America do Sul.

Em 20 de janeiro de 1876 solemnisou-se em Petropolis a segunda exposição de horticultura, composta de flores, fructos, legumes, arvores, raizes, madeiras, cereaes, e sementes de differentes culturas, farinhas, vinhos, licôres, cervejas, trabalhos de diversas artes, objectos de industria, aves, animaes domesticos e outros. Na mesma cidade effectuou-se outra exposição em 8 de abril de 1877 inaugurada na presença da princeza regente, de seu esposo, e de grande numero de pessoas gradas, e encerrou-se no dia 12, destribuindo a princeza imperial medalhas de ouro, prata, bronze e menções honrosas aos expositores que mais se distinguirão. Além de flores, fructos, legumes, e outros productos vegetaes, apparecêrão animaes vivos e objectos de diversas industrias, e productos de muita belleza e valia.

São as exposições catalogos da industria e commercio dos paizes, assignalão épocas de paz, e engrandecimento dos povos, e annuncião ao mundo o progresso e civilisação dos estados ; sem industria, nem commercio não se conta paiz rico nem feliz, e é nessas exhibições de productos que as nações, os povos patenteão seus recursos, os esforços do seu trabalho, as pesquizas e descobrimentos do entendimento humano. Felizmente vai-se comprehendendo entre nós a utilidade desses concursos industriaes que lanção raios de luz sobre a industria, o commercio, as artes, e a civilisação ; trata o governo de regularisar estas festas do trabalho, e pretende construir um edificio vasto, um palacio para semelhantes solemnidades ; ha na capital do Imperio uma sociedade de expositores [illegible]reou-se em Petropolis uma caixa com

capital sufficiente para exporem-se annualmente productos de horticultura.

São uteis taes commettimentos, porque guardando o Brazil em seu seio productos que ainda não estão descobertos, riquezas ainda não aproveitadas, necessita, mais do que qualquer outra nação, dessas feiras, desses certamens da industria e do trabalho, onde possão apparecer o que ha de aproveitavel e util, as riquezas, as preciosidades, os thesouros vasados pelo Creador neste solo, porem ainda não conhecidos pela mão do homem ; assim devem repetir-se essas solemnidades da industria e do commercio para a nação tornar-se conhecida, rica, poderosa, civilisada, e approximar-se das outras nações contribuindo para a realização da unidade do genero humano.

XII

BANCO DO BRAZIL

Em 12 de outubro, memoravel pela descoberta da America, pelo scimento de D Pedro I, pela sua acclamação de imperador e defen- perpetuo do Brazil, creou-se no Rio de Janeiro, em 1808, o nco do Brazil.

Determinou o alvará que estabeleceu o banco do Brazil e deu- estatutos, que seria seu capital de 3,000,000 de cruzados pelo nos, ou de 1,200 acções de um conto de reis cada uma ; duraria nte annos, e se faria ahi todo e qualquer deposito judicial e extraju- ial de prata, ouro, joias e dinheiro ; começou a funccionar em 09 em uma casa da rua Direita, esquina da de S Pedro, ficando tincto o cofre de deposito, que havia a cargo do senado da camara.

Abertos os portos do Brazil ao commercio das nações, tornou-se ais vasto o movimento commercial, affluirão os capitaes, multipli- rão-se as transacções, e era assim necessaria a creação de um ban- para dar mais circulação ao dinheiro, mais vida e desenvolvimento commercio ; por isso foi essa instituição, que devia concorrer para ugmento da riqueza publica, elogiada pelos economistas, e para dar- prosperidade concedeu o principe D João a commenda de Christo uelles que assignarão vinte acções.

Conhecidos os resultados beneficos do estabelecimento pelo pro- do commercio e affluencia de capitaes, para augmentar-lhe o [illegible] o alvará de 20 de outubro de 1812 ordenando

que a fazenda real entrasse como accionista com 100:000$000 annuaes do producto de novos impostos, por espaço de dez annos consecutivos, sem que das entradas, que se realizassem nos primeiros cinco annos recebesse lucro algum, ficando tudo em proveito dos accionistas particulares, e só depois de passados os primeiros cinco annos houvesse divisão dos lucros. Eis os impostos que crearão-se :

Sege de quatro rodas 12$800, dita de duas rodas 10$000, lojas de mercadorias, armazens, lojas de officios e onde se vendão obras feitas 12$800, navios de tres mastros 12$800, ditos de dous 9$600, embarcação de um mastro de barra a fóra 6$400, outra qualquer embarcação de menor lote, excepto as de pescaria, 4$000.

Cinco por cento das compras de navios ou de qualquer outra embarcação.

Transferindo em 1815 o erario para o edificio da rua do Sacramento, onde se acha o thesouro nacional, passou o banco para a antiga casa do erario na rua Direita, ficando parte da mesma casa destinada para o expediente da alfandega.

A carta de lei de 16 de fevereiro de 1816 mandou estabelecer na cidade da Bahia, successivamente em outras cidades e villas mais notaveis e commerciaes do Brazil, caixas de desconto filiaes da caixa central do banco do Brazil, e deu-lhes estatutos para se regerem.

Marchara o banco regularmente, porem a má administração, e diversos abusos trouxerão-lhe embaraços nas transacções ; sem attenderem ao interesse do commercio, e considerando o estabelecimento propriedade sua, entorpecião-lhe alguns a marcha, e realizavão somente as operações que podião ser-lhes uteis ; o governo olvidara a instituição ; não pagava o dinheiro que pedira-lhe por emprestimo; e essa falta de capitaes embaraçava o giro do banco, pelo que mostravão-se desgostosos e receiosos os accionistas.

Taes instituições quando não caminhão regularmente cahem na desconfiança publica, e da desconfiança ao descredito e do descredito á bancarôta só vae um passo.

Havião desapparecido os capitaes do banco divididos por alguns directores e empregados, achando-se o Estado nisso cumplice por ter retirado da sua caixa avultada somma sem poder proceder contra as

malversações (1) Em 23 de março de 1821 achava-se o estabelecimento em um estado precario ; seu activo era aproximadamente cinco mil contos, e devia mais de seis mil.

O negociante Francisco José dos Santos, conhecido pelo appellido de Sexta-Feira, por ser mulato, começou a propalar que o banco estava fallido ; o ministro Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal ordenou a prisão desse negociante, a qual effectuou-se; porem alguns dias depois foi solto por intervenção de seu amigo o negociante Manoel Gonçalves de Carvalho appellidado o Cartuxo. Tratou o ministro de recolher á caixa a moeda metallica que apparecia na circulação, e agraciava com commendas e habitos os negociantes que ajudavão-no nesse empenho.

Appareceu nessa época contra as pessoas empregadas na casa bancaria a seguinte satyra :

Lá vão no banco opinar
Piolho, Rato, Leões,
Hão de talentos mostrar,
E no fim das discussões
Morder, roer, devorar.
Não ha destinos prefixos ;
Foi o fóco da riqueza,
Porém, sujeito a caprichos,
Depois de tanta grandeza,
Vem a ser pateo de bichos.

Os acontecimentos politicos occorridos no Rio de Janeiro em fevereiro e março de 1821, o decreto de 7 de março pelo qual declarou o rei a resolução de retirar-se para a Europa, causárão inquietação e sobresalto no espirito publico ; as pessoas que tinhão de acompanhar o rei, tratárão de apurar os fundos que possuião, e por isso houve no estabelecimento grande concurrencia, chegando-se a trocar em um só dia mais de quarenta contos ; e retirados repentinamente muitos capitaes ficou o banco em apuros.

(1) Veja — O Poder Autoritario, opusculo sobre a historia do Dr. Villanova Machado.

A carta régia de 23 de março garantio a devida do Estado, promettendo el-rei mandar depositar nos cofres da casa bancaria as joias da corôa de menos uso; mas não melhorou essa medida o credito do banco, e, nomeando o governo em 4 de maio uma commissão de pessoas habilitadas para conhecer do estado da instituição, em nome dessa commissão, apresentou o presidente José Antonio Lisboa em 1822 um relatorio, no qual mencionou as diversas quantias emprestadas ao Estado em differentes épocas, achando-se este credor até 1822 de 6,805:588$170.

Descrevendo o estado ruinoso desse estabelecimento de credito disse Pedro I na falla que dirigio á assembléa constituinte em 3 de maio de 1823:

« Consegui e com quanta gloria o digo que o banco, que tinha chegado a ponto de ter quasi perdido a fé publica, e estar por momentos a fazer bancarota, tendo ficado no dia em que o Sr. D. João VI sahiu á barra duzentos contos em moeda, unica quantia para troco de suas notas, restabelecesse seu credito de tal fórma, que não passa pela imaginação a individuo algum, que elle um dia possa voltar ao antigo estado a que o havião reduzido. »

Naquelle anno era o fundo capital de dous mil contos, além de quinhentos contos do governo em auxilio, e augmentou-se esse fundo em mais mil e duzentos contos.

Emittira o banco bilhetes de 12$000, 8$000, 6$000 e 4$000, pelo que foi escaceando no mercado a moeda de prata; e entenderão os especuladores que devião falsificar as notas, mas forão descobertos; deu a policia busca em uma casa, prendeu a José de Moura e Silva, que foi processado e condemnado á morte.

Foi esse infeliz enforcado no largo da Prainha em 31 de maio de 1824; e remettido o cadaver á Santa Casa da Misericordia, foi conduzido a igreja da Ordem Terceira do Carmo, onde, depois das orações do estyto pelo padre commissario e mais sacerdotes, foi sepultado na catacumba n. 21. Pedira o padecente que a Ordem do Carmo, da qual fôra irmão, lhe fizesse a caridade de dar-lhe sepultura em seus jazigos. Os dous co-réos do crime forão condemnados á mesma pena, que não cumprio-se por não terem sido presos.

Em quanto teve a protecção do governo, prosperou o banco, e adquirirão suas notas de dia para dia maior credito; os acontecimen-

tos politicos, porém, as guerras do Sul, as urgencias do Estado obrigarão o governo a recorrer á casa bancaria para fazer-lhe supprimentos: e como fosse avultando a divida do Estado, encontrou o banco embaraços em suas transacções, e deixou de attender ás necessidades publicas, e particulares dos cidadãos. Convocou-se uma assembléa geral de accionistas que propoz supplicar ao imperador uma consignação mensal para a lenta e progressiva amortização da divida, manifestando-lhe a impossibilidade em que se via o estabelecimento para continuar, sem imminente risco de sua existencia, com os supprimentos que se via forçado a fazer ao exercito de Montevidéo e ás thesourarias de tropa e marinha, sem que se lhe determinasse, ou fixasse certa quantia para seu progressivo pagamento. Mas não realizou-se essa util medida; no em tanto continuarão as provisões do governo em uma progressão crescente, e a ponto tal que o banco já não podia remediar com o seu fundo real; por isso contractou o governo com o estabelecimento emittir para a circulação uma quantidade de notas correspondente á divida que contrahira, além da emissão natural; de feito effectuou-se essa transacção, que prejudicou o credito do banco e depreciou suas notas.

A carta da lei de 23 de setembro de 1829 ordenou continuasse o banco até 11 de dezembro do mesmo anno, época em que findava o prazo marcado por lei para as suas operações, porém, entrasse desde logo em liquidação.

Sentirão o commercio e o povo a extincção desse estabelecimento de credito, desejando ántes que se tivesse procedido a uma reforma, cortando abusos, e tornando a instituição mais util e vantajosa; em verdade prestára ella bons serviços ao commercio, á agricultura e á industria, auxiliára o governo em todas as circumstancias criticas, contribuira para a independencia e integridade do Imperio, favorecera-o nas guerras do Sul, auxiliara diversas obras publicas, e déra aos accionistas bastante lucro; se não fôra mais util, se faltas e tropeços tivéra em sua marcha, nascerão estes da má administracção, de abusos, prevaricações e erros, da emissão de notas superior ao fundo capital, do immenso cabedal accumulado nas mãos do governo sem poder entrar em giro, e de não se attender á sua reforma, como era de razão.

Em 7 de junho de 1830 propoz o deputado Martim Francisco Ribeiro de Andrade que o banco fosse restabelecido sob a denominação de banco nacional do Imperio do Brazil, tendo a duração de vinte annos contados do começo de suas transacções. Expondo seu projecto disse o orador:

« Senhores, a lei de 23 de setembro de 1829 dissolveu o banco do Brazil creado pela lei de 12 de outubro de 1808, podia a legislatura dissolvel-o? respondo que sim. O legislador lhe havia assignado um tempo certo de duração, este tempo havia expirado, e expirado com elle tambem a sua existencia, devia a legislatura extinguil-o? respondo que não. »

O projecto de Martins Francisco não passou (1).

Nomeada em 18 de novembro uma commissão de nove membros para liquidar o banco, apresentou em 25 de junho de 1830 seu relatorio, declarando haver encontrado em cofre a quantia de 1,057:103$225. Além dessa commissão nomeada pelos accionistas, elegera o governo outra que exhibio seu relatorio em 14 de junho de 1834; suscitando-se, porém, entre essas commissões duvidas relativas á divida do governo, escolheu-se uma commissão arbitral composta dos Drs. Diogo Soares da Silva de Bivar, Francisco Gomes de Campos, depois barão de Campo Grande, conselheiro José Antonio Lisboa, e Fructuoso Luiz da Motta, a qual installou-se em 21 de junho de 1833.

Durou até 3 de julho de 1846 a commissão dos accionistas, sendo então dissolvida, remettidos os livros do estabelecimento ao thesouro e ficando encarregado de sua final liquidação o banco commercial, que tendo sido installado, em 10 de dezembro de 1838, por alguns capitalistas e negociantes nacionaes e estrangeiros, com um capital de cinco mil contos, divididos em dez mil acções de 500$000 tivera estatutos approvados pelo governo em 23 de junho de 1842, e começara a funccionar no predio n. 32 da rua da Alfandega.

Creado por decreto de 2 de julho de 1851 um banco do Brazil com o capital de dez mil contos divididos em vinte mil acções de 500$000, entrou em operações em 21 de agosto na casa n. 143 da rua da Quitanda.

(1) Veja Corographia Historica do Dr. Mello Moraes, tomo I da parte, pag. 183.

A lei n. 683 de 5 de julho de 1853 autorisara o governo para conceder a encorporação, e approvar os estatutos de um banco de depositos, descontos e emissão, e em sessão de assembléa geral de accionistas de 12 de julho, aceito o convite do governo para a fusão dos dous bancos do Brazil e Commercial, no novo banco do Brazil, sanccionou o accordo o decreto de 31 de agosto, que tambem deu organisação ao novo estabelecimento mercantil, installado em 5 de dezembro, e que começou a funccionar em 10 de abril de 1854. Desejando construir um edificio proprio para as operações bancarias, havião comprado os accionistas do banco Commercial, em setembro de 1850, por noventa apolices, as casas da rua da Alfandega, esquina da da Candelaria, pertencentes á irmandade do Sacramento dessa freguezia. Em 21 de setembro obtiverão licença do governo para a edificação do predio, de cujo desenho foi encarregado o artista Manoel de Araujo Porto Alegre, e da direcção da obra o director do estabelecimento José Justino de Faria. Em 10 de abril de 1854 começou o banco do Brazil a funccionar no novo palacete.

Tendo sido creado com um capital de trinta mil contos, divididos em cento e cincoenta mil acções, era o banco do Brazil um estabelecimento de descontos, depositos e emissão, mas fundados os bancos Rural Hypothecario e Commercial e Agricola gosando do mesmo direito de emissão, tratou o banco do Brazil de celebrar com essas casas mercantis um accordo para desistirem daquelle direito, e tendo-o conseguido, foi a concordata approvada por decreto de 9 de setembro de 1862. Pela desistencia do privilegio da emissão pagou o banco do Brazil ao Rural e Hypothecario a quantia de 400:000$000 não podendo jamais este usar de semelhante direito, em quanto durar o prazo que lhe foi concedido para fazer operações; e ao Commercial e Agricola cedeu pela desistencia de igual direito, vinte e quatro mil acções ao par, entrando este banco em liquidação, tendo começado a funccionar em 15 de março de 1858. Começarão a retirar-se da circulação as notas emittidas por aquelles bancos.

Celebrado esse accordo elevou o banco do Brazil seu capital a trinta e tres mil contos, divididos em cento e sessenta e cinco mil acções de 200$000 cada uma.

Tem o banco do Brazil emittido notas de 500$000, 200$000, 100$000, 50$000, 30$000, 25$000 e 20$000, não lhe sendo

permittido emittil-as de valor menor; e gosão essas notas do privilegio exclusivo de serem recebidas em pagamento nas repartições publicas.

Pelos seus estatutos devia o banco retirar annualmente da circulação a somma de dous mil contos em notas do thesouro, as quaes, depois de inutilisadas, serião entregues á caixa de amortisação recebendo o banco em pagamento o equivalente em moeda corrente. Mas pela lei de 12 de setembro de 1866 cessou o direito de emissão, ficando esta fixada em 45,600:000$000 por decreto de 16 de março de 1869 para ser resgatada na proporção de 5 a 8 %; proporção que foi reduzida a 2 1/2 % pela lei de 17 de setembro de 1873, achando-se actualmente a emissão dessa casa bancaria reduzida a 28,500:000$000 tendo-se amortizado dentro de um anno 1,140:000$000.

Tendo o banco elevado seu capital, como vimos, e tendo por isso de distribuir, além de cento e cincoenta mil acções já distribuidas, mais trinta mil, e ponderando o ministro da fazenda, visconde de Paraná, que as acções haviam alcançado na estimativa commum um valor superior ao nominal, valor que assegurava lucro certo áquelles que as obtivessem, e motivava a sua excessiva demanda, julgou que o beneficio resultante da distribuição daquellas acções, devia reverter em proveito do publico, e não de alguns particulares, que as alcançassem; e, portanto, expedio um aviso, em 10 de outubro de 1853, determinando que se cobrasse 10 % de premio do valor nominal de cada acção, e que esse premio dado *voluntariamente* por aquelles subscriptores, que quizessem obter preferencia na distribuição, fosse destinado ao melhoramento das calçadas do Rio de Janeiro.

Em 18 de outubro começou a distribuição na caixa da Amortisação.

A commissão encarregada dessa tarefa, compunha-se de Francisco José da Rocha, de João Pedro da Veiga e de Antonio José de Bem.

A affluencia dos pretendentes foi extraordinaria. A's nove horas da manhã estavam tomadas todas as avenidas da caixa da Amortisação, e á propria commissão se tornou difficil o ingresso.

Pouco antes das dez horas começou o trabalho da assignatura e do recebimento das cartas, e logo depois das onze e meia verificou-se, que excedia já a trinta mil o numero das acções pedidas, e deu-se por terminada a inscripção.

Os mais felizes, ou menos timidos, romperão por entre a columna, que apinhava a escada e ante-sala da caixa e conseguirão escrever seus nomes na lista da commissão ; aquelles, porem, e erão muitos, que receavão a asphyxia, os empurrões, os murros e as cronhadas, estavão ainda muito longe do lugar, onde erão recebidas as assignaturas, quando ouvirão bradar : — Está encerrada a inscripção !

Sommando-se os pedidos vio-se que subião a cincoenta e sete mil, e que erão setecentos os pretendentes. A assignatura não estere aberta senão duas horas. Se tivesse continuado por trez dias, como aconteceu na primeira inscripção, é provavel que, apezar dos 10 °/₀ de premio, houvesse pedidos para mais de duzentas mil acções. Se o ministro da fazenda tivesse podido dispor desse numero teria *donativos* para calçar com parallelipipedos toda a cidade.

As 30,000 acções foram distribuidas a 719 pessoas do seguinte modo :

2	de	100	acções	200
100	»	80	»	8000
100	»	60	»	6000
100	»	50	»	5000
120	»	40	»	4800
5	»	35	»	175
1	»	34	»	34
80	»	30	»	2400
12	»	25	»	300
120	»	20	»	2400
1	»	16	»	16
4	»	15	»	60
2	»	12	»	24
50	»	10	»	500
1	»	8	»	8
12	»	5	»	60
2	»	4	»	8
1	»	3	»	3
6	»	2	»	12

O premio de 10 °/₀ da distribuição das acções importou em seiscentos contos, que forão applicados ao calçamento por parallelipipedos, usado pela primeira vez entre nós em 1854.

As primeiras ruas calçadas por esse systema forão as de S. Pedro, Sabão, Assembléa, S. José e Direita.

Depois de grande cabala procedeu-se na praça do Commercio, em 4 de novembro de 1853, á eleição dos primeiros directores do estabelecimento. O primeiro presidente eleito pelo governo foi o conselheiro João Duarte Lisboa Serra, que falleceu em 16 de abril de 1855 ; doze dias depois foi nomeado o visconde de Itaborahy, que pedio e obteve demissão em 20 de junho de 1856 ; desde essa época até 15 de fevereiro de 1859 esteve o banco sob a direcção do vice-presidente conselheiro José Pedro Dias de Carvalho ; nomeado presidente, em 15 de janeiro de 1859, o visconde de Itaborahy, tomou posse em 15 de fevereiro ; em 11 de agosto foi substituido pelo conselheiro Candido Baptista de Oliveira, que fallecendo veio succeder-lhe o Dr. Francisco de Assis Oliveira Bueno em 8 de novembro de 1865; mas pedindo este demissão, nomeou o governo em 23 de março de 1866 ao visconde de Jequitinhonha. Passando o direito da escolha do presidente aos accionistas, foi eleito em assembléa geral de 10 de dezembro de 1866 o conselheiro Francisco de Salles Torres Homem, depois visconde de Inhomerim ; em 16 de outubro de 1869 foi escolhido para esse lugar o negociante Militão Maximo de Souza, e em 14 de outubro de 1870 o Dr. José Machado Coelho de Castro, que é o actual.

O primeiro vice-presidente foi o visconde do Rio Bonito, que falleceu em 11 de novembro de 1856; o segundo o conselheiro José Pedro Dias de Carvalho ; o terceiro o visconde de Tocantins, quarto José Fernandes Moreira, quinto o visconde de Tocantins que é o actual; o primeiro secretario o conselheiro José Pedro Dias de Carvalho, segundo Dr. Manoel de Oliveira Fausto, terceiro Dr. Manoel Marques de Sá, quarto Luiz Alves da Silva Porto, quinto João Martins do Amaral, sexto Luiz Martins do Amaral.

Tinha o banco em algumas provincias do Imperio caixas filiaes approvadas por decretos de 20 de dezembro de 1854 e 29 de março de 1855 ; as caixas das provincias de S. Paulo e Minas começárão a funccionar em 1 de janeiro de 1856, a do Rio Grande do Sul em 1 de março, as da Bahia, Pernambuco e Maranhão em 1 de junho, e a do Pará em julho do mesmo anno ; porém, dessas caixas só existe a de S. Paulo, tendo sido liquidadas as outras.

As notas de menor valor que emittião erão de 10$000.

A lei de 12 de setembro de 1866 dividio o estabelecimento em duas repartições distinctas : uma commercial, outra hypothecaria, que recebeu regulamento pelo decreto de 22 de novembro de 1867.

Pela lei de 17 de setembro de 1873,e por accordo celebrado entre o governo e o banco, em 24 de dezembro do mesmo anno, fixou-se o capital da secção hypothecaria em 25,000:000$000, podendo o banco emittir letras hypothecarias até o decuplo.Em 1873 prorogou-se até 31 de dezembro de 1900 a duração dessa casa de credito.

Contava o estabelecimento trinta e um empregados, porém, reformados os estatutos em 1870, crearão-se mais dous gerentes.

Acha-se o palacete bancario na rua da Alfandega, esquina da da Candelaria ; tem tres pavimentos : a face principal, voltada para aquella rua, apresenta no primeiro pavimento, revestido de cantaria, seis janellas de peitoril com varões de ferro e um portão central.

Corôa esta parte do edificio uma renque de medalhões sustentando o segundo pavimento que com o terceiro formão um só corpo, cuja decoração é de ordem corinthia ; abrem-se sete janellas nos dous pavimentos superiores, as do segundo com uma sacada corrida, ornando as tres do centro frontões de cantaria, e as do terceiro com grades de ferro no vão das portadas. Erguem-se no segundo pavimento, entre as janellas, pilastras caneladas de granito com capiteis corinthios de marmore ; a cornija é pobre em relação á ordem architectonica, e rematão o frontespicio pequenos acroterios.

Tem a mesma decoração a face que olha para a rua da Candelaria, porém ha em cada andar só quatro janellas.

E' este palacio elegante, de prospecto agradavel, e manifesta arte, gôsto e architectura ; vê-se que era de mestre a mão que traçou-o ; sendo de sentir não estar collocado em espaço mais vasto onde pudesse ser devidamente apreciado.

Em gratidão ao artista que desenhou este monumento offertou-lhe a directoria do banco, em 24 de março de 1854, uma boceta de ouro do valor de 220$000.

Transposto o portão vê-se um pequeno vestibulo que mostra no fundo uma escada cochleada de granito, e de cada lado uma porta, abrindo-se uma para a casa da emissão, e a outra para a thesouraria, [illegible] forte, que é mui segura, com paredes revestidas de

cantaria, tecto de pedra, portas de ferro, armarios de ferro; e por estar collocada debaixo da escada que vae ter ao segundo pavimento é tão escura que mesmo de dia não se póde trabalhar ahi sem o auxilio da luz artificial. Ás paredes de pedra, as portas de ferro, a luz frouxa que penetra por um pequeno oculo, é o ar frio desse recinto dão-lhe o aspecto de um carcere; de feito é a prisão do ouro, o cofre do dinheiro.

No fundo da sala da thesouraria ha um corredor, no qual começa uma escada que vae ao segundo andar, onde estão as salas das propostas, do secretario, da directoria, da commissão de descontos, da secretaria, e contadoria.

A escada principal, que é de granito até o segundo andar, conduz ao terceiro onde estão a sala do guarda-livros e o salão dos accionistas. Importou em 216:969$455 a construcção deste palacio.

O edificio é bem dividido, mas não tem a capacidade necessaria para satisfazer a todas as operações do serviço mercantil, principalmente attendendo ao seu futuro desenvolvimento; pelo que a directoria, prevendo semelhante inconveniente, promoveu e conseguio a acquisição dos predios que ficão contiguos, quer do lado de uma rua, quer do da outra.

O banco do Brazil, o primeiro estabelecimento de credito do paiz tem prestado serviços ao governo, á praça e ao commercio; tem superado as crises, que se hão dado nas praças estrangeiras e na nossa; lutou em 1864 com uma crise violenta, que trouxe a liquidação de diversas casas bancarias, entre outras a de Antonio José Alves Souto, a qual por merecer a confiança publica era a mais concorrida em depositos de dinheiro a juros, produzindo sua liquidação e a de outras grande damno ás fortunas particulares. Em 1875 atravessou o banco outra crise da praça, na qual, como já dissemos (1), fallirão alguns bancos.

O escrupulo no gyro das capitaes confiados ao estabelecimento, o cuidado e cautela nas operações, e a pericia e zelo dos empregados têm cooperado para o credito e prosperidade dessa instituição da riqueza publica.

(1) Veja volume I°, pag. 48.

XIII

PRAÇA DO COMMERCIO

A carta regia de 28 de janeiro de 1808 abrio os portos do Brazil ao commercio das nações ; e esse decreto, o primeiro assignado pelo rei de Portugal nos dominios da America, marca o primeiro passo dado pelo Brazil para sua liberdade politica.

Já não devião dirigir-se unicamente a Portugal os navios que sahissem dos mares do Brazil ; podião tocar em outras partes da Europa, permutar os generos, e negociar livremente; tinhão livres os mares e livre o commercio, que desde então creou azas, e estendeu-se ; negociantes estrangeiros vierão estabelecer-se no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará, e crescerão a importação e a exportação.

Se a carta regia de 28 de janeiro libertou o commercio, o alvará de 1 de abril do mesmo anno sanccionou a liberdade da industria, e não estando mais fechados os portos da colonia portugueza, nem havendo prohibição de industria, podia essa colonia prosperar e enriquecer.

O alvará com força de lei de 23 de agosto de 1808 creou a real junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação, para regularizar e favorecer a marcha do commercio e da industria ; e por edital de 27 de julho de 1809 foi esse tribunal autorisado a conceder premios ás pessoas que acclimatassem nos dominios portuguezes ar-

vores de especiaria da India, introdusissem a cultura de outros vegetaes quer indigenas, quer estrangeiros, uteis á patria e a therapeutica, e a honrar com medalhas áquelles que se destinguissem em qualquer ramo industrial, ficando isentos do recrutamento para a tropa de linha, e do serviço das milicias.

Em 1800 contava a praça do Rio de Janeiro 84 negociantes; em 1807, 126; em 1811, 207 portuguezes e 65 inglezes, e em 1817 278 portuguezes, 105 inglezes e 8 francezes.

Crescendo o numero dos negociantes se augmentara o movimento commercial, o giro das transacções, e havendo necessidade de um edificio, onde os commerciantes se reunissem, deu-se começo, em 11 de junho de 1819, a uma praça de Commercio, de cujo desenho encarregou-se o architecto Grandjean de Montigny, e da administração da obra o commendador José Marcellino Gonçalves.

Rapida correu a construcção, de sorte que em menos de um anno estava qnasi concluido o edificio, que abrio-se em 13 de maio de 1820, no anniversario natalicio de D. João VI.

Em 14 de julho o rei, acompanhado de seus filhos, visitou a praça; desembarcando de sua galeota em uma ponte de madeira, que se construira para esse fim, percorreu todo o edificio que estava illuminado com profusão, e com guarda de honra á porta; aceitou uma refeição que os negociantes lhe offerecerão, e ausentando-se, negociantes e convidados fizerão, ao som da musica, muitos brindes ao commercio, ao monarcha e a familia real.

Foi um dia de festa, de rigosijo, e de alegria; porem decorridos pouco mais de nove mezes, houve nesse mesmo recinto uma scena de tumulto, e de sangue.

Se em 14 de julho negociantes e povo receberão o rei ao som de vivas e acclamações, mostrando-se humildes e submissos, em 20 de abril de 1821, nesse mesmo lugar, o povo e os eleitores procurarão resistir ás ordens da realeza; e em vez da tranquillidade, do prazer e da harmonia de 1820, houve agitação, anarchia e despeito.

Publicarão-se em 7 de março de 1821 o decreto annunciando a volta de D. João VI para Portugal e as instrucções para a eleição dos deputados ás côrtes de Lisboa.

Até então havião os Portuguezes tomado a precedencia nos acon-

tecimentos politicos, mas, tratando-se de eleição, julgarão os Brazileiros que devião reagir.

Causara sensação na cidade a noticia do regresso da côrte para os dominios europeus, e a camara dirigira ao throno uma representação dos negociantes e proprietarios da cidade pedindo a ficada de D. João VI que, em aviso dirigido á municipalidade em 31 de março, agradeceu declarando que não era possivel com a maior magoa de seu coração annuir ao desejo dos representantes.

Concluida a eleição parochial o desembargador ouvidor da comarca convocou os eleitores, na praça do Commercio, em 20 de abril, sabbado de alleluia, para lhes communicar o decreto de 7 de março.

Na manhã do mesmo dia houvera no salão do theatro de S. João, hoje de S. Pedro, uma reunião de tropa da primeira e segunda linha, que jurara amor e obediencia ao rei.

Procederão os eleitores por escrutinio secreto ao processo da votação, com toda calma e socego ; mas quando leu o presidente os nomes dos novos ministros, que devião ficar com o principe D. Pedro no Brazil, levantarão-se alguns exaltados, protestando contra alguns desses ministros, e exigindo que se proclamasse a constituição hespanhola de 1812, que talvez poucos a conhecessem. O presidente assustou-se com a attitude que tomou a discussão, consultou á assembléa, que condescendeu com os demagogos, entre os quaes estavão o padre Macamboa e um joven de origem franceza, porém nascido em Lisboa, chamado Luiz Duprat, acerrimo partidario das idéas de Marat e Robespierre (1)

Lavrada a acta do juramento áquella constituição, nomeou-se uma commissão de cinco membros para ir a S. Christovão intimar ao rei a vontade do povo, e tambem para ordenar-lhe que fizesse desembarcar dos navios, que devião leval-o a Lisboa, os cofres publicos pertencentes ao Brazil.

A noite mostrava-se tempestuosa ; espalhavão-se boatos que a tropa estava em armas nos quarteis, e que o rei embarcava naquella mesma madrugada ; inflammados achavão-se os espiritos. A assembléa que continuava em discussão agitadissima exigio que o comman-

(1) Veja Estudos Historicos pelo conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, tomo II. pag. 299.

junta das armas enviasse ordens ás fortalezas para impedirem a sahida de qualquer embarcação, quer mercante, quer de guerra, nacional ou estrangeira, e forão intimar essa ordem o coronel José Manoel de Moraes e o tenente-coronel Joaquim Xavier Curado.

Era meia-noite quando entrou na praça do Commercio a deputação de volta de S. Christovão, e no meio do silencio geral um dos eleitores leu o seguinte decreto, que nesse mesma noite havia sido impresso :

« Havendo tomado em consideração o termo de juramento que os eleitores parochiaes desta comarca, á instancias e declaração unanime do povo della, prestarão á constituição hespanhola, e que fizerão subir á minha real presença, para ficar valendo interinamente a dita constituição hespanhola desde a data do presente decreto até á installação da constituição, em que trabalhão as côrtes actuaes de Lisboa, e que eu houve por bem jurar com toda a minha côrte, povo e tropa, no dia 26 de fevereiro do anno corrente : sou servido ordenar que de hoje em diante se fique estricta e litteralmente observando neste reino do Brazil a mencionada constituição hespanhola até o momento em que se ache inteira e definitivamente estabelecida a constituição deliberada e decidida pelas côrtes de Lisboa. Palacio da Boa-Vista, aos 21 de abril de 1821. Com a rubrica de Sua Magestade. »

Houve estrondosos vivas e acclamações; no em tanto comprehendeu o governo que a assembléa ultrapassava seus deveres, e que convinha evitar a anarchia que podia rebentar daquelle centro demagogico; ordenou que a tropa marchasse para a rua Direita e intimasse a dissolução do collegio eleitoral.

O commandante das armas, general Caula, penetrou no recinto da assembléa e intimou a ordem ; assegurou-lhe o presidente que, finalisada a eleição dos membros do conselho, que na conformidade da concessão regia deverião ficar assistindo ao principe regente, levantaria a sessão; mas ás tres horas da madrugada de 21 de abril avança para a porta do edificio a 6ª companhia do batalhão n. 3, dá uma descarga de 50 tiros sobre os eleitores, e entrando no salão os soldados carregarão a bayoneta calada sobre os cidadãos desarmados. O primeiro que cahio morto foi o negociante Miguel Feliciano de Souza, que achava-se na porta, e repetia o viva a el-rei nosso senhor levantado pela tropa ; o desembargador José Clemente Pereira ficou ferido, e

desembargador José da Cruz Ferreira salvou-se a nado, o lente Antonio José do Amaral refugiou-se a muito custo em uma sumaca, outros eleitores ficarão feridos, diversas pessoas do povo morrerão, victimas das balas dos soldados ou afogadas no mar, onde lançarão-se com precipitação procurando fugir.

Os cadaveres forão sepultados na capella do arsenal de marinha, e á casa da Misericordia veio ter um corpo assás mutilado, arrojado pelo mar.

Ainda a historia não averiguou a quem cabe a responsabilidade desse acto violento e cruel, que consternou toda a cidade, aterrou o povo, produzio a cessação do commercio, e tornou desertas as ruas, as praças, e lugares de recreio.

Pasquins pregados nas esquinas do edificio da praça censurarão o procedimento do governo ; em um lia-se — *Açougue de Bragança* ; em outro o seguinte :

Olho aberto,
Pé ligeiro ;
Vamos á não
Buscar dinheiro.

O dinheiro do reino
Sahir não deve:
Isto é lei
Cumprir se deve.

Encarregado D Pedro por ordem do rei seu pai de providenciar como entendesse sobre á attitude que tomara a assemblea dos eleitores, mandou chamar o general Caula e incumbio-lhe de dissolver por bem ou por força o ajuntamento da praça ; e é de crer que ordens mal executadas, a indisciplina da tropa, e o odio entre Brazileiros e Portuguezes originassem essa scena de sangue e luto.

Depois de ter deixado no edificio da praça uma guarda de granadeiros commandada por um tenente que, passando a inventariar o que se achava no salão, só encontrou alguns moveis e bengalas de paisanos, que largavão á porta qnando entravão, retirou-se a tropa ás 5 horas, marchando uma brigada composta de soldados portuguezes

para o largo do Paço, e outra composta de soldados brazileiros para o do Rocio, onde forão lidos ao meio-dia os decretos do rei annullando tudo que havia feito na vespera, e conferindo ao principe D Pedro a dignidade e attribuições de regente do reino do Brazil. Na noite de 22 retirarão-se a quarteis a cavallaria e a infanteria, excepto um batalhão de caçadores e um parque de artilheria que ficarão em cada uma daquellas praças; no dia 24 o rei deu beja-mão e dirigio uma proclamação ao povo e outra ao exercito; na madrugada do dia 25 embarcou com sua familia na náo D João VI, e ás 6 horas da manhã seguinte a esquadra real composta de doze navios abrio velas para a Europa.

Se os eleitores reunidos na praça do Commercio tinhão ido alem de seus deveres e prerogativas, tambem o governo fôra precipitado e violento; errou submettendo á consideração dos eleitores o decreto de 7 de março, e foi alem do que devia, usando violentamente da força armada, atacando a homens inermes, sem haver empregado antes os meios brandos e persuasivos; praticou um acto de poder absoluto, que cooperou para diminuir a popularidade do rei e exacerbar o odio entre Brazileiros e Portuguezes.

Os negociantes abandonarão o edificio da praça que, durante muito tempo apresentou na fachada os signaes das balas dos soldados portuguezes; não quizerão mais reunir-se nesse recinto, onde se derramara o sangue de cidadãos desarmados, e ficou o predio fechado, ermo e condemnado pela opinião publica; até que em 12 de março de 1824, visitando Pedro I a alfandega, ordenou que o edificio da praça do Commercio passasse a ser encorporado áquella repartição para servir de casa de abertura e sello; e desde então constituio esse edificio a sala de abertura da alfandega.

Construida do lado do mar, em frente da rua do General Camara, tinha a praça do Commercio de um lado a alfandega e do outro algumas barracas velhas; formava um parallelogrammo de 175 palmos de comprido e 146 de largo; elevado sete degráos acima do nivel da rua apresentava um vestibulo ornado de grades de ferro, e na face principal tres portas de archivolta e tres janellas de cada lado das portas; era igual a face voltada para o mar, e as lateraes contavão dez janellas e uma porta no centro; acima das quatro portas principaes havia em cada uma das faces um mesanino semi-circular.

Duas escadas lateraes davão entrada no vestibulo onde vião-se

quatro pedestaes que terião de sustentar as estatuas do Commercio, da Agricultura, Industria e da Navegação, na cornija tinha de gravar-se esta inscripção :

Joanne Sexto Regnante. Anno MDCCCXX

e no attico.

Praça do Commercio

Na parte superior se collocarião as armas dos tres reinos em baixo-relevo, sustentadas por dragões, e nos quatro angulos figuras sentadas representando quatro partes do mundo.

No interior abria-se um salão em fórma de cruz, cercado de columnas da ordem dorica, formando uma galeria em roda ; o tecto arqueado fingindo ser de abobada, tinha no centro uma clara-boia, e nos arcos que a sustentavão o distico *J. VI* e as armas do reino unido ; todos os ornatos do interior e as columnas erão pintados fingindo o marmore. Do lado do mar havia a escada que dava para o caes (1).

Foi esta uma das construcções mais bellas, e no seu genero a mais monumental que ergueu-se no tempo em que ainda o Brazil era colonia ; D. João VI louvou a obra, e honrou o architecto Grandjean que construio-a permittindo-lhe sentar-se em sua presença e concedendo-lhe o habito de Christo, que o artista conservou sempre em sua casaca.

Este edificio acha-se actualmente encravado entre os armazens da alfandega, da qual constitue a entrada ; apresenta o vestibulo ornado de grades de ferro, com uma escada central e duas lateraes; na frontaria ha tres portas de verga curva com varões de ferro, tres oculos de cada lado ; acima da coberta do vestibulo lê-se o distico — *Alfandega* — e abre-se uma vidraça semi-circular ; segue-se um frontão recto e ornamentão o tympano as armas do Imperio.

O interior é magestoso, dão-lhe um aspecto monumental as vinte quatro columnas doricas, sustentando uma cimalha de primoroso trabalho ; além da clara-boia central com vidros azues rasgão-se outras na parte superior dos arcos que formão o fundo das naves, ha aberturas junto aos arcos do tecto, o pavimento é de mosaico de

(1) Veja Memorias para servir á Historia do Brazil do padre Luiz Gonçalves dos Santos, vol. II, pag. 396.

marmore ; e no fundo do salão vêem-se as armas imperiaes e o retrato do Imperador.

Não tendo os negociantes um edificio onde se reunissem e realizassem suas operações concedeu-lhes o governo em 1834 o antigo armazem do sello da alfandega ; era então ministro da fazenda o conselheiro Candido José de Araujo Vianna, depois visconde e marquez de Sapucahy (1).

Outr'ora toda a peça de fazenda que sahia da alfandega trazia pendente de um barbante um sello de chumbo collocado pelo sellador-mór, que por cada sello cobrava 10 rs.

Os empregos de sellador-mór, escrivão da guarda-costa, porteiro e meirinho do mar da alfandega erão vitalicios na familia de Manoel Nascentes Pinto, que os obtivera em remuneração de serviços pessoas e pecuniarios prestados ao rei e á fazenda real : Antonio Nascentes Pinto foi o ultimo sellador-mór, trazendo arrendados os outros rmpregos.

---

(1) Nasceu este prestimoso cidadão em 15 de setembro de 1793 em Congonhas de Sabará, na provincia de Minas ; em 1821 recebeu o grão de bacharel em direito pela universidade de Coimbra. Voltando para seu paiz abraçou a vida da magistratura cujos degráos galgou com muito brilho até chegar ao supremo tribunal de justiça; na política exerceu o cargo de presidente de provincia, de ministro de mais de uma pasta, foi conselheiro de Estado, deputado e senador; nas lettras adquirio nomeada honrosa e brilhante. Foi mestre do Imperador D. Pedro II, das princezas D. Januaria, D. Francisca, D. Isabel e D. Leopoldina : camarista, grão-cruz de varias ordens estrangeiras, dignatario da ordem do Cruzeiro, commendador da de Christo e Rosa, visconde e marquez de Sapucahy, presidente do Instituto Historico e socio de outras sociedades litterarias. Era muito considerado no paiz como litterato, philologo, latinista e jurisconsulto.

O Imperador, que muito o prezava, foi visital-o pouco antes de seu fallecimento que deu-se no Rio de Janeiro em 23 de janeiro de 1875, perecendo o douto cidadão carregado de annos e de honras.

Os serviços que prestou á patria durante mais de meio seculo, a sabedoria que patenteou em todas as commissões e nas sociedades e gymnasios scientificos a que pertenceu gravarão seu nome nos annaes historicos das nação.

Veja Anno Biographico Brazileiro pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo, vol. 1, pag 103.

No primeiro pavimento do edificio do sello havia grandes caldeiras, onde se derretia o chumbo dos sellos, e no segundo estava a sala de abertura ; abolido o cargo de sellador servio esse armazem de deposito de sal.

Cedido para praça do Commercio resolverão os negociantes levantar ahi um edificio apropriado para o commercio ; promoverão uma subscripção entre si, com o producto della derão principio a obra ; e o governo escolheu uma commissão composta dos negociantes Felippe Nery de Carvalho, José Antonio Moreira, Guilherme Theremin e Henrique Ried para dirigir a construcção.

Ao mesmo tempo que se edificava a praça nomeava o governo em 11 de março uma commissão para formular um regulamento interno, que confeccionado por Marcellino José Coelho, foi adoptado pelo corpo commercial e approvado pelo governo em 9 de setembro de 1834 (1).

Em virtude desse regulamento devia eleger-se em 2 de dezembro de cada anno uma commissão de nove membros por nacionalidades, por meio da qual os negociantes levarião ao conhecimento das autoridades competentes suas representações relativas ao commercio.

Em 29 de novembro reunirão-se em assemblea os subscriptores da praça, e tomando a palavra mencionou Felippe Nery de Carvalho o adiantamento da obra, os accrescimos que tivera, a demolição de um telheiro do pateo da alfandega, para dar luz e espaço ao novo predio, e declarou que a commissão encontrara muito boa vontade e protecção no inspector da alfandega Dr. Saturnino de Souza Oliveira.

Concluido o edificio interiormente reservou-se a inauguração para o dia 2 de dezembro, e convidado o Imperador para assistir ao acto compareceu ás 11 horas acompanhado de suas irmãs ; fluctuavão na praça bandeiras de todas as nações, tapisavão o chão folhas e flores aromaticas e em um discurso agradeceu Felippe Nery a presença do monarcha.

Retirando-se para o paço da cidade assistirão as pessoas imperiaes ao Te-Deum e cortejo por ser dia de gala e festejo nacional; do palacete da praça d'Acclamação presenciarão de tarde a parada da guarda nacional, porem não forão ao espectaculo por já correrem

(3) Veja Jornal do Commercio de 10 de outubro de 1834.

boatos do fallecimento do duque de Bragança, que de feito havia perecido em 24 de setembro desse anno em Portugal.

A primeira praça abrira-se no anniversario natalicio de D João VI, e a segunda no anniversario natalicio de D Pedro II ; na primeira época o Brazil éra colonia, na segunda já era imperio.

Procedendo-se no dia 2 a eleição da commissão directora, forão nomeados os commerciantes Francisco José da Rocha, Felippe Nery de Carvalho (1) M. J. Naylor, Henrique Ried, Moon, Guilherme Theremin, Berckheal e Lizaur.

Mais tarde transferio-se a eleição dessa commissão para o primeiro dia util do mez de dezembro ; actualmente elegem os commerciantes de dous em dous annos uma directoria composta de quinze membros de diversas nacionalidades, á qual compete resolver os negocios concernentes ao commercio, e entender-se com o governo sobre as necessidades e representações do corpo commercial; a directoria tem o titulo de commissão da praça do commercio, do seu seio elege o presidente, e uma commissão de tres membros que devem servir de arbitros nas questões commerciaes e industriaes em que forem consultados.

Não estando concluido o exterior do edificio, e orçado em 14:000$000 o que restava a construir, abrirão os commerciantes nova subscripção, receberão donativos, alcançarão duas loterias do corpo legislativo, pedirão ao architecto Grandjean o desenho da obra, e em 1836 terminarão a praça.

Achava-se esta praça na rua Primeiro de Março entre o becco dos Adelos e a porta da estiva da alfandega (2) da qual era separada

(1) Felippe Nery de Carvalho retirando-se na noite de 4 de julho de 1813 para a sua casa em Botafogo, recebeu, ao apear-se da sege, de seu escravo Camillo uma facada, da qual morreu poucos instantes depois. O assassino foi preso e executado na praça da Acclamação em 11 de agosto do mesmo anno.

(2) Tendo de construir-se o novo edificio para a praça do Commercio, demolio-se esta porta sobre a qual via-se uma platibanda com a seguinte inscripção.

En Maria Prima Regnante e Pulvere Surgit
Et Vasconcelli stat domus ista manu
An 1783.

Era no tempo colonial a porta principal da alfandega.

lateralmente por um pateo, e na parte posterior por um corredor estreito.

Constava de dous pavimentos ; tinha na frente o peristyllo saliente com oito columnas doricas, que sustentavão uma varanda ou terrado orlado de grades de ferro presas a pilares ; uma gradaria de ferro entre as columnas fechava o vestibulo, cujo pavimento era de mosaico de marmore; vião-se na face do fundo quatro portas e tres janellas de peitoril que davão para tres salas divididas por arcos de alvenaria ; duas erão publicas e a ultima privativa dos assignantes da praça ; nesta vião-se duas mesas com os jornaes nacionaes e estrangeiros, sofás, cadeiras, mesas pequenas, dous quadros com os nomes dos negociantes que subscreverão para a construcção do edificio, cinco mappas offertados em 13 de dezembro de 1834 pelo Dr. Bivar e um pequeno modelo em gesso para uma estatua equestre de Pedro I, o qual fora remettido á praça por João Diogo Sturz quando cousul do Brazil na Prussia. Aos lados e no fundo das duas primeiras salas estavão os escriptorios commerciaes.

No segundo pavimento vião-se na frontaria sete janellas rasgadas com vidraças, que abrião-se para a varanda; um attico escondia o telhado do edificio. Era occupado o pavimento superior pelo tribunal do commercio e pelo salão dos assignantes da praça, elegantemente decorado com ornatos de gesso no tecto tendo pendente de uma das paredes o retrato de D Pedro II, pintado pelo artista Luiz Augusto Moreaux.

Depois de ter visitado diversos edificios publicos chegou o Imperador em 19 de setembro de 1862 á praça do Commercio, percorreu-a e mostrou-se interessado em examinar tudo ; passados oito dias a commissão directora dirigio-se ao paço, agradeceu a visita do soberano, e pedio-lhe licença para offerecer-lhe o titulo de presidente honorario que D Pedro II aceitou ; pelo que, em gratidão, mandarão os negociantes fazer o retrato que acabamos de mencionar.

O tribunal do commercio, que substituio a junta do commercio, foi installado em presença do Imperador, no paço da cidade, em 1 de janeiro de 1851, pronunciando o presidente José Clemente Pereira um discurso em que memorou os beneficios que se deverião esperar do codigo commercial, que ia entrar em execução, e para o qual tanto concorreu esse proveicto e conspicuo estadista. Em 7 de janeiro encetou o tribunal seus trabalhos.

Tinha uma sala de espera, a saleta do official-maior, o archivo, alguns quartos para os desembargadores descansarem, a secretaria com o retrato do primeiro presidente, conselheiro José Clemente Pereira, escriptorios de escrivães, e a sala das sessões com o retrato do Imperador, feito em 1851 pelo artista Krumoltz ; a entrada do tribunal era pelo becco dos Adelos.

Despidos os tribunaes do commercio de quasi todas as suas attribuições o governo os extinguio, e creou por decreto de 30 de novembro de 1876 juntas de commercio na côrte e nas cidades de Belem, S. Luiz, Fortaleza, Recife, S Salvador, e Porto Alegre, e inspectorias commerciaes em outras provincias.

Installou-se a junta da corte em 15 de fevereiro de 1877 com um presidente, um secretario, seis deputados e tres supplentes.

O presidente é nomeado pelo governo d'entre tres commerciantes eleitos pelo collegio commercial, que tambem elege os deputados e supplentes por quatro annos, renovando-se os deputados por metade de dous em dous annos. O secretario é escolhido pelo governo d'entre os bachareis formados em direito, havendo na secretaria da junta dous officiaes, dous amanuenses um porteiro e um ajudante do porteiro, creados pelo ministro da justiça sob proposta da junta.

Forão nomeados presidente o commendador Joaquim Antonio Fernandes Pinheiro e secretario interino o Dr. Manoel Antonio da Fonseca Costa e effectivo Dr. Octavio Cesar.

Em 3 de fevereiro de 1862 pedio o governo ao presidente da praça do Commercio informação sobre a conveniencia da creação de um posto telegraphico aerio por cima do edificio da mesma praça, para com mais facilidade e pronptidão serem reconhecidos os avisos maritimos transmittidos pelos telegraphos do Castello e Babylonia ; informou o presidente que o commercio desejava ver realizado esse melhoramento.

Em 1863 o guarda-livros da praça Kunhardt promoveu uma representação de negociantes ponderando as conveniencias de possuir a praça um fio complementar do telegrapho electrico que o governo mandára collocar entre a fortaleza de Santa Cruz e a cidade, e que se estende pelo litoral. Assignada a representação por 150 das principaes casas commerciaes, foi levada em 28 de novembro ao conhecimento do governo que em 9 de dezembro respondeu promettendo a

execução desse melhoramento, que se não fez muito esperar. Construio-se dentro do recinto da praça um escriptorio telegraphico, que começou a funccionar em 1 de janeiro de 1864, estabelecendo prompta e rapida communicação entre a praça do Commercio e as fortalezas de Santa Cruz e Villegaignon ; e desde então cessou o serviço demorado e irregular dos telegraphos aereos.

Achava-se a praça do Commercio convenientemente collocada na rua que é a primeira arteria da capital, e donde se ramificão todas as outras, proximo da alfandega, do correio, caixa de amortização, dos pontos de desembarque e das casas commerciaes mais importantes, e de mais gyro e grosso trafico ; era, porém, um edificio acaçapado, peqneno, sem elegancia ; de prospecto simples, e despido dos enfeites da arte ; as salas erão baixas, tristes, e com pouca luz, pouco espaço e pouco ar.

« E' de sentir, escreviamos em 1864, que na cidade mais commerciante da America do Sul, na capital de um grande imperio, não seja o edificio da praça do Commercio um palacio bello, vasto e monumental. No tempo do rei, quando o Brazil ainda não tinha fóros de nação livre, e era apenas um reino dependente de outro reino, tratou-se de erguer uma casa bella, sumptuosa para praça de Commercio, e no em tanto, depois da transformação do reino em imperio, da colonia em nação, não tem a capital do Brazil um edificio digno da sua importancia mercantil, do movimento commercial, do gyro extenso de suas transacções, e da riqueza do commercio. »

Decorridos quatro annos vimos com prazer reunida em sessão de 24 de outubro de 1868 a associação commercial afim de resolver no modo de entender-se com o governo sobre a necessidade da edificação de novo e melhor predio para servir de praça do Commercio.

Tendo se transferido em 1871 a directoria e os escriptorios commerciaes para um armazem da alfandega na rua Primeiro de Março, demolio-se o edificio da praça para levantar-se no mesmo lugar um palacio com vastas e commodas proporções ; abrira a associação commercial um emprestimo entre os negociantes para realização da obra e em 26 de junho de 1872 procedeu ao assentamento da primeira pedra do novo palacio.

Fez-se a benção do respectivo lugar, leu-se o auto competente, e executou-se com toda a solemnidade o lançamento da pedra.

O auto é o seguinte :

« *Auto de assentamento da pedra fundamental da Praça do Commercio do Rio de Janeiro.*— Nesta muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, aos vinte e seis dias do mez de junho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e dous, e trigesimo segundo do reinado de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brazil, achando-se presentes, á 1 hora da tarde, no terreno comprehendido entre as ruas : na frente Primeiro de Março (antiga Direita), nos fundos a do Visconde de Itaborahy, prolongamento da rua da Alfandega do lado direito e becco dos Adelos do lado esquerdo, destinado para edificação de um predio apropriado para praça do Commercio onde se reunão os negociantes e funccione a Associação Commercial do Rio de Janeiro, os Exms. Srs. vigario da freguezia da Candelaria João Manoel de Carvalho, os membros da direcção da Associação Commercial, veador José Joaquim de Lima e Silva Sobrinho, Dr. Caetano Furquim de Almeida, José Machado Coelho, José Pereira Soares, conde de S. Mamede, Augusto Leheriey, J. P. Martin, Carlos J. Harrah, John Merven Carrere Carlos, Guilherme Gross, Luiz A Prytz, João Hollocombe, Guilherme Morrissy, José M. Frias e Jayme Romaguera, o secretario da praça do commercio Carlos João Kunhardt, o engenheiro Dr. José Antonio da Fonseca Lessa, o engenheiro architecto encarregado da obra Pedro Bosisio, e mais pessoas distinctas abaixo assignadas : o Ex. Sr. veador José Joaquim de Lima e Silva Sobrinho, presidente da Associação Commercial, com o auxilio da Divina Providencia lançou a pedra fundamental do novo edificio mandado levantar com o producto de um emprestimo promovido entre o corpo do commercio desta côrte, sendo préviamente benta segundo o ritual romano pelo Revd. vigario da freguezia da Candelaria.

« Em fé do que, eu José Pereira Soares, secretario da Associação Commercial do Rio de Janeiro, mandei escrever e assigno este auto e outro de igual teor. »

Dentro da pedra foi collocada uma caixa contendo os seguintes objectos :

Moedas de ouro de 20$000, 10$000 e 5$000 ; ditas de prata de 2$000, 1$000, 500 e 200 rs., de nickel de 200 e 100 rs., de cobre

de 40, 20, e 10 rs.; um exemplar da constituição, o auto e os jornaes do dia, a saber o Jornal do Commercio, Diario do Rio, Correio do Brazil, Reforma, Republica, Diario de Noticias, Diario Official, Movimento.

Mas ficou sem effeito esse acto, o assentamento dessa pedra, porque, em 3 de dezembro de 1873, celebrou a associação um contrato com o governo, pelo qual obrigou-se a construir tres palacios na rua Primeiro de Março sob as seguintes condições:

Devem os novos edificios ficar situados entre as ruas Primeiro de Março, Visconde de Itaborahy, Rosario e General Camara; divididos em tres corpos distinctos ficará o do centro para a praça do Commercio com 33 metros de frente para a rua Primeiro de Março; o lateral ao sul para caixa de amortização e correio com 40 metros de frente para a mesma rua, e o lateral ao norte para escriptorios commerciaes tambem para a mesma rua, com igual dimensão; duas passagens envidraçadas com 45 decimetros cada uma, situadas entre o corpo central e cada um dos lateraes estabelecerão communicações entre a rua Primeiro de Março e a do Visconde de Itaborahy; todos os edificios guardarão completa harmonia no estylo architectonico, nas decorações e dimensões de cada uma de suas partes; as estatuas, medalhões e balaustres das janellas do segundo pavimento serão de marmore.

O custo de todo o monumento está avaliado em 4,554:000$000; tendo o governo de concorrer com 1,688:000$000, e a associação commercial com o restante. Cedeu o governo á associação os terrenos e predios que possuia dentro da zona em que tem de ser levantados os tres palacios, e a associação por sua parte cedeu o terreno que possuia dentro da sobredita zona; e todos os predios e terrenos que forem desapropriados, para emprehenderem-se as novas construcções tornar-se-hão proprios nacionaes.

A rua Primeiro de Março na parte adjacente ás novas construcções será alinhada de modo que conserve uma largura igual em toda essa extensão nunca inferior a 155 decimetros; a do Rosario terá a largura de 132 decimetros em toda a extensão adjacente ao monumento, a do General Camara terá 10 metros de largura, e a do Visconde de Itaborahy se prolongará até a do Rosario.

Inauguradas as obras surgirão embaraços e contrariedades, já proveniente de acções judiciaes com referencia aos predios desapro-

priados e demolidos, já por ter o empreiteiro da obra Pedro Bosisio, por motivos independentes de sua vontade, transferido seu contrato a José Marcellino Pereira de Moraes e Rodrigo José de Mello Souza, o que foi approvado pela directoria em 18 de julho de 1875.

Demolidos os predios que se estendião do becco dos Adelos á rua do Rosario, derão logo os novos empreiteiros principio a edificação do primeiro palacio para caixa de amortização e correio, lançando a pedra fundamental em 24 de abril de 1875 na presença do Imperador, dos ministros da fazenda e da agricultura, dos directores da associação commercial e de muito povo.

Dentro de uma tenda provisoriamente levantada em frente á rua do Hospicio, erguia-se em um altar com velas de cêra a imagem de Christo, e em lugar competente vião-se os planos do novo edificio, o auto e mais objectos que devião ser encerrados com a pedra fundamental.

Lido o auto pelo secretario da associação e assignado pelas pessoas presentes, foi collocado dentro de uma caixa de vinhatico envernisado com um exemplar da constituição do Imperio, as folhas do dia: o Globo, Jornal do Commercio, Reforma, Diario do Rio, Diario Official; doze moedas sendo tres de ouro do valor de 20$000, 10$000, 5$000; quatro de prata de 2$000, 1$000, 500 e 200 rs. duas de nickel de 200 e 100 rs. e tres de cobre de 40, 20 e 10 rs.

O vigario da freguezia da Candelaria procedeu ás ceremonias do estylo e em seguida foi a caixa metida dentro de uma outra de zinco; collocada esta em uma padiola foi transportada, para o lugar a que era destinada, pelo Imperador, Visconde do Rio Branco, ministro da agricultura, Visconde de Tocantins, Dr. Furquim de Almeida, commendador Manoel Salgado Zenha, José Machado Coelho e João Hollocombe.

Deposta a caixa no orificio da pedra, apresentou o Dr. Antonio de Paula Freitas, engenheiro fiscal do governo, a colher com que o Imperador devia cimentar a pedra.

A colher era de prata, e tinha gravado o seguinte:

« S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II aos 24 de abril de 1875 collocou a primeira pedra do edificio destinado para correio e caixa da amortização nesta côrte. »

A colher, a penna de ouro com rama de prata com que assignou

o Imperador, e a penna de ouro com cabo de marfim com que assignarão as demais pessoas forão archivadas ; e dos tres autos, um ficou no archivo da praça e os outros forão entregues aos ministros da fazenda e da agricultura.

Eis o teor do auto :

« Aos vinte e quatro dias do mez de abril do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e cinco, nesta muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, achando-se presentes ás 11 horas da manhã, no terreno da rua Primeiro de Março, na freguezia da Candelaria, o muito e poderoso principe o Senhor D. Pedro II, Imperador constitucional defensor perpetuo do Brazil, o Exm. Sr. visconde do Rio Branco, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, o Exm. Sr. conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior, ministro e secretario de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, o conego Manoel da Costa Honorato, vigario da freguezia da Candelaria, os membros da directoria da Associação Commercial do Rio de Janeiro, visconde de Tocantins, presidente, commendador Dr. Caetano F. de Almeida, vice-presidente, José Machado Coelho, thesoureiro, Augusto Lehericy, John Hollocombe, C. G. Gross, José M. Frias, J. P. Martin, William Morrissy, W. Von Watter, Jayme Romaguera, Oswald T. Hemsley, os engenheiros Drs. José Antonio da Fonseca Lessa, Antonio de Paula Freitas e mais pessoas de distincção, S. M. o Imperador, com o auxilio da Divina Providencia, lançou a pedra fundamental do edificio destinado para as repartições do correio geral e caixa da amortização, mandado levantar ás expensas dos ministerios da fazenda e da agricultura, commercio e obras publicas, por contrato celebrado com a Associação Commercial, em 3 de dezembro de 1873, sendo presidente do conselho e ministro da fazenda o Exm. Sr conselheiro José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco, e o da agricultura, commercio e obras publicas o Exm. Sr. conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior ; sendo este edificio o primeiro corpo dos tres que projecta levantar a Associação Commercial neste local, dos quaes o do centro destinado para uma praça do Commercio e o da extrema direita, que faz esquina com a rua do General Camara, será para bancos e escriptorios commerciaes, sendo a referida pedra previamente benta, segundo

o ritual romano, pelo Sr. conego Manoel da Costa Honorato, vigario da freguezia.

« Em fé do que eu Manoel Salgado Zenha, servindo de secretario da directoria da Associação Commercial, mandei escrever o presente auto e o assigno. »

Nas excavações que se fizerão para os alicerces encontrarão-se em 10 de julho de 1875, a 85 centimetros de profundidade, os seguintes objectos de prata: onze pratos grandes, sete salvas, uma grande terrina, duas cafeteiras grandes com azas, uma dita pequena com cabo, duas grandes colheres á imitação de concha para sopa, um enorme garfo, tres cabos de facas, duas tampas de cafeteiras, uma grande panella, uma base de castiçal, ao todo trinta e duas peças pesando 9,472 oitavas e representando o valor de 2:083$840.

Algumas das peças, com especialidade as salvas, erão lavradas e de grande merecimento artistico; e se algumas achavão-se em estado de perfeita conservação, estavão outras muito oxidadas. O lugar em que se encontrarão essas preciosidades estava cercado de taboas, porem já completamente destruidas e reduzidas a pó pelo longo periodo de annos em que estiverão enterradas ; havia no mesmo lugar pequenos pedaços de gregas que deverião ter servido de ornamentação a objectos, que se não encontrarão, e havia tambem muitos pedaços de ossos, diversos de ferro completamente estragados já sem feitio e muito oxidados ; das facas não apparecerão as laminas, o que prova o largo espaço de tempo que alli jazerão esses objectos.

Descobertas essas peças de prata em terreno pertencente ao Estado forão entregues ao engenheiro fiscal do governo e por este remettidas para o thesouro nacional.

E' de presumir que esses objectos fosssem alli enterrados em 1711 por occasião da invasão dos Francezes na cidade do Rio de Janeiro, cujos habitantes tiverão de abandonar precipitadamente seus domicilios por haver fugido o governador.

« A maior parte dos moradores, dizem as chronicas, não tirou de sua casa um alfinete, em razão de que o governador na occasião do rebate lançou um bando que ninguem tirasse nada de sua casa, pena de ser tomado por perdido ; no domingo 21 de setembro lançou outro, pelas seis horas da tarde, que ninguem se afastasse dez passos de seu posto, pena de morte, e pelas 10 horas da noite desse mes-

mo dia fugio desconcertadamente com tal confusão que poucos ou nenhuns cuidarão de entrar em sua casa. » (1)

O lugar em que forão encontrados esses objectos era então habitado pelos moradores mais abastados da cidade; accresce que a precipitação da fuga e a hora em que foi realizada, havia de surprender os moradores á mesa da ceia, e por isso entre as peças de prata acharão-se ossos diversos.

Em uma memoria da invazão franceza escripta pelo senado em 28 de novembro de 1711 lê-se :

« E desta sorte se retirarão todos deixando quanto tinhão, sem saberem de que, nem para onde, nem haver razão com que se desculpar tão lamentavel successo. »

Na narração escripta por Duguay Trouin vê-se que alguns moradores mais abastados tratarão de livrar das garras inimigas seus moveis mais preciosos, e assim é de crer que obrigado repentinamente a deixar a cidade, algum morador da rua Direita occultasse seus objectos de prata nas entranhas da terra. (2)

Em 11 de novembro de 1876 effectuou-se a collocação da quarta e ultima cumieira do edificio, que deve servir de correio e caixa de amortização, festejando-se este acontecimento com um bem preparado lunch, offerecido aos operarios, em uma sala do edificio forrada de bandeiras de differentes nações, e ornada de tropheos feitos com diversas ferramentas.

Acha-se quasi concluido esse palacio que, erguido na rua Primeiro de Março, esquina da do Rosario, é quadrangular, de tres pavimentos; tendo no primeiro sete portas e nos dous ultimos igual numero de janellas em cada um.

Ha na frontaria quatro columnas de granito, pilastras, e outras ornamentações ; mas julgamos não haver muito gosto em semelhante construcção ; é um quadrado alto, maciço, despido do primor artistico, desse encanto de poesia com que a arte perfuma as obras dos bons artistas ; é solido, é duravel, porem sem gosto e sem o reflexo da ele-

(1) Veja Memorias Historicas de Mousenhor Pizarro vol. 1° pag 65.

(2) Veja a memoria publicada no Jornal do Commercio na occasião em que houve o achado das peças de prata.

gante architectura, em que se possa ler o genio de uma época e de um povo.

Em 1876 contava a associação commercial 120 assignantes e 826 socios; nesse anno foi sua receita de 42:598$120 e a despeza de 40:693$570.

Das sobras das contribuições de seus assignantes creou um fundo de reserva, com o qual estabeleceu, em 12 de agosto de 1858, um montepio de pensões para viuvas e orphãs dos socios fallecidos em más circumstancias; em 1876 importarão as pensões a quinze viuvas e tres orphãs em 9:060$000. O fundo de reserva conta actualmente 20:168$000.

Mencionando os serviços humanitarios prestados pela associação commercial devemos registrar a construcção do edificio da escola publica da freguezia de S. Christovão levantado á custa da subscripção agenciada pela associacão com o fim patriotico de perpetuar o facto da terminação da guerra sustentada pelo Brazil contra o Paraguay.

Lançada a primeira pedra em 21 de dezembro de 1870, foi entregue o predio ao governo em 31 de agosto de 1872, e por escriptura publica foi doado ao Estado, assim como o terreno annexo.

Além de tão valioso serviço prestado ao desenvolvimento da instrucção publica, a associação offereceu ao thesouro nacional a quantia de 3:660$050, resto da subscripção para ser applicado em proveito da instrucção do povo.

Ainda se não deu principio ao palacio que deve servir de praça do Commercio; vimos um projecto que pareceu-nos elegante, porém talvez seja modificado e reduzido de modo a ficar muito differente; o que será de lastimar.

A praça do Commercio, o coração, o centro, o eixo de rotação de todo o gyro mercantil, o lugar onde concorrem todos que negocião, agiotão, comprão, vendem, calculão e especulão, o ponto de reunião, conversas, e passeios, o thermometro do movimento, da vida do commercio, industria e progresso de um povo deve ser um monumento; não basta ser grande, deve ser monumental; e nesta cidade, essencialmente commerciante, emporio da America do Sul, deve a praça do Commercio ser um edificio celebre, uma construcção que indique o caracter especial da cidade.

XIV

DIQUES

Occupando o distincto estadista e poeta notavel Francisco Villela Barbosa, depois marquez de Paranaguá, o cargo de ministro da marinha em 1824, emprehendeu construir um dique na ilha das Cobras.

Reconhecia esse ministro a necessidade de possuir o Brazil uma importante marinha, tendo mil e duzentas leguas de costa ; asseverava que em quanto não tivesse o paiz uma numerosa armada, não podia progredir e marchar firme e forte entre as outras nações, e por isso tratou de activar a construcção de navios nos arsenaes do Imperio, e de abrir um dique, onde fossem reparados e concertados os que soffressem avaria ou estivessem deteriorados. O major de engenheiros Francisco Cordeiro da Silva Torres, depois visconde de Jerumirim, foi encarregado de fazer a planta e o orçamento.

Em 1824 deu-se principio a obra na pedreira da ilha das Cobras do lado do norte, empregando-se na excavação da rocha diversos presos e sentenciados, que, em 10 de fevereiro de 1826, tentarão evadir-se ; assaltarão o escaler em que viera o inspector do arsenal de marinha para examinar os trabalhos, lançárão ao mar a guarnição, e fugirão disparando um tiro de pistola sobre o mestre da cantaria, que procurára embaraçar seu designio.

Espalhada a noticia desse attentado enviárão-se contra os fugitivos diversos escaleres, e após uma luta de fogo e bala, na altura da Ponta d'Arêa, forão presos, perecendo de uma lancha, que entrára

em acção com elles, o patrão, dous marinheiros e um preto ; ficárão feridas sete pessoas, e os criminosos forão remettidos para a presiganga da ilha das Cobras.

Indagando-se como havião obtido armas, soube-se que duas mulheres havião ministrado em uma canastra com bananas e pão, quatro pistolas, quatro facas, um martello e uma talhadeira que servirão aos sentenciados para destruirem as bragas que os prendião (1).

Continuou a obra do dique, e apezar de caminhar com muita lentidão, por não haver machinas nem apparelhos apropriados, tinha a cava em 1830 300 palmos de comprimento, 36 de largura e 60 de profundidade. Em 1833 parou a obra; no decurso do anno financeiro de 1833 a 1834 decretou-se a quantia de 20:000$000 para a sua continuação, além do producto da pedra que resultasse da excavação da rocha ; em 1835 interompeu-se até 1846, em que proseguio com muita morosidade até 1854, em que de novo suspendeu-se.

A lentidão com que era feito o trabalho, o adiamento que diversas vezes soffrera, as sommas consideraveis que se havião consumido, e as que ainda erão necessarias, tudo isso fazia suppôr como incerta a conclusão de uma obra tão util ; e até chegou a suscitar-se a idéa de abandonar o que estava feito, tratando-se da acquisição de diques de ferro fluctuantes. Mas gastavão-se grandes quantias e muito tempo com os menores reparos dos navios, ou ficavão despresados no ancoradouro logo que necessitavão de algum concerto no casco ; taes razões e tambem por se haver despendido muito dinheiro e consumido muito tempo nessa construcção, levárão o governo á accelerar semelhante obra. Convidou, por intermedio da legação brazileira em Londres, aos engenheiros que se quizessem propôr á conclusão do dique ; diversos engenheiros vierão expressamente ao Rio de Janeiro estudar na propria localidade o estado da obra, e todas as circumstancias que podião interessar á execução do projecto, e alguns apresentárão propostas.

Foi aceita a do engenheiro inglez Henrique Law que celebrou um contrato em 10 de abril de 1857, obrigando-se a construir o dique em trinta mezes, pela quantia de L. 75,000 em dez prestações,

(1) Veja Diario Fluminense de 10 de fevereiro de 1826.

com a isenção de direitos dos materiaes, machinas e apparelhos que tivesse de empregar na obra. Era ministro da marinha o conselheiro José Maria da Silva Paranhos, hoje visconde do Rio Branco.

Marchou a construcção com actividade e presteza; porem, sobrevindo transtornos imprevistos, não pôde ficar concluida em dous annos e meio, e sim no fim de pouco mais de quatro, offerecendo amplo e seguro abrigo aos navios.

Esta obra monumental, conquista do trabalho e da intelligencia humana, foi cimentada com o sangue de quatro victimas. Carregavão-se algumas minas no poço de esgoto, em 23 de abril de 1858, quando no acto de cortar o estopim ferio fogo, que communicando-se á polvora solta para as outras minas e ao estopim das minas carregadas, produzio diversas explosões; quatro trabalhadores, estonteados com o fumo e estouro da polvora, não poderão atinar com a escada, e tiverão assim de supportar os effeitos de seis explosões successivas; pouco depois tirarão-se da cava seus cadaveres despedaçados.

Por aviso de 15 de julho de 1861 recebeu o dique o titulo de imperial, e em 21 de setembro desse anno celebrou-se sua abertura em presença do Imperador e da Imperatriz que depois de haverem assistido á uma festividade na igreja da Cruz, embarcarão no arsenal de marinha, e á uma hora chegarão á ilha, onde forão recebidos pelo ministro da marinha, por varios officiaes da armada e do exercito e pelo engenheiro Law e seus ajudantes.

Flutuavão sobre o dique bandeiras de todas as nações; dentro de seu recinto tocava uma banda de musica marcial; em uma das extremidades estava formado o corpo de fuzileiros navaes; do lado do mar erguia-se um pavilhão destinado a receber as pessoas imperiaes e a côrte, e fazião a guarda de honra os aspirantes da armada.

Quando chegarão á ilha os soberanos ainda havia no dique um e meio pé d'agua, devido a um desarranjo repentino que houvera na machina, que só depois de muitos esforços do engenheiro Law, seus ajudantes e outros empregados foi posta em movimento, fazendo-se o esgoto. Causou este empecilho alguma demora ao começo da festa da inauguração; mas, apenas secco o dique, descerão Suas Magestades ao seu fundo por uma escada alli posta para a occasião, e acompanhado pelo engenheiro, pelos membros do ministerio, e por muitos officiaes

de marinha, examinou o Imperador os trabalhos internos, percorrendo o vão de uma á outra extremidade.

Procedeu-se então a ceremonia da benção pelo bispo eleito do Maranhão, e terminado este acto o ministro da marinha Joaquim José Iguacio, depois visconde de Inhaúma, recitou um discurso em que lêem-se estas palavras :

« Navegantes brazileiros, exultai de prazer. A regeneração de nossa marinha começa desde o instante em que as aguas da gentil Nictherohy vierão banhar esta rocha, que a mão intelligente da arte transformou no mais bello monumento da America Meridional. Armada brazileira, Deus protege o Brazil, e no dia da invocação do nome da terra da Cruz, lembrai-vos bem, que o dique inaugurado recebeu em seu seio o *Imperial Marinheiro*.

« Imperiaes marinheiros, eis os principaes, os indispensaveis elementos da existencia, do desenvolvimento, do futuro da nossa armada, e com elle da preponderancia do Imperio, sua integridade, gloria de suas armas. Oh ! assim seja » (1).

O Imperador respondeu :

« Encarrego-vos, Sr. ministro, de manifestar á briosa marinha brazileira os votos que sempre tenho feito, faço e farei por seu adiantamento e gloria. »

Ao som do hymno nacional, executado por duas bandas de musica, voltárão as pessoas imperiaes ao pavilhão, tendo o Imperador dado ordem para se introduzir agua no dique.

---

(1) Falleceu em 8 de março de 1869 na Tijuca, o almirante visconde de Inhanma, que desembarcara ha poucos dias muito doente, tendo por isso pedido exoneração do commando em chefe da esquadra brazileira em operação contra o governo do Paraguay.

Se foi respeitado pelas balas inimigas, não deixou o illustre marinheiro de ser uma das victimas dessa gloriosa campanha, onde apezar de enfermo, conservou-se até levar seus navios victoriosos á Assumpção ; e depois de não ter mais navios inimigos que combater nem fortalezas que transpor, nem baterias que destruir, estando gravemente doente, recolheu-se a patria para morrer.

Na guerra conquistara os postos de vice-almirante e de almirante, os titulos de barão, visconde, e grã-cruz da ordem da Rosa ; e se em quanto viveu foi do Brasil um dos mais distinctos homens do mar, morrendo deixou seu nome gravado entre os dos mais proeminentes vultos do Brasil.

Erão duas e meia horas da tarde quando os primeiros jorros da agua do mar se arremessárão no vasto recinto aberto pelo trabalho humano na rocha viva ; e cerca de tres quartos de hora depois estava o dique cheio, e trabalhava-se na remoção do porta-caixão que o fecha. Apenas deixou este a entrada franca subio ás vergas a tripolação da corveta *Imperial Marinheiro*, donde respondeu aos vivas soltados pelo seu commandante ; e instantes depois, estando a guarnição a postos, entrou a corveta no dique.

Aceitando as pessoas imperiaes uma copiosa e esplendida refeição offerecida pelo engenheiro Law, convidárão para assentarem-se á sua mesa os semanarios, ministros, officiaes generaes, algumas pessoas gradas e ao engenheiro ; findo o banquete o ministro da marinha, sentado a esquerda do Imperador, ergueu vivas ao monarcha, á familia imperial, os quaes achárão echo nos espectadores, e ás 4 horas retirárão-se os soberanos, mostrando-se o Imperador satisfeito da obra que inaugurára.

Depois de haver acompanhado os imperantes até o ponto do embarque voltou o ministro da marinha seguido do chefe de esquadra Parker, do inspector do arsenal de marinha e de outros officiaes da armada ao pavilhão, onde afluião ainda os convidados, e propoz um brinde ao engenheiro dirigindo-lhe honrosas felicitações ; e assim findou a solemnidade, avultando o povo em todos os lugares donde podia presenciar tão grandioso espectaculo, obra tão monumental que vinha dar nova importancia a este porto já notavel, pela sua posição geographica, dimensões, profundidade e abrigo.

Esgotado o dique desceu a corveta, commandada pelo capitão-tenente Joaquim Rodrigues da Costa (1), a assentar sobre os picadeiros, guardando-se todas as regras que exige semelhante trabalho.

Foi a corveta *Imperial Marinheiro* o primeiro navio que o dique recebeu em sua cava.

---

(1) Este brioso e destimido official morreu heroicamente em 2 de março de 1868 na campanha do Paragnay.

Abordado o encouraçado do qual era commandante por uma multidão de paraguayos defendeu-se o capitão de mar e guerra Rodrigues da Costa com toda valentia e pelejando de espada em punho cahio traspassado de golpes no convez de seu navio.

Houve nessa occasião uma scena digna de mencionar-se.

A guarnição da corveta, que estava empregada nos serviços inherentes a esse trabalho, pôde vêr um grande peixe junto aos picadeiros, e sem attender ao toque da ceia, desceu á agua, e ahi, com croques, lascas de taboas e outras armas de improviso, travou luta com um mero ; corriâo alguns marinheiros a perseguil-o, outros desfechavão-lhe um golpe que resvalava pela agua, estes afastavão-se para livrarem-se da furia do prisioneiro, e assim prolongou-se o combate até que possuido de enthusiasmo, agrupou-se a marinhagem, agarrou o peixe á mão, e por um cabo suspendeu-o verificando-se ter seis pés de comprimento e cinco de circumferencia na maior grossura.

Grande concurso de povo assistio e applaudio esta scena de bravura dos marinheiros, que alegres e reunidos forão, carregando os despojos, offerecer ao ministro da marinha ; agradeceu este a delicada offerta, mas não aceitou-a, e para os preparos do môlho fez um generoso donativo á guarnição que, ao som de ruidosos vivas, saboreou o monstruoso peixe apanhado em secco.

No mesmo lugar oito mezes depois houve não uma scena de alegria e contentamento, porém um acontecimento funesto e desastroso.

A's 11 horas da noite de 7 de junho de 1862 cedendo a porta do dique sob o peso das aguas, e precipitando-se estas como uma catadupa, arremessárão o vapor de guerra *Viamão*, que estava em concerto, de encontro a parede do fundo do mesmo dique ; o barco quebrado, desconjunctado, vergado como um arco, recuou e veio pousar sobre a porta que o mar arrastára comsigo ; da guarnição ficarão feridas cinco praças das quaes tres levemente. Um bote, que estava amarrado perto da porta, foi arrojado para dentro do dique, perecendo um preto que dormia dentro ; e tal foi o impeto das aguas a lançarem-se no vazio da rocha repentinamente aberto, que o patacho *Conde II* ancorado defronte da entrada a tomar lastro, garrou e foi bater de encontro á ilha, despedaçando o gurupés e parte da borda falsa.

No dia 9 o Imperador visitou o dique, e dirigindo-se ao hospital de marinha, deixou 20$000 para cada uma das praças feridas por occasião do sinistro do vapor Viamão.

Preparada uma nova porta de madeira continuou o dique a pres-

tar uteis serviços á marinha. Deu o aviso de 27 de outubro de 1863 instrucções para o serviço do dique, que sendo considerado como dependencia do arsenal de marinha, está sujeito ao regulamento e disposições fiscaes deste estabelecimento.

Medindo pouco mais de 300 pés de comprimento não tinha o dique a capacidade necessaria para receber os navios de maiores dimensões que frequentavão o nosso porto.

Considerando este inconveniente e o incremento da marinha nacional, que tende a augmentar seus armamentos e a tonelagem de seus vasos de guerra, mandou o ministro da marinha, conselheiro Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo, accrescentar mais 120 pés no comprimento do dique, guardando todas as outras proporções.

Caminha esta obra com celeridade e breve ficará concluida, dotando o porto do Rio de Janeiro com uma das construcções mais grandiosas e mais uteis ao material fluctuante da armada imperial e da marinha mercante.

Excavado na rocha viva ao norte da ilha das Cobras terá o dique imperial, quando concluido 420 pés de comprimento, 92 de largura na parte superior e 30 no fundo, 33 de profundidade; o calado medio é de 28 pés, o minimo de 23 e o maximo de 29 1/2. O esgoto é feito por meio de um tunel que, communicando com um poço seis pés abaixo do dique, onde estão as bombas, facilita que elle a todo tempo fique inteiramente secco.

A sua entrada é de 70 pés, dimensão superior a de qualquer outro construido até hoje; os lados são curvos para acompanharem a forma da embarcação, que tem de entrar no recinto, apresentando em toda a extensão degráos que servem não só para escorar-se a embarcação posta a secco, como tambem formão escadas para o serviço dos operarios. Além desses degráos tem dous corredores em todo seu sentido longitudinal e dous grandes vãos, que o tornão especialmente proprio para receber vapores de rodas. Estas ultimas particularidades, que não têm sido desempenhadas em nenhum outro dique, forão admittidas pelo engenheiro Law.

Toda a obra foi feita a picão sobre a rocha, sendo o unico exemplo dessa especie; existem, é certo, diques construidos em rocha, porem feitos em uma excavação sobre pedra de qualidade inferior, que depois

é revestida com cantaria de outra pedra de melhor natureza e resistencia.

O pegão, ao lado do mar, foi feito de cantaria desde 25 pés abaixo da superficie do mar, por haver se encontrado inesperadamente uma caverna, que em posição em que se calculava haver 15 pés de rocha solida, deixou entrar a agua, sendo na maior parte devida a esta circumstancia a demora havida na conclusão da obra, e tambem algum prejuiso que consta ter soffrido o engenheiro.

O machinismo do esgoto consta de duas bombas de força de 40 cavallos com 2 e 1/2 pés de diametro e 9 de jogo; os nabos são de bronze massiço, metal que foi preferido ao ferro, que facilmente se oxida, as caldeiras que servem de môtor ás machinas são duplas e da força de 30 cavallos cada uma; a porta é um porta-caixão, que se enche d'agua quando se trata de fechar essa extensa cava de pedra.

Deve exceder a mil contos o custo total desta grande obra, o que não deve admirar, pois taes construcções são muito despendiosas e de difficil e demorada execução, mas quando terminada terá a capital do Imperio um dique com capacidade para receber os maiores navios.

Reconhecendo a vantagem que á marinha de guerra e mercante, nacional e estrangeira podem prestar essas construcções, contratou o governo, antes da conclusão do dique imperial, outro dique parallelo ao primeiro para o serviço de embarcações menores, e por isso de dimensões inferiores áquelle.

Encarregou-se da obra o engenheiro Law que, por contrato de 10 de abril de 1861, obrigou-se a concluil-a em quatro annos mediante o preço de 850:000$000, devendo ter o novo dique 225 pés de comprimento, sobre 25 de profundidade e 50 a entrada; e mediando entre os dous diques um espaço de 60 pés de largura, na extensão de 300 para construirem-se ahi os edificios de deposito e preparação de madeiras, que forem empregadas no concerto das embarcações, que nelles entrarem.

Em maio de 1861 começou a obra, mas apresentando o engenheiro propostas para alterar as proporções primitivas com elevação do preço do contrato, e não sendo aceitas pelo governo, suspendeu a construcção em 7 de abril de 1865. Seguio-se entre o governo e o

contratante um litigio que terminou pela ruptura do contrato conforme a decisão de juizes arbitros.

Dando outras proporções ao segundo dique, contratou o ministro da marinha, conselheiro Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo, não só o prolongamento do dique imperial como a conclusão do segundo com os engenheiros Dr. Brasilio da Silva Barauna e Augusto Teixeira Coimbra ; assignou-se o contrato em 5 de abril de 1872, pelo qual obrigou-se o governo a pagar aos empreiteiros pelas obras, apparelhos e serviços contratados, a quantia de 1,350:000$000.

Encetadas as obras comprarão-se para demolir diversos predios da rua do Dique afim de haver espaço para as novas construcções da marinha, e tendo de dar promptos os trabalhos no prazo de quatro annos da data do contrato, apressarão-se os empreiteiros na arrebentação e remoção da pedra, e na abertura da cava ; em 24 de janeiro de 1874 transferirão o contrato da construcção do segundo dique a Joaquim José de Souza Imenes e José Marcellino Pereira de Moraes, que conseguirão em pouco tempo a conclusão da obra.

Em 22 de setembro desse anno realizou-se a abertura da porta, tendo-se cavado para esse fim na parede de granito, que impedia a entrada do mar, tres minas que forão cheias com 800 libras de polvora, cuja explosão produzio o completo rompimento dessa parede, sem que se désse o menor incidente.

Em 10 de outubro inaugurou-se o segundo dique com o nome de Santa Cruz.

A' 1 hora e 15 minutos da tarde em um altar preparado no fundo do dique procedeu-se a benção dessa grandiosa construcção em presença do Imperador, dos ministros da marinha, fazenda e agricultura, de generaes da armada e altos funccionarios civis ; sobre a borda do monumento estava de um lado o batalhão naval postado em continencia, o do outro viño-se familias e pessoas da mais alta gerarchia social.

Era um espectaculo imponente ; em uma cava profunda, aberta na rocha viva, lavrada com todas as regras e bellezas da arte, o sacerdote pedia a benção e a protecção de Deus para essa obra humana.

O Imperador, seus ministros e cortezãos ufanavão-se e se gloriavão pela conclusão de tão grandioso artefacto, e todos os convidados absortos admiravão o esforço humano, e contemplavão o monarcha no leito do abysmo e Deus na altura do infinito.

Finda a ceremonia da benção e retirado o altar, abrirão-se as valvulas da porta-batel, e a agua do oceano que comprimia esta contra os batentes da entrada do dique, fechando-o quasi hermeticamente, atravessando compartimentos até então estanques, precipitou-se em catadupas sobre a cava, que em duas horas ficou com o mesmo nivel d'agua do exterior.

Durante este espaço de tempo os emprezarios offerecerão ao Imperador e aos convidados uma profusa e delicada refeição em uma mesa de 150 talheres preparada no edificio destinado para a casa da machina do esgoto dos diques.

Collocado entre os dous diques o Imperador e convidados, emquanto apreciavão os manjares de delidado sabor e os vinhos mais superfinos, assistião aos trabalhos que simultaneamente se executavão nas duas cavas de pedra; em uma para a entrada do vapor Ceará que alli ficou encerrado afim de receber os reparos necessarios, na outra para o alagamento que produzia o ruido semelhante ao da agua que se precipita das cascatas; era uma scena grandiosa, uma luta que parecia travada entre a obra do homem e o oceano que como procurava destruir o que estava feito.

Pouco depois das quatro horas da tarde retirárão-se o Imperador, os ministros e convidados, entregando nessa occasião o ministro da marinha ao engenheiro Cunningham o decreto que o nomeava cavalleiro da Rosa. Quinze minutos depois fluctuava a porta-batel deixando completamente franca e desembaraçada a entrada do dique, que não recebeu a canhoneira *Forte de Coimbra*, como estava determinado, por estar já avançada a hora para essa manobra.

Abre-se este dique como já dissemos, parallelo ao primeiro, do lado do sul; é tambem excavado em rocha viva, que é de tal consistencia e homogeneidade neste lugar que além dos tres elementos proprios do granito, contem ferro em quantidade a garantir eterna duração á esta obra, não havendo fendas nem extractos no leito por onde mine agua; as faces lateraes acompanhão, tanto quanto é possivel, a fórma do casco do navio; ha de cada lado quatro banquetas, nas quaes excavarão-se tres escadas, e uma á prôa; tem oito moirões de espias, dous cabrestantes para ajustamento da porta, quarenta e tres picadeiros, e as seguintes dimensões: comprimento 258,5 pés, boca na

bacia 70 pés, largura no fundo 35, altura 28, canal da entrada 55, e secção do fundo no canal da entrada 30.

A porta bi-convexa, construida segundo o plano e systema do distincto constructor Trajano Augusto de Carvalho, tem quatro secções horizontaes á prova d'agua, offerecendo a vantagem de qualquer das faces servir para o encerramento do dique ; o tunel de esgoto com adufas de ferro tem de altura 7 pés.

Entre os dous diques ha um espaço conquistado á montanha, onde levanta-se um edificio de cantaria rustica, com um tecto metallico, de fórma inteiramente nova, applicado pela primeira vez pelo engenheiro Law ; é o deposito do machinismo que deve esgotar em tres horas os dous diques simultanea ou parcialmente conforme as necessidades do serviço.

Em uma das paredes dessa casa de pedra está gravada a seguinte inscripção :

Dique Santa Cruz.
10 de outubro de 1874
35° do Reinado do Senhor D. Pedro II
Sendo Ministros
O conselheiro J. J. Ignacio que o começou em 1861.
O conselheiro M. A. Duarte de Azevedo que o coutinuou em 1872
O conselheiro Joaquim Delfino R. da Luz que o concluio em 1874.
Engenheiro fiscal
J. de S. Mello e Alvim
Empreza
Engenheiro Robert G. Cunningham
J. José S. Imenes e J. Marcellino P. de Moraes

Regem o segundo dique as mesmas instrucções applicadas ao primeiro.

Inaugurados estes diques satisfez o governo ás necessidades actuaes da marinha, facilitando os meios para reparos e concertos dos pequenos e grandes navios.

Além dos diques Imperial e Santa Cruz, ha na ilha do Mocanguê (1), que o governo comprou por escriptura de 1 de fevereiro de

(1) Ha nesta ilha uma mortona feita pelo habil constructor da armada Napoleão Level.

1860 a José Joaquim Teixeira e sua mulher, o dique chamado do *Commercio*, construido por iniciativa particular sob a direcção do engenheiro Robert Cunningham e inaugurado em 25 de novembro de 1867 em presença de Suas Magestades, da princeza imperial e seu esposo, dos ministros da marinha, agricultura, justiça, guerra e de muitas pessoas gradas.

Depois de haver o Imperador visitado todas as obras, fez a ceremonia da benção o vigario capitular monsenhor Felix Maria de Freitas Albuquerque, e findo este acto abrio-se a valvula que dá entrada a agua para o dique, no qual veio recolher-se o vapor brazileiro *Jaguaribe*, que para esse fim se achava galhardamente embandeirado em arco.

Emquanto se removia a porta para dar entrada ao vapor, e era de novo collocada, para funccionar a machina que devia fazer o esgoto, servio-se ás pessoas imperiaes, em um salão improvisado, um delicado lunch ao som da musica do batalhão de artilheria. Nessa occasião tomou a palavra o conselheiro Liberato Barroso, e mencionou a importancia da obra que se inaugurava, os favores que prestaria ao commercio no reparo de seus navios; o que até então era bastante difficil em consequencia de haver um só dique pertencente á nação, o qual poucas vezes podia prestar-se ao serviço particular, por ter de attender antes ao do governo. O proprio vapor Jaguaribe que ia a concertar, havia dezoito mezes que precisava desses reparos sem poder faze-los. Terminou a festa depois das quatro horas da tarde.

Produzio o dique imperial uma renda liquida de 392:792$500 em 1875, e no mesmo anno rendeu o dique Santa Cruz 275:687$450.

Se a nação fez avultadas despezas com a construcção de seus diques, tem colhido immensas vantagens, e poupado enormes sommas com a conservação e reparo de seus navios; tem até auferido rendimentos superiores aos juros razoaveis do capital despendido. Se taes obras absorvem em sua construcção elevadas quantias, prestão valiosos e continuados serviços ao Estado, á navegação e ao commercio, pelo que existem em todos os portos importantes do globo, e esforção-se os engenheiros em aperfeiçoar os diversos systemas dessas construcções.

Antes da obra dos diques toda a embarcação da marinha nacional, que carecia de algum concerto no fundo, soffria a operação da

querena, que principalmente nos vapores é mui despendiosa e causa avarias no proprio navio, ou era despresada no surgidouro, rareando-se assim os vasos da esquadra, e ficando copiosamente lesado o Estado. A construcção dos diques veio sanar estes males e não só satisfazer uma necessidade da marinha de guerra e mercante, como cumprir um dever de reciprocidade para com as nações, que entretêm relações politicas e commerciaes com a nossa, as quaes se nos emprestão taes estabelecimentos, devem tambem acha-los quando demandão nosso porto.

Era de lastimar que nesta bahia uma das mais bellas, amplas e segûras não houvesse semelhantes obras para o concerto de navios, necessarias ao augmento das forças navaes, ao desenvolvimento das communicações maritimas; porém hoje já podemos dizer que o nosso porto, tão bom como os primeiros do mundo, possue excellentes diques, que são monumentos, maravilhas da arte e obras que, apezar de construidas pela mão do homem, se podem chamar eternas.

XV

PRAÇAS DE MERCADO

Até 1834 a cidade do Rio de Janeiro não teve praça de mercado; vendião-se nas praias e nos largos, ou apregoavão os bufarinheiros pelas ruas os legumes, cereaes, aves, hortaliças, fructos e outros generos.

Da esquina da rua chamada mais tarde do Mercado até a alfandega havia a praia denominada do Peixe por se acharem ahi as bancas onde vendia-se o pescado; erão barracas de madeira, cobertas de telha, porém construidas sem ordem, nem symitria.

Depois de haver calçado o largo do Palacio, hoje praça de D. Pedro II, erguido o chafariz, e concluido o caes, ordenou o vice-rei Vasconcellos que se reedificassem com regularidade essas barracas entre as quaes havia a do dizimo, assim chamada porque do peixe que trazia era obrigado cada pescador a dar certa porção para a banca do contratador do dizimo, que, vendendo o pescado mais barato, attrahia muita concurrencia de freguezes.

Em 1821 Manoel Antonio Coelho, contratador do dizimo do peixe, annunciou que ia collocar vigias nas diversas praias da cidade por lhe constar que muitas pessoas empregadas na pescaria ião vender o peixe em differentes lugares sem haverem pago o competente dizimo, e que toda a pessoa que fosse encontrada a vender peixe em qualquer lugar que não fosse na praia, onde era costume, lhe seria arrecadado e remettido á banca do dizimo para ser vendido por conta

do apprehensor e do contratador. A portaria de 4 de maio de 1824 ordenou que os administradores do dizimo do pescado fossem auxiliados por um destacamento de soldados para evitar as graves difficuldades que soffrião dos collectados.

Era, pois, difficil aos pescadores escaparem do dizimo; uma lei, porém, acabou com esse imposto que opprimia uma classe geralmente pobre.

Estando mui arruinadas as bancas do peixe, e havendo necessidade de um mercado onde se expuzessem a venda, além do peixe, outros generos, resolveu a camara municipal construir em 1834 uma praça de mercado, e ao architecto Grandjean encarregou do desenho do edificio, ficando a inspecção da obra sob a direcção do vereador Manoel Teixeira da Costa Silva.

Erão vereadores nessa época: Francisco Gomes de Campos, depois barão de Campo Grande; Francisco Alves de Brito, José Fernandes da Torre, Francisco Ferreira de Assis, Manoel Teixeira da Costa Silva, João Pedro da Veiga, Estevão Alves de Magalhães, Manoel Lopes Pereira Bahia, depois visconde de Mirity, e Felippe Nery de Carvalho.

Em 1835 estava concluida a parte do edificio que olha para a praça de D. Pedro II, da qual obteve a camara o rendimento de 2:366$500 no anno financeiro de 1835 a 1836.

Em 1839 deu-se principio a outra parte do mercado, encarregando-se da obra o engenheiro João Vicente Gomes, que interiormente deu architectura diversa ao mercado, não collocando portas para o largo central; mas depois da reforma que soffreu esse edificio em 1870 a 1871, abrirão-se portas de ambos os lados.

Em setembro de 1841 estava todo o mercado concluido, tendo a municipalidade despendido nessa obra 170:396$073.

Em 1869 foi arrendado por 9 annos ao tenente-coronel Antonio José da Silva que em 1870 a 1871 levantou um segundo pavimento sobre todo o edificio.

Collocado na praça de D. Pedro II entre a rua do Mercado e a praça das Marinhas, estende-se o edificio do mercado até a rua do Ouvidor; é quadrangular e de dous pavimentos, occultando um attico o telhado. A face voltada para a praça de D. Pedro II apresenta um portão central corôado por um frontão recto, lendo-se no friso o

tico :— *A Camara municipal a mandou fazer em 1835.*— Sobre o ablamento ha em um oval a inscripção :—*Praça de Mercado.*

Lateralmente ha oito portas de archivolta no primeiro pavimento, quaes outr'ora, assim como as das outras faces, erão fechadas n muro até certa altura, porém em 1871 abrirão-se dando mais gancia ao edificio. Ha no segundo pavimento oito janellas rasgadas, verga direita, tendo entre os vãos grades de ferro.

E' igual á esta a face que olha para a rua do Ouvidor, só diffe- içando-se no distico acima do portão, o qual diz :—*A Camara Mu- ipal de* 1839

Tambem no tympano do frontão vê-se escripta a data 1870 em z de 1871, que está na outra face.

São de igual architectura as alas que olhão para a rua Mercado e praça das Marinhas ; não tem, porém, inscripção ıuma, e nos corpos lateraes ha onze portas no primeiro pavimento onze janellas no segundo.

Interiormente é o mercado lageado de cantaria, tendo uma rua ıe acompanha as faces e communica-se em frente dos quatro portões m o largo central, onde ergue-se um lindo chafariz todo de grani- , formado por uma bacia da qual nasce um corpo arredondado com ıatro columnas salientes sustentando uma base quadrangular com ıatro espheras na parte superior, sobre as quaes levanta-se uma ramide ; tem no apice um ouriço de metal, e grudados ás faces) corpo que serve-lhe de base quatro golphinhos, tambem de metal, ıe vomitão agua na bacia. A cantaria do chafariz foi preparada na ısa de Correcção e os golphinhos forão feitos pelo artista João Josó ; Araujo.

O sobrado que circula o edificio une-se com o que circula o rgo central por meio de passadiços.

Cada quitandeira que queria ter no largo um taboleiro pagava ou- 'ora 60$000 annualmente á municipalidade, mas hoje não sabemos ıal o aluguel, por estar o edificio, como já dissemos, em mãos par- culares. Havia 112 cubiculos, e hoje contão-se 157 occupados por liversos ramos de negocio.

Fechão-se os portões ás 10 horas da noite e abrem-se ao rom- er do dia ; guardas especiaes pagos pela camara municipal fiscalisão mercado que está sob a jurisdicção do fiscal da freguezia da Can-

delaria : outr'ora não era permittido haver fogo nos cubiculos, porém acabou essa prohibição por se responsabilisarem os locatarios pelo seguro do fogo.

Construido o mercado junto á praça preparou-se um pequeno caes com alguns degráos de pedra que as ondas lavavão continuamente atirando a agua ao interior do edificio, mas em consequencia dos grandes aterros para o novo cáes construido pelo governo, afastou-se o mar deixando uma grande praça chamada das Marinhas, entre o mercado e o novo caes, na qual armavão-se barracas de panno sustentadas por varões de ferro, que erão recolhidas ás 3 horas da tarde, ficando o logradouro publico limpo e desimpedido. Nessas barracas, cujo aluguel era de 100$000 annuaes, vendião-se legumes, cereaes, hervas, fructas, ovos, aves, comidas, lenha, carvão e outros generos ; mas em 1871 permittio a camara que se levantasse ahi um grande barracão coberto de telha, onde pernoita muita gente, accumula muito povo quer de dia quer de noite, impedindo o transito e contribuindo para contendas e desordens, além do damno que soffrem a hygiene e a decencia publica.

Em uma cidade de clima como o do Rio de Janeiro, e onde ha poucas praças, admira ver a municipalidade inutilisar os logradouros sem attender á salubridade e commodidades publicas, só para addicionar alguns algarismos mais ao seu orçamento.

E' elegante o cáes construido em frente do mercado, tem rampas e escadas para embarque e desembarque, uma doca onde entrão os barcos, falúas, botes e canôas que trazem generos á cidade, e uma rampa sobre a qual se collocão a secco as canôas de pescaria ; mas tão importante obra é pouco apreciada por estar obstruido o largo que fica-lhe fronteiro. Se em vez desse barracão informe e acaçapado houvessem as antigas barracas que erão retiradas á tarde, arvores de sombra e bancos, teria o povo mais esse lugar de recreio, ganharia a cidade em salubridade, e agradavel e pittoresca seria a vista do mercado do lado do mar.

Ha grande concurrencia e movimento de povo não só no recinto do mercado como tambem na praça das Marinhas, e a mistura das differentes classes da população, a desordem que parece haver entre vendedores e compradores, a reunião de homens, mulheres, meninos e escravos que ou se recreião ou vêm em busca da variedade de pro-

dactos que ahi se encontrão é um espectaculo curioso e caracteristico dos costumes do paiz.

Reconhecendo a camara municipal a necessidade de construir outro mercado em bairro differente, projectou edificar um na praça da Harmonia, antigo logradouro da Saude; preferindo, porém, realizal-o por meio da empreza que offerecesse maiores vantagens. Approvou o governo a idéa, e autorisou a camara a contratar a construcção com o cidadão Lazaro José Gonçalves Junior, que para esse fim incorporou uma companhia em 27 de dezembro de 1854 com o capital de 200:000$000, denominada empreza municipal.

Obrigou-se o emprezario a edificar em dous annos uma praça de mercado, gozando do uso-fructo della por espaço de vinte annos, findos os quaes deveria reverter para o patrimonio da municipalidade sem o menor onus ou despeza de seus cofres. O governo approvou o contrato e os estatutos.

A's 5 horas da tarde de 9 de janeiro de 1855 lançou-se a primeira pedra do edificio, de cujo desenho encarregou-se o architecto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, e correndo rapida a construcção, em dezoito mezes estava concluida. Em 15 de julho de 1856 principiou a funccionar, e em 9 de janeiro seguinte começarão os vinte annos de uso-fructo.

Construido na praça da Harmonia entre a rua da Saude e o mar mostra este mercado na frontaria um corpo central mais saliente com um portão, um frontão recto, no tympano as antigas armas da cidade e no friso o distico :—*A Camara Municipal de 1855*.

Ha em cada corpo lateral seis portas de archivolta.

E' semelhante á esta a face opposta e as outras duas só differem em ter cinco portas em cada corpo lateral; um attico enfeita o telhado. Ha perfeita harmonia e semelhança no prospecto das quatro alas desse edificio de solida construcção e de archictetura simples; e seria elegante se tivessem seguido fielmente o risco do architecto; porém, ou por economia ou por julgar o pedreiro que devia alterar o plano da obra, desprezarão-se certos ornatos e construcções de aformoseamento.

Eis por que apresentão nossos edificios mescla absurda de ornatos, fóra das linhas e proporções da arte, tornando-se difficil ás vezes decifrar sua architectura,

Os quatro portões dão entrada no recinto da praça, em cujo centro ha um largo calçado com parallelipipedos, e ornado com um chafariz de pedra formado por uma bacia com um corpo arredondado no centro, o qual serve de base á uma columna que sustenta as armas da cidade, trabalhadas em metal, tendo na base quatro torneiras. Os portões não têm grades, os sessenta e oito cubiculos ou têm portas para o largo ou para as ruas circumvisinhas; o mercado é illuminado a gaz, está aberto dia e noite; junto ao mar tem uma ponte de madeira construida pela municipalidade, porém poucas barracas occupão o centro e nem todos os cubiculos são casas de negocio, servem alguns de moradia; não havendo aqui o commercio e o movimento que ha no mercado da praça de D Pedro II, todavia é um edificio importante, e merece louvores a camara, especialmente o vereador Jeronymo José de Mesquita, que interessou-se pela execução desse melhoramento publico, do qual colherá a municipalidade em competente tempo avantajado rendimento.

Em sessão de 17 de janeiro de 1855 os vereadores Haddock Lobo, Mesquita e Lima Nogueira propuserão se construisse um cáes de desembarque publico na Gloria, e se désse regularidade á praça do mesmo nome, elevando-se ahi um mercado; approvada unanimemente a proposta, porém faltando á camara recursos para executal-a, o Dr. Ignacio de Barros Vieira Cajueiro organisou uma companhia sob o titulo de — Praca da Gloria — com um capital de 500:000$000 divididos em 2,500 acções de 200$000 cada uma, destinada executar esses melhoramentos. O governo approvou os estatutos da companhia em 19 de março de 1856.

O Dr. Vieira Cajueiro tomou de empreitada pela quantia de 500:000$000 a construcção do cáes e do mercado e no fim de dous annos e meio devião estar concluidas essas construcções, cedendo-lhe a camara por aforamento perpetuo os terrenos da marinha existente no lugar. O architecto Bethencourt da Silva apresentou o desenho e plano do edificio que foi construido pelo mestre Vicente Rodrigues, assim como o cáes, ficando as obras terminadas no praz marcado.

Edificado na praça do mesmo nome é o mercado da Gloria qu drangular, tendo em cada face um portão corôado por um front recto, lendo-se no tympano — *P. G. 1858*, e em cada corpo later

abrem-se doze portas no primeiro pavimento e doze janellas no segundo, vestindo um attico o telhado.

Para se poupar dinheiro, por ser a obra de empreitada, desprezarão-se certas regras e preceitos da arte ; assim não fizerão o escudo e corôa nacional que o architecto desenhara sobre cada portico para quebrar a monotonia da linha superior ; derão á construcção menos altura e o mestre pedreiro enchen o tympano com um emblema de muito máo gôsto.

De cada portão começa uma rua que vae ter ao largo central, havendo outra que circula as faces ; ha no centro um lampeão de gaz em vez de um chafariz como desenhára o artista, o calçamento é de parallelipipedos, e o cáes é de rampa e bem construido.

Se ha pouco movimento no mercado da praça da Harmonia, não ha nenhum no da Gloria ; em seu recinto não se vê uma barraca de quitanda, poucos cubiculos estão occupados por negociantes ; servem quasi todos de habitação a familias pobres ; assim quem ahi penetra não pensa estar em uma feira, em um logar de commercio ; parece pois que converia dar outro destino á essa casa transformando-a em quartel ou em outra qualquer cousa apropriada á sua construcção.

XVI

FABRICA DO GAZ

Até o vice-reinado do conde de Rezende a cidade do Rio de Janeiro não teve illuminação.

Diante dos nichos que ornavão as esquinas das ruas accendia-se de noite um candieiro de azeite ou uma vela de cêra, e essas luzes collocadas em frente das imagens pela fé e devoção do povo constituião a unica illuminação da cidade ; afastavão as trévas mostrando aos transeuntes o caminho, e indicavão as imagens veneradas pelos devotos ; era, porém, espessa a escuridão onde a fé religiosa não chegára para erguer nichos, cujas luzes allumiassem os santos e os individuos.

Naquelles tempos o povo recolhia-se cédo ; ao anoitecer fechavão-se quasi todas as casas, havia limitado numero de lojas de commercio, e sendo as ruas tortuosas, estreitas, sem calçamento, nem illuminação tornava-se perigoso o transito nocturno, especialmente nas ruas em que não havia os lampeões dos nichos. Além disto erão estes nichos collocados em espaços longos, pequena e fraca a luz que sobre elles reflectia, e assim vê-se que muito irregular e mui pouco clara devia ser semelhante illuminação.

Quem tinha escravos mandava algum com um archote allumiar o caminho ; porém o pobre caminhava na escuridão, sem guia, sem luz, receioso de cahir em algum atoleiro ou de encontrar má companhia nas trévas.

Apezar do augmento que tivéra a cidade, abertas novas ruas ao transito publico, e de mais agglomeração de habitantes não pensavão o governador e o senado da camara em estabelecer a illuminação publica ; ou talvez pensassem, porém as economias do governador da colonia e os redditos da camara erão enviadas para Portugal que cada anno cuidava em sugar de sua colonia maior somma. Ainda mais : era o governo absoluto e nunca ouvimos dizer que tal systema de governação seja apologista da claridade.

Nas trevas continuou sepultada a cidade do Rio de Janeiro até o governo do conde de Rezende que, apezar de odiar as *luzes*, de receiar-se do reflexo das associações litterarias, mandou accender alguns lampeões em certas ruas ; o que foi já um melhoramento. Assim se da administração desse sombrio e rancoroso fidalgo recebeu o povo alguma cousa util, entre os beneficios deve-se mencionar o da illuminação parcial iniciada nesta boa cidade.

Se foi inimigo da luz radiante e clara da civilisação, permittio esse fidalgo a seus subditos a luz mofina e bassa do azeite de peixe.

Nos vice-reinados seguintes foi melhorando o serviço da illuminação, estendeu-se a outras ruas e comprehendeu maior perimetro e extensão.

Mudada a côrte portugueza da Europa para a America e collocado no palacio dos vice-reis, em vez de uma cadeira, um throno, cuidou-se em dotar a afortunada cidade com os melhoramentos necessarios para tornal-a digna residencia do monarcha portuguez. Entre outras medidas uteis veio a do augmento da illuminação que comprehendeu quasi toda a cidade.

Em 1811 estabelecerão-se impostos em diversas capitanias, applicando-os para a illuminação da côrte, até que appareceu o decreto de 8 de novembro de 1827 destinando as contribuições que se arrecadavão nas capitanias para a illuminação da côrte á das respectivas capitanias; assim deixou a metropole de absorver a seiva das provincias para alimentar seus lampeões de azeite.

Estava a illuminação a cargo do intendente geral da policia, mas a lei de 1 de outubro de 1828 incumbio ás camaras municipaes esse

serviço e a lei de 15 de dezembro de 1830 mandou entregar á municipalidade os fundos necessarios para as despezas da illuminação que melhorou e percorreu a cidade; e a lei de 8 de outubro de 1833 decretou o augmento de cem lampeões aos já existentes.

Era, porém, assás imperfeito esse serviço ; os vidros dos lampeões embaciados e turvos reflectião a luz amortecida e avermelhada do azeite ; accendião-se e apagavão-se cêdo os lampeões; os accendedores erão escravos que dormião ao relento, na calçada, bezuntados de azeite e carvão ; quando a folhinha annunciava luar, ainda que a noite se apresentasse escura e negra, não apparecião os lampeões, conservavão-se apagados e a cidade sepultada em trevas porque ninguem queria saber se a lua tinha querido apparecer ou não.

Necessitava de uma reforma tão defeituoso systema de illuminação, muito deficiente para uma capital já extensa e populosa.

Em 1834 teve o senado de deliberar sobre uma resolução da camara dos deputados em que se autorizava o governo a contratar com o engenheiro D. José Guasque, ou qualquer outro individuo ou companhia, a illuminação a gaz e a limpeza da cidade. O decreto de 9 de maio desse anno concedeu á companhia que Carlos Grace e Guilherme Glegg Gover pretendião formar o privilegio exclusivo da illuminação da cidade e seus suburbios por meio do gaz pelo tempo de vinte annos (1).

Mas tão util melhoramento não realizou-se não só por julgar-se perigoso semelhante systema de illuminação, como tambem por não se acreditar em sua efficacia ; pois certo desembargador do Rio de Janeiro, sendo informante de uma provisão de privilegio de illuminação a gaz, informou que o pretendente era um impostor por dizer que era luz sem torcida.

Na opinião desse juiz togado não podia haver luz sem o grosso pavio de algodão afogado no azeite ; e assim continuarão os lampeões enfuscados em azeite de peixe do tempo dos vice-reis.

A lei de 26 de setembro de 1840 augmentou com mais cem lampeões a illuminação da capital, que desde 21 de outubro de 1843 ficou ao cargo do ministerio da justiça, e por aviso de 26 de outubro de 1861 passou para o ministerio da agricultura, commercio e obras publicas.

(1) Veja o Jornal do Commercio de 21 de maio de 1834.

Desejando o governo melhorar o serviço da illuminação, substituindo a luz do azeite pela do gaz, annunciou em 1849 que recebia propostas para a introducção desse melhoramento no paiz.

Apresentárão-se diversas propostas sendo preferida a de Irineo Evangelista de Souza, hoje visconde de Mauá, por ser a mais vantajosa ; e em 11 de março de 1851 assignou o contrato da illuminação a gaz o ministro Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, que ligou á esta e á outras cousas de utilidade publica seu nome de grata e saudosa recordação.

Irineo Evangelista de Souza, do qual daremos um esboço biographico nas paginas seguintes, organizou uma companhia com o capital de 1,200:000$000 para realizar a empreza de que se incumbira, e no anno seguinte mandou aterrar o lugar em que se devia levantar a fabrica, o qual era alagadiço, no que se consumirão milhares de carroças de barro ; deu começo ao edificio, e apressou-se em contratar na Europa engenheiros e machinistas para montarem o estabelecimento.

A febre amarella que invadio a cidade em 1850, e arrebatou para os cemiterios tantos centos de pessoas, continuou nos annos seguintes mais enfraquecida, porém ainda roubando muitas victimas, especialmente entre os que não estavão aclimatados no Brazil ; raro era o estrangeiro que não soffria o contagio, e raro era o que sendo affectado se restabelecia. Chegárão em 1852 onze machinistas para a fabrica do gaz, e atacados do vomito preto, dez fallecerão em tres mezes, o que produzio graves embaraços á empreza que não despendia menos de 600$000 com cada um machinista contratado para o Rio de Janeiro.

Novos males vierão empecer o adiantamento das obras ; succederão-se chuvas torrenciaes que inutilisarão os aterros, e abaterão e destruirão algumas construcções em começo ; todavia era preciso cumprir o contrato celebrado com o governo ; a companhia mandou contratar novos machinistas e o engenheiro Guilherme Bragge deu impulso ás obras da fabrica.

O decreto de 25 de maio de 1853 approvou os estatutos da companhia, e em 25 de março do anno seguinte os raios da luz do gaz resplandecião pela primeira vez em algumas ruas da cidade ; a praça de D. Pedro II, as ruas do Ouvidor, Rosario, General Ca-

mara, S. Pedro e Primeiro de Março forão as primeiras que tiverão lampeões de gaz.

Percorrendo de noite essas ruas ficou o povo deslumbrado, e era só essa a observação que se ouvia. — Como tanto tempo esteve a cidade privada deste melhoramento!

Mui sensivel pareceu a todos o contraste da nova illuminação com a antiga, porque se as ruas alumiadas com os novos lampeões estavão claras, deslumbrantes, as dos lampeões de azeite mostravão-se escuras, quasi em trevas; a luz brilhante e intensa do gaz tornava mais frouxa e desmaiada a do azeite; nas primeiras os lampeões parecião enormes, nas ultimas assemelhavão-se a lamparinas; dir-se-hia que em parte da cidade era dia e em parte era noite.

Em maio de 1854 foi nomeado engenheiro da companhia Guilherme Gilbert Ginty que com sciencia e tino dirigio o estabelecimento até 10 de julho de 1866, em que pereceu victima de um insulto apopletico.

Em 13 de outubro de 1854 celebrou o governo novo contrato com o emprezario, pelo qual estipulou-se a extensão da illuminação a gaz além do primeiro perimetro para substituir a de azeite até onde permittissem os apparelhos existentes. Estendendo-se assim a illuminação além dos limites do primeiro contrato resolveu a companhia, em sessão de 3 de novembro, emittir mais mil acções para serem distribuidas aos accionistas na razão de uma acção para cada quatro das primitivas, e por aviso de 15 do mesmo mez marcou o governo a distancia que devião guardar os lampeões posteriormente collocados, sendo no primeiro perimetro o minimo de 15 braças e o maximo de 20, e no segundo o minimo de 20 e o maximo de 25.

Em 1855 mostrou-se menos clara e viva a luz do gaz, a imprensa censurou esse defeito e os periodicos glosarão o seguinte motte que se tornou popular :— *O gaz virou lamparina.*

Autorisara o decreto de 3 de novembro desse anno augmento do fundo social, e usando de semelhante autorisação concedida por decreto de 24 de abril de 1858 deu a companhia novo augmento a seu capital. O decreto de 20 de julho de 1861 approvou para fiscalisação e regimen do serviço da illuminação as instrucções seguintes :

«Art. 1.º Haverá um inspector da illuminação para verificar se as condições 5ª e 17ª do contrato de 11 de março de 1851 e mais

aquellas que exigem conhecimentos scientificos para sua verificação são exactamente observadas.

Art. 2.º O inspector da illuminação publica não receberá salario algum, e será escolhido entre as pessoas habilitadas em sciencias physicas e chimicas.

Art. 3.º O chefe de policia é o fiscal geral da illuminação publica, menos na parte a que se refere o art. 1º.

Art. 4.º Sempre que o chefe de policia entender conveniente deverá communicar ao governo para determinar ao inspector da illuminação que verifique se a luz tem o grão de intensidade marcado na condição 5ª do contrato.

Art. 5.º O chefe de policia organisará annualmente uma tabella marcando as horas de accender e apagar os combustores e candelabros publicos, a qual será approvada pelo ministro da agricultura, commercio e obras publicas.

Art. 6.º Ficão supprimidos os lugares de inspectores de districtos e seus respectivos guardas.

Art. 7.º As funcções que erão exercidas por aquelles agentes passão a ser desempenhadas pelos inspectores de quarteirão, subdelegados e delegados.

Art. 8.º As patrulhas devem dar parte dos lampeões que não estiverem accesos nas ruas que percorrerem, e das horas em que o observarem; e estas partes serão diariamente remettidas ao chefe de policia para as tomar na devida consideração.

Art. 9.º As contas da despeza com a illuminação publica serão entregues ao chefe de policia, o qual depois de fazer os descontos provenientes das multas, as remetterá ao ministro da agricultura, commercio e obras publicas, com a anticipação necessaria para que possa verificar-se o seu pagamento nos primeiros cinco dias de cada mez, na conformidade da condição 19ª do contrato de 1851.

Art. 10. A collocação de novos lampeões e candelabros só terá lugar em virtude de ordem do ministro da agricultura, commercio e obras publicas. Palacio do Rio de Janeiro, em 20 de julho de 1861. — *Manoel Felizardo de Souza e Mello.*»

Apresentando em 30 de abril de 1862 novo contrato para a illuminação, que foi approvado em 7 de maio do mesmo anno, obrigou-se o emprezario ás seguintes clausulas:

1.ª A illuminar, além dos bairros da cidade do Rio de Janeiro, que gozão já dessa illuminação, outros que o governo determinar, comtanto que a capacidade e força da fabrica e apparelhos existentes assim o permittão.

2.ª A continuar a estabelecer á sua custa a canalisação geral para o gaz, incluindo os tubos de derivação para os bicos. Os tubos da canalisação geral serão de ferro e perfeitamente unidos entre si, e os de derivação, isto é, os que são destinados a alimentar os combustores, poderáõ ser de chumbo.

3.ª A fornecer, tambem á sua custa, os lampeões e candelabros que mais tiverem de ser collocados nas ruas e praças designadas pelo governo, os quaes serão semelhantes aos que são usados nas principaes cidades da Europa.

4.ª Os combustores da illuminação das ruas forneceráõ uma luz equivalente a nove velas de espermacete de conta, isto é, das que queimão 60 grãos de espermacete por hora.

Os candelabros ora existentes nas praças designadas na condição 4ª do contrato de 11 de março de 1851, e onde mais o governo julgar conveniente collocar, forneceráõ a quantidade de luz correspondente ao numero de combustores nelles collocados.

Fallão as outras condições da distancia que devem guardar os lampeões e candelabros entre si; do modo por que deve ser feita a canalisação; da hora em que se devem accender e apagar os combustores e candelabros; da obrigação que tem o emprezario de pôr até dous accendedores á disposição dos inspectores encarregados pelo governo de vigiar sobre a illuminação; da pressão do gaz; marcão o preço de 27 réis por hora de illuminação de cada um combustor, e pelos candelabros das praças, na proporção do augmento da luz, sendo este preço calculado pelo actual padrão monetario de 4$000 por oitava de ouro de 22 quilates; determinão que os particulares pagaráõ o gaz que consumirem pelo mesmo preço, e na mesma proporção em que paga o governo; que os machinismos, utensis e apparelhos necessarios para as officinas, e bem assim a materia prima para a producção do gaz serão importados livres de direitos, expediente ou qualquer outra taxa, assim como os tubos, combustores e apparelhos de destribuição do gaz, até á quantidade precisa para tornar effectiva a illuminação publica, seu augmento ou substituição; o asseio que deve haver nos apparelhos da

illuminação; as multas em que incorrerá o emprezario se não cumprir as condições desse contrato, que terá vigor por espaço de quarenta annos a contar do dia 25 de março de 1854, em que, em virtude do contrato de 11 de março de 1851, começou a fazer na cidade a illuminação por gaz ; não sendo a ninguem permittido, durante este prazo, a illuminar por gaz as ruas, edificios publicos e casas particulares, dentro do espaço illuminado pelo emprezario ; e finalmente que fica reservado ao governo imperial o direito de fiscalisação tanto na parte especial e scientifica deste serviço, como na que respeita á execução material do contrato, que substituio os anteriores em todas as suas partes. Este contrato não foi approvado pelo poder legislativo.

Em 1864 soffreu a fabrica do gaz prejuizo não pequeno.

Desabando sobre a cidade, em 10 de outubro desse anno, um violento temporal de vento desabrido e chuva de pedra, ficarão as ruas e casas alastradas de pedras de gelo que cahirão prodigiosamente, não deixando intacta do lado batido da chuva nenhuma vidraça ou claraboia ; houve muitos desabes parciaes, cahirão muitas arvores do Passeio Publico, do jardim da praça da Constituição e de outros lugares de recreio; ficarão damnificadas extensas plantações, e inundados os estabelecimentos publicos e casas particulares, arruinando-se muitos generos e objectos valiosos. Muitas pessoas, que se expuzerão á chuva, ficarão feridas ; no mar sossobrarão diversas embarcações, perecendo muitos individuos.

A fabrica do gaz foi um dos edificios mais maltratados pelo temporal ; toda a fabrica ficou alagada na altura de dous palmos, quebrarão-se mil e trezentos a mil e quinhentos vidros das janellas, alem de cerca de vinte mil dos lampeões da cidade; o vento suspendeu dous tectos de ferro e arrojou á rua de S Diogo um pedaço do mesmo metal de mais de cincoenta palmos de largo.

No dia seguinte cobrião a calçada estilhaços de vidro ; as vidraças estavão despedaçadas, as frontarias dos edificios cheias de excoriações como se tivessem soffrido uma descarga de metralha ; havia em muitos lugares grandes depositos de gelo que conservou-se dous ou tres dias, e que servio para se prepararem sorvetes, e vião-se as arvores arrancadas, desgalhadas, sem folhas ou com os ramos e folhagem resequidos como se as tivesse agitado um vento de fogo.

Todos que presenciarão tão medonho espectaculo forão acordes

em dizer que jamais havião assistido a um temporal dessa ordem dentro ou fóra do paiz.

Concedendo a assembiea geral de accionistas autorisação ao barão de Mauá para vender a empreza, effectuou-se a venda no mercado de Londres, em 21 de fevereiro de 1865, á uma companhia que se organisou para esse fim sob o titulo de *Rio de Janeiro Gas Company Limited* com o capital de L. 600,000 divididas em 30,000 acções de L. 20.

Tomou a si essa companhia as vantagens, propriedades, contratos e obrigações da empreza, cujos accionistas receberão por cada acção, e á sua escolha, ou tres acções da nova companhia, ou o seu equivalente de L. 60 em dinheiro. Absorvidas assim 24,000 acções da nova companhia ingleza, as 6,000 que restavão forão entregues ao barão de Mauá pela cessão de todos os privilegios e direitos que lhe competiam como emprezario, e em compensação das despezas da organisação da nova companhia, transferencia e mais gastos inherentes á negociação.

O decreto de 27 de abril de 1865 concedeu autorisação á essa companhia estrangeira para funccionar no Imperio sob as condições seguintes :

1.ª A companhia fica sujeita ás leis e regulamentos vigentes nos actos que praticar dentro do paiz.

2.ª A companhia não dará execução a qualquer reforma dos estatutos que a regem sem prévio consenso do governo imperial.

3.ª Os arts. 5º, 22 e 32 do contrato celebrado com o barão de Mauá, em 11 de março de 1851, serão entendidos do seguinte modo :

Art. 5.º Os combustores da illuminação das ruas fornecerão luz equivalente a nove velas de espermacete de conta, isto é, das que queimão 120 grãos de espermacete por hora, comtanto que em caso nenhum as luzes dos combustores sejão inferiores ás das de Londres ou Manchester.

Art. 22. O emprezario extrahirá o gaz das substancias que o estado actual da sciencia recommenda como mais aptas para obter uma luz brilhante, serena e inoffensiva. E verificando-se no periodo de duração deste contrato aperfeiçoamento ou descoberta vantajosa de outro agente productor de luz, de que possa resultar melhora

mento notavel no desempenho deste serviço, poderá lançar mão delle com prévio consentimento do governo, que poderá fazer acompanhar seu consentimento das condições que lhe parecerem acertadas. E se a luz extrahida pelo processo actual, ou por qualquer outro autorisado pelo governo, fôr reconhecida offensiva, o emprezario pagará multa igual á que pelo art. 26 está sujeito por chamma deficiente.

Art. 32. Todas as questões que se suscitarem na execução deste contrato, entre o governo e o emprezario, serão julgadas pelo mesmo governo, com recurso para o conselho de Estado. As que, porém, apparecerem entre o emprezario e os particulares serão decididas por um arbitro de nomeação do ministerio competente, se a elle recorrerem os particulares, e desta decisão haverá tambem recurso para o conselho de Estado. Este fôro especial é sempre obrigatorio para o emprezario, que sob nenhum pretexto o poderá rejeitar, ficando porém livre aos particulares o direito de recorrerem ao fôro commum, quando assim queirão fazer.

Reunidos os accionistas em assembléa geral, em 2 de maio de 1865, declarou o presidente interino Bartlett James estar effectuada a venda da empreza, e sendo aquelle o ultimo relatorio a apresentar, lembrava aos accionistas a conveniencia de concorrerem com a sua contribuição, que devia ser determinada pela commissão de exame de contas, não só para favorecer o Estado em guerra com o governo do Paraguay, havendo feito cada cidadão um donativo, senão para a fundação de um asylo de invalidos da patria, tendo se aberto em todo o Imperio subscripções para semelhante fim.

Seis dias depois apresentou a commissão de contas seu parecer, propondo aos accionistas cotisação de um mil réis por cada acção, computando assim uma somma de 8:000$000, dos quaes 4:000$000 para o asylo e 4:000$000 para as urgencias do Estado.

Apresentada pelo accionista Bernardo Casemiro de Freitas a moção para dar-se uma demonstração de apreço ao presidente da empreza, barão de Mauá, ao gerente Bartlett James, ao engenheiro Ginty e ao guarda-livros Holman, offerecendo-se a cada um brinde modesto que perpetuasse a gratidão de todos os accionistas, foi approvada unanimemente tão delicada idéa.

Ainda funcciona a *Rio de Janeiro Gas Company Limited*, cujo capital, pelo novo augmento que teve, é de L. 700,000, sendo seu presi-

dente o visconde de Mauá, director Bartlett James, gerente Holman, engenheiro em chefe John Ohren e engenheiro ajudande Albert Lynch, que reside no estabelecimento.

Occupa a fabrica do gaz na rua do Senador Euzebio, outr'ora do Aterrado, um espaço de 22.012 metros quadrados entre as ruas do Porto, D. Feliciana e General Pedra, outr'ora de S. Diogo.

Ha alguns annos que apossou-se da municipalidade a mania de mudar os nomes de quasi todas as ruas, apagando lembranças historicas, difficultando o itenerario dos transeuntes e as repartições do fisco em suas pesquizas ; arvorou-se a camara em especie de prelado civil e lhe não escapa rua, travessa ou becco que não chrisme ; se algumas vezes excita-lhe esse zelo baptismal a lembrança de algum facto historico, ou o desejo de perpetuar o nome de algum cidadão notavel, quasi sempre é por um mero capricho que manda apagar o nome antigo para escrever o moderno ; ora deixa-se arrastar pelo cabalista eleitoral que deseja grudar nas esquinas seu nome para ficar conhecido dos capangas e phosphoros de eleições, ora pelo titular que, por habitar nesta ou naquella rua, quer ter o nome pregado nos cantos como cartaz de theatro.

Em vez de esforçar-se por melhorar a physionomia da cidade, alargar e nivelar as ruas, anda a camara a inventar nomes esquisitos para baptisar as ruas e praças, os quaes se não estivessem escriptos nas paredes, ninguem os repetiria;e, no em tanto apaga outros de éras antigas, conhecidos do povo, e perpetuados na historia ; e nesse zelo de reforma tem se excedido tanto que já tem tomado poderes superiores ao do governo, rebaixando a visconde uma rua que tinha o titulo de conde, titulo que recordava o funccionario que mandou abril-a.

Entre as novas ruas chrismadas pelo *diocesano municipal* está a do Aterrado que chama-se hoje do Senador Euzebio ; mas ao menos aqui andou bem o poder municipal por que o senador Euzebio é d'entre os estadistas brazileiros aquelle cujo nome deve ser muito lembrado pelo povo ; basta dizer que acabou em 1850 com o illicito e deshumano trafico de escravos, e um anno depois assignou o contrato da illuminação, a gaz ; afugentando assim duas vezes as trévas, da escravidão e as das ruas da cidade.

Esse nome gravado nas esquinas da rua em que está a fabrica do gaz é um tributo de reconhecimento publico, uma homenagem ao preclaro brazileiro que tanto contribuio para clarear o caminho que deve levar seu paiz ao mundo da civilisação.

Mede a frontaria do edificio da fabrica oitocentos palmos, tem um corpo central com o portico e oito janellas de peitoril no primeiro pavimento e nove com sacadas de grades de ferro no segundo, lendo-se acima das vergas a inscripção:— *Ex fumo dare lucem.*

Remata o corpo central um frontão recto, cujo tympano guarda um medalhão de ferro fundido no estabelecimento da Ponta d'Area tendo em circuito este distico:

EMPREZARIO IRINEO EVANGELISTA DE SOUZA, BARÃO DE MAUÁ;
CONTRATO MARÇO 1851. ENGENHEIRO W. G. GINTY.

Ergue-se sobre este corpo uma torre com um relogio, construido por um dos melhores fabricantes inglezes, o qual tem quatro mostradores de dez palmos de diametro cada um, que são illuminados á noite.

Apresentão os corpos laterães vinte e tres janellas de peitoril, escondendo um attico o telhado do edificio em cujas extremidades ha outro corpo com quatro janellas de peitoril e um portão, rematando-o um frontão recto.

E' este palacio vasto, simples, e de uma elegancia apropriada á sua construcção, pouca cousa de arte nota-se nesta immensa fachada, ha porem regularidade e certeza de traços que tornão o todo uniforme.

No vestibulo estacionão tres bombas para apagar incendio, as quaes estão sempre promptas, havendo tres depositos d'agua constantemente cheios, por ser deficiente a agua dos chafarizes visinhos para alimentar essas bombas por mais de dez minutos. Aos sabbados são obrigados a trabalhar com as bombas todos os empregados que residem na fabrica, não só para tornal-os peritos e adestrados, senão para se reconhecer o estado normal dessas machinas; os empregados remissos são multados, e examinados diariamente os depositos e registros d'agua.

Occupão o corpo central diversos escriptorios, a officina de modeladores, o deposito de metros e apparelhos para exame dos registros do gaz dos predios urbanos, o laboratorio e a camara escura, onde se mede a força do gaz illuminativo por meio do photometro do chimico allemão Bunsen.

Um dos corpos lateraes consta de sete casas com quintaes habitadas por empregados da fabrica, o outro está occupado pelos purificadores do gaz, empregando-se nesse serviço a cal e o peroxido de ferro.

Elevando-se a alto preço a cal em 1855, por haverem fallecido de cholera-morbus muitos escravos que fabricavão-na, sendo mui inferior a que apparecia no mercado pela má calcinação do marisco, descobrio o engenheiro Ginty que podia servir para purificação do gaz o barro vermelho escuro ou ferruginoso, e por esta descoberta premiou-o a companhia com a quantia de 20:000$000; porem reconhecendo-se que facilmente se inutilisava esse reagente, foi substituido pelo peroxido de ferro.

Os purificadores são seis, todos novos, mandados fazer pela actual companhia, que tambem mandou preparar um condensador de maiores dimensões, uma casa para novas machinas e um gazometro.

Os gazometros são tres, um de 21,^{m}30 de diametro e 6,^{m}90 de altura, e dous de 36,^{m}90 de diametro e 7,^{m}30 de altura, tendo sido inaugurado um destes ha pouco tempo e o outro em 7 de setembro de 1860 com pomposa festa industrial, que vem descripta nas paginas seguintes. Ha quarenta fornalhas com retortas, um grande deposito, onde é recolhido o residuo do carvão, que outr'ora era despejado no canal, que corre em frente á fabrica (1) e hoje é empregado para alimentar as fornalhas, servindo a parte aquosa para apagar o coke que sae em braza das fornalhas.

Todos os residuos vão ter a um grande tanque donde são aproveitados, como vimos, podendo haver uma fonte de receita para a companhia na ammonia que se encontra em quantidade nesses residuos.

A actual companhia mandou construir um novo registro para indicar a porção de gaz que se fabrica, preparou uma nova casa para a officina de ferreiro, havendo alem desta as de correeiro, pintor, vidra-

(1) Acompanha este capitulo em artigo separado a discripção deste

ceiro, carpinteiro, modelador, machinista, envernizador e bronzeador. Assim é este estabelecimento nucleo de diversas officinas, onde preparão-se todos os objectos de que a fabrica necessita, podendo desse modo funccionar sem dependencia das officinas estrangeiras.

A fabrica é vigiada de noite por guardas collocados em guaritas; ha uniforme para os accendedores e foguistas, que consta de calça branca ou azul, camisa azul de collarinho á marinheiro e chapeo de couro envernizado, com o rotulo *Fabrica do gaz*; residem em turmas em diversos districtos da cidade os accendedores de lampeões.

Em 1876 contava a cidade 5,595 lampeões nas ruas e praças, sendo o consumo do gaz de 9.766.507 metros cubicos ; não menos de 10,000 casas consomem gaz, concorrendo com importantes sommas, alem da que paga o Estado que em 1875 elevou-se a 641:712$711.

Queima cada bico de gaz da illuminação publica, annualmente 341.470 litros de gaz e custa ao Estado 98$663 ou 289 rs. por metro cubico, o que é assás oneroso, sendo o Rio de Janeiro dentre as primeiras capitaes da Europa e da America a que paga mais caro a luz do gaz. Accresce que determinando o contrato de 1851 que sejão os pagamentos feitos em moeda metallica, na razão de 4$000 por oitava de ouro de 22 quilates, ou ao cambio de 27 dinheiros por 1$000, resulta que, em consequencia da differença do cambio, augmenta-se a despeza com a illuminação, que, se é feita com regularidade, absorve parte importante da renda geral do Imperio. Apezar de haver no paiz muitas companhias estrangeiras não ha nenhuma que goze de semelhante privilegio.

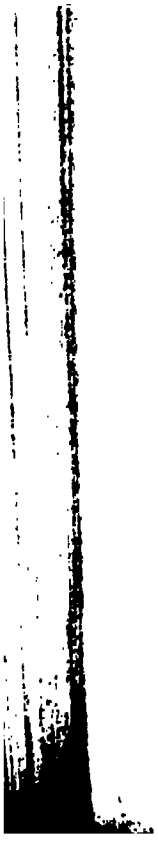
Deve findar em 25 de março de 1879 a concessão da actual empreza para o serviço da illuminação á gaz em virtude do contrato de 11 de março de 1851 que estabeleceu o prazo de vinte e cinco annos a contar de 25 de março de 1854.

Accendem-se os lampeões todas as noites, mesmo quando ha luar; a principio se pensou em supprimir a luz do gaz nas noites de claro luar, porém reconheceu-se não convir esse alvitre não só porque teria o governo de pagar mais caro a luz nas faltas accidentaes da lua, como tambem pela necessidade de uma illuminação perfeita e inalteravel em uma cidade tão extensa e populosa como a nossa.

Os arrabaldes mais afastados da cidade são illuminados a azeite,

que trata-se de substituir pelo gaz globe, tendo o ministerio da agricultura celebrado um contrato para a realização desse melhoramento em 18 de novembro de 1876.

A illuminação a azeite comprehende onze districtos que são : ilha das Cobras, diversas ruas e estradas de S. Christovão, do Andarahy Grande, S. Francisco Xavier, Riachuelo, Engenho-Novo, Todos os Santos e Engenho de Dentro, abrangendo a area de 36.968,^{m}8. Mas é muito mal executado esse serviço, e muitas localidades dos suburbios estão privadas de luz apezar das constantes representações dos moradores que pagão, como os que vivem no centro da cidade, todos os impostos, e não gozão deste e de outros melhoramentos.



CANAL DO MANGUE

Aberto em frente á fabrica do gaz, que ahi despejava seus residuos, julgamos que podemos incluir neste capitulo a descripção desta obra.

Tratando-se no tempo de D. João VI de dissecar o vasto pantano que se estendia proximo á cidade nova, o qual era um extenso fóco de infecção, de mosquitos e de exhalações desagradaveis, houve a idéa de abrir-se um canal navegavel desde a praça Onze de Junho até a ilha de João Damasceno (1); porém nada se fez, apenas aterrou-se a estrada e construio-se sobre o mangue uma ponte para facilitar a passagem do rei e sua comitiva da quinta de S. Christovão para o paço da cidade. Fez-se o caminho para o rei e para os fidalgos; quanto ao povo que continuasse a cheirar o lôdo do mangue, a adoecer e a morrer.

O decreto de 16 de junho de 1835 autorizou a municipalidade a demarcar no pantano ou mangue da cidade nova o lugar para um canal, e as ruas cuja abertura conviesse á salubridade publica, podendo aforar o restante do terreno a quem quizesse dissecal-o, e nelle edificar e receber o fôro que fosse justo estipular com attenção á natureza do mesmo terreno.

Em 24 de agosto de 1838 propoz Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, depois visconde de Sepetiba, que os possuidores de terrenos no mangue de um e outro lado da rua do Aterrado que communicava a cidade nova com o bairro de Mataporcos, hoje Estacio de

---

(1) Chamou-se em tempos remotos ilha dos Melões.

Sá, fossem obrigados a aterral-os no prazo de dous annos, e se o não fizessem perderiam a posse delles; que a municipalidade aforasse os terrenos devolutos com a condição de aterral-os quem os quizesse tomar, e désse principio a um canal pararello á rua do Aterrado, communicando o mar até á praça Onze de Junho, tendo este canal um braço que se estenderia até ao edificio da Correcção; arborisadas as margens, bordadas de casas da mesma perspectiva e havendo pontes rodantes para darem passagem a barcos desde a ilha de João Damasceno até á praça Onze de Junho.

Em abril de 1853 fundamentou o Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo uma proposta sobre a obra desse canal, e cooperou para que a camara municipal dirigisse nesse anno e no seguinte representações ao governo lembrando a utilidade de semelhante obra.

Em 26 de novembro de 1855 participou o ministro do imperio á municipalidade que o barão de Mauá se havia encarregado de construir por administração 50 braças do canal do mangue; de feito em 21 de janeiro de 1857 em presença do ministro, do empreiteiro e de outras pessoas gradas lançou-se a primeira pedra do canal.

O decreto de 6 de março de 1858 approvou o contrato celebrado com o barão de Mauá para a construcção dessa obra com a qual a lei de 14 de setembro de 1859 autorizou o governo a despender a quantia de 310:000$000.

Dando-se maior extensão ao canal votarão-se novas verbas para as despezas da construcção.

Estende-se este canal desde a praça Onze de Junho até a ponte do Aterrado em uma extensão de 600 braças ou pouco mais, formando proximo á praça uma bacia, junto a qual contratou a camara com o engenheiro Ginty a edificação de um mercado; mas não realizou-se essa obra, e nesse lugar levantou a municipalidade a escola municipal de S. Sebastião.

Quatro elegantes pontes construidas sob a direcção do engenheiro Ginty, que dirigio toda a obra, cortão o canal, dando duas passagem a peões e duas tambem a cavalleiros e carros.

Em 7 de setembro de 1860, no dia em que inaugurou-se um dos grandes gazometros da fabrica do gaz, forão franqueadas ao transito publico duas dessas pontes com a seguinte ceremonia:

Acompanhado do engenheiro Ginty e de todos os operarios do canal em numero de quatrocentos, divididos em turmas, percorreu o barão de Mauá as duas pontes que ião ser entregues ao povo ; regressando entrou o prestito na fabrica do gaz na seguinte ordem :

Dous guardas da fabrica de uniforme verde, quatro trinchantes vestidos de branco com facas e garfos, um carro puxado por vinte e quatro pretos com roupa branca contendo dous bois inteiros assados, quatro carneiros tambem assados e trinta arrobas de batatas cozidas, quatro trinchantes com facas e garfos, dous guardas da fabrica, o presidente, o gerente e o engenheiro com suas mulheres, e o engenheiro ajudante, os empregados superiores da companhia do gaz e da obra do canal, os inspectores, contramestres, superintendentes, apontadores e outros empregados da companhia do gaz e do canal, os apparelhadores do gaz e seus ajudantes, os ferreiros, caldereiros, pedreiros, carpinteiros, pintores, funileiros e os trabalhadores de todas as classes incluindo os calceteiros, carroceiros, foguistas e outros da companhia do gaz, noventa e seis accendedores fardados, setenta e seis canteiros, cincoenta pedreiros, carpinteiros, machinistas, ferreiros e noventa e quatro trabalhadores do canal e oitenta escravos da companhia do gaz.

Em frente do gazometro o prestito parou e, circumdando-o, abrio a baroneza de Mauá as valvulas que devião deixar escapar o gaz para o grande deposito, o que foi saudado com muitos vivas.

Entrando de novo em marcha seguio o prestito para as trinta e duas mesas collocadas em frente do edificio da fabrica sob uma coberta de arcos de folhas ornados de bandeiras ; admittia cada mesa vinte e quatro pessoas, e junto de cada uma havia uma torneira que quando aberta deixava correr excellente cerveja de Bass ou Tenent. O prato travessa era um carro com chapas de ferro de vinte palmos de comprimento e oito de largura sobre rodas de dezoito pollegadas de diametro.

Prepararão-se os assados nos fornos da fabrica ; havia em todas as mesas profusão de frutas, abundancia de pão, muito queijo e manteiga.

Tomando assento a immensa comitiva começárão os trinchantes a cumprir com destreza sua missão, reinando muito enthusiasmo entre

os convivas que mostrárão muito appetite e muita sêde. Levantou o barão de Mauá dous brindes, um ao engenheiro, gerente e mais empregados e operarios da companhia do gaz; o outro ao engenheiro, empregados e operarios da empreza do canal, aos quaes respondeu um dos operarios propondo um brinde ao barão, o qual foi enthusiasticamente applaudido; seguirão-se outros terminando com grande rigosijo esta festa industrial, a que assistirão mais de oitocentas pessoas.

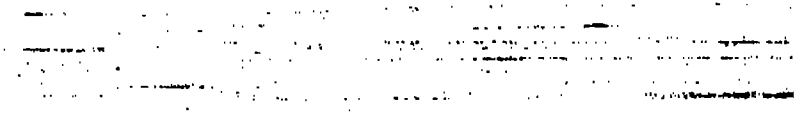
Gastarão-se com o canal 1,378:000$000, havendo-se executado essa obra não só para seccar os terrenos circumvizinhos como tambem para dar navegação a pequenas embarcações que levassem generos á praça Onze de Junho; mas no fim de alguns annos os residuos do gaz, o lôdo, o cisco obstruirão essa obra, reduzirão o canal a um viveiro de mosquitos, a deposito de immundicias e fóco de exhalações pestilenciaes (1). Reclamava a imprensa contra essa valla de lama que atravessava a cidade, infeccionava o ar e parecia obra derruida pelo tempo e abandonada pelos homens; até que lembrou-se o governo de assignar um contrato em 12 de fevereiro de 1876 para limpeza e restauração de semelhante obra que absorvera avultada somma. Obrigou-se o contratante a desobstruir e limpar o canal, collocar uma comporta junto á ponte do Aterrado, reparar os muros lateraes e pontes, a collocar um gradil de ferro, destinado a fechar as margens, assentado sobre baldrame de alvenaria, e com dez portões tambem de ferro, e a arborisar o terreno das margens, sendo todas estas obras ajustadas por 290:000$000.

Mas emquanto se não continuar até ao mar esse canal pouco proveitosa será a despeza que se fizer com sua limpeza. Prolongado até o mar aproveitar-se-hão os terrenos adjacentes e alagadiços, fócos de emanações miasmaticas; crescerá a cidade adquirindo um novo bairro; a entrada franca das marés facilitará a renovação constante

(1) Em 13 de outubro de 1862 cahio no canal um preto e afogou-se, na occasião em que o atravessava sobre uma taboa que alli estava desde muito tempo. Em 17 de agosto de 1864 suicidou-se afogando-se no canal Manoel José Ribeiro. Sobre uma das pontes cahio um raio em 10 de fevereiro de 1863, que quebrou todos os vidros dos lampeões e accendeu um dos bicos do gaz por meio da faisca electrica.

das aguas, tornar-se-ha mais facil o esgoto das aguas da cidade, e pequenos bateis poderão percorrer todo o canal, dando animação e belleza a esse bairro que se transformará em ponto de reunião e recreio.

A digna commissão nomeada para propôr os melhoramentos da cidade considerou a obra do prolongamento desse canal como uma das de maior utilidade e urgencia.



VISCONDE DE MAUA

Na freguezia do Arroio Grande, districto do Jaguarão, na provincia do Rio Grande do Sul, nasceu em 28 de dezembro de 1813, Irinéo Evangelista de Souza, filho de João Evangelista de Souza e de D. Marianna de Souza e Silva que, abafando no coração as saudades que devia causar-lhes a ausencia do filho, enviarão-no, ainda menino, para o Rio de Janeiro, onde devia educar-se e abraçar a carreira ditada pelo seu gosto e inclinação.

Chegou o menino á esta cidade em 1822, e tres annos depois decidio-se a trilhar a vida commercial, entrando como caixeiro para a casa de fazendas de Antonio José Pereira de Almeida.

Mostrou-se o joven caixeiro activo, vigilante e dedicado; patenteou grande propensão para o commercio, grangeou a confiança e estima do patrão que, retirando-se do gyro commercial, recommendou-o a um amigo, aconselhando-lhe que aproveitasse os serviços de tão intelligente e zeloso empregado. Em 1829 entrou Irinéo para a casa commercial de Ricardo Carruthers que, apreciando o talento, a vivacidade e honradez desse empregado, entregou-lhe a direcção do negocio; em 1 de janeiro de 1836 associou-o á sua firma, e ausentando-se para Europa no anno seguinte, encarregou-o de todo o negocio da casa que, dirigida por mão tão habil, teve rapido augmento e tornou-se uma das mais acreditadas do Rio de Janeiro.

Em 1840 emprehendeu Irinéo Evangelista uma viagem a Europa, e em Manchester fundou uma casa commercial sob a firma de Carruthers, Castro e Comp; no anno seguinte regressou á patria, onde se casou, em 11 de abril, com sua sobrinha D. Maria Joaquina de Sou-

za, que conjunctamente com toda sua familia trouxera do Rio Grande do Sul em 1835.

Não esquecido da provincia que servira-lhe de berço creou alli em 1845 uma casa commercial, cujas transacções gyrarão sob a firma de Carruthers, Souza e Comp; fez no anno seguinte acquisição do estabelecimento da Ponta da Area em Nictherohy, que estava decadente, sem importancia nem movimento; porem seu braço forte de habil negociante transformou tudo; creou uma excellente fabrica de fundição com boas officinas, montadas convenientemente, estaleiros de construcção, machinas e apparelhos como os não havia em outra qualquer officina particular do Brazil.

Esses uteis serviços prestados ao commercio e á industria recommendarão seu nome que na eleição annua da praça do Commercio colheu o maior numero de votos, cabendo ao distincto negociante a cadeira de presidente da praça.

Laborioso e emprehendedor comprometteu-se a não dar um passo, a não emprehender uma viagem, que não executasse um melhoramento na vida commercial; estando no Rio Grande em 1847 organisou a companhia rio-grandense de reboques para facilitar o serviço da barra, que nessa provincia é assás perigoso.

Já era cavalleiro da ordem de Christo quando em 24 de janeiro de 1850 recebeu o officialato da ordem da Rosa, e em 16 de maio do anno seguinte abrio-se de novo o cofre das graças para recompensar-lhe com a commenda daquella ordem honorifica, os serviços prestados na confecção do regulamento do codigo commercial.

Era apertado o gyro commercial do Rio de Janeiro para o feliz capitalista; necessitava sua actividade de maior ambito, e foi buscal-o em Nova-York, onde fundou uma casa commercial, cuja firma era Carruthers, Dison e C.ª; cooperou para a installação do banco do Brazil que, pela fusão do banco commercial em 1853, deu origem ao estabelecimento bancario daquelle nome existente no Rio de Janeiro; assignou o contrato da illuminação a gaz, e encorporou a companhia que devia realizar esse melhoramento; ligou seu nome á primeira estrada de ferro que cortou o territorio do Brazil, a qual se estende desde o porto de Mauá até a raiz da serra da Estrella, facilitando a communicação com a cidade de Petropolis, mui procurada na estação calmosa.

No mesmo dia que inaugurou-se essa via de locomoção, em 30 de abril de 1854, recebeu Irinêo Evangelista o titulo de barão de Mauá.

Se foi seu genio activo e emprehendedor que deu ao Rio de Janeiro a luz clara e relumbrante do gaz ; se fôrão seu impulso e dedicação que impellirão a primeira locomotiva que percorreu as estradas do Brazil, foi seu braço forte e possante que abrio ao vapor as aguas do agigantado rio Amazonas.

Em 1 de janeiro de 1853 installou no Pará a companhia de navegação a vapor do Amazonas ; em abril de 1854 transferio a propriedade do estabelecimento da Ponta d'Arêa á uma companhia que organizou, continuando, porém, como administrador da empreza ; nesse mesmo anno fundou a sociedade bancaria em commandita sob a firma Mauá, Mac Gregor e C.ª com uma casa filial em Londres ; em 1856 creou uma casa bancaria em Montevidéo, e inscreveu seu nome entre os dos concessionarios da estrada de ferro de S. Paulo.

Essas instituições commerciaes, essas emprezas creadas quando o espirito de associação apenas começava a desenvolver-se entre nós, esses importantes melhoramentos introduzidos no paiz patenteão o espirito de iniciativa, a dedicação e prodigiosa actividade do barão de Mauá, e hão de perpetuar seu nome cuja lembrança ha de despertar sempre o grito da locomotiva a percorrer os trilhos, o fumegar dos vapores nas aguas do Amazonas, e o fulgor dos raios da luz que illumina a côrte do Brazil.

Obtendo em 1860 a dignitaria da ordem da Rosa quiz o commercio honral-o offerecendo-lhe a insignia dessa ordem cravejada de brilhantes ; sua provincia, em homenagem a seus serviços, deu-lhe um lugar entre seus representantes na assembléa legislativa ; e o governo imperial elevou-o a visconde.

Homem rico tem o visconde de Mauá aberto seus cofres para iniciar em sua patria as maiores emprezas e os mais uteis melhoramentos ; alavanca intelligente do commercio e industria tem cooperado para o progresso da nação ; fadado para as emprezas mercantis tem sabido affrontar as ondas da contrariedade, e as tempestades vehementes que o hão surprendido no seu extenso gyro commercial ; activo, laborioso, tenaz e intelligente ainda lhe não virão a fronte abatida, nem o desanimo estampado na physionomia ; velho, po-

rém persistente, caminha sempre na estrada do commercio, da industria, e do progresso.

Jamais deixou de abrir sua bolsa para enxugar as lagrimas que resumão nos olhos dos indigentes ; tem escripto seu nome no archivo das sociedades beneficentes do paiz ; durante annos occupou o cargo de thesoureiro do hospicio de alienados, e o Instituto Historico conta-o entre seus membros.

XVII

ESTAÇÃO CENTRAL DA ESTRADA DE FERRO D. PEDRO II

Extenso como é o Brazil, dotado de riquezas naturaes, com um solo uberrimo em que tudo floresce e com pouco trabalho colhe o lavrador sazonado fructo ; com planicies, valles e montes em perenne primavéra, adornados de vivaz e brilhante vegetação, marcando as pedras preciosas os alveos dos rios, e as minas os vincos do terreno, só necessita de communicações rapidas, de uma população laboriosa e compacta para tornar-se o mais rico e o mais importante entre os florescentes estados do globo. Habitae essas illimitadas planicies, esses montes continuados, essas regiões longinquas, facilitae as communicações, devassae os desertos, uni por meio de estradas esses vales infinitos, fazei o sibilo da locomotiva ou o fumo do vapor atravessar as mattas, e o Brazil progredirá.

Não só as vias de communicação augmentão o commercio, a industria e patenteão a riqueza e a fertilidade do sólo, como tambem concorrem para manter a paz, a segurança publica, o respeito ás pessoas e aos bens ; e entre os systemas de communicação são preferiveis os caminhos de ferro que abrevião as distancias, approximão as localidades, trazem prompta e rapidamente aos centros commerciaes os productos de afastadas povoações, e facilitão o desenvolvimento

agricola e industrial ; mas ha apenas quarenta e dous annos que se pensou introduzir no Brazil os caminhos de ferro.

Regressando da Europa em 1835 o marquez de Barbacena apresentou a idéa da construcção de uma estrada de ferro que, partindo do Rio de Janeiro se dirigisse á Minas, e até trouxe uma proposta da companhia da estrada de ferro de Durrham á Birmingham. O decreto do corpo legislativo de 31 de outubro de 1835 autorisou o governo a conceder á uma ou mais companhias, que emprehendessem a construcção de uma estrada de ferro na capital do Imperio ás provincias de Minas, Bahia e Rio Grande do Sul, carta de privilegio por quarenta annos; tres annos depois o decreto de 29 de outubro approvou differentes artigos da resolução da assembléa provincial de S. Paulo concedendo privilegio exclusivo para construcção de uma estrada de ferro na mesma provincia á Aguiar Viuva, Filhos e C.ª Ainda nesse anno publicou João Baptista Midosi os estatutos da companhia emprezaria das estradas de ferro nictherohyenses havendo obtido da assembléa provincial do Rio de Janeiro privilegio para a encorporação da companhia e estabelecimento das referidas estradas.

Em 1839 requereu o Dr. Thomaz Cochrane privilegio para um caminho de ferro do Rio de Janeiro a S. Paulo, e alcançou-o por oitenta annos em 4 de novembro de 1840 ; porém ateando-se pouco depois o facho da revolução nas provincias de Minas e S. Paulo, não realizou-se a empreza de Cochrane, que decorridos os quatro annos, teve de pagar a multa do contrato. Mais tarde allegou a força maior constante daquella revolução, e requereu renovação do contrato que obteve em 1849, sendo ministro do imperio o marquez de Monte Alegre, estipulando-se no novo contrato que ficavão dependentes da approvação do poder legislativo sómente as clausulas relativas á isenção dos direitos de importação para machinas e materiaes, e a garantia de juros de 5 % por noventa annos.

Em 1851 encetou-se na camara dos deputados a discussão de um projecto approvando estas clausulas, porém cahio e foi substituido por outro dando ao governo o direito de conceder aquelles favores, não a Cochrane determinadamente, mas a qualquer que melhores condições offerecesse; e em 26 de junho de 1852 foi esse projecto sanccionado na lei que autorisou o governo a permittir á uma ou mais companhias a construcção total ou parcial de uma estrada de ferro

que principiando na côrte fosse terminar nos pontos mais convenientes das provincias de Minas e S. Paulo.

Apresentárão-se á concurrencia duas emprezas : uma de Teixeira Leite e outra do visconde de Barbacena com os orçamentos, planos e nivelamentos necessarios, e depois uma terceira de Theophilo Benedicto Ottoni compromettendo-se a fazer a estrada com o capital de 12,900:000$000 ; a prescindir da garantia de juros, entregando no fim de noventa annos a estrada e seu trem ao governo : a encorporar uma companhia dentro de um anno, e se em dous annos depois não désse principio as obras, ou se em doze as não concluisse, pagaria a multa de 10:000$000 ; n'um ou n'outro caso marcar-lhe-hia o governo novo prazo para principiar ou ultimar os trabalhos, comminando-lhe a multa de 6:000$000 por semestre, e imposta a multa no segundo semestre, ficaria nullo o contrato.

Porém nada se fez ; considerava-se uma aspiração poetica ou extemporanea a idéa de uma estrada de ferro no Brazil ; era uma utopia, pensavão alguns ; as estradas de ferro não são de ferro são de ouro, dizião alguns estadistas nossos ; e em hesitações, duvidas e descrenças perdeu-se o tempo, privando-se o paiz desse meio prompto e rapido de transpôr o espaço. Correu o tempo sem se votar a lei, se adjudicar a concessão e organisar-se a companhia, e após muitas contemporisações e delongas foi o negocio affecto á legação de Londres.

O ministro brazileiro nessa capital, o conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, adjudicou a construcção da primeira secção da estrada a Eduardo Price por quantia fixa, reservando ao governo a faculdade de organisar companhia nacional, e em 9 de fevereiro de 1855 assignou o contrato.

Ordenou o decreto de 9 de maio desse anno que a execução do contrato celebrado pelo ministro brazileiro em Londres para a factura de uma parte do caminho de ferro fosse commettida á uma companhia organisada nesta côrte ; e outro decreto da mesma data approvou os estatutos da companhia da estrada de ferro D. Pedro II.

O decreto de 10 de julho daquelle anno autorisou o governo a estabelecer o processo para a desapropriação dos predios e terrenos que fossem necessarios á construcção das obras e mais serviços pertencentes á estrada de ferro D. Pedro II, e as outras estradas do Bra-

zil ; bem assim a marcar as regras para a indemnisação dos proprietarios ; o decreto de 27 de outubro sanccionou o regulamento para essas desapropriações.

Começárão as obras em meiado de 1855.

Determinou o decreto de 17 de março de 1856 que a companhia da estrada de ferro formasse um fundo de reserva derivado da renda, sem prejuizo dos 7 °/₀ promettidos aos accionistas ; havendo sido elevado o juro áquella taxa, porque tratando-se de formar a empreza, concedeu o governo á estrada de ferro da Bahia já projectada aquella garantia, o que impossibilitou a formação de qualquer empreza com garantia menor de 7 °/₀.

Foi contratado, em 9 de julho de 1856 o norte-americano Garnett para primeiro engenheiro da estrada D. Pedro II, cujas obras caminhárão com celeridade; e desejando-se fazer uma experiencia, partirão em 13 de março de 1857, ás 10 horas da manhã, quatro ou cinco wagons com sessenta e tantos convidados, e em 35 minutos percorrerão 16 milhas desde a rua de S. Diogo até Nazareth, empregando-se apenas metade da força da machina ; alli servio-se um esplendido almoço que terminou com brindes e vivas ao Imperador e a rainha da Inglaterra.

Sendo insufficiente a primeira emissão de 12,000:000$000 para a construcção das duas secções, a primeira da côrte até Belém, a segunda de Belém até a barra do Pirahy, o governo autorisou a companhia, por decreto de 26 de agosto de 1857, a levantar por emprestimo contrahido dentro ou fóra do Imperio, um terço do seu fundo social ou 12,666:666$666 ; esse emprestimo foi ajustado por contrato de 11 de fevereiro de 1858 entre o governo e a companhia.

Em 29 de março desse anno inaugurou-se a estrada de D. Pedro II, abrindo-se ao transito quatro quintas partes da primeira secção, isto é, o espaço de oito legoas da côrte até Queimados.

Muito antes da hora da festa, começou o povo a agglomerar-se na praça da Acclamação, nas ruas adjacentes e defronte do edificio da Estação Central, que estava elegantemente adornado, e circumdado de uma corrente de bicos de gaz para illuminal-o á noite.

Espelhos, lustres, cortinas, bandeiras, flores, tapetes e folhas aromaticas enfeitavão as salas do edificio repleto de convidados, que anciosos esperavão o começo da ceremonia, soltando enthusiasticas ac-

clamações ao som de duas bandas de musica collocadas em dous corêtos ornados de bandeiras, sanefas e cortinas de velludo e sêda. Estavão postados em frente e á direita da estação dous batalhões de infanteria e um parque de artilheria em grande uniforme. A's 9 horas chegou o bispo, conde de Irajá, acompanhado do cabido, e pouco depois vierão as pessoas imperiaes, que forão recebidas com applausos, salvas de artilheria, uma descarga de mosquete, ao som do hymno nacional e do estrepitoso ruido de milhares de foguetes do ar. Benzeu o diocesano as locomotivas, carros, e estrada, tendo-se levantado um altar para esse acto; o presidente da directoria, Christiano Benedicto Ottoni, pronunciou um eloquente discurso ao qual responden o Imperador:

« Srs. directores.—A nação reconhece vossos perseverantes esforços á bem de uma empreza de tanta importancia para este vasto imperio; e possuido do maior jubilo pelo acontecimento esperançoso, que hoje todos applaudimos, rogo a Deus me conceda uma longa vida para ver os Brazileiros sempre amigos, sempre felizes e caminhando com a velocidade cada vez mais crescente da civilisação para o brilhante futuro que a Providencia nos destina. »

Annunciou-se então que o Imperador concedera a carta de conselho ao presidente da directoria da estrada, Christiano Benedicto Ottoni, a commenda de Christo aos directores Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo, Luiz Pereira de Lacerda Werneck, Dr. Jeronymo José Teixeira e João Baptista da Fonseca, e o officialato da Rosa ao desembargador Siqueira.

A's dez e meia horas, no meio das acclamações da multidão e gritos de alegria, ao som do hymno da patria repetido por oito bandas de musica, ao troar da artilheria e de girandolas e foguetes vio-se partir o primeiro trem impellido pela locomotiva *Brazil*, cujo sibilo estridente parecia ser o echo dos vivas e applausos dos convidados e da multidão. Um inconveniente inesperado veio retardar a partida do segundo trem, que foi preciso adiar para não demorar por mais tempo a do trem imperial levado pela locomotiva *Imperador*, no qual, alem das pessoas imperiaes e côrte, ião os directores e accionistas da estrada.

Um quarto de hora depois do meio-dia partio o segundo trem movido pela locomotiva *Imperatriz*.

Os gritos de contentamento, os vivas repetidos pelos espectadores, as salvas, os foguetes, os arcos de folhagem e flores que enfeitavão a estrada, as bandeiras que tremulavão de espaço em espaço, o regozijo, a satisfação manifestada em todos os semblantes, a multidão agglomerada no morro de S. Diogo e ruas circumvisinhas, as locomotivas, os wagons rodando precipitadamente, e o sibilo do vapor, como annunciando ao povo a inauguração da estrada davão á festa o maior esplendor e animação.

Logo que o trem imperial chegou á Queimados o telegrapho electrico annunciou ao povo da cidade, a artilheria salvou, rebentarão no ar girandolas e foguetes, ao mesmo tempo que naquella estação erão os soberanos saudados pela camara municipal de Iguassú, que, dirigindo uma allocução ao Imperador, recebeu do monarcha o agradecimento dessa manifestação.

Voltando os trens para a cidade offereceu a directoria uma profusa refeição ás pessoas imperiaes, depois aos convidados e mais tarde abrio ao publico as portas da Estação Central que á noite apresentou uma deslumbrante illuminação.

Em 15 de outubro acompanhada a directoria do capitão Horacio da Gama Moret, engenheiro fiscal, do coronel Garnett e do inspector do trafego Elyson, seguio até Belem e ouvindo a opinião dos engenheiros, julgou a estrada regular e em termos de prestar transito; porem, apezar de aceita a obra, oppoz o representante do emprezario obstaculos á abertura da estrada, e destruindo uma das pontes, arvorou no caminho de ferro a bandeira ingleza; do que, tendo noticia o governo, declarou por aviso de 2 de novembro aberta ao transito a parte da estrada comprehendida entre Queimados e Belem.

Dirigio-se a directoria no dia 4 á Belem e voltando achou a linha ferrea desimpedida e reparada a ponte, que fôra caprichosamente demolida, e quatro dias depois começou o movimento dos trens de passageiros e cargas até o fim da primeira secção.

Em agosto de 1858 deu-se principio á segunda secção de Belem á barra do Pirahy, e em 12 de julho de 1863 abrio-se ao transito publico uma parte dessa secção até á estação do Rodeio, quinze milhas de Belem, indo em um trem a familia imperial, a côrte e o ministerio, e em outro os membros da directoria e empregados superiores da companhia.

Por ser difficultoso e demorado o trabalho do grande tunnel da serra, resolveu-se construir uma linha provisoria de fortissimos declives, o que o governo approvou em 23 de abril de 1862, e em 7 de agosto de 1864 inaugurou-se em presença do Imperador, essa linha de cinco kilometros, cuja obra importou em pouco mais de 284:000$000, ficando franca ao serviço dos viajantes no dia 9 do mesmo mez e anno.

Approvara o decreto de 24 de julho de 1861 as plantas, secções, verticaes e transversaes, traços, perfis, declives, curvas e orçamentos concernentes á terceira secção; e derão-se nesse anno começo aos trabalhos dessa parte da via ferrea; no dia 13 de abril de 1865 principiou o trafego da estação do Ypiranga cinco milhas abaixo da barra do Pirahy, e em 18 de junho abrio-se ao serviço dos viajantes a estação de Vassouras, comprehendendo mais oito milhas de trilhos de ferro.

Vendo-se em embaraços financeiros, sem dinheiro para o pagamento das obras em construcção, tendo apenas em caixa 77:000$000 quantia insufficiente para cobrir avultadas despezas já feitas, representou a companhia da estrada ao governo ponderando-lhe que, se não podesse o thesouro prestar-lhe auxilio para o proseguimento das obras, estava a empreza decidida a transferir a propriedade da estrada para o dominio do Estado.

A importancia da empreza, a urgencia de fornecer-lhe os meios de cumprir as obrigações contrahidas, os inconvenientes e prejuizos que resultarião da interrupção das obras principiadas, e o que é mais, pertencendo apenas aos accionistas o capital de 2,559:800$000, ao passo que na estrada havião se consumido 24,666:666$666, forão razões ponderosas que impellirão o governo a transferir para o dominio da nação, por decreto de 10 de julho de 1865, o resto das acções da companhia, permutando-as por apolices da divida publica.

Em 26 de julho dissolveu-se a companhia, e foi a empreza entregue ao governo; cinco dias depois reunio-se a directoria para passar a gerencia ao director nomeado pelo governo, mas por não estar ainda lavrada essa nomeação, por deliberação official, assumio as attribuições de director o conselheiro Christiano Benedicto Ottoni, que em 13 de dezembro pedio demissão, sendo substituido pelo Dr. Bento José Ribeiro Sobragy.

Ao retirar-se do serviço da estrada recebeu o conselheiro Ottoni a dignitaria da imperial ordem do Cruzeiro.

Homem de intelligencia illustrada, de vontade firme e inabalave prestou Christiano Ottoni distinctos serviços á esta empreza, que talvez não tivesse attingido a importancia e extensão que adquirio, se braço tão forte e guia tão abalisado a não tivesse conduzido pelas montanhas, valles, serras e abysmos até a provincia de Minas.

O decreto de 6 de setembro de 1865 transferio tambem para o dominio do Estado o ramal de Macacos, que pertencia a Gomes, Bastos e Carvalho, obrigando-se o governo a conceder passagem franca aos antigos proprietarios em todos os trens que transitarem pelo ramal; o decreto de 28 do mesmo mez approvou as instrucções provisorias para a direcção e gerencia da estrada.

Em 17 de dezembro inaugurarão-se o grande tunnel, a ponte de ferro sobre o Parahyba e a estação do Desengano; partirão de S. Christovão a familia imperial, os semanarios, os ministros da fazenda, guerra, marinha e obras publicas, o director da estrada e outros empregados em trem especial e chegarão ao tunnel, cujo trajecto foi feito em treze minutos para dar-se tempo á apreciação da obra; ás 10 1/2 horas parou o trem em Vassouras, onde a camara municipa recebeu as pessoas imperiaes e dirigio-lhes um discurso que o Imperador agradeceu; minutos depois transpoz a ponte do Desengano sobre o Parahyba, a qual estava embandeirada.

Na estação do Desengano guarnecida de altos postes, ligados por festões de flores, sustentando bandeiras e escudos emblematicos da provincias do Brazil, foi a familia imperial comprimentada pela municipalidade de Valença, juiz de direito, juiz municipal e outras autoridades do municipio, tocando duas bandas de musica o hymno nacional.

Depois de tomarem alguma refeição na fazenda de Santa Monica, propriedade da marqueza de Baependy, regressarão para a corte a familia imperial e mais comitiva.

O grande tunnel, obra monumental da estrada D. Pedro II, tem de comprimento 1,017 braças, 19 1/2 palmos de largura, e 22 de altura: em mais de metade é revestido de cantaria, e em não pequena extensão, de paredes verticaes ora de um, ora de outro lado, nos logares onde a extratificação da rocha podia ameaçar queda; vê-se no

restante a face do granito escabroso trabalhada pelos mineiros; dos dous lugares correspondentes aos poços n 1 e 2 cae abundante agua; á direita da entrada dessa immensa aboboda subterranea está gravada esta inscripção:

REINANDO O SR. D. PEDRO II

E SOB SEUS AUSPICIOS

FOI COMEÇADA ESTA OBRA EM 1858

E TERMINADA EM 1865

Consumirão-se sete annos e quatro mezes nesta grande obra do esforço humano desde o começo da perfuração dos poços até a passagem das locomotivas; despenderão-se mais de 300,000 libras de polvora; perecerão,em consequencia de explosões e quédas de pedras e outros accidentes, mais de 35 pessoas, e gastarão-se 3,000:000$000.

Aberto o grande tunnel abandonou-se a linha provisoria pela qual se effectuara o transito por espaço de 16 mezes.

Em 29 de novembro de 1866 inaugurou-se com assistencia de Suas Magestades a estação do Commercio onde foi servido um lauto almoço, convidando o Imperador para sua mesa os semanarios, os ministros das obras publicas, do imperio e da justiça e o director da estrada; em 5 de maio de 1867, tambem na presença das pessoas imperiaes, que folgão de assistir a essas festas de progresso e civilisação, franqueou-se ao transito a estação do Ubá.

Em 11 de agosto do mesmo anno effectuou-se a abertura da estação da Parahyba na cidade da Parahyba do Sul, a 28 leguas da corte e 2 1/2 leguas de Ubá, na presença da familia imperial, dos ministros da agricultura e justiça, presidente da provincia do Rio de Janeiro, director da estrada e outros empregados e pessoas convidadas. Ao som da musica, ao troar dos foguetes e repetidos vivas aos illustres viajantes, chegarão estes á cidade da Parahyba do Sul que mostrava-se festiva e jubilosa; os membros da camara municipal, officiaes da guarda nacional e muito povo receberão a familia imperial que percorreu as principaes ruas da povoação e edificios publicos, e tanto na ida como na volta hospedarão-se na fazenda do barão da Parahyba, esplendidamente decorada.

Em 13 de outubro, ainda de 1867, entregou-se ao trafego a estação de Entre-Rios sendo o acto honrado pela familia imperial, membros do ministerio, e principaes empregados da estrada; na estação estava preparada profusa e abundante refeição que o visconde do Rio-Novo offereceu ás pessoas imperiaes, e na qual tomarão parte mais de duzentas pessoas; correu toda a festa ao som de hymnos, vivas, salvas e foguetes.

Em 1 de maio de 1869 partirão da estação do Campo da Acclamação umas 130 pessoas, entre as quaes estavão membros do ministerio, varios deputados e senadores para presenciarem o assentamento dos primeiros trilhos em terra mineira.

Chegando a estação de Entre-Rios seguio o trem dos convidados sobre trilhos assentados até a margem do Parahybuna, transpoz uma ponte provisoria denominada Humaitá, e entrou na provincia de Minas. Praticarão distinctos cidadãos a ceremonia de bater o prego, servio-se um variado almoço, e como recordação daquelle dia solemne em que davão duas provincias o amplexo da amizade, ligando-se por laços tecidos pelo commercio e industria, enviarão-se aos ministros de agricultura e da marinha, aos barões das Tres-Barras e Bom Retiro, conselheiro Ottoni, Dr. Manoel de Mello Franco e João Baptista Vianna Drumond os martellos que servirão na ceremonia, marcados com as iniciaes de cada um.

Em Entre-Rios hifurca-se a estrada formando a linha central e o ramal de Porto Novo do Cunha; na Barra do Piraby entronca o ramal de S Paulo que constitue a quarta secção da linha.

Ha na primeira secção desta importante via ferrea as seguintes obras de arte: 97 boeiros, 17 pontilhões, 16 pontes de 6 a 18 metros, 2 grandes, a de Santo Antonio com 31 metros e a de S Pedro com 62, 4 córtes, os desvios do Campinho, do Mauá e de Macacos; e as estações da Côrte, S Christovão, onde ha tambem a estação imperial, S Francisco Xavier, onde parão somente os trens de passageiros, Engenho Novo ao pé da serra do mesmo nome, Cascadura na estrada de Santa Cruz (1), Sapopemba na estrada do Campo Grande, Maxambomba na estrada de Matto Grosso. Queimados na freguezia de Marapicú,

(1) Em 16 de novembro de 1863 inaugurou-se nesta estação um [illegible] para uso publico.

Belem na estrada do presidente Pedreira e Macacos no fim do ramal do mesmo nome. (1).

Tem de extensão esta parte da linha 61,7 kilometros, e apezar de não ter tunneis, viaductos, altos aterros, córtes profundos e outras obras, foi a que custou mais caro, consumindo-se na construcção, em estações, indemnisações e acquisições de terrenos a elevada somma de 7,051:618$252.

O ramal de Macacos de 5,3 kilometros de extensão foi construido por particulares como vimos, havendo contrato com a estrada de ferro que emprestou os trilhos e o material da estação, tudo no valor de 56:878$169, sendo entregue esse trecho da via ferrea ao serviço publico em 1 de agosto de 1861. Acompanha parte da primeira secção a linha dos suburbios, na qual alem das estações de S. Christovão, S. Francisco, Engenho Novo e Cascadura ha as paradas do Riachuelo, Todos-os-Santos, Officinas e Piedade.

Apresenta a segunda secção de 46,4 kilometros importantes obras de arte: 263 boeiros, 4 pontilhões, 8 pontes, 16 tunneis abertos em granito, extensos cortes, aterros e as estações de Palmeiras, construida por um particular e offerecida á estrada de ferro, Rodeio na freguezia da Sacra Familia do Tinguá, Mendes na freguezia do mesmo nome, Santa Anna á margem do Pirahy, e Barra no lugar do encontro dos dous rios Pirahy e Parahyba convergindo para este ponto as estradas de Rezende, das Dores, de S Paulo e Minas.

Um dos tunneis tem 437,^{m} 36 de comprimento, outro 654^{m},47 e o terceiro 2237,^{m} 57, e a extensão de todas essas 16 aberturas subterraneas, praticadas em rocha viva e resistente, é de 5 kilometros e 189^{m},38 metros.

Todas as estações dessa secção abrirão-se em agosto de 1864, e importou a despeza com a construcção, estações, indemnisações e acquisições de terrenos em 12,251:038$448.

A terceira secção prolonga-se até Entre Rios na extensão de 89,6 kilometros acompanhando constantemente o Parahyba, que, em alguns lugares, passa de uma para outra margem; tem as estações

(1) Em 19 de setembro de 1866 um incendio consumio a casa dessa estação que era de madeira alcatroada, ficando deteriorados ou destruidos os generos ahi depositados.

do Ypiranga na estrada do presidente Pedreira, Vassouras, perto da cidade deste nome ; Desengano no cruzamento do ramal de Valença, Commercio na estrada do Commercio, Ubá na freguezia do mesmo nome, Parahyba do Sul na cidade deste nome e de Entre Rios no cruzamento com a estrada da União e Industria.

Em abril de 1865 abrio-se a estação do Ypiranga, em junho a de Vassouras, em dezembro a do Desengano ; em novembro de 1866 a do Commercio, em maio de 1867 a de Ubá, em agosto a da Parahyba, e em outubro a de Entre-Rios.

Conta esta parte da via ferrea 323 boeiros, 38 pontilhões, 14 pontes de mais de 6 metros, a ponte do Secretario sobre o rio do mesmo nome, a do Mingú sobre o rio Mingú, da Barra sobre o Pirahy com 48m,58 a do Desengano sobre o Parahyba com 7m,65 de largura e 170m,73 de comprimento ; dá passagem ás locomotivas e ao publico, e importou em 136:931$000 ; a do Paraiso sobre o Parahyba com 189m,93 de comprimento; dá-se ahi o segundo cruzamento da estrada com esse rio ; é notavel pela solidez da construcção e pela fórma curva, contendo dez vãos, importou em 143:978$000 e perecerão nesta obra sete pessoas ; a ponte da Boa-Vista sobre o Parahyba, no lugar em que o rio é dividido por duas ilhas em tres canaes ; tem o comprimento de 233m,84 e importou em 133:462$000. Ha mais 12 pontilhões, 2 viaductos, grandes córtes e aterros, o tunnel do Casal na fazenda deste nome, e um desvio na fazenda da Boa-Vista. Custou esta secção, pela maior parte construida por engenheiros brazileiros, 3,887:824$468.

Começa na estação do Desengano o ramal de Valença de 25 kilometros, propriedade da companhia Valenciana, que contratou com um engenheiro brazileiro pela quantia de 800:000$000. Vae ter á cidade do mesmo nome e foi inaugurado, em presença do Imperador e do conde d'Eu, em 18 de maio de 1871.

Em Entre-Rios começa a importante estrada de rodagem da União e Industria, cuja companhia celebrou em 1868 um contrato com o governo, em virtude do qual se transferio para a estrada de ferro o serviço de transporte que era feito em carros por aquella estrada até a via ferrea de Mauá, concedendo-se a reducção de 25 °/₀ nos fretes da tabella que vigora na estrada D. Pedro II.

Na linha central que principia em Entre-Rios ha actualmente as

estações da Serraria, Parahybuna, Espirito-Santo, Mathias Barbosa, Cedofeita. Retiro, Juiz de Fora, Rio-Novo, Bemfica, Chapeo d'Uvas e João Gomes.

As do Espirito-Santo e Mathias Barbosa forão inauguradas em outubro de 1875 ; as de Cedofeita, Retiro e Juiz de Fora em dezembro do mesmo anno, e as tres ultimas em fevereiro de 1877.

Podemos mencionar nesse prolongamento da estrada a ponte da Serraria, cinco tunneis sendo os mais importantes o do Passa-Tres e Poço Manso, aponte do Bom-Successo e diversos pontilhões, viaductos, córtes, e aterros.

E' a estação de João Gomes o extremo actual dessa immensa arteria de locomoção chamada estrada de ferro D Pedro II, que já tem em trafego mais de 500.000 kilometros.

A quarta secção ou ramal de S Paulo apresenta as estações : Vargem Alegre, Pinheiros, Volta Redonda, Barra Mansa, Pombal, Divisa, Rezende, Campo Bello, Itatiaia, Boa-Vista, Queluz, Lavrinhas e Cachoeira, na provincia de S Paulo que breve ficará ligada a côrte pela estrada de ferro S Paulo e Rio de Janeiro.

Em 9 de maio de 1877 os trilhos dessa estrada chegarão ao ponto terminal da Cachoeira conduzindo a primeira locomotiva com o vice presidente da directoria, engenheiros e varios passageiros de S. Paulo, que forão recebidos pelos trabalhadores com girandolas de foguetes, e breve se executará a inauguração em presença da princeza regente dessa importante via ferrea, que vae aproximar duas provincia, e reduzir a horas a distancia da côrte á cidade de S Paulo.

Ha na quarta secção 16 pontes, 10 pontilhões e 1 tunnel, e tem de extensão 155,8 kilometros; a ponte da Cachoeira e a estação deste nome são as obras mais importantes desta secção.

No ramal do Porto Novo do Cunha de 47,0 kilometros veem-se as estações de Santa Fé, Chiador, Anta, Sapucaia, Ouro Fino, Conceição e Porto Novo. Entre as obras de arte deve mencionar-se a ponte do Humaitá sobre o Parahybuna com o comprimento de 109m,75, tendo-se consumido com esse ramal e seus edificios 1,050:418$485.

Em Porto Novo vem a estrada de ferro D Pedro II encontrar outra via ferrea, a de Leopoldina na provincia de Minas.

Tem a estrada de ferro D Pedro II importantes officinas no lugar chamado Engenho de Dentro, as quaes occupão uma area de

19.000 metros quadrados, comprehendendo officinas de carpinteiros, torneiros e caldeireiros, carpintaria mecanica, e montagem de carros, fundição de ferro e bronze, pintura fina e envernisamento; empregão-se as machinas e instrumentos mais modernos, dando trabalho a 350 operarios residentes pela maior parte em 62 casas construidas no mesmo lugar por conta da estrada de ferro, que por conveniencia do serviço as aluga por modico preço. Em 1875 repararão-se nessas officinas 25 locomotivas e 141 carros e construirão-se 82 carros.

Viera substituir o Dr. Sobragy na direcção da estrada o cidadão Mariano Procopio Ferreira Lage nomeado por decreto de 13 de janeiro de 1869; mas fallecendo este em 14 de fevereiro de 1872, por decreto de 21 de fevereiro foi escolhido o barão de Angra, que tendo pedido demissão teve por successor o Dr. Sobragy indicado segunda vez para director, e em 1876 assumio a direcção o Dr. Francisco Pereira Passos. Hão servido como directores interinos o Dr. Antonio Augusto Monteiro de Barros, inspector geral do trafego, e actual engenheiro em chefe, e o Dr. Honorio Bicalho.

O decreto de 20 de maio de 1869 approvou o regulamento para a direcção e administração da estrada, mas em 28 de junho de 1876 adoptou-se novo regulamento separando a direcção e administração do serviço do trafego do da construcção de novas obras para prolongamento da linha principal e dos ramaes existentes, tendo cada divisão um chefe independente e immediatamente subordinado ao ministro de agricultura.

Percorrem diariamente as linhas dessa importante estrada 56 trens; que em 1876 transportarão 1,851,336 passageiros, produzindo a renda bruta de 8,102:000$000 provenientes de passagens, mercadorias, bagagens, e animaes.

E' esta estrada a principal via ferrea do Imperio; atravessa grande zona da provincia do Rio de Janeiro, rasga em diversos pontos a Serra do Mar, lança-se através de altas montanhas, abre caminho por meio de abobodas subterraneas, atravessa rios caudalosos, envia um braço á provincia de S. Paulo onde vae ligar-se á estrada dessa provincia, destaca outro braço para recolher os productos de importantes municipios na parte em que a provincia de Minas confina com a do Rio de Janeiro, penetra pelo interior daquella provincia caminha em busca da bacia de S. Francisco, cujas aguas e as de seus

tributarios approximarão as provincias á capital do Imperio. Estende outros braços menores, que vão levar a vida, o commercio, a animação á diversas cidades e povoações; os ramaes do Campinho, de Macacos e de Valença e outros que se projectão, partem desse grande tronco, se afastão, e se prolongão como as arterias que se bifurcão do coração. Importantes estradas como a da União e Industria, da Leopoldina e outras se aggregão a essa extensissima linha que como caudaloso rio tem tributarios para diversos terrenos e differentes povoados. Atravessando grandes regiões incultas, villas, cidades, rios, valles, cachoeiras, montes, serras, abysmos, abobodas escuras, leva essa estrada as locomotivas á grande distancia, e de todos os mercados ricos, de todos os lugares ferteis traz ás portas da capital do Imperio as riquezas do solo, os productos, as mercadorias; assim tudo lhe annuncia um lisongeiro e risonho futuro; e quando ligar-se á bacia do rio S. Francisco e a outras estradas do norte, tornar-se-ha o caminho geral do commercio; de grande extensão de territorio arrecadará os productos para vir despeja-los no grande emporio commercial da capital do Imperio, diminuirá as distancias entre a metropole e as provincias, tornará habitadas regiões desertas e ferteis, terrenos agrestes, e conhecido, habitado e poderoso o Brazil, por meio de uma rêde mixta de caminhos de ferro e navegação, e abrirá faceis e rapidas communicações entre a côrte e o extremo norte do Imperio.

Começa esta estrada, como já dissemos, na capital do Imperio, estando sua estação central em um dos extremos da face occidental da praça da Acclamação, entre as ruas do General Pedra e a do Principe.

Tendo de se construir esse edificio demolio-se a igreja parochial de Santa Anna, erecta pela provisão de 30 de julho de 1735 em terreno cedido pelo arcediago Antonio Pereira da Cunha, natural do Rio de Janeiro, que perecendo em 22 de outubro de 1759 teve sepultura nesse templo.

Occupava a igreja o lugar que fórma actualmente o logradouro publico em frente da Estação; ficava fronteira ao templo de S. Joaquim; era um edificio mesquinho, acaçapado com uma torre ao lado direito, tendo no interior cinco altares com obra de talha dourada: Demolida a igreja, demolirão-se tambem muitos predios, cuja desapropriação subio a 800:000$000 afim de haver espaço para a es-

tação, que se pensara a principio edificar entre as ruas do General Pedra e Senador Euzebio, porém por não existir ahi terreno sufficiente para os armazens, preferio-se o lugar em que ainda se acha.

Constava este edificio de um corpo central mais saliente com cinco arcos sustentados por oito columnas de ferro, e de dous torreões com tres janellas nos dous pavimentos; sobre a arcaria lia-se o distico— *Estrada de ferro de D. Pedro II*, e um attico revestia a parte superior deste predio que era de aspecto feio, com columnas pequeninas, sem prospecto, e sem genero determinado de architectura.

Havia sido construido por Eduardo Price, empreiteiro da primeira secção, que se compromettera a promptificar essa parte da linha com as estações necessarias; e se fizermos menção da somma gasta em desapropriações, consumirão-se nesse edificio e suas dependencias 1,170:000$000. Mais alguns annos depois teve de demolir-se essa má construcção para erguer-se um palacio digno e elegante.

Foi encarregado do projecto o habil engenheiro Jorge Radmaker Grunewald, e começada a obra em principio de 1870, em 31 de dezembro do mesmo anno estava concluida.

Consta este bello monumento de dous torreões com tres ordens de columnas, sendo as do primeiro pavimento da ordem dorica romana e os dos dous ultimos da ordem corinthia; levanta-se entre elles um corpo central com cinco arcos de alvenaria na parte inferior, um grande terrado na altura do primeiro andar, cercado de uma balaustrada de marmore, igual a que guarnece a janella central dos torreões, no fundo do terrado abrem-se cinco janellas rasgadas e na parte superior vê-se um relogio, cujo mostrador é alumiado á noite, e sustentado por duas figuras symbolisando as provincias do Rio de Janeiro e Minas.—Sobre a arcaria do primeiro pavimento le-se: *Estrada de ferro de D. Pedro II.*

Nos vãos dos arcos ha em ovaes, formados de fumo e café, a legenda *Pedro II*; e uma linha de balaustres de marmore ornamenta o telhado.

A face voltada para a plata-fórma da estação tem no corpo central, em vez do terrado, cinco janellas guarnecidas de uma lind grade de balaustres de marmore.

Ha no primeiro pavimento deste edificio um vasto peristilo o nado de columnas e pilastras, a agencia, a sala de senhoras prepara

com muita elegancia pelo actual director, que introduzio diversos melhoramentos nesta estação ; no segundo pavimento estão a secretaria com o retrato do Imperador pintado pelo artista Moreau, e inaugurado em 2 de dezembro de 1862, o archivo, a secção de contabilidade central, a thesouraria, o escriptorio do trafego, sala de espera, sala do chefe do trafego, sala do telegrapho e a sala do director, onde vê-se o retrato do conselheiro Christiano Benedicto Ottoni, feito por ordem da directoria e collocado no lugar que occupa, em 7 de março de 1863.

Em frente da estação ha um jardim fechado com um gradil semi-circular, e lateralmente estão os portões que dão entrada para os armazens, já mui limitados para conterem a quantidade de generos que a estrada despeja no mercado.

E' immensa a abobada de zinco que cobre a plataforma desta estação ; mede 76 metros de comprimento e 27 de vão.

A area da estação prolonga-se até á pedreira de S. Diogo, contendo em seu perimetro, cercado de muro de pedra, armazens de exportação, de importação, a casa do almoxarifado, deposito e officinas do telegrapho, deposito de graixa, de madeiras, de cal, escriptorio da tracção, telheiros para abrigo de carros, e algumas officinas de tracção.

Tendo a estrada cortado a communicação da rua do general Caldwell com a do Principe construio-se uma ponte de ferro que atravessa a area da estação ; importou em 12:300$000, e foi inaugurada em 2 de dezembro de 1861 ; só dá passagem a peões.

E' gracioso e elegante o edificio da Estação Central; mas devia ser maior, mais vasto, o que dar-lhe-hia um caracter monumental, e realçaria a bella architectura deste palacio.

Esta estação, donde a todo o momento partem e chegão carros de passageiros e cargas impellidos pelas ondas do vapor, onde de instante a instante se repercute o grito da locomotiva, que com suas azas de ouro fabricadas pela industria humana supprime as distancias, approxima as cidades, une os lugares, e acarreta para um só ponto os productos de povoações muito longinquas e afastadas ; esta estação, principio de uma estrada de vastas dimensões,

que enviando braços para differentes pontos, parece querer abraçar em amplexo de risonho futuro todo o Brazil, cabeça desse corpo immenso que procura estender-se por todo o territorio da nação para levar comsigo o commercio, a industria, a civilisação, a vida, devia ser um monumento muito vasto, grandioso e imponente para ser digno portico de tão grande obra (1).

(1) Veja a Noticia sobre as estradas de ferro do Brazil pelo conselheiro Manoel da Cunha Galvão.

XVIII

QUARTEL DA PRAÇA DA ACCLAMAÇÃO

Os soldados que ajudárão Mem de Sá e Estacio de Sá a repellir os Francezes do Rio de Janeiro constituirão o primeiro corpo de tropa creado nesta cidade, chamado o terço velho ; e em 1700 ou pouco antes organisou-se outro corpo formado de quatro companhias vindas de Portugal e uma de Santos, o qual denominou-se terço novo.

Constituido o terço velho, se formára um corpo de artilheria composto dos soldados que havião combatido nos navios manejando a artilheria contra o inimigo ; constava de duas companhias de 50 homens cada uma, porém reconhecendo-se não ser sufficiente essa força para guarnecer as fortalezas e baterias dos fortes, ordenou o governo, em 16 de abril de 1736, a Gomes Freire de Andrade que, conferenciando com o brigadeiro José da Silva Paes sobre a formação de um regimento de artilheria, logo que ambos concordassem nessa medida, fosse ella executada; de feito creou Gomes Freire de Andrade um corpo de artilheria de dez companhias.

O decreto de 6 de fevereiro de 1698 ordenára que fallecendo algum soldado se despendesse em suffragios o soldo de um mez, que devia ser entregue aos capellães ; e por aviso de 3 de setembro de 1735 se mandára pagar para o mesmo fim um mez de morto de todos os soldados que fallecessem.

Determinárão as ordens de 17 de julho de 1747 e de 29 de outubro de 1749 que se arregimentassem os terços velho, novo e de artilheria e todas as tropas pagas de infanteria do Brazil, supprimindo-se os postos de ajudante-supra e capitão de campanha ; a ordem de 25 de fevereiro de 1751 approvou o plano por que o governador executou as ordens régias ; e a ordem de 23 de março de 1767 augmentou tres companhias a cada um dos tres regimentos.

Por aviso régio de 31 de janeiro de 1765 creou o conde da Cunha o regimento de cavallaria da guarda dos vice-reis, estabelecendo uma só companhia sem numero competente de praças e com um tenente e um alferes ; e na ponta chamada da Misericordia edificou um quartel para esse regimento, que nos vice-reinados do conde de Azambuja e do marquez do Lavradio ficou uniformisado e organisado, contando duas companhias.

Em 1767 vierão destacados para esta cidade os regimentos de Bragança, de Elvas e de Extremoz, os quaes Balthazar da Silva Lisboa denomina de Bragança, do Moura e Chichorro. Com elles veio commandar as tropas da capitania o tenente-general João Henrique de Bohm, que abjurou a religião protestante e falleceu catholico ; succedendo-lhe em 1799, no posto e na inspecção das tropas do Sul, José Narciso de Magalhães e Menezes que, nomeado em 17 de dezembro de 1804 governador e capitão-general da capitania do Pará, chegou alli a 5 de março de 1806, e falleceu no mesmo governo depois da conquista de Cayenna, devida á sua direcção.

O regimento de Bragança foi aquartelar-se na rua dos Quarteis da Armada, que desde então recebeu o nome de rua de Bragança (1), o de Extremoz achou abrigo nas casas dos Benedictinos edificadas na rua do Arco de S Bento, hoje de S Bento, e o de Elvas ou do Moura é de crer que se aquartelasse em casas proximas á casa do Trem ou arsenal de guerra, dando seu nome ao largo que ha proximo desse arsenal.

---

(1) A carta regia de 5 de dezembro de 1699 mandara fazer quarteis para quatro companhias de infanteria que vinhão de Portugal servir nesta praça, havendo outros que occupavão os soldados das náos do comboio, onde ordenou-se, em 26 de janeiro do 1726, que assistissem tambem os officiaes e soldados da náo de guarda costa.

Muito antes de 1697 já se achava alistado o povo em tres classes, brancos, pardos e pretos, como se vê da ordem de 29 de janeiro de 1700 que mandou pagar ao capitão de infanteria dos homens pretos forros 50 rs. por dia, como se pagava ao capitão dos homens pardos, declarando que quanto ás obrigações e vencimentos de soldo, quando occupados no serviço do rei, se praticasse com elles o mesmo que com os auxiliares de Portugal, e que aos coroneis destes corpos se passasse patente de mestre de campo. Mas em virtude da carta de 22 de março de 1766 fez o conde da Cunha novo alistamento e principiou a organisar os terços; todavia foi o marquez do Lavradio quem deu-lhes regularidade e disciplina, tornando-os aptos para substituirem a tropa de linha; creou tambem um regimento de cavallaria de milicias.

Em 1793 o conde de Rezende supprimio o regimento velho, repartindo as praças pelos outros regimentos; e desde então o regimento de Bragança denominou-se 1º regimento do Rio, o regimento novo 2º do Rio, e o de Elvas ou do Moura 3º do Rio, contando cada um dez companhias.

O regimento de Extremoz havia sido destacado em 1792 para a capitania de Minas, e no anno seguinte parte fôra para o Rio Grande do Sul e parte para Paraty e Ilha Grande, e dalli para o Pará. Quiz tambem o conde de Rezende extinguir o regimento de cavallaria dos vice-reis, o qual continuou, porem, a subsistir com o nome de *esquadrão de cavallaria ligeira da guarda do Illm. Ex. vice-rei do Estado*, até 13 de maio de 1808, em que creou-se um regimento de cavallaria denominado 1º regimento de cavallaria do exercito.

Os batalhões erão numerados e recebião o nome do lugar onde se organisavão; a primeira companhia do regimento era a do coronel, a segunda a do tenente-coronel e a terceira do major, as outras tomavão os nomes de seus capitães, e havendo dez companhias havia só sete capitães.

O primeiro regimento trazia farda azul com peitos da mesma côr, gola e canhão encarnados; o segundo farda azul, gola e canhão escarlates, tendo no peito junto á gola um coração dessa côr; o terceiro farda azul, gola, canhão e peitos amarellos, pelo que o povo appellidava gaturamos a esses soldados.

O corpo de artilheria vestia farda e peitos azues, e gola e canhão pretos. As dragonas e distinctivos da farda erão de prata, porem depois da vinda do rei começarão a ser de ouro para os milicares da primeira linha, e de metal branco para os da segunda.

Os soldados rezavão todos os dias o terço do Rozario ; os do regimento do Moura festejavão a Senhora da Conceição na igreja do convento dos Franciscanos, onde ouvião missa em um dia da semana e alli se sepultavão Em 1801, por breve do nuncio com o beneplacito regio de 12 de agosto desse anno, ficarão os soldados despensados da abstinencia dos dias de peixe para poderem comer carne

A tropa de milicias constava de tres regimentos de homens brancos, o da Candelaria, cujo coronel era o vice-rei, o de S. José e o de Santa Rita ; o quarto era o dos pardos, e havia tambem o dos pretos libertos chamado dos Henriques.

O regimento de cavallaria miliciana que até o governo do conde de Rezende constava de quatorze companhias organisadas com individuos da cidade, seus arrabaldes e lugares proximos, foi depois dividido em dous regimentos, um pertencente á cidade e terra firme, e o outro aos districtos além de Nictheroby.

Usava o terço dos pardos de farda azul claro, canhão e gola encarnado, calça e collete amarellos, sendo a calça unida ao collete, muito estreita e com botões pela costura, botins por cima da calça, chapéo com uma aba voltada para cima e duas plumas azul e encarnada ; a calça e collete dos officiaes erão de setim amarello. Vindo o rei para o Brazil modificou-se esse fardamento que começou a ser farda azul-escuro e calça branca.

Quando a côrte portugueza veio para o Brazil a tropa não se achava bem organisada, nem era satisfactoria sua disciplina ; e por isso deu logo o ministro da guerra, conde de Linhares, promptas providencias para disciplinar o exercito.

O decreto de 17 de maio de 1808 creou duas companhias de artilheria a cavallo, porém de pouca utilidade foi essa medida, não só pela demora e má escolha dos officiaes, senão pela falta de disciplina desse corpo, que ficou aboletado no antigo quartel de artilheria por trás do Trem, hoje arsenal de guerra ; accresce que o recrutamento que houve para organisarem-se essas companhias afugentou

os roceiros que receiosos deixarão de trazer á cidade os generos alimenticios, soffrendo o povo carestia (1).

Houve tambem um quartel de artilheria montada no lugar onde mais tarde se construio o theatro de S. Januario.

Organisado o primeiro regimento de cavallaria do exercito ordenou-se que se aquartelasse na praça do Rocio nas casas existentes entre as ruas da Constituição e Visconde do Rio Branco, sendo os cavallos recolhidos ao jogo da Bola de Bento Esteves na rua do Hospicio logo acima da da Conceição.

Constavão os regimentos de linha de oito companhias de fuzileiros, uma de granadeiros, e outra de caçadores ; porém o decreto de 28 de abril de 1818 separou as companhias de granadeiros e caçadores transformando-as em batalhões distinctos, e creou tres batalhões de fuzileiros com seis companhias cada um, tendo cada companhia 89 praças e havendo um estado maior de 35 praças, ao todo 569 praças.

Em 1828 amotinárão-se no Rio de Janeiro os batalhões de Allemães e Irlandezes que tinhão sido contratados para o serviço do Imperio.

Tendo-se mostrado insubordinado com o commandante da companhia um soldado allemão do 2º batalhão de granadeiros aquartelado em S. Christovão, ordenou o coronel commandante do corpo que fosse castigado com cem chibatadas; recusando, porém, o soldado receber o castigo, o major mandou prendel-o á uma grade, e dar-lhe 220 chibatadas. Publicada essa ordem no quartel houve susurro no batalhão, e sessenta ou setenta soldados se dirigirão ao imperador queixando-se do major. Ordenou Pedro I que o batalhão marchasse para a cidade ; porém muitos soldados recusárão entrar no quartel do Campo, onde se achava o major, que foi obrigado a sahir, sendo sua casa varejada pelos soldados que arrombárão-lhe bahús, gavetas, quebrárão trastes e roubárão cento e tantos mil reis e algumas peças de prata do uso domestico.

Derão-se estes factos em 9 de junho, e no dia seguinte indo o major ao quartel foi perseguido e vio-se obrigado a fugir, forão

(1) Veja Corographia Historica do Dr. Mello Moraes, tomo I, segunda part pag. 382.

auge, houve tiroteios entre a força militar, dos quaes resultarão ferimentos e a morte de um soldado de 3e batalhão; tentarão os sediciosos tirar armas dos arsenaes, mas forão repellidos pelos cidadãos pacificos; ultrajarão as rondas municipaes; cercarão o paço imperial com uma attitude ameaçadora, e remetterão ao governo uma representação assignada por 441 individuos, na qual pedia-se a deportação de 89 pessoas, das quaes 7 erão senadores do Imperio

Em tão penosas e graves circumstancias manifestou-se o patriotismo dos bons cidadãos; officiaes superiores de todas as patentes e de todos os corpos constituirão um batalhão chamado dos soldados da patria, e de espingarda ao hombro forão guardar as estações publicas; o governo extinguio o corpo de policia por decreto de 15, e no dia seguinte embarcarão os soldados para differentes provincias afim de serem aggregados aos corpos do exercito; foi nomeado commandante geral dos guardas municipaes o deputado Sebastião do Rego Barros; muitos cidadãos forão presos, lavrarão-se baixas de muitos soldados, e diversos officiaes forão uns demittidos, outros reformados, e muitos transferidos para differentes corpos e provincias do Imperio.

Propalou-se nessa occasião que pretendião alguns anarchistas lançar fogo á alfandega, e em quanto estes procedião assim mais de 1,500 cidadãos enviarão uma representação á camara dos deputados, na qual offerecião seus serviços e vidas afim de sustentarem o systema constitucional e o governo legal.

A exaltação do partido que fizera a revolução de 7 de abril, a linguagem vehemente e ferina da imprensa, a indisciplina da tropa que, orgulhosa por vêr que desde 1821 satisfizera suas exigencias, transformara-se em um corpo anarchico que alçava a cabeça logo que havia um motim; eis as causas da sedição que acabamos de referir (1).

A lei de 18 de agosto de 1831 creou a guarda nacional extinguindo os corpos de milicias e das ordenanças, e a lei de 10 de setembro de 1873 deu-lhe nova organisação, e abolio o serviço de guarnição e policia qne pesava sobre essa milicia civica; prestando assim um beneficio á liberdade do cidadão.

(1) Veja na revista do Instituto Historico tomo XXXVII, parte segunda, e pag 179 a memoria intitulada Sedição Militar de julho de 1831, no Rio de Janeiro.

Em 3 de abril de 1831 alguns militares que se achavão recolhidos ás fortalezas de Villegaignon e Santa Cruz pelo motim e desordem que havião praticado no theatro em 28 de setembro de 1831, capitaniados pelo major Miguel de Frias e Vasconcellos sublevarão as guarnições e os presos dessas fortalezas, apossarão-se de uma peça e vierão desembarcar na praia de Botafogo ás seis horas da manhã.

Alem do major Frias vinhão no grupo o capitão de caçadores Salustiano Antonio de Lima, o tenente de engenheiros Honorio José Ferreira e o tenente de artilheria Antonio Caetano da Silva.

Chegados os revoltosos ao campo da Honra em numero de cento e tantos a duzentos, postarão-se junto do palacete que alli havia, e fizerão frente para o quartel donde julgavão rompesse o ataque,

Tendo noticia desse movimento ordenou o ministro da justiça que marchasse do quartel o corpo de permanentes para bater os rebeldes que clamavão pela deposição do governo da regencia, pelo estabelecimento de um governo republicano e convocação de uma assemblea constituinte.

O major do corpo de permanentes Luiz Alves de Lima, hoje duque de Caxias, recebeu aviso para sem perda de tempo assumir o commando do referido corpo e com elle marchar contra os rebeldes; de feito a frente de vinte e tantos homens de infanteria avançou o major Lima pela rua dos Ciganos, em quanto a cavallaria sob o commando do tenente coronel Theobaldo Sanches Brandão, ou do capitão Antonio Manoel de Mello, como escrevem outros periodicos do tempo, investia pela rua do Hospicio. Ao entrar na praça deu a infanteria uma descarga, e calando baionetas atacou a ferro frio os revoltosos, que dispararão a peça; mas cercados pela infanteria e cavallaria fugirão em debandada, occultando-se muitos nos portões e casas que encontrarão abertos, desapparecendo outros pela rua do Areal; diversos forão presos e mais de 90 renderão-se. O major Frias homisiou-se em uma casa da rua do Areal, e alguns dias depois embarcou para os Estados Unidos.

Dos revoltosos morrerão dez e alguns ficarão feridos; do corpo de permanentes morreu um soldado e ficarão feridos tres.

As fortalezas de Santa Cruz e Villegaignon, qne havião adherido ao movimento revolucionario, chegarão a assestar peças contra a cidade, mas na noite de 3 de abril o capitão Manoel Luiz Tipíti Albuquer-

que Maranhão preparou uma contra-revolução na fortaleza de Santa Cruz, prenden o tenente Cabral que se fizera governador, e por tres tiros de canhão annunciou que a ordem estava alli restabelecida.

Cercada a fortaleza de Villegaignon e intimada aos revoltosos a entrega da praça, renderão-se estes na tarde do dia 4, sendo remettidos presos para a ilha das Cobras, excepto o commandante José Custodio Rodrigues da Silva que foi recolhido á fragata Imperatriz.

O soldado do corpo de permanentes Florentino José Lopes, morto em defeza da ordem e do governo legal, foi sepultado com muita pompa na igreja de S. Francisco de Paula, assistindo ao acto funebre os membros da regencia e os ministros, e por decreto de 25 de abril de 1832 tiverão seus paes uma pensão de 18$000 mensaes.

A peça de artilheria dos rebeldes, munição, armamento e correame forão os tropheos que da luta colherão os municipaes permanentes, sendo essa a primeira vez que se apresentarão em peleja.

A carta de lei de 8 de outubro de 1833 autorisou o governo a conceder amnistia a todos os crimes politicos segundo pedisse o bem do Estado, e em virtude dessa lei voltou Miguel de Frias e Vasconcellos á patria, a que prestou, em tempos mais calmos, uteis e valiosos serviços (1).

No tempo dos primeiros governadores a tropa que vinha do reino se aquartelava nas casas dos moradores. Admittidos no centro das familias não tinhão os soldados um procedimento regular, perturbavão a harmonia, a paz, a honestidade das habitações ; e não era raro trahirem a hospitalidade, e pagarem o agasalho e afago com a seducção e a deshonra.

Chegou tão longe o escandalo que o senado da camara representou ao rei pedindo suspendesse a hospitalidade que os moradores prestavão aos soldados ; mas desprezando a afflicção das familias, a deshonra do sanctuario domestico, respondeu el-rei, em 10 de dezembro de 1701, que ordenara ao governador a edificação de quarteis, todavia que no reino a tropa ainda se aquartelava pelas casas honradas, sem repararem os habitantes naquelle inconveniente, e que muito menos devia parece-lo aos do Brazil, vindo a tropa servir fóra de seu paiz,

(1) Veja Motim Politico de 3 de abril de 1832, no Rio de Janeiro, na Revista do Instituto Historico, tomo XXXVII, parte segunda, pag 367.

perdendo sua patria e suas conveniencias, e tornando-se por isso assim digna de attenção (1).

Transformada em metropole a cidade do Rio de Janeiro reconheceu o governo a falta de quarteis para abrigar a tropa, pelo que determinou o conde de Linhares construir um para o segundo regimento de infanteria de linha. Representou nesse sentido ao conde de Aguiar em 12 de novembro de 1810, e zelosos do bem publico, e desejando que aquelle regimento desoccupasse as casas pertencentes ao mosteiro offerecerão os Benedictinos telha e tijolo para a edificação do quartel.

Tendo obtido este offerecimento tratou o governo de escolher o terreno para a construcção do quartel, preferindo o campo de Santa Anna, hoje praça da Acclamação, por haver alli espaço para exercicios militares.

Em 14 de novembro participou o filho do conde de Linhares, D. Victorio, ao conde de Aguiar que Manoel José da Costa Martins Gil e sua mulher D. Emerenciana Isabel Dantas e Castro havião dado um terreno para a edificação do quartel. Mas no terreno cedido por Martins Gil havia dez braças com quinze de fundo que elle doara por escriptura á irmandade do Espirito-Santo da freguezia de Santa Anna, a qual construira na frente do terreno, na esquina da rua de Santa Anna, uma varanda com columnas que servia de *imperio* do Divino Espirito-Santo.

Era necessario demolir-se a casa do imperio para se edificar o quartel, porem oppunha-se a irmandade apezar de lhe ter sido proposto erguer-se novo imperio em um terreno ao lado esquerdo da igreja. Accresce que era insufficiente o terreno doado por Martins Gil e sua mulher, e o que confrontava com esse chão achava-se em litigio por se julgarem com direitos iguaes o brigadeiro Domingos José Ferreira e Manoel José da Costa Martins Gil, correndo a demanda no juizo das almotaçarias. Ainda mais : o terreno contiguo ao chão litigioso pertencia a Domingos José Ferreira que não queria da-lo nem vendel-o. Consultou-se para dar parecer sobre esssas questões, ao intendente da policia Paulo Fernandes Vianna que, em officio de 3 de dezembro de 1810 dirigido ao conde de Linhares, declarou ser

(1) Veja Annaes do Rio de Janeiro de Balthazar da Silva Lisboa, tomo V. pag 8.

conveniente a demolição da casa do imperio, e que depois de avaliado o terreno da irmandade fosse pago pela quinta parte mais de seu valor, como dizia a lei, pois com o rendimento que a irmandade obtivesse poderia construir cada anno uma varanda portatil para servir de imperio ; quanto ao terreno litigioso que tambem fosse avaliado, recolhendo-se o dinheiro ao cofre para ser entregue a quem fosse reconhecido dono ; e sobre a ultima questão ponderou o intendente que tendo-se aberto, havia tres mezes, pela chacara de Domingos José Ferreira, a rua de S. Lourenço, e tendo o proprietario de aforar, arrendar ou vender os terrenos para as edificações podia o governo examinar por quanto erão cedidos aos particulares esses terrenos, tomando para si os que lhe conviesse.

Era o intendente da policia naquelles tempos um juiz supremo; estavão ao seu dispor a cadeia e a Angola ; prendia, acusava e deportava para a Africa qualquer individuo, quando julgava ser isso necessario á segurança do Estado ; Paulo Fernandes, porem, jámais abusou do poder, e se era aspero e severo com os vadios e criminosos, sabia respeitar a lei e prezar a justiça.

O governo comprou por 7:808$320 os terrenos da irmandade do Espirito-Santo e o de Domingos José Ferreira ; e em 8 de março de 1811 o tabellião Joaquim Carlos da Rocha Pita lavrou a escriptura da doação do terreno de Manoel José da Costa Martins Gil e sua mulher.

O architecto Manoel da Costa apresentou o desenho para a construcção do quartel, que devia ser quadrado, tendo cada lado noventa ou cem braças de comprimento ; nos quatro angulos haveria um sobrado com seis janellas de grades de ferro e no centro um pavilhão para casa da ordem, estado maior etc ; os dous sobrados da frente serião occupados : um pelo quartel-mestre e pelo tenente-coronel, o outro pelo coronel e pela secretaria, e nos dous do fundo residirião os majores e seus ajudantes; haveria casas para capitaes, tenentes e alferes, e por cima das companhias alojamentos para os officiaes inferiores.

Deu-se principio a obra em 1811 presidindo á construcção o coronel Antonio Lopes de Barros, commandante do regimento novo ; orçou-se o edificio em 200,000 cruzados, e derão os Benedictinos a

telha e o tijolo como havião promettido, carregando com esse onus até 1821.

Depois do anno de 1814 veio o segundo regimento de linha aboletar-se neste quartel que ainda não estava concluido. Em 1861 o governo mandou levantar sobrados na face da frente sobre as casernas das companhias, isto é nos espaços entre o sobrado do centro e os dos flancos, importando essa obra, feita por contrato, em 61:192$000.

Em 11 de novembro de 1872 construio-se tambem por contrato uma varanda envidraçada que liga entre si pelo lado interno do edificio todas as repartições que ahi funccionão. Essa varanda que circumda completamente o edificio permitte que todo o serviço interno seja feito ao abrigo do tempo; importou em 19:775$448.

Este grande edificio construido na face septentrional da praça da Acclamação occupa o quadro entre as ruas do Santa Anna e S. Lourenço, revestindo uma face inteira da praça e estendendo-se até a rua Detrás dos Quarteis ; tem 128 braças de frente e 145 1/2 de fundo.

Divide-se a frontaria em tres corpos ; no centro ha o portão e duas janellas no pavimento terreo, tres no superior ; segue-se um frontão recto, enchendo o tympano as armas imperiaes entre trophéos militares ; os corpos lateraes contão cada um duas portas, doze jánellas e doze mesaninos, e no sobrado vinte e seis janellas.

As janellas do primeiro pavimento são de peitoril e as cincoenta e cinco do segundo de sacadas com grades de ferro.

Na face voltada para a rua Detrás dos Quarteis levanta-se em cada extremidade um sobrado com uma porta e cinco janellas no pavimento terreo e sete no superior, sendo todas de peitoril, e no centro abrem-se mesaninos que dão luz aos salões das companhias. Tem a face que olha para a rua de Sant'Anna quatro janellas de peitoril no primeiro pavimento e no segundo quatro com sacadas no corpo anterior do edificio que desse lado é irregular, pois vê-se ahi um muro mais saliente, erguendo-se um sobrado no centro com seis janellas de peitoril, pertencente a um outro quartel que é unido ao que descrevemos.

A face que guarnece a rua de S. Lourenço apresentava em um extremo, quatro janellas de peitoril no pavimento terreo e quatro com sacadas no superior, e em outro, quatro de peitoril no primeiro e cinco

no segundo ; mas em 1876 o governo contratou por 145:000$000 a construcção de um sobrado corrido sobre essa ala do quartel.

Tendo-se demolido essa parte do edificio para erguer o sobrado, devia ter-se dado mais elevação aos dous pavimentos, pois mais tarde, reformada a fachada com maior altura, ficaria o edificio mais imponente e elegante.

Vasta como é essa construcção, porém de má architectura, de uma nudez que desgosta a vista, e além disto acaçapada, seria de prospecto magestoso e monumental se fosse erguida sob as regras da arte, mais altos seus pavimentos, de architectura nobre e apropriada, sem serem esquecidos os preceitos da hygiene tão necessarios em semelhantes edificios.

Transposto o portico vê-se um extenso pateo cercado pelas alas do quartel e destinado aos exercicios militares ; na face do fundo abrem-se cinco tanques de pedra com uma caixa tambem de pedra com esta inscripção : — *2 de Dezembro de 1853*.

Occupão este quartel a secretaria da guerra, e repartições annexas, a pagadoria das tropas, o 1º e 10º batalhões de infanteria e familias de officiaes.

XIX

QUARTEL DO CORPO POLICIAL

No tempo dos vice-reis não havia corpo de policia; erão os differentes regimentos que davão contingentes para as rondas nocturnas da cidade, e existião os quadrilheiros que, envoltos em capote e espadas debaixo do braço, commandados por um cabo de ordenanças, percorrião de noite as ruas velando pelo socego publico. Bastavão essas patrulhas para a cidade viver em segurança e tranquillidade e dormir o povo no verão com as portas das casas abertas, sem receio dos gatunos! Havia pouca população; erão promptas e severas as medidas do governo absoluto, ainda não estava mui aperfeiçoada a *industria* dos ratoneiros, era excessivo o mêdo que o rigor da autoridade despertava, o respeito á propriedade era maior e assim reinavão o socego e repouso porque pesado era o jugo nesses tempos do governo de el-rei nosso senhor. Especialmente durante a policia de Miguel Nunes Vidigal viveu o Rio de Janeiro em paz e socego, já então habitava a familia real a cidade de S. Sebastião e era o activo, perspicaz e severo Vidigal o encarregado da policia.

Inventárão os gaiatos, que vião-se atormentados por essa autoridade, uma dança com o seguinte estribilho nas cantigas: — *Papai lélé seculorum.*

Nessa dança a primeira figura representava o major Vidigal que, simulado morto, vinha estender-se amortalhado no meio da sala en-

Encetada a guerra do Paraguay militares e paisanos disputarão a gloria de marchar para essa cruzada, onde todos querião defender os brios nacionaes ; os soldados da policia pedirão para entrar nos batalhões da guerra, e expedida o governo o aviso de 6 de julho de 1865 ordenando que o corpo policial seguisse para a campanha, não se fez esperar o commandante Manoel José Machado da Costa ; collocado a frente de seu corpo correu alegre para o campo da peleja.

Conhecido nas fileiras do exercito com o nome de batalhão 31 de voluntarios da patria cobrio-se de gloria o corpo policial guiado pelo coronel Machado; não havia escaramuça contra o inimigo em que se não vissem soldados do 31, não havia peleja em que se não contassem heroes feridos, mortos ou victoriosos pertencentes ao batalhão do coronel Machado, que depois de ter feito o inimigo experimentar diversas vezes a bravura do soldado brazileiro morreu no campo do combate, assim como muitos de seus companheiros.

Ficara no quartel sómente a cavallaria do corpo policial sob as ordens do major Antonio do Rego Duarte;e então para policiar a cidade veio aquartelar o 1º batalhão de artilheria da guarda nacional, que no mez seguinte foi rendido por outro batalhão, e assim successivamente todos os mezes; além disto cidadãos de todas as classes, movidos pelo patriotismo,prestarão-se ao serviço penoso e incommodo das rondas, e por sua perseverante actividade, por sua constancia e dedicação á causa publica cooperarão para a segurança de todos.

O decreto de 27 de janeiro de 1866 organisou a força policial com seis companhias, tres de infanteria e tres de cavallaria, e deu-lhe a denominação de corpo militar de policia da côrte.

O actual commandante, tenente-coronel Assumpção, que encetou sua vida militar nesse mesmo corpo assentando praça de soldado em 2 de julho de 1841,acompanhou como capitão o corpo policial á guerra do Paraguay; morto o coronel Machado assumio o commando do batalhão 31 de voluntarios,e em cinco longos annos de campanha escreveu sua brilhante fé de officio nas batalhas mais importantes dessa guerra; seus feitos militares e rasgos de heroismo encherão-lhe a farda de condecorações e conquistarão-lhe postos. Escolhido para commandar o corpo militar de policia se ha mostrado activo, zeloso e dedicado ao serviço publico.

Levanta-se o quartel desse corpo na rua do Evaristo da Veiga, outr'ora dos Barbonos, tendo na fachada o portão de entrada ladeado por duas janellas de peitoril; no segundo pavimento abrem-se tres janellas com sacadas de grades de ferro e quatro de peitoril; no terceiro tres de peitoril, coroando este corpo um frontão recto, e á janella central do segundo andar as armas imperiaes. Não são semelhantes os corpos lateraes; um conta treze e o outro vinte janellas com balaustres de páo; sobre o telhado ha trapeiras.

Este edificio, antigo hospicio de frades e quartel do batalhão de granadeiros, não tem belleza na forma nem genero de architectura, é uma casa grande, construida sem os preceitos da arte e sem as regras da symetria.

Transposto o portão vê-se no fundo do vestibulo um extenso corredor para o qual deitão portas as casernas, communicando-se esse corredor por meio de arcos de alvenaria com um extenso pateo destinado a exercicios militares.

Ao lado esquerdo do pateo está o hospital estabelecido na antiga capella dos frades, vendo-se ainda sobre o frontão a cruz de pedra. Ha uma unica enfermaria, uma sala para os medicos, outra para arrecadação da roupa dos doentes, quarto do praticante, casa de banhos, e sala para os officiaes que querem tratar-se no hospital.

Residem os officiaes nas antigas cellas dos frades, mas não ha domicilios para todos, o que não deixa de ser prejudicial, pois em corpos de policia, sujeitos a serviços repentinos e extraordinarios, devem morar no quartel todos os officiaes.

Do lado opposto do pateo está a cavalhariça, de boa construcção, e convenientemente preparada por ordem do ministerio da justiça, de 24 de abril de 1852.

Da parte do morro levanta-se uma muralha com um portão que conduz á casa de banhos, edificada por aviso do ministerio da justiça de 30 de janeiro de 1860, havendo uma banheira para officiaes e tres para soldados; e tão util melhoramento ao asseio e hygiene do batalhão foi lembrado e executado pelo commandante Manoel Pedro Drago.

O commandante reside sobre o morro em uma casa construida em 1855 para receber os affectados de cholera-morbus; e pouco distante ergue-se a capella que pertenceu aos religiosos, e transformou-se em prisão solitaria quando o hospicio passou a quartel.

Os soldados que commettião o crime de deserção erão reclusos oito dias nessa prisão solitaria; assim o asylo da oração e da paz tornou-se lugar de condemnação e de castigo, o recinto da fé e da consolação a casa de condemnados, a prisão de desestores; mas o aviso de 13 de fevereiro de 1857 mandou reconstruir o edificio e restitui-lo ao seu primitivo e sagrado ministerio, e em 30 de junho de 1858 o diocesano permittio que se celebrasse missa nessa ermida e se administrasse ahi o Santo Viatico aos soldados doentes.

Reedificada a capella preparou-se na frente uma varanda coberta para os soldados ouvirem missa: é consagrada á Senhora das Dores.

A casa da ordem, a secretaria, o estado maior, e a sala do commandante occupão o sobrado da frontaria do quartel

Outr'ora aquartelavão no largo da Ajuda em um quartel que havia junto do convento duas companhias do corpo policial, porem em 1866 vierão todas as companhias de infanteria e uma de cavallaria para o edificio que descrevemos, excepto duas de cavallaria que se conservarão no quartel de Estacio de Sá.

Determinara o decreto de 31 de julho de 1811 que se comprasse pela intendencia geral da policia o terreno necessario em Mata-porcos, hoje Estacio de Sá, para a edificação do quartel de uma companhia de cavallaria da guarda real da policia, que Manoel dos Santos Portugal levantara á sua custa pedindo em recompensa desse serviço o posto de capitão e o de tenente para seu irmão Braz dos Santos Portugal; mas parece que não realizou-se a compra do terreno, do qual a policia pagou arrendamento até 1829 á irmandade do Espirito-Santo.

Emquanto a rainha Carlota residio na casa que pertence á viscondessa da Praia Grande servio esse quartel de cavalhariça da casa da rainha.

Esse edificio, cuja construcção importou em 26:165$570, é pequeno e acaçapado, sem gosto e sem importancia; ergue-se no principio da rua do Haddock Lobo, tendo o portão no pavimento terreo e sete janellas de peitoril no superior.

Consta a força policial da côrte de dous corpos; um militar e outro civil ou paisano, denominado guarda urbana e creado por decreto de 27 de janeiro de 1866. O corpo militar, alem de 14 officiaes do estado-maior e menor, deve ter 24 officiaes de companhia, 560 praças e 15 entre cornetas, clarins e ferradores; o seu estado

effectivo, porem, é de 426 praças exclusive officiaes de companhia, estado maior e menor, cornetas, clarins e ferradores.

O corpo civil sob as ordens immediatas do chefe de policia deve ter 560 guardas ; mas conta 404, estacionadas apenas em seis freguezias do extenso e populoso municipio da côrte; ha tambem uma companhia de 34 pedestres destribuidos pelas freguezias de fóra.

O corpo policial faz o policia da cidade, auxilia as autoridades do municipio no desempenho de diligencias, tem postos de guardas e destacamentos em diversos districtos e arrabaldes da cidade, e destaca praças para conduzir presos da capital para as provincias ; incumbe-se a guarda urbana da vigilancia das freguezias centraes ; porem para uma cidade populosa e vasta como o Rio de Janeiro, é insufficiente essa força, de sorte que em alguns lugares ha falta absoluta della; accresce que é mesquinho o soldo do soldado de policia, qualquer mecanico ganha salario mais elevado do que um guarda, não ha cuidado e escolha na admissão de individuos que têm de velar na segurança publica, e nem póde haver porque as pessoas intelligentes e moralisadas preferem outra occupação menos penosa e mais lucrativa ; é nulla a organisação policial, pois não ha pessoal habilitado para os cargos de policia que geralmente são confiados a individuos que os ambicionão como meio de influencia e predominio nas eleições ; assim a policia entre nós ainda não elevou-se á altura a que é destinada nos paizes civilisados, ainda não sabe ou não póde prevenir os crimes, o que é mais util a sociedade do que puni-los.

XX

CASAS DE CORRECÇÃO E DE DETENÇÃO

Erão nos tempos idos consideradas as prisões como casas de expiação e segurança, e não como escolas de disciplina e correcção, e o preso tido como um ente perdido para a sociedade, como cousa inutil, incapaz de correcção ou de rehabilitação moral. Carceres humidos, negros, subterraneos medonhos, um cepo por travesseiro, umas palhas por leito, correntes de ferro, algemas, torturas, a fome, a sede, eis o que encontrava o preso quando cahia sob o poder da justiça. Penas infamantes, o baraço e cutello, o pelourinho, os açoutes publicos, o ferro em braza, a memoria difamada, os tormentos mais atrozes, eis o que esperava o condemnado logo que transpunha os umbraes da prisão.

Os Athenienses consideravão o preso como escravo, não lhe davão o direito de dispôr de nada que fosse seu, e tratavão-no com rigor e crueldade. Os Romanos não tinhão compaixão do preso, punião-no com os maiores tormentos, retalhavão-lhe o corpo com varas, cravavão-no na cruz, rasgavão-lhe as carnes entre duas mós, deixavão-no esvaido no chão com pés e mãos mutilados, ou suspendião-no em ganchos de ferro para ser devorado por aves de rapina; alguns erão lacerados pelos dentes e garras das feras, outros encerrados em cubiculos humidos fallecião de fome e sede. Recorda a historia as palavras de lugubre ironia do rei Jugurtha que, lançado em

Roma, em uma cova de doze pés de profundidade, denominada Tullia, que servia de prisão, exclamou :

— Por Hercules, quão frio é o vosso banho.

Erão horriveis os carceres do tempo do feudalismo ; o preso era condemnado sem ser ouvido, e um dos juizes executava a sentença ; tristes e sombrias são as recordações das masmorras de Veneza, da Allemanha e de outros paizes, e na propria França havia a Bastilha que, em dias de liberdade, foi destruida ao som da grita popular.

Entre nós erão tambem as prisões tumulos de condemnados ; estava estabelecida a cadeia no pavimento terreo do edificio que serve actualmente de paço da camara dos deputados (1), e alli em aposentos quasi sem ar, sem luz, jazião os condemnados, ou erão remettidos para as enxovias das fortalezas, como as da ilha das Cobras, onde estiverão os presos da inconfidencia. Neste carcere, alumiado á noite por uma candeia, e de dia pela luz do sol que apenas resvalava por estreita frésta, esteve o poeta Gonzaga ; e alli, em fragmentos de papeis, escreveu alguns versos, copiando-os das paredes ennegrecidas, onde primeiramente os escrevera com o fumo da candeia, servindo-lhe de penna o pé de uma laranja (2).

Vindo a familia de Bragança para o Brazil reunio-se ao paço o edificio da camara e cadeia, passando os presos para o aljube, que até então servira só para os ecclesiasticos.

Havia sido construida essa prisão pelo bispo D. Antonio de Guadelupe, tendo comprado o terreno a Domingos Francisco Silva, que tinha alli um cortume, pagando annualmente 1$600 de fôro á camara; a provisão de 17 de outubro de 1733 remio o fôro, emquanto a casa servisse de aljube, mas cessaria essa graça logo que tivesse outro destino.

Construido na rua do Aljube, hoje da Prainha, junto ao morador Conceição, era este edificio de dous pavimentos, tendo o primeiro janellas de peitoril e o segundo de sacadas com rotulas de madeira, mais tarde substituidas por grades de ferro ; era separado do morro por um pateo, no fundo do qual erguia-se um sobrado, onde residião

(1) Veja volume 1° capitulos XXVII e XXIX.

(2) Veja, Brazilia Bibliotheca Marilia de Dirceu, por J. Norberto de Souza Silva, vol. 1° pag. 58.

o vigario geral, o escrivão e o capellão, e do lado opposto via-se a capella de Santa Anna.

Edificada na encosta de uma montanha era essa casa humida, baixa, escura, e sem espaço conveniente para dar abrigo a muitos individuos; mas para ahi forão remettidos todos os presos, homens e mulheres; no mesmo carcere recolheu-se o individuo que praticara uma falta e o que commettera um crime, o homem livre e o escravo, o branco e o africano, o moço e o velho;as mulheres forão encerradas em um pequeno quarto ao nivel da rua, sotoposto á prisão dos homens. Havia nessa cadeia confusão de crimes, de idades, de sexos e de condições, comprehendia nove prisões, e uma enfermaria para homens e mulheres; porem poucos recaperavão a saude nos leitos desse hospital collocado em um salão estreito, de ar envenenado e insalubre, havendo um unico medico, com o ordenado de 30$000 mensaes, encarregado do serviço sanitario. Quando regurgitavão de presos os aposentos da cadeia, erão alguns remettidos para as enxovias das fortalezas, mas nem assim havia espaço para recolher os condemnados; pelo que o intendente geral da policia Paulo Fernandes Vianna emprehendeu a construcção de uma cadeia em um terreno da Cidade Nova, onde hoje ergue-se a igreja parochial de Santa Anna, encarregando-se da obra o coronel Fernando José de Almeida. Não tendo o empreiteiro recebido quantia sufficiente para proseguimento da obra hypothecou-a ao banco do Brazil; e em 9 de novembro de 1824 o governo, para favorecer a reconstrucção do theatro de S. Pedro, não só concedeu tres loterias de 120:000$000 cada uma a Fernando José de Almeida, porém tambem comprou o predio da cadeia nova, ficando o thesouro responsavel pelo valor do predio ao banco; mas não continuou a obra da cadeia que em 1840 applicou-se para outro destino.

Em 1831 mandou o ministro da justiça, Diogo Antonio Feijó, preparar uma prisão na ilha de Santa Barbara, aproveitando dous armazens que tinhão sido construidos pelo conde da Cunha para servirem de deposito de polvora.

Podia essa prisão abrigar 200 condemnados, tinha grossas muralhas, porém erão os tectos de pouca segurança, e em differentes épocas se fizerão obras para remediar esse defeito, que mais de uma

ver tentar os condemnados a fazerem projectos de evasão (1). Era destinada para os sentenciados, que muito se lastimavão quando removião-nos para essa masmorra, onde ficavão longe de parentes e amigos; desde então considerou-se civil a prisão da ilha das Cobras.

Encerrado em prisões pestiferas e immundas via-se o preso abandonado, não achava consolo nem recebia linitivo para as molestias do corpo, nem para as tristezas do espirito; a prisão era um tumulo, podia perder a esperança, porque ninguem ia anima-lo, regenerar seu espirito, purificar a sua alma; era um ente que a sociedade repellira e julgava para sempre perdido. Das grades da cadeia estendia o miser mão ao povo supplicando uma esmola, e se alguem mais compassivo attendia-o, afastavão-se os outros temendo o ar mephitico dos arredores da prisão.

Havia, porem, uma instituição santa e caridosa que não esquecia-se dos presos, era a Santa Casa da Misericordia que preparava e enviava-lhes diariamente a comida, fornecia-lhes medico, cirurgião e remedios, defendia os presos pobres no jury, acompanhava o sentenciado até ao patibulo do qual, se acontecia cahir vivo, cobria-o com o seu estandarte e o infeliz estava salvo (2).

Se desde 15 de junho de 1833 deixou de fornecer o sustento diario continuou a remetter para os presos do Aljube e de Santa Barbara os seguintes generos: vinte saccos de farinha, quatro de feijão, vinte arrobas de carne, tres de toucinho, e sessenta feixes de lenha de dez em dez dias.

No festa do Espirito-Santo ia a irmandade dessa invocação levar á cadeia viveres e diversas provisões em carros puxados por bois e ornados de folhas e flores; era um dia de festa e alegria para o preso e um acto edificante, porque a religião amparava o condemnado que, volvendo os olhos para o céo agradecia ter Deus ensinado a caridade aos homens; em seu peito se derramava o balsamo da consolação, sentia reviver os sentimentos que ligavão-no ao mundo e a fé e a esperança vinhão anima-lo em sua vida de castigo e martyrio.

---

(1) Em 1834 fugio dessa prisão o parricida Vasco do Moraes.

(2) Veja Curiosidades Historicas pelo Dr. Moreira de Azevedo, pag. 69.

Estando em pessimo estado as prisões do Aljube e Santa Barbara o ministro da justiça requisitou em agosto de 1832 a charrua *Animo Grande* ou a fortaleza de Santa Cruz para recolher os criminosos; de feito decidio-se que fossem para a fortaleza os sentenciados, e para a charrua os que se achassem ainda em processo (1).

O Aljube, a principal cadeia, era ante-hygienica e sem segurança, as paredes e os alicerces nimiamente fracos, e tambem os tectos, dando faceis meios de evasão; accresce que a reunião de muitos individuos em um estreito recinto, sem ar nem luz sufficientes, tornava peiores as condições do edificio.

Não havia nessa casa nem caridade nem correcção; o preso ou pervertia-se pelo exemplo máo dos que o cercavão, ou adquiria alguma molestia, que levava-o ao tumulo; não se regenerava, não perdia os instinctos máos; a cadeia era uma enxovia inutil e nociva; não empregavão-se nem o trabalho, nem o isolamento ou a disciplina para mudar a natureza do condemnado, e assim se desconhecia o fim mais salutar e philantropico da penalidade, a reforma moral do habitante da prisão.

A carta regia de 8 de julho de 1769 mandara estabelecer uma casa de correcção no Rio do Janeiro, mas ficou essa idea em esquecimento, e não foi lembrada senão muitos annos depois que alguns homens caridosos da Europa e dos Estados-Unidos se derão ao trabalho de estudar a vida do preso, os castigos e penas que lhe devião ser impostos, a educação, as regras e costumes a que devia ficar sujeito, considerando o condemnado não como um ente inutil para o mundo, porem como um desgraçado que pelo trabalho, pela disciplina, e pela religião podia transformar-se e prestar serviços á mesma sociedade que o repellira. De feito encerrado o criminoso em uma cadeia, a sociedade está garantida contra seus attentados, porem a humanidade e a philosophia têm outra missão a preencher, que é a reforma moral desse ente pelo trabalho, pelo silencio, pela solidão, e por meio da instrucção religiosa que amortece as más paixões e o fortalece e consola.

E' este o fim mais util e conveniente da pena; por isso crearão-se as penitenciarias, as casas de correcção que forão escolas que se abrirão para educar, corrigir, moralisar e rehabilitar o preso.

(1) Veja Diario do Governo de 14 de agosto de 1832.

Em 8 de dezembro de 1831 uma comissão da sociedade Defensora da Independencia Nacional, composta do Dr. José Martins da Cruz Jobim, Manoel José de Oliveira, e Estevão Alves de Magalhães, apresentou um relatorio indicando o plano de uma casa de correcção que deveria ser construida no lugar em que se acha hoje o paço do Senado ; levantou a planta do edificio o coronel Manoel José de Oliveira, que seguio o desenho da prisão de Genova; as prisões em forma de raios terião corredores que podessem ser devassados de um só lugar, e dispostos de maneira a admittir oito classes de presos, contendo oito divisões de dous andares cada uma ; orçou-se a despeza da obra em 200:000$000 (1) ; porem tão nobre commettimento não foi avante.

Formulado o codigo criminal determinou-se que a pena de galés temporarias seria substituida pela de prisão com trabalho pelo mesmo tempo, logo que houvessem casas de correcção nos lugares em que os réos estivessem cumprindo as sentenças ; cuidou por isso o governo em estabelecer uma casa de correcção, pelo que redigio o ministro da justiça, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, depois visconde de Sepetiba o seguinte aviso :

« Sendo necessario estabelecer com brevidade uma casa de correcção nesta cidade, para que as pessoas condemnadas á prisão com trabalho possam cumprir as suas sentenças, manda a regencia em nome do Imperador, que V. S., com os mestres que julgar necessarios, passe a examinar se póde ser applicado para aquelle fim o edificio que está por acabar na rua da Guarda-Velha, e se destinava para guarda-joias, e dê de tudo conta por esta secretaria de estado, com a descripção e plano da obra que será necessaria, e o orçamento da despeza, tendo em vista conciliar a maior economia da fazenda com as commodidades de tal estabelecimento.

« Deus Guarde a V. S. Paço, em 18 de agosto de 1833, — *Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho.*—Sr. Paulo Barbosa da Silva. »

Mas não se conseguio o que o ministro lembrara, não só por não convir o lugar, como tambem a casa, para o estabelecimento que se desejava crear ; todavia para realizar seu humanitario desejo comprou o governo a Manoel dos Passos Corrêa uma chacara com suffi-

(1) Veja Aurora Fluminense de 1831 n. 569.

ciente agua e grande pedreira, em lugar que pareceu-lhe arejado e saudavel, pela quantia de 80:000$000 pagaveis em letras por espaço de tres annos; effectuou-se a compra por avisos de 4, 7 e 11 de novembro de 1834, e no dia 13 lavrou-se a escriptura.

Não sendo nessa época mui favoraveis as finanças do Estado derigio o ministro da justiça, que desejava encetar a obra da Correcção, a seguinte portaria á sociedade Defensora:

« A regencia, em nome do Imperador, confiando muito no patriotismo e zelo dos membros de que se compõe a sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional no Rio de Janeiro, a bem das instituições e estabelecimentos publicos que assegurem ao Brazil a mesma independencia e liberdade, e reconhecendo outro-sim ser a casa de correcção a de maior urgencia, manda pela secretaria de estado dos negocios da justiça convidar a referida sociedade para que, desenvolvendo o seu plano de subscripções, que começou a pôr em pratica quando premeditou a construcção de uma semelhante casa, e, mandando entregar successivamente não só o que fôr obtendo para esse fim, como o que consta existir já para tal destino ao cidadão Manoel Teixeira da Costa e Silva, que acaba de ser nomeado thesoureiro da mencionada obra, queira coadjuvar o governo nesta importante empreza, que, sendo de maior interesse e utilidade publica, não póde ter prompta conclusão, como convem, sem auxilio dos bons patriotas, pela deficiencia actual do thesouro nacional. Paço, em 20 de março de 1834. *Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho.* »

A opposição censurou ao governo declarando excessivo o preço por que obtivera a chacara para o novo estabelecimento; é certo que dera-se naquelle anno grande descida no preço dos predios, mas era mui extenso o terreno, proximo da cidade, tinha boa casa de habitação, uma pedreira, e util e importante a obra que ia encetar-se.

O governo deu logo começo a construcção, e para inspeccional-a nomeou uma commissão composta dos cidadãos Estevão Alves de Magalhães, Manoel José de Oliveira e Thomé Joaquim Torres. O coronel de engenheiros Manoel José de Oliveira apresentou o desenho do edificio, guiando-se pelos planos e reflexões publicados em 1826 pela commissão da sociedade ingleza para melhoramento das prisões correccionaes; o cidadão Felix José da Costa foi escolhido para admi-

nistrador das obras e para thesoureiro o cidadão Manoel Teixeira da Costa e Silva.

Sessenta condemnados forão trabalhar no edificio; e attendendo-se as urgencias do thesouro publico concederão-se loterias em 1836, arbitrou-se a quantia mensal de 3:400$000 para a obra, e em 1844 elevou-se essa prestação a 7:000$000.

A vaga deixada na commissão inspectora pelo coronel Manoel José de Oliveira foi preenchida pelo engenheiro Francisco Cordeiro da Silva Torres. Construia-se o edificio e já em cubiculos residião condemnados.

Em 1837 removerão-se para alli os escravos presos no calabouço do Castello, e o primeiro sentenciado que veio habitar na nova prisão chamava-se José Ignacio, que, condemnado a galés perpetuas e á pena de morte se fugisse, vio sua sentença commutada em prisão com trabalho. Em 1840 estavão edificados os dous primeiros pavimentos do primeiro raio da penitenciaria; e estando a concluir-se essa obra foi encarregado o Dr. Francisco de Carvalho Moreira, hoje barão do Penedo, de formular um projecto de regulamento, sobre o qual expedio-se o decreto de 6 de julho de 1850.

Em 26 de fevereiro de 1835 havia sido nomeado director do estabelecimento o cidadão Thomé Joaquim Torres, que exerceu esse cargo até 6 de julho de 1850 em que foi substituido por Antonino José de Miranda Falcão; o aviso de 16 de abril de 1852 nomeou o coronel Antonio João Rangel de Vasconcellos para o mesmo cargo; por aviso de 10 de julho de 1854 foi de novo escolhido o cidadão Antonino José de Miranda Falcão; em 3 de agosto de 1861 foi nomeado director interino o conselheiro João Esteves da Cruz que em 19 de setembro de 1862 foi substituido por Daniel José Thompson, e este pelo Dr. Luiz Vianna de Almeida Valle em 11 de junho de 1868; e fallecendo em 17 de março de 1877 o Dr. Valle foi escolhido para director interino Belarmino Braziliense Pessoa de Mello.

Acha-se a Correcção na rua do Conde d'Eu; é cercada exteriormente com altas muralhas divididas por uma mais baixa revestida de cantaria onde deve ficar o portico do edificio quando estiver concluido; segue-se uma gradaria de ferro com chapas do mesmo metal, dous portões e uma porta. Transpondo essa porta vê-se um pa-

teo que o Dr. Almeida Valle mandou ajardinar e ornar com um tanque e esguicho, demolindo o chafariz que erguia-se no centro.

Do lado occidental do pateo estão a casa do director, que tem frente para a rua, assim como a do vêdor que é paredes meias, a secretaria e a contabilidade ; na parte meridional está a antiga prisão chamada *calabouço*, onde erão recolhidos os escravos de ambos os sexos, enviados por seus senhores para serem corrigidos. E' um edificio de dous pavimentos ; havia no primeiro os aposentos dos guardas, a arrecadação, e a prisão dos pretos, e no segundo a prisão das escravas, a enfermaria dos homens, a das mulheres, a sala do secretario e o quarto do medico ; mas extincta essa repartição pelo aviso de 11 de abril de 1874, passárão os detentos em 28 de maio para a Detenção. Actualmente occupão aquelle edificio empregados externos, guardas que vigião os escravos presos, galés e outros condemnados que se achão empregados nas obras do novo asylo de mendigos.

Usavão os escravos do antigo calabouço de calça e camisa de algodão azul e branco, metade azul e metade branco em sentido vertical e trazião gargalheira.

Desse mesmo lado do pateo estão em um só edificio a estação telegraphica que communica a Correcção com os principaes estabelecimentos publicos e a abegoaria com os animaes, carros e carroças do serviço da casa.

Em seguida ás salas da secretaria e contabilidade havia a casa da secção de bombeiros composta dos menores tirados do instituto de artezãos, creado na casa de correcção em 1860, e composto de meninos vagabundos e orphãos, e daquelles que, remettidos para alli, ião aprender um officio ; havia um edificio, inaugurado em 24 de junho de 1860, para esse instituto que recebeu regulamento pelo decreto de 13 de fevereiro de 1861, e dividia-se em duas secções : a primeira de menores abandonados remettidos pela policia, e a segunda de menores orphãos e indigentes admittidos a pedido de seus paes ou tutores ; porém o aviso de 30 de agosto de 1865 extinguio essa instituição, sendo os menores enviados para os arsenaes de marinha e guerra, excepto alguns que forão reclamados pelos paes e tutores, e o

edificio está actualmente occupado por diversos empregados internos (1).

No lugar em que estavão estabelecidas a secção de bombeiros e uma officina de fundição de typos, que forão supprimidas, acha-se a padaria convenientemente montada e que fornece pão aos presos e empregados da Correção e da Detenção.

Levanta-se na parte oriental do pateo uma alta muralha com um portão de ferro construido em 1873 em substituição do antigo que era de madeira, e tambem era de madeira a torre do relogio junto á muralha, mas o Dr. Almeida Valle mandou erguel-a de alvenaria, e construio nova casa para o registro do gaz que fica deste mesmo lado. Tem o relogio dous mostradores um para o pateo externo, outro para o interno onde vêem-se uma rua elegantemente calçada e um jardim e horta com esguicho, preparados pelo director Valle que, removendo muito aterro aplainou e regularisou esse terreno, dando facil accesso aos vehiculos de generos para as repartições internas, os quaes ha bem pouco tempo erão conduzidos em cabeças de escravos.

Ergue-se no segundo pateo o raio da penitenciaria, que consta de cinco pavimentos, tendo junto do primeiro um vestibulo coberto e sustentado por columnas de ferro, construido pelo director Valle que para dar mais ar e luz ás galerias centraes desta prisão abrio nas extremidades do edificio janellas com grades e venezianas.

Vêem-se no primeiro pavimento dous corredores lateraes lageados de cantaria e illuminados por janellas com grossos varões de ferro, tendo cada um vinte e cinco cellulas, as quaes deitão janellas para um corredor central, havendo junto de cada janella um bico de gaz com uma coberta que impelle a luz para o cubiculo do preso, tornando escuro o corredor onde passeião os vigias.

São iguaes os tres pavimentos superiores; e no quinto estão as mansardas, com um corredor central e lateralmente quartos espaçosos para os condemnados a prisão simples.

(1) Em 30 de junho de 1861 fugio do collegio dos menores, onde estava empregado no ensino das primeiras lettras, o preso da penitenciaria Braulio Telles da Silveira e Mello, condemnado a dez annos de prisão, e com elle evadio-se o guarda Antonio Jacintho do Amaral.

Cada cellula tem 16 palmos e 3 pollegadas de comprimento e 7 palmos e 6 pollegadas de largura; o sentenciado varre diariamente sua cellula, que contem uma barra, um travesseiro de palha, um tamborete, uma bilha d'agua, um retrete, uma vassoura, um pente, uma escova de dentes, dous cobertores de algodão e um de lã; no sabbado é barbeado, mensalmente corta o cabello á escovinha, e usa de calça e jaqueta de algodão azul, sapatos de vaqueta, barrete de lã preta, e de um cinturão de couro de tres pollegadas de largura, atado com fivella e com um numero, que na prisão é o nome do preso. A refeição é na cellula, e consta de almoço, jantar e ceia ; é prohibido fumar, mas o director póde permittir o uso do tabaco, e que o sentenciado guarde comsigo livros de religião e moral. Em julho de 1870 estabeleceu o Dr. Valle uma bibliotheca para os presos, a qual conta já 300 volumes; ha tambem uma escola inaugurada em 2 de setembro de 1868, e regida pelo capellão da casa, onde os presos analphabetos recebem instrucção elementar ; é composta de duas classes, contando a primeira classe, em 30 de setembro de 1876, 14 presos, e a segunda 24. o Dr. Valle mandou fazer um locutorio de madeira lavrada, onde o sentenciado falla acompanhado de um guarda, que fica entre grades, para evitar a entrega de qualquer objecto.

Ha no primeiro pavimento da penitenciaria seis cubiculos pintados de preto e despidos de moveis, servindo tres de prisão solitaria, e tres de prisão obscura; forão estabelecidos pelo Dr. Valle que cooperou para acabar-se com a prisão obscura collocada em um vão do quarto pavimento com $3,^{m}52$ de comprimento sobre $1,^{m}76$ de largura tendo na maior altura $1,^{m}98$ e na menor $1,^{m}10$, em consequencia de ser abobadado o tecto; fechada quasi hermeticamente pela porta de madeira, que havia sobre a de ferro, deixando sem luz e quasi sem ar o preso que não podia permanecer em pé e dormia no chão; e tão barbaro e perigoso era o castigo, que não havia condemnado que lhe resistisse dous dias, sendo facil sobrevirem congestões e desordens graves do coração e grossos troncos.

Durante o dia trabalha o sentenciado nas officinas da casa, e reunido o peculio preveniente desse trabalho, recebe-o no dia em que recupera a liberdade.

A receita da penitenciaria durante o anno de 1875 a 1876 foi de 79:485$455.

Não havendo uma enfermaria especial são aposentados os enfermos em vinte e cinco cubiculos da segunda galeria do lado do nascente, tendo o medico um quarto e o enfermeiro outro, tudo disposto com muito asseio e boa ordem.

Havia outrora em um pateo interno uma casa de banhos acanhada e mal preparada, porem o Dr. Valle construio com muita economia, em outro lugar, um lindo chalet com seis banheiras de chuva, encanamento de esgoto, podendo haver sobre o preso cuidadosa vigilancia. Cada preso toma dous banhos frios por semana, salvo quando o medico prescreve banhos quentes.

Em dezenove cubiculos do primeiro raio são recolhidos os vagabundos remettidos pela policia para cumprirem as penas a que são condemnados por quebra de termos de bem-viver.

Tem o raio da penitenciaria 60,^{m} 16 de comprimento e 16,^{m} 50 de largura; começou a funccionar em julho de 1850 (1).

Do lado esquerdo desta prisão ha o raio das officinas de carpinteiro no primeiro pavimento, e de alfaiate e sapateiro no segundo, tendo esse edificio a frente voltada para um pateo interno. Do lado opposto ha outro raio inteiramente igual, occupado no primeiro pavimento pela officina de marceneiro e no segundo pela de encadernação.

Deste mesmo lado está o novo raio de officinas construido em 1870 pelo director Dr. Almeida Valle; mede 189 palmos de extensão, 40 de altura, tendo na fachada um portão, tres portas e doze janellas de arco, no primeiro pavimento ; e duas janellas rasgadas e quatorze de peitoril no segundo ; sobre o corpo central que é mais saliente, ha um frontão recto, e no tympano a data —1872— época da conclusão desse edificio que tem uma face voltada para a penitenciaria com seis janellas e uma porta no primeiro pavimento e sete janellas no segundo.

Ha no pavimento terreo desse novo raio tres cubiculos para lou-.

(1) Dous sentenciados ja suicidarão-se nas cellulas desta prisão; o africano João Angola, escravo do padre Barcellos, condemnado a prisão perpetua com trabalho,que enforcou-se com o cinturão de seu uso, em 27 de agosto de 1860, e Victorino Dias Fernandes Couto, condemnado a quatro annos de prisão com trabalho, que appareceu asphixiado com a camisola, em 14 de abril de 1862.

cos furiosos, quatro para pacificos, salas para o medico e autopsia, quartos de enfermeiros e serventes, casa de banhos e duchas, a rouparia, e duas cellas de granito para doudos em circumstancias especiaes que possão pôr em risco os empregados, havendo um mechanismo engenhoso que impelle o preso, quando é necessario, para a porta do cubiculo. Reunem estas prisões, com encanamento de esgoto e gaz, todas as condições necessarias de segurança e hygiene para asylo de condemnados loucos que outrora erão encerrados em enxovias escuras, humidas; não sendo remettidos para o hospicio de Pedro II porque não se responsabilisava esse estabelecimento pelos doudos condemnados.

No pavimento superior rasga-se um salão onde está a officina de encadernação que occupa tambem, como vimos, o pavimento superior de outro raio das officinas.

Gastarão-se 20:00 $000 na construção de tão importante edificio o que revela a boa e zelosa administração do Dr. Valle.

Do lado esquerdo, junto ao raio de officinas, está o edificio da capella que é igual exteriormente ao novo raio construido pelo Dr. Almeida Valle; lendo-se sobre a janella central do segundo pavimento, na face voltada para a penitenciaria a palavra *Capella*.

O director Dr Almeida Valle completou este edificio e mandou construir uma escada cochleada de madeira que conduz ao recinto religioso, vasto salão tendo no fundo o altar encerrado em uma rotunda de madeira, nas parc les lateraes um painel de S Vicente de Paula offertado por João Vicente Martins, um da Virgem e outro do Senhor da Cana Verde, junto á entrada uma pia de marmore coberta com um mosaico de madeira feito pelo sentenciado Antonio Joaquim de Mattos, e dous vasos de granito trabalhados pelo preso José Maria que em 14 de outubro de 1862 recuperou a liberdade.

Logo que deu-se começo a casa de Correcção ordenou a portaria de 30 de junho de 1835 que se preparasse um altar para a celebração da missa ao domingo. O viatico e a extrema-uncção são administrados na enfermaria, e a eucharistia na capella ; o casamento é permittido unicamente em artigo de morte; o culto praticado é o catholico romano; consentindo-se, porem, ao preso seguir outra religião, e cultiva-la em seu cubiculo, sem obrigação de comparecer na capella, nem de assistir a acto algum de culto diverso.

No pavimento terreo deste edificio estão a despensa e a officina de marmorista creada pelo Dr. Almeida Valle, que mandou fazer sobre a escada da capella uma varanda coberta com tres janellas para um pateo interno, na qual collocou instrumentos metereologicos. Nesse pateo fundou uma officina de photographia, onde são retratados os sentenciados, os vagabundos e outros presos dos quaes necessita a policia possuir os retratos.

Collocou o Dr Almeida Valle a lavanderia dentro das muralhas da penitenciaria não só para mais segurança senão para evitar despeza com vigias.

Além das officinas que temos mencionado ha as de ferreiro e canteiro, em edificios separados (1).

Os sentenciados logo que são recebidos no estabalecimento ficão em reclusão completa sem trabalho durante alguns dias que constituem o periodo chamado de provação. Dividem-se em tres classes: os da primeira gozão de um passeio de 15 minutos por dia, podem escrever e receber cartas de seus parentes e de dous em dous mezes visitas de seus paes e filhos; soccorrer suas familias e comprar com a parte disponivel do peculio que consiste em um quarto do valor de seu trabalho, utensilios para escrever e materias primas para trabalhos a que queirão applicar-se em horas de repouso; differenção-se de outros no vestuario por terem sobre o peito um signal de tres pollegadas feito de panno encarnado. Os da segundo classe, além daquellas vantagens, têm dous passeios por dia, recebem visitas de mez em mez, podem comprar pão igual ao do estabelecimento, o peculio consiste em um terço, e trazem sobre o peito um signal de panno verde. Os da terceira tem o dobro de tempo para passeio, podem comprar fructas, o peculio consiste em metade, e sobre o peito tem um signal de panno roxo.

Só depois de passar um anno na primeira e dous na segunda classe, é o preso transferido para a terceira.

A parte disponivel do peculio é a metade do mesmo peculio porque

(1) Os presos desta officina premeditarão uma evasão em 25 de abril de 1863, tencionando assassinar os vigias, e evadir-se quando, se abrisse o portão que fica fronteiro á officina, mas descobrio-se a trama e o chefe teve castigo de prisão solitaria e obscura.

a outra metade é destinada á subsistencia e estabelecimento dos que cumprem sentença ou são perdoados.

O trabalho das officinas começa ás 5 horas no verão e ás 6 no inverno, e é interrompido pelo almoço e jantar; e de noite quando entra o preso para a cellula entrega a roupa atada com o cinturão, e veste uma camisola de riscado.

Cada officina tem um mestre que dirige o trabalho, estando os presos divididos em turmas que nunca excedem a 20 nem contem menos de 10, e inspecciona cada turma um guarda ; assim o sentenciado nunca está só ; através das grossas paredes de sua cellula, na officina, no banho, na enfermaria, na capella, em quanto vela, trabalha, come e dorme ha sempre quem o vigie, ha como um olhar que penetra através das paredes e das grades, dos tectos, e das abobadas, e que vê e examina tudo ; e por saber que existe essa vigilancia continua, essa sentinella de todos os dias, de todas as horas e instantes permanece o condemnado obediente á disciplina da casa.

Não foi bem escolhido o local para a construcção da penitenciaria, pois acha-se em um terreno conquistado em parte á montanha, muito proximo a ella, e que todos os dias se esboroa em consequencia da humidade do sólo. Referindo-se a este assumpto diz o Dr. Almeida Valle.

« Se em vez desse local fosse preferida uma das collinas desta capital, a penitenciaria, com o seu indispensavel quadrilatero de muralhas, nada fazendo por consequencia receiar quanto á segurança dos presos, e tivesse habitações e officinas sufficientemente ventiladas pela forma convexa do terreno, não offereceria outros elementos de garantia para a hygiene da prisão ? »

E' de notar que não exista nessa prisão agua encanada, nem tenha sido adoptado o systema de esgoto hoje geralmente admittido como meio de limpeza, e que se não destinasse lugar para enfermaria.

Foi construido este edificio para se ensaiar nelle o systema de Auburn; porém tendo se pretendido adoptar á construcção panoptica de modo que o director pudesse ver tudo, saber tudo e cuidar de tudo, como diz Bentham, não realizou-se este estylo, pois só podem ser inspeccionados os corredores centraes em que estiver o guarda ; entretanto por aquella construcção convergem os edificios da prisão a

um centro commum, donde se observão todos os corredores das cellulas; o observatorio e os corredores são abertos desde o sólo até o tecto, de modo que conservão sempre o ar e luz necessarios, facilitão a ventilação e a inspecção do interior; mas na penitenciaria da côrte cada corredor é fechado em abobada, e esta interposição de pavimentos em cada ordem de cubiculos concorre para a falta que se nota de sufficiente ventilação; além disto são estreitos os corredores, e os pateos internos acanhados, e assim pouco aproveita á saude do preso o passeio quer na galeria, quer nos pateos. Apezar, porém, desses defeitos, relevante serviço prestou o ministro Aureliano de Souza, Oliveira Coutinho dando principio a este estabelecimento; e em homenagem á menoria desse conspicuo cidadão inserimos nestas paginas a sua biographia. Accresce que as medidas salutares, o muito asseio e ordem que ha na penitenciaria nullificão de algum modo seus defeitos podendo essa prisão ser comparada com vantagem ás melhores da America e da Europa. O governo tambem se não tem descuidado de cousa de tanta importancia; trata de estabelecer penitenciarias agricolas e nomeou uma commissão inspectora para rever o regulamento e propor as alterações que julgasse convenientes não só na administração mas ainda no regimem economico e disciplinar do estabelecimento.

Tem-se procurado estudar qual o melhor systema a seguir-se, se o de Auburn, da Pensylvania ou se outro mais modificado pelas idéas humanitarias do seculo que corre.

Creara-se a principio a cellula solitaria sem trabalho, onde o preso isolado, em completo silencio, devia ter sempre diante de si o remorso: era este o systema da Pensylvania; depois estabeleceu-se a cellula solitaria de noite e o trabalho commum de dia sob o mais rigoroso silencio; era este o de Auburn, repousando estes dous systemas sobre estes dous principios reunidos, o isolamento e o trabalho; mais tarde tomou-se de um e outro o que parecia mais vantajoso, e fixou-se o trabalho na cellula com o isolamento de noite e de dia mas ambos têm apresentado inconvenientes; pois como diz Vande Brugghen, separar o homem para sempre ou por longo espaço de tempo da sociedade de outros homens é condemna-lo á morte intellectual e moral; accresce que, como assevera outro escriptor, não tem o homem o direito de contrariar as leis naturaes, nem de sepultar o condemnado na prostração do desespero; assim pois parece que

é preferivel em vez de entregar o preso a seus máos instinctos, sequestra-lo completamente do mundo, e trata-lo não como creatura, porém como um objecto, se lhe deve permittir a communicação, a conversa com os condemnados como elle em certos momentos de descanso. Tambem parece que não se deve fazer da prisão um tumulo, onde o sentenciado nada mais possa esperar, deve-se antes anima-lo, plantar-lhe a esperança no coração e convencer-lhe que serão minorados seus soffrimentos, receberá melhor tratamento, mais vantagem em sua vida de reclusão se for docil ás leis e á disciplina da casa; e se, como diz Ayres de Gouvea, o criminoso é um enfermo, a pena um remedio, o carcere um hospital, deve-se animar o condemnado, estudar sua indole, guia-lo, tornando-o se possivel fôr ainda um bom cidadão, fortalecer-lhe as faculdades da alma, plantar-lhe no coração a esperança e a fé e não consideral-o como uma fera que, encerrada na jaula, deve ahi viver, conservando seus máos instinctos; a pena deve servir de correcção, a prisão de escola (1).

Dentro das muralhas da Correcção está a prisão civil que comprehende os condemnados á prisão simples e a galés; os primeiros habitão, como dissemos, as mansardas da penitenciaria, podem trabalhar os que têm officio, e trajão camisa branca e calça de riscado; os segundos têm quartel separado, usão calça e camisa de algodão azul e branco, metade de uma côr, metade de outra, em sentido diagonal, e trazem calceta; quando adoecem são tratados, como os de prisão simples, nos cubiculos da penitenciaria, e os que são condemnados a açoûtes soffrem o castigo na Detenção.

Até 1859 erão recolhidos á fortaleza de Santa Cruz os condemnados á prisão simples e os galés á ilha das Cobras, onde trabalhavão na obra do dique, mas em 17 de junho daquelle anno forão removidos para as prisões que occupão actualmente, nas quaes não ficarão bem collocados, pois se achão dentro das muralhas de uma prisão com trabalho e conforme o systema cellular, prejudicão á disciplina e boa ordem do estabelecimento e não ha, especialmente para os galés, meios indispensaveis de segurança; assim parece que deverião construir-se prisões separadas para esses presos, tendo cada uma dellas regulamento especial.

(1) Veja relatorios do ministerio da justiça e o relatorio da Commissão Inspectora da Casa de Correcção da Côrte, impresso em 1874.

Entre os condemnados a galés tornou-se notavel pelos seus instinctos de perversidade Antonio Manoel Mucunã, pardo, natural de Pernambuco, de 17 annos de idade, solteiro e alfaiate.

Em 1 de novembro de 1831 foi recolhido ao Aljube por crime de morte ; em 11 de setembro de 1833 fugio da cadeia, mas em 8 de dezembro foi preso por trazer uma faca de ponta, e por ser accusado de haver tentado praticar um assassinio no Aterrado, (Cidade Nova). Condemnado a galés perpetuas em 15 de maio de 1834, foi remettido para a Correcção em 24 de novembro ; em 6 de outubro de 1836 entrou para a enfermaria por ter dado em si uma facada, depois de ter praticado outra no sentenciado João, pardo ; em 14 de setembro de 1839 evadio-se ; voltou, porém, a 18 do mesmo mez, tendo sido capturado na fazenda de Santa Cruz ; em 18 de março de 1841 foi castigado por insubordinado. Enviado para as obras do dique, em 15 de junho de 1842, regressou por ordem do chefe de policia, por ser incorrigivel e de pessima conducta, tendo commettido varias fugas e tentado assassinar outros sentenciados ; em 20 de abril de 1843 fugio, sendo nesse mesmo dia preso depois de tenaz resistencia: removido para o presidio da ilha das Cobras em 15 de fevereiro de 1849, passou para a fortaleza de Santa Cruz, onde esteve até 17 de junho de 1859; nada constando de sua vida durante esses dez annos por não trazer copia dos assentamentos.

Affectado de myelite ficou paralytico, porem apezar disso, e de ter quasi 60 annos, conservou seus máos instinctos ; seu prazer era fazer mal, seu passatempo preparar e aguçar qualquer ferro para dar-lhe a forma de faca, punhal, estoque, de que já possuia um arsenal, quando foi recolhido ao cubiculo, em 1 de dezembro de 1871, por ameaçar com um punhal, fabricado por elle, a outro companheiro. Narrava factos de suas façanhas que causavão espanto e terror ; confessava ter praticado nove mortes, e a ultima foi na pessoa de um carrasco que com elle se achava preso, empregando para esse fim uma *moqueca envenenada*. Falleceu este desgraçado em 5 de maio de 1876 com 62 annos de idade, dos quaes passou 45 na prisão.

O abandono moral em que a lei deixa o galé, o embrutecimento em que o sepulta tão negro como as paredes do cubiculo em que o encerra, a argola de ferro que ata-lhe aos pés, em vez de modificar-lhe as tendencias moraes tornão-o irascivel, inimigo dos homens; é uma

fera que vive em uma jaula, a calceta que unem-lhe á carne degrada-o e revolta-o contra a sociedade; eis por que se notão nessa prisão factos criminosos praticados sem motivos justificados, e esses typos revoltantes que arrojados ao crime persistem em seus máos instinctos por que a lei não cuida de seu cultivo moral, castiga o corpo, mas não trata de purificar a alma do condemnado (1).

Em 30 de setembro de 1876 o movimento dessas prisões era o seguinte : penitenciados 148, correccionaes 65, prisão simples 15, galés 8, presos vindos da provincia do Rio de Janeiro 19. Fallecerão durante esse anno 5 penitenciados e 1 galé ; um dos fallecidos tornou-se monomaniaco desde que entrou para a prisão ; pareceu-lhe sempre que fôra injustamente condemnado, allegando que matara em defeza propria; sentenciado a seis annos de prisão com trabalho, desde que foi para a penitenciaria baixou á enfermaria e della sahio para o cemiterio : morreu de congestão cerebral ; o outro era um francez que, tendo familia na Europa, jamais seu pensamento afastou-se della; sempre triste pouco viveu na prisão.

A lei de 17 de setembro de 1851 autorizara o governo para applicar as sobras da verba consignada no art. 3º §§ 14 á construcção de uma cadeia segundo o systema cellular ; levantou-se a planta e designou-se para esse fim um terreno publico na rua do Areal ; mas deixou de ser aproveitada semelhante autorização.

Havia-se mandado estudar as penitenciarias dos Estados-Unidos da America e os respectivos systemas, e pronunciando-se o encarregado desses estudos pelo de prisão cellular absoluta, resolveu o governo construir o segundo raio da casa de correcção, de modo que em todo tempo se podesse ensaiar nelle aquelle systema; mas não podendo conter o Aljube o grande numero de presos que erão-lhe destinados, pois não reunia as condições de salubridade e segurança reclamados pela humanidade e pela justiça, estabeleceu o governo provisoriamente

(1) Em 11 de janeiro de 1875 dous galés, Matheus e Fortunato, ambos pretos empregados na cozinha da penitenciaria, travarão-se de razões; Matheus segurou uma faca e com ella feriu o outro que falleceu poucos momentos depois. Praticado o delicto quiz resistir a prisão mas teve de render-se. Em 12 de abril o galé Bento, congo, feriu gravemente o menor J. B. de Almeida, sem motivo algum proximo ou remoto.

a Detenção no novo raio. Penetrou este pelo terreno reservado a área de communicação com a torre, ou edificio central onde deverião ficar a capella e a residencia do director da Correcção, alterando-se assim a architectura e plano primitivos. Ficou este raio com o comprimento de 67,m 76 sobre 15,m 18 de largura, dimensões maiores que as do raio fronteiro construido conforme o systema de Auburn.

Exteriormente apresenta a Detenção nas faces anterior e posterior um grande portão de ferro, lendo-se sobre um delles o distico — *Regnante Petro II*; abrem-se nas faces lateraes diversas janellas.

Vêem-se no interior duas galerias: a primeira com um corredor central e vinte cellas de cada lado, tendo cada uma 3,m 93 de altura, 2,m 68 de largura e 5,m 46 de comprimento, a segunda com um corredor no centro e dez salêtas lateralmente, tendo cada uma 5,m52 sobre 5,m46 de fundo e 4,m 26 de altura.

Mostrão estas dimensões que neste pavimento não seguio-se o systema cellular, visto como cada saleta tem capacidade para seis presos. Ha uma sala onde os presos fallão a seus parentes e amigos, e estavão outrora no primeiro pavimento a secretaria, a casa de arrecadação e o quarto de banhos, e no segundo os aposentos do carcereiro; mas em 1873 a 1874 edificou-se um sobrado para a secretaria e habitação do carcereiro, um tanque para lavagem de roupa, e introduzio-se na prisão o encanamento de esgoto.

Começou a funccionar a Detenção em 20 de abril de 1856; é espaçosa, alta, ventilada, de construcção elegante e solida, está inteiramente separada da Correcção e a cargo do chefe de policia que para alli remette os presos das detenções das freguezias e do xadrez da policia. No primeiro semestre de 1876 subio o numero dos detensos a 2,241 ; entrarão 1,910 e sahirão 1,917, contando-se em 30 de junho 324.

Deixando de ser prisão foi o pavimento terreo do Aljube occupado por um posto de guarda urbana, e por outro do corpo de bombeiros, e o superior pelo tribunal do jury; mas acha-se de tal modo arruinado este edificio e tão mal preparado que é indecoroso dizer-se que alli se reune o tribunal do povo.

Bancos empoeirados e quebrados, cadeiras com estofos rôtos, mesas com tapetes despedaçados, paredes esboroadas, eis o que vê-se

no salão em que comparecem os cidadãos para julgar seus concidadãos.

Semelhante deleixo avilta a nação e manifesta que em um paiz livre e independente como o nosso ainda se não presta devido respeito ao voto, ao julgamento do cidadão pelo cidadão.

AURELIANO DE SOUZA E OLIVEIRA COUTINHO, VISCONDE DE SEPETIBA

Nasceu na provincia do Rio de Janeiro em 21 de julho de 1800 e baptisou-se na freguezia de Itaipú Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho que matriculado no seminario de S. José distinguio-se entre os condiscipulos por seu talento e applicação, e mereceu de seus mestres toda a estima. Deixando o seminario entrou para a academia militar, onde alcançou dous annos consecutivos o primeiro premio, e resoluto a frequentar a universidade de Coimbra obteve de D. João VI o offerecimento de uma pensão se quizesse estudar as sciencias naturaes ; mas preferindo a esse estudo o das sciencias juridicas e sociaes, não utilisou-se do favor do rei. Chegado a Coimbra em julho de 1820 voltou para a patria em 1825, tendo concluido seus estudos. Nomeado juiz de fóra e ouvidor de S. João de El-Rei e Ouro-Preto, em Minas, grangeou pelo seu caracter nobre de magistrado, e por sua rectidão de juiz, o respeito e a estima do povo; arrecadou para o thesouro nacional diversas quantias já julgadas perdidas, e se não pôde fundar em S. João de El-Rei uma bibliotheca como tencionara, creou a sociedade litteraria Philopolytechnica, cujos estatutos organizou.

Tendo de deixar a provincia por ter sido eleito deputado á assembléa geral, recebeu na hora da partida muitas provas de consideração e estima do povo que acompanhou-o até grande distancia, e em uma despedida assignada por seiscentos cidadãos lião-se estas palavras:

« Ide coberto de bençãos, homem probo e leal; a pureza de vossa consciencia grangeou-vos um titulo glorioso; bem sabeis que vos chamais aqui o—juiz recto. »

Nomeado em 1830 presidente da provincia de S. Paulo patenteou actividade, energia e tino administrativo, e soube conservar tranquilla a provincia na época em que a abdicação do primeiro imperador, a menoridade do segundo e o governo da regencia produzirão as commoções politicas que agitarão toda a nação. Deixando de ser presidente exerceu o cargo de juiz de orphãos do Rio de Janeiro, o de intendente geral de policia, chegou a desembargador e em maio de 1833 assumio o lugar de ministro do imperio, do qual passou para o ministerio da justiça, e em 1834 era ministro dos negocios estrangeiros.

Dedicado ao throno velou firme e constantemente junto do principe que tinha de ser o segundo imperador do Brazil, merecendo-lhe especial cuidado a infancia e a educação do joven soberano; deu-lhe como tutor o marquez de Itanhaem, como mordomo o conselheiro Paulo Barbosa da Silva e como mestre e guia o douto monge frei Pedro de Santa Marianna, depois bispo de Chrysopolis. E tanto amor e zelo manifestou pelo joven monarcha que um de seus mais illustres adversarios politicos, o conselheiro Bernardo Pereira de Vasconcellos, dizia que Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho gravara seu nome na base da nossa monarchia.

Valiosos serviços prestou no ministerio : creou a casa de correcção, o monte de soccorro, a companhia de omnibus ou carros de passageiros, o monte-pio-geral dos servidores do Estado, onde inaugurou-se seu retrato em 1839; occupou-se com a colonisação, cooperou para a creação da colonia de Petropolis, hoje cidade, estabelecida no lugar denominado Corrego Secco, em terras pertencentes á coroa, projectou abrir o canal do mangue da Cidade Nova, obra que já vimos quando se executou ; mandou demolir em 17 de junho de 1834 uma forca que conservava-se armada no largo da Prainha, e nas reuniões periodicas dadas em sua casa apparecerão os sorvêtes pela primeira vez no Rio de Janeiro.

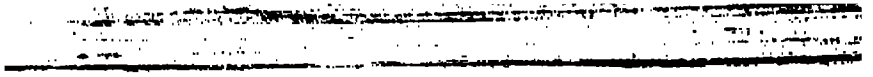
Jamais seduzirão-no as galas do poder; instou com elle o padre Feijó para que ficasse na regencia em seu lugar, mas Aureliano recusou; preocupavão-no, porém, constantemente as necessidades das

cousas da patria, como a diminuição dos impostos, a conversão da divida publica, a prosperidade da agricultura, o augmento da marinha e outros assumptos. Nomeado ministro dos negocios estrangeiros em 1840 publicou o primeiro regulamento da respectiva secretaria, e entrou em negociações para o casamento de D. Pedro II com a princeza D. Thereza Christina, hoje imperatriz do Brazil.

Designado para presidente da provincia do Rio de Janeiro abrio estradas, construio pontes, edificou igrejas, ergueu edificios, levantou aqueductos, cavou o canal de Magé, e ahi collocou-se seu busto, facilitou a navegação interna, elaborou regulamentos, estabeleceu a companhia seropedica de Itaguahy, onde inaugurou-se seu retrato, e por tão uteis e importantes serviços dedicou-lhe a camara municipal da capital da provincia uma rua que recebeu o nome de Aureliana.

Mas os annos e os trabalhos havião depauperado o organismo do eminente estadista, que já sentia em si a molestia que o aproximava da morte; em 7 de setembro de 1855 compareceu ao paço em commissão do Instituto Historico, no dia seguinte assistio a um baile onde vio pela ultima vez o Imperador e a Imperatriz, e corridos alguns dias, recolhendo-se ao leito, pereceu, sendo seu cadaver, em 24 de setembro, transportado para um dos jazigos da igreja da Senhora da Conceição, em Nictherohy.

Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho era visconde de Sepetiba, grande do Imperio, do conselho do Imperador, fidalgo e gentilhomem da casa imperial, senador do imperio, desembargador, cavalleiro de Christo e da Rosa, dignitario da ordem do Cruzeiro, grã-cruz da de Leopoldo da Belgica, de Nossa Senhora da Conceição da Villa Viçosa de Portugal, da de Fernando de Napoles, da de Carlos III da Hespanha, dos Quatro Imperadores da Russia, cavalleiro de S. João de Jerusalem, vice-presidente do Instituto Historico e socio de outras sociedades litterarias nacionaes e estrangeiras.



XXI

O RIO DE JANEIRO

A cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, capital do Imperio, estende-se ao lado occidental da bahia de Nictherohy ou do Rio de Janeiro em uma vasta planicie, onde erguem-se alguns montes coroados de antigos edificios ; sua posição astronomica é lat. S. 22° 53' 51" e 0°0'56" long. E do meridiano do imperial observatorio do Rio de Janeiro.

Conta mais de 19,8 kilometros o circuito da bahia, cuja profundidade varia entre 22 e 23 metros, attingindo em alguns lugares 110' e facilitando a barra entrada franca aos navios de maior calado.

A arêa do municipio da côrte, excluidas as ilhas, é de 1,394 kilometros quadrados, e a da cidade, rigorosamente fallando, 21,780,000 metros quadrados.

O municipio da córte limita-se ao norte com o de Iguassú pelos rios Guandú-mirim e Mirity, ao sul com o atlantico, a leste com o atlantico, na bahia que o separa da cidade de Nictherohy, e ao oeste com o municipio de Itaguahy pelo rio Guandú.

Percorrendo a cidade descreveremos primeiro a parte qne se estende do littoral até a praça d'Acclamação, e a que se prolonga para o sul, mencionando em primeiro lugar as ruas parallelas áquella praça, e em segundo as que lhe são perpendiculares.

Levanta-se na extremidade sul o arsenal de guerra, cujos muros, outrora baluartes do forte de S. Thiago, recebem o embate das ondas.

No fim da rua do Trem está o portão do arsenal, no qual vêem-se sobre a verga a éra 1835 e as armas do Imperio. Em seu recinto estão as casas da secretaria, da agencia, do almoxarifado, o quartel de menores, as officinas de instrumentos mathematicos, de obra branca, de tanoeiros, torneiros machinistas, latoeiros, funileiros, ferreiros, serralheiros, correeiros, pintores, carpinteiros, alfaiates, sapateiros e gravadores ; a capella da Conceição, um cáes com guindaste, trilhos de ferro, e na parede da casa da secretaria esta inscripção :

LVSIADVM PRIMO JOSEPHO SCEPTRA TENENTE
QUI REGUM EXEMPLVM EST MAXIMVS ORBIS HONOR
ET BOBADELLA COMITI IMPERITANTE SVB AVRAS
HŒC EST MILITIBVS CONFABRICATA DOMVS
ANNO DNI MDCCLXII.

Na parte superior do distico está suspensa uma corôa de marmore (1)

---

(1) Em 17 de maio de 1874 collocou-se no Realengo do Campo Grande a primeira pedra do novo arsenal de guerra, do que lavrou-se o seguinte assentamento.

« *Auto do lançamento da pedra fundamental do novo arsenal de guerra da côrte.*—Aos 17 dias do mez de maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1874, 53° da independencia e do Imperio, no lugar denominado—Realengo— da freguezia de Campo-Grande do municipio da côrte e muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II lançou os fundamentos do arsenal de guerra, dignando-se conduzir em uma padiola a tampa da cavidade praticada na pedra fundamental que já se achava assente no centro da parte dos alicerces correspondente a soleira do portão principal do mesmo arsenal, pegando na dita padiola as pessoas que entre os presentes tiverão a distincta honra de ser designadas pelo mesmo augusto senhor; tendo sido aquella tampa previamente benta segundo o ritual romano pelo Illm. e Revm, monsenhor Felix Maria de Freitas e Albuquerque, vigario geral do bispado.

Na cavidade da pedra fundamental introduzio-se uma caixa de cobre contendo uma de zinco, e esta outra de vinhatico dentro da qual forão depositadas tres moedas de ouro dos valores de 20$, 10$ e 5$ quatro ditas de prata, de 2$, 1$, 500 e 200 rs. duas ditas de nickel de 200 e 100 rs., e tres ditas de bronze de 40, 20 e 10 rs. ; e bem assim

A rua do Trem, em que ha um edificio de dous pavimentos construido em 1851 e pertencente ao ministerio da guerra, termina no largo do Moura, onde ha o quartel do mesmo nome, o necroterio e um chafariz.

O necroterio é de estylo gothico ; tem nas faces lateraes paineis em alto relevo representado a morte e a resurreição de Christo, e em cada angulo um anjo de marmore sobre peanha de pedra.

No interior abre-se uma sala ornada com a imagem da Senhora da Piedade em um nicho, havendo quatro mesas de marmore para

---

um exemplar da Constituição Politica do Imperio, os jornaes do dia, e impressa em pergaminho a seguinte :

« *Inscripção.*— Com o auxilio da Divina Providencia. o Senhor Dom Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, lançou a pedra fundamental do novo arsenal de guerra, no lugar designado em o campo do Realengo da freguezia do Campo-Grande, pertencente ao municipio da côrte e muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em o dia 17 de maio de 1874, 53° anno da independencia e do Imperio e 28° do pontificado de Pio IX ; a qual foi pelo dito senhor ajudada a conduzir, depois de préviamente benta, segundo o ritual romano pelo Illm. e Revm.Sr. Felix Maria de Freitas e Albuquerque, monsenhor da santa igreja cathedral e capella imperial, vigario geral do bispado, commendador da ordem de Christo, etc. etc, ; servindo de ministro e secretario de estado dos negocios da guerra o Illm. e Exm. Sr.João José de Oliveira Junqueira, do conselho de S. M. o Imperador, fidalgo cavalleiro da casa imperial, official da ordem da Rosa, grã-cruz da ordem da Corôa da Italia e da de Nossa Senhora da Conceição da Villa Viçosa, cavalleiro da de S. Gregorio Magno, senador do Imperio etc. etc , e director do arsenal de guerra da côrte, o Illm. Sr. Ayres Antonio de Moraes Ancora, tenente-coronel do estado-maior de artilheria, cavalleiro das ordens de Aviz, do Cruzeiro, da Rosa e da real ordem hespanhola de Carlos III, condecorado com as medalhas de merito militar e da terminação da guerra do Paraguay com passador de ouro e n. 3. »

Terminada esta ceremonia houve um lauto almoço, a que assim tirão o Imperador e mais convidados, e um Te-Deum na igreja do Realengo em acção de graças por tão grande beneficio feito a freguezia do Campo-Grande, mandado celebrar pelos seus habitantes.

O arsenal occupará uma superficie de 366 metros de frente sobre 480 de fundo, pela qual se distribuirão quatro grandes edificios para a administração, aquartelamentos, moradias de empregados, museu,

deposito dos cadaveres que se encontrão nas ruas e nas praias ; nas paredes lateraes ha laminas de pedra com as seguintes inscripções :

AOS 26 DE FEVEREIRO DE 1872
SENDO
REGENTE DO IMPERIO
S. A. I. D. ISABEL
O MINISTRO DA JUSTIÇA
CONSELHEIRO
FRANCISCO DE PAULA NEGREIROS SAYÃO LOBATO
COLLOCOU A PRIMEIRA PEDRA
DESTE EDIFICIO

—

A ILLma CAMARA MUNICIPAL
DA CÔRTE
PRESIDIDA
PELO EXM. DR.
ANTONIO FERREIRA VIANNA
MANDOU CONSTRUIR ESTE EDIFICIO
CONCLUIDO EM 1872
SENDO DIRECTOR DAS OBRAS MUNICIPAES
O ENGENHEIRO J. A. DA FONSECA LESSA.

Benzeu-se e inaugurou-se em 5 de janeiro de 1873.

Pouco distante ergue-se o chafariz que é antigo e feio e conserva este distico :

O ILLM. E EXM. SR. DR. JOSÉ DE CASTRO, CONDE DE
REZENDE, VICE-REI E CAPITÃO DE MAR E TERRA
DO ESTADO DO BRAZIL MANDOU EDIFICAR
ESTA FONTE. ANNO MCCXCIV.

Proximo do chafariz ha um barracão de taboas que ha muito deveria ter desapparecido.

---

armazens de artilheria, uma capella, doze officinas e dez depositos para materias primas.

Era uma necessidade a remoção do arsenal de guerra para um lugar mais vasto, onde podessem funccionar suas diversas officinas, longe das vistas, e de qualquer repentina aggressão do inimigo. e que podesse satisfazer ao augmento do fabrico do material de guerra, conforme as circumstancias actuaes da nação.

Vem ter ao largo do Moura as ruas Fresca e D. Manoel que principião na praça de D. Pedro II, tendo a primeira ao lado esquerdo a praia de D. Manoel e a segunda corta a rua do Cotovello, as travessas do Costa Velho e de D. Manoel, o becco da Fidalga, e apresenta ao lado direito os beccos da Natividade e dos Ferreiros, e do esquerdo o do Theatro.

A travessa do Dr. Costa Velho chamava-se outr'ora do Guindaste, e a de D. Manoel teve até 1871 o nome de becco da Boa-Morte.

Do lado meridional da praça de D. Pedro II, além das ruas já mencionadas, ha a da Misericordia que finda no largo do mesmo nome, atravessa as ruas de S. José, e do Cotovello; tem á direita a da Assembléa, e á esquerda os beccos da Natividade, da Fidalga, da Musica, as travessas de D. Manoel, do Costa Velho e o largo da Batalha.

Do lado septentrional da praça de D. Pedro II principião a praça das Marinhas, a rua do Mercado outr'ora da Praia do Peixe, que vae findar no edificio da alfandega, a travessa do Commercio, outr'ora Arco do Telles, por começar sob um arco formado pelas casas que pertencerão a um individuo desse nome e a rua Primeiro de Março, chamada a principio Direita, apezar de ser tortuosa; recebendo em 14 de maio de 1870 o nome de Primeiro de Março, que commemora a data da terminação da guerra do Paraguay.

A fórma curvilinea dessa rua e da Misericordia, e tambem os diversos beccos estreitos, que nascem desta ultima rua e vão ter ao mar manifestão que forão ahi erguidas as primeiras edificações da cidade, logo que os habitantes deixárão o morro do Castello para virem se estabelecer na varzea visinha.

Cortada pelas ruas do Ouvidor, Rosario, General Camara, S. Pedro, Theophilo Ottoni e Visconde de Inhaúma, tem a rua Primeiro de Março, do lado esquerdo, os beccos dos Barbeiros, e de Bragança e as ruas do Hospicio, da Alfandega e de Bragança, e finda em frente á escadaria do mosteiro de S. Bento, junto ao portão do arsenal de marinha.

Situado em terreno doado ao Estado pelos monges benedictinos, por escriptura de 26 de abril de 1696 foi creado esse arsenal em 1764 na antiga praia de S. Bento; teve augmento em 1810 e 1825 por haver o governo comprado diversos terrenos para dar maior

area ao estabelecimento, que hoje se estende da rua do Visconde de Inhaúma á praça Vinte Oito de Setembro.

Transposto o portão, que traz na parte posterior a data de 1814, vêem-se um jardim com gradil de ferro, diversos edificios construidos em épocas differentes, casas de officinas, onde trabalhão constructores navaes, ferreiros, calafates, pedreiros, pintores, tanoeiros, correeiros, bandeireiros, polieiros, torneiros de machina, espingardeiros, cordoeiros, apparelhadores e veleiros ; ao todo 2135 operarios, inclusive 248 artifices. Corre do lado do mar um gradil de ferro, com cáes de desembarque ; dentro de seus muros funccionão differentes repartições da marinha, ha uma bibliotheca instituida por decreto de 17 de outubro de 1846 com 26,179 volumes e 45 manuscriptos ; a capella de S. João Baptista com 30 palmos de frente e 50 de fundo, inaugurada em 13 de maio de 1858, grandes estaleiros para construcção de navios, uma serraria a vapor e outros edificios importantes (1).

Entre a rua Primeiro de Março e o mar ha uma pequena rua chamada do Visconde de Itaborahy, inaugurada em 21 de outubro de 1869, a qual começa na do Visconde de Inhaúma e termina na do Rosario, tendo o edificio da alfandega ao lado direito e a travessa do Tinoco que já teve os nomes de becco da Alfandega e dos Adelos.

Os armazens da alfandega se estendem da rua do Rosario a do Visconde de Inhaúma ; já mencionámos a entrada dessa importante repartição publica (2) que possue uma extensa dóca, tendo na entrada uma ponte de ferro corrediça com 66 metros e 189 millimetros de comprimento total, 4 metros de largura, pesando o ferro nella empregado 110,368 kilogrammas. Não consta existir em dóca alguma da Europa ponte de ferro corrediça tão importante.

---

(1) Em 27 de março de 1873, pouco antes do meio-dia, desabou a muralha que separa o arsenal de marinha do mosteiro de S. Bento destruindo as officinas de carapina e bandeireiro; fallecerão 15 operarios, ficárão feridos 39 e contusos 11. Deu-se esse triste fracasso em consequencia de copiosa chuva que cahira nesse dia e nos antecedentes.

(2) Veja cap. XIII, pag. 285.

Por meio de um interessante machinismo percorre em 12 a 16 minutos os 38 metros e 500 millimetros da largura do canal da entrada da doca. No centro da ponte ha duas columnas de ferro ligadas por um arco tambem de ferro, onde vê-se um medalhão elliptico coroado pelas armas imperiaes, nas quaes lê-se—*D.P. II*, circumdado por vinte estrellas symbolisando as provincias do Imperio ; na fita que cerca o medalhão está gravado o seguinte :—*Ingenieur Matieu, Schneider e Creusot*, e no medalhão *Ministro da Fazenda Zacarias de Goes e Vasconcellos, Engenheiros da doca Charles Neatc e André Rebouças*.

Inaugurou-se essa ponte em 19 de março de 1869, em presença do Imperador.

Após a rua Primeiro de Março vem a do Carmo, outrora Detrás do Carmo, que principia em frente da ladeira do Castello e finda na rua do Ouvidor, atravessa as ruas de S. José, Assembléa e Sete de Setembro e tem ao lado direito o becco dos Barbeiros, e do esquerdo o do Carmo, outrora do Saraiva ; a rua da Candelaria, que principia na do Hospicio e termina na de Bragança, cruza as ruas da Alfandega, General Camara, S. Pedro, Theophilo Ottoni, Visconde de Inhauma, e becco de Bragança ; a rua da Quitanda que começa na de S. José e finda na de S. Bento, tendo á direita os beccos do Carmo e de Bragança e a rua de Bragança, atravessa as ruas da Assembléa, Sete de Setembro, Ouvidor, Rosario, Hospicio, Alfandega, General Camara, S. Pedro, Theophilo Ottoni e Visconde de Inhauma : em 1636 chamou-se rua do Capitão Matheus de Freitas, depois da Quitanda do Marisco, e do Sucussará ; a rua dos Ourives que abre-se na de S. José e desemboca na da Prainha, corta as mesmas ruas que a da Quitanda e atravessa o largo de S. Rita ; a rua Municipal, que, aberta por decreto de 6 de março de 1843, principia na de S Bento e termina no largo de S. Rita, corta a travessa de S. Rita, outrora becco dos Cachorros ; a rua dos Benedictinos que, como a Municipal, acha-se no terreno que servia de horta dos frades benedictinos ; a rua de Gonçalves Dias que nasce no largo da Carioca e finda na rua do Rosario, atravessa as ruas Sete de Setembro, e Ouvidor : era chamada dos Latoeiros, porém, por proposta do vereador Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, recebeu em 9 de fevereiro de 1865 o nome actual

Vêem-se nesta rua em casa alugada o Instituto Commercial, antiga aula do Commercio, o theatro *Vaudeville* no fundo de um sobrado com simples porém elegante fachada ; tem duas ordens de camarotes e uma galeria superior : abrio-se em 1874 ;

A rua do Lavradio, que começa na do Visconde do Rio Branco e desemboca na do Riachuelo, atravessando a do Senado, tendo do lado direito as ruas da Relação e do Rezende, e do esquerdo a dos Arcos. Provem seu nome do vice-rei, marquez do Lavradio, que mandou abril-a. Erguem-se ahi o edificio do Grande Oriente da maçonaria e a casa da Relação.

O edificio do Grande Oriente tem um atrio com gradil de ferro apresentando na frontaria um corpo central com cinco portas no primeiro pavimento e cinco janellas com sacadas nos dous ultimos; um frontão recto e no tympano um pelicano dourado entre raios tambem dourados ; os corpos lateraes contão uma porta no primeiro pavimento e uma janella no segundo ; reunem-se ahi diversas sociedades maçonicas.

A casa da Relação, onde tambem celebra sessões o supremo tribunal de justiça, é de dous pavimentos; está na esquina da rua da Relação e foi comprada a João Marcos Vieira de Araujo e sua mulher por 27:000$000 em 28 de agosto de 1828 ;

A rua do Regente que abre-se na do Visconde do Rio Branco e desemboca na de S. Joaquim, córta as da Constituição, Hospicio, Senhor dos Passos, Alfandega, General Camara e S. Pedro; teve a principio o nome de Primeira Travessa de S. Joaquim, depois de travessa do Bandeira, e recebeu o nome que conserva por haver residido na casa da esquina da rua do Visconde do Rio Branco, o regente Diogo Antonio Feijó; a rua do Costa, assim denominada por ter sido aberta em terrenos de José da Costa Barros, a qual atravessa a de S. Joaquim e finda nas abas do morro do Livramento, cortando-a as ruas do Principe e Princeza; a rua do Nuncio que abre-se na do Visconde do Rio Branco e termina na de S. Joaquim : em outros tempos chamou-se da Condeça, segunda travessa de S. Joaquim, dos Cajueiros, e guarda o actual nome por haverem residido em uma casa situada na esquina da rua do Hospicio os nuncios Callepi e Maresfoschi, ambos fallecidos nesta côrte. Ha ahi um elegante edificio, concluido em 1876, pertencente á sociedade Congresso Gymnastico Portuguez.

Percorrendo as ruas perpendiculares de sul para norte temos a de Santa Luzia, que principia no largo da Misericordia e acaba na rua da Ajuda; tem ao lado esquerdo as travessas de Santa Luzia, do Marques de Carvalho, do Asylo e do Desembargador Viriato. Foi aberta até á rua da Ajuda em 1817 por occasião de querer D. João VI cumprir a promessa que fizera a Santa Luzia, em consequencia de uma molestia de olhos de seu neto o infante D. Sebastião. Alem do hospital da Misericordia estão ahi o asylo de mendigos, creado em 14 de agosto 1854 no edificio do antigo matadouro, e a

Igreja de Santa Luzia

Erguida em 1592, sendo uma das primeiras levantadas nesta cidade, ficou derruida pelos annos, mas no mesmo lugar, construio-se, a que existe, por provisão de 12 de janeiro de 1752, á requerimento de Diogo da Silva, em chão doado por João Pereira Cabral e sua mulher. Tem um atrio com degráos de pedra, e gradil, o portico de pedra, tres janellas no côro, frontão recto e uma torre do lado esquerdo sem corucheo. Em 1872 encarregou-se o artista nacional Antonio de Padua e Castro de levantar e augmentar a capella-mor e corredores, fazer novo presbyterio de marmore branco, acrescentar o altar-mor, collocar pulpitos novos, erguer o arco cruzeiro e construir sacristia nova; e terminadas estas obras tomou a igreja um aspecto mais nobre e elegante.

O breve de Pio IX de 2 de setembro de 1872 isentou esta irmandade da obediencia que prestava ao vigario da freguezia de S. José. O decreto de 30 de maio de 1818 mandou avaliar e pagar o justo valor do terreno fronteiro a este edificio, pertencente a D. Anna Francisca da Cruz, destinando-o para logradouro publico;

A rua do Cotovello que principia na praia de D. Manoel e finda na ladeira do Carmo, junto de um chafariz construido em 1855; cruzão-na as ruas de D. Manoel e da Misericordia, tem á direita a travessa do Paço e á esquerda o becco dos Ferreiros; a rua de S. José que começa na praça D. Pedro II e finda na da Carioca, tendo á direita o largo da Assemblea e as ruas já mencionadas, e á esquerda a ladeira do Carmo e a rua da Ajuda. Outrora chamava-se do Parto o espaço que vae da rua dos Ourives ao largo da Carioca; a rua da Assemblea

conhecida em outros tempos pelos nomes de S.Francisco e da Cadeia, tendo desde 1848 a denominação actual, que principia na rua da Misericordia e termina no largo da Carioca; a rua da Carioca antiga do Piolho, conhecida desde 8 de novembro de 1848 pelo nome actual foi aberta pelo vice-rei, conde da Cunha a qual começa na praça do mesmo nome e acaba na da Constituição; a rua do Visconde do Rio Branco que principia nesta praça e acaba na da Acclamação, chamava-se do Conde por ter sido o vice-rei, conde da Cunha, quem mandou alinha-la, e tambem em tempos já idos foi conhecida com o nome de Caminho Novo, mas em 1871 teve a actual denominação; a rua Sete de Setembro, outrora do Cano, que começa na praça de D. Pedro II e vae findar na da Constituição, tem ao lado direito as travessas do Ouvidor e de S. Francisco de Paula: em tempos passados chamava-se rua Detrás de S. Francisco o espaço que medeia entre a travessa desse nome e a praça da Constituição, e em 1857 abrio-se até á praça de D. Pedro II, pois terminava na rua do Carmo; a rua da Constituição, antiga dos Ciganos, que abre-se na praça da Constituição e acaba na da Acclamação; a rua do Ouvidor que principia na praça das Marinhas e acaba na de S. Francisco de Paula, tendo ao lado direito os beccos da Lapa e das Cancellas, e do esquerdo as travessas do Commercio, do Ouvidor e rua do Carmo. Chamada em tempos antigos rua de Aleixo Manoel, do padre Pedro Homem da Costa, recebeu em 1745 o nome que conserva por haver o governo mandado dar, por ordem de 2 de novembro desse anno, para moradia dos ouvidores as casas que forão de José de Andrade, e que achavão-se apropriadas á fazenda real.(1) Santifica esta rua a

Igreja da Lapa dos Mercadores

Consta que pelos annos de 1740 a 1742, em um oratorio collocado na esquina do becco da Lapa, principiou a devoção da Santissima Virgem sob aquella invocação, rezando os moradores do lugar o terço todas as noites, e festejando em 15 de agosto a Mãi de Jesus. Requerendo esses devotos em 1747 ao bispo D. frei Antonio do Desterro

(1) O primeiro ouvidor foi Christovão Monteiro, nomeado pelo governador Mem de Sá. Passando este cargo a ser provido pelo rei, nomeou Felippe II a Amancio Rabello em 2 de maio de 1610, com o ordenado de 100$000, para as tres capitanias do sul, Espirito-Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente com o districto annexo das Minas de seu termo; creada uma ouvidoria privativa do Rio de Janeiro, foi o primeiro ouvidor desta cidade Miguel de Siqueira Castello Branco, nomeado em 7 de dezembro de 1689, tendo de ajuda de custo 50$000.

permissão para se congregarem em confraria, concedeu-lhes o prelado em 20 de junho do anno seguinte e logo em seguida apresentarão um compromisso em sete artigos, que foi approvado em 19 de julho.

Resolverão construir uma capella para onde se transferisse a imagem venerada no oratorio, e com esse fim comprarão tres predios, um a D. Helena da Cruz por 3:600$000, outro aos Benedictinos por 2:4 0$000 e o ultimo por igual preço a José Pereira da Silva; demolidos esses predios, benzerão o terreno em 6 de agosto de 1750, e derão principio a igreja, reformarão o compromisso, que recebeu nova approvação do diocesano em 4 de julho, e para darem mais espaço ao templo comprarão dez palmos de terreno nos fundos por 1:000$000 a José Pereira da Silva. Concluida a igreja transladarão para ahi em 1766 as imagens da Virgem, de S. José e S. Joaquim em solemne procissão, despendendo com esse acto 95$060.

Em 21 de agosto de 1870 entrou este templo em obras sob a direcção do habil artista Antonio de Padua e Castro, que ornou com balaustrada de marmore branco as janellas do côro, sobre a do centro collocou um medalhão de marmore antigo encontrado na excavação feita no altar-mor, e que se presume ter estado alli enterrado ha mais de um seculo; pesa 185 arrobas e representa a coroação da Virgem em meio relevo; demolio o antigo campanario e fez levantar sobre a frente do edificio uma torre que pudesse sustentar o carrilhão de sinos tocados por musica, o unico que possue esta cidade, em nichos rasgados sobre as janellas da frontaria ergueu as estatuas de S. Bernardo e S. Adriano, e sobre o frontespicio as de S. Felix e S. João da Matta; reformou a obra de talha do interior, collocou quatro paineis na capella-mor que recebeu maior altura e extensão, augmentou-lhe duas tribunas ficando com tres de cada lado; rasgou uma clara-boia, revestio de marmore o presbiterio, abrio dous pulpitos, collocou ornatos de estuque no zimborio do corpo da igreja e nos angulos quatro evangelistas em baixo relevo, trabalho do artista Joaquim José da Silva Guimarães Junior; sobre o zimborio levantou a estatua da religião.

Importarão essas obras em 148:017$750; e collocada a cruz no alto da igreja em 1 de dezembro de 1872, em 4 de outubro do anno seguinte, benzeu-se e abrio-se o templo.

A fachada deste edificio, levantado na esquina da travessa do Commercio, tornou-se elegante depois da sua reconstrucção; o interior constituido por quatro arcos formando uma rotunda ficou elegante mente ornado de obra de talha, trabalhos de esculptura e paineis, que derão mais realce aos primorosos ornatos de estylo barroco que revestião as paredes.

A irmandade possue diversos predios e apolices, festeja annualmente as imagens dos tres altares do templo, e destribue esmolas mensaes aos irmãos pobres.

E' na rua do Ouvidor que se ostentão as lojas de modas francezas, de quinquilharias e diversos objectos de luxo que desluzem os olhos; apresentando-se a noite mui illuminadas essas casas de negocio que attrahem grande concurrencia de povo, sendo prohibido depois das sete horas da tarde o transito de carros;

A rua do Theatro que principia no largo de S. Francisco de Paula e acaba na da Constituição, tendo á direita a travessa da Academia: achão-se ahi os theatros Gymnasio e S. Luiz.

Theatro Gymnasio

Foi edificado em 1832 por um francez para uma companhia particular; o actor João Caetano dos Santos reconstruio-o e deu-lhe a forma exterior que ainda conserva; chamado a principio de S. Francisco de Paula, depois de S. Francisco, recebeu em 12 de abril de 1855, o nome de Gymnasio Dramatico. Tem no primeiro pavimento tres portas, no segundo cinco janellas com sacadas entre pilastras com capiteis de phantasia, no friso o distico *Gymnasio*, um frontão recto e no tympano as mascaras da tragedia e da comedia e seus attributos. Interiormente é estreito, com tres ordens de vinte camarotes cada uma e a tribuna imperial

Neste edificio inaugurou-se a imperial academia de opera nacional em 16 de julho de 1857 com a zarzuela *Estréa de Uma Artista*, e depois de se representarem diversas peças, entre as quaes a *Noite do Castello* do habil compositor brazileiro Carlos Gomes, desappareceu essa instituição digna da protecção e desvelo do Estado, pois não só poderia contribuir para o desenvolvimento da poesia e da litteratura lyrico-dramatica como tambem crearia bons artistas para as peças de canto, hoje tão em voga.

Foi tambem neste palco que se representárão no Rio de Janeiro os primeiros dramas da escóla realista, que tão profunda alteração operou na arte dramatica.

Theatro S. Luiz

E' de elegante prospecto com cinco portas no pavimento terreo, cinco janellas rasgadas no pavimento superior, sobre cada janella um mesanino elliptico, no friso o distico *Theatro S. Luiz,* um frontão recto ornado de estatuas e no tympano um oculo com as lettras *F. C.*, iniciaes de Luiz Candido Furtado Coelho, que foi o actor que o construio. Tem duas ordens de camarotes, a tribuna imperial, dous camarotes junto ao proscenio, um para a empreza, outro para a policia, e no tecto escudos com os nomes dos mais celebres escriptores dramaticos. Abrio-se em 1 de janeiro de 1870 com o drama *Morgadinha de Valflor* de Pinheiro Chagas.

A rua do Rosario, que começa no edificio da alfandega e desemboca na rua da Uruguayana, tendo do lado direito o becco do Fisco, e do esquerdo o da Lapa e a rua de Gonçalves Dias. Teve em épocas remotas os nomes de Mathias de Freitas, de André Dias e de Domingos Manoel da rua da Quitanda para cima, pois era costume dar-se a uma só rua diversos nomes, que, ou provinhão dos edificios ou dos moradores importantes residentes neste ou naquelle espaço ; a rua da Lampadosa, outr'ora chamada Ilharga da Sé Nova, que começa no largo de S. Francisco de Paula e acaba na rua do Regente, tendo de um lado a travessa da Academia e do outro a rua da Conceição ; ergue-se ahi a

Capella da Lampadosa

A requerimento da irmandade da Virgem existente na igreja do Rosario a provisão de 20 de dezembro de 1747 permittio a construcção dessa capella em seis braças de terra com vinte e tantas de fundo, legadas em 7 de fevereiro de 1748 por Pedro Coelho e sua mulher; em março o cura da Sé Manoel Rodrigues Cruz benzeu o terreno ; e a provisão de 31 de maio confirmou a doação. Já em 1744 tinha um devoto cedido terras para se edificar a capella, concedendo a camara o aforamento perpetuo gratuito do referido terreno.

Em 31 de agosto de 1772 benzeu-se a capella-mór para ter exercicio, em quanto se ultimasse a obra do corpo da igreja.

Um atrio cercado com alta gradaria de ferro ; no fundo a igreja, pequenina, feia, com um portico de madeira, duas janellinhas no côro, um frontão recto e do lado direito um campanario baixo, eis o que é esse edificio mesquinho e pobre, que tem permanecido ha um seculo na capital do Imperio, quando seria rediculo em qualquer villa do interior. Conta tres altares, e uma capella do noviciado, de recente construcção ; na sacristia vêem-se os retratos do conde de Bobadella e de Pedro Coelho da Silva. Pertencia a uma irmandade de pretos, que hoje constituem uma confraria.

Na porta desta igrejinha compareceu em 1793 Joaquim José da Silva Xavier o Tira-dentes de alva e capuz para adorar a Eucharistia antes de subir ao patibulo. Que pensamentos não preoccuparião nesse momento o cerebro deste martyr da liberdade, que idéas não tumultuarião sua mente, que saudades e dôres não encherião seu coração ; de quanta fé se não revestiria sua alma neste solemne transe em que, subindo o patibulo, via diante de seus pés o tumulo?!

A rua do Hospicio antiga do Alecrim, que abre-se na do Primeiro de Março e vae terminar na praça da Acclamação, tendo de um lado a rua da Candelaria e de outro os beccos das Cancellas e do Fisco. Em 1726 derão-lhe o nome de rua do padre Manoel Ribeiro, depois o de Detrás do Hospicio; a rua do Senhor dos Passos, que começa na dos Andradas e acaba na praça d'Acclamação ; do lado esquerdo tem a rua do Sacramento ; provem-lhe o nome da

Igreja do Senhor dos Passos

Fundada pelo padre Ignacio Fernandes Fortes por provisão episcopal de 30 de abril de 1737, doou-a o capitão José Fernandes Fortes, herdeiro desse sacerdote, com o respectivo patrimonio, á mitra em 7 de novembro de 1829 ; derruida pelos annos foi reconstruida, começando a obra em 3 de abril de 1843 e terminando em 20 de janeiro de 1848, em que recebeu a agua santificada da benção.

Desprezárão-se as regras architectonicas na elevação deste edificio, que tem o portico de marmore, uma janella no côro, frontão recto, e no lado esquerdo a torre, cuja construcção não está em har-

monia com a frontaria do templo ; assim é esse edificio um alcijão de pedra e cal, producto de algum carpinteiro que arvorou-se em architecto e produzio essa obra má, sem gosto, sem ordem, sem symetria e sem sciencia. Vestem o interior tres altares, sendo o principal da Senhora do Terço, que em 24 de janeiro de 1842 veio transferida da igreja de S.José (1), sendo-lhe confiada a administração perpetua da capella, seu patrimonio e redditos. Em 26 de março de 1847 esta confraria foi elevada a ordem terceira, executando-se a inauguração em 23 de janeiro de 1848 em presença do bispo, que nomeou para primeiro prior a João Maria Pereira de Lacerda, e deu á ordem, em 13 de fevereiro desse anno, o titulo de episcopal.

Esta instituição distribue, desde 30 de junho de 1867, a quantia mensal de 25$000 pelos pobres que esmolão pelas ruas. em cumprimento do legado de Miguel Ignacio de Oliveira, e celebra annualmente a procissão da Senhora do Terço;

A rua daAlfandega que tem o principio na do Primeiro de Março e o fim na praça da Acclamação; do lado direito apresenta o becco dos Afflictos e a travessa de S. Domingos e do esquerdo a rua de S. Jorge: chamada em 1621 de Diogo de Brito, em 1666 do Governador, d'Alfandega até á da Quitanda, da Mãi dos Homens até a da Uruguayana, de Santa Iphigenia até á travessa de S. Domingos, tinha o resto a denominação de rua do Oratorio de Pedra (2). Erguem-se nesta rua as igrejas da Mãi dos Homens, Santa Iphigenia e S. Gonçalo Garcia:

Igreja Mãi dos Homens

Erguida esta igreja pela provisão de 9 de janeiro de 1758, caminharão as obras com muita lentidão ; em 11 de novembro de 1779 ajustou-se a cantaria da fachada e do interior pela quantia de 2:887$417, e estando o edificio concluido recebeu a benção do vigario da Candelaria Joaquim José de França. Em 25 de julho de 1782 fez a irmandade seu primeiro compromisso e foi confirmada pelo beneplacito regio de 21 de fevereiro de 1784.

(1) Veja volume I, pag. 157.

(2) O oratorio de pedra era na esquina da rua Regente; ainda existem as ruinas.

E' despida de architectura a fachada do templo ; ha o portico de granito, uma janella rasgada no côro e o frontão recto ; ladeão-no duas torres porem só uma está terminada. O interior é um octogono com dous lindos altares e a capella-mor, cujo tecto e paredes lateraes têm retabulos, representando os do tecto os evangelistas e os das paredes a Ascenção e a Annunciação, pintados pelo artista Joaquim Lopes de Barros Cabral, e offerecidos á irmandade por João José de Amorim Coelho em 1861.

O artista Antonio de Padua e Castro ornou de talha o interior, rasgou os pulpitos e cobrio de marmore o presbiterio.

Ha na sacristia um lindo arcaz e o retrato do juiz jubilado Joaquim José Corrêa, feito por accordo da irmandade em 1857 em reconhecimento aos relevantes serviços prestados por aquelle cidadão, que pereceu em 2[illegible] de setembro de 1867.

A irmandade possue cinco predios, dos quaes um doado em 1772 por Marianna Maria de Jesus, formando-se com elle o patrimonio para haver a confirmação régia ; sepultou-se essa devota na capella-mór da igreja, como pedira em testamento ; tambem tem apolices e em virtude de um legado, deixado por Antonio Ferreira Maciel, destribue 15$000 annualmente por alguns irmãos necessitados.

Igreja de Santa Iphigenia

Levantado pela provisão de 24 de janeiro de 1747, não tem este edificio fórma architectonica ; o portico, tres janellas no côro, frontão recto e uma torre do lado direito, tudo sem o menor ornato e gosto, eis o que se vê na frontaria desta igreja que encerra tres altares despidos de obra de talha e enfeites ; o tecto é telha-vã e compõe-se a confraria de pretos.

Igreja de S. Gonçalo Garcia

O prospecto é igual a da precedente, porém a torre construida ha poucos annos é mais elegante, tendo o pinaculo em fórma de agulha, apresenta um atrio de pedra sem grades de ferro, e em vez de olhar a fachada para a praça da Acclamação está voltada para uma rua estreita. Erigida pela provisão de 14 de dezembro de 1758 em

cinco braças de frente com dezoito de fundo, legadas pelo conego Antonio Lopes Xavier, por escriptura de 11 de janeiro de 1759 : fez esse bemfeitor doação de mais tres braças no fundo da igreja em 17 de junho de 1760 ; reconstruio-se e concluio-se a capella-mór depois de 1790 por esforços de José da Motta Pereira, que applicou á essa obra certa quantia destinada em uma testamentaria para ser destribuida em obras pias. Ornão o interior cinco altares com obra de talha, mas o corpo da igreja ainda não tem forro, e por isso se póde julgar da simplicidade e pobreza desse antigo sanctuario. Em março de 1870 inaugurou-se na sacristia o retrato do irmão bemfeitor José Henrique de Araujo ;

A rua do General Camara, outr'ora dos Escrivães, do Bom Jesus do Sabão por serem ahi os armazens de deposito do contrato do sabão e que teve a denominação actual por aviso de 4 de abril de 1870 em honra do general que terminou a guerra do Paraguay, abre-se na do Visconde de Itaborahy e desemboca na praça da Acclamação, apresentando de um lado o becco dos Afflictos e travessa de S. Domingos, e do outro a travessa do Bom Jesus e as praças do General Osorio e S. Domingos. Levantão-se nesta rua as igrejas do Bom-Jesus que já descrevemos, e a da Conceição.

Igreja da Conceição

Edificada pela provisão do ordinario de 12 de julho de 1757 pelo conego Antonio Lopes Xavier, era uma simples capella, onde veio repousar no somno sem fim o piedoso fundador. Em 31 de agosto de 1816 a devoção ahi instituida foi elevada a confraria, e em 14 de junho de 1853 subio á ordem terceira; e estando pelos ultrages do tempo e peso dos annos muito damnificado o edificio resolveu-se sua reconstrucção ; começárão as obras em 1868 e findárão em 7 de dezembro de 1872. Recebeu novo prospecto, um portico de marmore, tres janellas no côro com balaustres de marmore; em vez do antigo campanario de madeira levantou-se uma torre ao lado direito ; reconstruirão-se a sacristia, e a capella do noviciado, preparou-se novo consistorio, e decorou-se com muito primor e gosto o interior, que é abençoado por cinco altares.

Ha no consistorio os retratos dos bemfeitores João Durão Annaes, José da Costa Pimenta, Bernardo Pinto de Carvalho, Joaquim José Ignacio, visconde de Inhauma, e Manoel Teixeira de Carlho, distinguindo-se entre todos este ultimo pela perseverança, actividade e zelo com que emprehendeu a reedificação deste sanctuario.

Sustenta esta ordem terceira um asylo de caridade instituido pelo conego Antonio Lopes Xavier, onde são recolhidas treze mulheres pobres

Estando esta pia instituição em uma casinha de porta e janella, resolveu a ordem elevar nos terrenos das casas ns. 182, 184 e 186 da rua do General Camara um predio para abrigo de vinte irmãs pobres e outras tantas orphãs de irmãos indigentes da mesma ordem.

Em 6 de janeiro lançou a primeira pedra do monumento lavrando-se o seguninte auto :

« Aos seis dias do mez de janeiro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1877, 56° da independencia do Imperio, 36° do reinado de Sua Magestade o Imperador o Sr D. Pedro II actualmente em viagem fóra do Imperio e em seu nome Regente Sua Alteza Imperial a Serenissima Sra. D. Izabel, condessa d'Eu, sendo ministro o irmão Fulgencio José da Costa, vice-ministro o irmão José Rabello, secretario João Feliciano Dias da Costa, syndico o irmão Marcolino Fragoso, procurador geral o irmão Manoel Pedro da Cunha Vasconcellos, mestre de noviços o irmão Francisco Antonio Monteiro, procurador do antigo asylo José Teixeira de Magalhães Leite, e definidores da mesma veneravel ordem os carissimos irmãos Joaquim Pinheiro Vianna de Lima, João Alves Ribeiro Cirne, Francisco Ramos da Silva, Joaquim Ferreira Lopes Sobrinho, João Machado Guimarães, commendador Manoel José Fernandes Pinheiro Junior, Dr. Peregrino José Freire, Dr. José da Silva Mattos, Dr. Francisco Leocadio de Figueiredo, Manoel José da Cruz, João José Barbosa de Castro, Bernardino Pinto Ferreira e vigario do Culto Divino Manoel Ferreira do Nascimento, depois de benta, segundo o ritual romano, pelo Revm. commissario visitador Fr. João Baptista de Santa Rosa, foi lançada a pedra fundamental deste edificio, planeado pelo architecto professor da Academia das Bellas Artes e da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro e honorario da Academia das Bellas Artes de Napoles, Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, para o asylo de Caridade que tem de ser ergui-

do na rua do General Camara, e costeado pela mesma Veneravel Ordem Terceira nesta muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro.

Authenticado pelo carissimo irmão ministro Fulgencio José da Costa, vae este termo assignado pelos membros da actual administração da Ordem e por mais algumas pessoas presentes ao acto, sendo depois fechado em uma caixa de cedro acompanhado dos jornaes do dia, de um exemplar da constituição do Estado, estatuto da Veneravel Ordem, breve apostolico, e de algumas moedas brazileiras, de ouro, prata, nickel e cobre, e depois encerrado em um cofre de chumbo, sendo tudo então depositado na supradita pedra fundamental. E eu João Feliciano Dias da Costa, secretario da Veneravel Ordem Terceira da Immaculada Conceição, assigno o presente termo que fica registrado no livro. »

Finda a ceremonia da benção da pedra, foi depositada no centro dos alicerces; seguindo-se um Te-Deum na igreja em acção de graças pela iniciação de obra tão louvavel e meritoria ;

A rua de S. Pedro, chamada em 1661 de Antonio Vaz Viçoso, e tambem do Carneiro, que começa na do Visconde de Itaborahy e desemboca na praça da Acclamação, tendo do lado esquerdo a praça do General Osorio e a travessa do Bom Jesus ; a rua de Theophilo Ottoni, antiga da Ilha Secca, e das Violas, mas que em 11 de novembro de 1869 recebeu o nome actual em homenagem a memoria do distincto cidadão Theophilo Benedicto Ottoni, a qual principia na rua do Visconde de Itaborahy e finda na da Conceição ; a rua de S. Joaquim que abre-se na da Uruguayana e vae morrer na praça da Acclamação: tem á esquerda as ruas do Regente e Nuncio e á direita a do Costa. Antes de 1766 teve o nome do Cortume a parte estreita desta rua (1) ; a rua do Visconde de Inhauma que principia no mar junto ao caes denominado dos Mineiros e completa-se no largo de Santa Rita, tendo á direita a rua dos Benedictinos e a travessa de Santa Rita: chamou-se a principio dos Pescadores, porque formando uma ilha o morro de S. Bento penetrava o mar por essa rua e ahi erguião-se choças de pescadores ; porem em sessão de 18 de novembro de 1869 deu-lhe a

(1) Veja Corographia do Dr. Mello Moraes, vol. 1, pag. 269.

municipalidade o nome actual em honra de um dos heroes da guerra do Paraguay, o visconde de Inhauma.

O cáes que ha no principio da rua teve começo em 29 de julho de 1867, e concluio-se em 16 de dezembro do anno seguinte; compõe-se de duas partes: uma destinada ao serviço da alfandega e a outra ao serviço publico; a parte da alfandega é occupada pela ponte de ferro corrediça, de que já falámos, e a parte publica tem no centro uma dupla escada, e lateralmente espaço sufficiente para desembarque de mercadorias. Dirigirão essa obra os engenheiros André Rebouças, Antonio Manoel de Mello e José Ewbank da Camara. Ergue-se ahi, na esquina da do Primeiro de Março, o edificio da secretaria da Marinha construido sob a direcção do coronel de engenheiros Francisco Antonio Raposo, com tres pavimentos e 176 palmos de frente sobre 60 palmos de fundo: ficou concluido em 1857; a rua de Bragança, antiga dos Quarteis, aberta pelo abbade dos Benedictinos frei Bernardino de Oliveira, a qual nasce na rua Primeiro de Março, e acaba na rua da Quitanda; tendo do lado esquerdo a da Candelaria. Levanta-se ahi o quartel de aprendizes artifices, com 101 1/2 palmos de frente e 272 de fundo, que começou-se a construir em 8 de abril de 1853, e terminou em 1855; a rua do Principe, aberta em 12 de julho de 1809, que principia na da Conceição e desemboca em frente da rua da America, tendo ao lado direito a travessa das Partilhas: córta as ruas do Costa, S. Lourenço e Santa Anna; a rua da Princeza, aberta na mesma época que a precedente, que começa na da Imperatriz e acaba na do General Caldwell, tendo de um lado a travessa das Partilhas e cortando as ruas do Costa e S. Lourenço.

No espaço da cidade que temos descripto abrem-se as seguintes praças:

O largo da Misericordia, no qual vêem-se a igreja da Misericordia, o edificio da Faculdade de Medicina e predios do arsenal de guerra: começão ahi a ladeira da Misericordia e o becco da Batalha; o largo da Batalha, assim denominado por causa de um oratorio consagrado á Senhora da Batalha que houve nesse lugar, vae da rua da Misericordia ao largo do Moura e ahi começa o becco do Moura; o largo do Moura, emfrente da rua do Trem; o largo da Assembléa, da praça

de D. Pedro II á rua da Misericordia : ahi desemboca a travessa do Paço, e ergue-se o paço da camara dos deputados ; a praça de D. Pedro II das ruas da Misericordia e Primeiro de Março á praça das Marinhas e praia de D. Manoel : conhecida em tempos remotos com o nome de lugar do Ferreiro da Polé, praça do Carmo, Terreiro e largo do Paço, deu-lhe a camara, em sessão de 18 de março de 1870, a denominação actual, approvada por aviso de 4 de abril do mesmo anno.

Além dos edificios já descriptos ergue-se ahi o

Palacio da Secretaria da Agricultura

Apresentando a fórma quadrangular, com tres pavimentos, quatro pavilhões salientes e um corpo central, havendo nas faces lateraes um jardim fechado por um gradil de ferro que corre na direcção da fachada dos pavilhões, foi este gracioso e bello edificio construido pelo desenho do engenheiro Dr. Francisco Pereira Passos ; lançou-se a primeira pedra em 7 de setembro de 1871, e tendo sido primitivamente destinado á repartição geral dos correios, foi concluido para servir de secretaria da agricultura, que installou-se ahi em 20 de janeiro de de 1875, lavrando-se desse acto o seguinte termo :

« Aos vinte dias do mez de janeiro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de 1875, quinquagesimo quarto da Independencia e do Imperio, commemorando a Santa Madre Igreja Catholica, Apostolica, Romana o Santo Martyr Padroeiro desta muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro, e reinando S. M. I. o Sr. D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, presentes o Exm. Sr. conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior, ministro e secretario de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, outras pessoas gradas e os directores, chefes de secção, primeiros e segundos officiaes, amanuenses e praticantes da secretaria de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, pelo mesmo Exm. Sr. ministro foi declarado haver resolvido que de hoje em diante funccione a mesma secretaria nesse novo edificio, cuja primeira pedra foi collocada no dia 7 de setembro de 1871, sito na praça de D. Pedro II ; tendo sido o indicado edificio primitivamente destinado á re-

partição geral dos correios e concluido por ordem do mesmo Exm. Sr. ministro para ahi funccionar a secretaria de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, como funccionando fica desde hoje. Em fé do que, e para memoria do facto, se lavrou este termo que vai assignado pelo Exm. Sr. conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior, ministro e secretario de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, e mais pessoas presentes, e por mim Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo, chefe da directoria central da mesma secretaria de Estado, que o fiz.» Seguem-se as assignaturas.

Vêem-se tambem nesta praça as estações das companhias de barcas a vapor *Ferry e Fluminense* que navegão para Nictherohy, a primeira inaugurada em 29 de junho de 1862 e a segunda poucos annos depois; e um cáes de pedra com duas rampas e uma escadaria no centro, lendo-se nas bases dos lampeões que estão á entrada, as seguintes inscripções:

A CAMARA MUNICIPAL
A BEM DO PUBLICO
MANDOU CONSTRUIR
ESTE CAES
REINANDO O SR. D. PEDRO II.
DIRECTOR DE OBRAS
J. A. DA F. LESSA.
COMEÇADO EM 10 DE JANEIRO, TERMINADO EM 2 DE DEZEMBRO DE
1874

—

VEREADORES
A. B. PEREIRA PRESIDENTE
A. B. DE MENEZES
J. S. DA GAMA
M. D. DA CRUZ
A. J. DOS SANTOS
M. T. COELHO
A. C. DE ARAUJO LIMA
V. DA SILVA
J. C. MONTEIRO

A praça é ajardinada, tendo sido inaugurado o jardim em 25 de março de 1877;

A praça das Marinhas entre a praça D. Pedro II e a alfandega e em frente de uma importante dóca com rampa e cáes com escadas de ambos os lados ; o largo da Carioca fronteiro ao chafariz do mesmo nome: principião ahi a ladeira de Santo Antonio e as ruas de Santo Antonio e Guarda Velha, a qual, demolindo-se em 1877 predios antigos para se construir um vasto palacio destinado á typographia nacional recebeu maior largura em parte de sua extensão. Levanta-se ahi o

Imperial Theatro D. Pedro II

Sem belleza, nem architectura em sua frontaria, pois exteriormente parece um pequeno sobrado a que está unido um corpo posterior muito acaçapado e feio, indica esse edificio o fim primitivo que teve de circo equestre. No interior é o mais vasto de todos os nossos theatros, tem duas ordens de camarotes, uma galeria superior, uma varanda proxima á platéa, duas tribunas para a familia imperial, e seis camarotes no arco do proscenio ; inaugurou-se em 19 de fevereiro de 1871 com um baile mascarado ;

O largo de S. Francisco de Paula no fim da rua do Ouvidor, outr'ora da Sé Nova, por se começar a construir nessa praça o edificio para cathedral, que hoje serve de Escola Polytechnica (1) tem um lindo jardim preparado pelo botanico Dr. Glaziou e aberto ao publico em 7 de setembro de 1875, e no centro a

Estatua de José Bonifacio de Andrade e Silva

Erigida por iniciativa do Instituto Historico, inaugurou-se em 7 de setembro de 1872, meio seculo depois da independencia.

Sahio o prestito do paço imperial da cidade na seguinte ordem :

Uma banda de musica marcial e uma guarda de archeiros e os porteiros da camara formando alas.

Todas as pessoas que não fazião parte da côrte, sem precedencia nem distincção.

---

(1) Veja capitulo 11 pag. 43.

A Illma. camara municipal e todas as pessoas da côrte, segundo o ceremonial que é de uso em semelhantes occasiões.

Os membros da commissão encarregada de erigir a estatua, os descendentes do conselheiro José Bonifacio e os socios do Instituto Historico.

O Imperador e seus semanarios.

Subindo para a sala central do edificio da Escola Polytechnica, onde se achavão a Imperatriz, a princeza imperial e seu esposo, designou o Imperador as pessoas que deveriam pegar nas pontas do véo que cobria a estatua; tomando parte nesta ceremonia, desceu ao largo com as pessoas indicadas, e ao som do grito—viva a independencia nacional—cahio o vêo, appareceu a estatua, retinio o hymno nacional, subirão ao ar girandolas de foguetes e salvou com 19 tiros a bateria collocada no morro de Santo Antonio ; o povo saudou com vivo enthusiasmo o heróe da independencia.

Voltando á sala da Escola Polytechnica ouvio o Imperador um discurso recitado pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo, orador do Instituto Historico, ao qual respondeu :

« As nações engrandecem-se com as homenagens prestadas a seus varões illustres; José Bonifacio de Andrade e Silva é digno da veneração que lhe tributão todos os Brazileiros, e que eu lhe consagro tambem como grato pupillo. »

Libertou D. Pedro II a custa de seu bolsinho o unico homem escravo que trabalhara nos alicerces desse monumento que perpetuará até as idades mais remotas o nome de José Bonifacio, a gratidão dos Brazileiros e o facto mais notavel da nação—a independencia.

Sobre degráos de pedra eleva-se um basamento de marmore, que sustenta um pedestal octogono de bronze, tendo nos angulos mais estreitos as figuras allegoricas da Justiça, da Integridade, da Poesia e da Sciencia ; na face da frente le-se ; — *José Bonifacio de Andrada e Silva, 7 de Setembro de 1872*, e na opposta *7 de Setembro de 1822*. Sobre o pedestal ergue-se o heróe de pé, tendo junto a si um mocho com livros.

O monumento é obra de Luiz Rochet, pesa o bronze empregado 18,000 kilogrammas e mede a estatua 2^{m}, 40;

O largo do Rosario, outr'ora da Sé, entre as ruas da Uruguayana e a dos Andradas : está obstruido por um grande barracão em vez de

ter alamedas de arvores e bancos de pedra para recreio do publico ; a praça da Constituição, antigo campo dos Ciganos, da Lampadosa, depois largo do Rocio, do Pelourinho, recebendo por portaria de 2 de março de 1822 a actual denominação em memoria do acto do juramento da constituição, que se estava fazendo em Portugal, celebrado em 26 de janeiro de 1821 na varanda do theatro S. Pedro de Alcantara ; tem 95 braças de comprimento e 51 de largura ; é de todas as praças da cidade a mais regular e elegante, principalmente depois que ajardinou-se e ergueu-se no centro a estatua de Pedro I.

Alem do theatro de S. Pedro está nesta praca o edificio que desde agosto de 1876 serve de secretaria do Imperio, e que apezar de construido recentemente parece uma casa edificada em tempos remotos, não só pela falta de architectura, como tambem por guardar dimensões que só se notão em construcções levantadas nesta cidade ha mais de um seculo.

Alem das ruas já mencionadas começa nesta praça a travessa da Barreira que termina na rua do Espirito Santo, tendo ao lado esquerdo o becco da Carioca, outrora do Piolho (1).

Ha nessa travessa o templo presbiteriano, de architectura rustica, tendo na face principal o portico e duas janellas, e no friso a inscripção.—*Igreja Presbyteriana MDCCCLXIII* ;

A praça do General Osorio, assim denominada desde 2 de setembro de 1869 em memoria dos importantes serviços prestados á patria pelo valente general Manoel Luiz Osorio, hoje marquez do Herval : era conhecido com o nome de largo do Capim, e vae da rua de S. Pedro a do General Camara, tendo no centro um jardim, inaugurado em 27 de janeiro de 1875, com esguicho e cercado de barracas para mercado de verduras e aves; nos angulos levantão-se quatro chaléts de pedra e cal, monumentos da má administração da municipalidade que em tudo consente com tanto que possa usufructuar algum rendimento; o largo de Santa Rita no fim da rua do Visconde de Inhauma, tem no centro um chafariz construido em 1842, e ao lado esquerdo o

(1) Havia nessa travessa uma fonte conhecida com o nome de Boiotas, cuja agua provinha de um poço com uma bomba tocada por dous galés; era essa agua, algum tanto sulfurea e ferruginosa, mui procurada pelos antigos habitantes da cidade.

becco de João Baptista, outrora de Gaspar Gonçalves (1); o largo de S. Domingos ao lado direito da rua do General Camara: tem no centro um chafariz, e servia ha poucos annos de mercado de capim; ergue-se ahi a

Igreja de S. Domingos

Desejando erigir um recinto para seu orago pedio a irmandade de S. Domingos á camara um terreno por esmola no rocio da cidade, e forão-lhe concedidas vinte braças de chão de rua a rua com vinte e seis de fundo, fazendo testada pela rua dos Escrivães, (General Camara) diante do cemiterio do rocio da cidade (2); Passou-se a carta de aforamento (sem fôro) em 21 de novembro de 1706 com a condição expressa de não poder ser vendido, alienado nem de qualquer modo traspassado o terreno dado para a construcção da igreja. Em 17 de junho de 1791 obteve a confirmação regia dessa concessão a irmandade, que por breve de 30 de setembro de 1831 autorisado com o beneplacito imperial de 10 de maio de 1832 foi elevada a ordem terceira

A antiga capella de S. Domingos é pequena e despida de architectura: ha o portico, duas janellinhas no côro, um frontão recto, um oculo no tympano e uma torre ao lado direito; ornão o interior tres altares, e do lado da sacristia vê-se a capella do noviciado que é moderna. Em 1854 tentou a ordem, composta de pretos, erguer uma nova igreja, mas sobrepostas as primeiras pedras dos alicerces ficou a obra interrompida até hoje;

A praça Vinte Oito de Setembro, antiga da Prainha, porem em outubro de 1871 recebeu a denominação actual em memoração da lei que regulou o elemento servil; estende-se desde o arsenal de marinha até a rua da Saúde, tendo um cáes de desembarque.

Dessa praça principia a rua da Saúde que termina na da Boa-Vista, tendo á esquerda a ladeira de Felippe Nery, as ruas do Escorrega, Funda, de S. Francisco, da Pedra do Sal, o adro de S. Francisco, as Escadinhas do Livramento e o becco Sem Sahida, e á

(1) Veja livro segundo do tombo do Convento de Santo Antonio, anno 1747.

(2) Fazendo os trabalhadores da companhia de esgoto excavações no largo de S. Domingos, descobrirão em pequena profundidade algumas caveiras e ossadas humanas.

direita os beccos do Cleto, outrora das Canoas, do Consulado, do Galvão, do Freitas, das Escadinhas, e as praças Municipal e da Harmonia ; atravessa as ruas do Livramento, Harmonia e Proposito. A rua da Saúde teve outrora tres nomes : denominou-se de S. Francisco da Prainha até a do Escorrega, Nova de S. Francisco até a praça Municipal e dahi para diante da Saúde. Em setembro de 1872 a companhia Locomotora alargou o espaço entre os beccos do Cleto e do Consulado, que por ser muito estreito se chamava bocca do inferno ;

A praça Municipal, antigo largo do Valongo : é regular, tem no centro um jardim com um lindo chafariz formado de uma columna de granito sustentando as armas da cidade no apice ; inaugurou-se em 2 de dezembro de 1872. Do lado do mar vê-se o caes da Imperatriz, assim denominado por haver desembarcado ahi a actual imperatriz do Brazil, ornado com quatro estatuas de marmore e dous golphinhos de metal ; conservava ha poucos annos, em uma pedra esta inscripção :

A CAMARA MUNICIPAL POR BEM DO PUBLICO MANDOU
CONSTRUIR ESTE CAES, NO REINADO DO SR.
D. PEDRO II EM 1842.

Começa nessa praça a ladeira do Livramento ;

A rua do Livramento que principia no mar, e termina tambem no mar do lado da Gambôa ; atravessa a rua de João Alvares (') antiga travessa do Lima e becco do Suspiro, tendo de um lado a travessa do Moreira e a rua do Monte, e do outro a travessa da Mangueira ; a rua da Harmonia que abre-se no mar e finda no mar do lado da Gambôa; corta a travessa da Mangueira, e tem do lado esquerdo a rua de João Alvares. Chamou-se a principio Caminho da Gambôa, depois rua do Cemiterio, por haver ahi um cemiterio, onde sepultavão-se os negros d'Africa, e por portaria de 6 de junho de 1853 recebeu o nome poetico que tem actualmente. Estão nesta rua o theatro Santa Carlina, que é particular, inaugurado em 3 de outubro de 1863 com o drama *Probidade*, e o elegante edificio da escola publica da freguezia de

(') João Alvares Carneiro, medico mui caritativo, nascido no Rio de Janeiro em 18 de outubro de 1776, e fallecido em 18 de novembro de 1837.

Santa Rita, do qual lançou-se a primeira pedra em 17 de fevereiro de 1871 e começou a funccionar em 14 de março de 1877;

A rua do Proposito que começa no mar e finda no mar, transpondo o morro da Saúde: tem de um lado a travessa da Mangueira; a praça da Harmonia, outrora da Saúde, entre as ruas da Harmonia e do Proposito, que apresenta do lado do mar o edificio da praça do mercado; a rua da Boa-Vista que principia no trapiche da Saúde e vae acabar no mar transpondo o morro do mesmo nome; a rua da Gambôa que começa no portão de uma chacara e vae até o morro do Sacco do Alferes; atravessa as ruas da Boa-Vista, Proposito, Harmonia, Livramento, travessa da Gambôa e rua da União; tendo do lado esquerdo a rua do Barão da Gambôa outrora beco da Pedreira. Não ha muitos annos dava-se ao principio desta rua o nome de Lazareto, provindo o que conserva de fazerem outrora os pescadores nessa enseada gambôas ou aceiros para apanharem o peixe. Levanta-se ahi o

Cemiterio dos Inglezes

Acha-se em terreno que o principe regente D. João mandou comprar por aviso de 24 de dezembro de 1808 aos herdeiros de Simão Martins de Castro por 1:600$000, passando-se a escriptura em 2 de janeiro de 1809, e cedido em 1815 para cemiterio por não se haver realizado a compra determinada, em aviso de 15 de setembro de 1808 de um terreno na extremidade da praia da Gambôa, no lugar denominado Forno da Cal, e mais tarde Chichorra, para cemiterio dos protestantes.

Fechado a principio com um cercado de madeira, construio-se depois o muro que o circumda com tres portões de ferro, despendendo-se nessa obra o saldo da subscripção feita para edificar-se o templo anglicano da rua do Evaristo da Veiga; tem uma capella no centro e defronte um caes para receber os cadaveres de pessoas qne morrem a bordo dos navios.

Em um morro que se eleva no fim da rua da Gambôa está situado o hospital de Nossa Senhora da Saúde;

A rua da União, assim denominada por unir a enseada da Gambôa a do Sacco do Alferes, que tem do lado direito a rua do Commendador Leonardo aberta em 1876; a praia do Sacco do Alferes que começa

no fim da rua da Gambôa, junto ao edificio da companhia City Improvement, e termina na ponta do Boticario, onde une-se com a praia Formosa ; apresentando do lado esquerdo a travessa que vae terá rua do Commendador Leonardo, a da Gambôa e a rua da America ; a praia Formosa que estende-se até a rua do Senador Euzebio, e ahi desembocão as ruas Sara, Paulina e D. Joaquina. Aproveitados os terrenos pantanosos que margeão esta praia, e unida por um cáes ao bairro de S Christovão tornar-se-hia este lugar muito habitado, teria movimento commercial e grande proveito proveria á hygiene publica desse melhoramento.

Percorrida a parte da cidade que se estende para o norte e occidente vamos descrever a do lado opposto.

Em frente á porta da igreja do Parto, na rua de S. José, abre-se a rua da Ajuda, que finda no mar, tendo do lado esquerdo a ladeira do Seminario e a rua de Santa Luzia, e do direito as ruas de Santo Antonio, do Evaristo da Veiga e do Passeio, os beccos do Proposito e do Carvalho, que se communicão entre si pelo becco do Cayrú, assim denominado por haver residido em uma casa proxima o visconde de Cayrú, e a travessa do Maia. Corre essa rua em frente do Convento de Nossa Senhora da Ajuda e do edificio da

Escola Publica da freguezia de S. José

Esse edificio construido pela camara municipal é de architectura gothica, tem um corpo central mais saliente e dous lateraes ; no primeiro vêem-se na parte superior quatro estatuas e tres mostradores de relogio indicando um a hora, outro o dia, e o ultimo a phase da lua ; sobre o portico lê-se : *A' mocidade o povo.*

Levantado este edificio cuja primeira pedra assentou-se em 22 de maio de 1871, e preparado na frente um jardim com gradil de ferro, desappareceu o largo que havia defronte da ladeira do Seminario conhecido vulgarmente com o nome de Mãi do Bispo, por haver residido ahi a mãi do prelado D. José J. J. Mascarenhas Castello Branco. Seguem-se a rua do Evaristo da Veiga que principia na da Ajuda e vae á ladeira de Santa Thereza, tendo á direita as ruas dos Arcos e Riachuelo, e á esquerda a das Marrécas, do Visconde de Maranguape e de Santa Thereza. Chamada a principio Caminho dos Arcos da Carioca,

depois dos Barbonos, deu-lhe a camara, em sessão de 17 de dezembro de 1870, o nome actual em homenagem á memoria do distincto brazileiro Evaristo Ferreira da Veiga. Erguem-se nesta rua o templo anglicano e o hospicio de Jerusalém.

Templo Anglicano

Lançada a primeira pedra em 12 de agosto de 1820 com as ceremonias do ritual anglicano, depositando-se conjunctamente uma garrafa com gazetas inglezas, e varias moedas da época, foi consagrado a S. Jorge e a S. João, em homenagem ao principe Jorge, então regente da Grã-Bretanha e a D. João VI que permittira a construção no pateo da casa que pertencera ao bispo Castello Branco, a qual os Inglezes pretenderão comprar para levantarem nesse terreno um hospital; porém não realizarão semelhante idéa.

Hospicio de Jerusalem

Fundado em 18 de junho de 1735 para nelle se recolherem os religiosos leigos, que se empregão nas esmolas para os lugares santos de Jerusalém, é esse hospicio, pequeno, de dous pavimentos, com janellas de peitoril, tendo do lado direito uma capella em cujo frontespicio vê-se um nicho com a imagem de Santo Antonio de Padua e superiormente o campanario. Sobre o portico ha um emblema de marmore com a data 1734. Consta que estando prompta a capella consagrada a Santa Anna convidou frei Francisco Borba, seu fundador, a diversas pessoas sem, porém, fazer mensão do vigario de S. José ; pelo que resolveu o vigario tomar posse desse recinto religioso que se achava em sua freguezia. Informado disso mandou o frade preparar apressadamente uns sarrafos de madeira e pregal-os á porta, de sorte que no dia seguinte quando compareceu o parocho com diversos padres e sachristães de cruz alçada achou interceptada a porta com varões de páo, substituidos depois por vergalhões de ferro, que ainda se conservão;

A rua do Passeio que vae até ao largo da Lapa, abrindo-se de um lado a de Luiz de Vasconcellos que vae até ao mar e do outro a das Marrecas; passa em frente do Passeio Publico e do edificio da

Secretaria da Justiça

Em 28 de agosto de 1820 ordenou D. João VI que se comprasse o predio pertencente ao espolio do conde da Barca, defronte do Passeio Publico, para nelle se estabelecer a secretaria do reino, sendo destinado para laboratorio chimico o quintal e lojas dessa casa, onde já se achava trabalhando o professor José Caetano de Barros; por aviso de 24 de julho de 1821 declarou-se que o preço dessa compra era o de 14:600$000. Tem dous pavimentos e, apezar de restaurado ha pouco tempo, derão-lhe aspecto tão mesquinho e ridiculo que ninguem diz ser esse edificio uma secretaria de estado;

A rua dos Arcos outrora Nova dos Arcos que desemboca na do Lavradio, em frente da do Rezende; a rua do Rezende, assim denominada em memoria do conde de Rezende, que mandou abril-a e alinhal-a, atravessa a dos Invalidos e finda na do Riachuelo; do lado esquerdo rasgão-se as ruas do Silva Manoel e do Torres, nome que proveio do cidadão Manoel José Rodrigues Torres que mandou abril-a em terreno de suas chacaras; a rua do Riachuelo que começa na do Evaristo da Veiga e estende-se até á do Conde d'Eu; tendo do lado esquerdo as ladeiras do Castro, de Monte Alegre e do Senado, e do direito as ruas do Lavradio, Invalidos, do Torres, Rezende e do Senado; corta a do Silva Manoel. Teve em tempos passados os nomes de Caminho da Bica, de Mata-Cavallos pelo máo e perigoso transito que dava aos animaes de transporte, e em 4 de julho de 1865 recebeu o de Riachuelo em memoria da victoria ganha pela esquadra brazileira em 11 de junho de 1865 na guerra do Paraguay. Ha nessa rua a capella do Menino Deus, e dous chafarizes; tinha o primeiro esta inscripção:

CIVIS AQUAM BIBE LAVRADII MARCHIO DONAT
ILLE PATER PATRIÆ; QVÆ SITIS ERGO TIBI?
FLUMINENSIS SENATUS
1772.

No segundo lê-se a seguinte:

O REI POR BEM DO SEU POVO
M. F. E. O.
PELA POLICIA
1817.

Existe tambem ahi uma fonte de aguas ferreas, que é particular, pagando 40 rs. de entrada cada pessoa ;

A rua do Visconde de Maranguape, antiga das Mangueiras, tendo recebido o nome actual em 3 de junho de 1871, que começa na rua do Evaristo da Veiga e finda no largo da Lapa, tendo á direita a travessa do Mosqueira, assim denominada por haver residido ahi o desembargador José de Oliveira Pinto Botelho Mosqueira; a rua de Santa Thereza, aberta em 8 de outubro de 1794, que principia na do Evaristo da Veiga e vae ao cáes novo da Gloria, tendo á esquerda a travessa do Mosqueira e o becco do Imperio, assim denominado por causa do *Imperio* do Divino Espirito-Santo que havia no largo da Lapa na esquina dessa viella;

O largo da Lapa, entre as ruas do Passeio e do Visconde de Maranguape : é irregular e delle começão as ruas do Caes e da Lapa ; a do Caes em nivel muito inferior terminando na praça da Gloria, e tendo do lado direito a rua de Santa Thereza e o becco dos Carmilitas. Em 23 de dezembro de 1857 foi approvado o contrato celebrado entre o ministro do imperio, marquez de Olinda, e Ignacio de Barros Vieira Cajueiro para a construcção de um cáes e rua desde o becco dos Carmilitas até a praça da Gloria, com o alargamento da rua do antigo cáes.

Dando-se principio a obra ficou concluida no fim de alguns annos, e assim abrio-se mais uma arteria de communicação entre a cidade e os importantes bairros do Cattete, Botafogo, S. Clemente, Jardim Botanico, Berquó, Larangeiras e Cosme Velho ; importando essa obra em 841:240$000 ;

A rua da Lapa que termina na da Gloria, tendo do lado esquerdo o becco do Desterro, outrora rua Detrás da Lapa, e corta a de Santa Thereza ;

A rua da Gloria, antigo cáes da Gloria e Boqueirão da Gloria, que finda na praça do mesmo nome, dando principio do lado direito á rua de D. Luiza, assim denominada por portaria de 30 de outubro de 1848. Ha naquella rua um chafariz com esta inscripção :

ALOYSIO ALMEIDA
MARCHIONI LAVRADIENSI,
BRAZILIÆ PRO-REGI
FRAENATIS AESTUANTIS MARIS INCURSIBUS,

INGENTI CONSTRUCTO MURO,
CONCILII REDITIBUS, ET DIGNITATE AUCTIS,
PUBLICIS REPARATIS ÆDIFICIIS,
AGGERIBUS PERRUPTIS, EXPLANATIS ITINERIBUS,
COMMODIORIBUS EFFECTIS,
RENOVATA URBE,
SERVATORI SUO,
SENATUS ET POPULUS SEBASTIANOPOLITANUS
P.
MDCCLXXII.

A praça da Gloria, entre o edificio do mercado da Gloria e a rua do Cattete, donde principião a rua do Silva, e a ladeira da Gloria : é arborisada; a rua do Cattete que vae do largo da Gloria ao do Cattete, onde ha uma ponte sobre o rio Cattete, outrora da Carioca, na qual pagavão taxa os carros e cavalleiros, mas o decreto de 17 de janeiro de 1866, referendado pelo ministro da agricultura, Dr. Antonio Francisco de Paula e Souza, declarou livre e desembaraçado de qualquer onus o transito nessa direcção: corta as ruas da Princeza e Dous de Dezembro, abrindo-se de um lado as do Guarda-Mór, antigo becco do Rio, do Ferreira Vianna, do Principe, do Pinheiro e de Santo Ignacio, e do outro as de Santo Amaro, Pedreira da Gloria e a praça do Duque de Caxias.

Ha alli dous chafarizes, um construido em 1852 no lugar onde existio uma fonte conhecida desde longa data com a denominação de Poçinho da Gloria, e o outro na parte mais larga da rua a que dava o povo o nome de largo do Valdetaro;

A rua Ferreira Vianna, aberta ha poucos annos, quando presidente da municipalidade o Dr. Antonio Ferreira Vianna, a do Principe, a do Pinheiro, a de Santo Ignacio aberta em 1854, a Dous de Dezembro, que outrora terminava na do Cattete, chamando-se do Infante a parte que se estende até ao mar, e a da Princeza que teve os nomes de Valdetaro, Nova de João da Cunha e em 1808 o que conserva actualmente, desembocão na praia do Flamengo que liga-se ás praias da Gloria e de Pedro I. Chamada a principio da Aguada dos marinheiros, porque despejando-se ahi o rio Carioca (Cattete) ião os navios fazer aguada nesse lugar, depois do Sapateiro Sebastião Gonçalves,

que em 1610 aforou o terreno, que ficava portrás do morro do Leripe (hoje da Viuva) e edificou a primeira casa de pedra e cal que houve na cidade (1); estende-se a praia do Flamengo do morro da Gloria ao da Viuva;

A rua de Santo Amaro, aberta em 1852, que termina no morro de Santa Thereza, tendo á direita a rua Santa Christina; apresenta o

Hospital da Beneficencia Portugueza

Collocada a primeira pedra em 19 de dezembro de 1853, a cumieira em 23 de julho de 1855, em 16 de setembro de 1858 inaugurou-se o edificio com um pomposo baile; em 26 do mesmo mez benzeu-se e em 7 de janeiro de 1859 abrio-se aos doentes.

E' um elegante palacio construido sob as regras architectonicas e preceitos hygienicos, possuindo uma linda capella consagrada a S. João de Deus;

A rua da Pedreira da Gloria, que aberta em 1810, finda no morro de Cantagallo, tendo á esquerda a da Pedreira da Candelaria, outrora do Quintanilha;

A praça Duque de Caxias, demarcada e alinhada em 1810 é regular e arborisada; chamada a principio largo do Machado, recebeu por portaria de 19 de maio de 1843, o nome de praça da Gloria, e em 1869 a denominação actual. Alem da igreja matriz da Gloria levanta-se ahi a

Escola Publica da freguezia da Gloria

Assentada a pedra fundamental em 29 de dezembro de 1870 inaugurou-se este vasto, solido e imponente edificio em 9 de abril de 1875. Tem dous pavimentos: o primeiro revestido de cantaria, afastado do chão 2^m, 20 e com 6^m, 60 de altura, e o segundo de 6^m, 20 de altura com um entablamento ornamentado, coroado por um attico com vasos etruscos nos cantos e interrompido no centro da fachada por um frontão, tendo no nicho as armas imperiaes em relevo, aos

(1) Residio nessa casa Pedro Martins Namorado, nomeado 1° juiz ordinario da cidade em 9 de setembro de 1566.

lados quatro estatuas representando as Lettras, Artes, Commercio e Industria e por baixo do entalhamento a distico :— *Viam sapientiæ monstrabo tibi.*

O estylo é do renascimento, e foi nesse edificio que inaugurarão-se as conferencias publicas, hoje communs entre nós.

Dessa praça começão as ruas do Carvalho de Sá, e das Larangeiras, a primeira aberta em 1837 e a segunda que dá caminho para os arrabaldes das Larangeiras e Cosme Velho tão lindos, pittorescos e cortados por diversas ruas, com elegantes chacaras primorosamente cultivadas e graciosas casas de moradia.

Na praça do Cattete principião as ruas do Senador Vergueiro e do Marquez de Abrantes, que desembocão na praia do Botafogo, tendo a primeira de um lado as travessas do Flamengo e do Cruz Lima e do outro a travessa do Guedes ; e a segunda a travessa do Guedes e a rua da Victoria do lado esquerdo e do direito as ruas de S. Salvador e da Piedade ; ambas cortão a rua do Payssandú. Essas ruas erão denominadas Caminho-Velho e Novo de Botafogo, porém em 20 de janeiro de 1866 receberão os nomes actuaes.

Na rua do Marquez de Abrantes, aberta em 1796, ergue-se a

Capella da Piedade

Levantadada pelo marquez de Abrantes em uma extensão de 105 palmos de comprido sobre 32 de largo, é de estylo gothico, tem um atrio fechado com gradil de ferro, um portico elegante ladeado por duas janellas, e divide o recinto em duas partes um arco de ferro snstentado por duas pyramides e ornado de vidros emblematicos, dos quaes o central representa o *Ecce Homo* ; do centro pende uma lampada dourada. Além do arco começa a capella-mór com um altar no centro, no qual venera se a imagem do orago trabalhada em marmore. Circumda o presbiterio uma balaustrada e revestem as paredes primorosos relevos com frisos dourados Guarda a sacristia um arcaz de peroba feito por Jeronymo Januario de Sá. [redacted] de outubro de 1864 benzeu-se esse edificio, cujo architecto foi o

major José Maria Jacintho Rabello, e o constructor Venancio José da Costa (1);

A rua do Payssandú, antiga de Santa Thereza do Cattete, aberta em 1853, e em 1877 continuada da rua do Marquez deAbrantes até ao mar, que termina na rua Guanabára, onde está situado o palacio Isabel, pertencente á princeza imperial e a seu esposo o principe conde d'Eu, que comprou-o, em 26 de janeiro de 1865, a José Machado Coelho ;

A praia do Botafogo, chamada a principio de Francisco Velho, recebendo o nome que conserva de um individuo desse appellido que alli residio, a qual estende-se desde o morro da Viuva á praia da Saudade, e nella desembocão as ruas do Senador Vergueiro, Marquez de Abrantes, Farani, Marquez de Olinda, outr'ora de Olinda de D. Carlota, aberta em 11 de novembro de 1872 em terrenos concedidos gratuitamente por D. Carlota de Mello Mattos e outros, de S. Clemente, dos Voluntarios da Patria e da Passagem.

Fechada pelos morros da Viuva e Pedra da Urca tem essa enseada as aguas sempre tranquillas e serenas ; cercada por uma praia semi-circular, bordada de palacios magnificos, de arvores e jardins bem cultivados, avistando-se ao longe as montanhas desiguaes em tamanho e altura, é este lugar tão bello e pittoresco, que parece ter a natureza reunido alli todos seus encantos e primôres.

Ha nesta praia o theatro Santa Leopoldina com 22 camarotes em uma só ordem, 80 cadeiras e 170 geraes, e dous chafarizes, um erguido em frente da rua do Marquez de Abrantes, formado de uma columna de ferro com esta inscripção :

DOUS DE DEZEMBRO DE 1853

E o outro, defronte da rua do Marquez de Olinda, no qual lê-se o seguinte :

POR ORDEM DE S. M. I.
FOI MANDADO CONSTRUIR ESTE CHAFARIZ
SENDO MINISTRO E SECRETARIO DE ESTADO DOS NEGOCIOS DO IMPERIO
O EXM. SR. CONSELHEIRO CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA
ANNO DE 1842

(1) Os ladrões penetrarão nessa capella na noite de 8 para 9 de novembro de 1870 e roubarão muitos objectos de valor, entre outros uma lampada de prata de peso superior a 2,200 oitavas.

Antigamente a praia de Botafogo terminava pouco adiante da rua da Passagem, junto ao morro do Mathias, porque ahi começava a pedreira do mesmo nome, que impedia o transito. Chamava-se então praia de Santa Cecilia e praia Vermelha o espaço que se estendia dahi até ao edificio da Escola Militar ; agora, porém, tem outro nome, como vimos, essa porção da praia, na qual vem ter ás ruas do Hospicio de Pedro II, outrora estreito caminho denominado Azinhaga ;

O nome de S. Clemente dado á rua que abre-se na praia de Botafogo e conduz ao largo dos Leões provem do padre Clemente Martins de Mattos, natural do Rio de Janeiro, que, possuindo uma chacara nesse sitio, ergueu ahi uma capella consagrada ao santo de seu nome. Antes de ser padre era Clemente Martins formado em leis, e tendo sido perseguido pela inquisição por causa de um crime que imputarão-lhe fugio para Roma, onde, perdoado pelo papa ordenou-se, formou-se em canones, e, regressando á patria, occupou os cargos de vigario geral, de commissario da bulla da cruzada e de thesoureiro-mór da cathedral. Fallecendo em 8 de julho de 1702 sepultou-se na capella-mór da antiga igreja da Candelaria, em jazigo de sua propriedade.

Reedificada a capella de S. Clemente permittio-lhe a benção a provisão de 13 de abril de 1772 a requerimento de seu administrador Joaquim Pedro Corrêa dos Reis Arão, por antonomasia o Milagre : actualmente pertence á chacara n. 110 ;

A rua dos Voluntarios da Patria, antiga de S. Joaquim, que aberta em 1826 por Joaquim Marques Baptista de Leão, recebeu a denominação actual por portaria de 28 de maio de 1870. Vê-se ahi a

Igreja de S. João Baptista

Ordenando o decreto de 13 de junho de 1808 que se encorporassem aos bens da corôa o engenho e terras da lagôa de Rodrigo de Freitas por sua competente avaliação, para estabelecer-se uma fabrica de polvora e officinas de fundição, e realizada a encorporação em virtude daquelle decreto e avisos de 2 de julho e 6 de novembro do mesmo anno, resultou dahi a creação da freguezia de S. João Baptista da Lagoa, estabelecida na capella da Conceição pertencente ao supracitado engenho, e construida antes de 1732. Por consulta da

mesa da consciencia e ordens de 21 de abril de 1809, e resolução de 3 de maio, lavrou-se o alvará de 13 de maio creando a parochia com os limites desde a praia de Botafogo até ao sitio da Tijuca, findando ahi com a de Jacarepaguá, e pela praia com a de S. José, da qual separou-se o territorio para se constituir a nova freguezia.

Foi primeiro vigario o padre Manoel Gomes Pinto.

Desabando a capella da Conceição transferio-se a pia para a de S. Clemente.

Em 1 de maio de 1831 doou Joaquim Marques Baptista de Leão um terreno com vinte braças de frente e oitenta de fundo, na rua de S. Joaquim, para construir-se nesse chão a igreja, o paçal do vigario e o cemiterio da freguezia.

Dando-se principio a obra lançou a primeira pedra o bispo D. José Caetano, que concorreu com 4:746$000 durante sua vida para a edificação de semelhante edificio, e seus herdeiros despenderão mais 1:823$290. Facilitarão as esmolas dos fieis a conclusão do recinto religioso, e entregue ao culto concedeu o bispo, conde de Irajá, ao doador do terreno uma tribuna do lado do evangelho para elle e sua familia (1).

Sendo essa igreja pequena para o exercicio parochial deu-se principio no mesmo terreno a um magnifico templo, do qual achão-se concluidas a capella-mór e a do Sacramento, erguidas as paredes lateraes, e a frontaria revestida de granito até ao primeiro corpo, tendo-se elevado a cruz sobre o frontespicio em 24 de junho de 1875 (2).

Freguezia da Conceição da Gavea

Limita-se a freguezia da Lagôa com a de Nossa Senhora da Conceição da Gavea, creada por decreto de 8 de junho de 1873. O decreto de 3 de dezembro de 1874 marcou-lhe o territorio e limites seguintes, tomando por ponto de partida o alto da Piassava segue a divisa da

(1) Joaquim Marques Baptista de Leão sepultou-se em 26 de janeiro de 1 43 na igreja da Ordem Terceira do Carmo, da qual era irmão.

(2) Em 16 de março de 1871 penetrarão os ladrões nesta igreja e roubarão todos os resplandores das imagens, outros objectos sagrados e os cofres das esmolas.

nova parochia pelo lado occidental em linha recta até encontrar as divisas da freguezia de Jacarepaguá, e pelo lado oriental em outra linha pelo cume dos montes, que vão até ao mar, ficando para a freguezia de S. João Baptista da Lagôa todas as vertentes ao norte e para a da Gavea as vertentes ao sul.

Serve de matriz a capella da Senhora da Conceição na rua da Boa-Vista construida em seis braças de terreno doadas por Manoel dos Anjos Victorino do Amaral. Erecta por provisão de 17 de julho de 1852, lançou-se a pedra fundamental em 28 de outubro do mesmo anno; benzeu-a o vigario da freguezia de S. João da Lagoa em 17 de outubro de 1855; dez dias depois recebeu a imagem do orago, offertada por D. Maria Sophia da Silva, celebrando-se no dia seguinte a primeira festa e Te-Deum, ao qual assistio o bispo, que em 5 de dezembro concedeu á capella o titulo de episcopal.

Havia dirigido as obras e solicitado esmolas uma commissão composta dos cidadãos Manoel dos Anjos Victorino do Amaral, João Baptista da Cunha Pegado, Antonio de Padua e Silva e Geraldo Caetano dos Santos que, empregando a maior actividade, zelo e economia, conseguirão elevar o pequeno templo despendendo a quantia de 8:290$535. Em 1857 concluirão-se algumas obras secundarias, e em novembro desse anno a devoção foi elevada a categoria de irmandade. Em janeiro de 1868 estando a capella arruinada emprehendeu reedifica-la o provedor Victorino do Amaral; appellou de novo para os que já o tinhão outrora auxiliado, e pôde colher a quantia de 12:216$400, que foi gasta em obras, em paramentos e alfaias. Grata a irmandade a esse dedicado irmão e a João Baptista da Cunha Pegado, Antonio de Padua e Silva e Geraldo Caetano dos Santos mandou collocar na sacristia um quadro com os retratos desses prestimosos cidadãos;

A rua da Passagem que indicámos na praia de Botafogo, chamada outrora da Copacabana, vai terminar na praia deste nome, comprehendendo de certa altura em diante o que antigamente se denominava caminho do Leme (1), donde desce até áquella praia, conhecida em outras éras com o nome de Sacopinamkan, e que se estende do morro da Babylonia ao outeiro da Copacabana, onde se levanta a capella consagrada a Virgem sob essa invocação.

(1) O forte do Leme, do qual ainda existem ruinas, foi construido no vice-reinado do marquez de Lavradio.

Apagarão os annos o nome do fundador e a éra da edificação desse antigo sanctuario, erguido em uma costa bravia, defronte da immensidade do oceano; sabe-se, porem, que existia antes de 1746, e que reedificada e construidas em lugar proximo casas de romaria, doou-a o bispo D. frei Antonio do Desterro, por escriptura publica, aos Carmelitas para conserval-a com decencia; mas reconhecendo a inconveniencia de residirem alli alguns religiosos, desistio a ordem carmelita, em 13 de julho de 1771, da posse e administração da capella, que pelo diocesano foi entregue ao seminario da Lapa em 24 de maio de 1773.

Divulgando-se, ha annos, o boato de ter dado á costa nesta praia uma baléa concorreu muita gente para ver o monstruoso cetacio, e então despertando interesse a localidade, e averiguado o máo estado da capella, foi reerguida por esmolas dos fieis, instituindo-se uma irmandade para zelar o culto divino.

Nesta praia, junto ás muralhas de uma antiga bateria, vê-se a estação do cabo telegraphico submarino do norte que foi collocado em 24 de dezembro de 1873 em presença do Imperador, dos semanarios e ministros de Estado; expedindo o monarcha aos presidentes das provincias da Bahia, Pernambuco e Pará o seguinte telegramma:

« Já chegou o cabo sub marino ao territorio da capital do Brazil. A electricidade começa a ligar as cidades do nosso litoral, como o patriotismo liga todos os Brazileiros no mesmo empenho pela prosperidade de sua magestosa patria. Saúdo, pois, a Bahia, Pernambuco e Pará, por este fausto acontecimento, na qualidade de seu primeiro compatriota e sincero amigo.

« Até aos bons annos de 1874 »

Alem das ruas que temos mencionado neste lado da cidade ha as de Guapemirim, de D. Marcianna, do Guimarães, do Oliveira, de Santa-Isabel, do Fernandes, abertas em 1859, do Humaytá, de Paulino Dias, do General Polydoro, antiga do Berquó, por ter tido chacara nesse lugar o ouvidor da comarca Francisco Berquó da Silveira; mas por portaria de 29 de maio de 1870 recebeu a denominação actual em homenagem ao general Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, visconde de Santa Thereza, alli residente. E' essa rua a mais antiga daquelle bairro, e era o unico caminho que communicava a praia do Botafogo com a lagôa do Rodrigo de Freitas, sendo por isso conhecida por cami-

nho da Lagôa (1); as ruas de D. Marianna aberta em 1853, do Sorocaba aberta em 1858, de S. João, da Real-Grandeza, aberta em 1820 por Joaquim Marques Baptista de Leão, de Todos os Santos, da Matriz aberta em 1858, das Palmeiras aberta na mesma epoca, do Delphim, da Assumpção e outras, e o largo dos Leões onde vê-se a capella particular erigida pelo commendador Caetano José de Oliveira Roxo, e inaugurada em 6 de janeiro de 1865.

Erguem-se na parte da cidade já descripta os seguintes morros:

Do Castello entre as ruas de Santa Luzia, Misericordia, Cotovello, S. José e da Ajuda; tem as ladeiras da Misericordia, do Carmo e do Seminario, é cortado por diversas ruas e praças, apresenta na parte mais elevada as muralhas da antiga fortaleza, fundada por Martim Corrêa de Sá, donde proveio o nome do morro. Arruinada essa obra pelo tempo, construio-se outra praça mais ampla e regular e no meio de um espaçoso pateo, todo lageado, abrio-se uma cisterna, cuja construcção a carta régia de 25 de setembro de 1711 approvou. Dentro dos muros dessa antiga fortaleza via-se o telegrapho aereo e levanta-se o páo da bandeira que dá signal dos navios que procurão a barra.

Existio tambem nesse morro, do lado do convento da Ajuda, no lugar onde mais tarde se estabeleceu o laboratorio de fogos artificiaes, um reducto chamado de S. Januario, que se suppõe ter sido erigido em 1711.

Nas ruinas do magnifico templo que os jesuitas começárão a construir acha-se o observatorio astronomico, fundado em 1846, com uma collecção completa de instrumentos; dá o signal indicativo do tempo médio, regula os chronometros das repartições da marinha e guerra, e publica diariamente os factos meteorologicos observados.

No antigo collegio de jesuitas está estabelecido o

Hospital Militar

Erão recolhidos ás enfermarias do Hospital da Misericordia os soldados da guarnição da cidade, mas ordenou a carta régia de 21 de

(1) Esta lagôa de uma legua de comprimento e meia de largo, entre a serra da Gavea e o mar, é mui piscosa, communica-se com o oceano por um sangradouro que é necessario abrir-se quando pelas cheias ameaça inundar os terrenos visinhos; e provem-lhe o nome de se achar em terras que pertencerão a Rodrigo de Freitas Mello e Castro.

março de 1702 que se construisse casa propria, onde fossem recebidos os militares ; de feito fundou se dentro do quartel da guarnição das náos, na rua conhecida por isso pelo nome de rua dos Quarteis da armada, hoje de Bragança Em 1727 ou depois desse anno começou ahi o curativo dos militares e dos individuos doentes, á quem a fazenda real era obrigada a curar ; sendo, porém, improprio o local para enfermaria, por ser humido, pouco lavado dos ventos, e abafado pelas casas circumvisinhas, o conde de Azambuja transferio o hospital para o edificio que pertencera aos jesuitas no morro do Castello. Conta este hospital nove enfermarias, e serve-lhe de capella a igreja de Santo Ignacio de Loyola construida pelos jesuitas em 1567, com quatro altares ornados de obra de talha dourada, tendo uma torre do lado direito na qual ha um relogio. Já dissemos que ergue-se neste morro a igreja de S. Sebastião pertencente aos Capuchinhos italianos, vendo-se proximo deste convento um chafariz construido em 1851;

O morro de S. Bento, entre as ruas de Bragança, S. Bento e Prainha, praça Vinte Oito de Setembro e o arsenal de marinha, constituia outr'ora uma peninsula penetrando o mar pelo espaço onde corre actualmente a rua do Visconde de Inhaúma ; na parte superior sustenta o mosteiro dos Benedictinos, para o qual ha duas subidas, uma no fim da rua Primeiro de Março e outra na de S Bento. Junto á base deste monte construio a companhia de esgoto um edificio de architectura rustica no qual funccionão machinas e apparelhos de desinfecção; o morro de Santo Antonio entre as ruas da Guarda Velha, Evaristo da Veiga, Arcos, Lavradio, Senado e Carioca : tem uma unica ladeira no largo da Carioca, que dá subida para o convento dos Franciscanos e para a igreja da Ordem Terceira da Penitencia; e por entre o denso arvoredo que o cobre estende-se o aqueducto da Carioca; o morro da Conceição, entre as ruas da Prainha, Saúde, Principe e Imperatriz, cortado pelas ruas do Escorrega, Jôgo da Bóla, Funda, Matto Grosso, Pedra do Sal, e por diversas travessas e beccos, endo as ladeiras de João Homem, da Conceição, do Adro de S. Francisco, e a do morro do Valongo, chamada outr'ora de João de Gatinhas. Estão ahi situados o palacio episcopal, a casa das armas do arsenal de guerra, construida sob as ruinas de uma fortaleza erguida antes do anno 1734 e a capella de S. Francisco; o morro do Livramento entre as ruas da Saude, Livramento, e da Princeza, abençoado

por duas ermidas: a da Madre de Deus construida pelo tenente-coronel André Pinto Guimarães, na antiga quinta do Valongo, por provisão de 13 de julho de 1733, está arruinada e tem do lado direito um campanario erguido em 1828 ; e a do Livramento levantada em 1670; o morro da Saude, entre as ruas da Boa-Vista, Harmonia e da Gambôa, apresenta em sua encosta a capella da Senhora da Saude erigida por Manoel da Costa Negreiros pela provisão de 8 de outubro de 1742; o morro da Gambôa que é continuação do do Livramento, entre a rua da Gambôa e praia do Sacco do Alferes, tem em sua encosta o cemiterio dos Inglezes;o morro do hospital da Saude, entre a rua da Gambôa e a praia do Sacco do Alferes : provem-lhe o nome do hospital collocado na parte mais elevada,destinado ao curativo das molestias contagiosas o morro da Providencia, continuação do morro do Livramento e morro do Pinto, ao lado direito da rua da America, o qual liga-se á pedreira de S. Diogo. Do lado do sul da cidade ha o morro da Gloria entre a rua do Cattete e a praia do Flamengo, no qual vê-se a capella da Gloria, lindas chacaras e mimosos jardins; o morro de Santa Thereza,extensa cordilheira que do bairro do Cattete se est nde até a serra da Tijuca, distante duas leguas da cidade. Notavel por seu clima fresco e suave, e por sua salubridade que póde rivalisar com o dos lugares mais felizes, atravessado pelo aqueducto da Carioca, abençoado por um convento de religiosas, que fez trocar o nome de Desterro pelo da santa da ordem carmelita, é esse morro um dos m is habitados, cruzando-o diversas ruas, entre outras as de Petropolis, Mauá, Junquilhos, Aprazivel, Aurea, Aqueducto, dos Felizes, do Cassiano e outras muitas.

Considera-se a cidade devidida em dous bairros pela praça da Acclamação,chamando-se cidade velha o que se estende até essa praça e nova o que se prolonga alem della ; o primeiro é mais populoso, de mais movimento commercial, e ostenta os melhores e mais importantes edificios ; o segundo, tem ruas mais rectas e mais largas.

Em tempos remotos terminava a cidade em um fosso sinuoso que recebia as aguas plaviaes, e que posteriormente foi aproveitado pela camara para se construir em seu leito uma valla que servisse não só para o uso primitivo, mas tambem, e especialmente, ao esgoto das sobras da agua do chafariz da Carioca ; por cima dessa valla formou-

se a rua que tem actualmente o nome de Uruguayana, e parte da da Prainha outr'ora do Aljube (1).

Alem do fosso estendia-se o campo da cidade, que se prolongava até os mangues de S. Diogo.

Levantada a igreja de S. Domingos deu seu nome á uma grande parte desse campo, e, abrindo-se ruas, edificando-se predios, ficou reservado para logradouro publico propriamente dito o campo de Nossa Senhora do Rosario demarcado e alinhado pela camara em 22 de dezembro de 1705 com 103 braças de comprido sobre 50 de largo, servindo-lhe de limites as ruas do Ouvidor, Alfandega, Uruguayana e dos Andradas ; mas esse mesmo logradouro quasi desappareceu pelos aforamentos que ahi se fizerão de 1750 em diante, restando hoje o pequeno espaço que já vimos, e que a camara inutilisou, permittindo se levantasse ahi um monstruoso barracão.

Depois da segunda invasão dos Francezes em 1711 veio de Lisboa o engenheiro João Macé que incumbido de fortificar a cidade apresentou o plano da construcção de uma muralha que unindo os morros da Conceição, Santo Antonio e Castello fechasse a povoação pelo interior; não se permittindo pelo lado externo da muralha, isto é no antigo campo da cidade, nenhuma edificação senão á grande distancia, devendo ser demolidas as que existissem junto da muralha.

Approvado esse plano deu-se principio em 1713 a muralha junto ao morro da Conceição no lugar, em que se acha a casa do jury, seguindo-se a direcção que tinha o antigo fosso. Chegada a fortificação ao largo do Rosario, tendo em alguns lugares a altura de uma braça, cessou sua construcção em 1726, e nunca mais se lhe deu andamento, tendo se despendido em semelhante obra mais de 100,000 cruzados.

Propuzera o governador Luiz Vahia Monteiro, em vez da muralha, outro plano de defeza que devia consistir em um canal aberto desde o mar da Prainha até a praia de Nossa Senhora da Ajuda; mas não realizou-se tão importante obra que, alem de facilitar o esgoto das aguas, prestaria grande utilidade ao commercio e tornaria bella e saudavel a cidade, dividida por um canal navegavel em dous bairros distinctos.

---

(1) Veja Tombo das terras municipaes, organisado pelo Dr. Haddock Lobo, tomo 1, pag. 10.

Tendo-se augmentado a cidade e estando o antigo muro todo demolido e soterrado, mandou o rei que se inutilizasse essa obra afim de se permittir maior espaço para as habitações.

Em consequencia da construcção de novos predios ficou a capella de S. Domingos cercada de habitações ; e elevando-se em 1735 a igreja de Santa Anna no fim do restante campo, deu esse edificio nova denominação ao rocio da cidade, o qual ha mais de meio seculo recebeu o nome de praça da Acclamação (1).

Essa praça, a maior da cidade, com 594 metros de comprimento e 308 de largura, tinha do lado do norte um chafariz provisorio alimentado pela agua do Rio Comprido, que era conduzida em um bicame de madeira sobre grandes vigas. Encanadas as aguas do rio Maracanã e preparado um chafariz de cantaria com 22 bicas e tanques de lavagem de roupa, foi inaugurado em 24 de junho de 1818 em presença da familia real; mas estando derruido e sendo de muito máo gosto foi demolido ha seis ou oito annos.

O espaço da praça comprehendido entre as ruas de S. Pedro e do Visconde do Rio Branco, está cercado por uma gradaria de ferro de 1.564,^{m} 2 de extensão, e 2^{m}, 30 de altura, collocado sobre uma base de granito da altura de um metro ; nessa extensa area prepara-se actualmente um elegante jardim do gosto moderno, onde, além de outras obras de arte, haverá um rochedo de 50 a 70 metros de frente, 12 de altura, de aspecto granitico, amparado na parte posterior por um monte coberto de grandes vegetaes imitando as imminencias que se admirão na vastidão do nosso solo, e na parte anterior deixando ver diversas pedras de differente feitio e tamanho, que simulão pedaços da grande rocha impellidos pela chuva, pelo vento, e pela força dos annos ; no interior desse rochedo artificial haverá caminhos em differentes direcções, grutas com estalactites e estalagmites, cujas aguas gotejando em lagos virão espraiar-se por entre as pedras cobertas de vegetação apropriada. Um rio serpenteando entre a vegetação, ora mais largo, ora mais estreito, inclinando-se já para um lado já para o outro, animará com o deslizar tranquillo de suas aguas a frondosa vegetação deste extenso e lindo parque, banha-

(1) Veja vol. I pags. 16 e 405.

rá as margens de uma grande ilha e de diversas ilhotas e será vadeado por quatro pontes, tres fingindo a madeira rustica lançada sobre os rochedos, e a ultima constituida só pelas pedras do penhasco, que se aggregão e se reunem como para facilitar passagem aos viandantes. Casas para empregados, e para depositos de plantas, vasos e ferramentas, um chalet de architectura toscana no estylo de Luiz XV com tecto de ardosia, para as sentinellas do jardim, um mimoso kiosque no largo central para deposito de doces e refrescos, botequins, e outras obras farão deste jardim o ponto mais concorrido e pittoresco do Rio de Janeiro. Incumbio-se de ajardinar esta praça o habil botanico Dr. Glaziou que, tendo começado a obra em 1873, deve terminal-a em 1878.

Alem dos edificios já mencionados (1) que revestem esta grande praça ha o da

Escola Publica da Freguezia de Sant'Anna

Em presença do Imperador benzeu o monsenhor Felix Maria de Freitas Albuquerque a primeira pedra, que carregada n'uma padiola pelo Imperador, ministro do imperio, visconde do Bom-Retiro e chefe de policia, foi depositada no lugar competente, bem como uma caixinha de madeira encerrada em outra de zinco contendo os objectos constantes do seguinte auto :

« Reinado de Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, 53º anno da Independencia e do Imperio Ministerio de 7 de Março de 1871

« Ministros : da fazenda e presidente do conselho, conselheiro de estado e senador do Imperio visconde do Rio-Branco ; do imperio, o deputado geral conselheiro Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira ; da justiça o deputado geral conselheiro Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo ; dos estrangeiros o senador do Imperio conselheiro visconde de Caravellas ; da marinha, o senador do Imperio conselheiro Dr. Joaquim Delfino Ribeiro da Luz; da guerra o senador

(1) Descrevendo no vol 1, pag. 431, o novo palacio municipal, mencionámos nas faces lateraes apenas o corpos central, que é ladeado na face da rua de S. Pedro, por tres janellas em cada pavimento, e no opposto por duas

do Imperio conselheiro Dr. João José de Oliveira Junqueira ; da agricultura, commercio e obras publicas, o deputado geral conselheiro Dr. José Fernandes da Costa Pereira.

« Aos cinco dias do mez de outubro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de 1874, ás 5 1/2 horas da tarde, em presença do povo, foi por S. M. o Imperador o Sr. D Pedro II lançada a pedra fundamental deste edificio, planeado pelo engenheiro Dr. Francisco Pereira Passos, destinado para escola publica de ambos os sexos da freguezia de Sant'Anna desta muito leal e heroica cidade de S Sebastião do Rio de Janeiro, no local do campo da Acclamação, entre as ruas de S. Pedro e Larga de S. Joaquim, officiando na ceremonia religiosa o Revm. monsenhor Felix Maria de Freitas e Albuquerque.

« Forão lançados em uma caixinha de madeira, e esta dentro de uma outra de zinco devidamente soldada, alem dos jornaes do dia, moedas de ouro, prata, nickel, bronze e cobre existentes no Imperio e dos valores abaixo designados nesta época, a saber : uma moeda de ouro do valor de 20$ do anno de 1851; uma moeda de ouro do valor de 10$ de 1874 ; uma moeda de ouro do valor de 5$ do anno de 1855 ; uma moeda de prata do valor de 2$ do anno de 1855 ; uma moeda de prata do valor de 1$ do anno de 1866 ; uma moeda de prata do valor de 500 rs. do anno de 1865 ; uma moeda de prata do valor de 200 rs. do anno de 1862 ; uma moeda de nickel do valor de 200 rs. do anno de 1871 ; uma moeda de nickel do valor de 100 rs. do anno de 1871 ; uma moeda de bronze do valor de 40 rs. do anno de 1873 ; uma moeda de cobre do valor de 20 rs. do anno de 1869 ; uma moeda de cobre do valor de 10 rs. do anno de 1868.

«Este vae authenticado pelo ministro e secretario de estado dos negocios do imperio, e assignado por S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II e por algumas pessoas presentes. Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1874. »

Este edificio inaugurado em 14 de março de 1877 é de uma architectura extravagante, e de muito máo gosto; produzem pessimo effeito os arcos abatidos que encerrão as janellas do corpo central, dando a construcção um caracter vetusto e mesquinho; os pavilhões lateraes parecem corpos destacados, pois não têm no telhado o attico que reveste o corpo central ; o emblema collocado no centro simula um

cartar como se o edificio estivesse por alugar, e o todo consta de quatro paredes de tijolo com portadas de pedra artificial, e isso em uma cidade onde se esbarra em cada extremidade com rochas de granito.

Do lado do norte da praça abrem-se as ruas de S. Lourenço que córta as do Principe e Princeza e finalisa na ladeira do Faria no morro do Livramento, tendo ao lado esquerdo a rua Detrás dos Quarteis, e a de Santa Anna que acaba na da Princeza, córta a do Principe, e tem á direita a de Detrás dos Quarteis; (1) do lado do sul começão a travessa do Senado e a rua dos Invalidos que termina na do Riachuelo, corta as do Senado e do Rezende e apresenta ao lado direito a da Relação, aberta em 18 de fevereiro de 1845 em terreno offerecido pelo Dr. João Gomes Guerra de Aguiar. Chamada a principio rua Nova de S. Lourenço recebeu a denominação de Invalidos em consequencia do asylo de invalidos estabelecido pelo vice-rei, conde de Rezende, em 1794, na chacara que faz esquina com a rua do Senado.

Estão nesta rua os seguintes edificios:

Igreja de Santo Antonio

Alcançando em 1811 provisão do tribunal da mesa da consciencia e ordens começou Antonio José de Souza e Oliveira a construir uma capella a Santo Antonio dos Pobres.

Era Souza e Oliveira armador de igrejas, homem activo, perseverante e religioso; pelo seu trabalho reunio algum dinheiro que empregou na compra do terreno onde deu principio a edificação desta capella, ajudando-o nessa empreza as esmolas dos fieis; levantado o frontespicio desabou em noite tempestuosa, mas o fundador, alentado pela fé, reergueu o que havia sido destruido e concluio o edificio. Esse homem que por usar de armações velhas de velludo, damasco e seda, com as quaes enfeitava os templos das villas e freguezias do reconcavo, recebera o appellido de Panella, foi sepultado no cemiterio

(1) O decreto de 13 de março de 1875 concedeu á uma empreza o privilegio da abertura de um tunnel no morro do Livramento communicando a rua deste nome com a de Santa Anna; mas ainda se não deu principio a esta obra nem a do tunnel no morro de S. Bento communicando a rua da Candelaria com a praça Vinte Oito de Setembro.

que havia por trás da capella que edificou; sobre seu tumulo plantarão uma cruz, mas os annos derruirão a cruz, e os ossos do fervoroso devoto confundirão-se com os de outros individuos enterrados alli...

Assim acontece quasi sempre entre nós ; o deleixo, a indifferença é a esponja negra que apaga as recordações, as tradicções patrias, tornando difficil o caminhar do romeiro, que, como nós, anda em busca de noticias e curiosidades nacionaes.

Estiverão nesta igreja os Capuchinhos italianos (1), que recolhendo-se a outro asylo, ficou o edificio abandonado; quiz então apoderar-se delle a irmandade do Bom Jesus do Calix, existente na igreja da Lampadoza, porem José de Nicodemos e outros devotos de Santo Antonio, reunirão-se e restaurarão a irmandade de Santo Antonio dos Pobres e Senhora dos Prazeres que tomou posse da igreja.

Creada em 16 de setembro de 1854 uma nova freguezia no municipio da côrte, deu-lhe o decreto de 13 de dezembro o nome de Santo Antonio e marcou-lhe os limites

Indicada para matriz a igreja que descrevemos, conseguio o provedor da irmandade alli existente, Francisco José de Barros, que o templo fosse concedido provisoriamente para parochia, e que se não estabelecesse outra qualquer irmandade. Dedicado ao culto religioso Francisco José de Barros emprehendeu reconstruir a igreja, e implorando a caridade publica deu principio as obras, formou um pequeno patrimonio para a irmandade, doou um resplandor de prata ao orago, que tem gravado na peanha a palavra *Desprezado* em recordação ao abandono em que deixarão-no os missionarios capuchinhos (2). Deu-se então nova forma ao frontespicio e ao pinaculo da torre, ornou-se o interior com obra de talha preparada por Antonio Jacy Monteiro, e em 1872 abrirão-se aos fieis as portas deste sanctuario.

Acha-se esta igreja na esquina da rua do Senado, tem tres portas de archivolta no pavimento terreo, tres janellas no superior, ornando a do centro balaustres de marmore, o frontão é recto e abre-se no

(1) Veja vol. 1° pag 130.

(2) O artista Francisco José de Barros conservou durante trinta annos em sua casa, na rua da Constituição um presepe que expunha ao publico gratuitamente. Perceu esse bom christão em 30 de outubro de 1868.

tympano um oculo. A torre ao lado direito tem um mesanino no primeiro pavimento, uma janella no segundo e o coruchéo em forma de agulha; revestem o interior cinco altares, porem quer exterior quer interiormente ha pobreza de enfeites, esquecimento de gosto, e irregularidade de architectura. O decreto de 24 de maio de 1855 apresentou o conego Quintiliano José do Amaral na vigararia desta parochia, da qual tomou posse em 1 de julho do mesmo anno.

Templo Allemão

Lançada a primeira pedra em 30 de junho de 1844 abrio-se esse templo em 27 de julho de 1845, importando a construcção em 30:000$000, dos quaes 10.000$000 forão offertados pelo rei da Prussia. Tem na frente um jardim fechado com gradil de ferro, é pequeno e simples, vendo-se no prospecto uma unica porta e superiormente um frontão recto.

Escola Normal

Na rua da Relação na esquina da dos Invalidos está em construcção um edificio para escóla normal, creada por decreto de 30 de novembro de 1876, devendo haver duas escólas uma para professores e outra para professoras de instrucção primaria, sendo a primeira externato e a segunda internato ; o ensino será gratuito.

Realizou-se em 2 de dezembro de 1876 em presença da princeza regente, do principe seu esposo, dos ministros do imperio, justiça e da agricultura, e de numeroso auditorio, a collocação da pedra fundamental ; o bispo diocesano officiou na ceremonia, e benzeu a pedra que conduzida pelo principe e os ministros presentes ao lugar destinado foi encerrada com o seguinte auto :

« Aos dous dias do mez de dezembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1876, 55º da Independencia e do Imperio e 35º do reinado de S. M. o Imperador, o Sr. D. Pedro II, ora ausente do Imperio, e em seu lugar regente sua filha a serenissima senhora princeza imperial D. Isabel, condessa d'Eu, sendo ministro e secretario de estado dos negocios do Imperio o conselheiro Dr. José Bento da Cunha Figueiredo.

« Depois de benta, segundo o ritual romano pelo Revm. Sr. bispo desta diocese, Dr. D. Pedro Maria de Lacerda, capellão-mór de S. M. o Imperador, foi lançada por Sua Alteza a pedra fundamental deste edificio, planeado pelo architecto professor Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, para a escóla normal desta muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

« Authenticado pelo ministro e secretario de estado dos negocios do imperio, vae este auto assignado por Sua Alteza Imperial e algumas das pessoas presentes ao acto, sendo depois fechado em uma caixa de cedro acompanhado dos jornaes do dia, de um exemplar da Constituição brazileira e de algumas das nossas moedas de ouro, prata, nickel e cobre, e depois encerrada em uma caixa de chumbo, sendo tudo então lançado na referida pedra fundamental. »

A travessa do Senado vae ter á rua do mesmo nome, e que prolonga-se, como vimos, até a rua do Riachuelo, tendo-se cortado para esse fim o morro do Senado, outrora de Pedro Dias.

Transpondo a praça da Acclamação vêem-se as seguintes ruas: da America, antiga do Sacco do Alferes, que começa na do Principe e finda na praia do Sacco do Alferes, tendo de um lado a da Providencia e do outro as do Visconde de Sapucahy, e do Pinto; foi ultimamente rebaixada quebrando-se a pedra do morro que atravessa para ir terminar na praia; a rua do General Pedra que abre-se na praça da Acclamação e finda na rua do Ferreira; crusa as do General Caldwell, do Visconde de Sapucahy, do Porto, D. Feliciana e de João Caetano, tem de um lado a da America e do outro as das Flores e Santa Rosa; outr'ora chamada de S. Diogo até o lugar em que está a primeira cancella da estrada de ferro, e dahi para diante de El-rei, em 1841 estendeu-se a primeira denominação á toda ella, e hoje commemora o nome de um dos nossos militares que muito se distinguio na guerra do Paraguay; a rua de João Caetano em memoria do celebrisado actor João Caetano dos Santos, chamada em tempos passados Velha de S. Diogo, que principia na do Visconde de Sapucahy e finda na do Senador Euzebio; a rua de D. Josephina que começa pouco distante de uma das cancellas da estrada de ferro e termina na travessa de S. Diogo; a rua do Senador Euzebio que abre-se na praça da Acclamação e acaba na rua de S. Christovão, córta as do General Caldwell, das Flores, Santa Rosa, Visconde de Sapucahy,

Porto, D. Feliciana, João Caetano e do Ferreira, tem do lado direito a travessa da Saudade e a praia Formosa, e do esquerdo a praça Onze de Junho e a rua de Miguel de Frias: outr'ora tinha o nome de S. Pedro da Cidade Nova até a praça Onze de Junho, e dahi para diante o de Aterrado; a rua do Visconde de Itaúna que começa na praça da Acclamação e finda na rua do Miguel de Frias, córta as mesmas ruas que a antecedente, e tem do lado esquerdo a do Machado Coelho: teve outr'ora os nomes de Sabão da Cidade Nova, S. Salvador e recebeu a denominação actual em 27 de setembro de 1872 em memoria do visconde de Itaúna que ahi falleceu em 26 de agosto desse anno, occupando o cargo de ministro da agricultura e obras publicas, tendo assignado poucas horas antes de expirar a concessão para o telegrapho submarino. Em 6 de agosto de 1876 realizou-se o assentamento da pedra fundamental do edificio destinado para asylo de mendigos que pelo ministerio da justiça se mandou construir nesta rua em frente do canal do Mangue.

Eis o termo do lançamento da pedra:

« Aos seis dias do mez de Agosto de 1876 55° da Independencia e do Imperio do Brazil, achando-se presentes ás 5 1/2 horas da tarde, á rua do Visconde de Itaúna d'esta muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Sua Alteza a Senhora Princeza Imperial D. Isabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriella Raphaela Gouzaga, condessa d'Eu e Regente em nome de Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, Sua Alteza o Senhor Principe D. Luiz Felippe Maria Fernando Gaston d'Orleans, conde d'Eu, o ministro e secretario de estado dos negocios da justiça conselheiro Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, o Revm. monsenhor Felix Maria de Freitas Albuquerque, vigario geral e governador do bispado, o chefe de policia da côrte Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, o director da casa de correcção da côrte Dr. Luiz Vianna de Almeida Valle e muitas outras pessoas de distincção abaixo assignadas, com o auxilio da Divina Providencia, Sua Alteza Imperial Regente lançou a primeira pedra fundamental do edificio destinado ao asylo de mendigos, sendo a mesma pedra primitivamente benta segundo o ritual romano pelo Revm. vigario capitular governador do bispado.

« Este termo lavrado em triplicata, com um exemplar da constituição politica do Imperio, os jornaes do dia, e as moedas metallicas

com o cunho do Imperio, forão mettidos em uma caixa de madeira encerrada em outra de chumbo e devidamente soldada para ser collocada sob a pedra fundamental. E eu, Belarmino de Arruda Camara, official chefe de secção da secretaria da policia da côrte, no impedimento do respectivo secretario, o escrevi. » Seguem-se as assignaturas;

A rua do Alcantara que principia na das Flores e finda no mangue, cortando as ruas que atravessão o canal; a rua de S. Leopoldo que começa tambem na das Flores e continua pelo mangue, tendo do lado direito a de Santa Rosa; a rua do Areal que abre-se na praça da Acclamação e acaba na do Conde d'Eu, atravessando a do General Caldwell; a rua do Senhor de Mattosinhos que nasce na do Visconde de Sapucahy e acaba na de D. Feilciana, tendo recebido essa denominação por portaria de 30 de junho de 1872; a rua do Conde d'Eu, antiga Nova do Conde, que principia na praça da Acclamação e desemboca na de Estacio de Sá: atravessa a do General Caldwell, tem do lado direito as das Flores, do Areal, do Visconde de Sapucahy e de D. Feliciana, e do opposto as do Riachuelo, Paula Mattos e Catumby; apresenta dous chafarizes, um pouco distante da rua do Riachuelo, acostado ao morro de Paula Mattos, tendo a forma de uma casa com uma janella em cada pavimento, correndo sobre o primeiro uma varanda com gradil de ferro; o segundo appellidado do Lagarto traz a seguinte inscripção:

SITIENTI POPULO
SENATUS PROFUDIT AQUAS.
ANNO MDCCLXXXVI.

Os nossos antepassados davão a essa rua, aberta em 20 de agosto de 1794, o nome de Caminho Novo, havendo então uma lagôa chamada da Sentinella que se estendia ao lado esquerdo da azinhaga de Matacavallos (rua do Riachuelo) até ao principio das ruas das Flores e do General Caldwell; em 20 de fevereiro de 1866 recebeu o nome actual.

São parallelas á praça da Acclamação as seguintes ruas: a do General Caldwell, antiga Formosa, que principia junto á pedreira de Santa Anna e desemboca na rua do Senado, tendo do lado esquerdo a dos Cajueiros; a rua das Flores que começa na do General Pedra e

desemboca na do Conde d'Eu, tendo do lado direito a praça Onze de Junho e as ruas do Alcantara e S. Leopoldo. Acha-se nessa rua em frente de uma pequena praça a

Igreja de Santa Anna

Sendo muito extensa e populosa a freguezia de Santa Rita, e tornando-se difficil ao parocho sua missão e aos moradores os soccorros espirituaes, requererão em 1814 a creação de nova parochia na capella de Santa Anna que (1) estando arruinada pelos annos foi reedificada em 1785 por Vicente José de Velasco Molina, coronel do regimento novo.

Consultada a mesa da consciencia e ordens sobre a creação da parochia, expedio o rei o alvará de 13 de dezembro de 1814, creando a nova freguezia de Santa Anna e nomeando para primeiro parocho o padre Antonio Ferreira Ribeiro; mas em consequencia de ter sido separado da freguezia de Santa Rita, para pertencer á nova parochia, o cemiterio dos negros da Costa d'Africa, que havia no Valongo na rua chamada do Cemiterio, e hoje da Harmonia, impugnou o vigario de Santa Rita a divisão que privava-o do melhor dos redditos do seu beneficio; e semelhante contenda demorou a desunião do territorio e o exercicio da nova freguezia, cujos limites só ficárão designados em 6 de agosto de 1816.

Sendo pequena a igreja matriz resolveu-se construir um templo espaçoso e elegante que podesse acolher os parochianos; pelo que em 28 de abril de 1819 mandou a assembléa legislativa applicar para a edificação da igreja as obras da casa destinada para cadeia, com todos os materiaes alli existentes e o terreno necessario; alguns annos depois deu-se principio á obra, concederão-se loterias, mas seguirão tão má direcção as cousas que se consumio o dinheiro e pouco se fez.

Necessitando-se para logradouro publico do terreno em que se achava a capella de Santa Anna determinou a companhia da estrada de ferro D. Pedro II demoli-a, pagando 40:000$000 á irmandade; de feito trasladadas as imagens para a igreja de S. Gonçalo Garcia de-

(1) Veja Cap. 17, pag. 367.

molio-se em 1857 aquelle edificio de aspecto mesquinho e acanhado, como o de outros erguidos nesses remotos tempos, em que parece que los homens se receiavão da luz e do ar (1).

No terreno em que se construia a matriz preparou-se uma capella provisoria para receber as imagens, concorrendo o governo com a quantia de 5:000$000 para a obra (2).

Convidado o architecto Etienne Bernachut para dar o desenho da nova matriz, da qual só tinhão-se construido os alicerces, recomeçarão as obras, elevou-se a cumieira em 25 de março de 1874, fez-se o telhado e actualmente trabalha-se na frontaria que apresenta tres portas no pavimento terreo, uma janella no côro ladeada por dous nichos, amparando o templo duas torres (3).

Entre os bemfeitores desta parochia contão-se D. Maria Ignacia de Almeida que deu seis acções do Banco do Brazil para as obras da igreja, Jeronymo José Feixeira que legou tres apolices, sendo uma para a irmandade do Sacramento e duas para se distribuirem com os juros seis esmolas a seis viuvas pobres na quinta-feira santa, e José de Oliveira Fernandes que deixou vinte casinhas para servirem de residencia a pessoas indigentes. Esse pio legado abriga do frio, da chuva,

---

(1) Em procissão solemne celebrada em 17 de maio de 1846 veio para esta igreja a imagem de Santa Presciliana, trabalhada em cera e offertada por Pio IX ao vigario, monsenhor Manoel Joaquim Miranda Rego. Nessa occasião appareceu a seguinte poesia que transcrevemos como curiosidade historica :

Em um trapiche alfandegado
Sem ordem, nem manifesto,
Desembarcou sem protesto
Um contrabando sagrado ;
Dizem ser Presciliana,
Santa nova, nunca vista
De que é contrabandista
O vigario de Santa Anna.

(2) Em 16 de setembro de 1863 penetrarão os ladrões nesta capella e roubarão diversos objectos de prata e alfaias dos altares.

(3) Em 29 de novembro de 1876 partio-se o guindaste de içar as pedras das obras desta igreja, do que resultou a morte dos trabalhadores Pedro Angelo, italiano, e Bernardo de Almeida, portuguez.

dos insultos do tempo mais de setenta pessoas que sem duvida todos os dias repetem em suas orações o nome de seu caridoso bemfeitor;

A rua do Visconde de Sapucahy, antiga do Bom-Jardim, conhecida com o nome actual desde 18 de março de 1871, que principia na da America e finda na do Conde d'Eu, tendo do lado esquerdo a de João Caetano e a travessa do Bom-Jardim; a rua do Porto que nasce na de João Caetano e termina na de S. Leopoldo; a rua de D. Feliciana que abre-se na travessa do Bom-Jardim e finda na rua do Conde d'Eu; a rua do Ferreira, antiga travessa de S. João, que vae da rua do General Pedra ao mangue, e a travessa da Saudade da rua do General Pedra a do Senador Euzebio;

A praça Onze de Junho, chamada a principio de S. Salvador, depois Rocio Pequeno, que recebeu em 4 de julho de 1865 a actual denominação em memoria do combate do Riachuelo dado em 11 de junho daquelle anno, ladeada pelas ruas das Flores, Santa Rosa, Senador Euzebio e Visconde de Itaúna, é arborisada, tem no centro um elegante chafariz, construido em 1846, e do lado occidental a

Escola de S. Sebastião

Erguido pela municipalidade lançou-se a primeira pedra deste edificio em 4 de abril de 1870.

Consta a frontaria de um corpo central com uma porta e seis janellas no primeiro pavimento, e sete no segundo; corôa as tres janellas centraes um frontão de forma caprichosa, sustentando as antigas armas da cidade, e no tympano ha um relogio. Os dous torreões lateraes têm uma porta e duas janellas no pavimento terreo e tres no superior, sendo ahi o frontão recto e lendo-se no tympano em um torreão: 19 *de março de* 1870 em outro: 4 *de abril de* 1870.

No espaço que se estende alem do canal conviria que a camara projectasse outras praças para tornar mais elegante, mais saudavel e hygienica esta parte da cidade.

Na Cidade Nova levantão-se: o morro de Paula Mattos continuação do de Santa Thereza, cortado pelas ruas de Paula Mattos, Paraiso, S. Sebastião, D. Antonia, Fluminense e outras; une-se ao morro das Neves, que é mais alto e atravessado pelas ruas das Neves, de

D. Joaquina, D. Maria, praça do Alfredo e outras; vê-se nesta praça a

Capella das Senhora das Neves

Começou a construcção deste sanctuario em 26 de novembro de 1854; a imagem do orago chegou da Europa no vapor belga *Gustave Pastor* em 24 de dezembro de 1862, e offertada pela commendador Francisco Ferreira das Neves foi conduzida em procissão, que sahio da igreja do Carmo em 19 de abril de 1863. Tinha a capella um unico altar, porem em 23 de junho de 1867 inaugurarão-se mais dous, consagrados a S. João Baptista e a S. Francisco de Paula.

Do lado da rua do Catumby toma o morro das Neves aquelle nome e é cortado por differentes ruas;

O morro de Santos Rodrigues que estende-se desde Catumby até ao Rio Comprido, apresentando as ladeiras de S. Carlos, S. Nicolão, S. Frederico, S. Diniz e outras.

Dissemos que a rua do Conde d'Eu findava na de Estacio de Sá, que se prolonga até a igreja parochial do Espirito-Santo.

Esta rua na qual começão as de S Carlos e Santos Rodrigues, conhecida em tempos passados por Mata-Porcos, por haver neste sitio, coberto de arvoredos silvestres, como diz monsenhor Pizarro, alem de caças grossas, abundantes varas de porcos que depois de mortos erão conduzidos á cidade, provindo dahi o nome corruptamente expressado de mataporcos, devendo dizer-se mata de porcos, tem desde 14 de novembro de 1865 a denominação actual em homenagem ao capitão Estacio de Sá, cujo sangue glorificou os alicerces da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro; nella levanta-se a

Igreja do Espirito Santo

Doando Henrique Corrêa da Costa e sua mulher D Antonia Maria de Jesus um terreno para construcção de uma capella e consignando por escriptura de 27 de dezembro de 1745 como patrimonio a quantia de 10$000 no rendimento da chacara onde se teria de levantar o edificio, alcançarão os moradores do Rio Comprido e Bica

dos Marinheiros (1) a provisão de 20 de janeiro de 1746 para edificarem o pequeno sanctuario ; de feito em pouco tempo erguerão-no e vierão orar nesse mesquinho edificio, que apresenta o portico, duas janellinhas no côro e um frontão recto, e unido a este corpo outro inteiramente igual que sustenta o campanario. Guarda o interior tres altares consagrados á Senhora da Lapa, Senhor do Mattosinhos e ao Espirito-Santo, cuja irmandade tem compromisso approvado por provisão de 19 de junho de 1860 e carta imperial de 7 de julho do mesmo anno.

Creada por decreto de 8 de julho de 1865 a freguezia do Espirito-Santo com territorio desmembrado das freguezias de S. Christovão, Santo Antonio e Engenho Velho foi inaugurada em 1° de janeiro de 1866 com Te-Deum e discurso analogo ao acto pelo vigario Venancio Lins Tello Barreto.

Nada de bello e artistico se póde notar nesta igreja parochial ; é pequenina e feia como uma capella de aldêa, e é de lastimar que na capital do Imperio sirvão de parochias edificios mesquinhos, informes, que não só patenteão máo gosto do povo, atrazo nas bellas-artes, senão desrespeito e desprezo pelas cousas do culto.

Manifesta o edificio grandioso adiantamento e civilisação e produz uma influencia benefica, uma impressão conveniente naquelles que o encarão, porque não ha quem não admire as maravilhas da arte. Os arcos, as naves, as columnas, as pilastras recamados de florões, as figuras, os anjos, os festões, os relevos e laçarias dos templos impressionão, trazem uncção á alma, e o peccador insensivelmente prosterna-se pedindo ao céo o raio luminoso da fé.

Termina a rua de Estacio de Sá na do Haddock Lobo, outrora do Engenho Velho, porem desde 1870 conhecida com o nome actual em lembrança do vereador Roberto Jorge Haddock Lobo ; ha ahi o quartel de cavallaria do corpo policial e um chafariz com a seguinte inscripção : 18 *de Julho* 1841

Desemboca nessa rua a de S. Francisco Xavier, onde estão o Internato do Collegio de Pedro II, o edificio da escola publica, e a

(1) Chamava-se Bica dos Marinheiros uma fonte que havia no lugar em que hoje corre a ponte do Aterrado, na qual vinhão fazer aguada os marinheiros no principio do seculo XVIII.

Igreja de S. Francisco Xavier

Expulsos os jesuitas creou a provisão de 11 de abril de 1761 um curato na igreja de S. Francisco Xavier, erguida na fazenda do Engenho Velho que pertencera áquelles padres. Em 4 de maio de 1762 o curato foi elevado a vigararia encommendada, que tornou-se perpetua em 22 de dezembro de 1795.

Servio nesta igreja como capellão curado o padre Sebastião de Brito Meirelles; foi primeiro vigario encommendado o padre Antonio Amaro de Souza Coutinho e primeiro collado o padre André de Mello Botelho, que tomou posse em 3 de dezembro de 1798.

Este vigario reedificou o templo, dando a capella-mór 44 palmos de fundo, 20 de largura e 30 de altura, e ao corpo do edificio 81 1/2 palmos de extensão, 32 de largo e 60 de altura até a cimalha. Perecendo sepultou-se o vigario Botelho no recinto sagrado que reerguera com as esmolas dos fieis, applicando todo cuidado e solicitude nessa obra; recolherão-se seus ossos em uma urna que ainda vimos na sacristia, assim como seu retrato com esta inscripção:

ANDRÉ DE MELLO BOTELHO, PRESBITERO FLUMINENSE,
NONO VIGARIO ENCOMMENDADO
E PRIMEIRO COLLADO DA FREGUEZIA DE S. FRANCISCO XAVIER,
QUE COM SEU DINHEIRO,
TRABALHO PESSOAL E ESMOLAS DOS FIEIS
EDIFICOU ESTA MATRIZ
PRINCIPIANDO EM 10 DE JANEIRO DE 1805,
E CONCLUINDO-A EM 1815.
SEU SUCCESSOR AGRADECIDO MANDOU FAZER ESTA EFFIGIE
POR....A

Na estrada do Engenho Velho mandara este vigario collocar uma cruz com uma caixinha, na qual deitava o povo as esmolas para a reconstrucção da matriz, e todos os annos no mez de maio, ornava de flores essa cruz e junto della deixava suas offerendas, mas em 1876 deitarão abaixo esse symbolo, esse marco sagrado, que o povo venerava ha mais de meio seculo, e que de tantos devotos fortalecera a fé.

O peso dos annos foi abatendo o edificio do vigario Botelho; afastarão-se do prumo as paredes, as portas e janellas, o telhado inclinou-se sobre o forro, as torres vacillarão em seus alicerces, e pe-

netrando a chuva pelas fendas das paredes e portas deu a toda a igreja uma côr escura e triste, como se sobre ella tivesse cahido o véo da destruição. O templo ficou quasi desprezado porque poucos ousavão transpor o portico, receiosos de ficarem esmagados sob as ruinas.

Regressando nessa época da guerra do Paraguay, o marquez de Caxias, hoje duque, carregado de annos e tambem de louros, abrirão seus amigos uma subscripção para festejal-o, mas o valente guerreiro pedio que applicassem o dinheiro na reconstrucção da igreja parochial do Engenho Velho, e em esmolas ás pessoas necessitadas. Cumprio-se a vontade ditada pela religião e caridade do distincto cidadão; destribuirão-se 2:000$000 em esmolas, e com os 8:000$000 restantes encetou-se a reedificação da antiga parochia.

Entregue a direcção da obra ao intelligente artista Antonio de Padua e Castro, deu este maior capacidade a capella-mór, desenhou novo prospecto para o edificio, substituio o portico de madeira por outro de granito mais elegante, collocou cantaria em todas as janellas e portas, reparou os defeitos do corredor, que ladêa á igreja, o qual havia sido reconstruido por pessoa ignorante; fez nova e ampla sacristia com dous altares, ornou o exterior do monumento com estatuas; no interior levantou debaixo do côro dous arcos em um dos quaes collocou uma pia de marmore encarnado; revestio o corpo da igreja de pilastras de ordem composita com lindos capiteis sustentando a cimalha; enfeitou os quatro altares de modo simples, porém primoroso; rasgou dous pulpitos cobertos com sanefas, e ligeiros ornatos; enfeitou artisticamente o arco cruzeiro; abrio um zimborio na capella-mór, que não é estreita e acanhada como a de quasi todos os nossos templos; cobrio de marmore o presbiterio; collocou no altar mór o nicho de S. Francisco Xavier, deixando o throno coberto por um docel de sanefas rendadas para receber a imagem de Christo. Em um dos corredores lateraes preparou a capella do Sacramento, dando ao altar a fórma de baldaquino, construio novo consistorio, de sorte que do velho edificio pouco resta, e isso mesmo muito alterado e melhorado pelo habil architecto e prestimoso artista nacional. Precedido de um extenso pateo fechado com gradil de ferro tem este edificio o portico de granito entre pilastras da mesma pedra, superiormente uma só janella larga e alta, que vasa muita luz no

recinto do templo, ladeada por dous nichos com as estatuas da Esperança e da Caridade e sobre o frontão recto a da Religião. As torres têm os corucheus revestidos de azulejos sustentando a cruz entre raios dourados Se não é um monumento esta igreja matriz, todavia a fórma artistica que deu-lhe Antonio de Padua, os ornatos com que vestio o exterior e o interior tornarão-na elegante e digno sanctuario da religião do Crucificado ;

A rua de S Francisco Xavier que abre caminho para os suburbios de S. Francisco Xavier, Engenho-Novo, Todos-os-Santos e Cascadura, cortados pela estrada de ferro D. Pedro II. Deste lado da cidade estende-se a

Freguezia do Engenho Novo

Creada por decreto de 2 de agosto de 1873 e instituida pela provisão de 10 de janeiro de 1874 denomina-se de Nossa Senhora da Conceição do Engenho Novo ; o decreto de 10 de dezembro do anno 1873 marcou-lhe o territorio que foi desmembrado das freguezias de S. Christovão, Inhaúma e Engenho Velho

Instituio-se a igreja matriz na antiga capella construida pelos jesuitas, e doada por Antonio Pereira de Souza Barros á irmandade da Senhora da Conceição, que mandou reedificar esse antigo sanctuario, benzendo-o o conego Chagas Xavier em 2 de maio de 1869.

Sustenta esta irmandade no recinto da igreja uma escola nocturna de instrucção primaria gratuita para adultos.

Alliar a religião com a instrucção, educar o coração e a razão, instruir e moralisar, dar pão ao espirito e luz ao entendimento é o encargo mais util e humanitario, a missão a mais santa e mais nobre.

São filiaes a esta freguezia a capella de Nossa Senhora da Luz em S. Francisco Xavier, edificada em terreno doado por D. Maria Joaquina de Oliveira e inaugurada em 1 de agosto de 1869 e a da

Senhora das Dores

Deliberando em 1872 diversos moradores do lugar denominado Todos-os-Santos edificar uma capella, offereceu o terreno D. Zeferina da Conceição Gomes, lavrando-se a escriptura da doação em 18

de junho de 1872 ; e em 29 do mesmo mez e anno lançou-se a pedra fundamental.

Organisando alguns prestimosos cidadãos uma commissão para dar principio a obra, foi eleito presidente Firmo José Soares da Nobrega, thesoureiro Dr. João Nery Ferreira e secretario Joaquim José da Silveira Azevedo. Agenciou essa commissão esmolas dos fieis, contratou a construcção, e havendo despendido mais de 20 000$000 conseguio inaugurar, em 6 de maio de 1877, a capella, vindo em procissão da igreja matriz a imagem do orago, offertada por D. Maria Manoela de Lima Sierra Pereira.

A capella está collocada no cimo de um outeiro fronteiro á estação da estrada de ferro D. Pedro II e a 200 metros de distancia della ; sendo dignos de louvores os fervorosos christãos que em dias de tanto desleixo e indifferença pela religião empenharão toda a constancia, dedicação e sacrificios para levantarem esse pio e sagrado asilo ;

A rua do Haddock Lobo que communica-se com a do Rio Comprido, que conduz ao arrabalde desse nome e fica na rua do Canal do Bomfim, antiga do Andarahy, se dirige a este arrabalde e ao da Tijuca, tão pittorescos e agradaveis pelo seu clima ameno, vegetação esplendida, rios, cascatas, jardins e casas de campo de lindos prospectos.

Em Andarahy ha a

Capella de S. José e da Senhora das Dôres

Lançada a pedra fundamental em 25 de fevereiro de 1872, inaugurados os officios divinos na sacristia em 10 de maio de 1873, e collocada a cumieira do corpo do edificio em 21 de novembro de 1875 acha-se este concluido exteriormente á excepção das torres e do adro. A irmandade que começou como simples devoção em 1869 sustenta desde 1875 em seu consistorio uma escola gratuita para meninos.

Nesse arrabalde descobrio Pedro I uma fonte de agua ferrea, na qual lê-se esta inscripção :

FONTE
DE AGUA FERREA
DESCOBERTA PELO IMPERADOR PEDRO I
EM 24 DE DEZEMBRO DE 1823

Ao lado direito da rua de Estacio de Sá principia a de S. Christovão, que se prolonga até ao bairro deste nome, mui povoado, com um labyrintho de ruas e travessas, constituindo como uma nova cidade.

Erguem-se neste arrabalde o palacio da imperial quinta da Boa-Vista, de lindo prospecto com dous pavilhões na frontaria, e um corpo central menos saliente; o palacio do duque de Saxe na rua do mesmo nome, outr'ora da Joanna e de D. Januaria; o hospital dos Lazaros; o edificio da escóla publica fundada pela associação commercial; o quartel do 1º regimento de cavallaria de linha e do 2º regimento de artilheria a cavallo, comprado em 1873 pela quantia de mil contos de réis; um grande edificio entre as ruas da Praia e do Imperador occupado por varias repartições da guerra; um theatro particular com duas ordens de camarotes e 16 cadeiras, e as igrejas de S. Christovão, Senhor do Bomfim, Senhora da Conceição e de S. João Baptista.

Igreja de S. Christovão

Consta que já subsistia esta igreja antes de 1627, por ter-se celebrado ahi um baptismo nesse anno, como referio o assentamento escripto no livro segundo da freguezia de S. Sebastião.

Edificada proximo á praia, tendo na frente um atrio lastrado de tijolo com assentos e dous pilões lateraes, apresenta este templo, conhecido vulgarmente pelo nome de igrejinha, o portico, tres janellas no côro, um frontão recto, encimado o tympano as armas do imperio. Encerra tres altares com talha dourada, venerando-se em um delles a Senhora do Soccorro, cujo culto começou em 1780 na igreja parochial de Santa Anna; e em 1817 constituio-se uma irmandade e a imagem da Virgem foi transferida para a igreja de S. Joaquim onde conservou-se até 25 de novembro de 1837, sendo então trasladada para S. Christovão. Celebrou-se no dia seguinte a primeira festa com a assistencia do Imperador e de suas irmãs, aceitando D. Pedro II o cargo de protector perpetuo da irmandade, que pela provisão de 18 de março de 1851 recebeu o titulo de episcopal, e entre outras graças a de conservar o Sacramento em sacrario desde o começo da qua-

resma até o domingo de Pentecostes em beneficio dos respectivos irmãos.

Creada a freguezia de S. Christovão, por decreto de 9 de agosto de 1856, tendo por territorio o segundo districto da freguezia do Engenho Velho, determinou o governo, em aviso de 21 de outubro de 1857, que o bispo désse as necessarias providencias para que a capella da Conceição, na rua de S. Januario, servisse de matriz; de feito começou a funccionar em 20 de dezembro desse anno, tomando posse da parochia como vigario encommendado o padre Gustavo Gomes dos Santos, que servio até 11 de julho de 1858, entrando então em exercicio, como vigario collado, o padre Luiz Antonio Escobar de Araujo apresentado por decreto de 7 de junho de 1858, e carta imperial de 12 do mesmo mez, e collado pela provisão de 18 do referido mez e anno.

Estando derruida pelos annos a capella da Conceição determinou o aviso de 30 de agosto de 1865 que se transferisse a pia baptismal para a igreja de S. Christovão que é propriedade do Estado; em 15 de outubro trasladou-se o Sacramento em solemne procissão, e o aviso de 17 do mesmo mez entregou a administração da igreja á irmandade da Senhora do Soccorro.

Capella da Conceição

Esta capella foi edificada em 1855 á custa dos fieis, que concorrerão com esmolas e offertas de materiaes; lançou a primeira pedra o padre Mayrinck, celebrando missa sob um toldo preparado junto dos alicerces; e offertou a imagem do orago D. Maria, esposa do negociante Mello e Souza. Elevada a matriz foi reparada por esforços do parocho Escobar e da devoção da Senhora da Conceição, cujo provedor era José Pinto Duarte da Costa Pereira; fez-se novo soalho, e elevarão-se os dous altares lateraes; porem em 1864 desabando grande parte da cimalha deixou de servir de parochia.

Capella do Bomfim

Fundou este sanctuario o devoto Luiz Baptista Corrêa que instituindo na igreja de Santo Ignacio de Loyola no morro do Castello

a irmandade do Senhor do Bomfim determinou levantar uma ermida onde se recolhesse a imagem de sua devoção; e esmolando de porta em pórta conseguio algum dinheiro com o qual fez acquisição de um terreno de marinhas em S. Christovão ; obteve do diocesano a necessaria licença em 16 de fevereiro de 1859, e nesse anno, no dia da Ascenção ás 4 horas da tarde, lançou-se a primeira pedra do edificio em presença de um numeroso concurso de fieis e da mesa administrativa da irmandade; e o vigario Luiz Antonio Escolar de Araujo benzeu o terreno e a pedra fundamental; feita a benção e lavrado o auto, assignado pelo parocho, commissionado pelo bispo, pelo provedor José Antonio de Souza Ferreira, thesoureiro Antonio José de Araujo Amorim, procurador João Henrique de Castro Gomes, e secretario Manoel Gonçalves Vianna, foi encerrado com algumas moedas de ouro, prata e cobre do anno da edificação, medalhas e jornaes do dia em uma caixa de folha branca, a qual depois de fechada foi collocada na cavidade aberta na pedra para esse fim. A praia estava ornada de arcos e bandeiras, e em um coreto tocava uma banda de musica. Concluido o corpo da capella com o respectivo altar, benzeu-o aquelle vigario, que para isso recebera commissão do bispo, em 19 de outubro de 1862.

As 4 horas da tarde de 1 de novembro desse anno sahio da matriz do Sacramento, para onde havia sido transferida dias antes, a imagem do orago em solemne procissão que passando pela matriz de Santa Anna recebeu a senhora do Paraizo, doada por um devoto. Ia apparatosa a procissão, quando, sobrevindo na rua do Conde d'Eu desabrida tempestade acompanhada de grossa chuva e muito vento houve confusão e alarido entre os que conduzião as imagens, e retirarão-se muitos para seus domicilios; recolheu-se a imagem da Senhora do Paraizo na igreja matriz do Espirito Santo, onde não podendo entrar a do Crucificado. por ser baixa a porta, continuou o transito, apezar da copiosa rega que cahia, e só ás 10 horas da noite entrou no seu novo asylo. Não podendo celebrar-se nessa noite o Te-Deum ficou para a seguinte ao entrar na capella a imagem da Virgem

Achava-se enfermo o provedor da irmandade José Antonio de Souza Ferreira, cujo ardente desejo era de não fallecer antes de ver a imagem de Christo no novo sanctuario que elle ajudara a erguer, e Deus o satisfez; em sua trasladação a imagem sagrada passou-lhe pela

porta, elle vio-a, e tres dias depois era seu cadaver encommendado na capella do Bom-fim.

No dia 12 falleceu o devoto Luiz Baptista Corrêa, e na capella do Bomfim recebeu seu cadaver as bençãos e aspersões finaes. Em 1867 no quinto anniversario de seu fallecimento inaugurou a irmandade na sacristia da igreja um monumento em tributo de gratidão a esse piedoso varão que por sua perseverança, dedicação e fé levantou esse sanctuario que tem attrahido a devoção do povo.

Não podendo trasladar para a igreja os restos mortaes de Luiz Baptista Corrêa, por ser isso prohibido pelo regulamento dos cemiterios, mandou a mesa da irmandade preparar no cemiterio de S. Francisco Xavier um jazigo perpetuo onde repousão os ossos do pio fundador da capella e da irmandade.

A esse recinto religioso se dirigem communmente os devotos em romaria para levarem offertas, e cumprirem promessas; em 3 de novembro de 1867 conduzirão em procissão uma cruz de prata com o peso de 1.590 oitavas; em 1869 offerecerão um sino; a torre foi construida a expensas de donativos, e cada dia recebem as imagens copiosa quantidade de cera.

A capella do Bomfim, erguida a face do mar, é simples, modesta e sem architectura; veem-se na fachada uma escadaria de pedra com gradil de ferro, o portico, as janellas do côro, frontão recto, e uma torre, tendo a principio um campanario de madeira. Tencionava a irmandade edificar no mesmo lugar uma igreja elegante com tres altares e duas torres, e para isso já depositou em 18 de maio de 1871 a primeira pedra da capella-mor, que deve ter 41 palmos de largura e 87 de comprimento, ladeada por corredores de 15 palmos de vivo. Dessa obra está encarregado o artista Antonio de Padua e Castro.

Capella de S. João Baptista

Na rua Bella de S. João levanta-se essa capella, cuja pedra fundamental assentou-se em 18 de dezembro de 1870; em 8 de dezembro de 1872 trasladarão-se ás imagens, e no dia 15 houve a primeira festa de orago e de Nossa Senhora do Allivio.

Na rua de D. Anna, no morro do Pedregulho, proximo a S. Christovão, collocou-se na presença da princeza regente, e seu esposo,

dos ministros de agricultura e estrangeiros, do bispo e de diversas pessoas gradas, a primeira pedra das obras para o abastecimento d'agua desta cidade.

Depois do benzimento da pedra pelo prelado foi ella carregada até o lugar em que devia ficar, encerrando-se ahi uma caixa de cedro cobrindo outra de chumbo, na qual se achavão as folhas do dia, um exemplar da Constituição, moedas de ouro, prata, nickel e cobre do paiz, e o seguinte auto:

« Aos doze dias do mez de Dezembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de 1876, 55º da independencia e do Imperio, e 35º do reinado de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, ora ausente do Imperio, e, em seu lugar regente sua augusta filha, a serenissima princeza imperial D. Isabel, condessa d'Eu, sendo ministro e secretario de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, o conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, e chefe da directoria das obras publicas na respectiva secretaria de estado, o Dr. Manoel Enarque de Macedo, após a benção, segundo o rito romano, pelo Revm. Sr. bispo desta diocese, D. Pedro Maria de Lacerda, foi lançada por S. A. Imperial Regente em nome do Imperador, a pedra fundamental deste reservatorio; ficando assim inauguradas as obras que se destinão ao serviço do abastecimento d'agua á muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, as quaes forão projectadas pela inspectoria geral das obras publicas durante a administração e sob a direcção do tenente-coronel do corpo de engenheiros, bacharel Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim, e têm de ser executadas de conformidade com o contrato que, a 29 de Fevereiro de 1876, o governo imperial, representado pelo ministro e secretario de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, acima mencionado, celebrou com o subdito inglez Antonio Gabrielli.

« Do que, para constar, se lavrou este auto que, rubricado pelo referido ministro e secretario de estado e assignado por Sua Alteza a Princeza Imperial Regente e seu augusto esposo o Senhor Conde d'Eu e algumas das pessoas presentes, será fechado em uma caixa de cedro, acompanhado dos jornaes do dia, de um exemplar da Constituição Politica do Imperio e de algumas das nossas moedas de ouro, prata, nickel e cobre, afim de ser encerrado em uma caixa de chumbo, que será lançada na pedra fundamental.—*Princeza Imperial* Regente.— *Gaston*

de Orleans.— † Pedro, Bispo, Capellão-Mór.—*Barão de Cotegipe.— Barão de Maroim —Thomaz José Coelho de Almeida.*— Dr. *Antonio Martins Pinheiro.—M. Buarque de Macedo.—J. Fernandes da Costa Pereira Junior —M. Francisco Ribeiro de Andrade.—Luiz José de Carvalho e Mello Mattos —José Antonio de Azevedo Castro —J. Rodrigues de Moraes Jardim.—Stanley Youle.—Jeronymo H. Calazans Rodrigues* e outros.»

Servirão na ceremonia uma trôlha, um martello e uma colher de prata, na qual se achava a seguinte inscripção: « Inauguração das obras para o abastecimento d'agua da côrte, em 12 de Dezembro de 1876. Na presença de S. A. Imperial Regente D. Isabel, ministro da agricultura o conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, director das obras publicas Dr. Manoel Buarque de Macedo. Projecto do engenheiro tenente-coronel J Rodrigues de Moraes Jardim. Emprezario Antonio Gabriellí. » Estes objectos forão offerecidos á S. A. a Princeza Regente.

Alem das freguezias já mencionadas, pertencentes ao municipio da côrte, ha outras mais distantes chamadas freguezias de fóra. São as seguintes :

Freguezia de Nossa Senhora do Loreto de Jacarepaguá

Em beneficio do povo creou esta parochia, com o titulo de capella curada, o prelado Manoel de Souza e Almada, em 6 de março de 1661, dedicando-a á Senhora do Loreto e a Santo Antonio.

Doara o capitão Rodrigo da Veiga de Barbuda e sua mulher vinte braças de terra em quadra, em sua fazenda de Jacarepaguá, para a fundação da matriz que não realizou-se ahi, e sim em terras do padre Manoel de Araujo que edificou a igreja em 1664, assistindo a benção do sanctuario o prelado Almada, o governador Pedro de Mello e o provedor Diogo Corrêa.

Foi seu primeiro parocho collado o padre Antonio Ribeiro de Almeida que principiou a servir em 1665.

Derruido o antigo templo, levantou-se em sitio pouco distante, por meio de esmolas dos fieis, o que subsiste com paredes de pedra e cal, tendo o corpo da igreja 87 palmos de comprido e 41 de largo e a capella-mór 59 de comprimento e 32 de largura. Adornão o interior

cinco altares, estando no principal o SS Sacramento, que tem irmandade instituida pela provisão de 9 de outubro de 1750. Reconstruio a sacristia o vigario encommendado Domingos de Azevedo, dando-lhe 36 palmos de extensão e 25 de largura.

São filiaes á matriz a capella de Nossa Senhora da Penna fundada na imminencia de um penedo altissimo, contiguo á freguezia, pelo padre Manoel de Araujo, ou como é tradição por um ermitão de vida ascetica, muito devoto da Virgem, ignorando-se seu nome.

Consta ter sido erguida antes de erecta a freguezia. Destruindo-a o tempo foi reedificada por José Rodrigues de Aragão com muito trabalho e despeza, augmentando-a com obras novas e fornecendo-lhe ricas alfaias, que na administração de seus successores pouco a pouco desapparecerão, como aconteceu tambem com as das casas dos romeiros que o mesmo Aragão construira e mobiliara. Da irmandade da Virgem ahi instituida são protectores perpetuos o Imperador, a Imperatriz e as Princezas ; a capella de S Gonçalo de Amarante levantada na fazenda Camorim dos Beneditinos, por concessão do prelado Matheus da Costa Aborim, datada de 4 de outubro de 1625, á requerimento de Gonçalo Corrêa de Sá, sendo nesse titulo mencionado o lugar da fundação da capella com o nome de Pirapitingui, em consequencia do rio assim denominado que fertilisa as terras do districto hoje chamado Camorim ; a capella de Nossa Senhora do Pilar na fazenda dos Benedictinos denominada Vargem Pequena levantada pelo abbade frei Gaspar da Madre de Deus em 1766 ; a capella da Conceição e de S. Boaventura erigida por Antonio de Sampaio na fazenda do Rio Grande, sendo desconhecida a éra da edificação ; a capella de Santa Cruz elevada pelo juiz de orphãos Antonio Telles de Menezes em 1738 ou 1739, em sua fazenda da Taquara, e a capella da Senhora dos Remedios na fazenda do Engenho Novo ;

Freguezia de S. Thiago de Inhaùma

Fundou a igreja parochial o devoto Custodio Coelho, e em 1684 doou-a Agostinho Pimenta de Moraes ao vigario geral Clemente Martins de Mattos para servir de capella curada do territorio de Inhaúma que se desunio da freguezia de Irajá.

Construida com paredes de pedra e cal contava o corpo da igreja pouco mais de 60 palmos de comprimento e 27 de largura. O alvará de 27 de janeiro de 1743 elevou-a á parochia, da qual foi primeiro vigario o padre Francisco Caetano Galvão Taborda, apresentado em 9 de março de 1743. O vigario Antonio da Fonseca Pinto reedificou a capella-mór e construio a sacristia em 1780.

Está este templo em completo estado de ruina; desapparecerão os altares lateraes, a beidroega e outras plantas rasteiras alastrão as paredes, o telhado derruido em muitos lugares dá passagem as enxurradas da chuva, de sorte que quando chove o padre que celebra no altar-mór, tem de mudar o missal e outros objectos de um lado para outro afim de evitar as goteiras; os marimbondos e morcegos habitão livremente na cimalha, e nos caruncho sos ornatos que ainda perdurão; assim os ultrajes do tempo e a incuria dos homens têm contribuido para a destruição desse antigo edificio, cujas paredes talvez tenhão de desabar um dia sobre os fieis que ainda ouzão penetrar naquellas ruinas. No altar-mór veem-se as antigas imagens e está o Senhor Sacramentado que tem irmandade instituida em 1751.

Proximo a igreja ha o cemiterio coberto de mato, aberto e exposto aos animaes damninhos!

E' filial á esta freguezia a capella da Senhora do Amparo, edificada no lugar denominado Cascadura;

Freguezia de Nossa Senhora do Desterro do Campo Grande

Instituida essa freguezia em 1673 á custa do territorio desmembrado da freguezia de Irajá, collocou-se a pia na ermida da Senhora do Desterro em Bangú, fundada no meio de um campo por Manoel de Barcellos Domingues, um dos primeiros moradores desse districto.

Arruinada pelos annos essa ermida tratou-se de construir um templo apropriado para matriz; mas não se deu principio, por haver duvidas sobre a escolha do terreno; preferio o bispo o lugar entre os engenhos dos Coqueiros e Viegas, mandou benzer ahi algumas braças de terra para cemiterio e encetou a construcção da igreja; e como marchasse a obra lentamente, para apressal-a os moradores offere-

cerão esmolas, tendo o rei em 12 de dezembro de 1720 escripto ao bispo ordenando-lhe que escolhesse sitio sufficiente para a igreja parochial, o que o prelado já havia feito.

Estando as paredes do novo templo levantadas á face da terra, suspendeu-se a construcção por se oppôr o proprietario do terreno á sua continuação, além de apoderar-se da pedra para edificações em sua fazenda.

Apontado o lugar de Juriary e doando os parochianos algumas braças de chão para a obra da matriz, permittio o bispo a construcção em 29 de agosto de 1747, mas não pôde realizar-se por opposição dos proprietarios visinhos. Lembrado o sitio da Caroba approvou-o o diocesano, e muito cooperou para levantar-se o templo um potentado daquella época, o desembargador do paço José Pedro Machado Torres que não só activou a edificação senão superou os obstaculos e a má vontade dos que não querião vêr erguida alli a matriz. Concluida a capella-mór foi confiada ao culto em 1808.

Considerada essa freguezia, pelo alvará de 12 de janeiro de 1757, de natureza collativa, foi apresentado em 17 desse mez, e anno e confirmado em 17 de maio seguinte, o padre Bernardo Ferreira de Souza como primeiro vigario collado.

São filiaes á esta parochia as seguintes capellas : a de Santo Antonio, levantada em Juriary por Francisco Gomes pela provisão do cabido séde-vacante em 1725 ; a de Nossa Senhora da Conceição do Realengo ; a de Nossa Senhora da Conceição na fazenda do Bangú ; a de Nossa Senhora da Lapa construida na fazenda do Viegas por Francisco Garcia do Amaral, pela provisão de 11 de dezembro de 1765; a de Santa Anna em Capoeiras, erecta por João Pereira de Lemos, pela provisão de 9 de abril de 1754 e o oratorio de Nossa Senhora da Conceição da fazenda de Inhuahyba;

Freguezia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá

Creou esta freguezia o prelado Antonio de Marins Loureiro em 30 de dezembro de 1644 e confirmou-a D. João IV pelo alvará de 10 de fevereiro de 1647, ordenando que fosse de natureza collativa e se consignasse ao parocho a congrua de 200$000.

Fundou a igreja o padre Gaspar da Costa, que foi o primeiro parocho, apresentado em 10 de fevereiro de 1647, havendo servido de encommendado desde a creação da freguezia ; porem o templo que subsiste foi construido com paredes de pedra e cal pelo vigario João de Barcellos Machado em 1701 a 1731. No ultimo altar do lado do Evangelho collocarão-se as imagens de S. Jeronymo e de Santa Escolastica, sendo esta ultima ahi depositada por disposição testamentaria de Prudencia de Castilho que, perecendo em 10 de junho de 1703, pedio se venerasse nesse altar a referida imagem e se rezasse todos os mezes uma missa em seu louvor e por alma della instituidora, legando para esse fim 200$000. Diz o monsenhor Pizarro que se cumprio algum tempo esta disposição, mas que depois cahio por não haverem os parochos exigido aquella verba, talvez por ignorarem sua existencia. A mesma devota instituio uma capella de missas *in perpetuum* ás sextas feiras de cada semana na igreja da Misericordia, deixando á Santa Casa a quantia de 600$000.

O corpo desta igreja matriz está em ruinas e abandonado para o culto que se executa na capella-mór.

O vigario tem casa propria de residencia com um terreno annexo, ignorando-se o titulo da fundação.

São filiaes á esta freguezia a ermida da Senhora da Penha, erguida por Balthazar de Abreu Cardoso antes do anno 1734, no cume de uma rocha viva e alcantilada, que se levanta no centro de um lindo valle; sobe-se para ella por uma ladeira suave e calçada até á casa, que chamão dos romeiros; dahi começa uma escadaria de 315 degráos de pedra cavados na rocha, sem contar alguns de tijolo que notão-se no principio. Mandou abrir estes trezentos e tantos degráos D. Maria Barrosa, senhora rica e casada, que prometteu se tivesse filhos executar semelhante obra, e de cada lado levantou uma balaustrada de ferro.

As paredes da capella-mór são revestidas de azulejo representando passos da Escriptura, e no terraço que se abre em frente da ermida, do qual se descortina linda e deslumbrante perspectiva, ergue-se uma cruz de marmore.

Em 6 de novembro de 1819 instituio-se ahi a festividade do cirio, autorisada por D. João VI, a qual já se não faz; porem a festa da

padroeira attrahe todos os annos numerosa concurrencia, composta em geral de individuos da classe baixa, que commummente entregão-se a altercações e rixas, e regressão á côrte ebrios, feridos, rôtos e ensanguentados; não é pois uma romaria religiosa, de piedade e devoção, porem um devertimento, um passeio, do qual voltão os romeiros adornados de fitas e veronicas, sobraçando roscas de farinha de trigo, em carros enfeitados de flores e folhas, e com a cabeça esquentada e os bolsos vasios; a capella de Santo Antonio no Campinho, proximo de Cascadura, construida em terreno doado por Domingos Lopes da Cunha, que tambem deu o chão para o cemiterio, e todos os mezes offertava 100$000 para as obras e alfaias, pelo que mandarão os moradores do lugar tirar-lhe o retrato e collocal-o na sacristia. Benzida em 15 de dezembro de 1857 executou-se no dia 22 a trasladação das imagens de Santo Antonio e da Senhora da Conceição; tem um só altar, uma torre do lado direito com um relogio, e no tympano do frontão recto lê-se—*Janua cœli;*

Freguezia de S. Salvador do Mundo de Guaratiba

Erigio o prelado Silveira em capella curada a igreja de S. Salvador, levantada na barra do porto de Guaratiba antes de 1676, a qual derruida pelo tempo, recolheu-se a pia á capella de Santo Antonio em 1691 ou pouco antes, onde conservou-se até o mez de setembro desse anno em que voltou para a capella propria já então reparada.

Decorridos 31 annos transferio-se a pia para a capella da Senhora da Saude edificada em 1722 por provisão do provisor Gaspar Ribeiro Pereira.

Reconhecida a necessidade de construir-se nova igreja para matriz houve embaraços não só sobre a escolha do terreno, senão por não quererem os proprietarios ceder algumas braças de terra para a edificação da parochia, como asseverou o bispo Guadalupe em 1730. Abatida pelos annos a igreja parochial trasladou-se, a pedido do povo, e licença do bispo, a pia para a capella da Senhora da Conceição, distante duas leguas e edificada por Luiz Vieira de Mendanha antes de 1681.

No mesmo lugar da antiga matriz, em terras proprias da igreja ergueu-se novo templo que só ficou concluido em 1750, tendo a capella-mór 31 palmos de comprimento, 25 de largura, 18 de altura e o corpo da igreja 65 de comprido, 30 de largura e altura; habitão o interior cinco altares, estando no maior o Sacramento, que tem irmandade instituida pela provisão de 21 de janeiro de 1754. Seu primeiro parocho foi o padre José de Oliveira apresentado em 15 de janeiro de 1755 e confirmado em 22 de maio seguinte; mas permutando o beneficio com o padre Antonio de Almeida e Silva, vigario de Magé, passou a servir nesta em julho de 1756, quanto ao padre Almeida arrependido da troca, não tratou de collar-se na parochia que foi regida por vigario encommendado até 1797, em que apresentado em 13 de novembro o padre Fernando Luiz Pinto Vieira foi confirmado em 30 de junho do anno seguinte.

E' filial á matriz a capella de Santa Anna, na fazenda da Pedra, pertencente aos Carmelitas, erecta pelo provincial frei Quintanilha que preparou no mesmo sitio casa conventual para noviciado e estudos, mas esses edificios e a capella ficarão desprezados até 1810 em que se reconstruirão, sendo provincial frei Innocencio Antonio das Neves Portugal; actualmente devem estar mui arruinados, não só pelos annos, como pelo abandono em que esses frades têm deixado cahir seus bens;

Freguezia do Senhor Bom Jesus do Monte de Paquetá

Na ilha do Paquetá, de meia legua de comprimento de norte a sul e de trezentas braças de largura, dada metade a Ignacio de Bulhões, por sesmaria de 10 de setembro de 1565, e outra a Fernão Baldez, por titulo semelhante de 1 de novembro de 1566, existia uma capella dedicada a S. Roque pelo padre Manoel Antunes Espinha, seu fundador, tendo obtido provisão em 29 de dezembro de 1697, passada em Lisbôa por ordem do bispo D. José de Barros de Alarcão. Recebeu a benção em 24 de novembro de 1698 e em beneficio dos moradores o bispo D. Antonio de Guadalupe permittio ahi a instituição da pia baptismal e do Sacramento da Extrema-Uncção, em visita de 17 de novembro de 1728; fez o bispo Desterro a concessão do Sacramento em sacrario, e creou uma capella curada, cujo primeiro

capellão foi o padre Antonio Ramos de Macedo, provido em 26 de fevereiro de 1761.

Erigindo Manoel Cardoso Ramos outra ermida na mesma ilha sob a invocação do Senhor Bom Jesus do Monte, e instituindo-lhe patrimonio por escriptura de 29 de novembro de 1758 em vinte braças de terra de testada com setenta e duas de fundo, em que estavão edificadas algumas propriedades, requereu o povo se creasse uma parochia nessa ermida, á qual fizera Manoel Cardoso Ramos doação de novas terras e casas, por escriptura de 12 de junho de 1769.

Ouvio o bispo Desterro as supplicas dos fieis e por edital de 21 de junho de 1769 creou a freguezia, sendo nomeado vigario, por provisão de 26 do mesmo mez e anno, o padre José da Silva Furtado.

Havia sido desmembrada da freguezia de Magé a Ilha do Paqueta, não oppondo-se aquelle vigario por julgar necessaria a creação da nova parochia; mas não imitou-o no procedimento o parocho de S. Gonçalo, padre Bento José Caetano Barroso Pereira, que vendo-se privado das ilhas Jerobaibas e Itaoca, adjudicadas á nova freguezia, insinuou a alguns de seus parochianos a reclamarem contra a separação daquella parte do territorio da freguezia. Em 1770 mandou-se restituir á freguezia de S. Gonçalo aquellas ilhas, declarando-se que não devia subsistir a nova parochia por haver sido erigida pelo diocesano sem autorização do padroeiro. No anno seguinte alguns moradores da ilha do Paquetá requererão para voltarem ao dominio da freguezia de Magé com a condição de se conservar na capella de S. Roque o sacrario, a pia e um capellão curado; e alcançarão o que desejavão por um acordão, ao qual seguirão-se mais tres por não ter sido cumprido o segundo pelo bispo, e por fim o assento do desembargo do paço de 21 de julho de 1771 fundado nas seguintes razões: 1ª a incompetencia do bispo de poder a seu arbitrio erigir parochias sem autoridade do padroeiro, o grão-mestre da ordem de Christo; 2ª a falta de consentimento da maior parte dos parochianos; 3ª a falta da justa causa para a desmembração; 4ª a falta de consentimento e vontade dos parochos; 5ª a falta de assenso do padroeiro.

Reunida de novo a ilha á freguezia de Magé, e decorridos mais de trinta annos, pretendeu o padre Joaquim José da Silva ser parocho da ilha, e conseguindo ser apresentado sob o falso pretexto de ter sido

novamente erecta a parochia, deixou a vigararia de S. Barnabé, sendo aceita a sua demissão em 19 de junho de 1806; mas não realizando-se essa graça por não existir semelhante freguezia, ficou o parocho na posse do beneficio que occupava, e a ilha do Paquetá annexa ao districto de Magé como era.

Requerendo os moradores da ilha ao principe regente a creação de uma parochia, e informando o bispo a favor em 13 de janeiro de 1809, consultada a mesa da consciencia e ordens em 24 de janeiro de 1810, creou o decreto de 16 de agosto a referida freguezia, da qual foi parocho o padre Manoel Teixeira de Campos. O decreto de 23 de março de 1833 desmembrou-a do districto de Magé e annexou-a ao municipio da côrte.

Serve de matriz a igreja do Bom Jesus do Monte e da Senhora da Conceição; e na capella de S. Roque festeja-se annualmente o orago com muita pompa e numerosa concurrencia de devotos.

Em 14 de setembro de 1867 o governo concedeu licença ás administrações do patrimonio do Bom Jesus do Monte e da Senhora da Conceição para possuirem, afim de servir de cemiterio publico, a chacara existente na ilha, que lhes foi deixada em testamento por D. Escolastica Maria Lisbôa, fallecida em 10 de abril de 1860.

Pertencem á essa freguezia as ilhas Brocoió, Pancrahyba, Braço-Forte, Romana, Ferro ou Ambrosio, Redonda e outras menores, havendo nellas importantes estabelecimentos de cal que dão uma exportação para a côrte, Porto das Caixas, Magé etc. de mais de 10,000 moios annualmente. A ilha do Paquetá entretem com a côrte navegação diaria a vapor;

Freguezia de Nossa Senhora d'Ajuda da Ilha do Governador

A ilha do Governador, chamada pelos indigenas Paranapucuhy, a maior da bahia do Rio de Janeiro, situada quasi no meio da mesma bahia, tendo pouco mais de duas leguas de comprimento de éste a oeste, meia de largura, e cerca de sete de circumferencia, é de forma regular, e recebeu o nome com que é conhecida do governador Salvador Correia de Sá, o Velho, que comprou-a a D Barbara de Castilho, viuva de Miguel Ayres Maldonado. Teve tambem em tempos pas-

sados o nome de ilha dos Sete Engenhos. Não ha rio em seu terreno e apenas alguns regatos.

Existindo ahi uma ermida construida á foz do mar por Jorge de Souza o Velho em terreno seu, elevou-a o bispo D. Francisco de S. Jeronymo á parochia em 1710; porem estando quasi em ruinas pelo peso dos annos e sendo pequena para os moradores, determinou o padre Pedro Nunes Garcia erigir uma igreja de pedra e cal como era a antiga. e doando o terreno levantou a sua custa o novo templo, cuja capella recebeu a benção em 23 de dezembro de 1743. O padre Francisco Bernardes da Silveira acabou o corpo da igreja em 1754, e seus successores emprehenderão e executarão outras obras.

Tinha o templo 74 palmos de comprimento do portico ao arco-cruzeiro e 41 de largura, a capella-mor 42 de comprido e 31 de largo; e contava tres altares estando no principal o sacrario encerrando o Pão dos Fortes desde 12 de fevereiro de 1752.

O alvará de 12 de janeiro de 1755 tornou esta parochia de natureza perpetua e foi primeiro parocho proprio o padre Estevão Gonçalves de Abreu, apresentado em 15 de janeiro e confirmado em 26 de maio do mesmo anno.

Em 1811 o vigario Francisco Xavier de Pinna, depois parocho da freguezia de Itaborahy, reedificou e augmentou esse edificio que ha alguns annos foi destruido por um incendio, transferindo-se a pia para a capella de F. Serrão, onde ainda se acha.

Ha nesta ilha uma casa conventual dos Benedictinos, edificada na fazenda do capitão Manoel Fernandes Franco, que por escriptura de 4 de maio de 1695 doou seu engenho e terras áquelles monges com o encargo de varios suffragios. Ahi ergueu o abbade frei João da Madre de Deus França um palacete de recreio para D. João VI, no qual esteve este rei diversas vezes com sua familia; e ahi estabeleceu-se, na fazenda de S. Sebastião, o asylo de invalidos da marinha, franqueado em outubro de 1872 ás praças da armada em geral;

Curato de Santa Cruz

Acha-se arredada da cidade doze leguas a imperial fazenda de Santa Cruz.

Ordenou a carta do secretario de estado de 16 de outubro de 1761 ao governador e capitão general Gomes Freire de Andrade que achando conveniente venderem-se a retalho as fazendas que forão dos jesuitas para se povoarem, como propuzera o bispo Desterro, o executasse enviando cartas topographicas das ditas fazendas e povoações nellas erigidas. Até o vice-reinado do marquez do Lavradio conservarão-se aquelles bens no fisco sem alheação ; mas ordenando a carta regia de 28 de agosto de 1770 á junta de fazenda que expedisse as ordens necessarias para serem arrematados todos os bens nesta capitania que havião pertencidos aos jesuitas, suspendeu o marquez do Lavradio a execução de semelhante ordem, expondo em 9 de fevereiro de 1771 os motivos de seu procedimento especialmente a respeito das fazendas de Santa Cruz e Engenho Novo por entender que era util á fazenda real a conservação de taes propriedades, não só por fornecerem todo o gado necessario ao provimento dos navios de guerra, como tambem escravos para o serviço da fabrica de armas e trem de artilheria. Acontecendo, porem, irem em descaminho essas propriedades pela negligencia dos administradores, achando-se em tal ruina a do Engenho Novo, que servia somente para augmentar as despezas á fazenda real, como declarara o conde de Azambuja, ordenou a carta de 26 de fevereiro de 1773 que não só essas duas fazendas, como os mais bens existentes, fossem avaliados e arrematados em hasta publica. O mesmo determinou a carta de 4 de março, o que executou o vice-rei, reservando as fazendas de Santa Cruz, Engenho Velho e Novo por lhe parecer necessaria sua conservação na corôa. Em 1780 vendeu-se a do Engenho Novo, e no tempo do vice-rei, conde de Rezende, o territorio de Itaguahy, caminho para a serra, desmembrado da fazenda de Santa Cruz.

Considerada a fazenda de Santa Cruz entre os bens da corôa, tornou-se um lugar de recreio da familia real no tempo de D. João VI.

O decreto de 26 de julho de 1813 providenciou sobre aforamentos de terrenos incluidos nesta fazenda e sua reducção a perpetuos, assim como ordenou se demarcasse no sitio de Sepetiba terreno conveniente para uma povoação.

Desde longa data existia em Santa Cruz um capellão curado que

passou depois a ser sustentado pela fazenda real para administrar os Sacramentos aos escravos.

O decreto de 15 de janeiro de 1833 unio este curato ao termo de Itaguahy; porem o decreto de 30 de dezembro annexou-o ao municipio da côrte.

Declarando a lei de 28 de setembro de 1871 livres todos os escravos da coróa dirigirão-se no dia 13 de outubro á fazenda de Santa Cruz a princeza regente e seu esposo, que recebidos com muito enthusiasmo pelos libertos de ambos os sexos, tirarão estes os animaes do carro e em triumpho conduzirão a princeza e seu esposo até a igreja, onde cantou-se um Te-Deum, havendo de noite no palacio da fazenda um saráo que terminou brilhantemente esta festa de liberdade.

No campo de S. José, pertencente á esta fazenda, está em construcção o novo matadouro que por um ramal da estrada de ferro ficará ligado a côrte; e cooperando esse melhoramento para o progresso e futuro desenvolvimento da população nas uberrimas terras do curato de Santa Cruz.

A cidade do Rio de Janeiro, capital do Imperio, residencia official e effectiva do Imperador, da côrte, do ministerio, dos altos funccionarios, do bispo capellão-mór e assento da assembléa geral conta uma população de 274,972 habitantes, e comprehende vinte freguezias e um curato.

Seus arsenaes de guerra e marinha são os primeiros do Imperio; ha uma fabrica de armas, o laboratorio pyrotechnico no Campinho com 21 officinas; a escola de tiro no Campo Grande, frequentada em 1876 por 87 alumnos; uma fabrica de polvora na raiz da Serra da Estrella, cujas officinas produzirão em 1875 a 1876 48,593 kilogrammas de polvora de guerra; diversos quarteis, o conselho supremo militar e de justiça, creado pelo alvará de 1 de abril de 1808; a escola militar frequentada em 1876 por 327 alumnos; o observatorio astronomico, o deposito de aprendizes artilheiros, o muzeu militar, o archivo militar, instituido por decreto de 7 de abril de 1808, uma officina lithographica; o hospital militar no morro do Castello, no qual foram tratados em 1875 4,431 doentes, outro em Andarahy, cujas enfermarias contarão em 1875 151 doentes. Ha o conselho naval, o laboratorio pyrotechnico da armada, o asylo de invalidos da ma-

rinha, o hospital de marinha com doze enfermarias, pharmacia, laboratorio, capellas do culto, e mortuaria, sala de autopsia, casa de banhos, um presidio de condemnados d'armada, a escola de marinha, o collegio naval, inaugurado em 1 de março de 1877, a escola pratica de artilheria, o asylo de aprendizes artifices, dous diques, uma cabrea movida a vapor, uma mortona; o conselho supremo de justiça, creado pela carta da lei de 18 de setembro de 1828 que é seu regimento; o tribunal da Relação (1), o tribunal do jury, a casa de correcção, a de detenção; onze juizes togados, um chefe de policia, tres delegados, vinte e cinco subdelegados e em cada quarteirão um inspector; o corpo militar de policia, a guarda urbana, o asylo de mendigos, que em janeiro de 1876 contava 130 individuos; o passeio publico, o jardim botanico, o museu nacional, o corpo de bombeiros com 129 praças incluindo o director e officiaes.

Parte da côrte a importante estrada de ferro D. Pedro II que tende a ligar-se com outras estradas, unindo a metropole ás capitaes das provincias; corta as ruas uma rede de carris de ferro facilitando as communicações para todos os pontos e para todos os arrabaldes; ha a linha para o jardim botanico (2), para S. Christovão, Villa Isabel, Santa Thereza e outras (3).

---

(1) Participára a carta régia de 10 de novembro de 1734 ao ouvidor da Bahia, José dos Santos Varjão, haver-se creado uma relação no Rio de Janeiro, pela resolução de 3 de julho do mesmo anno; mas este tribunal foi effectivamente estabelecido pela resolução de 16 de fevereiro de 1751, tendo o competente regimento em 13 de outubro do mesmo anno. O primeiro chanceller foi João Pacheco Pereira que occupava esse cargo na relação da Bahia, vindo de Lisboa os desembargadores Antonio Felix Capello, Manoel da Fonseca Brandão, Mathias Pinheiro da Silveira Botelho, João Cardoso de Azevedo, Miguel José Vieira, Pedro Monteiro Furtado de Mendonça e Ignacio da Cunha; o tribunal começou a funccionar em 15 de julho de 1753. Foi reorganizado pelo decreto de 2 de maio de 1874.

(2) Em 1 de outubro de 1863 inaugurou-se esta via ferrea até a praça Duque de Caxias, sendo a primeira que se estabeleceu no Brasil.

(3) Em 13 de março de 1877 começarão os carros a subir o morro de Santa Thereza por meio de um plano inclinado com machinismo proprio.

Alem da agua da Carioca, a mais pura e de agradavel temperatura conduzida pelo importante aqueducto construido nos tempos coloniaes, ha o encanamento do Maracanã, do Jardim Botanico, da Tijuca e outros; em fevereiro de 1876 contratou o governo o dos rios d'Ouro, Santo Antonio e S. Pedro; ha 47 chafarizes com 173 bicas, 7,066 pennas d'agua concedidas a particulares e 861 pilastras com torneiras e bicas collocadas nas ruas e praças da cidade e em seus suburbios. O serviço de esgoto é feito pela companhia ingleza City Improvements; a cidade é illuminadaa gaz, excepto onze districtos dos suburbios que tem illuminação a gaz globe.

Sua alfandega rende mais que todas as outras reunidas do Imperio e exporta café, assucar e mais productos, não só da provincia do Rio de Janeiro, como das provincias visinhas; o rendimento mensal excede a 2,000:000$000; ha diversos trapiches alfandegados, as docas de D. Pedro II, a junta do commercio (1) a caixa de amortização, o correio geral, cujo rendimento attingio no exercicio de 1874—1875 a 524:311$511.

Desde 1852 estabeleceu-se o telegrapho electrico no Brazil ; em 1856 estendeu-se até a cidade de Petropolis, em 1863 ramificou-se pelas fortalezas da barra e desenvolveu-se pelo litoral ; em 1867 prolongou-se a linha para o sul communicando a capital com diversas provincias dessa parte do Imperio ; em 1874 entrou a capital do Brazil em communicação com a Europa, dirigindo o Imperador no dia da inauguração telegrammas a diversos soberanos e principes do velho mundo, e despertando enthusiasmo geral a realização da communicação rapida com toda a Europa e a parte septentrional da America.

Liga-se a praça por meio de linhas de vapores com as principaes cidades commerciaes do Imperio e do novo e antigo continente; duas linhas de navegação a vapor dão rapida communicação com a cidade de Nictheroby, capital da provincia do Rio de Janeiro, e outras unem diversos portos á capital, navegando na bahia 70 barcos a vapor, 27 lanchas e approximadamente 1,800 embarcações menores.

Alem do Banco do Brazil ha mais dez, assim como numerosas

(1) No capitulo XIII, pag. 296, vem errado o nome do secretario da junta: chama-se Dr. Cezar Octaviano de Oliveira.

sociedades de credito, e monte de soccorro e caixa economica garantidos pelo governo e instituidos em 1861.

Entre os estabelecimentos litterarios notão-se a Escola Polytechnica, a Faculdade de Medicina, frequentada em 1875 por 492 alumnos, o Curso Pharmaceutico por 103, o Instituto Commercial, o dos meninos cegos, o dos surdos-mudos com 30 educandos (1), a Academia das bellas-artes, o Conservatorio de musica, o Lyceu de artes e officios; conta o municipio 197 escolas de instrucção primaria frequentadas em 1875 por 14,257 alumnos, sendo 8,824 do sexo masculino e 5,433 do feminino; 2 escolas normaes, 65 collegios de instrucção secundaria, comprehendendo nesse numero o Internato e Externato do collegio de Pedro II, o collegio naval, o curso preparatorio da Escola Militar e o curso gratuito mantido pelos Benedictinos.

Alem da bibliotheca nacional ha a da Faculdade de Medicina com 8,052 volumes e 25,081 theses; a da Escola Polytechnica, a do arsenal de Marinha, a Fluminense, installada em 11 de abril de 1847

(1) Em janeiro de 1856 o surdo-mudo E. Huet fundou nesta côrte uma empreza industrial a que deu o nome de Instituto dos surdos-mudos; em 1861 Huet retirou-se do Rio de Janeiro, não deixando discipulo algum com instrucção completa, nem pessoa habilitada para proseguir no ensino. Tomou o governo conta dos doze surdos-mudos que estavão alli reunidos, e mandou contratar na Europa pessoa idonea para ensinal-os. Em 1863 chegou a pessoa contratada, e havendo dezesseis alumnos nomeou o governo o Dr. Tobias Rabello Leite para director do Instituto em 5 de agosto de 1858; o qual tratou de pôr em execução o regulamento de 19 de dezembro de 1867. Foi esse director quem organisou a instituição, mandou vir da Europa livros para o ensino, preparou e imprimio á sua custa diversos compendios, instituio uma bibliotheca e dotou o estabelecimento de um pessoal educado e do material indispensavel para o serviço economico e para o ensino profissional. O regulamento approvado por decreto de 15 de outubro de 1873 obriga todos os alumnos a aprenderem uma arte ou officio mecanico, e manda recolher á caixa economica metade da importancia do trabalho feito por cada alumno para lhe ser entregue, capital e juros, quando terminar sua educação. Conta este estabelecimento duas officinas de sapateiro e de encadernador, e apezar da estatistica declarar que ha no Imperio cerca de 11,000 surdos-mudos, apenas 34 desses desgraçados gozão dos beneficios de tão util instituição.

e aberta em janeiro de 1848 por Bernardo Joaquim de Oliveira com 45,000 volumes, notavel pelo grande numero de obras sobre o Brazil, das quaes algumas mui raras, jornaes antigos publicados no paiz e documentos officiaes; a do Gabinete Portuguez de Leitura, creada em 1837 com 52,000 (1); a municipal com 16,211 volumes; a da Associação Germanica, fundada em 20 de agosto de 1821 com 6,249 volumes, e outras. Existem 48 typographias, e publicão-se 38 periodicos e revistas.

Alem dos theatros já mencionados ha o da Phenix Dramatica na rua d'Ajuda, e o Cassino na rua do Espirito-Santo.

Contão-se muitas sociedades litterarias como o instituto historico, a academia imperial de medicina, o instituto dos advogados, installado em 7 de setembro de 1843; o instituto polytechnico, diversas sociedades industriaes como o instituto fluminense de agricultura, a sociedade auxiliadora da industria nacional, a sociedade propagadora das bellas artes, e outras

Entre os estabelecimentos de caridade notão-se o hospital da Santa Casa da Misericordia, o dos Lazaros, das Ordens Terceiras do Carmo, S. Francisco de Paula, e da Penitencia, o da Sociedade Portugueza de Beneficencia, o Hospicio de Pedro II, a Roda dos expostos, o Recolhimento das orphãs (2), Asylo de meninos desvalidos tendo 96

---

(1) Em 31 de maio de 1863 inaugurou-se no salão desta bibliotheca a estatua de D. Pedro V.

(2) Em 10 de junho de 1877 no consistorio da Santa Casa da Misericordia, estando presentes todas os orphãs do recolhimento destribuio-se por vinte orphãs, que a sorte favoreceu, a quantia de 86:723$270, cabendo a cada uma o dote de 4:336$163, em virtude da verba testamentaria de Domingos Barbosa de Brito que deixou todos os remanescentes da herança para serem divididos em partes iguaes por vinte orphãs pertencentes ao recolhimento.

Legou mais esse benfeitor 20:000$000 á Misericordia, 20:000$000 á casa da Misericordia da Bahia, 20:000$000 á Santa Casa de Porto Alegre, 20:000$000 ao asylo de invalidos da patria, 25:000$000 á igreja matriz de Itajubá (Minas-Geraes), 10:000$000 aos asylos de Santa Leopoldina, dos Meninos Desvalidos de Villa Isabel, á Sociedade Amante da Instrucção, ao Instituto dos meninos cegos, ao Instituto dos surdos-mudos e 2:000$000 á Ordem Terceira do Carmo.

Domingos Barbosa de Brito, cujo retrato deve brevemente enri-

educandos (1); ha muitas associações caritativas e beneficentes, como a caixa municipal de beneficencia, a sociedade amante da instrucção, a sociedade portugueza de beneficencia, a caixa de soccorros D. Pedro V, installada em 11 de novembro de 1863, a sociedade beneficente dos artistas do arsenal de marinha, fundada em 25 de março de 1856, e outras.

Conta a cidade sete conventos, seis ordens terceiras, mais de cem irmandades e confrarias, e diversas devoções.

Ha uma junta de hygiene publica, creada por decreto de 14 de setembro de 1850; o instituto vaccinico instituido em 17 de agosto de 1846, o hospital maritimo de Santa Isabel, o necroterio, cinco cemiterios, sendo tres particulares e dous publicos.

Conta o municipio 30,918 casas e 44,211 fogos, abrangendo o perimetro da cidade 23,689 das primeiras 37,463 dos segundos, sendo de sobrado de um ou mais andares 6,832, assobradadas 2,017, e terreas 14,840; 312 ruas, 100 travessas, 53 praças, 27 ladeiras; 9,750 casas de commercio, comprehendendo nesse numero 11 trapiches alfandegados, fabricas e officinas; e cerca de 2,500 vehiculos de transporte terrestre.

---

quecer a galeria dos bemfeitores da Misericordia, era solteiro, de 62 annos de idade, natural dos Arcos do Val de Vez, negociante na provincia de Minas-Geraes e falleceu em Mattosinhos, em Portugal, no dia 15 de novembro de 1876.

O acto philantropico praticado por tão piedoso varão despertou os impulsos de caridade de outro bemfeitor que offereceu 20:000$000 para o dote de dez orphãs de menor idade que não forão aquinhoadas no primeiro sorteio. Os 20:000$000 forão destribuidos por sorte no domingo seguinte.

(1) Creado por decreto de 24 de janeiro de 1874 inaugurou-se este asylo em 14 de março de 1875 no palacete comprado pelo governo no arrabalde Villa-Isabel.

O acto foi honrado com a presença do Imperador e do ministro do Imperio Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira; benzeu o edificio o vigario geral monsenhor Felix Maria de Freitas Albuquerque; proferio o Dr. Rufino Augusto de Almeida, director do estabelecimento, um discurso e houve em seguida um profuso copo d'agua. O regulamento vigente foi approvado por decreto de 9 de janeiro de 1875, elevando-se nesse anno o numero dos alumnos a 96. Alem da instrucção primaria aprendem os educandos o officio de alfaiate.

Diversas ilhas aformoseão a bahia, notando-se além das do Governador, a de Paquetá, a das Flores, onde existe um grande estabelecimento de piscicultura, a do Bom-Jesus, na qual ergue-se o

Asylo de Invalidos da Patria

Denominada, outr'ora Caqueirada, com pouco mais de meia legua de comprido, guardava esta ilha uma casa conventual dos Franciscanos, edificada em 12 de maio de 1704 em terreno doado pelo juiz de orphãos Dr. Antonio Telles de Menezes que, fallecendo, foi sepultado na igreja desse convento; lendo-se sobre sua sepultura, que ainda se conserva, a seguinte inscripção :

S.ª DO PRº PADROEIRO DESTE
CONVENTO ANTº TEL-
LES DE MENEZES E DE TO-
DOS OS SEUS DESCENDEN-
TES QUE NO DIA 25 DE ABRIL
DE 1757 EM QUE FALLECEU A
MANDOU POR SEU Fº E HER-
DEIRO FRCº TELLES BAR-
RETO DE MENEZES.

Reconhecida a necessidade de dar-se um abrigo ao invalido, ao soldado nacional que, mutilado nos campos da guerra, deve ao voltar á patria achar o auxilio, a consolação e o amparo que lhe faltão no seio da familia, para a qual, não podendo trabalhar, torna-se um fardo em vez de um arrimo, empenharão-se o governo e o povo, nacionaes e estrangeiros, em realizar esse compromisso nacional, acolhendo os invalidos da patria, os mutilados da campanha que até então ficavão entregues á miseria, á mendicidade, sendo desprezados como cousas inuteis, como machinas de guerra que se havião inutilisado.

Fazendo o governo acquisição do antigo convento dos frades franciscanos transformou-o, construio vastos salões, levantou edificios, preparou accommodações diversas, erigio a antiga igreja dos frades em capella do asylo ; e em 29 de julho de 1868 inaugurou-se essa instituição em presença da familia imperial, do ministerio, do

corpo diplomatico, bispo do Ceará, clero do Rio de Janeiro, officiaes de mar e terra, officiaes dos navios de guerra americanos, francezes, inglezes e hespanhóes, e de grande numero de cidadãos.

Dia de regosijo, de recordação immorredoura, foi esse em que se installou tão piedoso estabelecimento destinado áquelles que, inutilisados em defesa da nação, tendo derramado seu sangue nos campos da guerra, encontrão no seio da patria a gratidão nacional, o tributo de veneração do povo, e um abrigo decente, commodo e seguro.

A' entrada do edificio, sobre o patamar da escada principal, está em uma pedra o distico :

No reinado do Senhor D. Pedro II, sendo ministro da guerra o conselheiro J. L. da Cunha Paranaguá, erigio-se este edificio. 1868.

Outras inscripções commemorão os nomes dos generaes do exercito brazileiro, que mais se distinguirão na guerra do Paraguay como o marquez de Caxias, hoje duque, Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, hoje visconde de Santa Theresa, visconde do Herval, hoje marquez, conde de Porto Alegre, barão do Triumpho, general Argolo, depois visconde de Itaparica, e outros. Em um dos salões erguem-se os bustos do Imperador, do conde d'Eu e daquelles generaes que batalharão na campanha do Paraguay, onde defenderão com denodo e gloria o pendão auri-verde e praticarão actos de sublime heroismo.

Occupa duas salas do asylo o museu militar, creado por aviso de 18 de fevereiro de 1866 ; ha uma escola de primeiras lettras e officinas de alfaiate e sapateiro ; em 15 de outubro de 1876 contava o asylo 45 officiaes e 350 praças de pret.

São os arrabaldes do Rio de Janeiro de clima ameno, ornados de elegantes chacaras, optimos pomares, hortas e primorosos jardins, admirando-se além da natureza esplendida, da vegetação sempre verde e sempre brilhante que os amenisa e enfeita, casas de lindo prospecto e outras obras de arte e gosto.

Defendem a capital do Imperio as fortalezas de Santa Cruz, Lage, S. João, Villegaignon, ilha das Cobras, Boa Viagem, Praia Vermelha e diversas fortificações e baterias :

Entrando Villegaignon na bahia do Rio de Janeiro, assestou no lugar, onde hoje ergue-se a fortaleza de Santa Cruz, algumas peças

para defeza do porto; mais tarde Mem de Sá construio no mesmo lugar um forte consagrado á Senhora da Guia, cuja ermida recebeu antes de 1655 um legado de D. Maria Pacheco de 4$000 de esmola.

O governador Antonio Paes de Sande encetou diversas obras nessa fortaleza, as quaes forão concluidas por Sebastião de Castro Caldas que construio uma forte muralha em redor, abrio na rocha uma cisterna, e em uma pedra collocada sobre o portico gravou-se seu nome e a éra em que ultimarão-se as obras. Novas construcções emprehenderão os governadores que se seguirão, o vice-rei, conde de Rezende augmentou o numero das peças, e muitos melhoramentos tem recebido no andar dos annos; no periodo da guerra do Paraguay fizerão-se ahi obras importantes de segurança e defeza. A' cavalleiro desta fortaleza está a fortificação do Pico, levantada pelo marquez de Lavradio, e ha alguns annos restaurada; a fortaleza de S. João, que erigida no morro unido ao penedo chamado Pão de Assucar, teve começo no governo de Estacio de Sá; mas foi Salvador Corrêa de Sá quem armou-a, augmentando-lhe os outros governadores as bocas de fogo; o conde da Cunha construio ahi uma ponte levadiça, e o marquez de Lavradio accrescentou-a com outras obras. Entre o morro da fortaleza e o penhasco do Pão de Assucar eleva-se um grande edificio construido ha poucos annos e occupado pelo deposito de aprendizes artilheiros, por officiaes empregados e suas familias; a fortaleza da Lage, entre as de Santa Cruz e S. João, em um penedo de 50 braças de comprido e 25 de largo que divide a barra em dous canaes.

Projectando a camara construir uma fortaleza nessa lage, reunidos no paço da camara, em 2 de novembro de 1641, o governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides, os vereadores e homens bons determinou-se que por meio de uma subscripção e pela venda em hasta publica de todos os chãos da marinha da cidade se encetasse a obra. Considerada essa questão no governo de Francisco de Souto Maior (1) não foi ainda executada a venda dos terrenos de marinhas, e em 13 de julho de 1644 escreveu o governador Souto Maior á camara lembrando-lhe a continuação do imposto dos vinhos para reali-

(1) Veja Tombo das Terras Municipaes, pelo Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo, tomo 1, pags. 29 e 132.

zar-se a obra. No governo de Duarte Corrêa Vasqueanes fez-se a venda do dominio util da marinha da cidade, e o governador publicou um bando convidando a tomarem de empreitada a obra da fortaleza; mas consta que a construcção só começou em 1713; a ordem de 26 de janeiro de 1715 mandou concluil-a applicando-lhe 40,000 cruzados, e tambem determinou a continuação das obras com efficacia a provisão de 24 de dezembro de 1716. Tem tido nestes ultimos annos importantes melhoramentos; a fortaleza de Villegaignon que guarda o nome do seu fundador, o qual apoderando-se em 1555 de um ilhéo, conhecido pelos indigenas com a denominação de Serigipe, ergueu ahi um forte chamado Coligny, nome que perdeu para tomar o daquelle que lhe abrira os alicerces. Antes de 1699 offereceu o povo para as obras deste forte e do de Graguatá 8,000 cruzados. Ordenando a carta regia de 22 de novembro de 1761 que se continuasse a construcção da bateria em circulo e se demolisse o monte das Palmeiras que havia no ilhéo, deu o conde da Cunha principio á essa obra que foi ultimada pelo marquez do Lavradio. Em 1775 fizerão-se grandes construcções nesta fortaleza que consta de duas muralhas alta e baixa, de 36 guaritas, 39 canhoneiras, 2 cisternas, 1 tanque de cantaria, uma capella, uma casa forte para o paiol da polvora, quartel do corpo de imperiaes marinheiros (1) e de uma prisão.

---

(1) Em 16 de dezembro de 1876, em presença da princeza regente e de seu esposo, inaugurou-se na ilha de Villegaignon o monumento dedicado pela corporação da armada á memoria dos ex-ministros da marinha, general Salvador José Maciel e senador visconde de Albuquerque, instituidores do corpo de imperiaes marinheiros e da primeira companhia de aprendizes marinheiros.

O monumento consiste em uma columna de ferro fundido, da ordem corinthia, com 48 palmos de altura e 3 1/2 de diametro. Em uma das faces lê-se o seguinte:

Ao general Salvador José Maciel, creador do corpo dos Imperiaes Marinheiros em 1836;

em outra

Tributo de reconhecimento
da corporação da armada.

na terceira

Ao Senador Visconde de Albuquerque,
Creador da 1ª companhia de
Aprendizes Marinheiros em 1840;

e na quarta

Inaugurado no anno de 1876.

Em duas das faces do monumento ha os retratos dos dous ex-ministros.

Perdeu-se na noite dos tempos a éra da fundação da fortaleza da Boa-Viagem; mas consta a sua existencia em tempo anterior ao anno 1710. Ignora-se tambem o anno em que Diogo Carvalho da Fontoura ergueu nesse promontorio, que o embate das ondas transformou em ilha, a ermida consagrada á Santa Virgem. O marquez do Lavradio reedificou essa fortaleza que tem muralhas de pedra, um quartel de aprendizes marinheiros e uma capella com consistorio, abrindo-se em frente uma varanda ladrilhada e uma cisterna de pedra. Em 1870 incendiou-se a ermida, porém no mesmo anno foi reconstruida; a fortaleza da ilha das Cobras que, occupada pelo hospital de marinha, pelo batalhão naval e prisões de galés, acha-se levantada na ilha que pertencendo a João Guteres, oleiro, foi arrematada em praça dos ausentes pela quantia de 15$300 em 11 de setembro de 1589 por um individuo ao qual o monge benedictino frei Pedro Ferraz pagou aquelle valor, ficando ao mosteiro o dominio da ilha, conforme o documento passado em 6 de agosto de 1693. Concedida uma parte da ilha para fortaleza, e dando-se principio á sua construcção, ordenou a carta de 26 de janeiro de 1715 que, concluidas as obras das fortalezas de Santa-Cruz e Lage, se ultimassem as da ilha das Cobras, para as quaes se consignarão 40,000 cruzados na dizima da alfandega, incluindo nesta as mais consignações applicadas para as mesmas obras.

Em 1723 determinou-se a Luiz Vahia Monteiro a continuação da obra; e concedendo esse governador a Domingos Francisco licença para cortar e alcantilar toda a pedra do circuito da ilha que fosse necessaria para as construcções, representou o mosteiro dos Benedictinos contra esse abuso de propriedade; o que levou o rei a ordenar ao governador que mandasse pagar aos frades bentos a pedra que Domingos Francisco estivesse a dever-lhes.

O coronel José da Silva Paes, que por patente de 4 de janeiro de 1734 ficou autorisado para substituir, na ausencia de Gomes Freire de Andrade, o governo da cidade, tendo tambem á si a incumbencia de levantar novas fortificações e renovar as antigas, augmentando-lhes os planos, delineou novo desenho para a fortaleza da ilha das Cobras, começando a erguel-a em 1735. A ordem de 23 de abril de 1738 approvou a traça apresentada, ordenando sua perfeita execução; de feito foi concluida a obra por Gomes Freire de Andrade que deu ao plano de Paes maior desenvolvimento. Novas obras de fortificação re-

cebeu essa fortaleza nos governos que vierão depois do de Gomes Freire.

A ilha das Cobras, pertencente ao Estado, mede 3,500 pés de comprimento e 1,400 de largura, tem 60 braças o canal que a separa do continente no passo mais estreito e com fundo sufficiente para os navios de maior calado (1); a da Praia Vermelha que está debaixo das ordens do commandante da escola militar (2); o forte de Graguatá que levantado em um cabo da praia de S. Domingos já existia no tempo do governo de Antonio Paes de Sande ; mas este augmentou-o com obras novas que forão concluidas por Sebastião de Castro Caldas. A carta regia de 17 de novembro de 1698 mandou pagar as obras que ahi fizera Pedro de Barros, procedendo-se a exames dellas por novo engenheiro ; o marquez do Lavradio reedificou-o e hoje está melhorado. Em 1865 construirão-se uma bateria no morro da Viuva, e as fortificações Guanabara e Vigia aos lados da ponta conhecida com o nome de Annel, podendo a primeira, quando concluida, cruzar seus fogos com as baterias de Santa Cruz, e a segunda proteger contra qualquer desembarque do inimigo a extensa praia da Copacabana; e na ponta do Inibuhy, á leste da barra, deu-se principio em dezembro de 1863 a construcção de uma fortaleza denominada Pedro II, devendo comprehender uma bateria de 50 bocas de fogo em casamatas e outras tantas á barbeta, assim como extensos alojamentos para a guarnição; mas estão interrompidas estas obras.

O clima da cidade apezar de quente e humido não deixa de ser saudavel; em 1875 elevou-se o algarismo da mortalidade a 11,565, incluidos 1,292 fallecimentos determinados pela febre amarella.

O frequente reapparecimento dessa molestia tem acarretado males a cidade, que por isso passa por ser insalubre ; mas deve-se attender que em geral os affectados são estrangeiros que desprezão cuidados, abandonão preceitos hygienicos que a natureza do paiz exige;

---

(1) Houve nesta ilha um engenho de crenar navios, inventado pelo brigadeiro de artilheria da praça José Fernandes Pinto Alpoim, o qual a ordem régia de 14 de setembro de 1761 mandou estabelecer e nomear um administrador da crena.

(2) Veja cap. III, pag. 55.

alem disto tem o governo se descuidado de pôr em pratica medidas reclamadas pela junta de hygiene e pelos homens da sciencia: como o aterro dos pantanos existentes no interior e nos arredores da povoação, a extincção das moradias chamadas cortiços, construindo-se habitações proprias para a classe pobre, a arborisação das praças e ruas, a conservação das florestas que circuitão a cidade; a prohibição das frequentes excavações e revolvimentos de terras nas ruas e praças, do aterro com lixo e immundicias, do estabelecimento de hospitaes no centro da povoação, a remoção do cemiterio de Catumby que se acha muito proximo, a adopção de condições hygienicas na construcção dos predios, zelo e cuidado na limpeza publica e nos alimentos; preceitos que se fossem executados, alem de outros que aquella molestia reclama, tornarião muito saudavel o Rio de Janeiro, rapido seu desenvolvimento, attingindo em pouco tempo ao gráo de esplendor e grandeza das primeiras capitaes do antigo e do novo mundo.

FIM

3 6105 020 021 973

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
STANFORD AUXILIARY LIBRARY
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004
(415) 723-9201
All books may be recalled after 7 days

DATE DUE

F/T SEP 21 1997
DPT
MAR 12 1998
JUN 2 4 2002
JUL 22 2003
JAN 05 2004